

Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu - UNICAMP
Doutorado em Ciências Sociais/IFCH - UNICAMP

**Gênero, sexo,
amor e dinheiro:
mobilidades
transnacionais
envolvendo o Brasil**

Adriana Piscitelli, Gláucia Oliveira de Assis e José Miguel Nieto Olivar
organizadores

Gênero, sexo, amor e dinheiro:
mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil

Adriana Piscitelli, Glaucia de Oliveira Assis e
José Miguel Nieto Olivar,
Organizadores

Coleção Encontros

Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero
UNICAMP
2011

copyright © pagu/núcleo de estudos de gênero – unicamp 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
Núcleo de Estudos de Gênero PAGU /
Biblioteca Beth Lobo
Bibliotecária: Karina Gama Cubas da Silva – CRB-8ª / 7882

G286 Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais
envolvendo o Brasil / Adriana Piscitelli, Glaucia de Oliveira Assis,
José Miguel Nieto Olivar, organizadores. -- Campinas, SP :
UNICAMP/PAGU, 2011. --
(Coleção Encontros)

1. Turismo sexual. 2. Prostituição. 3. Travestis. 4. Comportamen-
to sexual. 4. Relações humanas. I. Piscitelli, Adriana. II. Assis,
Glaucia de Oliveira, 1966- III. Olivar, José Miguel Nieto. IV. Série.

CDD - 306.74

- 306.778

- 306.7

- 302

ISBN 978-85-88935-06-8

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Turismo sexual	306.74
2. Prostituição	306.74
3. Travestis	306.778
4. Comportamento sexual	306.7
5. Relações humanas	302

Sumário

Introdução: transitando através de fronteiras ADRIANA PISCITELLI, GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS E JOSÉ MIGUEL NIETO OLIVAR	5
Padrinhos <i>gringos</i> : turismo sexual, parentesco <i>queer</i> e as famílias do futuro GREGORY MITCHELL	31
“Fariseus” e “ <i>gringos bons</i> ”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana THADDEUS GREGORY BLANCHETTE	57
“Cosmopolitismo tropical”: uma análise preliminar do turismo sexual internacional em São Paulo ANA PAULA DA SILVA	103
Turismo, sexo e romance: <i>caça-gringas</i> da Praia da Pipa-RN TIAGO CANTALICE	141
“Amores perros” - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo LARISSA PELÚCIO	185
<i>Juízo e Sorte</i> : enredando <i>maridos e clientes</i> nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA	225
Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira GILSON GOULART CARRIJO	263
<i>Entre dois lugares</i> : as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS	321
Cosmopolitismo, desejo e afetos: sobre mulheres brasileiras e seus amigos transnacionais SUZANA MAIA	363

Que “brasileiras/os” Portugal produz?	385
Representações sobre gênero, amor e sexo	
PAULA CHRISTOFOLETTI TOGNI	
Imigração e retorno na perspectiva de gênero	435
SUELI SIQUEIRA	
Mercado erótico: notas conceituais e etnográficas	461
MARIA FILOMENA GREGORI	
Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira	491
IARA BELELI E JOSÉ MIGUEL NIETO OLIVAR	
<i>Amor, apego</i> e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais	537
ADRIANA PISCITELLI	

Introdução:

transitando através de fronteiras

Ao longo da década de 2000, pesquisadoras/es interessadas/os em compreender como gênero, na interseção com outras diferenças, marca os deslocamentos através das fronteiras nos reunimos em diversos encontros, promovidos pela *Associação Brasileira de Antropologia*, o *Fazendo Gênero*, a *ANPOCS* e o Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, conjuntamente com o programa de Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp.¹ Nessas reuniões, discutimos aspectos das circulações de pessoas, ideias e objetos, que envolvem de alguma maneira o Brasil em diferentes espaços transnacionais: lugares turísticos no país; contextos migratórios no exterior; espaços que acolhem migrantes “retornados/as” no Brasil e também em *sex shops* e na mídia, na internet e matérias da televisão brasileira que tratam desses deslocamentos.

Nesse processo, fomos percebendo a importância de considerar como as articulações entre categorias de diferenciação, sexo, afetos e dinheiro “participam” nessas mobilidades. Ao mesmo tempo, compreendíamos que era necessário problematizar alguns limites teóricos para avançar

¹ Num desses encontros, o Seminário *Trânsitos Contemporâneos: turismo, migrações, gênero, sexo, afetos e dinheiro*, realizado em 15 e 16 de dezembro de 2010, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, apresentamos as versões iniciais da maioria dos textos que compõem este livro. Esses trabalhos, aos quais se adicionou a contribuição de Gregory Mitchell, foram re-elaborados levando em conta as generosas reflexões de várias/os comentaristas convidados, aos quais somos imensamente gratos: Adriana Vianna; Bela Feldman Bianco; Claudia Fonseca; Heloisa Buarque de Almeida; Isadora Lins França; Jose Miguel Nieto Olivar; Regina Facchini; Richard Miskolci e Sérgio Carrara.

Introdução: transitando através de fronteiras

no conhecimento sobre o lugar ocupado por essas imbricações nesses deslocamentos. Os capítulos que compõem este livro são resultado deste prolongado diálogo coletivo, no qual prestamos atenção às noções e dinâmicas sociais acionadas nessas mobilidades a partir de uma reflexão crítica sobre aspectos dos estudos sócio-antropológicos sobre migração e sobre turismo.

PROBLEMATIZANDO LIMITES

Nas últimas décadas, as marcas de gênero que permeiam essas problemáticas foram alvo de considerável atenção nos estudos sobre migração e sobre turismo. As pesquisas sobre migração têm produzido um rico e diversificado corpo de conhecimento sobre como gênero, articulado a “raça” e etnicidade/nacionalidade, afeta as trajetórias migratórias.

Várias autoras que trabalham numa perspectiva feminista confrontaram análises que ocultaram a presença das mulheres nas migrações internacionais do passado. Ao mesmo tempo, elas destacaram sua intensificação, nas últimas décadas, em alguns fluxos específicos (Anthias e Lazaridis, 2000; Andall, 2003; Herrera, 2011). No âmbito dessas discussões foram desenvolvidas importantes ferramentas teóricas para compreender como gênero marca as migrações. Um exemplo é a noção de “geografias de poder marcadas por gênero” (Mahler e Pessar, 2001), que possibilita perceber como essa diferenciação, longe de ser uma variável, é central na organização das migrações e opera simultaneamente em múltiplas escalas, contribuindo para posicionar as migrantes em diversas hierarquias de poder que operam dentro e através de diferentes territórios. Essas pesquisas, porém, tendem a restringir as análises de gênero às relações entre homens e mulheres. As pesquisas centradas em homens e masculinidades são escassas, e ainda mais raros são os estudos que consideram as experiências de deslocamentos de seres que embaralham as

fronteiras entre masculinidades e feminilidades, como as travestis.

Os estudos sobre gênero e migração têm se concentrado particularmente em mulheres migrantes, considerando, nos fluxos Sul-Norte, suas experiências como trabalhadoras nas áreas de serviços domésticos e de cuidados (Ehrenreich e Hochschild, 2002; Hoschild, 2003; Herrera, 2011; Assis, 2004); como integrantes de famílias transnacionais e praticantes da maternidade à distância (Bryceson e Vuorela, 2002; Parreñas, 2002; Pedone, 2008, Scott, 2011) e ainda como noivas ou esposas em casamentos transnacionais (Roca i Girona, 2008; Piscitelli, 2011), às vezes mediados pela web (Schaeffer Gabriel, 2004, Constable, 2003).

Essas pesquisas não ignoram as vinculações entre afetos e dinheiro. Essas relações são objeto de atenção, sobretudo, quando estão associadas a vínculos de parentesco. Nesses casos, o envio de presentes e remessas é considerado como materialização dos laços afetivos, além de relevante recurso para atualizar vínculos de parentesco (Parreñas, 2002; Pedone, 2008). As relações entre afetos e interesses pragmáticos, incluindo dinheiro, também estão presentes em parte da literatura que trata de namoros e casamentos transnacionais. O conjunto dessas pesquisas, porém, concede escassa atenção ao sexo e à sexualidade, e não inclui esses aspectos nas relações entre afetos e dinheiro.

As dificuldades presentes nos estudos sobre migração para levar seriamente em conta o sexo e a sexualidade são evidentes no silêncio sobre as experiências migratórias no âmbito do sexo comercial. Este último aspecto conduz autoras como Laura Agustin (2006) a afirmar que as pessoas que trabalham nesse setor são ignoradas na produção acadêmica sobre migração, apesar de desempenharem um importante papel na criação de um espaço social transnacional, considerando mediante os laços sociais que estabelecem e dos recursos econômicos que distribuem através das fronteiras.

Introdução: transitando através de fronteiras

Sexo e sexualidade, porém, tem sido alvo de interesse nos estudos sobre turismo, principalmente nas pesquisas sobre “turismo sexual”. Esses estudos, centrados, sobretudo, em viagens de homens e também de mulheres heterossexuais, deram lugar a uma vasta produção que analisa intercâmbios sexuais e econômicos em diferentes regiões do mundo (Kempadoo, 2004; Cabezas, 2009; Brennan 2004; O’Connel Davidson e Sanchez Taylor, 1999; Frohlick, 2007). Essas pesquisas apontam para a existência de diversas modalidades de “turismo sexual”, que podem envolver prostituição, outros intercâmbios sexuais e econômicos e um amplo leque de ambiguidades (Silva e Blanchette, 2005; Kempadoo, 2004; Cohen, 1982; Piscitelli, 2004). Nesses trabalhos, porém, os afetos, sobretudo as emoções das pessoas de regiões pobres do mundo, têm recebido comparativamente escassa atenção, como se a importância adquirida pelos aspectos econômicos e sexuais apagasse as demais dimensões presentes nesses encontros.

Os limites que se delineiam nesses estudos sobre migração e sobre turismo remetem à tendência, analisada por Viviana Zelizer (2009), a vincular a relação entre sexo e dinheiro ou interesses econômicos aos mercados do sexo e a colocar os afetos, pensados como distantes dessas relações, no âmbito das relações conjugais e familiares, como se o dinheiro maculasse esses vínculos. Nossas discussões suscitaram questões sobre essas fronteiras. Elas também nos conduziram a problematizar as separações, muitas vezes estabelecidas nesse conjunto de estudos, entre diferentes modalidades de deslocamentos, como migrações e turismo e ainda entre diversos estilos de turismo. Finalmente, questionamos a ideia de que as alterações nas dinâmicas e práticas sexuais resultantes desses deslocamentos necessariamente têm efeitos negativos e perigosos para as pessoas originárias de países, como o Brasil, situados no “Sul global”.

ESTRATÉGIAS

Neste livro, dialogamos com a produção que trata dessas diferentes problemáticas numa abordagem que, longe de referendar separações entre migrações, turismo e outras modalidades de deslocamentos, considera esses movimentos de população numa perspectiva ampla, em termos de mobilidades. De nosso ponto de vista, essa categoria é mais fértil, levando em conta as possibilidades que oferece para contemplar as alterações no caráter dos deslocamentos como, por exemplo, os processos mediante os quais viagens turísticas dão lugar a migrações e ainda o caráter cíclico e reiterativo de algumas circulações através das fronteiras, vinculadas aos mercados do sexo, que não se deixam aprisionar na ideia de migração, nem estão vinculadas ao turismo (ver Blanchette; Pelúcio; Piscitelli, neste volume).

Ao explorar diferentes aspectos, ainda pouco analisados, sobre mobilidades envolvendo o Brasil, consideramos fluxos de brasileiros/as em direção ao Norte, para os Estados Unidos e para países do Sul da Europa, e também deslocamentos de cidadãos e de objetos desses lugares em direção ao Brasil (Gregori, neste volume). Nossa estratégia foi analisar as marcas de gênero, na interseção com outras diferenciações, acionadas em trânsitos entre locais, países, relacionamentos e também entre mercados, lançando as mesmas perguntas para diferentes recortes empíricos: como essas circulações afetam as escolhas de parceiros/as, as dinâmicas de relacionamento e as práticas e negociações sexuais?; como desejo, afeto, dinheiro/interesses se articulam nesses movimentos?; quais são as implicações desses deslocamentos nos mercados sexuais e de casamento e nas relações de parentesco e parentalidade transnacionais acionadas nos países de destino e nos locais “emissores”?; que noções de “brasilidade” estão envolvidas nessas circulações?;

Introdução: transitando através de fronteiras

como esses deslocamentos afetam as re-configurações de diferenças e a produção de subjetividades?

Procuramos responder essas questões considerando as imbricações entre mobilidades, sexo, dinheiro e afeto sem traçar, *a priori*, divisões que separassem relacionamentos que têm lugar dentro ou fora dos mercados do sexo. E também exploramos as noções relacionadas com a circulação de bens no mercado erótico (Gregori, neste volume) no âmbito da expansão e transnacionalização da cultura comercial do sexo.

Observamos que com o termo mercados do sexo aludimos às diferentes modalidades de sexo mercantilizado que podem, ou não, ter conotações de prostituição. Referimo-nos aos diversos tipos de inserção no jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que, embora mercantilizados, não necessariamente assumem a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro, isto é, o que, no Brasil, é popularmente conhecido como *programas* (Cantalice; Maia; Blanchette; Piscitelli, neste volume).

O termo mercado pode remeter a diferentes significados: ao terreno abstrato do intercâmbio de bens, à organização das relações sociais constitutivas da esfera da produção e ainda ao âmbito no qual tem lugar o consumo (Illouz, 1997). As duas últimas acepções remetem à ideia de economia de mercado. A ideia de mercados do sexo aqui proposta possibilita pensar nas relações de sexo comercial mais intensamente marcadas por essa economia, frequentemente vinculadas à indústria do sexo (Lim, 2004). Essas relações são, porém, consideradas como parte de um universo mais amplo de intercâmbios sexuais e econômicos, materiais e simbólicos, no qual elas coexistem com modalidades de sexo transacional, que envolvem trocas de sexo por diferentes bens (Hunter, 2010; Kempadoo, 2004; Cabezas, 2009 e Piscitelli, neste volume). A noção de mercados do sexo com a qual trabalhamos remete às trocas nas quais se envolvem muitas pessoas brasileiras, no Brasil e no exterior, em contextos nos

quais há múltiplas manifestações de mercados, comércio, dádiva e intercâmbios.

Outro recurso utilizado foi evitar separar estilos de afeto frequentemente associados de maneira diferenciada a distintos setores sociais no Brasil. Referimo-nos às leituras que alocam a noção de “amor romântico”, pensado como arena de auto-realização e prazer, às camadas médias urbanas, enquanto os afetos associados a estratégias para a reprodução social e às obrigações familiares são vinculados aos setores populares e aos habitantes de locais rurais e/ou em processo de urbanização (Gregg, 2006). E, a partir de nossos materiais de pesquisa, problematizamos as divisões instauradas na produção internacional que considera o amor romântico como parte de uma tradição Ocidental², entendida como Euro-Estadunidense que, apenas no âmbito da recente globalização se expandiu nesses setores sociais no Brasil, possibilitando que agora essas pessoas amem de uma maneira não apenas mais moderna e mais urbana, mas também “mais Ocidental” (Padilha *et alii*, 2007).

² Ver Costa, 2005, para uma excelente crítica do viés eurocêntrico mediante o qual alguns autores vêem o amor romântico, considerando-o resultado da transmissão de uma semântica que envolve processos de transmissão cultural exclusivos de sociedades europeias ocidentais. Costa argumenta, com razão, que poucos outros campos parecem ter fundido e entrelaçado tradições culturais de diversas partes do mundo como a construção do amor romântico. O romantismo europeu se apropriou das imagens, lendas e fantasias amorosas de diversas partes do mundo, que chegavam à Europa por meio dos relatos de viagem e das experiências coloniais. E o sucesso de telenovelas latino-americanas e do cinema de Bollywood mostraria que os ideais de amor romântico, e também de gênero e corporalidade, não são difundidos apenas a partir de Europa, mas de maneira descentrada.

Introdução: transitando através de fronteiras

RE-PENSANDO MOBILIDADES

O resultado desse trabalho é um conjunto de textos que oferece novos elementos para pensar nas mobilidades através das fronteiras. As articulações entre diferenciações de gênero, etnicidade/nacionalidade e classe social ganham novos matizes ao integrar a re-significação de objetos eróticos, que chegam do exterior, seguindo linhas traçadas por segmentações vinculadas a gênero, classe e regiões das cidades onde são comercializados no Brasil (Gregori, neste volume); mediante a análise de masculinidades de homens que viajam à procura do sexo ao Brasil e de homens que oferecem serviços sexuais para visitantes internacionais, homens e mulheres estrangeiros (Blanchette; Mitchell; Cantalice, neste volume). Essas interseções se tornam ainda mais complexas ao considerar as experiências de travestis, que permitem perceber como as marcas dessas imbricações afetam de maneiras particulares suas possibilidades de circulação através das fronteiras, de integração em redes migratórias, as opções laborais e as dinâmicas dos seus relacionamentos sexuais e amorosos (Teixeira; Goulart; Pelúcio, neste volume).

Nos textos aqui apresentados, é possível perceber a relevância que a sexualidade e o sexo adquirem nas mobilidades através das fronteiras. Esses aspectos, situados no âmbito dos efeitos das transformações vinculadas à nova ordem global, incluindo as modificações no erotismo, ganham destaque na produção de subjetividades. Os trabalhos mostram como os efeitos da sexualização racializada, recorrentemente atribuída ao Brasil em âmbitos internacionais, têm um caráter localizado. Essa sexualização pode ser pouco significativa nos contextos de origem, ou algo a ser evitado quando vinculada às classes sociais menos favorecidas. E ela pode ser apreendida e corporificada como marca positiva de distinção nacional em

cenários transnacionais (Togni; Cantalice; Blanchette; Piscitelli, neste volume).

Em alguns países, como Portugal, essa sexualização é implementada para discriminar abertamente pessoas brasileiras.³ Diversos capítulos deste livro mostram como, paralelamente, a afirmação de estilos específicos de sensualidade e de sexualidade, na imbricação com outros atributos vinculados a noções de brasilidade, é parte relevante de um repertório de elementos que, em diferentes espaços transnacionais, abrem possibilidades laborais e de inserção social. E eles são acionados por pessoas que se posicionam fora dos mercados do sexo e também pelas que neles exercem atividades (Assis; Togni; Maia; Pelúcio; Cantalice; Piscitelli, neste volume). Esses atributos também contribuem para abrir caminho a casamentos, viabilizando, inclusive, trânsitos entre os mercados do sexo e do casamento.

Nessas passagens entre mercados, uma categoria amplamente disseminada no Brasil adquire destaque: a noção de *ajuda*. Essa categoria apresenta diferentes conteúdos nos recortes de pesquisa aqui considerados, mas remete a trocas, geralmente assimétricas, que envolvem dinheiro e/ou outros benefícios e tendem a criar obrigações e, com frequência, afetos (Assis; Piscitelli; neste volume). Essa noção pode aludir a contribuições relevantes, mas tidas como complementares, no universo doméstico dos casais heterossexuais migrantes (Siqueira; Togni, neste volume). Ela também pode remeter à oferta de dinheiro que se transforma em dívida para migrar e cria obrigações e laços sociais. A *ajuda* ainda pode assumir a forma de presentes e remessas enviadas às famílias no Brasil (Goulart; Togni; neste volume). E ela possibilita ampliar a natureza das relações iniciadas nos mercados do sexo, quando os

³ Para ter uma ideia dessas discriminações ver: *Manifesto contra o preconceito às Brasileiras*, 2011 [<http://manifestomulheresbrasil.com.br/>].

Introdução: transitando através de fronteiras

intercâmbios sexuais e econômicos passam a incluir diversificados benefícios e apoios, que extrapolam amplamente os pagamentos por serviços sexuais, trocados por companhia e afeto (Maia; Teixeira; Piscitelli, neste volume).

No âmbito dos relacionamentos amorosos e sexuais, a *ajuda*, articulando dinheiro, interesses pragmáticos, sexo e afetos, está presente na interpenetração entre os mercados do sexo e do casamento. Embora essa imbricação seja considerada rara (Zelizer, 2009), ela não é pouco usual no marco da transnacionalização desses mercados (Blanchette; Piscitelli, neste volume). Os textos permitem perceber que, no âmbito das mobilidades através das fronteiras, a “compra de casamentos” para regularizar a situação migratória no exterior é relativamente frequente. Paralelamente, consumidores de sexo europeus escolhem como parceiros/as amorosos/as e conjugais pessoas brasileiras no âmbito do “turismo sexual” no Brasil e também em espaços de venda de sexo comercial em países do Norte. E a ideia de *ajuda* muitas vezes permeia o impulso daqueles melhor posicionados, em termos econômicos e de localização global, para a formalização dessas uniões (Maia; Pelúcio; Teixeira; Piscitelli, neste volume).

Os trabalhos aqui reunidos reiteram a relevância dos deslocamentos através das fronteiras na circulação de recursos econômicos, na criação de laços sociais transnacionais, no estabelecimento de relações amorosas e conjugais e na atualização de laços de parentesco (Siqueira; Assis, neste volume). Os textos destacam essa importância mostrando, porém, a recorrente interpenetração entre sexo, dinheiro e afeto nessas mobilidades em relações vinculadas, ou não, aos mercados do sexo. Além disso, os trabalhos exploram os matizes particulares que essas imbricações adquirem quando os relacionamentos embaralham marcas de gênero e desafiam a heteronormatividade (Blanchette; Piscitelli; Mitchell; Pelúcio; Teixeira; Goulart, neste volume).

Sexo comercial, família e parentesco são aspectos interligados (Fonseca, 1994; Olivar, 2010) cuja inter-relação nem sempre é contemplada nas análises sobre mercados do sexo. Os artigos deste livro mostram como as mobilidades vinculadas à transnacionalização desses mercados podem promover esses vínculos (Pelúcio, neste volume) e ainda desafiar suas configurações. Os processos de (re)integração familiar e de deslocamento nas hierarquias de parentesco protagonizados por travestis, mediante a *ajuda/tributos* concedidos às suas famílias com recursos obtidos nos mercados do sexo europeus, indicam a possibilidade de alterações. E a integração de padrinhos *gringos*, *gays*, nos circuitos de obrigação, reciprocidade e afeto de famílias brasileiras através dos relacionamentos com *garotos de programa*, heterossexuais, pais de seus afilhados, abre outros caminhos, para pensar em reconfigurações, em termos de parentesco (Mitchell; Goulart, neste volume).

Vários dos textos oferecem contribuições de diversas ordens para a compreensão do lugar ocupado pelos sentimentos nesses deslocamentos. Esses artigos analisam as emoções sem inquirir sobre sua autenticidade, inclusive quando se trata de relacionamentos iniciados nos mercados do sexo. Eles mostram a irrelevância desses questionamentos, quando performances de afeto e de desejo, acionadas para criar a ilusão de sentimentos recíprocos, alimentam, no decorrer do tempo, amizade, carinho e saudade. Os trabalhos também permitem perceber que na trama de interesses, afetos e sexo presentes nessas relações, *programas*, sexo transacional, namoros e casamentos são atravessados por sentimentos que não podem ser linearmente vinculados ao “tipo” de troca envolvida. Além disso, emoções românticas, como *paixões de cinema*, e sentimentos tidos como mais serenos, ancorados na valorização do companheirismo e na solidariedade, “convivem” no horizonte emocional das pessoas entrevistadas, inclusive entre

aquelas originárias de setores populares no Brasil (Teixeira; Blanchette; Silva; Pelúcio; Piscitelli, neste volume). Finalmente, as emoções permeando relacionamentos que nasceram em processos de erotização da desigualdade, sexualizada e racializada, no confronto com as manifestações empíricas da pobreza, e num sério diálogo intercultural que evoca noções de cosmopolitismo, alimentam a elaboração de novas conceitualizações de amor, não necessariamente românticas, em pessoas do Norte (Maia, neste volume).

Os trabalhos permitem perceber como, nessas mobilidades, as imagens de gênero estão vinculadas ao entrelaçamento de desejos, afetos e interesses. Muitas das pessoas entrevistadas utilizam uma linguagem de gênero para aludir a noções de modernidade e bem estar, vinculadas a países do Norte, que parecem considerar não replicáveis no Brasil (Siqueira, neste volume). E, com frequência, os países do Norte são associados a estilos de masculinidade mais suaves e sensíveis, que favoreceriam o igualitarismo nas relações entre homens e mulheres (Assis; Siqueira; neste volume).

Esse jogo de valorização/desvalorização não é universal nas mobilidades envolvendo brasileiros/as (Togni, neste volume), mas nos diversos artigos em que ele aparece é possível perceber que essa negação da possibilidade de igualitarismo no Brasil remete, mais do que à realidade das dinâmicas de gênero locais, à valorização positiva de outros lugares, considerados ricos e cosmopolitas. E, como observa Schaeffer Grabiell (2004) ao analisar relacionamentos heterossexuais entre mulheres do Terceiro Mundo e homens de países melhor posicionados no âmbito global, nessas relações, os homens e seus estilos de masculinidade são frequentemente convertidos em signos/fetiches que prometem a possibilidade de criação de um novo eu e de adotar novos estilos de vida.

No marco de uma geografia política do desejo, na qual a erotização da desigualdade se produz no âmbito de relações de

poder que operam em planos locais, nacionais e transnacionais, essas assimetrias se expressam nessa linguagem de gênero, que é de dupla mão. Como assinala Blanchette (neste volume), as imagens de gênero atribuídas por “turistas sexuais” estadunidenses às brasileiras, que respondem, sobretudo, à fantasia, são análogas, em diversos sentidos, das vinculadas às de outras mulheres do Terceiro Mundo. E as ideias positivas de masculinidade atribuídas por mulheres e também homens brasileiros a pessoas estrangeiras são relativamente flexíveis: as nacionalidades podem variar em função do posicionamento localizado dessa nacionalidade no contexto analisado.

Um aspecto intrigante é a persistência dessas imagens no cenário atual, num momento no qual o crescimento econômico contribui para que o Brasil se desloque de um lugar subalternizado no plano global. No marco da crise econômica que afetou vários países do Norte, imigrantes “bem” ou “mal sucedidos” estão retornando ao país (Siqueira, neste volume). Em alguns circuitos de turismo internacional diminuiu a frequência de estrangeiros e, nos mercados do sexo, isso parece redundar numa relativa valorização positiva dos clientes brasileiros (Blanchette, neste volume). O fato de o Brasil ser percebido como “bem sucedido” em relação a outros países, porém, parece não alterar significativamente as imagens de gênero alocadas, respectivamente, ao país e às nações do Norte (Piscitelli, neste volume). Essa relativa fixidez pode remeter às desigualdades ainda existentes no Brasil (Mitchell, neste volume), mas, além disso, ela expressa a permanência das narrativas que, como assinala Pelúcio (neste volume), ainda localizam o Brasil à margem dos espaços geo-culturais capazes de produzir culturas “superiores”.

Finalmente, o conjunto dos textos oferece outra contribuição significativa ao dar voz às experiências das pessoas que participam nessas mobilidades, possibilitando confrontar suas vozes com os relatos que sobre elas circulam no

Introdução: transitando através de fronteiras

Brasil. A análise das narrativas da TV brasileira sobre os mercados do sexo oferece uma via privilegiada para apreender as noções que sobre eles circulam (Beleli e Olivar, neste volume). Essas matérias reiteram as noções presentes em diversos âmbitos do debate público no Brasil, que tingem com conotações de perigo as circulações transnacionais, vinculando-as a promessas que acabam em exploração sexual e tráfico de pessoas. Os relatos de pessoas envolvidas no “turismo sexual” no país, e de brasileiras migrantes que trabalham na indústria do sexo no exterior, mostrando as percepções, motivações e espaços de agência de pessoas que optam por realizar esses serviços, oferecem um significativo contraponto em relação a essas leituras (Blanchette; Pelúcio; Mitchell; Teixeira; Goulart; Piscitelli, neste volume).

LEITURAS

Gregory Mitchell analisa a configuração de novos arranjos familiares construídos a partir das relações afetivas entre turistas *gays* (principalmente dos EUA) e garotos de programa que se auto-identificam como heterossexuais. O trabalho é resultado de entrevistas realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Manaus com turistas gays e garotos de programa. O autor se centra em apenas algumas das variadas relações entre turistas e garotos de programa; aquelas que envolvem relacionamentos afetivos prolongados, no qual o turista se torna “namorado” e envia regularmente dinheiro ao Brasil, realiza visitas regulares ao namorado e conhece sua família, se inserindo nas redes de parentesco do garoto de programa. Mitchell mostra como se constrói esse novo tipo de arranjo de parentesco, em suas palavras, *efetivamente queer*, e sugere que as famílias configuradas nesse cenário desestabilizam noções hegemônicas sobre família no Brasil. Essas noções seriam reconfiguradas quando a figura do *gringo* é incluída nos laços de

compadrio, no contexto de relações heterossexuais. A inserção do *gringo* na rede de parentesco, ajudando a cuidar de filhos e na manutenção da casa, apontaria para outra configuração familiar.

Thaddeus Blanchette analisa discursos e práticas relacionados à identidade heterossexual masculina de estrangeiros (*gringos*) auto-identificados como “turistas sexuais” (*mongers*), que mantém presença constante na cidade do Rio de Janeiro, particularmente na Zona Sul carioca. O autor problematiza uma visão, que considera presente em alguns estudos sobre turismo sexual no Brasil, na qual as masculinidades dos estrangeiros são descritas como se fossem fixas em relação à masculinidade brasileira. A partir de um diálogo com o trabalho de Adriana Piscitelli (2011b), sobre estrangeiras à procura de sexo no Nordeste do Brasil, ele mostra as transformações no comportamento dos turistas que permanecem mais tempo no Rio de Janeiro, quando passam a adotar comportamentos compreendidos como “mais brasileiros” tanto pelos *gringos* como pelos próprios nativos, nesse caso, as mulheres que prestam serviços sexuais. Nesse contexto, o autor descreve como os *bons* turistas ou *gringos bons* se transformam em *fariseus* (ou *gringos maus*), como são chamados pelas prostitutas que trabalham em Copacabana, e problematiza os estereótipos correntes sobre os *gringos* norte-americanos e europeus.

Ana Paula da Silva apresenta dados de uma etnografia realizada em São Paulo, na qual explora se o “turismo sexual” naquela cidade se diferencia, ou não, daquele que tem lugar no Rio de Janeiro. A autora mostra que a cidade de São Paulo é representada no país e internacionalmente como uma metrópole moderna e como lugar de “turismo de negócios”. A essas representações se agregam também imagens de “cosmopolitismo tropical”, ideia bastante explorada na indústria do turismo na cidade. O texto permite perceber como

Introdução: transitando através de fronteiras

“turismo de negócios” e “turismo sexual” são práticas que ocorrem ao mesmo tempo e se mesclam na cidade de São Paulo, embora essa mistura não seja vista como tal pelas autoridades, nem pelos próprios turistas. Assim, num contexto em que a cidade estabelece políticas públicas para limpar as zonas associadas à prostituição, esses homens são considerados turistas que apenas estariam usufruindo de um lazer incluído na sua permanência na cidade, sem sofrer o estigma de “turistas sexuais”.

O artigo de **Tiago Cantalice** aborda as trocas afetivo-sexuais e econômicas envolvendo homens jovens e a mulheres estrangeiras, denominadas *gringas*, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada na praia da Pipa, próxima a Natal (RN). Nesse cenário se inserem os *caça-gringas*, homens entre 22 e 31 anos, que mantêm relacionamentos afetivo-sexuais com estrangeiras, na mesma faixa etária, de camadas médias, estudantes ou profissionais liberais que viajam em grupos. Analisando as performances de masculinidade que os *caça-gringas* encenam para conquistar as mulheres e estabelecer com elas trocas sexuais e econômicas que não envolvem necessariamente dinheiro, mas jantares, presentes e prestígio, o autor sugere que as mulheres e seus parceiros tentam escapar do rótulo de “turismo sexual”. Nesse contexto, a noção de romance contribuiria para escapar do estigma vinculado a essa noção.

Larissa Pelúcio aborda as complexas relações entre travestis brasileiras e seus clientes espanhóis. Ressaltando a relevância de considerar as motivações das travestis, bem como seu poder de escolha quando se lançam no empreendimento migratório, a autora problematiza análises sobre os fluxos migratórios de travestis brasileiras rumo a Europa que vinculam esse fenômeno ao tráfico de seres humanos e à criminalidade. Tomando como referência material colhido no espaço virtual, ela observa as percepções de clientes e de

travestis sobre relacionamentos que envolvem afeto e dinheiro em relações que a autora denomina de “amores tumultuados”. Levando em conta relatos de paixões e de casamentos que, embora pouco comuns, são percebidos por muitas travestis como possibilidade de sair da prostituição e viver como pessoa “normal”, tratada como uma mulher biológica, Pelúcio mostra como o trânsito entre mercados do sexo e conjugalidade não remete apenas a uma transição nas atividades desempenhadas, mas à “confirmação” de um deslocamento em termos de gênero.

Flávia Teixeira analisa as relações afetivas entre travestis brasileiras em contextos transnacionais. Baseando-se numa pesquisa de campo na cidade de Milão e alinhando esse material com matérias da imprensa italiana sobre o Caso Marrazzo, que culminou com a morte de uma travesti brasileira, a autora discute como as travestis atualizam discursos sobre o sucesso/fracasso do projeto migratório. Explorando as categorias utilizadas nessas explicações, Teixeira analisa as hierarquizações traçadas entre os clientes, a valorização dos *clientes finos*, que podem tornar-se maridos, e o lugar que as possibilidades de afeto e de contribuição para a realização dos projetos migratórios ocupam nas valorizações e desvalorizações das nacionalidades dos clientes, incluindo europeus e imigrantes de países como China, Nigéria ou o Leste Europeu, pouco apreciados nesse mercado.

Gilson Goulart toma como ponto de partida a trajetória de uma travesti brasileira que migra para trabalhar no mercado do sexo na Itália, explorando os efeitos de seus múltiplos deslocamentos nas relações familiares, e no universo das travestis, marcado pela valorização do *ser europeia*. O artigo é resultado de um trabalho foto-etnográfico, com observações, entrevistas e imagens capturadas em dois lugares – Uberlândia -MG, entre 2007 e 2010, e Milão, novembro de 2009 a maio de 2010. O autor selecionou 20 fotos que considerou significativas

e as apresentou a sua entrevistada, que fez uma nova seleção, a partir da qual relata sua trajetória. O diálogo entre a imaginação do fotógrafo e da entrevistada produziu uma instigante narrativa que revela as motivações dos deslocamentos, os percursos migratórios seguidos para tornar-se *européia* e os efeitos desse caminho, que é narrado para além dos marcos do tráfico de pessoas e da prostituição.

Gláucia de Oliveira Assis, a partir de uma pesquisa etnográfica com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, analisa como as mulheres solteiras negociam gênero e afetos na busca da realização de seus projetos migratórios, utilizando os estereótipos de atributos de gênero presentes sobre a mulher brasileira para conseguir *seu marido americano*. Com esse procedimento elas obtêm vantagens no mercado matrimonial norte-americano que não se abrem para os homens brasileiros. Baseada em dados colhidos em dois locais, a região de Boston (EUA) e a cidade de Criciúma (SC), a autora analisa a configuração de laços transnacionais, nos quais os imigrantes envolvem seus familiares no projeto migratório e a especificidade das redes de relações das mulheres solteiras migrantes. Considerando os relatos de três mulheres e descrevendo as relações afetivas tecidas pelas entrevistadas ao longo do processo migratório, Assis mostra os conflitos presentes no processo de “autonomização” dessas migrantes e o lugar ocupado pela ideia de casamento com um norte-americano. Esse tipo de união representa uma mudança no projeto migratório que aponta para a busca de maior segurança traduzida na possibilidade de permanência no exterior e de uma inserção mais efetiva no contexto migratório.

Suzana Maia, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada com brasileiras que trabalhavam como dançarinas eróticas em Nova York, aborda as relações que elas estabelecem com alguns de seus clientes, os “amigos”, com os quais elas desenvolvem relações que vão além do universo do bar. A

autora mostra como esses vínculos se integram na configuração de uma rede de relações transnacionais entre os Estados Unidos e o Brasil que envolvem a circulação de pessoas, afetos bens e serviços. Essas relações são analisadas a partir da trajetória de três vidas interconectadas por laços transnacionais. Analisando suas trajetórias, Maia discute as diversas formas e linguagens através dos quais encontros transnacionais ocorrem, bem como os aspectos afetivos e desejantes de um possível diálogo cosmopolita. Uma das contribuições do texto é explorar como opera esse cosmopolitismo dos afetos. De acordo com a autora, impulsionado e mediado por uma linguagem e percepção do exotismo sexualizado que está presente no processo colonizador dos trópicos, ele se atualiza através de uma linguagem de emoções que transcende e questiona, na prática cotidiana, os estereótipos fáceis que permeiam o encontro de homens e mulheres que se encontram em espaços transnacionais.

Paula Togni analisa, a partir de uma etnografia multi-situada realizada num bairro periférico da Grande Lisboa e numa cidade brasileira de pequeno porte, Mantena (MG), aspectos vinculados a sexualidade, identidade e transnacionalização de relacionamentos afetivo-sexuais de jovens que migraram sozinhos, ou sem familiares adultos, a Portugal. Problematicando a produção da noção de “mulher brasileira” como categoria homogênea e a ideia da existência de um sistema de gênero, no Brasil, a autora explora os efeitos do processo migratório nos códigos de sexualidade acionados por esses/as jovens. Estabelecendo um contraponto entre as noções de gênero e sexualidade presentes nos locais de origem e no contexto migratório, Togni sublinha o lugar de destaque que a sexualidade adquire neste último, como parte significativa do processo de autonomização juvenil. A autora argumenta que as construções sexuais e afetivas desses jovens têm sido modeladas tendo como referência os aspectos valorizados no

Introdução: transitando através de fronteiras

mercado afetivo-sexual no qual estão inseridos, em Portugal, num cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira.

Sueli Siqueira, a partir de dados de pesquisas conduzidas na microrregião de Governador Valadares, analisa o processo de retorno à terra natal de homens e mulheres que emigraram para “fazer a América”, explorando suas especificidades em termos de gênero. A autora explora as tensões e conflitos que têm lugar durante o retorno. Tingidos pela sensação de estranhamento da terra natal, eles envolvem a rejeição das mulheres a ocupar o mesmo papel que tiveram antes de migrar na família e a reiterar as mesmas dinâmicas de gênero, o que gera separações. Analisando retornos “bem” e “mal sucedidos”, Siqueira mostra como muitas mulheres que trabalharam junto com seus maridos ou companheiros durante a fase migratória, no retorno, não conseguiram ocupar uma posição como proprietárias dos negócios, ou empreender o que planejavam. O texto revela como o retorno à terra natal implica não apenas em retomar a vida, montar o negócio, comprar a casa, re-encontrar os filhos, mas em negociar novas configurações nas relações familiares e de gênero para mulheres que almejam relações mais igualitárias.

Maria Filomena Gregori reflete sobre o mercado erótico (produção, comercialização e consumo de bens eróticos). A autora aponta, a partir de material pesquisado em *Sex Shops* nos Estados Unidos, em São Paulo e no Rio de Janeiro, para a emergência de *um erotismo politicamente correto* que, mesmo tendo como protagonistas pessoas ligadas às minorias sexuais, se difundiu num universo mais amplo da produção, comercialização e consumo eróticos. Um dos efeitos dessa difusão seria a expansão ou a “migração/circulação” de objetos associados ao mercado homossexual norte-americano aos *Sex Shops* brasileiros. No país, esses objetos se disseminaram em *sex*

shops instalados em bairros de classe média alta, frequentados por um público com elevada presença de mulheres. Nesse nicho de mercado, a autora aponta para a constituição de novas práticas e posições diante da sexualidade onde ocorre uma valorização dos bens eróticos e por iniciativa (como produtoras, comerciantes e consumidoras) de mulheres heterossexuais e não tão jovens. De acordo com Gregori, essa versão de erotismo *politicamente correto*, criada nos Estados Unidos, ao “migrar” e ser reapropriada nos *sex shops* brasileiros tem permitido ampliar o leque de escolhas e práticas sexuais possíveis, possibilitando às mulheres heterossexuais casadas práticas que ajudam a “apimentar a relação” e, ao mesmo tempo, são consideradas “sacanagens do bem”.

Iara Beleli e José Miguel Nieto Olivar analisam como as mobilidades, as viagens e o turismo, se integram na apresentação da prostituição como questão social em alguns produtos da Rede Globo. A pesquisa foi realizada a partir de telenovelas, telejornais e programas especiais exibidos entre 2007 e 2011, que abordaram a temática considerando a prostituição, a exploração sexual de crianças e adolescentes, o tráfico de mulheres e o “turismo sexual”. Explorando como essas matérias pensam/produzem a relação entre mobilidades e prostituição, os autores observam que, nesses produtos de mídia, a prostituição emerge com significados complexos e inquietantes. Algumas novelas e programas especiais sugerem noções sobre “prostituição” que desestabilizam a carga negativa atribuída a essa atividade, apresentando histórias “reais” ou “ficcionalis” nas quais as mulheres não aparecem como vítimas, mas exercendo uma atividade profissional. Contudo, a percepção de que a prostituição é aceitável e imaginável tende a limitar-se a situações que remetem a um fenômeno local. Quando os mercados do sexo se tornam translocais e, sobretudo, transnacionais, suas descrições estão marcadas por

Introdução: transitando através de fronteiras

noções de perigo vinculadas a promessas que acabam em “exploração sexual” e tráfico de pessoas.

Adriana Piscitelli discute como sexo, dinheiro e afetos se articulam em circulações, marcadas por gênero, que envolvem mulheres brasileiras, em “cenários turísticos” e em processos migratórios transnacionais. O artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica multi-situada, realizada no Brasil, na Itália e na Espanha. Apresentando uma etnografia das trocas estabelecidas entre mulheres brasileiras que utilizam o sexo para *melhorar de vida* e homens estrangeiros, a autora analisa como esses intercâmbios, que envolvem prostituição e também sexo tático, são re-configurados nos processos de deslocamento que têm lugar em cenários transnacionais. Baseada nesse trabalho e prestando especial atenção às alterações nos estilos de afeto associados a essas relações, a autora desenvolve dois argumentos: que a inserção das mulheres brasileiras nos mercados do sexo não pode ser reduzida à pobreza e que esses intercâmbios, muitas vezes considerados como “novas formas de exploração sexual”, envolvem re-configurações, em novos cenários, de práticas e noções difundidas em diferentes partes do país.

Adriana Piscitelli
Gláucia de Oliveira Assis
José Miguel Nieto Olivar

Referências bibliográficas

- AGUSTÍN, Laura. The Disappearing of a Migration Category: Migrants Who Sell Sex. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 32(1), 2006, pp.29-47.
- ANDALL, Jacqueline. (ed.) *Gender and Ethnicity in Contemporary Europe*. New York, Berg, 2003.

Adriana Piscitelli, Gláucia de O. Assis e José Miguel N. Olivar

- ANTHIAS, Floya e LAZARIDIS, Gabriela. *Gender and Migration in Southern Europe*. Oxford, Berg, 2000.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1996.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2004.
- BRENNAN, Denise. *What's Love Got to do with it? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*. Durham, Duke University Press, 2004.
- BRYCESON, Deborah e VUORELA, Ulla. (eds.) *The transnational Family. New European Frontiers and Global Networks*. Oxford, Berg, 2002.
- CABEZAS, Amalia. *Economies of Desire. Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia, Temple University Press, 2009.
- COHEN, Erik. Thai girls and farang men: the edge of ambiguity. *Annals of Tourism Research*, 9, 1982, pp.403-428.
- CONSTABLE, Nicole. *Romance on a Global Stage, Pen Pals, Virtual Ethnography, and "Mail Order" Marriages*. University of California Press, 2003.
- COSTA, Sergio. Amores Fáceis: Romantismo e consumo na identidade tardia. *Novos Estudos CEPRAP*, 73, 2005, pp.112-124.
- EHRENREICH, Barbara e HOSCHILD, Arlie Russell. *Global Woman, Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy*. New York, Owl Books, 2002.
- FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. *Revista Estudos Feministas*, nº 1, 1996, pp.7-33.
- FROHLICK, Susan. Fluid Exchanges: The Negotiation of Intimacy between Tourist Women and Local Men in a Transnational Town in Caribbean Costa Rica. *City and Society*, vol. 19, nº 1, 2007, pp.139-168.

Introdução: transitando através de fronteiras

- GREGG, Jessica. He can be sad like that: Liberdade and the Absence of Romantic Love in a Brazilian Shantytown. In: HIRSCH, Jennifer and WARLOW, Holly. *Modern Loves, The Anthropology of Romantic Courtship and companionate marriage*. Michigan, University of Michigan Press, 2006.
- HEGDE, Radha. (ed.) *Circuits of visibility: gender and transnational media cultures*. New York, New York University Press, 2011.
- HERRERA, Gioconda. Cuidados globalizados y desigualdad social. Reflexiones sobre la feminización de la migración andina. *Nueva Sociedad*, nº 233, mayo-junio de 2011, pp.87-97 [<http://biblioteca2.icesi.edu.co/cgiolib?session=96364736&infile=details.glu&luid=234169&rs=5101079&hitno=2>].
- HOSCHILD, Arlie Russell. *The Commercialization of Intimate Life, Notes from Home and Work*. Berkeley, The University of California Press, 2003.
- HUNTER, Mark. *Love in the Time of Aids. Inequality, gender and Rights in South Africa*. Bloomington, Indiana University Press, 2010.
- ILLOUZ, Eva. *Consuming the Romantic Utopia, Love and the Cultural Contradictions of Capitalism*. University of California Press, 1997.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean, Gender, Race and Sexual Labor*. New York, Routledge, 2004.
- LEVITT, Peggy e JAWORSKY, Nadya. Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends. *Annual Review of Sociology*, 33, 2007, pp.129-56.
- LIM, Lin Leann. El sector del sexo: la contribución económica de una industria. In: OSBORNE, Raquel. (ed.) *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. Barcelona, Ediciones Bellaterra, 2004.
- MAHLER, Sarah J. y PESSAR, Patricia. Gendered Geographies of Power: Analyzing Gender Across Transnational Spaces. *Identities*, vol. 7 (4), 2001, pp.441-459.

Adriana Piscitelli, Gláucia de O. Assis e José Miguel N. Olivar

- OLIVAR, José Miguel Nieto. Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. Tese de doutorado, PPGAS Antropologia Social, UFRGS, 2010.
- O'CONNELL DAVIDSON, Julia e SANCHEZ TAYLOR, Jacqueline. Fantasy Islands. Exploring the Demand for sex Tourism. In: KEMPADOO, Kamala. *Sun, Sex and Gold, Tourism and Sex Work in the Caribbean*. Maryland, Rowman and Littlefield, 1999, pp.37-55.
- PADILHA, Mark; HIRSH, Jennifer; MUÑOZ-LABOY, Miguel; SEMBER, Robert e PARKER, Richard. (eds.) *Love and Globalization. Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville, Vanderbilt University Press, 2007.
- PARREÑAS, Rhacel Salazar. The Care Crisis in the Philippines: Children and Transnational Families in the New Global Economies. In: EHRENREICH, Barbara e HOCHSCHILD, Arlie Russel. (eds.) *Global Woman, Nannies, maids, and sex workers in the New Economy*. New York, Owl Books, 2002, pp.39-55.
- PEDONE, Claudia. "Varones aventureros" vs. "Madres que abandonan": reconstrucción de las relaciones familiares a partir de la migración ecuatoriana. *REMHU*, año XVI, nº 30, 2008, pp.45-64.
- PISCITELLI, Adriana. Papéis, interesse e afeto, relacionamentos amoroso/sexuais e migração. In: FAVERO AREND, Silvia; RIAL, Carmen Silvia de Moraes e PEDRO, Joana Maria. *Diásporas, mobilidades e migrações*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2011, pp.103-129.
- _____. "Gringas ricas": Viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 58 (3), 2011b, pp.79-117.
- _____. Tropical sex in a European country: Brazilian women's migration to Italy in the frame of international sex tourism. *Revista Estudos Feministas*, vol.4, 2008, special edition (Tradução: Miriam Adelman) [http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100003&script=sci_arttext].

Introdução: transitando através de fronteiras

_____. On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, 2004
[<http://www.vibrant.org.br/portugues/artigos2004.htm>].

ROCA GIRONA, J. Ni contigo ni sin ti: cambios y transformaciones en los roles de género y las formas de convivencia. En: TÉLLEZ INFANTES, Anastásia e MARTÍNEZ GUIRAO, Javier Eloy. (orgs.) *Sexualidad, género, cambio de roles y nuevos modelos de familia*. España, (S.I.E.G.) Seminario Interdisciplinar de Estudios de Género del Vicerrectorado de Estudiantes y Extensión Universitaria de la Universidad Miguel Hernández, 2008, pp.13-31.
[<http://ve.umh.es/blogs/sieg/WebNO%20TOCAR/PUBLICACIONES/Nuevos%20modelos%20de%20familia/Nuevos%20modelos%20de%20familia.pdf>].

SCOTT, Parry. Families, nations and generations in women's international migration. *Vibrant, Brazilian Virtual Anthropology*, 8-2, 2011 [no prelo].

SHAEFFER-GABRIEL, Felicity. Cyberbrides and Global Imaginaries: Mexican Women's Turn from the National to the Foreign. *Space and Culture* 7(33), 2004, pp.33-48.

SILVA, Ana Paula e BLANCHETTE, Thaddeus. "Nossa Senhora da Help": sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Género - Pagu/Unicamp, 2005, pp.249-281.

ZELIZER, Viviana. *La negociación de la intimidad*. México, Fondo de Cultura Económica, 2009.

Padrinhos *gringos*: turismo sexual, parentesco *queer* e as famílias do futuro *

Gregory Mitchell**

Introdução

Nos últimos cinco anos, passei cerca de doze meses conduzindo entrevistas no Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Manaus com turistas gays (principalmente dos EUA) e com trabalhadores sexuais masculinos¹ – *garotos de programa*² que se auto-identificavam como heterossexuais.³ As relações e os

* Tradução: Alexandre Castro; Revisão: Adriana Piscitelli e Iara Beleli.

** Northwestern University. gcmitchell@gmail.com

¹ “Trabalhador do sexo” é o termo preferido no “movimento global pelos direitos dos trabalhadores sexuais”, que sustenta que “prostituta” muitas vezes é pejorativo. No Brasil, grupos proeminentes de luta pelos direitos das prostitutas, como o Davida, preferem se reapropriar do termo “prostituta”, mesmo que o Ministério do Trabalho prefira “profissionais do sexo”. Em um esforço para equilibrar as duas perspectivas, utilizo-as alternadamente, apesar de suas diferentes genealogias.

² A maior parte da literatura das ciências sociais se refere a homens que vendem sexo como “michês”. Alguns de meus interlocutores achavam ofensivo e poucos se auto-identificaram com o termo, preferindo “Garoto de programa”, “garoto” ou “boy”. Em outros trabalhos, usei a palavra “michês” por ser mais recorrente em mecanismos de busca. Aqui, preferi usar “garoto de programa” ou “garoto”.

³ Esta pesquisa foi possível graças ao apoio generoso das seguintes instituições: Roberta Buffett Center for International and Comparative Studies, Mellon Graduate Cluster Fellowship, Fellowship in Sexual Orientation and Health in Social Context, The School of Communication e The Graduate School at Northwestern University. Agradeço o apoio de E. Patrick Johnson, D. Soyini Madison, Ramon Rivera-Servera, Mary Weismantel, Don Kulick, Helion Povia Neto, Thaddeus Blanchette, Ana Paula da Silva, e meu

arranjos afetivos entre turistas e *garotos* são variadas – desde *programas* em saunas por um preço fixo a "*romances*" de uma semana que envolve presentes, dinheiro e refeições, mas sem remuneração para o sexo em si. Alguns relacionamentos se transformam em complexas relações de longa distância e de longo prazo, na qual o *gringo* se torna um "*namorado*" que envia regularmente dinheiro e faz visitas frequentes algumas vezes por ano. Ele pode conhecer a família do *garoto* ou até ajudar a sustentar seus filhos. A família pode mesmo valorizá-lo e estimá-lo como um membro.

Esse novo tipo de arranjo familiar em que os turistas sexuais gays⁴, efetivamente *queer*⁵, passam a se inserir nas redes de parentesco brasileiro é um lado do turismo e da prostituição que quase nunca é mostrado nas histórias sensacionalistas que freqüentemente aparecem em jornais, programas de televisão e filmes (ver Beleli e Olivar, neste volume). Utilizo *queer* para significar pessoas e fenômenos que ocupam as margens sexuais da sociedade – decididamente anti-identitárias e resistentes a uma classificação. Entretanto, existe uma diferença entre

assistente de pesquisa, "Gustavo", que prefere ser anônimo, mas que ajudou enormemente.

⁴ "Turista sexual gay" pode ser uma expressão carregada, os turistas entrevistados só a utilizavam quando não havia nenhum outro eufemismo possível. É difícil definir a expressão, que pode incluir arranjos e acomodações altamente informais. Utilizo essa expressão aqui com fins práticos, com a intenção, talvez ingênua, de não evocar qualquer conotação negativa.

⁵ Originalmente, *queer* era um insulto (semelhante a "viado" ou "bicha"). Atualmente, a popularização do termo abrange conglomerados cada vez maiores de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, transexuais, intersexuais, praticantes de BDSM e outras pessoas sexualmente marginalizadas. O termo, utilizado como verbo, remete a ações que provocam brechas nas estruturas que fazem a heterossexualidade parecer natural, normal e preferível. A entrada do *gringo* gay no sistema de parentesco é uma perturbação da heteronormatividade da família heterossexual. Dessa forma, o *gringo* efetivamente perturba essa heteronormatividade.

cultura gay, (relativamente) normativa e baseada em assimilação, e cultura *queer*, intrinsecamente resistente a políticas de normalização, embora possa abranger pessoas e fenômenos que também são "gays" (ver Grossi 2003, 2007). Nesse sentido, se o parentesco gay, incluindo a adoção gay, desafia ideologias e tradições, ao mesmo tempo, replica configurações do parentesco heterossexual.

Ao refletir sobre casais gays, adoção gay e normalização das relações homossexuais na mídia, Grossi (2003) aponta para as semelhanças entre "parentesco gay" e parentesco heterossexual. Para a autora, parentesco gay é sobretudo entender e aceitar as famílias de gays e lésbicas, de forma que a diferença é minimizada e a estrutura da família preservada – famílias gays são “famílias normais”. No entanto, o parentesco *queer* não é normativo e aqui gênero faz diferença. As relações entre um homem heterossexual e um estrangeiro gay, que se integra na família, ajuda a criar os filhos, conhece a esposa ou a mãe não participam de maneira análoga nessa estrutura – o *garoto* não quer se casar com o gringo. A relação e as emoções se complexificam e esse arranjo familiar não é imediatamente legível socialmente. O parentesco *queer* parece ameaçar o parentesco de maneira radical, maximizando a diferença. Neste artigo, porém, mostro que essa estrutura não é inteiramente nova e também pode ser tradicional.

Com base em diversos estudos de caso de famílias, sugiro que esse tipo de formação familiar não constitui apenas um detalhe interessante ou um epifenômeno. Ao contrário, ele oferece contribuições novas e ricas para compreender a relação entre parentesco, sexualidade e capital global no Brasil. Além disso, essa forma de parentesco gay não é inteiramente nova no Brasil, tampouco é uma imposição de estrangeiros gays sobre as famílias locais, mas que existe justamente por agir dentro das estruturas existentes dos valores "tradicionais" da família

brasileira e, como tal, nos ajuda a pensar sobre as bordas afiadas e desconfortáveis dessas estruturas.

Nos últimos cinco anos, entrevistei formalmente cerca de cinquenta *garotos de programa* e cinquenta clientes *gringos*, e tive conversas informais com outros tantos. A maioria dos *garotos* que encontrou "seu gringo" trabalhava em saunas, especialmente no Rio de Janeiro, e as relações continuaram fora desse ambiente. Boa parte desses relacionamentos foram desenvolvidos quando os *gringos* queriam "salvar" um *garoto* da vida de prostituição. Eles enviavam dinheiro e os visitavam, solicitando que os *garotos* parassem de vender sexo. Os *garotos de programa* normalmente viviam na Baixada Fluminense (embora alguns tenham se mudado para Copacabana.) Muitos eram pobres, mas eles alegavam que a prostituição foi o melhor trabalho que poderiam encontrar, porque o trabalho sexual é mais rentável e não requer muitas responsabilidades.

Também entrevistei clientes que tiveram, ou tentaram ter, esse tipo de relacionamento. Às vezes, as apresentações e os contatos vinham com facilidade, mas em algumas comunidades fiz um grande esforço para estabelecer uma relação de confiança, como ocorreu na comunidade de expatriados gays no Brasil. Muitos deles se conheciam e trocavam informações e fofocas sobre si e sobre *garotos* específicos. A princípio, eles suspeitaram de mim, mas demonstrei que eu não queria criar problemas para a comunidade. Como resultado dessas investigações, percebi que, em alguns casos, as pessoas estão envolvidas em formas complexas de parentesco que não seriam possíveis sem o advento do turismo de massa, da luta pelos direitos civis gays e do crescimento econômico do Brasil, que potencialmente abrem novas possibilidades em termos da economia política da sexualidade e do parentesco em um mundo cada vez mais globalizado.

Alguns exemplos de minha pesquisa sobre turistas gays e *garotos de programa* permitem perceber que as redes do

parentesco gay transnacional estão se estendendo, forjando novas configurações afetivas no Brasil. Embora alguns desses exemplos sejam vividos de maneira perturbadora, desigual e até mesmo exploratória, a maioria dessas relações é mutuamente benéfica para os estrangeiros e para as famílias. Longe de ser um caso de estrangeiros ricos se impondo sobre brasileiros, as famílias locais e os estrangeiros co-constroem novas formas de parentesco com base em práticas coerentes com o trabalho conceitual predominante na teoria *queer*, mas também recorrem a formas tradicionais de parentesco brasileiro.

Parentesco *queer*

Como o Brasil é um popular destino turístico gay, não é de se surpreender que os sistemas de parentesco *gringos*/gays tenham adquirido uma dimensão transnacional. Às vezes, essas relações mostram alguns aspectos negativos. Considere o caso de Dale, um rico advogado gay norte-americano da Califórnia, que adotou uma menina brasileira em 1991.⁶ Em 2009, quando a filha tinha 18 anos, ele a trouxe para o Rio de Janeiro para lhe mostrar as favelas que poderiam ter sido sua casa. Entre programas com *garotos* de alto nível, durante o passeio com a filha pela favela ele deu dinheiro e brinquedos para as crianças. Sua filha, que tinha uma vida boa, estava feliz. Dale, embora tentando ser gentil e generoso, reclamava constantemente dos altos preços e das pessoas tentavam enganá-lo.

Durante esse *voyeurismo* bem-intencionado, mas paternalista, Dale ficou furioso com as narrativas de seus guias sobre as vidas normais e felizes dos favelados, pois os *gringos* conheciam essa realidade através de reportagens de televisão e

⁶ Os nomes são fictícios e as informações de identificação foram removidas ou alteradas.

do filme *Cidade de Deus*. Dale, para quem o dinheiro era a coisa mais importante, perguntava: “Como pode uma pessoa pobre ser feliz? Ridículo”. As histórias dos guias minavam sua própria narrativa: ao invés de um salvador benevolente, que tinha resgatado sua filha da quase inevitável miséria terceiro-mundista, levantava-se a incômoda possibilidade que ele fosse mais egoísta do que altruísta.

A realidade da vida na favela, mesmo que mediada por um guia de turismo, destruiu a fantasia do turista de que sua filha adolescente estremeceria de horror e declararia sua gratidão eterna, entendendo que, por meio da adoção legal e “naturalização”, ele a envolvera em um casulo protetor de privilégio financeiro. Nos EUA, a adoção de crianças por gays e lésbicas é um processo bastante complicado; em muitos Estados, ainda hoje, essa prática não só é proibida como é possível que gays e lésbicas percam a guarda de filhos biológicos. As agências de adoção, muitas vezes religiosas, se recusam a ajudar gays e lésbicas a encontrar crianças para serem adotadas. Consequentemente, alguns gays e lésbicas dos EUA tentam adoções privadas em outros países, pagando altas taxas para procuradores. Ignorante da cultura brasileira e expressando seu desprezo pela vida nas favelas, Dale se recusa a acreditar que alguém sem dinheiro poderia ser feliz.

Essa história mostra a complexidade desse tipo de parentesco transnacional: de um lado, um norte-americano utiliza seu poder econômico e privilégio para pagar por uma criança brasileira em uma adoção privada, com pouca, ou nenhuma, proteção para salvaguardar os direitos dos pais brasileiros (ver Cardarelli 2009; Fonseca 2009); de outro, esse mesmo norte-americano culpa a realidade de brasileiros pobres que atrapalha sua narrativa da adoção-como-resgate. Embora a família fosse gay e parte de parentesco gay, a perspectiva de Dale não era exclusiva de *gringos* gays, tampouco especificamente *queer*. Dale pagou por sexo com muitos *garotos*

(aparentemente com permissão de seu parceiro, que permaneceu na Califórnia), mas ele só fez programas simples e não houve contato entre os *garotos* e sua filha ou qualquer inclusão de sexo no parentesco.

Na maioria dos casos de parentesco *queer*, os turistas formavam relações com um *garoto* específico. Geralmente se encontravam em saunas ou praias, e quando começavam a ficar mais próximos, imploravam para que os *garotos* deixassem a prostituição. Em troca, enviariam dinheiro, viriam visitar duas ou três vezes por ano, permitiriam que morassem ou administrassem sua casa de férias. Quando um *garoto* queria mais dinheiro, enviava um e-mail com informações sobre suas dificuldades e lamentava o fato de estar pensando em voltar à “vida”. Muitas vezes, os *garotos* – no geral, heterossexuais – começavam a se identificar como “bissexuais” para aparecer como objetos apropriados de afeto para instaurar relações de reciprocidade afetiva.⁷ Os turistas não se importavam que eles continuassem saindo com mulheres, mas insistiam que não saíssem com outros homens ou fizessem programas. Conheci alguns *garotos* que continuavam fazendo programas, mas viam nesse acordo o melhor dos mundos – eles não precisavam mais fazer programas, mas ainda tinham o dinheiro do gringo para usar no cortejo das mulheres. O sonho do *garoto de programa* é virar “amancebado”, o que prova o sucesso no desempenho da masculinidade, mas esse *status* também exige uma rendição à política de identidade gay. Adilson (carioca, moreno, 32 anos) explica:

⁷ Embora eu geralmente prefira usar os termos de auto-identificação utilizados pelos próprios homens desse mercado, nesta pesquisa identifiquei-os como “majoritariamente heterossexuais”, mesmo quando eles se dizem apenas “bi” para seus namorados gringos. Adiante, discuto em detalhe esses complicados vínculos afetivos.

É sorte encontrar seu gringo rico. Estou com o meu há seis anos e ele vem uma vez, duas vezes por ano. Este ano, ele ficou uma semana e pronto. Esse é o sonho de todo boy... Eles não querem um brasileiro, eles querem um gringo – e que não encha seu saco, você sabe. Ele vem uma vez por ano, ou duas ou três, ok. Mas ele não está aqui vinte e quatro horas por dia como um brasileiro estaria. Porque se é um brasileiro, o boy tá fodido. Ele tem que ver esse viado o dia todo. Ah, não. Nojento! *Gringos* são melhores. E quando [o gringo] diz: “O que você quer de presente?” A maioria dos meninos pede tênis, um celular, um computador, uma coisa cara. Eu pedi para o meu pagar todos os meus estudos... aulas de inglês. Ele até me levou pra Suíça uma vez, mas a Suíça é realmente um lugar terrível. Horrível! Os suíços são sérios e nunca riem. Horrível.

Apesar da negatividade evidenciada ao descrever seus clientes como “nojentos” e “viados”, Adilson tinha algum carinho por seu *gringo*:

Hoje, meu gringo e eu estamos numa boa... ele vem quando fica com saudades e eu nunca minto para ele, nunca... Eu me considero bi, porque [o meu *gringo*] é um cara que se eu vejo que precisa de alguma coisa, e eu puder ajudar, estou sempre disposto. Sempre... Porque ele é meu amigo. Eu gosto dele. Eu gosto muito dele.

Os *garotos* falam abertamente sobre dar golpes e até mesmo explorar os turistas, mas também tem relações complexas com eles. Nunca dizem que “amam” seus *gringos*, mas, como Adilson, falam sobre sentimento de saudades. Mesmo as narrativas depreciativas são pautadas, na sequência, por outras que apresentam “seus homens” como decentes, trabalhadores e amorosos. Com voz embargada e os olhos cheios d’água, um *garoto* contou que seu gringo – um operário

Gregory Mitchell

altamente qualificado – cancelou uma de suas viagens ao Brasil para fazer mais horas extras e pagar uma cirurgia para sua mãe. “Ele é generoso”, disse ele. Quando perguntei se ele o amava, seu semblante parecia triste, quase culpado: “Não, mas ele é meu amigo... e é um homem muito bom”.

Para muitos garotos heterossexuais pode ser complicado desenvolver sentimentos por um gringo ou sentir prazer. Edi – soteropolitano, negro, 36 anos e muito machista – recebeu milhares de reais durante dois anos de relacionamento com seu namorado, insistindo que ele era “normal”:

Eu digo a você, eu não me acho garoto [agora] por causa disso, porque eu gosto de conviver com gay. Eu não vivo só de dinheiro, porque hoje em dia dinheiro não traz felicidade. Dinheiro acaba. Então eu prefiro a amizade de um gay do que o gay estar me bancando, você entendeu?.

Félix – soteropolitano, negro, cerca de 30 anos – afirma que “Deus fez o homem para a mulher”, mas aponta algumas diferenças:

Quando convivi com esse amigo meu, vou dizer amigo pra não dizer “gay”, a gente acordava de madrugada e se beijava. Já com minha namorada tinha que esperar amanhecer o dia, escovar o dente, pra poder um beijar o outro. Eu passei a ver o que?

Seu amigo João – soteropolitano, moreno, cerca de 22 anos – também *garoto de programa* com namorado estrangeiro, concordou:

Claro. Não dá pra trocar uma namorada pra ficar com um gay sem prazer. Não é nem pelo sexo, é mais pelo carinho. Porque mulher é complicado e as baianas são

ainda mais complicadas. São muito ciumentas, cheias de vontade. Eu tenho pena de meus amigos [risos].

Muitos turistas me contaram que muitos *garotos* “estão no armário” – se dedicam à prostituição para satisfazer seu desejo de ter relações sexuais com homens, e o dinheiro serve como desculpa. Segundo o antropólogo Patrick Larvie (1999), a prostituição pode ser uma maneira de experimentar a homossexualidade, mas no meu campo essa estratégia representa uma pequena porcentagem. Paulo Longo (1998a; 1998b) alega que os *michês* de rua com quem trabalhou na década de 1990, às vezes, tinham relações sexuais uns com os outros, mas essa prática não aparece entre meus entrevistados. Embora os *garotos* geralmente minimizem seu prazer ou sua atração pelos clientes, não é particularmente útil evocar a noção redutora do “armário”. Esse conceito se baseia em uma visão ultrapassada de “verdadeiros” eus-interiores, de identidades fixas e simplistas, a complexidade das relações entre prazer e desejo resulta em sentimentos de ambivalência dos *garotos* para com seus namorados *gringos*. Eles se sentem emocionalmente ligados e podem até sentir prazer, mas isso não significa que estão ocultando ou negando alguma identidade gay (ou bissexual) fixa e imutável. Assim, apesar de o namorado gringo não ser o companheiro ideal que a mãe, a namorada, o filho imaginam, eles aprendem a aceitar, valorizar, sentem empatia e podem até chegar a amar. A complexidade dessas relações de parentesco excede as possibilidades oferecidas pela língua para descrevê-las.

Via de regra, os *garotos* não ficam ansiosos para que sua vida com os *gringos* invada sua vida familiar, mas gostam que os clientes saibam mais sobre eles, seja para reforçar seu *status* heterossexual, seja para ganhar dinheiro ou presentes. Leandro, que trabalhou em uma sauna no Rio de Janeiro, mantinha fotos de seus dois filhos, assim como de seu pênis ereto, em seu

telefone celular. A junção dessas fotos revela muito sobre como as vidas compartimentalizadas dos *garotos* acabam resvalando uma na outra. Outros gostavam de falar sobre seus filhos para os *gringos*, correndo o risco de alienar os clientes. Por um lado, transar com “um papaizão latino machão” é uma fantasia comum; por outro, como me disse um turista, saber que ele “só está fudendo com você pra alimentar seus filhos” (cujas fotos você acabou de ver) pode ser uma dose de realidade altamente brochante.

No outro extremo existem trabalhadores do sexo que estão ansiosos para incorporar seus *gringos* em suas vidas, como sugere a narrativa de Paulo – moreno, 24 anos – em um breve encontro na Bahia. Paulo tinha trabalhado como porteiro e se tornado namorado de um turista gay. Antes disso, ele já havia sido abordado por turistas que alugavam apartamentos no prédio, mas sempre negava, em parte, por saber que poderia perder o emprego. No entanto, ele procurou um turista específico do bairro, de quem já havia recebido uma “cantada”, que lhe parecia um namorado confiável. Paulo era casado, mas não no papel, e tinha um bebê, e o gringo acabou conhecendo ambos, a mulher e o filho. Ela fez questão que ele pegasse o bebê no colo e, apesar de certamente suspeitar que o “amigo especial americano” tinha interesses marcadamente sexuais pelo marido, ela não falou nada e se concentrou na possibilidade de ele ser o potencial padrinho da criança. O *gringo* nunca se insinuou sexualmente ao marido na frente dela, mas passava sempre na casa para pegá-lo e entrava para cumprimentar e deixar presentes para o bebê ou para a casa, nunca especificamente para ela, disse o marido. Suspeito que presenteá-la diretamente poderia parecer suborno, ou uma compensação por algum erro ou falta. Vi a mulher de Paulo brevemente, nunca nos falamos, mas ele e seu amigo (um *garoto de programa*) me asseguraram que ela era uma anfitriã graciosa, nunca foi fria, parecia empolgada em participar do jogo.

Se esse tipo de relacionamento não é a norma, ele é recorrente. Turistas gays frequentemente avisam uns aos outros para ficar fora de dramas familiares, os mais experientes alertam os recém-chegados sobre *garotos* com “avós doentes” ou – pior ainda – aqueles que querem que você “conheça seus filhos e se envolva”. Arthur, um turista expatriado com mais de cinquenta anos, narrou um relacionamento sério com um policial chamado Guilherme, que também fazia programas em uma sauna. Depois de vários programas, eles começaram a se ver fora da sauna e Guilherme começou a visitar Arthur em sua casa em uma aldeia em uma ilha próxima, onde ele morava com a senhoria e seu filho “como uma familiazinha”: Arthur fazia o jantar, todos jogavam cartas e assistiam juntos as novelas antes de dormir (onde ele e o “versátil policial transavam apaixonadamente toda noite”). Depois de algumas visitas, Guilherme convidou Arthur para seu casamento. Embora soubesse da preferência de Guilherme pelas mulheres, Arthur ficou surpreso e um pouco enciumado:

Minha melhor amiga costumava me dizer: “você sabe que o Guilherme realmente te ama”. Mas eu não o amava. Ele nem sequer realmente gostava de morar comigo [na minha aldeia]. Ele gostava de estar na minha casa. Ele gostava de trepar, chupar, tudo isso. Ele gostava de sacanagem, mas não [da vida naquela cidade]. Ele era um policial e precisava de mais ação, de estar na cidade. E então, mais tarde... o policial, o meu policial, o meu namorado... me convida para seu casamento, e convidou até mesmo minha mãe, porque sabia que ela estaria aqui me visitando no mês de janeiro. Mas pensei que seria um sacrilégio vê-la entrar em uma igreja católica sabendo que ele estaria lá se casando com uma mulher! E como explicar a situação para as pessoas na festa em sua casa na [zona norte]?... E a minha amiga dizendo que ele realmente me amava, e eu ali sentado na igreja e meu

Gregory Mitchell

pau já esteve no cu do noivo! Dá para acreditar? Tudo isso, e ainda mais minha mãe lá, era estranho demais pra minha cabeça, mas ele realmente queria que a gente fosse.

Para Arthur, entrar em uma relação de parentesco *queer* tão complicada não era uma maneira nova e excitante de fortalecer uma comunidade afetiva – um grupo que está ligado por trocas emocionais e consciência compartilhada. Ironicamente, foi Guilherme quem fez pressão para expandir sua própria família. Esse caso é especialmente interessante porque, em geral, o gringo é que se incorpora à família brasileira, não o brasileiro que se incorpora de forma significativa à família do turista. Mas, neste caso, Guilherme queria incluir a mãe de Arthur e, mais ainda, receber ambos em uma cerimônia religiosa, cujo objetivo expresso era selar um vínculo formal e monogâmico com sua namorada. Apesar disso, Guilherme fez pressão para ter uma família gay ampliada com seu namorado gringo ocasional. De tempos em tempos, ambos se esbarravam nas saunas e nas ruas do Rio de Janeiro, mas Arthur, para desgosto de Guilherme, não queria continuar a relação. Por fim, Guilherme voltou a entrar em contato para avisar que estavam esperando o primeiro filho e insistiu para que ele continuasse a ser amigo da família e, talvez, padrinho da criança.

As interpretações dessa história podem ser diversificadas. Uma leitura possível apontaria que Guilherme estava sendo ardiloso, encenando uma farsa virtuosa o tempo todo. Outra leitura marcaria Guilherme como gay enrustido ou bissexual, que sucumbira à pressão da sociedade e deixara Arthur por uma mulher. Penso, porém, que essas interpretações, mais ou menos céticas e essencialistas, seriam redutoras, apagando as ambigüidades da relação. Se é possível que motivações materiais tenham desempenhado um papel, Guilherme passou

muito tempo sem nenhuma remuneração, mesmo informal, e parecia estar se divertindo. Além disso, não consigo imaginar um *garoto* enviando um convite de casamento para alguém que ele visse somente como um cliente. O convite o tornava vulnerável ao desmascaramento e ao estigma, potencialmente desonrando a ele, a sua família e a sua noiva, e talvez arruinando o dia mais importante de sua vida. O convite era um profundo ato de confiança e não necessariamente buscava benefícios materiais. De fato, com o convite, Guilherme tinha pouco a ganhar e tudo a perder. Assim, talvez a melhor amiga de Arthur estivesse certa: Guilherme, do seu jeito, amava o gringo e queria mantê-lo em sua vida. O fato de que ele e seus filhos poderiam se beneficiar da relação não é mera coincidência, mas não invalida o vínculo entre os dois homens.

Nem todos os turistas são tão relutantes como Arthur, alguns tem várias dessas famílias. Um viajante gay – não por acaso, antropólogo que trabalhou em toda a América Latina – me confidenciou que tem “pelo menos uma família como essa em cada porto”. Ele tinha orgulho – talvez com razão – de ser tão próximo deles como de sua própria família biológica. Além disso, ele realmente apreciava o tempo que passava com essas famílias e entendia que elas também gostavam do relacionamento.

Não quero dar a entender que os turistas estejam ansiosos para se inserir nas famílias de seus namorados. Para os turistas gays, forjar novas relações de parentesco não é exatamente um dos aspectos motivadores do turismo sexual. Na verdade, muitas vezes eles pisam com cuidado nesse território. Richard, cinquentão rico de Minnesota, estava construindo uma casa para seu amante, Bruno (moreno, 30 anos), um acompanhante que também trabalhava com vídeos pornográficos. Bruno disse que ele havia deixado sua esposa e saído do armário publicamente (não foi uma re-identificação estratégica, pois ele só saía com homens). Richard estava apaixonado por Bruno e,

às vezes, parecia ter ciúmes de seus três filhos, dois dos quais – uma de sete e um de quatro – moravam com ele. Richard não queria se apegar às crianças, mas Bruno tinha uma fantasia ingênua de que Richard viria morar com ele e com seus filhos. Mas Richard o amava e enviava dinheiro para material escolar e roupas. Ele tolerou as fotos e sorria sem entusiasmo para as histórias sobre as crianças, mas também alertou Bruno que a mãe das crianças esperaria mais energia e dinheiro dele se tentasse ser um bom pai. Uma ex-mulher e um filho adotivo não se encaixavam em sua fantasia de ter um astro pornô gay como “amasiado” no Brasil. Entretanto, para manter Bruno, Richard estava determinado a se adaptar à realidade de sua vida familiar, e por isso tolerava as crianças, mas preferia que ficassem com a mãe ou ex-esposa de Bruno quando ele estivesse por perto. Longe de ser chocante, essa história seria uma trama familiar doméstica muito comum se não envolvesse elementos “sórdidos” como estrelas pornôs e turismo sexual gay. Casais em segundos casamentos, muitas vezes, têm dificuldade em lidar com questões de enteados, custódia e envolvimento dos pais – dramas cotidianos que famílias enfrentam ao incorporar novos membros, independentemente de opção sexual.

Para os *garotos*, mais importante que a relação dos *gringos* com seus filhos é a relação deles com suas mães. Nem todo *garoto* tem filhos, mas todos têm mães e, em sua maioria, são (ou se imaginam) filhos obedientes. Poucas mães sabem quais são suas profissões, mas a maioria desconfia. Elas não perguntam justamente para não saber de onde vem o dinheiro. “Minha mãe me implorou para lhe contar [o que eu fazia], mas apenas [para tranquilizá-la] que não era drogas ou roubo”, explicou André, um *garoto* carioca que trabalhou em saunas por seis anos. Turistas experientes também entendem a importância das mães e dos familiares. Louis, um funcionário público gay, explicou:

Aprendi que é bom perguntar a eles sobre os seus filhos, suas namoradas ou coisa parecida. É uma cultura machista, então respeito é importante. E mães também. Ser macho quer dizer cuidar de sua mãe, então, se você mostra respeito à mãe e aos filhos de alguém, isso significa que você é um cara legal. A relação [entre turista e *garoto*] pode ser delicada, então você quer começar com respeito – e isso também se aplica à família.

Como demonstra essa narrativa, mesmo para a grande maioria dos turistas que não se envolve com a família do *garoto*, a família pode ser uma presença importante durante um programa. A prostituição – ou “a vida”, como chamam – pode envolver certa compartimentalização de facetas da identidade, inclusive a vida familiar. Mas, mesmo compartimentalizada, diversos aspectos da subjetividade podem influenciar profundamente os outros. O ato de manter sigilo sobre sua profissão sinaliza a importância da família para o trabalho, protegendo a privacidade e evitando condenação por parte da família, mas também protegendo-a do estigma e da vergonha (Mitchell, 2011; Meis, 2002). Além disso, a família motiva e estimula o desempenho da masculinidade na vida cotidiana, contribuindo para o machismo e, ironicamente, para a *persona* “machona” que o *garoto* usa para atrair clientes gays. Desse modo, a vida familiar motiva e influencia a vida profissional do *garoto*, assim como seu trabalho sexual influencia sua vida familiar e estimula novas formas de parentesco.

Nem novo, nem ingênuo

Essas configurações de parentesco não são totalmente novas e muito menos relações coloniais impostas a um “outro nativo”. Como vários casos aqui apresentados demonstram, os “nativos” estão longe de ser ingênuos e, no geral, são eles que convidam os estrangeiros para conhecer sua família. Assim, o

que à primeira vista parece novo (e liberalizantemente estranho para alguns) é, de fato, uma adaptação dos quadros tradicionais da família no Brasil. Para explicar melhor, quero revisitar brevemente personagens da vida familiar brasileira e interpretá-las em um contexto gay – padrinhos e coroas.

Uma das principais características do parentesco brasileiro é o papel singular dos padrinhos – a instituição do compadrio. Com certeza, a expressão “parentesco brasileiro” envolve diversas configurações de parentesco no Brasil. Claudia Fonseca (1996) e Mariza Corrêa (1981) questionam a noção de “família brasileira”, mostrando como essa noção envolve, e às vezes homogeneiza, organizações sociais diversas e historicamente situadas. Candice Vida e Souza e Tarcisio Rodrigues Botelho (2001), baseando-se em formações familiares em São Paulo e Minas Gerais, criticam pressupostos acadêmicos sobre a onipresença do patriarcado, e argumentam a favor de análises mais localizadas (ver também Arantes, 1975; Brandão 1982; Abreu Filho, 1982; Woortmann, 1995). No entanto, o compadrio, assumindo diversas formas, aparece como um conjunto de relações que adquire relevância em diferentes momentos da história do Brasil, vinculada a uma série de razões históricas, religiosas e sociais.

Gringos que são convidados para servir de padrinhos podem se surpreender com as diferenças entre o papel dos padrinhos no Brasil e nos Estados Unidos, onde, atualmente, é uma posição de honra que muitas vezes só significa agir como principal testemunha do batismo de uma criança. Por outro lado, os brasileiros têm uma longa história de uso do compadrio para expandir e/ou consolidar as redes sociais existentes. Mesmo não observado de maneira tão intensa como em outros países da América Latina (como no México, por exemplo), o compadrio é importante em todo o Brasil, embora os brasilianistas tendam a se concentrar no compadrio entre nordestinos pobres, populações indígenas, e – historicamente –

entre escravos. Segundo Ana Maria Lugão Rios (2000), padrinhos livres podiam representar famílias escravas em questões jurídicas e disputas com seus donos, prestando assistência social considerável. Alguns pais garantiam a liberdade aos seus filhos através de uma seleção cuidadosa dos padrinhos.

Como observa Marshall Eakin (1997), as elites usam o compadrio para manter a distinção social e o privilégio, enquanto os pobres podem usá-lo para incorporar atores mais poderosos a seus sistemas fictícios de parentesco, fornecendo aos seus filhos e familiares um contato social influente. Essa tradição remonta mais visivelmente à era colonial escravista. Alida C. Metcalf (1992:189) argumenta que os escravos usavam o compadrio para “forjar redes verticais” com pessoas mais poderosas, incluindo proprietários de escravos e libertos e até alguns pais biológicos escravistas que serviam de padrinhos para seus próprios filhos.

Diferente de antropólogos da década de 1950 (Sidney Mintz e Eric Wolf), Marcos Lanna (2007:125) aponta que o compadrio não era uma forma de ampliar e intensificar as relações sociais, “mas sim um dos alicerces da vida da comunidade” a partir do momento em que a aldeia é estabelecida. Lanna está correto sobre o segundo ponto, mas em uma era de fluxos globais neoliberais, que formam laços afetivos e comerciais entre viajantes *gringos* e trabalhadores do sexo, o compadrio está sendo aplicado de forma bem diferente de sua origem, como fundação de pequenas cidades rurais.

Fazer os *gringos* de padrinhos não é uma estratégia nova, uma manobra inteligente ou até mesmo um “jeitinho” dos *garotos*, como temem alguns *gringos*, mas sim uma forma perfeitamente racional de se relacionar com alguém que possui mais privilégios de classe e com quem um *garoto de programa* tem uma relação particular, ainda que complicada, de apegos e afinidades.

Finalmente, chamo a atenção para outra figura obscura e indistinta: o coroa. Até o momento, tenho falado principalmente dos trabalhadores do sexo que incorporam *gringos* gays em seus sistemas de parentesco na forma de padrinhos. No entanto, a idéia de um homem mais velho, mais distinto e mais rico dentro de casa – o coroa – é bem conhecida. A ideia de que homens heterossexuais também possam ter seus “coroas” pode ser duplamente incômoda, porque ameaça os papéis tradicionais de gênero e as fidelidades pessoais com o machismo, mas também por ser uma permutação das relações de parentesco tradicionais e heterossexuais (Piscitelli, neste volume).

Em sua análise sobre o tema, Donna Goldstein (2003) descreve muitas mulheres de comunidades carentes da zona norte do Rio de Janeiro que partilham a fantasia de seduzir um coroa e dar um “golpe do baú”.⁸ Histórias desse tipo de golpe compõem um gênero narrativo em si, cujas mulheres em sua pesquisa trocam umas com as outras. Elas usam uma formulação de “conto de fadas” na qual “uma morena pobre, inteligente e sedutora encontra seu 'príncipe', rico, velho e branco”, embora as histórias também contenham muitos elementos humorísticos, pois “o velho não é capaz de satisfazer as paixões da jovem morena sedutora” (Goldstein 2003:109). As mulheres viam essas histórias como perfeitamente possíveis e realistas, apesar de raras, e uma versão comum era um senhor aposentado se apegar a sua empregada doméstica. Dessa forma, os padrões não são apenas padrinhos ideais, mas também potenciais pretendentes.

Goldstein (id.:124) argumenta que, embora essas histórias apenas invertam as velhas conceituações freyreanas da relação senhor-escravo ou ofereçam uma versão problemática do

⁸ Isso acontece em diferentes partes do país, ver Fonseca, 1996; Piscitelli, neste volume.

“embranquecimento”, elas são regularmente criadas, contadas e vividas por mulheres pobres como um meio legítimo de suportar a opressão. Elas também escondem o racismo e os abusos que os empregadores podem infligir sobre as mulheres (algo bem mais comum do que “golpes do baú”). Goldstein (ib.:134) conclui que a fantasia do coroa não é “democrática, nem igualitária”. Embora concorde com sua avaliação final, é interessante notar que a fantasia do coroa seja compartilhada também por mulheres que não são profissionais do sexo. Se muitas trabalhadoras do sexo escolhem a prostituição precisamente por não querer ser empregadas domésticas, muitas empregadas domésticas se orgulham de ter uma profissão “honesta” e de não serem putas. No entanto, quando visitei o Terraço Atlântico, em Copacabana, ou bares para turistas sexuais (heteros) em Ipanema, percebi que grande parte das mulheres que a mídia e o governo consideram prostitutas, na verdade, procuram coroas *gringos* para namoros “economicamente benéficos” ou possíveis oportunidades de imigração, ao invés de fazer programas por si só. A busca por coroas *gringos* pode até levá-las a prostituição, mas encontrá-los é uma saída.⁹

Curiosamente, os *garotos de programa* que conheço também falam dos coroas como os namorados ideais, porque acham que são tão solitários que, muitas vezes, querem mais afeto do que sexo. Para sair da “vida”, dizem, é melhor ser bom de carícias e abraços do que ter um pau grande, a chave pra conseguir mais programas. Tudo se resume à performance do desejo, e se você consegue encontrar um bom sujeito que seja seu amigo de verdade tudo fica mais fácil. Essa é sua própria versão do “golpe de baú”, mesmo que eles não possam se casar no papel (e nem considerem essa possibilidade) – eles repetem

⁹ Isso não se restringe a contextos de turismo sexual no Rio de Janeiro (ver Piscitelli, 2008).

os refrões tão comuns das mulheres de suas comunidades, mas aplicados ao contexto homoerótico. Tal como acontece com as mulheres, a linha entre coroa e cliente nunca é muito clara, mas o coroa é uma porta de saída da prostituição e o caminho para uma vida melhor. No entanto, para os garotos, a maioria heterossexuais, a vida com um coroa não é vista como “foram felizes para sempre”, porque eles não querem passar o resto da vida em um relacionamento com um homem gay, mas também não necessariamente querem perder esse homem (seja emocional ou financeiramente). Assim, mudar seu *status* de cliente para uma forma mais aceitável de parentesco, como padrinho e compadre, é uma boa maneira de fazer isso.

Conclusão

No Brasil, a retórica da “família” parece adquirir superioridade moral ancorada em certos aspectos, como a “estabilidade, a virtude a ela atribuída e sua vinculação com os relacionamentos amorosos associados ao lar” (Rebhun 1999:117). Essa retórica é também utilizada como ataque defensivo contra a prostituição e a imoralidade (id. ib.). Não é surpreendente que, tanto no Brasil quanto nos EUA, gays, lésbicas e transgêneros sejam discriminados, agredidos e mortos em nome dos valores da família (Mott e Cerqueira, 2003). A figura do *garoto de programa* heterossexual ou do *Michê* que tem relações sexuais com homens é ainda mais ameaçadora para os valores da família, pois além de combinar a prostituição com a homossexualidade – dois grandes fantasmas sexuais de nossa época – também sugere o espectro da AIDS e o medo de que os *garotos de programa* sejam uma “ponte bissexual” entre as pessoas ruins que merecem ser contaminadas e as desavisadas moças de família que não merecem (ver Padilla, 2007).

Enquanto a “família” no Brasil parece estar sob ameaça, gays e prostitutas já são membros de famílias e versados nos

sistemas de parentesco e nas nuances da vida familiar brasileira. Por isso, não deveria ser surpresa encontrá-los recriando as mesmas estruturas, padrões e sistemas de parentesco em novos contextos transnacionais, gays e afins. Considero, porém, que essas relações são mais ameaçadoras do que as visões confortáveis e homonacionalistas da homossexualidade respeitável associadas às paradas do orgulho gay e à vida cosmopolita. Esses gays são respeitáveis em virtude de seu próprio distanciamento das famílias heterossexuais. Mesmo aqueles que querem adotar crianças são menos ameaçadores do que a família gay transnacional, porque a ameaça dessa família é relativamente contida.

As famílias *queer* aqui descritas podem desestabilizar o casal heterossexual, acrescentando a ele um gringo gay envolvido na criação de uma criança ou na manutenção de uma família. O Estado Brasileiro tem realizado consideráveis esforços, relativamente bem-sucedidos, para reduzir as desigualdades sociais. Apesar disso, alguns trabalhadores do sexo dependem ou preferem o patrocínio financeiro (e emocional) dos *gringos*. Essa dependência mostra as deficiências ainda existentes em termos de possibilitar a subsistência de alguns dos seus cidadãos, mesmo que outros possam melhorar de vida. Os *garotos de programa* podem também ter namorados brasileiros, mas sua dependência de estrangeiros poderosos é potencialmente mais aflitiva, porque espelha o tipo de relação geopolítica que começa a ser modificada.

Os *garotos de programa* usam “seus *gringos*” para melhorar sua situação de vida porque, segundo eles, é impossível encontrar bons empregos. . No entanto, apesar das diferenças de nação, de classe, de orientação sexual, os relacionamentos entre *gringos* e *garotos*, e as famílias por eles estabelecidas, parecem anunciar um novo tipo de sistema de parentesco. Ao concentrar futuros esforços de pesquisa nessas relações marginais de parentesco, sem perder de vista sua origem no

seio das estruturas familiares tradicionais, podemos compreendê-las como mais uma formulação de família forjada com base nos anseios duplos e inseparáveis de oportunidades econômicas e fortalecimento de comunidades.

Referências bibliográficas

- ABREU FILHO, Ovídio de. Parentesco e Identidade Social. *Anuário Antropológico* 80. Fortaleza/Rio de Janeiro, UFC/TB, 1982, pp.95-118.
- ARANTES NETO, Antônio. *A sagrada família - uma análise estrutural do compadrio*. Campinas-SP, Unicamp/Brasiliense, 1975.
- BRANDÃO, Carlos R. Parentes e parceiros, relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás. In: ALMEIDA, S. K. *et alii*. *Colcha de Retalhos*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CARDARELLO, Andréa. The Movement of the Mothers of the Courthouse Square: "Legal Child Trafficking" Adoption and Poverty in Brazil. *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology* 14 (1), 2009, pp.140-161.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Maio, 1981.
- EAKIN, Marshall C. *Brazil: the once and future country*. New York, St. Martin's Press, 1997.
- FONSECA, Claudia. Family Belonging and Class Hierarchy: Secrecy, Rupture and Inequality as Seen Through the Narratives of Brazilian Adoptees. *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology* 14 (1), 2009, pp.92-114.
- _____. A dupla carreira da mulher prostituta. *Revista Estudos Feministas* 4 (1), Rio de Janeiro, 1996, pp.7-34.
- GOLDSTEIN, Donna M. *Laughter out of place: race, class, violence, and sexuality in a Rio shantytown*. California series in public anthropology. Berkeley, University of California Press, 2003.

- GROSSI, M.P. Gênero e Parentesco: Famílias Gays e Lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2003, pp.261-280.
- GROSSI, M.P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.) *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. vol. 1. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.
- LANNA, Marcos. God-parenthood and Sacrifice in Northeast Brazil. *Vibrant* 4 (2), Brasília-DF, 2007, pp.121-152.
- LARVIE, Patrick. Natural Born Targets: Male Hustlers and AIDS Prevention in Urban Brazil. In: AGGLETON, P. (ed.) *Men Who Sell Sex: International Perspectives on Male Prostitution and HIV/AIDS*. Philadelphia, Temple UP, 1999.
- LONGO, Paulo H. *Michê*. Rio de Janeiro, Planeta Gay Books, 1998a.
- _____. The Pegação Program: Information, Prevention, and Empowerment of Young Male Sex Workers in Rio de Janeiro. In: KEMPADOO, K. e DOEZEMA, J. (eds.) *Global sex workers: rights, resistance, and redefinition*. New York, Routledge, 1998b.
- MEIS, Carla de. House and Street: Narratives of Identity in a Linal Space among Prostitutes in Brazil. *Ethnos* 30 (1/2), 2002, pp.3-24.
- METCALF, Alida C. *Family and frontier in colonial Brazil: Santana de Parnaíba, 1580-1822*. Berkeley, University of California Press, 1992.
- MITCHELL, Gregory. Organizational Challenges Among Male Sex Workers in Brazil's Tourist Zones. In: DEWEY, S. e KELLY, P. (eds.) *Policing Pleasure: Sex Work, Policy and the State in Global Perspective*. New York, NYU P, 2011.
- MOTT, Luiz R. B. e CERQUEIRA, Marcelo Ferreira de. *Matei Porque Odeio Gay*. Salvador-BA, Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.
- PADILLA, Mark. *Caribbean Pleasure Industry: Tourism, Sexuality, and AIDS in the Dominican Republic*. Chicago, Universit of Chicago Press, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. Tropical sex in a European country: Brazilian women's migration to Italy in the frame of international sex

tourism. *Revista Estudos feministas* 4 (se), 2008, pp.717-744.
[http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=en]

_____. Shifting boundaries: sex and money in the north-east of Brazil. *Sexualities* 10 (4), 2007, pp.489-500.

REBHUN, Linda-Anne. *The heart is unknown country: love in the changing economy of northeast Brazil*. Stanford, CA, Stanford University Press, 1999.

RIOS, Ana Maria Lugão. The politics of kinship: Compadrio Among Slaves in Nineteenth-Century Brazil. *The History of the Family* 5 (3), 2000, pp.287-298.

SOUZA, Candice Vidal e BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. *Revista Estudos feministas* 9 (2), 2001, pp.414-432.

WESTON, Kath. Families we choose: lesbians, gays, kinship. *Between men-between women*. Rev. Ed. New York, Columbia University Press, 1997.

WOORTMAN, E. F. *Parentes, herdeiros e compadres*. São Paulo/Brasília, HUCITEC/EDUNB, 1995.

“Fariseus” e “gringos bons”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana

Thaddeus Gregory Blanchette*

Introdução

Este trabalho é uma tentativa inicial de organizar alguns pensamentos acerca dos discursos e das práticas relacionados à identidade heterossexual masculina de estrangeiros (*gringos*) auto-identificados como “turistas sexuais” (*mongers*). Analiso os anglofalantes que mantêm presença constante na zona de contato (Pratt, 1999) formada pela cidade do Rio de Janeiro, particularmente a zona sul: uma região urbana onde brasileiros e estrangeiros de diversas procedências se encontram e negociam identidades atravessadas por variados marcadores de diferença, e que é simultaneamente entendida, na imprensa e na cultura popular brasileira, como região moral fortemente marcada pelo turismo sexual.¹

A discussão sobre comportamentos sexuais e afetivos de homens estrangeiros em espaços brasileiros ainda aparece atrelada a fatores macroestruturais, como “raça”, “gênero” e “colonialismo”. Os poucos autores que tentam desconstruir esses conceitos² tendem a lidar com a masculinidade estrangeira como se fosse algo estável no contexto do contato cultural para com o Brasil.

* Professor Adjunto do Departamento de Antropologia, UFRJ – Macaé.
macunaima30@yahoo.com.br

¹ Para mais informações sobre Copacabana como região moral, ver Gaspar (1984).

² Ver o excelente trabalho de Adriana Piscitelli sobre turismo sexual masculino no Ceará (2001).

“Fariseus” e “gringos bons”

Neste artigo, inspiro-me no trabalho de Piscitelli (2010) sobre estrangeiras turistas sexuais no nordeste brasileiro. A autora entende que os privilégios estruturais associados aos estatutos econômico, racial e nacional de mulheres estrangeiras no Brasil são desestabilizados no decorrer do tempo quando elas se transformam em migrantes:

No processo de abandonar o estatuto de turistas, a fluidez dos intercâmbios sexuais e econômicos desaparece, com particular crueldade no caso das mulheres mais velhas, para quem a reconfiguração dos códigos de gênero desequilibra os privilégios de que anteriormente dispunham (Piscitelli, 2010:1).

Nesse sentido, pergunto se ocorre um processo semelhante (por vias diferentes) entre estrangeiros que performatizam um tipo de masculinidade rotulado como “turismo sexual”, na medida em que esses homens têm uma presença mais permanente no Rio de Janeiro. Ao longo do processo de abandono do estatuto de turista (ou de novato), aparentemente, esses homens adotam comportamentos entendidos como “mais brasileiros” (percebidos tanto pelos *gringos* quanto por seus interlocutores nativos), tentando proteger uma posição de poder descrita como “masculina”. Diferente das informantes de Piscitelli, os privilégios desses homens não “desaparecem”: eles descobrem que precisam se proteger contra *scams*³ para realizar uma performance de masculinidade que eles entendem como adequada.

Para esses homens, a “fluidez inicial dos intercâmbios sexuais e econômicos” entre eles e as mulheres brasileiras – inicialmente vista de forma positiva – parece desvelar “pequenas” violências propícias para a exploração do

³ *Scam* significa “fraude” e é mais usado no sentido de “enganar ou trapacear alguém de tal maneira que ele perca suas posses” (*Urban Dictionary*, 2011).

estrangeiro, na medida em que, ao adquirir experiência no Brasil, ele passa da categoria de novato para a de veterano. Os fatores macroestruturais que pareciam garantir ao gringo certa superioridade diante da masculinidade brasileira acabam sendo revelados como insuficientes nas disputas cotidianas no campo sexual e afetivo de turismo e sexo em Copacabana. Como aponta Piscitelli (2001:14), as masculinidades *gringos* remetem ao romanticismo e à delicadeza, características que parecem deixar vulnerável o homem estrangeiro sexualmente ativo em Copacabana. Em face das possibilidades abertas (e fechadas), segundo uma compreensão mais profunda e ampla das categorias culturais cariocas, o veterano começa a modificar seu comportamento, adotando posições masculinas mais “fechadas” e taxadas como “mais brasileiras”.

Essa transformação é perceptível na gíria das prostitutas copacabanenses, observando e analisando quais *gringos* são entendidos como “bons” e quais são rotulados de “fariseus”. Ironicamente, o comportamento masculino mais rotulado por essas trabalhadoras sexuais – “arrogante”, “nojento”, “sem respeito” e até “imperialista” – é o do veterano parcialmente aculturado às realidades cariocas. Tal perspectiva contradiz o estereótipo apresentado pelos meios de comunicação globalizados sobre a masculinidade estrangeira no Rio de Janeiro, que tende a situá-la como arrogante e “toda poderosa” por sua associação com as macroestruturas de poder.

Gringos e garotas

O material aqui apresentado foi levantado entre julho/setembro de 2002 e fevereiro/junho de 2003. Os oito meses iniciais da pesquisa etnográfica de campo foram realizados em conjunto com minha esposa e co-pesquisadora, Dra. Ana Paula da Silva, no bairro carioca de Copacabana.. Esta pesquisa inicial foi completada com outras viagens ao campo

“Fariseus” e “gringos bons”

em vários momentos entre 2004 e 2009, totalizando cerca de 10 meses adicionais de trabalho de campo.⁴ Os dados foram reforçados pela análise de mais de 2.000 depoimentos escritos por turistas sexuais assumidos, recolhidos na internet, e 73 entrevistas informais com homens estrangeiros sexualmente ativos no Rio de Janeiro.

A maioria dos entrevistados está envolvida numa série de atividades que os deixam abertos à acusação de serem “turistas sexuais” – categoria aceita por 22 deles – e “turistas de amor” ou *monger*.⁵ Seu comportamento é marcado pela busca constante por parceiras sexuais nos pontos de venda de sexo no Rio de Janeiro e, em particular, no bairro de Copacabana. É importante notar que tal busca não significa que esses homens sejam necessariamente clientes pagantes de prostituição.

Como afirmamos em Blanchette e DaSilva (2005), a categoria “turista sexual” necessita ser relativizada, pois é uma acusação que pode ser lançada a qualquer estrangeiro visto como sexualmente ativo no Brasil. Ademais, não existe nenhuma linha clara entre estrangeiros que “namoram” brasileiras em Copacabana e os que “pagam programas”, tampouco entre prostitutas, mulheres que “só namoram gringos” (Melo Rosa, 1999) e “brasileiras normais” (i.e., mulheres

⁴ A pesquisa foi feita de acordo com os métodos de participação/observação delineados por Malinowski (1935): um dos pesquisadores mulher brasileira, negra e jovem e o outro estrangeiro e branco, de aparência mais velha. A presença como casal na orla de Copacabana, área moral entendida como habitada por garotas de programa brasileiras, frequentemente afro-descendentes, e homens, habitualmente estrangeiros, em busca de sexo comercializado (Gaspar, 1984), foi entendida como “típica” e esse fato ajudou imensamente na inserção dos pesquisadores nas redes sociais que configuram o *turismo sexual* no bairro. Nenhum dos dois pesquisadores se envolveu sexualmente com informantes no decorrer da pesquisa.

⁵ Para a etimologia do termo *monger*, ver Blanchette & DaSilva (2005). O termo vem de *whoremonger* e remete ao cliente assíduo de prostitutas.

que, presumivelmente, não namoram buscando vantagens econômicas ou sociais).

Neste artigo, levo em conta principalmente os 24 homens (dos 73 entrevistados) que mantêm presença consistente na cidade, que falam um pouco de português e que são rotulados e se auto-rotulam de *gringos* – uma categoria intersticial que remete às considerações de Georg Simmel (1950) sobre o *fremde*, que é simultaneamente êmica e ética. Na sua acepção mais simples, *gringo* pode ser qualquer estrangeiro no Brasil e não deve ser pensado como categorização nacional ou racial.⁶

O grupo de *gringos* estudado é composto de homens entre 25 e 65 anos, quase todos profissionais ou trabalhadores especializados (operários das indústrias de petróleo, aviação e telecomunicações são frequentes). A maioria (18) se auto-identifica como “branco”, minorias “negras” (5) e “latinas” (1). Nem todos queriam falar de sua situação matrimonial, mas oito admitiram ter sido casados em algum momento da vida. Oito desses homens se auto-rotulam “turista sexual” ou algum sinônimo.

A questão se esses homens podem ou não ser qualificados como “imigrantes” é bastante complexa (ver Blanchette, 2001:33-40). Sua inserção e permanência no Brasil é problemática, embora certamente não tão difícil quanto a de brasileiros nos EUA ou na Europa.

⁶ Para maiores discussões sobre o que constitui um *gringo* no Brasil – a palavra não é um sinônimo para “branco e estadunidense” – ver Blanchette (2001; 2002; 2005). O termo pode ser tomado de forma ética ou êmica. Como categoria nativa, é um rótulo brasileiro não pejorativo (mas certamente não complementar) para qualquer estrangeiro cujo sotaque nativo atrapalhe sua fluência em português. Como categoria de análise, remete a certo tipo de “outro” que se aproxime e esteja presente entre nós, ao estilo do “*fremde*” descrito por Simmel (1950). Os homens estudados aqui são *gringos* em ambos os sentidos da palavra.

“Fariseus” e “gringos bons”

O senso comum no Brasil classifica *gringos* como turistas e não como imigrantes.⁷ Todavia, esses supostos turistas frequentemente “acabam ficando” por anos ou fixam residência. Outros *gringos* se engajam numa espécie de “imigração pingue-pongue”, movendo-se constantemente entre o Brasil e seu país de origem. Em estudo anterior (Blanchette, 2001:19) sobre estrangeiros anglo-falantes, pelo menos 12 (talvez 22) dos 52 informantes tinham algum tipo de irregularidade em seus vistos, indicando que seu movimento entre seus países de origem e o Brasil estava sujeito a sanções por parte do governo brasileiro.

Entre os *gringos* “turistas sexuais” aqui discutidos, pouco mais da metade (13) viaja repetidamente ao Brasil e mora no país por períodos que variam entre uma semana e seis meses. Uma minoria significativa (9) fixou residência na cidade. Seis desses nove residentes são imigrantes irregulares e dois são cidadãos brasileiros naturalizados.

Entre os informantes, se observa o padrão, da “imigração sazonal”: o *gringo* mora seis meses no Rio de Janeiro “de férias” e volta ao seu país de origem para trabalhar durante o restante do ano. Tal padrão oferece duas vantagens: em primeiro lugar, mantém o *gringo* nas restrições do visto de turista, estabelecidas pelo Governo Federal, que autoriza a presença contínua no Brasil por seis meses em cada doze. Em segundo lugar, a migração sazonal também permite que ele trabalhe em seu país, falando a sua língua de origem (e presumivelmente ganhando um salário melhor) para se manter no Brasil. A presunção de que esse grupo é simplesmente composto de transnacionais merece ser questionada: a grande maioria relata ter problemas para visitar o Brasil quando quer e muitos afirmam desejar se estabelecer como residentes no país, mas sem possibilidade de

⁷ Para uma discussão mais nuançada de *gringos* como imigrantes e porque não são assim classificados, ver Blanchette, 2001: capítulos 1, 2 e 3; 2003;2005.

fazê-lo. Nesse sentido, parte deles deveria ser qualificada como “imigrantes frustrados”.

Também fiz entrevistas informais e não estruturadas com 36 mulheres que trabalham na prostituição em Copacabana e seis em casas no Centro que costumam ser visitadas por estrangeiros. Essas entrevistas foram recolhidas durante a observação/participação nos dois bairros entre 2002-2009. É difícil situar os dados de vida dessas mulheres com exatidão, muitas vezes elas não querem responder a determinadas perguntas (a idade, por exemplo) e evitam responder com precisão a outras (cor/raça). Todavia, podemos descrever algumas características gerais desse grupo: uma pequena maioria (22) afirma ser procedente de Rio de Janeiro, geralmente dos subúrbios ou das cidades satélites (14). Vinte se descrevem como morenas, 16 como loiras ou brancas, e oito como mulatas ou negras (os números não combinam com o total de entrevistadas, pois oito mulheres usaram múltiplos termos para se classificar e há indícios de que esse “deslizamento” da classificação de cor/raça é endêmica entre as trabalhadoras do sexo cariocas, mais um recurso manipulado para atrair o cliente).⁸

Essas mulheres reportam ganhar de quatro a 15 salários mínimos na prostituição, de acordo com o tempo gasto no ofício, a temporada, o ponto e sua performance individual em estabelecer as negociações com os clientes. Todas afirmam serem trabalhadoras livres⁹, embora duas das seis informantes

⁸ Para maiores discussões sobre como as qualificações raciais utilizadas no Brasil deslizam contextualmente, ver Harris (1964). Para uma discussão desse fenômeno no campo específico da prostituição e do turismo em Copacabana, ver Blanchette (2011).

⁹ A “liberdade” da prostituta é um discurso contra-hegemônico articulado por essas mulheres contra a visão “senso comum”, repetida pela mídia, da prostituta como escrava. Note-se que ser *livre* não é a mesma coisa que ser uma *trabalhadora autônoma*.

“Fariseus” e “gringos bons”

do Centro (que trabalham em locais fechados) também declarem pagar parte (não especificada) de seus ganhos aos “donos da casa”. As informantes de Copacabana trabalham principalmente nos bares e nas boates da orla, particularmente na discoteca *Help* (antes de seu fechamento em 2010), nos restaurantes vizinhos à discoteca e em um complexo de pequenos bares e clubes perto da Praça do Lido. A grande maioria delas aparenta ter entre 20 e 40 anos (de fato, todas se esforçam para ter uma aparência jovem e muitas mentem sobre sua idade), embora uma minoria significativa (8) aparente mais de 40 anos.

Turismo sexual como expressão de uma masculinidade *gringa* e dominante

O trabalho de Julia O’Connell Davidson tem contribuído para a percepção de que o *turista sexual hardcore* (categoria mais ou menos equivalente ao *monger*) é um tipo de estrangeiro qualitativamente diferente dos outros, marcado por sua “hostilidade sexual”, por ser “agressivamente heterossexista, profundamente misógino e bem racista” (O’Connell Davidson, 2001:6-8). De acordo com a autora, esses homens vêm países do “terceiro mundo” como lugares corruptos e sem lei “onde ‘as leis naturais’ operam” e onde os homens brancos e civilizados podem largar “o fardo da ‘civilização’ do Primeiro Mundo” sem abandonarem “todos os seus privilégios econômicos e políticos” (id.ib.:11).

Essa tipificação do “*gringo mau*” – branco, racista, heterossexista e do primeiro mundo, que vem principalmente para explorar as moças negras e morenas pobres e vulneráveis no Brasil – tem sido amplamente reproduzida na literatura brasileira sobre o turismo sexual (ver Giacomini, 1995). De acordo com essa descrição, a arrogância masculina e desrespeitosa do “*gringo mau*” é originária do assim chamado

“primeiro mundo” e das “guerras de sexo” da América do Norte e da Europa Ocidental. Para O’Connell Davidson, a atitude desse tipo de viajante é fruto da relativa ascensão da mulheres em termos do poder socioeconômico e político em seus países de origem. Desafiados pelas mulheres, esses homens buscam recuperar um passado imaginado de dominação masculina absoluta entendida como a ordem natural do gênero:

As fantasias sobre o “Terceiro Mundo” como um espaço mais próximo ao “estado de natureza” têm que ser entendidas no contexto dessas ansiedades e insatisfações sobre a ordem política no Ocidente. Não é uma nostalgia generalizada que se volta para um passado mítico que informa os desejos desses homens, mas um desejo de recuperar poderes muito específicos. Turistas sexuais *hardcore*... vêm a República Dominicana como um lugar corrupto e sem lei (“Não tem lei aqui”, afirmam), mas é simultaneamente descrita como lugar onde “as leis naturais” operam. Portanto, os homens brancos são temidos, reverenciados e obedecidos por seus subordinados “raciais” e de gênero, enquanto as dominicanas, “naturalmente” promíscuas, estão disponíveis para saciar as “necessidades” do branco, desinibidas quanto aos códigos morais da Europa ou da América do Norte. Aqui, então, os brancos podem largar o fardo da “civilização” do Primeiro Mundo, mesmo enquanto mantêm todos os seus privilégios econômicos e políticos e colecionam o que é devido a eles como brancos “civilizados” (O’Connell Davidson, 2001:11).

Nossas pesquisas indicam que, em muitos casos, a vinda de *gringos* ao Brasil em busca de sexo comercial pode ser entendida como a performance de uma masculinidade semelhante à delineada por O’Connell-Davidson – uma visão de “homem” carregada de pressuposições imperialistas,

“Fariseus” e “gringos bons”

machistas, racialistas e até racistas.¹⁰ Os turistas sexuais *mongers* também tendem a naturalizar suas buscas na direção de um “El Dorado sexual”, representando seus comportamentos como o fruto de uma biologia masculina distinta. Muitos acreditam precisar contratar prostitutas, justamente porque entendem que o homem possui uma necessidade fisiológica de ter muitas e variadas parceiras sexuais. Como um deles afirmou: “O homem tem que fazer sexo com muitas mulheres, pois é genética! Nossa biologia nos faz assim! Faz de nós caçadores!”.

Todavia, se os *mongers* afirmam abertamente estar no Brasil em busca de brasileiras entendidas como um “tipo sexual” racializado e *sui generis*, outros turistas não são diferentes. A maioria dos *gringos* afirma odiar turismo sexual, no entanto, eles também tendem a ver a sexualidade brasileira por uma ótica naturalista e racializada (Blanchette & DaSilva, 2010; 2005). É difícil afirmar – como faz a mídia popular brasileira – que existem dois tipos de *gringos* no Brasil: os que “respeitam o país” e os que “o exploram”.

Não pretendo entrar em detalhes sobre a divisão de *gringos* em categorias “boas” e “más” no pensamento popular brasileiro.¹¹ No entanto, uma simples busca no Google para “gringos AND ‘turismo sexual’” revela como os temas são relacionados em diferentes discursos. Em uma busca realizada em 15 de agosto de 2011, os primeiros cinco resultados resumiam-se a dois artigos que associavam o termo “gringo” ao “turismo sexual” e à exploração de crianças por estrangeiros; a discussão do livro *Rio for Partiers*, que supostamente apóia o turismo sexual por classificar um tipo de mulher carioca como “popozuda”; um manifesto de revolta contra uma revista

¹⁰ Sobre a racialização na zona de contato entre gringos e brasileiras no Ceará, ver Piscitelli, 2000 e 2001.

¹¹ Sobre essa divisão e como é tratada na cultura popular brasileira, ver Blanchette, 2005; Blanchette & Silva, 2005.

feminina que ensina suas leitoras a “como descolar um gringo no Carnaval”; e acusações à propaganda de uma agência de viagens dos EUA que retrata o Brasil como “paraíso sexual”. Esses artigos evidenciam a clara correspondência entre “gringo” e “exploração sexual”, mesmo quando a suposta “exploração” está inserida em relações sexuais consensuais entre brasileiras adultas e homens estrangeiros (casos 3, 4, 5).¹² Para completar o quadro, o blog “Casa Gringo – Sobre Gringos em sua Casa” (de onde foram retirados o segundo e o terceiro resultados da busca) mantinha uma votação na página inicial, em que os visitantes podiam qualificar “o gringo que eu conheço” nas seguintes categorias: “Muito Gente Boa”, “Bacana”, “Como Eu”, “Chato”, “Malandro” e “Pronto para Deporatar!”. De um total de 84 votos, as categorias mais votadas – a primeira (40), e a última (20) – 20 demonstram claramente a polarização das opiniões em face da categoria “gringo”.

¹² 1º resultado: “Turismo sexual: há muitos séculos os gringos cometem esse crime no Brasil; só agora vão investigar” [<http://routenews.com.br/index/?p=7854>]; 2º resultado: “Turismo Sexual Estimula Exploração Infantil no Brasil” [<http://casagringo.blogspot.com/2010/10/dia-da-crianca-exploracao-sexual.html>]; 3º resultado: “Guia turismo sexual?” [<http://casagringo.blogspot.com/2010/10/exagero-brasileiro.html>]; 4º resultado: “‘Gênia’ de revista feminina ensina suas leitoras a fazer turismo sexual” [<http://mariafro.com.br/wordpress/2011/03/04/genia-de-revista-feminina-ensina-suas-leitoras-a-fazer-turismo-sexual/>]; 5º resultado: “Comercial gringo faz piada com turismo sexual no Brasil” [<http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/inacreditavel/2010/03/11/242074-comercial-gringo-faz-piada-com-turismo-sexual-no-brasil>].

“Fariseus” e “gringos bons”



Figura 1: O site “Casa Gringo”, organizado por dois europeus, com votação a respeito do “gringo que eu conheço”

A palavra “*gringo*” tem sido popular e politicamente associada a “explorador” no imaginário brasileiro (Blanchette, 2001:29-30)¹³, embora, nos tempos de Brasil BRIC, as acusações de abuso de poder apontem mais para a suposta conduta sexual do *gringo* do que para sua conduta econômica (ver CEAP, 1995). O’Connell Davidson acredita que o homem *gringo*, no assim chamado “terceiro mundo”, ainda tem à sua disposição enormes privilégios decorrentes de seu posicionamento socioeconômico no sistema capitalista globalizado. Essa visão tem sido sustentada por uma série de agentes ativos na luta contra o turismo sexual no Brasil, que tendem a visualizar o gringo (particularmente os da Europa e da América do Norte) como um ser privilegiado e dominante comparado às mulheres brasileiras.

A analista de cultura Freya Johnson (1997) cunhou o termo *high other* (“outro enaltecido”) para descrever o Outro em contraposição, mas não em contradição, ao conhecido *low other* (“outro rebaixado”). De acordo com a autora, em ambos os estereótipos “(...) existe a construção costumeira do ‘outro’ (...) para distanciar e proteger o ‘eu’ de [certas] semelhanças que posso compartilhar com o objeto revoltante (...)”. No entanto, diferente da configuração tradicional do “outro rebaixado”, na primeira impressão das representações dos “outros enaltecidos” eles aparecem como atraentes, educados, organizados, bem-vestidos, etc. Porém, um contato mais estreito mostra que essa impressão é superficial e que o “outro enaltecido” é perigoso, com motivações psicológicas alienígenas e repugnantes. Como no *Retrato de Dorian Grey* (Wilde, 1891), “outros enaltecidos” podem ser atraentes, mas no fundo de seus corações são maldosos e decadentes (Johnson, 1997:14).

¹³ Sobre a presença *gringa* em Macaé, ver Milbs (2007).

“Fariseus” e “gringos bons”



Figura 2: Visão jocosa da masculinidade gringa em férias no Rio de Janeiro, retirada de um blog de um cartunista brasileiro, Pocket Caligula. Aqui, o gringo – além de sexualmente perverso – tem o poder de utilizar a infra-estrutura de seu hotel para saciar seus desejos [<http://pocketcaligula.wordpress.com/28/0/2008>].

Na construção de visões sexualizadas de *gringos* no Brasil, sua masculinidade frequentemente aparece como *high other* – pensado como um ser sedutor, mas traiçoeiro, capaz de recrutar mulheres brasileiras para fins imorais por representar o “sonho do príncipe encantado”¹⁴ (figura 3).



Figura 3: Ilustrações de um *folder* voltado para o combate ao tráfico de pessoas da ONG TRAMA, produzido em 2007, no qual um “príncipe loiro” traiçoeiro seduz uma brasileira afro-descendente com histórias de sucesso no exterior para recrutá-la como prostituta.

Nas relações sexuais e/ou afetivas com brasileiras, o gringo, norte-americano ou europeu, ainda é associado, em termos macro-políticos e estruturais, a uma série de poderes e privilégios, que ele supostamente emprega de forma quase automática em suas relações interpessoais no Brasil, em especial nas relações que envolvem sexo e, particularmente, sexo comercial.

Minhas pesquisas em Copacabana e na zona sul do Rio de Janeiro têm me instigado a problematizar essa percepção. Será que as estruturas macro-políticas e econômicas são suficientes

¹⁴ Sobre esse estereótipo, ver Melo Rosa (1999).

“Fariseus” e “gringos bons”

para que a masculinidade praticada pelos *mongers* seja claramente dominante quando performada em espaços cariocas? O que acontece, por exemplo, quando os *gringos* que acreditam nos estereótipos imperialistas de gênero, raça e sexo tentam por em operação suas noções de masculinidade em Copacabana? Os efeitos remetem linearmente à dominação e às macroestruturas do poder?

Responder a essas perguntas requer observar a interação entre *gringos* e brasileiras na zona de contato sexual, no caso, a orla de Copacabana (Rio de Janeiro), e prestar atenção nos relatos das garotas de programa que classificam os *gringos* “bons” e “maus”.

“Fariseus” e “gringos bons”

Numa noite de outubro de 2009, encontrei uma garota de programa de 35 anos, natural de Belém do Pará, com quem já tinha me encontrado em duas ocasiões anteriores, em frente a discoteca *Help*, em Copacabana, onde . Sentamos a uma mesa e começamos a conversar sobre as tentativas de fechar a discoteca protagonizadas pelo governo estadual¹⁵ e, principalmente, sobre o mercado de sexo em Copacabana diante da baixa do turismo internacional provocada pela crise financeira mundial e a alta da moeda brasileira:

Tá tudo uma merda [dizia minha amiga]. O movimento está baixíssimo e quase não tem gringo. Quando tem, é tudo fariseu: quase nunca é gringo bom.
[O que é um “gringo bom”?, perguntei]
É aquele que vem pra cá cheio de grana e com vontade de gastar. Você sabe o tipo. O cara que não consegue mulher em sua terra, então, tá cheio de amor pra dar. Isto

¹⁵ Expropriada pelo governo estadual, a *Help* seria fechada em janeiro de 2010. O prédio foi demolido logo em seguida.

é gringo bom. Paga tudo e não reclama. Está feliz em nos ver. Estes aqui [indicando as duas dúzias de homens estrangeiros sentados em frente da discoteca] são quase todos fariseus.

Não foi a primeira vez que ouvi a palavra “fariseu” usada por uma prostituta para descrever o cliente ruim. As origens bíblicas do termo eram congruentes com o fato de que muitas das prostitutas que eu encontrava em Copacabana eram cristãs evangélicas, adeptas da religião que mais cresce nos subúrbios e nas favelas do Rio de Janeiro (Jacob *et alii.*, 2004:33-44, 52). Para várias garotas de programa, o termo “fariseu” remete às histórias bíblicas em que Jesus criticava os fariseus (uma seita religiosa judaica, notável por sua rigidez moral e sua inflexibilidade nas questões de doutrina e dogma), por se pensarem moralmente mais elevados que as prostitutas (ver Lucas:7, “A fábula do fariseu e a prostituta”). Outra prostituta carioca explicou:

Fariseu é aquele homem que pensa que é melhor do que a garota de programa. Mas, como diz a Bíblia, “As prostitutas entrarão no céu antes dos fariseus e dos cobradores de impostos”.

Essa explicação é interessante, pois situa a prostituta como o equivalente moral – ou até superior – a duas categorias de pessoas com quem rotineiramente entra em conflito: o cliente e as autoridades do Estado. O termo “fariseu” visa desmoralizar o cliente difícil, situando-o como arrogante. Também detona suas pretensões de moralidade superior, pois, sendo cliente de prostituta, como pode condená-la como imoral? Porém, o uso do termo em Copacabana tem outro componente: é especialmente empregado para descrever certo tipo de cliente estrangeiro. Como explicava minha amiga de Belém, quando lhe perguntei sobre quem era fariseu:

“Fariseus” e “gringos bons”

Fariseu é aquele gringo que se acha melhor que a gente. Ele fala português e sabe agir como brasileiro. Nem fode, nem sai de cima: ele gosta de ter a gente em torno de sua mesa, fazendo *mis en scène*, fazendo-o se sentir o máximo, mas na hora do programa, não quer pagar ou só vai pagar aquela miséria.

Outra informante carioca descreve o fariseu:

É o gringo que gasta nosso tempo à toa. Você fica com ele achando que vai pagar um programa, mas chegando no “vamos ver”, não rola nada. Ele só quer te enganar, gastar seu tempo para que você tenha que ficar com ele.¹⁶ Fariseu fala português e se acha um brasileiro, mas na verdade, é uma praga.

As duas informantes são categóricas em suas descrições: fariseus falam português e agem ou pensam agir como brasileiros. Eles gastam “à toa” o tempo das mulheres.

Nesse contexto, é importante notar que os preços dos programas em Copacabana variam de acordo com a nacionalidade do cliente – as garotas de programa cobram dos *gringos* duas vezes o preço que estipulam para clientes brasileiros. É esse “desconto” que o fariseu procura: conhecendo os preços que os nativos pagam por sexo na noite carioca e dominando (pelo menos parcialmente) o português, ele busca ser tratado como cliente brasileiro.

Como afirma Elisiani Pasini (2055:5), é justamente nas negociações pelo programa que a prostituta aparece fortemente como agente, ela determina como vai dispor de seu corpo,

¹⁶ Ou seja, se a prostituta gasta a noite inteira ao lado do fariseu, esperando que ele pague um programa, ela perderá oportunidades para sair com outros clientes. Assim, no final da noite, o fariseu sabe que ela tem que ir com ele, cobrando um preço bastante reduzido, ou não vai fazer programa naquela noite.

quanto tempo vai ficar com o homem e quais serviços sexuais serão prestados. No contexto de Copacabana, uma das decisões mais importantes que ela tem que tomar é sobre quanto um dado cliente conhece o mercado de sexo no bairro e quanto ela deve cobrar em função desse (des)conhecimento. *Gringos* turistas que não falam português e que demonstram pouca habilidade em manusear as categorias nativas nas boates e nos bares de Copacabana são, notoriamente, mais liberais na negociação do programa.

Para as prostitutas de Copacabana, “gringo bom” é aquele recém-chegado que fala pouco ou nenhum português e paga os programas sem pechinchar. Essa disposição “alegre e bobão” do *gringo* recém-chegado é naturalizada pelas garotas de programa como resultado dos conflitos de gênero nos seus países de origem. “Os *gringos* gostam da gente”, afirma uma carioca de 27 anos, garota de programa em Copacabana há cinco anos, “porque lá na terra deles as mulheres não os tratam bem. Eles querem atenção e carinho e isto a gente sabe dar”.

Obviamente, nem toda garota de programa pensa dessa forma, mas me surpreendo com o alto número de depoimentos semelhantes das damas da noite de Copacabana. Ademais, essa opinião repete, quase textualmente, a construção imaginária de gênero frequentemente articulada por *gringos* ao comparar as mulheres de seus países de origem com as brasileiras: “as *gringas* não sabem mais agir como mulheres” (não sabem dar atenção para os homens ou cuidar deles), arte que as brasileiras supostamente dominam.

A narrativa de Jamie – *monger* americano, branco, profissional liberal, 42 anos, com quatro anos de viagens repetidas ao Brasil e cliente assíduo de prostitutas copacabanenses –, é um exemplo da visão do *gringo* recém-chegado:

“Fariseus” e “gringos bons”

O que as brasileiras oferecem não é só sexo, mas a sensação de carinho, de ser paparicado, mesmo se isto for por uma noite só. Os homens dos Estados Unidos não são apenas famintos de sexo, são FAMINTOS DE AMOR!!!!... Os homens nos EUA trabalham duramente, para todos os fins práticos. A maioria das mulheres americanas nos vê como máquinas ambulantes de dinheiro, pessoas que podem ajudar a criar crianças e alguém que pode preencher os sonhos femininos. A maioria delas não quer preencher nossos sonhos, porém... As prostitutas cariocas são assim: não são *hardcore*.¹⁷ Agem mais como namoradas. Conheci essa brasileira por quatro dias e ela fez mais por mim que a *gringa* com quem convivi dez anos! Eu tenho muitos outros exemplos. A brasileira latina orgulha-se em cuidar de seu homem, particularmente se ele for um BOM HOMEM. (...) Comer brasileiras quentes, bonitas e apaixonadas, que te fazem sentir um HOMEM e por pouco dinheiro, é provavelmente o melhor intercâmbio [*exchange*] que muitos desses americanos têm encontrado em suas vidas. Mesmo quando ficamos cansados das prostitutas, nunca cansamos das mulheres brasileiras e geralmente casamos com elas na primeira oportunidade. Elas oferecem paixão, um amor forte, carinho, uma trepada boa, uma bunda fantástica e um corpo maravilhoso, cabelos lindos, rostos bonitos, atitudes agradáveis e um desejo de estar com você. Sim, o dinheiro e a segurança e a promessa de uma vida nova também são atraentes para elas, mas elas também têm a vontade de te fazer feliz. Elas querem que você se sinta feliz e amado etc. e tal... [ênfase original].

Para esse informante, a disposição cultural da brasileira para fazer os homens felizes transcende meras considerações

¹⁷ *Hardcore* é um termo nativo também utilizado por turistas sexuais para descrever mulheres engajadas na prostituição de forma exclusiva e profissional, que vendem sexo “duro e frio” sem ilusão de afeto.

sobre ganhos materiais. A afirmação de que ela é atraída pelo o *gringo* porque ele pode lhe oferecer “dinheiro, segurança e a promessa de uma vida nova” segue sua disposição normativa: uma “atitude agradável” que a impulsiona para fazer o homem “se sentir feliz e amado”. Essa “atitude”, supostamente inculcada na brasileira, está presente até nas prostitutas brasileiras. De fato, no discurso elaborado pelos informantes *gringos* não existem grandes diferenças comportamentais entre mulheres brasileiras que se engajam na prostituição e aquelas que não vendem sexo. Para esse mesmo informante:

A performance dada pela prostituta é razoavelmente semelhante àquela dada por uma “garota de família” [*good girl*], por assim dizer. Lembre-se: são todas brasileiras. As profissionais vêm da mesma cultura que as não profissionais.

Segundo esse discurso, todas as brasileiras “sabem tratar bem um homem”, particularmente se ele for um “bom homem”. E quem é esse “bom homem”? O *gringo* que pode providenciar um bom futuro para a brasileira e sabe tratá-la “com respeito”, porque ele não é tão “machista” quanto o brasileiro. O informante *monger* americano prossegue:

Também acho que essa coisa de macho faz os homens brasileiros serem mais insensíveis (além de haver um maior número de mulheres no Brasil¹⁸), especialmente se

¹⁸ Um mito comumente repetido pelos *gringos* é o enorme excedente de mulheres no Brasil. Essa história foi reforçada em blogs na língua inglesa, particularmente Brazzil.com, em matéria publicada em 30/06/96 (Espinoza, 1996) e, posteriormente republicada por toda a blogoesfera que lida com Brasil, particularmente nos sites de turismo sexual. Entre outras coisas, o mito estipula um excedente de 300.000 mulheres solteiras no Rio de Janeiro. De fato, de acordo com o censo de 2000 (IBGE, 2000), há quase meio milhão de mulheres a mais do que homens no estado. Todavia, esse “excedente” tende a

“Fariseus” e “gringos bons”

eles forem desejáveis. Ele pode se livrar de uma mulher num dia só e no próximo dia já estar com outra. Os brasileiros sabem disto e as brasileiras também. Eu já ouvi muitas brasileiras em Nova York, por exemplo, dizerem que “Não tem homem no Brasil” ...

As semelhanças entre esses discursos e os dos turistas sexuais *hardcore* de O’Connell Davidson são notáveis. Nesse contexto, é interessante notar que as descrições desses homens sobre as brasileiras são semelhantes às de outros homens anglofalantes que viajam à Rússia, à Colômbia ou às Ilhas Filipinas em busca de relações sexuais/afetivas. Aparentemente, essas descrições de mulheres “não ocidentais” são baseadas em imagens genéricas não necessariamente fundamentadas nas relações de gênero vividas em qualquer lugar e sim nas expectativas “fantásticas” desses homens. Obviamente, existem adjetivos aplicados às mulheres “asiáticas”, por exemplo, que não se adequam às mulheres “latinas”. Todavia, os dois atributos centrais dessa metáfora de gênero parecem ser consistentes, independente da nacionalidade ou a raça da “não ocidental”: 1. A existência de uma biologia diferenciada, que faz a mulher ser sexualmente *sui generis*; 2. Um comportamento “tradicionalmente feminino”, que a faz “saber cuidar bem de seu homem”.

Esse discurso, facilmente reconhecido como machista e dominador, seria repudiado por muitas mulheres brasileiras como “preconceituoso” ou “desrespeitoso”, independente de quem o articule, estrangeiro ou não. No entanto, as narrativas dos informantes *gringos* ecoam nos discursos das brasileiras entrevistadas por Glaúcia de Assis (neste volume) e por Renata Mello Rosa (2000). Ou seja, embora esse mito da brasileira seja claramente uma naturalização de performances sexuais em um

se concentrar nas faixas etárias acima de 35 anos – justamente a população feminina que não é tipicamente procurada por turistas sexuais.

determinado contexto (a prostituição em Copacabana), naturalizações semelhantes podem ser encontradas em depoimentos de vários grupos de brasileiras nas discussões sobre sexo, gênero e relações interpessoais com estrangeiros.

Essa qualidade mítica de “brasilidade”, aos olhos de muitos informantes *gringos*, parece capaz de resolver a contradição moral inerente tanto à categoria “garota de programa” quanto à de “moça de família” e, de maneira subsequente, à natureza (sexo) e à cultura (dedicação à família monogâmica). A antropóloga Renata Melo Rosa (2000:3) analisa:

Vejamos como a representação do Brasil, do Rio de Janeiro e das mulheres que ali vivem parece fazer parte de uma unidade coerente nas representações desses estrangeiros. A associação entre gênero, identidade nacional, cor e excitação está imbricada neste modelo de representação. Trata-se de uma associação simbólica que engloba as noções de natureza tropical exuberante, de um lado, e de natureza feminina, de outro, cujo fato de ter nacionalidade brasileira e pertencer ao gênero feminino guardaria atributos específicos, como o livre exercício da sexualidade e a beleza física. Ao mesmo tempo, espera-se que as brasileiras, embora com uma sexualidade “livre”, tenham uma “vocação” para cuidar da casa e dos filhos, haja vista a alta incidência da palavra casamento nos anúncios. O paradoxo entre a “mulher amante” e a “mulher do lar” parece ser dissolvido na menção à mulher brasileira, já que supostamente sua identidade abarcaria estas duas dimensões. A impressão que se tem    que, de um lado, as mulheres brasileiras estariam no “estado de natureza”, no que tange ao exercício de sua sexualidade, ao passo que, na esfera doméstica, ela aderiria tacitamente    divisão sexual do trabalho. Esta expectativa “masculina”, “europeia” ou norte-americana é, por vezes, corroborada pelas entrevistadas, que concordam em enviar fotos

“Fariseus” e “gringos bons”

seminuas e alimentam, ao mesmo tempo, o desejo de “formar um lar”.

Como os *mongers* que participam desta pesquisa, as informantes brasileiras de Renata Melo Rosa (a maioria de classe média) afirmam que entendem o *status* de seus parceiros como diretamente relacionado à sua identidade nacional e à suposta capacidade de ser provedor da mulher e do lar (id.ib). Adicionalmente, qualificam seus namorados *gringos* como mais românticos e menos machistas que os brasileiros. Uma das informantes de Melo Rosa afirma:

A grande maioria dos homens europeus é muito romântica. Os homens se apresentam no primeiro encontro com um maço de flores, coisa que aqui não se faz minimamente. Aqui o primeiro encontro é para tomar um choppinho. Aquele clima de romantismo aqui praticamente não existe. Aquela coisa de vamos jantar fora não existe. Eu não me relaciono com homens brasileiros porque homem brasileiro dá azar. Homem brasileiro não é pecado, é a própria maldição. Se eu tivesse que me casar com um homem brasileiro [rindo] hoje, eu não faria nem com pagamento (id.ib.:4).

As garotas de programa de Copacabana também salientam as características supostamente superiores dos homens estrangeiros e repetem uma lista de características que, muitas vezes, são as mesmas enunciadas por mulheres brasileiras não engajadas na prostituição. De acordo com as garotas, o *gringo* é “mais carinhoso, mais respeitoso e menos machista” do que os brasileiros.

A grande diferença entre a visão da feminilidade brasileira articulada por uma garota de programa em Copacabana e a descrita por um cliente *gringo* ou por uma “moça da classe média” brasileira não está relacionada com as

diferenças nas interpretações de gênero desses três grupos: todos (mulheres de classe média, prostitutas e *gringos* recém-chegados) acreditam que os homens estrangeiros estão insatisfeitos com a feminilidade das mulheres de seus países de origem e concordam que “a brasileira tem aquilo” que falta na vida sexual/afetiva do estrangeiro (independente de como definem “aquilo”). A diferença entre as interpretações dos três grupos remete à atribuição das razões que supostamente ancoram a performance da feminilidade brasileira. Na aceção dos *gringos*, essa performance é quase naturalizada, resultado de um treinamento cultural por eles rotulado como “latino” e “não ocidental”, que está enraizado num corpo biologicamente “mestiço”. As “moças da classe média” que namoram *gringos* tendem a apresentar sua performance como resultado do treinamento cultural (mas também podem naturalizá-la, como aponta Piscitelli [2001:18]). Segundo as garotas de programa, essa performance geralmente é entendida como algo consciente, de acordo com o que elas sabem sobre o quer o cliente e vai pagar para ver.

No caso das garotas de programa, é interessante notar que a descrição positiva do *gringo* quase nunca é efetuada de forma global, sempre há nacionalidades preferidas e, mais significativo, elas variam de acordo com o valor das moedas estrangeiras e/ou com a nacionalidade do homem com quem a garota está falando.

Minha esposa e co-pesquisadora, Dra. Ana Paula da Silva,¹⁹ por exemplo, recebeu “dicas” das garotas acerca dos *gringos* que representam um bom investimento na noite carioca – “o bom do momento” é quase sempre o de nacionalidade cuja

¹⁹ Ana Paula é negra, carioca e de aparência jovem. Quando anda com Thaddeus, *gringo* e branco, frequentemente ela é identificada pelas garotas de programa como uma principiante, novata no ofício da prostituição. Nessas ocasiões, Ana costuma receber conselhos sobre quais *gringos* são um bom investimento.

“Fariseus” e “gringos bons”

moeda está em alta. Quando o dólar estava forte, entre 2002-2005, “gringo bom” era quase sempre americano – porém, em geral, somente os americanos brancos (os negros eram qualificados como *safados* – termo semelhante a *fariseu* – cliente que quer sexo barato ou gratuito).

Com a queda do dólar e a subsequente alta do euro, as prostitutas passaram a ver os americanos como “arrogantes e safados” e os europeus – italianos e, particularmente, franceses – tornaram-se os “bons gringos”. Desde o início da crise financeira global em 2008, houve uma terceira virada: com o dólar e o euro desvalorizados diante do real, houve uma revalorização do negro americano, que se transformou em “uma boa aposta”, pois marca presença constante em Copacabana (como afirmou uma garota “Os negros são fiéis à marca”, i.e., continuam a visitar o Rio de Janeiro à procura de mulheres brasileiras apesar da crise). Dessa maneira, “o gringo bom” parece variar de acordo com a população nacional ou étnica que mais ativamente está gastando na orla. Interessante notar que, desde o fechamento da discoteca *Help* em janeiro de 2010 (nexo principal do turismo de sexo no bairro) e o escoamento contínuo de turistas estrangeiros do Rio de Janeiro em função da crise econômica internacional, parece ter havido uma reavaliação do cliente brasileiro pelas garotas. Pela primeira vez em sete anos de trabalho de campo em Copacabana, noto que o brasileiro tem sido comparado favoravelmente em relação aos *gringos*.

Uma segunda instância dessa valorização flexível do *gringo* ocorre quando uma garota de programa investe num cliente potencial. Nesses momentos, a nacionalidade tende a ser privilegiada no discurso da garota. Em 2005, eu (americano, branco, 37 anos) dividia uma mesa num restaurante em Copacabana com um amigo inglês (branco, 30 anos). Logo chegou à mesa uma garota de programa carioca – morena, 25 anos – e iniciou a conversa com o britânico em inglês. No

decorrer de uma hora de conversas entre os dois (em que fingi não estar prestando atenção), a mulher afirmou sua preferência pelos europeus, particularmente os ingleses, falando de uma viagem que havia feito à Inglaterra com seu namorado em 2004. Também afirmava não gostar de americanos. O inglês não queria pagar o programa e foi embora. Logo após, a garota virou-se para mim e começou uma conversa em português. Quando descobriu minha nacionalidade, imediatamente afirmou seu interesse pelos Estados Unidos, sua preferência pelos homens americanos e seu desejo de conhecer o país.

A habilidade das garotas de programa de Copacabana em valorizar de forma flexível a nacionalidade e/ou a etnicidade de seus clientes é tão notória, que tem sido incorporada na literatura popular sobre a vida no bairro. Na história em quadrinhos *Copacabana*, a protagonista Diana, uma prostituta da orla, declara a um cliente brasileiro que “Hoje só tem gringo. Não aguento esses nojentos. Eles só querem saber de gozar em nossa cara”. No entanto, duas páginas depois, ela reclama para um cliente estrangeiro que os brasileiros só gostam do sexo anal. A sequência termina com Diana falando, em quatro painéis distintos, a quatro homens diferentes: “Finalmente... encontrei... alguém... interessante” (Lobo & Odyr, 2009:29-32).

“Fariseus” e “gringos bons”



Figura 4: Garota de programa de Copacabana com quatro homens interessantes (Lobo & Odyr, 2009: 32)

As garotas de programa de Copacabana sabem o que os clientes querem: o cliente, *gringo* ou não, paga por uma fantasia em que ele é o melhor homem do mundo. Ele paga, – como aponta o informante *gringo* acima citado – para se sentir “um HOMEM”. A nacionalidade e/ou a etnicidade pode ser facilmente manipulada na criação dessa fantasia, como qualquer outro marcador de identidade.

A criação dessa fantasia é crucial para o tipo de prostituição que faz com que Copacabana seja notada tanto no mercado carioca de sexo quanto no mercado global. Esse estilo especial é conhecido por clientes e prostitutas no ramo norte-americano da indústria de sexo como o *girlfriend experience*

(“experiência de namorada”); um encontro sexual que, embora comercial, segue a linguagem simbólica do sexo afetivo e relacional (Bernstein, 2001:125-130; Blanchette & DaSilva, 2005:277). Não quero afirmar com isso que as garotas de programa de Copacabana sejam incapazes de amar, como demonstram Blanchette & DaSilva (2005:279-280), o namoro pode ser uma estratégia excelente para uma garota movimentar-se internacionalmente, mudar de carreira e/ou ganhar dinheiro e outros bens. Também não quero afirmar que o afeto da prostituta por um cliente seja necessariamente fingido. Todavia, esta pesquisa confirma que, longe de ser uma atitude cultural inconsciente, as práticas que visam fazer um cliente se “sentir feliz e amado” são conscientemente efetuadas na expectativa de obter benefícios (Gaspar, 1984; Olivar, 2010; Piscitelli, 2001; Tedesco, 2008).

As informantes garotas de programa reconhecem que, na prostituição, vende-se muito mais do que um simples ato sexual. Como afirma Vânia, branca, 31 anos (nove na prostituição), a *girlfriend experience* é uma modalidade de prostituição que exige um dispêndio de tempo e de energia emocional:

Trabalhando em Copa, você tem que ficar pendurado no cliente, seduzindo-o. Você pode gastar horas fazendo isto e aí o cara não quer pagar um programa. Você tem que bater altos papos – na língua deles, inclusive – prestar atenção, paparicar... E quando chega na hora do “vamos ver” – se é que chega nessa hora – você tem que fazer tudo o que ele quer, a noite inteira, e ainda gozar, mesmo se o cara for um nojo. Aqui [a termas de segunda categoria no centro do Rio de Janeiro, onde Vânia atualmente trabalha], não tem nada disto. Quer dizer, ainda precisamos atrair o cliente. Não é “abre-se as pernas e vamos lá”. Mas é basicamente o sexo que se vende aqui. O cara te leva para a cabine, te come por 40

“Fariseus” e “gringos bons”

minutos, paga e vai embora. Você não precisa ficar lá falando que ele é o máximo. Se ele broxa, por exemplo, problema dele: o relógio ainda está andando, ô!

Esse depoimento desvenda o segredo daquilo que faz do fariseu um ser tão odioso para as garotas de programa de Copacabana. Para elas, o processo de se aproximar, conversar e seduzir o cliente faz parte “da batalha”. Dar atenção e carinho a um homem – “fazê-lo sentir-se HOMEM” – não é um processo automático, natural ou culturalmente inculcado: é trabalho (Olivar, 2010; Araujo, 2006). De fato, é assim classificado, no contexto da prostituição, pelo Ministério de Trabalho brasileiro (Classificação Brasileira de Ocupações, 2011). Se o cliente recompensa esse trabalho e paga o programa sem discutir o preço, ele é considerado “bom”; se for gringo, é um “gringo bom”. Mas se o cliente “gastar o tempo da garota à toa”, deixando-a “fazer uma *mis en scène*” que o faz se “sentir o máximo”, mas no final da noite não paga o programa, ele efetivamente se apossou de seu tempo e energia. Esse *fariseu* será equiparado aos clientes brasileiros, que pagam preços reduzidos para o programa.

Mas como o “gringo bom” das prostitutas, recém-chegado, preconceituoso e cheio “de amor para dar”, se transforma em *fariseu*? A resposta a esta pergunta pode ser encontrada no termo que turistas sexuais contumazes usam para indicar o *fariseu*: no léxico dos *mongers*, ele é um *veterano*.

Um *veterano* já viajou várias vezes ao Brasil, talvez tenha morado no país ou é residente. Ele sabe falar português, pelo menos parcialmente, e se locomove sem um guia nativo. Em termos do jogo de gênero, o *veterano* percebe as brasileiras como mulheres *sexy*, mas geralmente já não acredita que elas sejam completamente diferentes das mulheres de seu país de origem.

Numa discussão virtual sobre sexo e turismo no Brasil, David (*monger*, negro, americano, profissional liberal, 35 anos)

descreve a evolução do “gringo típico” de *novato* a *veterano*, em seis etapas:

ALGO ESTÁ ME FALTANDO: Desafeto pela sociedade moderna... o gringo macho começa a procura para uma terra mítica... onde seu passaporte vai lhe garantir uma série de mulheres atenciosas que vão tratá-lo como especial.

A CHEGADA: O gringo... chega em São Paulo/Rio de Janeiro e encontra uma terra de contrastes brutos e beleza luxuosa... [Ele] logo se convence que qualquer país que tenha tantas prostitutas e jovens bonitas e altivas... tem que ser um paraíso terrestre.

INDO EMBORA: O gringo... se convenceu de que as brasileiras são de fato as mulheres mais sexy do mundo. Afinal das contas, elas acham que ELE é atraente. Como não podiam ser as melhores mulheres do mundo? Ele acha que as mulheres em EUA/Europa/Austrália são “malucas” e que só a brasileira permanece como a mulher DE VERDADE. O gringo jura fazer uma volta triunfante...

A VOLTA (REPETIDA): O gringo... tenta aprender a língua, entendendo que, minimamente... isto vai lhe permitir barganhar melhor com as putas. A maioria espera que, com um português melhor, vai poder encontrar uma verdadeira brasileira que não seja uma puta e que vai tratá-lo como o rei que ele sabe que é.

A DESILUSÃO: Após uma dúzia de viagens ao Brasil, o gringo agora se transformou em um ser amargo e cínico. Agora percebe que as brasileiras normais se preocupam, e muito, com juventude, beleza, personalidade e o senso de humor [de seus parceiros]. O gringo se descobre rejeitado pelas patricinhas brasileiras e ridicularizado pelas mulheres da classe média alta... Para acrescentar insulto à injúria, descobre que TODOS OS GRINGOS tiveram o mesmo “sucesso” com as mulheres brasileiras [prostitutas] que ele teve.

“Fariseus” e “gringos bons”

O SONHO DO EXPATRIADO: Apesar da desilusão, estes homens percebem que seu dinheiro e *status* ainda têm certo peso para a população feminina e mercenária do Brasil. Adicionalmente, sexo é sexo e eles percebem que é melhor pagar e ter algo em vez de viver a existência de um homem ocidental decadente. Preparam-se, então, para viver no Brasil [ênfase original].²⁰

Embora obviamente jocosa e estereotipada, essa “cronologia” salienta um ponto importante da experiência do turista sexual no Brasil. Na medida em que ele lida com as realidades vividas no país e aprende a falar português, é cada vez mais difícil sustentar a visão “fantástica” da brasileira delineada pela *sexscape* global. O que antes aparecia como “alegria” e “carinho”, cada vez mais, aparece como “cinismo” e “manipulação”. O *gringo* percebe que ele está pagando muito mais pelo sexo comercial do que os nativos e aquilo que ele achava especial está disponível a todos mediante um preço.

É interessante notar as semelhanças e as diferenças das últimas etapas dessa trajetória com a categoria *sexpatriate*, estabelecida por O’Connell Davidson (id.). Para a autora, os homens americanos e europeus decidem migrar para “paraísos sexuais” no terceiro mundo porque as relações sexuais no país de destino afirmam suas expectativas racistas, machistas e classistas. Ou seja, como “perdedores” nos EUA e na Europa – num jogo de gênero que, cada vez mais, valoriza a independência socioeconômica da mulher e não enfatiza as diferenças entre os sexos –, eles se transformam em “ganhadores” no terceiro mundo, onde o jogo de gênero supostamente representa condições mais tradicionais.

Tanto O’Connell Davidson quanto o informante *monger* percebem que tal manobra é calcada no dinheiro e no *status* do

²⁰ A descrição original, de quase três páginas, foi reduzida no sentido de destacar os pontos mais básicos.

expatriado enquanto cidadão do primeiro mundo. No entanto, para David, a situação vivida pelo *sexpatriate* no Rio de Janeiro é uma “vitória” condicional e um tanto oca: em primeiro lugar, porque as brasileiras das classes mais abastadas o vêem com desprezo e, em segundo lugar, porque seu “sucesso” se deve, principalmente, à sua capacidade de pagar prostitutas.²¹

Ao contrário de constantemente afirmar a superioridade de sua masculinidade hegemônica e primeiro-mundista, o Brasil pode expor o *gringo* ao ridículo. Na medida em que o estrangeiro começa a dominar as categorias nativas referentes ao gênero, ele fica cada vez mais consciente dessa possibilidade. De fato, à medida que o tempo passa, cresce certa tendência entre os *gringos* de classificarem os brasileiros como agressivos, falsos e manipuladores. Sean, canadense, branco, 35 anos, professor de inglês, residente no Brasil há oito anos, que afirma nunca ter pago por sexo, explica²²:

As pessoas nunca recuam aqui no Rio. Quer dizer, elas te empurram contra a parede, te chutam no saco e, se você reage, elas ficam chocadas e dizem que você está estressado.

Os brasileiros são avançados demais para mim. Eles têm um sistema social para tudo. São bem mais desenvolvidos que eu em termos sociais [risadas]. Eles sabem o que querem, sabem como pegar e no final do dia não são nada polidos. De fato, são bem rudes e egoístas [*crass*].

²¹ Com a queda do dólar e do euro diante do real a partir de 2008, o sexo comercial não é mais barato no Brasil que em outros países. Previsivelmente, muitos informantes *mongers* veteranos estão buscando outros destinos para o turismo sexual.

²² Sean não é um turista sexual. No entanto, suas observações são semelhantes às dos informantes *mongers* e expressam um sentimento de muitos homens estrangeiros anglofalantes que fazem do Rio de Janeiro seu lar.

“Fariseus” e “gringos bons”

Não é incrível? Uma das minhas primeiras observações sobre o Brasil é que a gente daqui te julga baseado no que podem ganhar de você e, se eles te fazem um favor, este vai ser marcado num pequeno livro de contas em algum lugar. Ele vai voltar a te assombrar em algum momento... *Esperteza, Malandragem...* [As palavras em itálico foram ditas originalmente em português].

Assim, o comportamento que muitos brasileiros chamariam de “cordialidade”, inicialmente entendido pelos *gringos* como *friendliness* (“com disposição de ser amigo”) e *niceness* (“gentileza”), passa a ser interpretado como rudeza e egoísmo ou, pelas categorias nativas, como “malandragem” e “esperteza”. No discurso de Sean, o gringo precisa se proteger desse comportamento, porque qualquer ajuda, aparentemente inocente, será cobrada mais tarde e “com juro”. Embora horrorizado com a situação, Sean descreve esse sistema de socialização como “mais desenvolvido” e “mais avançado” do que o de seu país. Ele sente que a capacidade do brasileiro de manipular com segurança as micro-interações do cotidiano a seu favor, através de um sistema de “prestações sociais” (Mauß, 2003), coloca-o numa situação em que ele “consegue o que quer”. De fato, a sociabilidade no Brasil é aqui descrita como se fosse uma batalha constante. Como Sean advertiu em outra ocasião,

Nós gringos temos que nos defender aqui, pois a sociabilidade nesse país funciona que nem carrinho de bate-bate [*bumper cars*].

O brasileiro vai atrás de você até conseguir o que quer, mesmo que a vitória seja pelo cansaço. E isto vale o dobro nos relacionamentos [sexuais-afetivos]. Em todos os meus anos aqui, em todas as minhas relações, eu nunca consegui ganhar um argumento com uma namorada brasileira. Simplesmente não dá.

Embora essa descrição possa ser entendida como agressiva e preconceituosa, ela está notavelmente distante da sensação de poder e superioridade, como aponta O’Connell Davidson, existente entre os *sexpatriates* e os turistas sexuais *hardcore*.

Apesar de Sean afirmar nunca ter sido turista sexual, suas opiniões ecoam nas palavras de vários *mongers veteranos* que, frequentemente, criticam a sociabilidade brasileira como agressiva e cínica. Em particular, existe a crença de que, se um gringo aceitar muitos favores não pagos de uma garota de programa, ela começará a pensar no gringo como “sendo dela”. Portanto, a situação descrita por Jamie – a da garota de programa que supostamente “toma conta de seu homem” –, inicialmente vista como uma “vantagem” das relações sexuais-afetivas comerciais no Brasil, rapidamente se transforma em algo percebido como perigoso. O alerta de um *monger veterano* aparece em um site de internet para um recém-chegado no Rio de Janeiro:

Toma cuidado aí, meu amigo! Não transa com a mesma mulher duas vezes numa semana e, pelo amor de Deus, não deixa ela dormir em seu apartamento, a não ser no contexto de um programa pago. Cara, você acha que é legal ter xota de graça e que ela te ama e por isto vai ficar com você sem cobrar? Você não a está pagando para *dormir* com você, meu camarada, mas para *ir embora* no dia seguinte.

Essas putinhas são que nem cadela: todas marcam seu território. Se você deixa ela ficar com você, fazer coisas para você, te ajudar etc., logo, logo você não tem uma puta: você tem uma namorada. Mas você não a ama? Azar seu, meu amigo: ela vai falar para todas as outras putas que está com você e logo ninguém mais vai querer se aproximar. E se, por acaso, alguém tentar, ela vai

“Fariseus” e “gringos bons”

montar barraco [*cause a scene*]. Vai chegar em seu apartamento quando você estiver com outra mulher e vai fazer um escândalo que vai acabar com a polícia sendo chamada. E você sabe quem está errado numa situação dessas? Você, o gringo, é claro! É bem capaz de ser ela mesma que vai chamar a polícia – um tira que ela conhece – e aí você pode ir explicando tudo para o delegado, meu amigo, ou ir pagando uma propina para o amigão de sua “namorada”. Nenhum favor e certamente nenhuma trepada é gratuita nesse país.

Esse depoimento revela a percepção de que a “atitude agradável” e “não *hardcore*” da garota de programa copacabanense pode ser uma estratégia para tentar marcar um relacionamento de exclusividade com um determinado cliente. Como observa outro *veterano*,

Não é que essas mulheres realmente sintam algo por nós quando dão esses ataques de ciúmes; é que nós representamos uma fonte de renda bastante considerável e vale a pena lutar para tentar manter aquilo.

A teia de competição e sociabilidade entre as garotas de programa, notoriamente bem desenvolvida, é expressa por um termo próprio entre os *mongers*: *garotamet*, corruptela de “internet”, que remete às comunicações entre garotas de programa sobre clientes estrangeiros quando eles não estão presentes. Não é incomum, por exemplo, um *gringo* afirmar ter transado com uma garota em Copacabana na segunda-feira, ter ido às termas *Dado de Quatro*, no Centro, na quarta e, na sexta, ao reencontrar a primeira mulher novamente na discoteca *Help*, ser abordado por ela com uma descrição completa de suas atividades nas termas.

José Miguel Nieto de Olivar (2010) utiliza o conceito de “predação familiar” (originalmente desenvolvido pelo

antropólogo Carlos Fausto (2001), no contexto da etnologia amazônica) para retratar a relação “caçadora/caçado” que me parece existir entre muitas prostitutas e seus clientes estrangeiros em Copacabana. De acordo com Olivar:

“Caçar” e “comer”, conceitualizados como “conhecer alguém para relacionar-se sexualmente”, são categorias muito frequentes nas classes médias e populares [das metrópoles brasileiras]. Geralmente, correspondendo com o par ativo/passivo atrelado à masculinidade/feminilidade, o sujeito da ação – o caçador e o comedor – é masculino e a presa, feminina. Pois bem, tais categorias são também centrais e explicativas na prostituição feminina [na] cidade, especialmente na de rua [e podemos acrescentar, no caso de Copacabana, a de bar e boate]. Porém, na perspectiva das mulheres prostitutas, ainda que na maioria das vezes “comer” seja a ação de um sujeito masculino e ser comido(a) produza a feminilidade, “caçar” é uma ação profunda e radicalmente feminina.

Elas, as prostitutas, são as caçadoras: e as deslumbrantes, hipnóticas e escorregadias feminilidades das que se investe o corpo requerido para a “batalha” (Olivar, 2010:139).

Como afirma Olivar em outro texto (2011:94),

Na lógica da prostituição beligerante observada nas narrativas, “comer a puta” é base da fantasia do cliente e, portanto, centro da eficácia da prostituição. O cliente também se pensa um caçador, que usufrui do corpo disponível.

Todavia, o cliente *gringo*, cujo domínio do português e dos códigos culturais cariocas é imperfeito, assim como o conhecimento do Rio de Janeiro como *sexscape* é parcial, coloca-

“Fariseus” e “gringos bons”

se numa posição de excepcional vulnerabilidade como a “presa” nesse jogo. Aparentemente, Olivar descreve uma realidade que é despercebida pelo *novato*, mas que chega a ser o centro das preocupações do *veterano*: sendo *gringo* e cliente potencial de prostituta, ele é a presa e não o caçador que imaginava.

Outra transformação que começa a aparecer nos discursos *gringos*, à medida que um deles prolonga o seu engajamento com o Brasil, é a crescente noção de si como exótico e, portanto, atraente para outras categorias de brasileiros, além das mulheres heterossexuais. “As mulheres brasileiras são bem sensuais e é sempre um alívio voltar pra cá”, afirma Sean. Todavia...

Coisa que não aguento são os homossexuais agressivos aqui no Rio. Às vezes acho que os homens brasileiros são predominantemente homossexuais. Quero dizer, olha pra mim: pareço celta, certo? – pele bem branca, cabelo vermelho, olhos verdes – não me encaixo visualmente aqui. Consequentemente, atraio muita atenção e não só das mulheres. Sempre tem homens me mandando esses olhares de “vem cá, meu amor”.

Quero dizer, os brasileiros heterossexuais não respeitam as mulheres, então não será nada diferente com os gays, né?

Li uma vez que os brasileiros não se consideram homossexuais, desde que não sejam passivos. Isto faz sentido pra mim, quando penso no fato de que muitos dos caras que me paqueram parecem favelados. Pelo que eu entendo, eles acham que qualquer homem que vive um estilo da classe média confortável há de ser efeminado.²³ E, pelo fato de que somos gringos e de que

²³ Interessante notar que Souza (2003) confirma a existência de certo preconceito contra os supostos “homens efeminados da classe média”, mas

todos presumem que somos ricos, a gente deve parecer um bando de veados para esses caras.

Esse depoimento revela uma sensação de vulnerabilidade face às qualificações brasileiras de quem é ou não “verdadeiramente homem”. A agressão sexual, que era vista como algo exclusivamente direcionado pelo brasileiro macho à brasileira, agora aparece como uma categoria do homem brasileiro em geral. Se a homossexualidade no Brasil supostamente é adjudicada à performance sexual (passiva ou ativa) e não ao sexo do parceiro, mesmo um homem heterossexual pode ser entendido como alvo da agressão sexual masculina. Além disso, a masculinidade mais domesticada (“classe média confortável”), que no discurso estipulado pelo *gringo* recém-chegado aparece como mais dominadora que o suposto machismo bruto do brasileiro, é aqui revalorizada como indicativa da homossexualidade. Novamente, embora esse depoimento seja preconceituoso e carregado de sentimentos nada gentis para com o Brasil e os brasileiros, é difícil detectar a afirmação de uma masculinidade *gringa* toda poderosa.

A mesma homofobia desmasculante aparece de forma acentuada entre os *mongers* com relação à travesti. De acordo com os *veteranos*, as travestis são encontradas em quase todos os bares, boates e restaurantes de prostituição em Copacabana, misturando-se às “mulheres de verdade” e conscientemente tentando enganar clientes estrangeiros.

Esta pesquisa de campo permite classificar essa história como mitológica, no sentido de uma narrativa simbólica, não necessariamente sustentada na realidade observada, mas que revela as preocupações de determinada comunidade. Em

não entre favelados, e sim entre os “homens de verdade” do subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro.

“Fariseus” e “gringos bons”

repetidas viagens ao campo, nunca vi um ambiente completamente misto de prostitutas mulheres e travestis. Mesmo na Rua Prado Júnior, onde os dois tipos de trabalhadoras sexuais poderiam ser encontrados na primeira década do século XXI, as travestis ocupavam um espaço claramente definido e distinto daquele das mulheres. De fato, a maioria dos *points* fechados de prostituição em *Copa* não permite a entrada de travestis. Em geral, os dois grupos não se misturam porque vendem serviços sexuais para consumidores distintos. Uma travesti não teria interesse em trabalhar na discoteca *Help*, por exemplo, mesmo que não fosse barrada na porta, pois não encontraria muitos clientes.

Nos discursos dos *veteranos*, as travestis são um perigo constante, pois estão em toda parte e gostam de enganar “homens de verdade”. Essa narrativa segue a acepção tradicional e hegemônica da homossexualidade como algo contagioso, porém, toma uma configuração interessante no medo da travesti como portadora do contágio e de ameaça constante. Esse medo revela uma permanente preocupação dos informantes *veteranos*: “no Brasilas coisas não são como aparentam ser” – nem as mulheres. Novamente, esta não pode ser qualificada como a sensação de um estrangeiro que se sente afirmado e “empoderado” por seu dinheiro, sua cor, masculinidade e nacionalidade.

Os *gringos* tentam contornar essas incertezas e inseguranças: em vez de salientarem sua alteridade como estrangeiro, muitos tentam reduzi-la.

A reação típica dos *veteranos* às ambiguidades abertas pelos múltiplos jogos de gênero em Copacabana, por exemplo, é tentar agir mais “como os homens brasileiros”. De acordo com os *mongers*, isso significa “ser mais duro”; desconfiar do preço estipulado pela prostituta; não “tratar a puta como se ela fosse uma amiga” e entender que ela “é apenas uma puta”; sempre desconfiar do gênero de seus interlocutores; e perceber que o

sexo comercial em Copacabana “é um jogo”, com claros ganhadores e perdedores. Entender, afinal, que a posição de adversário que o *gringo* mantinha com as mulheres em seu país de origem continua no Brasil – a mudança para uma terra estrangeira não o colocou fora da guerra dos sexos, num paraíso dos homens, ao contrário, situa-o em um jogo social de gênero cujas regras ele não domina.

Todavia, se os *gringos* vêem a masculinidade brasileira como “agressiva”, suas tentativas para serem assimilados às vezes resultam no cultivo de certa passividade. De acordo com um informante americano (negro, 37 anos):

O jeito é ser mais calmo e saber que você é o dono do negócio. Por exemplo, quando vou à *Help*, todo mundo me vê como gringo e as meninas sempre querem R\$ 300, no mínimo, pelo programa. O novato paga isto sem pensar duas vezes. Eu, porém, sei que se eu bater papo com as meninas e esperar, o negócio vai virar a meu favor, porque sempre tem mais delas e são elas que estão trabalhando, ou seja, se não pegar ninguém, a noite é um fracasso.

Então nem vou mais à *Help*. Fico lá fora [no restaurante em frente à discoteca] e, lá pelas 3 horas da manhã, eu encontro as mesmas garotas, agora cobrando só R\$ 150 ou até R\$ 75. Essa é a minha teia de aranha, onde capturo minhas presas. Nem sempre consigo as garotas que quero, quando quero, mas sou uma aranha paciente. É um jogo, sim senhor! E as garotas sabem bem disto. Saber jogar o jogo é parte da diversão.

Essa narrativa revela que, do ponto de vista da prostituta, o *fariseu* de hoje é o “bom *gringo*” de ontem. Longe de serem figuras completamente separadas, em muitas instâncias, é o mesmo *gringo* antes e depois do contato com o jogo de gênero exposto no Brasil (mais precisamente, na zona de contato entre sexo e turismo na zona sul do Rio de Janeiro).

“Fariseus” e “gringos bons”

De outro lado, na medida em que o *monger* melhora seu português e adquire mais contatos sociais brasileiros, é provável que ele saia da zona de prostituição e turismo em Copacabana e se reinvente, aos olhos da mídia brasileira e da “boa sociedade” carioca, como um “gringo bom”, levando suas atividades para as casas noturnas da classe média na Lapa e em Ipanema e para outros círculos de sociabilidade heterossexual.

Conclusão

A configuração dessa masculinidade subverte a noção popular, frequentemente expressa na mídia brasileira, nos discursos de agentes vinculados à política e às ONGs e até em algumas análises sociocientíficas, de uma masculinidade hegemônica primeiro-mundista, exploradora e inteiramente dominante. Aqui, vemos que o “gringo ideal” da garota de programa em Copacabana é o *gringo* recém-chegado, cheio de pré-noções e fantasias sobre o Brasil e as brasileiras, e pronto para desfrutar uma sexualidade liberada no lado de baixo do equador. Esse, enfim, é o “gringo nojento”, recorrentemente caracterizado na mídia popular nacional como explorador das mulheres brasileiras: o gringo que é, de acordo com as garotas, o mais fácil de ser explorado. Tais atitudes não tornam esse homem estrangeiro dominante ou todo-poderoso nas noites cariocas. Ao contrário, sua ignorância sobre o funcionamento dos jogos de gênero no Rio de Janeiro – particularmente o sexo transacional e a prostituição – o deixa vulnerável a uma série de manipulações sociais e econômicas. Todavia, na acepção das garotas de programa de Copacabana, ele é “*filet mignon*”: pronto para ser comido com gosto e ávido para pagar pela experiência. Eis, então, o “bom gringo” das trabalhadoras sexuais da orla, o tipo estrangeiro que, para essas mulheres, explora menos e respeita mais: o cliente “trouxa”, identificado em Olivar (2010:150), é justamente o tipo de *gringo* entendido

como vil explorador nos discursos da mídia e dos políticos referentes ao turismo sexual.

De outro lado, o *gringo* que tem vivido no Brasil pelo menos parcialmente, socializado de acordo com as normas locais, é taxado pelas garotas de programa de “explorador”, “safado” e “fariseu”, na medida em que ele está atento às várias possibilidades das interações entre homens e mulheres na noite carioca e ciente de que nem todas estão a seu favor.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Rogério. *Prostituição: Artes e Manhas do Ofício*. Goiânia-GO, Cànone Editorial, 2006.

BERNSTEIN, Elizabeth. *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Commercialization of Sex*. Chicago, University of Chicago Press, 2001.

BLANCHETTE, Thaddeus. Putas, “Playas” e os *Hells Angels*: turismo sexual, classe, raça e mestiçagem em Copacabana. *XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro das Ciências Sociais*, Salvador, Bahia, agosto de 2011.

_____. *Gringos e preconceitos brasileiros*. *Travessia: Revista do Migrante*, Ano XVIII, nº 51, São Paulo, CEM, 2005, pp.16-21.

_____. *Estrangeiro-Gringo-Brasileiro*. *Travessia: Revista do Migrante*, Ano XV, nº 44, São Paulo, CEM, 2002, pp.18-23.

_____. *Gringos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/MN/UFRJ, Rio de Janeiro. 2001.

_____ e DASILVA, A.P. A Mistura Clássica: Miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual. *Revista Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades*, vol. 4, nº 5, Natal, UFRN, 2010, pp.223-244.

_____. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/UNICAMP, 2005, pp.249-280.

“Fariseus” e “gringos bons”

BRENNAN, Denise. *What's Love Got to Do With It? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*. Durham, N.C., Duke University Press, 2004.

CARRIER-MOISAN, Marie-Eve. Tensions in Feminism's Publics: The Politics of Traffic in Women and Sex Tourism. *XXVIII Congresso Internacional da LASA*, Rio de Janeiro, 11-14/06/2009.

CEAP. *Tráfico de Mulheres é Crime: Um Sonho, Um Passaporte, Um Pesadelo*. Rio de Janeiro, CEAP, 1995.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. 5198: Profissionais do Sexo [<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>].

ESPINOZA, Rodolfo. More sex, please. We are Brazilian. *Brazzil: News from Brazil*, vol. 8, nº 126, 1996, s/p.

FAUSTO, Carlos. *Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo, Edusp, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa. Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.

GIAGOMINI, S. M. Quando a mulata que não está no mapa ganha o mundo. In: *Tráfico de Mulheres É Crime! Um Sonho, Um Passaporte, Um Pesadelo*. Rio de Janeiro, CEAP, 1995.

HARRIS, Marvin. Referential ambiguity in the calculus of Brazilian Racial Identity. In: WHITTEN, N.E.J.F. e SZWED. (eds.) *Afro-American Anthropology. Contemporary Perspectives*. Nova York, Free Press, 1970, pp.1-14.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro, IBGE, 2000.

JACOB, C.R. et alii. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Loyola, 2004.

JOHNSON, Freya. Newt's Nazis: Pop Culture's High Other. In: *Bad Subjects: Political Education for Everyday Life*, nº 33, set. 1995 [<http://eng.hss.cmu.edu/bs>].

- LEAL, M.L. e LEAL, F.P. *Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial* – PESTRAF. Brasília, CECRIA, 2002.
- LOBO, S. & ODYR, B. *Copacabana*. Rio de Janeiro, Desiderata, 2009.
- MAUSS, Marcel. *The Gift: The Form and Reason for Exchange in Archaic Societies*. New York: W. W. Norton. 1990 [1950].
- MELO ROSA, Renata. Cariocas e estrangeiros: gênero e identidade nacional no processo identitário. *Mneme: Revista de Humanidades*, vol. 1, nº 1. 2000.
- _____. Um Loiro de Olhos Azuis: Uma Etnografia. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFCS, UFRJ. 1999.
- _____. Vivendo um Conto de Fadas: Ensaio sobre Cor e “Fantasia” entre Cariocas e Estrangeiros. Dissertação de mestrado, IFCS-UFRJ, 1999.
- MILBS, José. A casa não é sua, gringo! Aqui também tem um povo!. *A Nova Democracia*, ano V, nº 34, abril de 2007, s/p.
- O’CONNELL DAVIDSON, Julia. The Sex Tourist, The Expatriate, His Ex-Wife and Her “Other”: The Politics of Loss, Difference and Desire. *Sexualities* (4), 2001, pp.5-24.
- OLIVAR, José Miguel. 2011. Banquete de homens: Sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. *Revista Brasileira das Ciências Sociais*, nº 75, fev. 2011, pp.89-101.
- _____. Guerras, Trânsitos e Apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. Tese de doutorado em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- PASINI, Elisiane. Prostituição e a Liberdade do Corpo. *CLAM- AMB*, 15/04/05 [<http://www.clam.org.br/pdf/Elisiane.pdf>].
- PISCITELLI, Adriana. On “Gringos” and “Natives”: Gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil. *Vibrant*, Ano 1, vol. 1, 2001 [http://www.vibrant.org.br/downloads/a1v1_ogn.pdf].

“Fariseus” e “gringos bons”

_____. “Gringas ricas”: viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 53, nº 1, São Paulo, 2010 [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012010000100003&lng=pt&nrm=iso].

_____. Gênero e Racialização no Contexto de Relações Transnacionais – Comentários a partir de uma leitura das relações presentes no Turismo Sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil), 2006. [<http://www.desafio.ufba.br/gt6-009.html>].

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru-SP, EDUSC, 1999.

SAHLINS, Marshall. *Islands of History*. Chicago, University of Chicago Press, 1991.

SIMMEL, Georg. The Stranger. In: *The Sociology of Georg Simmel*. New York, Free Press, 1950 [1908], pp.402-408.

SOUZA, Rolf Ribeiro. *A Confraria da Esquina: O Que os Homens de Verdade Falam em Torno de Uma Carne Queimando*. Rio de Janeiro, Bruixedo, 2003.

TEDESCO, Letícia. Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

URBAN DICTIONARY. “Scam” [<http://www.urbandictionary.com/define.php?defid=42645&term=Scam>].

WORLD TOURISM ORG. WTO Statement on the Prevention of Organized Sex Tourism. Cairo, Egito, 1995 [http://www.world-tourism.org/protect_children/statements/wto_a.htm].

“Cosmopolitismo tropical”: uma análise preliminar do turismo sexual internacional em São Paulo*

Ana Paula da Silva**

Introdução

Este artigo apresenta uma análise etnográfica de algumas situações vivenciadas no campo para pensar como a busca de sexo comercializado no contexto de viagens de turismo internacional marca a paisagem urbana sexual de São Paulo.

Diferentemente das cidades do Nordeste e do Rio de Janeiro, São Paulo não tem sido entendida pela grande imprensa, a mídia e as organizações anti-tráfico como região voltada ao turismo sexual internacional, cujo imaginário comum, no Brasil, remete a praias, mulatas, vida tropical exótica e pobreza (Blanchette & Silva, 2010; Piscitelli 2004). Simbolicamente, São Paulo parece contradizer essas imagens, geralmente qualificada por brasileiros e estrangeiros como uma metrópole moderna, relativamente rica e, acima de tudo, não *exótica*, mas *ocidentalizada* e *europeizada*.¹ A indústria do turismo paulistana investiu seu manancial no *turismo de negócios*, exaltando as qualidades e potenciais da cidade para os negócios. Essa imagem, propagada pela grande imprensa produz um imaginário de São Paulo oposto ao das cidades

* Este artigo foi escrito no período em que cursei o pós-doutorado no Departamento de Antropologia da USP, sob a supervisão da prof^a Laura Moutinho.

** Professora Visitante do Departamento de Ciências Sociais da UFV.

¹ Os termos em itálicos são expressões êmicas, utilizadas por meus entrevistados, ou palavras de língua estrangeira.

“cosmopolitismo tropical”

turísticas nordestinas e carioca², nas quais são ressaltados seus potenciais “paraísos tropicais” com praias e natureza exuberantes. Neste artigo, essa visão é problematizada. Embora a cidade de São Paulo se apresente como símbolo de tudo que é moderno no Brasil, ela não escapa de ser uma espécie de “cosmopolitismo tropical” – simbologia bastante explorada pela indústria do turismo. Nesse contexto, não é de se surpreender que a *sexscape* de São Paulo compartilhe semelhanças significativas com as de outras regiões do Brasil. Ao mesmo tempo, a configuração física da cidade (massa urbana amorfa e enorme, que carece de pontos turísticos legíveis para estrangeiros) e sua *vocação* como destino para o *turismo de negócios* criam reflexos *sui generis* na configuração das interações entre sexo comercial e deslocamentos (inter)nacionais.

A noção de *sexscape* pode ser entendida aqui seguindo a terminologia de Arjun Appadurai (1990) e as propostas de Denise Brennan (2004). Utilizo o conceito a partir de Brennan (2004), que entende a *sexscape* como um espaço particular dentro do fluxo global de transações sexuais e afetivas, marcadas por fortes desequilíbrios de poder. Nesse sentido, o conceito pode ser entendido como a “paisagem do sexo” criado numa “zona de contato” na “tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam” (Pratt, 1999:32).

Embora Pratt (1999) utilize o conceito de zona de contato para pensar situações coloniais mais radicais, ele é válido também para refletir sobre as interações na metrópole de São Paulo, pois, como a autora afirma, o conceito de “contato” busca enfatizar as dimensões interativas e improvisadas de

² Ver *site* da Secretaria de Turismo: http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/social.html

encontros entre atores diferentemente situados em termos de poder e privilégio:

(...) Uma “perspectiva de contato” põe em relevo a questão de como os sujeitos são construídos nas e pelas relações uns com os outros. Trata as relações entre colonizados e colonizadores, ou visitantes e “visitados”, não em termos de separação ou segregação, mas em termos de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder (id.ib.:32).

O termo *sexscape* também pode ser pensado de acordo com sua raiz conceitual estipulada por Appadurai (1990): a *mediascape*. Nesse entendimento, a *sexscape* é uma forma particular da *mediascape*, que referencia um conjunto de imagens voltadas para o sexo e o gênero que supostamente descreve a realidade das relações sexuais/afetivas em determinados contextos. Como salienta o autor, as *mediascapes* – e por definição as *sexscapes* – tendem a ser mais “quiméricas, estéticas e fantásticas”, na medida em que seu lócus de produção é afastado da realidade que tenciona descrever.

A persistente associação do Brasil com tropicalismo, sexo e sensualidade na imaginação global é precisamente um artefato da *sexscape* neste sentido da palavra. É essa dimensão do conceito que rege este artigo, que apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida nos últimos dois anos³, na qual investigo as múltiplas ideias sobre a mestiçagem sob a ótica dos estrangeiros que se engajam em relacionamentos afetivo-

³ “O que a brasileira tem? estudo sobre “cor” e sexualidade entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros”, desenvolvida no Departamento de Antropologia da USP, sob a supervisão da Profa. Dra. Laura Moutinho, ampliando uma pesquisa desenvolvida na cidade do Rio de Janeiro em parceria com Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette.

“cosmopolitismo tropical”

sexuais com mulheres brasileiras. A intenção é analisar a construção dos discursos sobre a mestiçagem nesses relacionamentos e como eles produzem um imaginário importante na manutenção desses laços.

1. A cidade de São Paulo e seu apelo turístico

Um dos objetivos desta pesquisa é mapear e analisar o turismo sexual na cidade de São Paulo, percebendo as diferenças com mercado sexual carioca. Turismo Sexual, segundo a definição da Organização Mundial de Turismo (OMT), utilizada por diversos pesquisadores, remete àqueles que organizam viagens internamente no setor turístico ou fora dele, mas que usam as estruturas e as redes do setor com o objetivo primário da efetivação da relação comercial sexual com os residentes no destino, determinando consequências sociais e culturais da atividade, especialmente quando exploram diferentes gêneros, idades, situações econômicas e sociais nas destinações visitadas. Essa definição tem baseado também as políticas de combate ao turismo sexual infanto-juvenil e, muitas vezes, no caso brasileiro, tem ocasionado bastante confusão e problemas, na medida em que não permite distinguir claramente o turista “normal” do “turista sexual” (Grupo DAVIDA, 2005).

Vale lembrar que Rio de Janeiro e São Paulo são os lugares mais citados por turistas sexuais anglofalantes auto-assumidos nos *sites* mais populares de internet dedicados às viagens internacionais em busca de sexo, e os números são significativos quando os comparamos aos relatos referentes às cidades nordestinas.⁴ Nesse sentido, minha intenção é pensar sobre as convergências e divergências nas *sexscapes* entre as

⁴ Dados do *International Sex Guide* (ISG), página majoritariamente frequentada por homens anglo-falantes.

duas maiores cidades do país e como elas se apresentam para o mercado sexual internacional no contexto *sexscape* mais generalizado do Brasil

Em geral, o apelo ao turismo sexual está mais relacionado ao Rio de Janeiro do que à São Paulo, particularmente nas reportagens sobre o tema publicadas na grande imprensa. Pouca ou nenhuma referência é encontrada relacionando o tema ao estado de São Paulo. Percebida como possuidora de uma natureza exuberante, praias famosas e vida noturna agitada, segundo Farias (2003) e Blanchette & Silva (2005), a cidade do Rio de Janeiro tem produzido, no mundo e no Brasil, uma imagem do paraíso tropical, particularmente nos aspectos de lazer e das relações sexuais/afetivas. Na *sexscape* global, o Rio de Janeiro é visto como destino exótico, romântico e sexy e esse “mito”, segundo Lilia Schwarcz (2008), compõe o imaginário estrangeiro desde o século XVI com os relatos dos primeiros viajantes ao país. Esses relatos, que pregavam a existência de uma natureza selvagem e misteriosa em conjunção com a liberdade dos corpos nus ao longo da história brasileira, têm sido atualizados e amplamente repetidos mundo afora, tanto por brasileiros quanto por estrangeiros.⁵

No caso de São Paulo, apesar de ser a maior metrópole do país, por contraste, geralmente é associada ao imaginário social ao espaço do trabalho e dos negócios. A pesada industrialização do Estado de São Paulo ao longo do século XX conferiu a noção de uma cidade cinzenta, porém moderna, onde as pessoas correm para não perderem o primeiro apito da fábrica mais próxima. Os estudos da sociologia clássica, conhecida como “Escola de Sociologia Paulista”, produziram inúmeros trabalhos sobre o significado e o processo de industrialização na cidade de São Paulo e suas consequências na vida social

⁵ A esse “mito” somam-se outros – o perigo urbano e a criminalidade detalhes, ver Misse (2002:197-232).

“cosmopolitismo tropical”

paulistana. Tais estudos, de alguma forma, incrementaram o imaginário da cidade industrializada voltada para o mundo do trabalho (ver Bastos, 2002).

Nos últimos anos, porém, o apelo de São Paulo como destino turístico tem sido incentivado, dentro e fora das fronteiras nacionais, através de peças publicitárias que salientam o potencial turístico da cidade. Ao visitar o *site* da Secretaria Estadual de Turismo e Lazer do Estado de São Paulo⁶, nota-se o esforço em promover a cidade e o Estado para além das fronteiras dos negócios e do mundo do trabalho, mas turismo de negócios ainda é o grande chamariz para visitantes de toda a parte.

Segundo uma reportagem da revista *Você S/A* (28/08/2011), publicação voltada ao universo empresarial, São Paulo é a cidade preferencial para os negócios. O fato de ser sede do maior número de empresas lhe confere uma circulação de turistas de negócios durante todo o ano – o fluxo de turistas gira em torno de 60% do total de visitantes. A propaganda oficial justifica o turismo de negócios desta forma:

(...) O Estado de São Paulo é o centro financeiro e de negócios do País. Nele se concentram os principais conglomerados de serviços e indústrias, de geração e oferta de empregos e de mão de obra qualificada. Continua sendo o grande pólo das principais oportunidades, segmentação de produtos e serviços e da expansão dos negócios.

Nesse contexto, ir a trabalho para São Paulo significa, para o setor turístico, uma possibilidade de transformar uma atividade que nem sempre é associada ao lazer em potencial diversão (e, conseqüentemente, aumentar a quantidade de dinheiro que o turista deixa na cidade). Atenta às possibilidades

⁶ Ver <http://www.nossoturismopaulista.com.br/>

de expansão do setor, a Secretaria de Turismo, salienta que o viajante de negócios ainda pode desfrutar das outras modalidades de vida oferecidas pela cidade, entrando nas rotas de turismo histórico, litorâneo, de entretenimento, de aventura, cultural, de saúde, familiar, esportivo, de compras, gastronômico e ecológico. Em conjunto com a ênfase na combinação de negócios e turismo –*turismo de negócios*– a cidade de São Paulo parece ganhar cada vez mais destaque – tanto internacional quanto nacionalmente – como espaço que oferece múltiplas opções de lazer sexual.

No *International Sex Guide*⁷, site dedicado ao turismo sexual, os relatos de turistas sexuais assumidos – *mongers*⁸ – focalizam cada vez mais a cidade de São Paulo e suas diversões. Nessas histórias, é possível perceber que uma grande quantidade desses homens chega à cidade na modalidade que a Secretaria de Turismo denomina *turismo de negócios*, pois são, geralmente, trabalhadores que vão à cidade para as reuniões de negócios e, em muitos casos, acabam sendo levados por brasileiros a desfrutarem das opções de lazer sugeridas pela Secretaria de Turismo. É o caso, por exemplo, de um homem de negócios americano⁹, que utilizava um site de turismo sexual voltado a clientes brasileiros para se informar sobre a prostituição na cidade:

(...) Eu gostaria de encontrar neste site sugestões de casas. Fui para São Paulo e Bahia para negócios por um ano e meio e estou de volta a trabalho na cidade. De qualquer

⁷ Para uma análise dos sites frequentados por “turistas sexuais”, ver Piscitelli (2007:15-30).

⁸ Categoria êmica que significa um cliente assíduo de prostitutas. A palavra original vem de *whoremonger*.

⁹ As entrevistas foram realizadas apenas com anglo-falantes.

“cosmopolitismo tropical”

forma eu nunca fiz isso fora da Rua Augusta, lugar que fui logo quando Café Photo fechou.¹⁰

Esse *post* demonstra a associação dos *mongers* com o *turismo de negócios*. Vários desses estrangeiros reportam ter conhecido a cidade e suas opções turísticas durante viagens de trabalho e retornaram a São Paulo por simpatizarem e gostarem das possibilidades oferecidas pela a cidade – particularmente em termos sexuais comerciais.

Todavia, na última década, há um crescente interesse em São Paulo como destino exclusivamente turístico nos relatos e comentários dos *mongers* em sites como o ISG. Nesse sentido, os estrangeiros estão aprendendo – e rapidamente – o que seus contrapartes brasileiros, os *putanheiros*¹¹, já sabem há décadas: a metrópole paulistana oferece uma enorme quantidade de serviços sexuais variados, segundo eles, maior até que a oferecida no Rio de Janeiro.

Tal interesse ainda parece ser ignorado pelas autoridades paulistanas – policiais e membros da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, principalmente os responsáveis pela Política de Combate ao Tráfico de Seres Humanos no Estado de São Paulo –, que explicam a presença estrangeira nas massagens, saunas/saunas, boates e clubes de sexo da cidade em função das viagens de negócios e não pela existência de um mercado sexual paulista que, por si só, atrai turistas. Nesse aspecto, é interessante notar que, enquanto o “turista sexual”¹²

¹⁰ Relato de um homem estrangeiro, auto-assumido *monger* no site GP Guia – um guia de casas, boates e garotas de programa no Brasil [<http://www.gpguia.net/>].

¹¹ Categoria êmica utilizada por homens brasileiros que são clientes assíduos de prostitutas. É a versão nacional dos *mongers*.

¹² Utilizo a expressão entre aspas porque é uma categoria carregada de valores morais que contaminam o entendimento e não é explicativo da situação

tem sido transformado numa figura de ameaça e perigo nos discursos oficiais referentes a saúde e segurança sexual do povo brasileiro (ver Leal e Leal, 2002), o aproveitamento de viagens de negócios para a contratação de serviços sexuais continua a ser visto como uma atividade normal pelas autoridades paulistas. Uma hipótese possível nesse caso é pensar nas campanhas governamentais sobre o combate ao turismo sexual. No geral, as imagens ressaltam especificidades que descolam a possibilidade de que “homens normais” ou de “negócios” possam vir ao Brasil com outros objetivos e possam usufruir do mercado sexual brasileiro.

Em outro artigo (Blanchette e Silva, 2005), discutimos como o chamado “turista accidental” faz parte do mercado do sexo. No entanto, essa não é a visão das autoridades paulistas que entrevistei. Para uma delas, o “turista sexual”, em geral, é um homem pervertido que vem ao Brasil com o único objetivo de aliciar e corromper mulheres vulneráveis, ou seja, não se enquadram na rotina do turista que chega a São Paulo em outras funções, por exemplo, a trabalho. Portanto, embora seja reconhecido que o *turista de negócios* rotineiramente frequente a “zona”, isso é considerado, simbolicamente, como algo completamente distinto do *turismo sexual*. As próprias autoridades afirmam esse fato, mas não vinculam a procura desses homens pelo mercado do sexo à prática do turismo sexual. Segundo uma autoridade que entrevistei, a prática do turismo sexual internacional é associada à ideia de um aliciador que se desloca com a única e exclusiva missão de persuadir meninas e mulheres para as práticas sexuais ilícitas, ou mesmo levá-las para fora do país. Todavia, com a ampliação do potencial paulistano para receber e entreter turistas, é impossível ignorar o fato de que, inevitavelmente, haverá um

complexa desses homens nas cenas do mercado do sexo. Para uma descrição mais completa, ver Blanchette e Silva, 2010.

“cosmopolitismo tropical”

aumento, mesmo que pequeno, no número de viajantes que buscam a cidade principalmente em função de seus prazeres sexuais comerciais. Uma hipótese a ser levantada é que a “cegueira” oficial para o crescimento do turismo sexual na cidade vem acoplada, na última década, a políticas públicas que buscam *higienizar* a cidade através da repressão da prostituição.

A visão oficial da interação do sexo comercial e turismo foi exemplificada numa noite em que eu caminhava pela Rua Augusta, zona moral de prostituição que tem sido fortemente impactada pelas novas leis de ordem pública. Na ocasião, conversei com um policial que fazia sua ronda. Perguntei a ele sobre a presença de vários homens estrangeiros que eu tinha encontrado nas boates da região. Eu queria saber se o guarda os classificava como “turistas sexuais”, mas ele esclareceu que os estrangeiros presentes na zona estavam na cidade a negócios e iam para boates e “puteiros” em função disso: “Não são turistas sexuais, não! Estão aqui a negócios. Acontece”.

De certa forma, o número de “turistas sexuais” que buscam São Paulo como destino cresce em função de mudanças de natureza estritamente estrutural, segundo relatos e entrevistas realizadas ao longo da pesquisa (contudo, essas informações merecem ser mais bem investigadas e ainda são conclusões preliminares). Segundo os relatos, a crescente integração da cidade com o Rio de Janeiro através da ponte aérea e a diminuição nos preços de passagens significa que, em muitos casos, é tão barato (ou caro) voar entre as duas cidades quanto transitá-las por táxi. Nesse sentido e do ponto de vista de um turista estrangeiro no Rio de Janeiro, São Paulo, literalmente, “fica logo ali”: bares, *shows*, museus, restaurantes – e “puteiros” – da metrópole paulistana estão a uma hora ou menos de distância e a um preço bastante acessível.

Para os *mongers*, o maior empecilho para uma viagem a São Paulo não são os meios de transporte e sim o que pode ser entendida como a falta de “legibilidade” da cidade, qualificada

como “enorme”, “complicada” e “*hard to move about in*” (de difícil circulação interna). Crucialmente, a cidade é entendida como “não tendo nada a oferecer além de sua vida noturna”. Todavia, os *mongers* que têm se aventurado em “praias” paulistanas geralmente gostam da cidade e muitos a comparam favoravelmente em relação ao Rio de Janeiro, como informa um homem de 44 anos, americano, *monger* assumido e que constantemente está entre Rio de Janeiro e São Paulo (diz genericamente ser ligado a negócios):

(...) Mesmo Rio sendo a cidade mais bonita do mundo, sempre me sinto oprimido lá, sendo encurralado entre as montanhas e o mar... Esse é um defeito para mim, mas acho que é uma das razões que tantos *hobbyists*¹³/turistas gostam da cidade. Dá uma segurança saber que o campo de diversões de seu *hobby* é limitado dessa maneira. Copacabana é tipo uma “caixa de areia de *hobbying*”. É fácil praticar nosso *hobby* em Copacabana: todo mundo está no piloto automático lá. Um novato no *hobby* pode facilmente encontrar seu caminho. (...) Em São Paulo, quando você não conhece a cidade, você pode ter a mesma sensação de opressão, mas uma vez que você conhece os caminhos, a cidade é um enorme campo de diversões... Oferece possibilidades sem fim. Todavia, para ter essa liberdade, é preciso pagar um preço: você tem que estar preparado para se arriscar e estar pronto para viajar (tristeza!) longas distâncias entre seus *points* favoritos de diversão.

Esse discurso aponta muitas características das classificações que os *mongers* empregam para descrever São Paulo – o tamanho da cidade chega a ser opressivo e é preciso viajar longas distâncias para chegar aos lugares de interesse. No

¹³ Outra categoria usada entre turistas sexuais anglo-falantes assumidos para se auto-referenciarem.

“cosmopolitismo tropical”

Rio de Janeiro, por contraste, a paisagem urbana se resume a Copacabana, que tem tudo que o turista precisa ao alcance das mãos. Se o Rio de Janeiro é comparado a uma “caixa de areia” – um lugar limitado de diversão infantil –, São Paulo, para quem a conhece, é a liberdade plena marcada pela diversidade.

Nesse sentido, uma hipótese a ser explorada é que a aparente baixa popularidade de São Paulo como destino de turismo sexual internacional, em comparação com o Rio de Janeiro, de acordo com os relatos dos frequentadores do *site* ISG, seria explicada, pelo menos parcialmente, pela geografia urbana da cidade paulistana. O tamanho e a complexidade de São Paulo dificultam a legibilidade e transitabilidade para o visitante ocasional e a grande questão é “o que fazer durante o dia?”, dado que os atrativos da cidade são desconhecidos. Além disso, muitas das qualidades da cidade são ilegíveis para quem não fala ou lê português. Todavia, esses problemas têm sido sinalizados pela Secretaria de Turismo paulista e pela indústria turística em geral, que trabalham para abrir o mercado de lazer e turismo na cidade para o visitante ocasional.

Uma hipótese a ser estudada é se esse fenômeno terá o efeito de ampliar o mercado de turismo sexual na cidade, de modo a entender como São Paulo tem se tornado um mercado promissor do turismo sexual internacional, de tal maneira que movimenta trabalhadoras sexuais de várias partes do Brasil (inclusive do Rio de Janeiro). A intenção é pensar como tal mercado se apresenta e quais símbolos de brasilidade e especificidade da cidade de São Paulo são incorporados nessas imagens da cidade e interpretadas pelos estrangeiros que a visitam. Para fazer uma análise preliminar desse objetivo, passo a descrever minhas observações etnográficas, colhidas em duas incursões de campo. A primeira foi uma visita à *LV*, uma das casas mais famosas da Rua Augusta, bastante conhecida por ser uma boate que só desce as portas em torno das dez horas da manhã. A boate só não funciona aos domingos, sendo aberta de

segunda a sábado, independentemente de feriados e festas de final de ano.

A segunda situação gira em torno de visitas e hospedagens a *hostels* da capital paulistana. *Hostel* é um tipo de hospedagem barata, reconhecida mundialmente por abrigar “mochileiros”, caracterizados por serem jovens, estudantes ou aventureiros que viajam pelos quatro cantos do mundo para conhecer lugares e fazer novas amizades.

2. Rua Augusta, boate LV e as suas “Mil e Uma Noites”

Uma noite quente de quinta-feira do fim da primavera, me aventurei mais uma vez na Rua Augusta. Desde que cheguei a São Paulo, tenho perdido as contas das vezes que estive lá, por várias razões, além do trabalho de campo. Dessa vez, fui com uma amiga da USP que convidei para me acompanhar a boate LV – lugar frequentemente citado nos *posts* dos *mongers* e *putanheiros* como a melhor opção da noite paulistana, mas também muitas vezes relatada como a pior opção. Nessa tipificação da casa, em geral eles a definem pelo número de garotas de programa e as chamadas “civis” ou “mulheres normais”.¹⁴ Não existe um meio termo quando *mongers* e *putanheiros* descrevem as atividades do local. Para os “turistas sexuais” que conhecem o Rio de Janeiro, a LV é frequentemente comparada à famosa discoteca *Help*, que era situada no bairro de Copacabana, zonal sul da cidade, mas que foi fechada e demolida no início do verão de 2010. Antes de mencionar a boate propriamente dita, descrevo a região da baixa Rua Augusta.

Até, pelo menos, final dos anos 1990, a rua concentrava uma grande quantidade de boates de prostituição e era famosa na cidade por ser a *Zona*, ou seja, uma área moral notável pela

¹⁴ Categorias êmicas.

“cosmopolitismo tropical”

presença constante da prostituição (vale lembrar que São Paulo tem e sempre teve várias *zonas*).¹⁵ Desde fins da década de 1990, porém, a rua tem se tornado um *point* de encontro de jovens que se auto-rotulam *alternativos* nas palavras da autora Isadora Lins França (2007:241):

(...) Podemos qualificar uma boa parcela dos frequentadores dos espaços descritos no item anterior [rua Augusta] como “modernos” ou “descolados”, categorias que têm ganhado espaço na mídia para definir um tipo de público atualizado no que diz respeito às referências internacionais de moda e estilo, que procura escapar de um visual considerado *mainstream* ou muito comum que circula bastante pela vida noturna da cidade.

De acordo com a autora, esse público que se auto define como *alternativo* mudou a paisagem da rua Augusta ao competir, em termos de espaço físico, com seus antigos frequentadores (clientes e profissionais do sexo). Consequentemente, a área tem perdido sua especificidade como *zona*, pelo menos parcialmente, e as antigas boates de prostituição cederam lugar para casas noturnas voltadas para o mercado *alternativo*. Passei nas portas das boates que ainda existem e que não foram tomadas por clubes, bares e *shows* alternativos. Algumas ainda resistem. Todavia, poucos clientes se aventuram a passear entre a massa das tribos de todo tipo que se espalham ao longo do trajeto. É possível também visualizar algumas meninas e travestis que fazem ponto na rua, no estilo *trottoir*. Essas estão mais afastadas da movimentação e tendem a se situar nos trechos menos iluminados. Muitos *putanheiros* têm reclamado sistematicamente no *site* GPGuia da *nova Augusta*, que significa para eles “o fim da alegria”, como aparece em um dos relatos postados no GPGuia (15/02/2010):

¹⁵ Para uma leitura histórica das *zonas* paulistanas, ver Rago, 1991.

(...) O que podemos acrescentar depois de quase um ano das últimas postagens é que a Rua Augusta se tornou definitivamente um lugar para baladas alternativas. Emos, emas e várias outras tribos que nem sei dizer o nome se encontram todas as noites em bares recentemente abertos para abrigar esse público que nada tem haver com a putaria. Frequento a região há vários anos e já entrei na maioria das boates, todas como já foi dito aqui, seguem um padrão *trash*, exceto O Big Ben Shows que segue uma linha de casa estilo requintada apesar de algumas garotas serem de nível *trash*. [Por contraste], lembro-me na década de 80 que as garotas que ficavam nas esquinas eram de nível espetacular, algumas universitárias que só saiam com quem passasse de carro.

Os *putanheiros* consideram esses jovens como *invasores* de um espaço considerado há alguns anos como a propriedade simbólica dos consumidores do mercado do sexo, pois chegam com suas roupas e modos característicos muito próprios que, segundo eles, não combinam com a antiga cena local.

França (2007) descreve como o público da Rua Augusta foi se modificando em anos recentes. Para a autora, a presença das “tribos” mencionadas pelo *post* do GPGuia é explicada pela possibilidade dessas fazerem parte de uma ambiente da rua que reforça sua identidade de *moderna*, legitimando seu *status* de *alternativo* aos padrões de consumo instituídos como normativos:

(...) Boa parte deste público costuma se espalhar pelos bares e “sinucas” das esquinas da Rua Augusta e apreciar a atmosfera “decadente” da região, tomada por prostitutas, pedintes e “botecos sujos”, recorrendo a uma espécie de resignificação do lixo, transformado em luxo, como atesta a recente moda de realização de festas em antigos bordéis da região (França, 2007:241).

“cosmopolitismo tropical”

Ao mesmo tempo em que o consumo da *nova Rua Augusta* reforça a identidade dos grupos descritos por França (2007), ele desqualifica a região para aqueles que eram consumidores e trabalhadores do mercado do sexo. Ao tomar a rua Augusta como um marcador identitário da modernidade *alternativa*, os “emos e emas”, involuntariamente, expulsam e remodelam o espaço, legitimando inclusive os discursos institucionais de “limpeza e ordenamento” do local.

Outro ponto referente aos “novos” e “velhos” consumidores da Rua Augusta é revelado pela data mencionada pelo *putanheiro* do GPGuia, *post* publicado em 2009. Cinco anos antes, em 2004, o então prefeito José Serra começou a implantar uma série de medidas “higienizadoras” da vida social e comercial da cidade. O plano de urbanização visava a desapropriação de prédios tomados por ocupações, a retirada dos moradores de ruas e o combate aos pontos de drogas. Tais políticas atingiram o Centro da cidade, região em que ficava a antiga *Augusta da alegria* dos *putanheiros*: a rua foi alvo de várias fiscalizações dos órgãos competentes da Prefeitura.

Nesse contexto, é errôneo associar essas mudanças, que continuam a acontecer, apenas aos grupos *alternativos* que passaram a ocupar a rua Augusta. Autores que se debruçaram sobre os efeitos das políticas de “revitalização” ou “gentrificação” apontam que o movimento desses processos preconizados pelo Estado tende a refazer a área considerada decadente, mas que já vinha passando por processos de mudanças significativas com a presença de novos atores. A entrada de novos grupos sociais nessas áreas menos valorizadas acaba por chamar a atenção do poder público para uma nova reapropriação da área. As consequências quase sempre são a expulsão dos antigos habitantes e suas economias marginais (no caso da rua Augusta, a prostituição) e, a longo prazo, prevê a saída dos grupos que ocuparam os espaços recentemente (por exemplo, *os alternativos*).

Vale lembrar que em São Paulo esse processo ainda está em curso, portanto, não se sabe como essa nova ressignificação da rua Augusta comportará esses grupos. Atualmente, os antigos bares e casas voltadas para o mercado do sexo estão sendo fechados e não apenas por causa dos “emos e emas” e dos *alternativos*.

Em outra visita à rua Augusta, conversei com alguns seguranças de um antigo bordel que foi fechado nesse período e reaberto, em 2009, como casa de *blues* e *jazz* contemporâneo, mas que para manter o espírito de sexo comercializado do antigo estabelecimento, em sua sala principal, mantinha um telão que projetava filmes pornográficos dos anos 30, 40 e 50. Segundo os seguranças, a *repressão* começou no período Serra e se intensificou com a entrada de Gilberto Kassab na prefeitura em 2006:

(...) A maioria das casas já estava sofrendo com as fiscalizações. Aí, veio o Kassab e a maioria fechou as portas. Depois de um tempo algumas reabriram, mas muitas não conseguiram se reerguer. Aqui, a única coisa que restou foi esta parte de cima. [Ele apontava para um lugar acima da boate (parecia um motelzinho) em que algumas garotas de programa entravam e saíam acompanhadas de homens.]

O segurança se refere ao período da implantação do “Projeto Cidade Limpa” (2007) realizada pelo prefeito Gilberto Kassab, que proibiu a utilização de mídia externa no município (*outdoors*, painéis eletrônicos, distribuição de panfletos e regulamentação de fachadas comerciais). Um dos motivos alegado pela Prefeitura para essa restrição foi o grande número de anúncios publicitários ilegais e a inaptidão do serviço público para identificá-los, segundo especialistas, em função da legislação anterior ser muito confusa e contraditória. Segundo

“cosmopolitismo tropical”

dados da Prefeitura, antes da implantação do “projeto”, 70% das placas publicitárias na cidade continham ilegalidades.¹⁶ Nesse contexto, as boates e as casas de *shows* foram fechadas devido às altas multas e taxas cobradas para manter seus letreiros e regularizarem a situação frente à Prefeitura.

Entre os especialistas em assuntos urbanos, Mariana Fix, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, aponta que as ações da prefeitura de São Paulo,

são parte de um processo de gentrificação e de higienismo social da região, ou seja, os moradores de baixa renda teriam o seu direito à cidade negada e estariam submetidos ao processo de expulsão do centro e de segregação.¹⁷

É essa a região moral em que se situa a boate *LV*, local em que eu e minha amiga passaríamos boa parte da madrugada daquela quinta-feira.

A boate *LV*

Ao chegarmos à boate *LV*, nos deparamos com o letreiro da casa e algumas pessoas na porta; perguntamos pelo preço da entrada, ao que o segurança prontamente nos respondeu: “60 reais, 30 para cada”. Minha amiga esclareceu que estávamos ali para uma pesquisa da faculdade, pois éramos antropólogas, estudávamos turismo sexual e, se ele quisesse, poderíamos mostrar nossas carteirinhas da USP. O segurança argumentou que só o gerente poderia resolver nosso caso. Entrou e trouxe

¹⁶ Para maiores detalhes sobre a “Lei Cidade Limpa”, ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Cidade_Limpa.

¹⁷ <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid02.htm>, 10/03/2002. Sobre o tema, ver Magnani e Torres, 2000; Mattos, 2005; Taschner e Bógus 1999:43-98.

um homem mais velho, que perguntou em tom de surpresa: “você são estudantes?!”. Minha amiga respondeu: “Não. Pesquisadoras”. Nesse momento, o gerente nos observou de cima a baixo, deu uma olhada nas nossas bolsas e respondeu: “Podem entrar sem pagar. Mas só hoje. Da próxima vez terão que pagar o ingresso”. É notável, nesse contexto, o fato de os *putanheiros* descreverem a *LV* como um lugar onde “quase ninguém paga o preço tabelado”: é preciso negociar com o porteiro.

O espaço, a disposição da casa (dois andares), lugar onde os DJ's se posicionam e a forma como as mulheres deveriam deixar seus pertences na entrada se assemelham à dinâmica da boate *Help*, no Rio de Janeiro.

A *LV* tem pista de dança, “queijos” espalhados e palquinhos para *shows* de *strip tease* que acontecem em algumas noites. Quando não há *show*, as mulheres que frequentam a casa utilizam esses espaços para dançarem para os homens, que também dançam nesses espaços. Aliás, quando estávamos lá, a maioria das pessoas na pista eram homens dançando e exibindo seus músculos – geralmente jovens entre 25 e 35 anos que vão acompanhados de um grupo misto (meninos e meninas) e, eventualmente, paqueram as mulheres, notadamente garotas de programa. No segundo andar, existe uma cabine para os DJ's, novamente bem parecida com a da *Help*. Assim como a famosa casa do Rio de Janeiro, a *LV* tem 20 anos de existência, criada na onda das danceterias dos anos 1980, como se estivéssemos em um túnel do tempo.

Os *barmans* me disseram que a casa oferece três bebidas gratuitas às mulheres, desde que não estejam acompanhadas. Indaguei como eles sabiam distinguir as acompanhadas das desacompanhadas. Um deles me respondeu:

(...) Bom, a gente conhece a maioria das mulheres que frequentam a casa. São sempre as mesmas. Temos que

“cosmopolitismo tropical”

ficar de olho nas estranhas. Mesmo quando temos dúvidas jogamos um verde e elas caem. Digo: “Você tá acompanhada, só pode beber água”. Elas sempre acabam confessando que estão.

Os preços do bar são altos em comparação com os estabelecimentos fora da danceteria. Uma garrafa de cerveja custa 15,00 reais (o preço nos bares da rua Augusta é 4,50). Indaguei sobre os preços tão elevados, mas o *barman* não teceu comentários. As mulheres que circulam na boate se auto classificam como “trabalhando” na casa ou, abertamente, como garotas de programa. No entanto, na análise dos relatos nos *sites* dos clientes de prostituição, *putanheiros* e *mongers* afirmam que há uma grande circulação de mulheres *civis* na casa. Deparei-me com essa questão quando um rapaz se aproximou de mim e iniciou uma conversa. Aproveitando seu interesse, mesmo em meio ao barulho ensurdecedor da música que tocava na pista, resolvi entrevistá-lo.

Diego – 25 anos, gesseiro, oriundo do interior do Estado de São Paulo – declarou:

(...) Mulher quer aventura inclusive GP [garotas de programa]. Mas acho que as mulheres que estão aqui não são GP's. Elas querem encontrar homens que dêem carinho, esperança e tragam harmonia . Já saí com GP's, mas não gosto, pois eu tenho direito a tudo porque estou pagando, mas ao mesmo tempo não tenho direito a nada, pois afeto, carinho e amizade não tenho. Por isto venho aqui, tem garotas que querem aventura, mas tem aquelas que querem amor. Desejo encontrar um grande amor aqui hoje.

O relato de Diego é comum no ISG e GPGuia. De acordo com muitos frequentadores desses sites , *garota de programa* é aquela que cobra para sair com eles. Se ela não cobra, ou é

flexível na negociação – cobra um preço fixo para o programa, mas fica com o cliente mais tempo do que o combinado sem cobranças adicionais – a linha entre *garota de programa* e mulheres *normais* ou *civis* fica bastante nebulosa.

Esse comportamento tem sido rotulado pelos *mongers* estrangeiros de *girlfriend experience* (“experiência de namorada”), que significa um encontro sexual comercial que propositalmente apaga a linha entre namoro e prostituição. Inclusive, encontram-se *posts* nos sites virtuais que descrevem como esses encontros acabam se transformando em amor e até casamento. Diego, ao expor as razões que o fizeram pagar 30 reais a entrada e consumir cerveja a 15 reais, explicita essa situação.

Minha amiga, jovem, negra, de cabelos estilo *dreadlock*, chamou a atenção de homens e mulheres, atraindo vários tipos: uma mulher mais velha, um *gringo* e alguns homens jovens. Todos a paqueraram. Percebi que o *gringo* só olhava e seguia as mulheres visivelmente mais “escuras”, tentando puxar assunto, dançar ou oferecer bebida para a garota. Não estava interessado nas mais “claras” e estava sozinho na LV.

Em rápida interlocução com uma GP, ela disse não ter muitos *gringos* naquele espaço, mas afirmou que a época alta da presença estrangeira é a semana da Fórmula 1 e que os *gringos* ficam “malucos” com as mulheres brasileiras. Perguntei se eles diferenciavam as paulistanas das mulheres de outros Estados: “não, para eles, é tudo brasileira”. Começou a rebolar e a dançar ao mesmo tempo em que dizia: “ah, você sabe nós somos diferentes, eles adoram!!!!”. Pegou sua bebida e partiu rapidamente para a pista de dança. O argumento de que os *gringos* não fazem distinção foi repetido pelos *barmans* da LV e também pelo taxista que nos levou de volta para casa.

Luis – taxista do ponto na LV há 19 anos – ouvia atentamente nossas impressões sobre a boate, mas se manteve calado. Após deixar minha amiga no CRUSP, no caminho para

“cosmopolitismo tropical”

minha casa ele começou a falar sobre o assunto. Disse-me que os gringos vão à boate *B* e ao *CP*¹⁸, segundo ele, um lugar com estilo parecido à *LV*, mas mais sofisticado e muito caro; ele afirmou que as meninas, em geral, são funcionárias da Casa, que faz processo de seleção com análise de fotos e entrevistas:¹⁹

(...) Não é qualquer mulher que trabalha lá não. Tem seleção. [Se eu quiser entrar lá, me deixam?] Deixam. (...) Você vai ter que pagar o preço de todo mundo: 200 reais. Não é igual a *LV*, que deixa qualquer uma entrar de graça. As meninas lá ficam mais chateadas na semana da *F1*, porque vai um monte de mulher que não trabalha lá, paga a entrada, mas é garota de programa. Muitas delas dizem: “Pô trabalho aqui direto, pra quando chega no bem-bom vem todas essas de fora”. (...) Porque lá é assim, pagou, entrou. A casa não quer saber. Nessa época do ano [*F1*] vem muita menina de outros Estados. Aliás, tem muita carioca que vem pra cá trabalhar. [E onde elas

¹⁸ A boate *CP* é considerada uma das mais caras e sofisticadas no circuito do mercado do sexo paulistano e, entre os brasileiros, é entendida como não acessível à situação econômica nacional. Por isso é classificada como um espaço frequentado quase que exclusivamente por homens estrangeiros. Segundo um dos *putanheiros*, a presença de brasileiros só acontece por razões extremas, como a que ele descreve: “(...) a) teu pai é milionário e você não está nem aí para o custo de qualquer coisa; b) você ganhou na loteria e resolveu estourar a boca do balão; c) você precisa fechar um contrato de vulto e tem que agradar ao gringo que vai decidir a parada; d) você levou um pé na bunda da namorada/patroa e está precisando levantar sua auto-estima, não importa a que preço; e) você recebeu o seu bônus anual e está cheio de dinheiro; f) você é solteiro e descobriu que tem um câncer maligno, que vai te fulminar em poucos meses e resolve gastar por conta no cartão de crédito e cheque especial” (GPGuia, 23/09/2003). A boate *CP* foi fechada durante a política da “Cidade Limpa”, mas reabriu recentemente em um novo endereço e é mais sofisticada.

¹⁹ Não consegui atestar a veracidade das informações, mas isso também é dito pelos *putanheiros*, que afirmam que as meninas que trabalham na boate *CP* são contratadas pela casa.

ficam?]. (...) Em todo o lugar... não tem preferência. (...) Os gringos ficam loucos com as brasileiras. Para eles todas as mulheres são brasileiras. A mulher brasileira sabe tratar bem e eles vêm em busca dessa fantasia.

Essa conversa coincide com os relatos dos *mongers* sobre o trânsito das mulheres; muitos afirmam que encontram cariocas em São Paulo e *paulistas*²⁰ no Rio de Janeiro. Muitas meninas que trabalham em Copacabana afirmam que as mulheres de São Paulo trabalham naquele espaço, principalmente na alta temporada carioca.

Luis me presenteou com uma pequena revista turística – *Magazine* –, com tiragem de 37.000 exemplares mensais, distribuída em hotéis, restaurantes, bares e destinada ao público adulto. Nas últimas páginas, em uma seção denominada “Privé-caderno”, é possível encontrar anúncios variados de acompanhantes de todas as cores e idades que dizem falar espanhol, inglês e japonês, além de casas de *shows* eróticos e boates. É interessante notar que as casas anunciadas na *Magazine* são também as mais comentadas no *site* dos *mongers*. Segundo Luis, quem trabalha com taxi tem a *Magazine*, pois “a cidade é difícil” e a publicação serve como guia para indicar lugares para os *gringos*. O relato do taxista revela uma similaridade com os discursos dos *mongers*, que recorrentemente apontam São Paulo como um espaço complicado de se navegar.

²⁰ Vale lembrar que os homens estrangeiros referem-se aos moradores de São Paulo como *paulistas* independentemente de ser residente do Estado ou capital. O mesmo acontece com relação ao Rio de Janeiro: *carioca* é quem está na capital não importando se reside no interior do Estado.

“cosmopolitismo tropical”

3. Os *Hostels* e o *marketing* da brasilidade

Essa imagem faz parte da propaganda de um dos *hostels* em que me hospedei. Uma das proprietárias me disse que a ideia de fazer um lugar que reproduzisse o cotidiano indígena, foi em função de ter antepassados “índios” e também para lembrar aos estrangeiros que esses “foram os primeiros habitantes de São Paulo esquecidos da memória popular”.



A incursão nos *hostels* paulistanos teve como objetivo entender melhor os símbolos de brasilidade que circulam nesses lugares e as expectativas dos *gringos* acerca de São Paulo. Circulando por *hostels* cariocas em outro momento percebi que nesses lugares as performances de brasilidades são constantemente salientadas e reforçadas. Esses espaços frequentemente oferecem curso de capoeira, favela *tour*, aula de caipirinha e de samba, além de informar sobre a programação mais alternativa e intelectual da cidade.

O *hostel*, segundo a Associação Brasileira de Albergues²¹, é um meio de hospedagem alternativo, diferenciado por ser econômico, com quartos coletivos (alguns também oferecem quarto para casal e/ou família), sala de TV, cozinha comunitária e áreas de lazer. Os quartos também são equipados com

²¹ <http://www.albergues.com.br/>

beliches e armários individuais. Os albergues brasileiros são credenciados na rede *Hostelling International*, detentora da marca mundial *Hostels* e responsável pela garantia do padrão internacional. Os albergues são encontrados em mais de 4.000 cidades turísticas do Brasil e do exterior e sua principal filosofia é proporcionar o intercâmbio cultural entre pessoas do mundo inteiro. O ambiente é entendido como mais descontraído do que os hotéis, ideal para fazer novas amizades.²²

Nesse sentido, as regras variam dependendo do lugar, mas, em geral, deve-se levar sua própria roupa de cama ou alugá-la no *hostel*. Em alguns casos ela já está inclusa no valor da diária. A maioria oferece cozinha comunitária, com o que se pode economizar fazendo suas próprias refeições. Os banheiros são coletivos, separados por sexo, próximos ou dentro dos quartos. Ainda possuem lavanderia e uma sala de convivência com TV e outras áreas de lazer, variando de região para região.

A escolha por investigar os *hostels* partiu de um trabalho anterior sobre turismo sexual em Copacabana, conhecido bairro da cidade do Rio de Janeiro (Blanchette & Silva, 2005). Os turistas que frequentam *hostels* são os chamados “turistas acidentais” ou de “amor”, *gringos* que normalmente não se auto-classificam como “turistas sexuais”, ao contrário, repudiam essa classificação, e buscam conhecer o Brasil sem os “estereótipos” apresentados pelo turismo “clássico”, de modo a entrar em contato direto com a “verdadeira cultura”²³ brasileira.

²² A pesquisa sobre os *hostels* começou pela internet e, posteriormente, como hóspede. Até o momento, fiquei alojada em dois e visitei um terceiro. No entanto, ainda não consegui fazer um levantamento do número deste tipo de hospedagem existente na cidade. A associação não tem este número disponível em seu *site* e embora tenha entrado em contato com os responsáveis da associação, até o presente momento não obtive resposta. Segundo os funcionários dos *hostels* em que fiquei e visitei, na cidade de São Paulo existem bem menos deste tipo de hospedagem que no Rio de Janeiro.

²³ Termo extraído de um estrangeiro com quem conversei em um *hostel*.

“cosmopolitismo tropical”

No entanto, suas visões do Brasil e das brasileiras também são bastante sexualizadas, como aponta Blanchette (2001) sobre os “turistas de amor”²⁴, que se envolvem com mulheres brasileiras que não cobram “programas” *strictu sensu*, mas esperam ganhar “presentes e viagens” em troca do “namoro”. Essas características aparecem na narrativa de Beatriz – paulista, mora no interior, 34 anos, negra (assim se auto-classifica) e muito bonita –, uma de minhas entrevistadas que conheci no *hostel*. Ela é formada em Economia e trabalha como *hostess* em casas de jazz na Vila Madalena.

Quando conheci Beatriz ela acabava de terminar o “namoro” com um francês que lhe ofereceu uma viagem para conhecerem a América do Sul, mas que ela recusou, pois já tinha outros compromissos assumidos. Assim como Beatriz, conheci outras brasileiras em *hostels* que apenas se relacionam com estrangeiros e, apesar de não serem percebidas como “garotas de programa”, recebem convites para viagens e presentes.

Esse contexto permite entender os símbolos de brasilidade expostos nesses lugares e perceber as expectativas dos *gringos* sobre São Paulo. Permite, ainda, acompanhar os relacionamentos afetivo-sexuais, entre as brasileiras que circulam nesses espaços e os homens estrangeiros, que não são entendidos como relações comerciais, mas pautados na ideia de “amor”. Baseadas em outros ganhos e denominadas *girlfriend experiences*, as relações com os homens estrangeiros são pensadas como um “namoro”, que termina com o retorno desse homem a seu país de origem.

O termo *girlfriend experience* é polissêmico. Nos exemplos acima citados, ele pode ser empregado no sentido de ser uma categoria utilizada por mulheres, profissionais ou não, capazes de atrelar seus relacionamentos amorosos a vantagens materiais

²⁴ Vale lembrar que os termos “turistas de amor” e/ou “acidentais são éticos.

e simbólicas. Dessa forma, podemos relativizar a visão de que, de um lado, existe a profissional do sexo que cobra apenas sua taxa e, de outro, as chamadas “mulheres normais”, que nunca tiram vantagens financeiras de seus amores.

As habitações consistem em casarões antigos reformados e são decorados com motivos brasileiros, não apenas dispostos, mas em geral trabalhados artisticamente. Num deles, a imagem do Saci Pererê está em toda a parte. Nos *hostels* que visitei, logo na entrada havia o balcão de recepção e um computador de acesso gratuito com internet para os hóspedes. Além disso, todos tinham uma mesinha com *folders* que informavam os eventos que estavam ocorrendo na cidade – exposições, mostras de cinema e arte, teatro, *shows* e as casas mais “descoladas” – e um quadro de avisos com as principais atrações do dia, em inglês e português.

A temporada em que fiquei nos *hostels* é considerada pelos funcionários como baixa estação; segundo eles, um grande número de brasileiros tem se hospedado nesses espaços, além dos sempre-presentes estrangeiros. Segundo os recepcionistas, o movimento e sua composição dependem dos eventos, – shows internacionais ou congresso de estudantes lotam os *hostels* de brasileiros. Vi gente de todas as idades e não apenas jovens mochileiros, que geralmente caracterizam o lugar. Conversei com um canadense que veio a São Paulo para conhecer a cidade e dizia estar gostando muito, mas além dos espaços de arte, ele queria conhecer garotas brasileiras: “devem ser fantásticas”.

A revista *Magazine* não circulava entre os *hostels* que visitei, mas as informações circulam, como aponta Beatriz: “muitos dos homens que vêm para o *hostel* têm curiosidade em conhecer estes lugares [casas de sexo], alguns até vão e alguns são levados por suas próprias namoradas brasileiras”.

O que me chamou a atenção no VRH, um dos *hostels* em que me hospedei, é que apesar de não lançar mão de símbolos

“cosmopolitismo tropical”

explícitos da brasilidade, como os outros, seu *site* impressiona pelo cuidado artístico e a música de fundo, que acompanha a navegação, ser uma composição de Raphael Rabello ao violão. Aliás, esse é o diferencial do VRH: o ambiente é decorado com peças de arte, algo lembra o Brasil, mas não tanto quanto os *hostels* que têm o Saci e o índio como símbolos em quase todos os lugares de convivência. Na entrada, nos corredores e na cozinha do VRH, a música tocada é jazz, samba e choro e, nos fundos, ouvem-se outros estilos como rock, dance em releituras mais “jazzísticas”.

Manoel, recepcionista do VRH, contou que os funcionários recebem treinamento com relação às músicas que podem ser tocadas nesses espaços. Essa foi uma das razões por que ele, com 24 anos, estudante do curso de história da USP, músico profissional, falante de um inglês perfeito, quase sem sotaque, se encantou com a possibilidade de trabalhar como recepcionista nesse *hostel*. Para ele: “música ruim não rola. Pelo menos aqui tenho a possibilidade de trabalhar ouvindo as músicas que eu gosto”. Indaguei porque samba, choro e jazz. Segundo Manoel, o dono escolhe estilos que têm a mesma raiz. São músicas populares que, dependendo de como se toca, podem ser muito sofisticadas. Manoel estava correto, não tocam qualquer samba e choro, a seleção vai de Paulo Moura, Raphael Rabello, Yamandu Costa, Altamiro Carrilho, o grupo de choro Gato Negro, a cantores de samba como Paulinho da Viola e Cartola. Dos mais novos, a seleção busca interpretações mais *jazzísticas* do samba e do choro. Segundo Manoel, “a razão dessas escolhas é porque os *gringos* têm a oportunidade de conhecerem e aprenderem que nossa música é sofisticada e moderna”.

Para Manoel, dois tipos de turistas vêm a São Paulo: aquele que está apenas de passagem por um ou dois dias e vai passar férias em outro lugar do Brasil e aquele que vem exclusivamente para conhecer a cidade. Ainda que o percentual

seja similar para os dois tipos, Manoel afirma que tem percebido uma maior procura dos que querem conhecer a cidade de verdade. O dono faz questão de conversar com esses hóspedes quando o *hostel* está cheio dos “turistas de verdade” (i.e estrangeiros). Nessas ocasiões, ele leva o mapa da cidade de São Paulo, segundo Manoel, para “enlouquecer os *gringos*... [o dono] vai mostrando a diversidade, a mistura, o tanto de coisas diferentes que existe na cidade, eles [os *gringos*] ficam loucos.” E completa:

(...) Para mim, e acho que para os *gringos*, pelo que converso com eles, não existe uma cidade no mundo igual a esta. Aqui você não tem a natureza e a sensualidade do Rio de Janeiro, por exemplo, mas aqui se encontra uma mistura de culturas, povos, estilos (...) a miscigenação das cores e tudo isto perdido na selva de pedra. Não existe um lugar no mundo como São Paulo: é uma especificidade que só o Brasil poderia produzir. Isto é o Brasil.

Manoel parece concordar que as performances de brasilidades são importantes para esse tipo de turista que, geralmente, se considera diferente do *monger* e viaja com intuito de entender um mundo diferente (Blanchette, 2001) e, não raramente, acredita que está se engajando no Brasil *de verdade*, *autêntico* e não apenas no *turístico*. Portanto, as performances sobre São Paulo – o que tem de brasileira – são importantes para os *hostels*, pois informam que a cidade, como frisou Manoel, não tem a natureza e nem sensualidade de outros lugares, por exemplo, o Rio de Janeiro, e nem a autenticidade das cidades nordestinas, mas, a partir de outra natureza, a da Selva de Pedra, pode informar que São Paulo é cosmopolita, moderna, e só o Brasil tem a capacidade de produzi-la.

Nesse contexto, os *hostels*, mesmo que não pareçam incentivar o turismo sexual diretamente, são um dos maiores

“cosmopolitismo tropical”

operadores do conceito “São Paulo legível para os turistas”, marca que remete aos símbolos de brasilidade acionados em outros destinos turísticos brasileiros e que compõem historicamente certa visão tropicalista e exótica consolidada sobre o Brasil. Nesse caso, a promoção da *sexscape* (no sentido de *mediascape* de Appadurai) acaba incentivando sua legibilidade (no sentido de paisagem sexual de Brennan).

4. Considerações Finais

A análise desses casos de campo permite uma aproximação preliminar de alguns discursos referentes ao turismo sexual em São Paulo. O discurso oficial, através da Secretaria Estadual do Turismo, informa e pedagogiza as modalidades de turismos possíveis na cidade de São Paulo e, além de catalogá-las, argumenta como e quando podem ocorrer. As categorias nomeadas pela Secretaria – *turismo de negócios, aventura, cultural, litorâneo, de saúde, familiar, esportivo, de compras, gastronômico e ecológico* (apresentadas nesta ordem) – indicam as possibilidades “oficiais” da cidade. Outros turismos são ignorados e até apresentados como impossíveis. Não é por acaso que as políticas de re-ordenamento urbano sejam tão importantes. Tudo o que não se apresenta como adequado dentro dessas categorias deve ser removido ou afastado do projeto de uma grande metrópole que pretende se apresentar internacionalmente como cosmopolita, moderna e asséptica. As chamadas “mazelas sociais”, ou do “terceiro mundo”, devem ser reconstruídas dentro de um projeto urbano que as apresente como renovadas ou em vias de melhoramento, como as tentativas de revitalização do Centro antigo ou os vários projetos de inserção de elementos mais pobres e “coloridos” da população nos círculos de “turismo social”.²⁵

²⁵ “Turismo Social é a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o

No entanto, as políticas do Governo do Estado e da Prefeitura de São Paulo não são exclusividade para a cidade, mas vem sendo globalizadas desde os anos 1960, particularmente na Inglaterra e nos EUA.²⁶ Nesse contexto, as chamadas áreas urbanas decadentes concentram, em geral, as funções ou pequenos negócios que a sociedade entende como degradantes e que devem ser removidos, por exemplo, a prostituição entendida como mais acessível a grupos mais populares.

É interessante notar como se capitaliza a polissemia do conceito “turismo sexual” para literalmente mover mundos e fundos em função da gentrificação, particularmente com a preparação para a Copa do Mundo de 2014, da qual São Paulo será uma das sedes. Em outro trabalho (Da Silva e Blanchette, 2005) notamos a multiplicidade de definições que circundam o conceito de “turismo sexual” no Brasil. Falando brevemente, o fenômeno é internacional e teoricamente entendido (pela Organização Internacional de Turismo, entre outras agências multilaterais) como viagens cujo objetivo principal é buscar contatos sexuais e comerciais com parceiros nativos. No caso paulistano, a partir dos dados apresentados, homens em viagens de negócios que frequentam as casas de sexo não configuram “turismo sexual” e sim uma modalidade de lazer que está pressuposto na sua permanência na cidade.

exercício da cidadania na perspectiva da inclusão”. (Marcos Conceituais – MTur). Esse conceito é utilizado pela a Secretaria de Turismo para envolver grupos sociais entendidos como “minorias” na economia turística. [http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/social.html] - acessado em 02/09/2011]

²⁶ Processo conhecido como *gentrification*, ou gentrificação, conceito cunhado pela socióloga inglesa Ruth Glass (1964) para descrever a tomada dos espaços mais pobres pela a classe média inglesa. Em linhas gerais, é a ocupação de lugares entendidos como decadentes pela a parcela mais abastada da sociedade.

“cosmopolitismo tropical”

Sob essa ótica, o “turismo sexual” é entendido como mazela que deve ser “limpa” da cidade, juntamente com a prostituição. Para as autoridades entrevistadas, particularmente aquelas ligadas ao Combate do Tráfico de Seres Humanos e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes de São Paulo, existe uma divisão clara entre “turista sexual” e homens de negócios. O primeiro, em geral, visita a cidade somente para este fim, normalmente em momentos específicos, como a época do Carnaval. O turismo de negócio não implica diretamente a vinda de “turistas sexuais” para a cidade. Segundo essas autoridades, homens que vêm a negócios não são “turistas sexuais”, são turistas “normativos”. No entanto, somente alguns pontos de prostituição estão sendo mirados pelo Estado, particularmente aqueles que são entendidos como potencialmente perigosos em função da presença dos “turistas sexuais” – aqueles que se estabelecem em lugares decadentes, públicos, ou que se abrigam em *venues* considerados “irregulares” pela a cidade de São Paulo. Segundo essas mesmas autoridades, são lugares em que pressupõe uma maior vulnerabilidade das mulheres para serem aliciadas. O fechamento temporário ou permanente desses lugares, a abertura de outros pontos, a migração das garotas de programa para a internet e para as agências de *call-girl* criam uma *sexscape* paulistana cada vez mais complicada e um tanto oculta.²⁷ Todavia, essa nova paisagem complexa e móvel de sexo comercial é fielmente retratada e mapeada em publicações como a *Revista Magazine*, distribuída em hotéis, restaurantes e companhias de turismo por todo o Brasil e amplamente utilizada pelos taxistas de São Paulo.

Ou seja, enquanto a cidade e o Estado de São Paulo se desbravam contra o turismo sexual e promovem a

²⁷ Processo semelhante na cidade de São Francisco nos EUA é reportado por Elizabeth Bernstein[2007].

“higienização” da cidade, incluindo a remoção da prostituição de certas áreas através de ações como o Projeto Cidade Limpa, o efeito dessas medidas em termos de seu impacto na legibilidade da paisagem do sexo da cidade aos olhos dos estrangeiros é quase nulo, dadas as práticas concretas do chamado *turismo de negócios* promovido pela própria Secretaria Estadual de Turismo.

O segundo discurso está relacionado aos *hostels* e ao *marketing* da brasilidade que apresenta aos “turistas de verdade” (*estrangeiros*) como uma cidade entendida como “Selva de Pedra” pode se descortinar como um Brasil autêntico. A ideia é oferecer aos olhares estrangeiros uma visão cosmopolita e moderna de São Paulo, mas com sinais de certa tropicalidade característica do Brasil.²⁸ Esses espaços propagandeiam como qualidade *sui generis* de São Paulo um “cosmopolitismo tropical”, que comunga com as características urbanas das grandes capitais do mundo e, ao mesmo tempo, exibe características de brasilidade – samba, ginga, mistura, miscigenação, índios e sacis pererês –, que estão perdidas na Selva de Pedra à espera de serem descobertas pelos que vêm de fora. Os homens estrangeiros frequentam os mesmos espaços que os homens de negócios e experimentam experiências amorosas (*girlfriend experience*) com mulheres brasileiras que não cobram programas, mas de alguma maneira recebem presentes e viagens e, mesmo que não se classifiquem dessa forma, participam como consumidores do mercado do sexo.

No entanto, o que poderia informar uma visão dicotômica – de um lado, o cosmopolitismo e a modernidade da metrópole e, de outro, os símbolos dessa brasilidade, reproduzindo uma oposição tradição x modernidade –, pode ser entendido, nesse

²⁸ A tropicalidade ganhou vários sentidos na literatura brasileira e no imaginário nacional. Para uma leitura histórica, na qual baseio o entendimento dessa categoria, ver Schwarcz, 2008.

“cosmopolitismo tropical”

caso, como pólos que se entrelaçam e se combinam, ao oferecer ao estrangeiro uma versão sofisticada do samba ou do choro. Nesse sentido, o que estou denominando “cosmopolitismo tropical” é a apresentação dos símbolos de brasilidade que complementam a paisagem urbana, industrial e metropolitana de São Paulo.

Outro ponto a ser levantado é que embora os *hostels* não pareçam incentivar o turismo sexual diretamente, eles se configuram como um dos maiores operadores do conceito “São Paulo legível para os turistas”, marca que remete aos símbolos de brasilidade acionados em outros destinos turísticos brasileiros e compõem historicamente certa visão tropicalista e exótica consolidada sobre o Brasil.

Finalmente, os *mongers* - turistas sexuais auto-assumidos, que abertamente sexualizam o “cosmopolitismo tropical” e fazem emergir dele a fantasia das mulheres que vivem em São Paulo – buscam aventuras sexuais baseadas na noção de que em São Paulo é possível encontrar um “mix de todo o Brasil”.

Nesse contexto, a linha que costura esses discursos é perpassada pelos movimentos desses estrangeiros pelas várias paisagens da cidade, guiados por aqueles que se candidatam como guias nativos para os desbravadores da Selva de Pedra. A função de guia ora é efetuada pelo Estado, que promove uma tipologia dos turismos possíveis na cidade, ora pelos os taxistas de São Paulo, que – munidos da Revista *Magazine* – revelam a paisagem de sexo local, ora pelos donos dos *hostels*, devidamente munidos com seus mapas culturais e performances de brasilidade. Seja qual for sua posição, esses guias promovem a noção de que o estrangeiro se aproxima de uma São Paulo *de verdade*, criando legibilidade para uma cidade notoriamente opaca aos olhos estrangeiros.

Seguindo esse intuito, pesquisar São Paulo é uma interessante situação para entender as diversas facetas do mercado sexual ao distinguir claramente o “turismo sexual” de

outras modalidades turísticas, como o de “negócios”. O primeiro, segundo a voz oficial, caracterizado como específico e circunscrito a determinadas épocas do ano e não como um processo mais complexo que engendra outras modalidades turísticas e sua organização. As narrativas, por vezes contraditórias e não lineares, que o Brasil tem produzido de si são apresentadas ao mundo que visita a cidade e, assim, proporcionam contribuições para a *mediascape* global referente à sua consequente sexualização – um mosaico que vai muito além das representações constantes de mulatas/negras, bunda e carnaval, supostamente os grandes responsáveis pela a leitura sexualizada que o estrangeiro faz do Brasil. Essas imagens são atualizadas em São Paulo, particularmente quando autoridades apontam para o período carnavalesco como o mais propício à entrada de turistas sexuais e aliciadores para contratar mulheres e meninas para trabalharem ou serem exploradas fora do país. Decifrar os códigos de São Paulo torna-se um desafio ainda maior, pois meu olhar não deixa de ser também um pouco estrangeiro, na medida em que, constantemente, me sinto perdida em muitos sentidos na Selva de Pedra.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Culture Economy. In: FEATHERSTONE, Mike. *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. London, SAGE Publications, 1990, pp.295-310.
- BASTOS, Elide Rugai. Pensamento Social e escola sociológica paulista. In: MICELI, Sérgio. (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970–2002)*. São Paulo, Sumaré, 2002, pp.83-232.
- BERNSTEIN, Elizabeth. *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*. Chicago, The University of Chicago Press, 2007.
- BLANCHETTE, Thaddeus & SILVA, Ana Paula da: “A mistura clássica”: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o

“cosmopolitismo tropical”

turismo sexual”. *Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*, vol. 4, nº 5, Natal, UFRN, janeiro/junho 2010, pp.22-244.

_____. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, julho/dezembro de 2005, pp.249-280.

BLANCHETTE, Thaddeus. *Gringos*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2001.

BRENNAN, Denise. *What’s Love Got to Do With It? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*. Durham, N.C., Duke University Press, 2004.

FARIAS, Patrícia Silveira de. *Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das Culturas, 2003.

FRANÇA, Isadora Lins. “Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”. *Cadernos Pagu* (28), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, janeiro-junho, 2007, pp.227-255.

GLASS, Ruth. *London: aspects of change*. London, MacGibbon & Kee, 1964.

LEAL, Maria de Fátima & LEAL, Maria Lúcia. Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial – PESTRAF. Brasília, CECRIA, 2002.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílían de Lucca. (orgs.) *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, USP/FAPESP, 2000.

MATTOS, Sérgio. Centro de São Paulo: revitalização, especulação ou higienização? *Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN*, Brasília-DF, 4 de outubro de 2005, pp.1.

- MISSE, Michel. Tradições do banditismo urbano no Rio: invenção ou acumulação social? *Semear*, vol. 6, Rio de Janeiro, PUCRJ, 2002, pp.197-232.
- PISCITELLI, Adriana. Viagem e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. In: PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete; MALUF, Sônia; PUGA, Vera. (orgs.) *Olhares Feministas* vol. 1. Brasília-DF, ONU/MEC, 2007, pp.15-30.
- _____. Entre a Praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs.) *Sexualidades e Saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, pp.283-318.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru, EDUSC, 1999.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D.João (1816-1821)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- TASCHNER, S. P. e BÓGUS, L. M. *São Paulo como Pathwork: unindo fragmentos de uma cidade segregada*. In: BOGUS, L. M. e RIBEIRO, L. C. *Cadernos Metrópole*, nº 1, São Paulo, EDUC, 1999, pp.43-98.

Páginas acessadas:

- <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid02.htm> -
acessado em 10/12/2010.
- <http://www.gpguia.net/> - acessado em 20/03/2011.
- <http://www.internationalsexguide.info/> - acessado em 17/02/2011.
- <http://www.albergues.com.br/> - acessado em 10/12/2010.

“cosmopolitismo tropical”

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Cidade_Limpa - acessado em 11/04/2011.

Edição 157/Mercado – Turismo de negócios.

<http://vocesa.abril.com.br/desenvolva-sua-carreira/materia/mercado-turismo-negocios-faca-reserva-antes-634865.shtml> - acessado em 28/08/2011.

http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/social.html - acessado em 2/09/2011.

Turismo, sexo e romance: *caça-gringas da Praia da Pipa-RN*

Tiago Cantalice *

Introdução

Este trabalho se situa na conjuntura relativamente nova de estudos sobre o mercado de sexo, e analisa um recorte cuja exploração é ainda mais recente: a mescla entre transações afetivo-comerciais, envolvendo aspectos materiais e simbólicos, em que homens jovens prestam serviços sexuais a mulheres estrangeiras.

Tendo ganhado visibilidade a partir do final dos anos 1980, ao menos no cenário acadêmico brasileiro, a prostituição masculina se apresentava como servindo a uma clientela composta, em sua maioria, por homens (Perlongher, 1987). Contudo, no final dos anos 1990 e início de 2000, inicia-se uma série de estudos sobre mulheres como consumidoras do mercado do sexo (Albuquerque, 1999; Piscitelli, 2000; Kempadoo, 2004), muitos tratando simultaneamente da questão do turismo sexual. Este artigo enquadra-se exatamente nessa intersecção.

O cenário é a praia da Pipa-RN, localizada no Nordeste brasileiro, cerca de 90 km ao sul da cidade de Natal.¹ No site da

* Turismólogo e Mestre em Antropologia. tiagocantalice@yahoo.com.br

¹ Pipa é um dos distritos ligados ao município de Tibau do Sul (10.959 habitantes, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – em 2007. Dados diferentes aparecem no site <http://www.tibaudosul.com.br/conteudo/informativo/conheca.html> – 7.757 habitantes – e na enciclopédia livre Wikipedia – 11.347. Ainda que não tenhamos dados oficiais, empiricamente é possível perceber que população da Praia de Pipa é mais ou menos a metade da população total do município. Nos períodos de alta estação, afirmam as pessoas do local, a densidade demográfica chega a

Secretaria Estadual de Turismo (SETUR-RN) não constam dados precisos sobre o fluxo turístico nessa praia. Contudo, as informações disponíveis indicam que o distrito está entre os cinco destinos potiguaros mais frequentados. O fluxo total de turistas brasileiros e estrangeiros para o Estado, em 2006 (dados mais recentes), foi de 2.186.880 visitantes. Desse total, pouco mais de 30% são estrangeiros, vindos majoritariamente de Portugal, Espanha, Itália, Holanda, Inglaterra, Noruega, Argentina e França.² No geral, estes também são os países de origem da maioria dos turistas que visitam a praia de Pipa, onde, diferentemente de outras cidades do Estado, os turistas estrangeiros predominam.

A constatação da presença do turismo no cotidiano da Pipa se evidencia nas pousadas e hotéis, nos bares e restaurantes, nas lojas de souvenirs e nas casas de câmbio. Devido à dinâmica da própria atividade, o núcleo produtivo se espalha por outros setores da economia, *a priori* não relacionados com ela – padarias, *lan houses*, farmácias, quitandas, mercados, principalmente através dos preços elevados.

A Praia de Pipa surgiu no cenário do turismo do nordeste brasileiro, nos final dos anos 1970, como um destino alternativo, propício àqueles que buscavam fugir da agitação do turismo de massa. Frequentada no início por surfistas, *hippies* e mochileiros, a praia ganhava ares de contracultura e boemia.

dobrar [acessar <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007>].

² Os estrangeiros vieram de Portugal (6,17%), Espanha (5,83%), Itália (4,83%), Holanda (2,81%), Inglaterra (1,47%), Noruega (1,47%), Argentina (1,39%) e França (1,22%). Segundo a Secretaria Estadual de Turismo do Rio Grande do Norte, o turismo doméstico está assim distribuído: Pernambuco (13,72%), São Paulo (13,08%), Paraíba (9,03%), Ceará (8,03%), Rio de Janeiro (7,89%), Distrito Federal (3%), Bahia (2,67%), Minas Gerais (2,25) e Rio Grande do Sul (1,22%) [http://www.brasil-natal.com.br/setur_estatisticas].

Nessa configuração, a vila de pescadores assumia uma aura de permissividade e liberalidade tanto sexual quanto à utilização de psicoativos, principalmente maconha. Ainda hoje, essa representação faz parte do imaginário dos natalenses, das pessoas da própria praia e de muitos turistas. Os moradores, principalmente aqueles que trabalham mais diretamente com o turismo, entre eles os *caça-gringas*, afirmam que em Pipa é possível fazer qualquer coisa, sem que as pessoas se sintam incomodadas.

Atualmente, Pipa está classificada como um destino turístico massificado³, dado o alto fluxo de viajantes e à infraestrutura turística, composta por um amplo leque de opções de

³ Para identificar um destino turístico como alternativo ou massificado é necessário perceber se o fluxo turístico é independente ou mediado por agências de viagem; se os moradores são os proprietários dos empreendimentos turísticos ou se estão nas mãos de empreendedores externos. Atualmente, uma das vertentes do turismo alternativo mais evidente é o Turismo Social, exatamente por atender os princípios acima elencados e por ser socialmente responsável e ambientalmente sustentável (Dias, 2002). Moradores mais antigos da praia, como seu Madola, D. Palmira, D. Domitila e sua neta Dani, afirmam que, nos anos 1970, Pipa era um reduto de surfistas, *hippies* e mochileiros, mas na passagem da década de 1980 para 1990, as agências de viagem começaram a organizar pacotes turísticos. No começo, o turismo era interno e os pacotes eram organizados pela CVC. Os moradores começaram a lotear seus terrenos e vender para o capital estrangeiro, construindo suas novas residências em locais cada vez mais distantes da praia e do centro. Em meados da década de 1990, empresa portuguesa Abreu começa a criar pacotes para o público europeu. Como ocorreu em outras localidades – Porto de Galinhas (Pernambuco), Canoa Quebrada (Ceará) e Morro de São Paulo (Bahia) –, os turistas alternativos desbravaram destinos que foram absorvidos pelo turismo de massa, fazendo com que esses lugares perdessem suas características de refúgio da agitação urbana. Ao entrar na rota do turismo internacional, a Praia da Pipa tornou-se uma área cosmopolita. Muitos de seus atuais moradores são oriundos de diversas partes do Brasil e de diferentes lugares do mundo. Esse cosmopolitismo torna-se mais evidente nos meses de verão, que comporta a chamada alta-estação do turismo.

hospedagem, entretenimento e um complexo gastronômico⁴ influenciado pelas (e especializado nas) diversas e renomadas cozinhas internacionais. Isso não significa que a praia tenha perdido seu “charme rústico” que, na verdade, não passa de um simulacro criado e recriado pela arquitetura paisagística da maioria dos prédios comerciais. A busca incessante de se apresentarem como representantes de um estilo arquitetônico tradicional – que remeta à representação de uma vila de pescadores – em harmonia com a paisagem natural⁵ e sua mística permissiva, ainda servem como chamariz, conservando antigos e atraindo novos frequentadores. A mistura de sol, mar, diversão, luxo, rusticidade, sexo e psicoativos oferece à Pipa um diferencial frente a outros destinos turísticos do litoral potiguar e encontra poucos equivalentes no nordeste brasileiro.

Por se tratar de um destino de turismo de lazer (ou turismo sol e mar), grande parte dos visitantes busca, acima de tudo, diversão. Ao longo do tempo, a representação de Pipa como paraíso de sexo e de psicoativos⁶, apesar de não oficial, parece ter se disseminado informalmente por vários lugares e também se fixado no imaginário local, conforme revela um informante:

⁴ Um evento que reflete a variedade da culinária dos restaurantes da praia é o Festival Gastronômico de Pipa, que ocorre, desde 2004, no mês de outubro e movimenta um grande fluxo de visitantes.

⁵ Apesar do processo de extinção de várias espécies da flora local, devido ao uso da madeira como elemento decorativo, esses empreendimentos se vendem como ambientalmente responsáveis.

⁶ Atualmente, o consumo e a venda não se restringem à maconha. Com a inserção de Pipa no circuito internacional do turismo, o local foi anexado à rota de outros psicoativos como *crack*, cocaína (conhecida popularmente como pó ou *bright*), ecstase (também chamado de bala) e LSD (ácido lisérgico, vulgarmente chamado de doce).

Meu irmão, é aquela coisa doido. Tipo... Já foste pro Recife Antigo? Então, tu vais ali pro Recife Antigo é todo mundo parado, pá, é a mesma coisa. Agora você vai aí de noite meu irmão. Você vê a cara da galera: é sexo, tá ligado? A galera só quer sexo, véio⁷ [risos]. Você fica doido, pô. É gringa que só a porra, tudo... Você se chega, ela já dá ouvido pra tu, tá ligado? Tem outras que dependendo do seu papo ou da sua cara, meu irmão, aí elas te aceitam, tá ligado? Mas é isso, a galera quer se drogar, quer fazer sexo, coisa boa num quer fazer. Ficam tudo... Aí é atacar meu irmão! [risos]
[E como é que tu defines a noite da Pipa?]
Noite da orgia. Curto e grosso (Gabriel, 24 anos, escultor e professor de capoeira).

Nessa atmosfera de sedução, encontramos o *caça-gringa*, uma categoria local que se refere, no contexto da pesquisa, a homens entre 22 e 31 anos, que residiam na Praia da Pipa e mantêm relacionamentos afetivo-sexuais com turistas estrangeiras. Dentre eles, duas outras categorias êmicas surgem no campo: os *nativos* – aqueles que nasceram e cresceram na praia – e os *locais* (adventícios que residem na praia há pelo menos cinco anos, de acordo com os entrevistados).⁸ Grande

⁷ Durante as falas aparecerão vários termos que marcam sempre a fala dos entrevistados, principalmente dos jovens *nativos/locais*. São gírias, corruptelas, aportuguesamentos, regionalismos lingüísticos, vícios de linguagem, que conferem um delineamento peculiar às narrativas dos interlocutores, funcionando como interjeições, pausas e vocativos ao longo dos diálogos travados com eles. *Véi* ou *véio*, corruptela do adjetivo *velho*, são alguns dos mais comuns.

⁸ A categoria *local* envolve pessoas que motivadas por fatores econômicos e/ou atrelados ao prazer, deleite, afastamento da agitação urbana, se fixam na região. Segundo os interlocutores, para ser reconhecido como local, o adventício deve permanecer em Pipa por, no mínimo, cinco anos. A maioria deles é brasileira da região nordeste. Entre os *caça-gringas*, além dos *nativos*, há uma boa quantidade de *locais*. Poucos homens não nativos, tampouco

parte dos *caça-gringas*, assim como a maioria dos jovens que vivem em Pipa, trabalha ou já trabalhou em empresas ligadas ao turismo – hotéis, pousadas, bares, restaurantes, barracas de praia e escolas de surfe. São jovens ou adultos jovens de peles escuras (pretos, pardos e *bronzeados*) com corpos trabalhados pela prática de exercícios físicos e esportes, como surfe, capoeira, jiu-jitsu, *cooper*, futebol de areia, etc.

As estrangeiras são emicamente identificadas como *gringas*. As mulheres com as quais conversei estão praticamente na mesma faixa etária de seus parceiros – entre 18 e 42 anos. Oriundas de famílias de classe média, elas estudam em universidades e/ou são profissionais liberais bem-sucedidas e costumam viajar em pares ou grupos, sem a presença de homens. Segundo os próprios *caça-gringas*, apesar de a maioria delas serem brancas, loiras e de olhos claros, as três estrangeiras entrevistadas não correspondem a esse padrão.

Para acessar homens que se relacionam com estrangeiras e estrangeiras que estabelecem vínculos com homens nativos ou locais, foram utilizados alguns métodos tradicionais da pesquisa antropológica. Para capturar as performances de gênero que tanto os atores sociais locais quanto as mulheres estrangeiras articulam nesses roteiros de interação afetivo-sexuais, circulei pelos principais locais do distrito da Pipa, onde o flerte e as táticas de sedução eram utilizadas: durante o dia, na praia mais badalada entre os/as estrangeiros/as, Ponta do Madeiro, onde também trabalham alguns desses nativos/locais (a maioria dos entrevistados nesse local ofereciam aulas práticas e teóricas de surfe); à noite, na rua principal, onde se

considerados *locais*, também costumam se envolver com estrangeiras. Durante a pesquisa foi realizada uma entrevista com um desses homens que fogem à regra, Vagner.

encontra a maior parte dos estabelecimentos de restauração⁹ e entretenimento e onde as pessoas se concentram para conversar, beber, ver e serem vistas. A maioria das conversas informais foi estabelecida nesses dois ambientes. Além disso, frequentei espaços mais usuais apenas para a “nativada”, como eles próprios costumam dizer.

O trabalho etnográfico foi realizado entre dezembro de 2007 e março de 2008. Além da observação participante, a partir de roteiros semi-estruturados, realizei entrevistas com dez atores sociais diretamente envolvidos nas relações afetivo-sexuais com estrangeiras, compreendendo *nativos* e *locais* (estes últimos oriundos dos estados do Rio de Janeiro, Paraíba e Pernambuco), com o objetivo de fazer um levantamento de seu perfil sócio-econômico, de suas trajetórias de vida, no sentido de identificar os momentos-chave e as situações de passagem (Gotman, 1992), enfatizando seus relacionamentos afetivo-sexuais com conterrâneas e estrangeiras. Através desses diálogos, foi possível apreender como eles representam e significam esses relacionamentos.

Quanto às turistas estrangeiras envolvidas nesses relacionamentos, realizei três entrevistas (uma espanhola, uma argentina e uma portuguesa), que serviram de contraponto às informações dos *nativos/locais*. Também realizei um levantamento dos perfis sócio-econômicos e culturais através de roteiros de entrevistas semi-estruturadas, mas privilegiando seus históricos de viagens e as motivações para esses deslocamentos, visando compreender como esses relacionamentos com *nativos/locais* pipenses são por elas significados.

⁹ Termo técnico da área do turismo, que remete aos equipamentos de alimentos e bebidas, como bares e restaurantes.

Os *caça-gringas* e as masculinidades transitórias

As parcerias afetivo-sexuais entre casais inter-raciais/binacionais em Pipa, cada vez mais frequentes, podem ser percebidas pela grande quantidade de *nativos* e *locais* que passeiam por ruas e praias ao lado de mulheres estrangeiras. Esses jovens homens, por seus extensos históricos de interação com elas, são emicamente conhecidos como *caça-gringas*. Em entrevista, Toni¹⁰ – um dos que participam dessas transações – descreve:

(...) toda noite o cara está querendo uma mulher diferente, uma *gringa* diferente, não quer estar com aquela mesma. Porque se ele tivesse procurando uma mulher, podia ser uma *gringa*, uma brasileira, qualquer uma... Mas ele, assim, procurando colecionar... É o *caça-gringa*. (...) Só no interesse, eles querem sempre só [se] dar de bem (potiguar, 29 anos, caseiro).

Ângelo – mais conhecido como Pessoa, que já morou com uma argentina em Buenos Aires – enxerga os *caça-gringas* como prestadores de serviços sexuais, pois agem estimulados por interesses que ultrapassam os aspectos sentimentais:

Loverboy, *caça-gringa*, são os prostitutas da Pipa, né *brother*? Usa o corpo pra poder ganhar as gringas, pra poder que elas... Assim, porque muitos têm isso na cabeça de ir lá pra fora. É no interesse a maioria das vezes, tá ligado? Pelo que eu escuto, o cara não fica porque gosta, tá ligado *brother*? O cara fica pra se dar de bem, aí termina gostando se for uma gata, se não for eles continuam na mesma, só querendo arrastar, arrastar, arrastar.

¹⁰ A partir desse momento, os nomes dos interlocutores são fictícios, a fim de preservá-los.

[E trocando de mulher direto?]

É, sempre. Tem uns e outros aí, tipo Jorge e outros aí, que toda semana é uma gringa diferente, *vêio* (Pessoa, carioca, 31 anos, artista plástico).

Segundo essas narrativas, uma característica que traduz o perfil do *caça-gringa* é que ele sempre quer “se dar bem”, tirar vantagens da relação, pois relacionar-se com *gringas* em Pipa é sinônimo de conquistar bens materiais e elevar seu prestígio entre outros jovens homens locais. Nesse sentido, a partir desse fenômeno, alguns papéis que pareciam cristalizados, no que diz respeito ao mercado de sexo e ao turismo sexual, se invertem: os homens se disponibilizam afetivo-sexualmente nos destinos turísticos e as mulheres cruzam fronteiras e participam dessas trocas afetivo-sexuais em contextos de viagem.¹¹ Esse panorama peculiar remete a algumas questões: que aspectos conduzem esses homens a agir no âmbito do mercado do sexo? Como o acúmulo de capitais financeiro e cultural interfere nas categorizações de gênero que marcam essas mulheres?¹² Como operam os códigos de gênero no mercado do sexo, quando os homens fazem serviços/prestam favores sexuais? É possível considerar que as mulheres que viajam estão envolvidas no turismo sexual ou tratar-se-ia de outras modalidades de turismo, como o turismo-romance¹³? Finalmente, como esse

¹¹ A configuração dessas interações confunde as “articulações internacionais entre sexo e poder, correntes no turismo sexual”, alterando, sobretudo, as políticas de gênero, como constata Piscitelli (2000:07).

¹² O acúmulo de capital financeiro confere mais poder a essas mulheres no âmbito da relação afetivo-sexual com seus parceiros, sejam eles compatriotas ou *caça-gringas*? A independência econômica aumenta sua auto-estima, tornando-as senhoras de si, parafraseando Vale de Almeida (1995), lhes confere autonomia, atividade e extroversão? Seu comportamento rompe com as expectativas do comportamento de uma mulher em férias?

¹³ O que os move? O desejo de concretizar fantasias sexuais em outros contextos interditas pela moral da *community home* (Graburn, 1989)? Ou o

conjunto de perguntas contribui para pensar nos aspectos que definem o turismo sexual?

Percebendo o interesse de muitas estrangeiras em desenvolver relacionamentos afetivo-sexuais durante sua estada na praia, alguns *nativos/locais* de Pipa exacerbam os traços distintivos das representações da masculinidade local (que se interseccionam com representações de raça e nacionalidade), contrapondo-se aos referenciais que acreditam marcar as masculinidades dos países das *gringas*. Partindo da ideia de que as diferenças instigam a atração, esses homens, visando facilitar suas conquistas, performatizam uma masculinidade peculiar, pois mesclam contextualmente diversos referenciais do masculino, que costumam receber distintas valorações na sociedade brasileira (cf. Oliveira, 2004).

As interações binacionais são facilmente percebidas em Pipa no período de alta estação (dezembro a março/ junho a setembro) ou durante um feriado prolongado, como a Semana Santa. Além disso, um olhar mais atento permite distinguir os *caça-gringas*. À noite, a rua principal da praia torna-se uma vitrine viva, que mostra o resultado dos *body buildings* e as últimas tendências da moda. A maioria dos bares dispõe de uma sacada disputada pelos frequentadores, que se expõem e visualizam o movimento – o que importa é ver e ser visto.

Todavia, os *caça-gringas* se destacam nessa paisagem difusa e confusa. Ao longo da noite, muitos deles permanecem sem camisa, com um ar esnobe, que transborda autoconfiança. Os músculos expostos não intimidam, apesar de ainda representar a ideia de vigor físico e virilidade, antes, atraem olhares femininos, particularmente das estrangeiras. Ao mesmo tempo em que se mantêm como os *caçadores* – geralmente são eles que iniciam a abordagem e a conquista – esses homens

sonho de encontrar alhures o “homem de suas vidas”, uma paixão arrebatadora de verão?

também se exibem e se colocam na posição de *objetos* desejáveis (característica muitas vezes relegada ao feminino), demonstrando a heterogeneidade e a ambiguidade dos traços que constituem sua masculinidade, posto que o regime oposicionista de gênero implica uma separação intransponível entre a atividade masculina e a passividade feminina.¹⁴ Em outras palavras, no discurso normativo, o masculino deseja e o feminino é desejado.

O contexto do mercado de sexo revela alguns cruzamentos das fronteiras de gênero a partir das disposições corporais e performáticas dos/as prestadores/as de serviços sexuais. O jogo com os papéis prescritivos e interditos de gênero pode também ser visualizado na prostituição feminina, em que as mulheres, além de intensificar marcadores de sensualidade e submissão, lançam mão da iniciativa, do galanteio, da extroversão e do utilitarismo.

Henrietta Moore faz uma ressalva importante ao lembrar que é necessário perceber que não há uma completa

¹⁴ Antes de se tornar um paraíso turístico, Pipa apresentava uma divisão do trabalho pouco complexa, baseada em gênero, geração e nas relações de parentesco. O regime oposicional de gênero era explícito. Segundo seu Madola e D. Domitila, todos sabiam qual era o trabalho do homem e a função da mulher. Por exemplo, ao homem cabia realizar a pesca, construir e consertar os barcos, preparar os terrenos para receber as sementes, arrancar as mandiocas, moê-las e cozinhar a farinha, assim como deslocar-se até Goianinha para vender peixe e farinha na feira. As mulheres, além do trabalho doméstico, estavam incumbidas das tarefas de retirar água das cacimbas – poços artesianos –, de colaborar na agricultura e ajudar na fabricação da farinha, raspando a mandioca, cevando a moenda e limpando a goma. Guardadas as devidas proporções dessa comparação, que pode parecer deslocada, a circularidade das representações do masculino e do feminino eram mais raras, posto que o controle social zelava pela fixidez das identidades de gênero, o que, atualmente, vem sendo desconstruído pelo entrecruzamento, possibilitado pelo turismo, de valores locais e de outras partes do mundo.

determinação entre discursos de gênero e identidade/
performance de gênero:

(...) os discursos sobre sexualidade e gênero frequentemente constroem homens e mulheres como tipos diferentes de indivíduos ou pessoas. Essas pessoas marcadas por gênero corporificam diferentes princípios de agência – como no caso de muitas culturas ocidentais, onde a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto que a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. Esses discursos marcados por gênero são em todos os casos construídos através da imbricação mútua com diferenças de raça, classe, etnicidade e religião (Moore, 2000:16).

Apesar de em diversas sociedades serem produzidas noções de indivíduos marcados por gênero, atribuindo-lhes princípios de agência diferenciados, atrelados, excludente e reciprocamente, a homens e mulheres, nas dinâmicas cotidianas, os/as agentes evidenciam resistência e subversão em relação a normas que apresentam posições de gênero fixas. Os discursos normativos “convivem” com performances de gênero processuais e expressam a diversidade de posições presente num contexto social, que remetem à polissemia das configurações de gênero.

Miguel Vale de Almeida argumenta que tanto o corpo sexuado como o indivíduo *engendered* são resultados de processos de construção histórico-cultural, ao que acrescentaria, neste trabalho, os agenciamentos do sujeito. O autor afirma ainda que:

Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente a homens e mulheres: são metáforas de

poder e de capacidade de acção, como tal acessíveis a homens e mulheres (Almeida, 1996:162).

Contudo, segundo Pedro Paulo de Oliveira (2004:19), existe um ideal moderno de masculinidade que atua como uma “bússola de orientação para a formatação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos...”. Segundo o autor, esse ideal sofreu transformações durante a passagem da Idade Média para a Era Moderna, o que comprovaria sua origem social. As causas dessas mudanças, que culminaram na sua feição normativa atual, seriam a formação do Estado nacional moderno, que disciplinou e brutalizou os agentes envolvidos no seu processo de monopolização do uso da força, e o surgimento dos ideais burgueses, fortemente calcados na família nuclear, que estabeleceram a firmeza, o autocontrole e a contenção de sentimentos como características masculinas, além de disseminar o protótipo do homem responsável, laborioso e provedor. Para Oliveira (2004:46), essas peculiaridades “logo passariam a ser cultivadas e associadas a uma masculinidade digna desse nome”. Porém, o autor alerta que aquilo que é considerado normal, autêntico e hegemônico não necessita maioria numérica, mas precisa constituir uma maioria ideal e, tomado como padrão, desqualifica quem não o segue ou não o atinge.

A performance masculina dos *caça-gringas* rompe com esse ideal de comportamento masculino. Por sua representação de masculinidade estar fincada numa base antitética, ela é reprovada por muitas pessoas do local, pois escapa aos limites impostos pelas representações coletivas (Durkheim, 2001) do ser homem, dificultando sua inteligibilidade devido à sua aparente falta de coerência. As narrativas de dois antigos moradores apontam para essa desaprovação:

[O que você acha das turistas pagarem coisas para alguns homens daqui?]

D. Palmira: Ah, isso aí eu acho o fim da picada, como diz a história, porque eu acho que cada um tem que ter... como se diz? Independência, porque no momento que um vai procurar uma *gringa* só porque tem dinheiro, é porque não tem coragem de trabalhar (...) Porque antes os homens daqui viviam do quê? Trabalhando pra sustentarem as mulheres, e hoje em dia não. Eles fazem o contrário, principalmente o povo mais jovem já vê o contrário, as mulheres que, principalmente *gringa*, tem que sustentar eles. Aí, isso não existe, de maneira alguma (D. Palmira, 47 anos, proprietária e administradora de um *camping*).

É, eu acho, sabe porque é... Hoje muitos anda a procura dessa *garapa* [de uma vida fácil], que elas vão, eles sabe que ela tem alguma coisa, ela pode ser feia, pode ser o que for, mas vai em cima pra modo do dinheiro.

[O que o senhor acha do homem ser bancado por mulher?]

Eu acho que tudo no mundo, essas coisas assim, a mulher pode até um dia que sentir mal dele, pode até chegar e dizer: "Tu sois assim, porque eu tenho, eu fico te sustentando, assim, assim?" E quando o homem toma conta de sua responsabilidade, por família, por mulher, por tudo, ele está sabendo que tem toda garantia, porque a responsabilidade é dele. Ele não pode levar uma piada duma mulher nenhuma, porque a responsabilidade é dele. Mas esse povo que pegar uma mulher aqui, à procura do dinheirinho que ela tem, está sujeito a uma piada dela, essas coisas. (...) Hoje aí, a maior parte é na boa. Muitos aí, tem uns que a mulher é empregada e eles nem ligam. Num quer trabalhar (Seu Madola, 70 anos, ex-agricultor e tirador de coco).

A forma como os *caça-gringas* misturam alguns referenciais de gênero vai de encontro ao tipo idealizado do

homem nordestino. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, as representações das masculinidades locais foram hiperbolizadas, pois somente homens viris e másculos poderiam enfrentar a aspereza e aridez do meio. Não obstante, o autor desvenda como o nordestino, “macho por excelência”, foi construído como um tipo regional ideal a partir da década de 1930, como influência direta do Movimento Regionalista, que tinha Gilberto Freyre como um dos seus idealizadores. Para esse movimento, o nordestino era o mais brasileiro dentre os brasileiros:

[...] medida em que, desde o século anterior, a imigração estrangeira vinha modificando profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste vinha a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro, daquela civilização tropical criada pelo encontro das três raças formadoras da nacionalidade (Muniz de Albuquerque, 2003:154).

A esse modelo de ser homem somavam-se características anteriormente apontadas por Oliveira (2004). Contudo, os discursos de gênero são assumidos pelos agentes de forma processual, flexível e mutante, o que lhes possibilita realizar constantes re-elaborações identitárias. Considerando as identidades de gênero como algo contextual, portanto não fixas, percebemos como os agentes assumem e investem em determinados discursos de gênero visando obter vantagens pessoais, de acordo com as posições de sujeitos disponibilizadas e limitadas pelos contextos interacionais (Moore, 2000).¹⁵ Assim,

¹⁵ É bom enfatizar, como Sherry Ortner (2007:47), que os agentes sociais estão *sempre* “envolvidos na multiplicidade de relações sociais em que estão enredados e jamais podendo agir fora dela”. Dessa forma, eles estarão sempre limitados pela estrutura social e sempre possuirão agência, já que os

o mesmo indivíduo que em determinado contexto performatiza o *pegador*, o viril e o ativo – geralmente acompanhado por um discurso machista coerente com o discurso normatizante –, em outro contexto, é capaz de declarar seu amor incondicional e novelesco, assim como cortejar uma *gringa* de modo cavalheiro ou piegas. Isso é um bom exemplo das estratégias de sedução utilizadas por eles no processo de auto-produção de sua masculinidade.

Para além da virtuosa desenvoltura sexual apontada pelas *gringas*, ao longo da etnografia percebi que a atenção e o romance não são tão valorizados pelos *caça-gringas*. Nos bate-papos travados na barraca da escola de surfe – praia do Madeiro, ponto de encontro de vários *caça-gringas* –, eles falavam das conquistas e de sua disponibilidade para se envolver com quem se mostrasse acessível e interessada. Entre amigos, falar que está apaixonado ou que deseja se casar são atos dispensáveis, o importante é demonstrar sua inquestionável masculinidade. Para fazer-se homem é preciso convencer os demais de que se é (cf. Oliveira, 2004).

Nesse sentido, Renato (22 anos, pernambucano, instrutor de surfe) confessa que dispensar as investidas das estrangeiras gera desconfiança entre os amigos: “A galera [diz]: ‘Meu irmão, a mulher está afim de tu, véi’. A galera vem logo desconfiar do cara: ‘Ei véi, tu mudou de time, é?’”. Portanto, nunca é excessivo ratificar, também discursivamente, sua varonilidade, como fez Jorge (24 anos, pipense, instrutor de surfe), respondendo a um colega que observara seu excesso de cortesia com as *gringas*: “Mané o caralho, eu sou pegador! Se der mole,

indivíduos atuam exatamente a partir da estrutura e a transformam por meio de suas brechas e falhas, bem como por seus próprios instrumentos.

se olhar demais, eu estou pegando meu irmão! O menino [referindo-se ao seu pênis] tá atento. Vacilou, ele faz chorar!"¹⁶

Ao mesmo tempo em que assumem princípios de agência atribuídos a uma masculinidade *genuína*, como virilidade, dinamicidade, ação e extroversão (cf. Albuquerque Júnior, 2003; Oliveira, 2004), os *caça-gringas* investem em performances de gênero relegadas ao feminino – dependência, passividade, sensualidade, calidez e romantismo –, combinações que lhes conferem vantagens no jogo de sedução com as *gringas*. Sabendo o que atrai as turistas estrangeiras, eles acionam estrategicamente essencializações vinculadas a referenciais de cor/raça e nacionalidade, que facilitam a conquista (cf. Piscitelli, 2000).

Nesse sentido, os *prestadores de serviços sexuais* são portadores de agência¹⁷ e tem projetos de vida específicos. Esses aspectos aparecem a partir do momento em que concedemos voz ativa¹⁸ a esses atores sociais, o que por muito tempo foi

¹⁶ O apelo a discursos machistas desse tipo ocorre impreterivelmente entre homens, podendo ser interpretado como um recuo tático para uma situação de conforto, firme, em que se remonta a coerência entre representação social de um ideal de masculinidade e performance de gênero.

¹⁷ Agência é um atributo inerente a todo ser humano, mas assume formas específicas variando no tempo e no espaço, portanto, faz parte do que Giddens chama de processo de estruturação. Ela pode ser vista como a capacidade de coordenar as próprias ações com ou contra outros, de elaborar projetos pessoais ou coletivos, de persuadir ou coagir, obedecer ou resistir às prescrições das instituições e dos eixos de poder... A agência distingue-se das práticas de rotina, por ser uma ação mais intencionalizada, mas, por ocorrer apenas na interação com outros agentes, o alcance dos seus fins é sempre imprevisível (Ortner, 2007).

¹⁸ Em um encontro que discutia o mercado de sexo, Kathleen Barry recusou-se a aparecer publicamente com as profissionais e a deixá-las falarem por si mesmas, alegando que "elas são muito pobres, muito vitimizadas, e demasiado propensas a um falso discernimento para serem capazes de representarem-se a si mesmas" [they are too poor, too victimized, and too

vedado pelas feministas abolicionistas às profissionais do sexo (Chapkis, 1997).

A produção dos traços atribuídos à identidade de gênero pelos atores sociais é uma resposta às demandas de seus parceiros. Os *caça-gringas* dizem o que as estrangeiras querem ouvir, mesmo quando o diálogo é motivado por outras intenções, como expõem Gabriel e Renato:

Têm umas que adoram brasileiro, tatuagem, bombadão, não sei o quê. E têm outras que querem ser ouvidas, têm outras que querem conversar, querem aprender alguma coisa do Brasil, sei lá, véi.

[Mas tu tem essa sensibilidade pra saber o que a mulher tá querendo?]

Rapaz, normalmente... Normalmente véi, quando elas acham que precisam ser ouvidas, eu estou falando já com o pensamento: "Pô, vou te comer, vou te comer!" [risos] "Não, ó, pô, não pode ser assim, você fique tranquila...", mas "pô, vou te pegar, vou te pegar!" [risos] (Gabriel, 24, pernambucano, escultor e professor de capoeira).

Tem muito neguinho que não sabe chegar não, véi. Chega "Oi e pá".

[Não tem criatividade pra uma conversa.]

É, meio ignorante. "Ei gatinha, pá..." Tem outros que fica sem camisa, fica só [desfilando], na hora de falar não sai nada, véi. Tá ligado?

[E como é a iniciativa da galera? Vai na mímica mesmo, já chega pegando na doida, qual é?]

Mas... já chega assim: "Você é de onde? Oi, tudo bem? Como é seu nome?" Aí depois: "Você é linda". Oh, já perdeu o conceito. É... para o cara chegar com essa aí já tá velha, essa aí já tá velha. "Oi, como é seu nome? Você é *mui bella, mui linda*". A gata já: "Hã?!" Já tá acostumada,

prone to false consciousness to be able to represent themselves objectively] (McClintock, 1993:7).

né velho? Se é gata, sabe que é gata, não precisa tá falando. É, pô, aprendi a já não falar isso mais não. Só depois que já tá quase no final, assim, quase concretizando o ataque, está ligado? "É, você é linda, gostei muito de você". [elas dizem] "É, todo mundo fala isso". [eu respondo] "Não gata, mas, porra, o sentimento que estou sentindo agora eu não sinto por qualquer uma não" [risos]. Quando você dá esse sorriso... a gata fica toda derretida, meu irmão, as gata pira, viu véio. Eu gosto dessas... os caras falam assim que na primeira hora que você conheceu ela, chamar ela de linda e pá é mau, tem que trocar as ideias mesmo, que elas gostam, aí depois assim quando tiver no momento meu irmão, está ligado, assim de noite né, aí: "Porra gata, seu olhar assim olhando pra mim me deixa todo arrepiado, véio". Aí começa a dar esse sorriso assim. "Não consigo nem olhar mais pra sua cara, porque se não... é perigoso e pá". Tem que usar a imaginação, né véio? (Renato, 22, pernambucano, instrutor de surfe).

A masculinidade viril e cálida, corporificada pelos *caça-gringas*, aparece aos olhos das estrangeiras como algo, como representação social do masculino que entre seus compatriotas vem se rarefazendo. Dessa forma, tal mescla se apresenta como um envolvente convite à interação com o exótico.

[o] termo geral de homem brasileiro, pelo que vi e senti, é muito mais doce, mais carinhoso, mais sexual, mas também sei que é mais hipócrita. (...) o homem europeu é mais frio, mas também pode ser mulherengo. Não tão à frente como o latino em geral. Também estive com cubano e colombiano e é similar [ao brasileiro], **responde a essa doçura que perdeu o homem europeu** (Marta, doutoranda em Letras e professora de português, 31 anos, espanhola, grifo meu).

A fala de Marta mostra que essas características parecem atreladas à constituição da latinidade (representada na figura do *latin lover*), ao considerar as representações da masculinidade pipense, com as quais teve contato, similar às encontradas em Cuba e Colômbia.¹⁹ Por outro lado, Clara afirma que em outras viagens pela América Latina nunca se envolveu emocional ou sexualmente com ninguém, só em Pipa, e lista as características marcantes do homem brasileiro:

As principais diferenças, eu acho, **o carinho, sem preconceito, não ter vergonha de ser carinhoso**, é isso o que eu quero dizer. Não ter vergonha de ser carinhoso, criativo [em termos sexuais] e, como é que se diz, e que gosta de agradar... **Ele gosta de agradar do mesmo jeito que gosta de gozar**, entendeu? Lá [em Portugal] você vê com muita frequência, ele querer só gozar e não querem se preocupar em agradar, tá entendendo? É meio egoísta nesse aspecto. E como culturalmente ele não sabe fazer, então não sabe nem que tem que fazer isso. **E aqui, desde muito cedo, os homens aprendem a agradar as mulheres, né? São mais charmosos** (Clara, gerente de restaurante, 42 anos, portuguesa, grifos meus).

As narrativas das estrangeiras permitem perceber que os estilos de agência acionados pelos *caça-gringas* são por elas valorizados. A união entre virilidade, disponibilidade sexual e um discurso romântico – que, segundo as falas, tem uma base cultural, pois “desde muito cedo os homens aprendem a agradar as mulheres” – cativa e surpreende essas viajantes, que dizem estar habituadas a relacionamentos descritos como

¹⁹ Vários estudos sobre homens que disponibilizam serviços sexuais para mulheres em viagem destacam países como Jamaica, Cuba, República Dominicana e Barbados (ver Kamalla Kempadoo, 2004; Klaus de Albuquerque, 1999; Julia Davidson & Jaqueline Taylor, 1999; Laura Agustín, 2007).

demasiadamente frios, previsíveis e negociados em seus países. Em adição, o relacionamento com os *caça-gringas* parece prescindir as formalidades, estando mais abertos ao improviso, à experimentação e à vivência de novas sensações.

A escolha do prazer e o prazer da escolha

Para compreender como essas identidades de gênero são vivenciadas nas interações com as *gringas*, deve-se atentar para como elas são reveladas nos discursos desses homens (*caça-gringas*). Independentemente das táticas de sedução por eles utilizadas, o que é destacado e significado discursivamente tende a reforçar *princípios de agência* (Moore, 2000) que não rompem com o ideal local de masculinidade.

Ao contrário das estrangeiras, eles não valorizam o carinho e o romantismo que sublinham nessas interações, bem como não corroboram a posição, destacada por alguns informantes, de provedoras que elas assumem, pois, assim, estariam rompendo com roteiros normativos da masculinidade.²⁰ É importante ponderar também se os discursos do não romance e da não atenção, observados quando eles estão entre homens, não é apropriado frente a outro *caça-gringa* em potencial (o pesquisador). Se fosse uma mulher conduzindo a pesquisa, será que eles não acentuariam o romance e a atenção? O domínio dos códigos *nativos*, a forma de entrada no campo e as marcas e práticas corporais do

²⁰ Apesar das negativas do parceiro, uma das estrangeiras entrevistadas afirma: “Eu sempre paguei tudo porque ele me dizia que não tinha dinheiro, que tinha filho em Itália, e a verdade não me importava. Minhas amigas disseram-me ‘Então não pagues!’”. Ele aproveitava muito. Se íamos jantar, ele escolhia o lugar mais caro e eu pagava. (...) Pra mim é natural. [Mas você pagou outras coisas?] Nada, jantares, bebidas e já... Ah, espera, deixei-lhe dinheiro quando fui. É verdade. Porque senti pena” (Marta).

pesquisador não devem ser descartadas da análise da conjuntura interativa.

No entanto, o que importa no momento é perceber que a tática implica exatamente em agenciar os elementos certos, nas horas certas, com as pessoas certas, mais isso não necessariamente significa que se esteja mentindo, apenas *dançando conforme a música e o par*. Como aponta Goffman (1985:15, grifo meu):

(...) quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. (...) Ocasionalmente, [ele] expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (**que não a de vaga aceitação ou aprovação**), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão.

Nesse sentido, tanto nas conversas entre amigos, quanto nas entrevistas a mim concedidas, esses homens enfatizavam sua iniciativa para a conquista, o domínio parcial dos códigos linguísticos e culturais dessas mulheres, sua desenvoltura e virilidade sexual, sua esperteza e malandragem²¹, além da lábia que lhes permite persuadir e seduzir as *gringas* a ingressarem em relacionamentos afetivo-sexuais.

²¹ Para Roberto DaMatta (1986:103), a malandragem é uma forma de “navegação social nacional”; a área privilegiada de ação do malandro é a “região do prazer e da sensualidade, zona onde o malandro é o concretizador da boemia e o sujeito especial da boa vida. Aquela existência que permite desejar o máximo de prazer e bem-estar, com um mínimo de trabalho e esforço”. O estereótipo do malandro é adotado pelo *caça-gringa* em sua representação da masculinidade local. Esse modelo também é encarnado pelo arquétipo do *latin lover*, do qual o *caça-gringa* é um representante concreto.

A gente tem um carisma maior do que o deles [os *gringos*]. Eles são assim mais de conversar e o brasileiro se chega mais, vai se encostando, tem o lance da pele, pega na mão, chama pra dançar um forró, a gata já fica viajando, tá ligado? (Pessoa).

O cara tem que usar a criatividade, véi. Eu penso bem, porque eu não chego do mesmo jeito que chego em todas, tá ligado? Vejo o momento, vejo a situação e pá. Vejo o estilo dela e pá.

[De acordo com o país de onde ela vem também?]

É, pô, dependendo do país também. Porra, tem muito jeito, véi, dependendo da gata... (Renato).

Geralmente na cara de pau mesmo. Chegar chegando como o pessoal fala. Você geralmente olha se ela não está acompanhada logo e... Também depende da mulher, a abordagem... Se for daqui já lhe conhece, então você tem que ter um cuidado maior exatamente porque já lhe conhece. Já quando é paulista, essas coisas assim, você tem que chegar com uma cantada mais elaborada, porque... Tá ligado, paulista, né? E quando é estrangeira mesmo, você já pega na mão, às vezes ela olha pra você, você chega chegando mesmo, já abraçando, dançando, pegando na cintura e acabou-se.²²

[Mas tu acha que a dificuldade da língua ajuda também?]

Da língua, muitas vezes com a dificuldade da língua, já vai no contato já físico, já vai pegando na mão, pega na cintura, dançando junto (Renan, 25 anos, pipense, recepcionista).

²² Essa fala aponta para uma hierarquia das feminilidades que, seguindo o percurso do próprio interlocutor, aloca as mulheres nativas/locais na sua base, ou seja, na condição menos valorizada de parceria afetivo-sexual, seguidas por turistas brasileiras, com destaque para as que vêm do sul/sudeste e, no topo, as turistas estrangeiras. Essa escala é montada a partir de marcadores de classe, cor, nacionalidade, práticas sexuais, inteligência, abertura ao diálogo, etc.

A maioria afirma ter recebido presentes das estrangeiras, mas frisam que essa atitude, bem como pagar pelo consumo de drinques e refeições, é espontânea, não ocorre a partir de uma insinuação.

[O que elas costumam te pagar?]

Pagam jantar, já aconteceu de pagar jantar assim sozinha a conta. O que eu acho normal.

[E presente? Já te deram também?]

Já chegaram a me dar presente, a me presentear.

[Tipo o quê?]

Assim como bola, camisa, tênis...

[Isso de marca boa?]

Isso, sempre original, né?

[Presente caro.]

É, sempre coisa boa (Toni).

É, muitas convidam: "Vamo jantar comigo e pá". Eu fico noiado, com vergonha quando tá a família toda, tá ligado? "É, vou, vou". Depois, não vou aí: "Porra, foi mal, tava com umas coisas pra resolver aí".

[Mas a doida paga geralmente quando ela convida?]

Paga viu.

[Elas costumam dar presentes?]

Dá. Oxê, meu irmão, quando vai embora, meu irmão.

[Costumam dar o quê?]

Porra, dá uns livro, dá um mp3, assim, dá algumas vezes máquina fotográfica e pá. Ela tem duas: "Ah, não, pegue uma pra você" (Renato).

É importante ressaltar a facilidade com que esses *nativos/loais* de Pipa transitam por múltiplos discursos de gênero, incorporando variados *princípios de agência*, conforme demandam e delimitam os contextos sociais. No contato com as turistas estrangeiras, os *caça-gringas* mesclam traços viris e

discursos românticos (evocando o arquétipo do Don Juan), porém, na interação com seu círculo de amizades se desfazem rapidamente desse arquétipo, pois é mais vantajoso assumir a representação de uma masculinidade coerente, hermética, socialmente valorizada, do que sofrer a reprovação de seus pares ao revelar que pediu presentes ou que depende financeiramente das *gringas*.

Às vezes elas ficam com raiva da gente, porque a gente quer pagar nossa parte, aí elas dizem: "Não, não, a gente te chamou, a gente convidou, a gente quer pagar". Às vezes rola muita briga, às vezes eu tento pagar, mas às vezes rola mais confusão do que isso. Num quer deixar a pessoa pagar. Tem umas que já fizeram até uma vez quando fui num restaurante, paguei antes o prato que eu pedi, o meu refrigerante. Quando foi de outra vez, no próximo restaurante, ela deu gorjeta pro garçom e falou: "Se você aceitar qualquer dinheiro dele, é pra devolver!". Aí eu fiquei olhando com uma cara meio estranha. Porra, fica feio pra gente: "Porra meu irmão, as mulher tão pagando tudo!", isso aí... Não é assim, cada pessoa é diferente. Mas tem outros caras aqui que só vive disso... (Bento, potiguar, 24 anos, fotógrafo).

Tal exposição desvenda como a complexidade das configurações de gênero vivenciadas pelos agentes não remete linearmente às normas ideais e o quanto as categorias de gênero são maleáveis, apesar de aparentemente fixar e definir os sujeitos a partir de representações essencializadas. O domínio dos códigos identitários locais e estrangeiros permite aos *caça-gringas* transitar pelos discursos de gênero, sua manipulação tática e aquisição de *status*. O ato de presentear das estrangeiras, mesmo negado ou eufemizado pela maioria de seus parceiros, ao estilo de Bento, demonstra-se sintomático e distintivo dessas trocas afetivo-sexuais. Além de pagarem

drinques, idas a restaurantes e presentear os *caça-gringas* com roupas de grife, óculos, pranchas, bolsas e outros itens, elas os convidam a acompanhá-las em pequenas viagens.

Os presentes marcam, entre outras coisas, a diferença de classe entre as estrangeiras e os *caça-gringas*, e lhes conferem poder nas relações afetivo-sexuais (expressando uma tensão que é notada no fato de que esses presentes são pagos por elas, mas isso não deve ser explicitado), ao mesmo tempo, funcionam como instrumentos de sedução, que incrementam e tornam a relação mais envolvente, estreitando os laços entre os parceiros. Ao não se enxergarem como *prestadores de serviços sexuais* (mas como namorados, ficantes), os *caça-gringas* interpretam o ato de presentear das estrangeiras como um costume, uma retribuição à sua companhia, uma forma de recompensá-los por lhes terem apresentado uma série de lugares e evitado que elas fossem lesadas pelos comerciantes.²³

Ela quis dar um presente, um agrado pela companhia.
Por ter feito companhia a ela, mostrado as praias, não sei
o quê, *comido* elas [risos]. Acho que é uma troca de
favores. Não declaradamente. Declaradamente foi bom,
foi legal tá comigo, então como uma forma de
demonstrar ela faz isso (Renan).

²³ Em alguns restaurantes é comum a prática de cobrar preços superiores à tabela normal para turistas. Além disso, alguns *nativos* firmam amizades instantâneas com turistas para “se dar bem” ou se mostram interessados em criar intimidade, principalmente com estrangeiros, para aproveitar as baladas da Pipa sem gastos. Laura Agustín (2007:86) destaca que o sexo é só um dos componentes dessa oferta: “Além dessa autenticidade encenada ou trabalho emocional, aqueles/as que trabalham com estrangeiros/as oferecem flexibilidade, atuam como guias, motoristas, intérpretes lingüísticos e culturais, instrutores de esporte e dança, e os/as protegem frente a trapaças” [Besides this staged authenticity or emotional labour, those working with foreigners offer flexibility, working as guides, drivers, cultural and linguistic interpreters, sport and dance instructors and protectors against swindles].

É, tem muitas mulheres que não sabem da forma que... agradar o cara. Tem muitas que agradam com outras coisas, tem outras que querem dar presente. Outras coisas é quando uma pessoa é mais legal, umas coisas mais sentimental e tem outras que entram mais com as coisas material.

[De grana ou presente mesmo?]

Presente, tem umas que deixam dinheiro, mas elas deixam porque elas querem, porque a gente não pede nada, a gente não fala nada. E tem vezes que a gente quando acaba entregando pra elas, elas ficam com raiva: "Olha, eu deixei isso porque eu gosto de você, se você não aceitar é porque você não gosta de mim". A gente às vezes fica meio sem saber, a gente acaba aceitando pra não acabar machucando a outra pessoa. A gente não pede nada, elas que fazem isso. Já pensou se de repente eu fosse um cara que gostasse de coisa material, eu tinha muitas coisas: roupa, prancha nova, isso e isso (Bento).

Distanciar esses atos (ganhar presentes, dinheiro, jantares, roupas, viagens, etc.) da ideia de retribuições por serviços sexuais possibilita aos *caça-gringas* ²⁴ afirmar um estilo de masculinidade no qual, mesmo aparentemente recebendo presentes, eles se mantêm no controle da situação: seduzindo, fazendo carinhos, namorando com estrangeiras e ainda ganhando algo em troca.

²⁴ De modo geral, a categoria *caça-gringa* é usada para acusar e denegrir os homens nativos/locais que se relacionam corriqueiramente com mulheres estrangeiras em contextos de viagem turística por motivações sexuais e não sexuais. Entre a comunidade local, todavia, alguns encaram essa performance com naturalidade (sem construir um discurso discriminatório), outros a glorificam (principalmente os mais jovens que não fazem parte desses itinerários afetivo-sexuais). Já os interlocutores negaram essa categoria como instrumento de identificação, preferindo jogá-la para os outros, juntamente com os estigmas que carrega, estabelecendo uma divisão nós/eles.

Argumentações similares às de Bento se sustentam a partir da raridade da mediação pecuniária, posto que o dinheiro em espécie não é usado como mecanismo de troca, e por meio da representação que se faz do homem como estando constantemente disposto ao intercuro sexual, o que torna o estilo de vida dos *caça-gringas* cobiçado por homens fora desses circuitos. Os *caça-gringas* fazem o que socialmente se convencionou como sexualmente “normal” para um indivíduo do gênero masculino, como aponta Kempadoo (2004:79), “eles são promíscuos ou informalmente polígamos, heterossexualmente ativos, e envolvidos com múltiplas parceiras”.²⁵ Dessa maneira, não parece haver interditos que impeçam os *caça-gringas* de se vangloriar das conquistas afetivo-sexuais alcançadas.

Bota aí umas mil e quinhentas. Estou quatro meses namorando com uma suíça, ela voltou agora. Chega estou meio triste, mas toda semana estou com uma [*gringa*] nova (Jorge).

Você tira por aí, quer ver... eu comecei a ficar com turista mesmo quando eu tinha 17 anos e por mês eu ficava numa mínima de 23, até hoje, dá o que, vai dar muito. Agora assim, de dois anos pra cá, que eu estou ficando mais sério com essa portuguesa, aí senti... Quando ela vai pra lá, fico com uma, duas, pra não dar muito... Que é seis meses né? Seis meses, depois de jogo... Aí eu fico com uma, duas, três, quatro na entoca, sem ser muito... sem ser visto. Então, desde 17 anos até eu ter os meus 24 anos, 25 anos, 24... (Nilson, pipense, 27 anos, bugueiro).

Essas narrativas reforçam uma noção de dignidade masculina e alimentam a reprodução das prescrições da

²⁵ “they are promiscuous or informally polygamous, heterosexually active, and engaged with multiple female partners”.

sexualidade de homens e de mulheres. A valiosa análise de Kamala Kempadoo do contexto caribenho serve para pensar as construções da sexualidade masculina e feminina inseridas no mercado do sexo brasileiro:

Mulheres, por exemplo, são marginalizadas, excluídas, e desrespeitadas como mulheres perdidas dentro de uma lógica cultural local se elas aparecem explicitamente engajadas em múltiplos relacionamentos sexuais, quando não estando atrelados à procriação e necessidades econômicas da família. Elas são geralmente vistas como putas se se engajam explicitamente em transações econômico-sexuais na indústria do turismo. Para os homens, as construções hegemônicas da masculinidade caribenha não são questionadas ou negadas a um homem que faz o mesmo, particularmente em um relacionamento heterossexual. Uma troca de sexo com uma turista, em vez disso, reafirma as noções da "real" masculinidade caribenha (Kempadoo, 2004:78, tradução livre).²⁶

Como esses caribenhos, os *caça-gringas* performatizam uma masculinidade hipersexualizada, cobiçada e desejada pelas estrangeiras. Em atitudes que reforçam essa imagem hiper-máscula, muitos negam qualquer espécie de interesse extra-

²⁶ "Women, for example, are marginalized, scorned, and disrespected as loose women within local cultural logic if they appear explicitly sexual and engaged in multiple sexual relationships, without this being attached to procreation and economic needs of the family. They are generally viewed as whores if they engage in explicit sexual-economic transactions in the tourist industry. For men, hegemonic constructions of Caribbean masculinity are not questioned or denied to a man who does the same, particularly in a heterosexual relationship. An exchange of sex with a female tourist instead reaffirms understandings of 'real' Caribbean manhood".

sexual.²⁷ De dez entrevistados, apenas dois *caça-gringas* (Toni e Pessoa) confessaram já ter se relacionado com estrangeiras por interesse não-sexual, baseados na aparente estabilidade financeira delas. Bento, Gabriel e Renato admitiram ter recebido dinheiro pelo menos uma vez, mas enfatizaram que foi dado voluntariamente. Contudo, todos afirmam conhecer *nativos/locais* que se sustentam através desses relacionamentos, se insinuam e pedem “regalos” para as *gringas*, e as exploram financeiramente. Essa narrativa, recorrente nas entrevistas, ao mesmo tempo, contribui para singularizar o comportamento e cada interlocutor nessas relações binacionais, diferenciando-o dos demais, e também para imputar aos outros o estigma das representações de gênero não-hegemônicas e do rótulo *caça-gringa*.

Os *caça-gringas* passam a receita da conquista como se ela seguisse os preceitos de um cortejo ordinário, isto é, sem interesses extra-amorosos, baseada na “busca por satisfação pessoal e novas experiências afetivo-sexuais”. Ao mesmo tempo, eles buscam imputar sobre os demais as atitudes tidas como não-honrosas ou reprováveis, na tentativa de diferenciar seus comportamentos e táticas de conquista desse rótulo.²⁸

²⁷ Toni, depois de alguns meses na Argentina, retornou à Pipa para passar férias e, longe dos ouvidos de sua “amada”, calculava quanto iria arrecadar com essa união. Perguntei se ele estava casado no papel: “No papel não, Tiago, a gente fez um contrato. Porque essa galera é esperta agora, porque se eu casasse com ela eu teria direito a 50% do que ela tem, mas com esse contrato eu só tenho direito a 25%. Como ela tem cem mil, 25 é meu, né?!”. Percebendo que sua fala não era condizente com representações hegemônicas do ser homem, quase que instantaneamente, ele refez seu discurso, frisando não estar interessado no dinheiro dela, como a família de Rita tem suspeitado.

²⁸ Esse esforço discursivo remete à análise Oliveira (2004:204): “[se] para alguns há crise porque as responsabilidades atribuídas aos homens pesam como fardo, e, portanto, geram descontentamentos e angústias, entre os homens das camadas mais baixas [onde se encontram os *caça-gringas*] a

O ponto de vista das gringas

A atmosfera de romance é destacada pelas *gringas* devido à sua aparente ausência nas interações afetivas com os seus compatriotas. Assim, os relacionamentos afetivo-sexuais estabelecidos em contexto de viagens de turismo, na maioria das vezes, são vivenciados e avaliados positivamente em função, sobretudo, de sua intensidade e fugacidade. Isso lhes confere um caráter ambíguo. Talvez seja exatamente a efemeridade desses contatos que faz com os *caça-gringas* “apostem todas as fichas” em cada um deles, afinal, “eles buscam sempre se dar bem” – como disse Toni.

No entanto, há sempre o risco de se “exagerar na dose” e hiperbolizar a atmosfera de cortejo o que pode causar desconfiança na parceira, retirando alguns véus que recobriam a relação, como revela Marta:

Em espanhol há uma palavra que é *camelar*, significa que usa táticas mais carinhosas, adula, diz coisas bonitas para conseguir um objetivo. Eles [os *caça-gringas*] sabem disso. E cá, onde todas arrastamos uma desgraça do amor, é bom receber essas atenções, embora saibamos que são só bocas. Claro! E nós sabemos. Claro que quem não sabe é porque se *auto-engana*. Eu, quando sai de Pipa, chorei ao me despedir do Bento. Mas sabia tudo conscientemente. [Era apenas atração física e sexo casual?]
Era, embora ele me dissesse tudo de amor e não sei o quê. (...) Eu, outra, se calhar, acreditava ou até eu noutra altura da minha vida...
[O que ele falava?]
Dizia que era amor, que não podia beijar outros lá em Pipa. De fato, na festa de máscaras, ficou zangado porque

preocupação maior pode ser a falta de possibilidade de cumprimento das responsabilidades”.

beijei outro. Eu sei que é mentira²⁹, mas faz-te sentir única [risos]. Embora seja tudo conversa (Marta).

De outro lado, o capital discursivo dos *caça-gringas* pode levar a um desdobramento mais duradouro do relacionamento³⁰, como aconteceu com Toni ao conhecer Rita (uma argentina que passava férias em Pipa). Atualmente, eles estão casados e moram em Buenos Aires. Rita narra sua surpresa com o precoce envolvimento de Toni:

A mí, lo que me llamó mucha la atención, era que él... como él me hablaba como que ya nos conociésemos o teníamos una relación de mucho más tiempo y como pensaba que teníamos que casar en menos de tres días... Como que era muy rápido. Esto me pareció muy rápido. [La pasión?]
De él, sí. De parte de él, como que habíamos mucho más. Eso era o que él hablaba, no sé.
[Él estaba más encantado que usted?]
No que estaba más encantado, pero hablaba como quien estaba más encantado. Sí! (Rita, argentina, 32 anos, visitadora médica).

²⁹ A utilização de discursos que fazem uso da falsidade, do embuste, da fantasia, da omissão, do ludíbrio são expedientes corriqueiros dos *caça-gringas*. Aqui, as mentiras costuram as relações e são reforçadas por um romantismo novelesco.

³⁰ A análise Piscitelli sobre os relacionamentos entre *gringos* e *nativas* cearenses é extremamente interessante para pensar esquemas de afetividade em Pipa. Semelhante a Fortaleza, alguns relacionamentos prolongam-se para além do período de férias das turistas. Para Piscitelli (2001:599), “Essa duração pode ampliar-se ainda mais, durante sucessivas viagens em relações alimentadas por envio de dinheiro e/ou presentes, trocas de telefonemas, cartas, mensagens via internet, promessas de viagens ao exterior, que muitas vezes se realizam e, inclusive, casamento”.

Mesmo desconfiando desse comportamento, Rita se deixou envolver por esse amor que se mostrava extremamente intenso e gratuito. Outras narrativas apontaram como possível motivador para essas relações binacionais uma certa desilusão – “uma desgraça do amor”, segundo Marta – quanto às possibilidades de empreender relacionamentos amorosos duradouros e satisfatórios em seus países de origem.

Porque quando sentes que cá te falta alguma coisa, pensas que está fora e é engano, mas as mulheres viajam muito por isso, por exemplo, a Cuba, Jamaica, porque é sabido que é fácil lá engatar e sentir-se querida embora seja uma semana.

[No Brasil também?]

Também. É o auto-engano da mulher europeia do século 21 (Marta).

Sí, es que en verdad estaba un poco emburrada con los hombres argentinos, para mí no tiene entre ellos por que todavía, no querían comprometerse, no querían algo serio, en el Brasil me parece que los jóvenes son mas cariñoso, me parece más por lo menos, no? (Rita)

Aqui podemos traçar um paralelo entre os encontros binacionais forjados pelos pares *nativa-gringo* e *nativo-gringa*. O cruzamento dos relatos mostra similaridades entre os argumentos alçados a partir dos contrastes, vislumbrados por meio das identidades nacionais e de gênero, para justificar suas preferências afetivo-sexuais. Ao contrastar as falas dos entrevistados de Adriana Piscitelli (2000; 2001; 2002) e dos interlocutores deste trabalho, percebemos que os homens (tanto *nativos* quanto *gringos*) destacam aspectos negativos da personalidade de suas conterrâneas: elas são monótonas, interesseiras, recatadas, exigentes e limitadas sexualmente. Para as *gringas*, os homens de seus países são rudes, frios e

workaholics.³¹ Para as *nativas*, os *nativos* são machistas, desocupados e mulherengos. Dessa maneira, nas representações das identidades nacionais, os/as estrangeiros/as destacam aspectos positivos de seus/suas parceiros/as brasileiros/as: carinhosos/as, sensuais, gentis, atraentes, românticos/as, sexualmente criativos/as e dispostos/as. As mulheres brasileiras que se envolvem afetivo-sexualmente com *gringos* os descrevem, geralmente, como românticos, provedores, corteses e ingênuos; já os brasileiros vêem as *gringas* como inteligentes, liberais, solícitas e independentes. Obviamente, a esses fatores somam-se outros relacionados à estética (códigos corporais).

Constatamos, então, um deslocamento das preferências afetivas, cujo caráter temporário não é unânime. O confronto de diferenças pode despertar sentimentos mais duradouros, que ultrapassam o período da viagem, como comprovam algumas parcerias que se iniciaram em Pipa, como relacionamentos de verão, e se estenderam para outras estações.³²

Cruzando olhares

Essas interações afetivo-sexuais são carregadas de imprecisões, o que produz uma série de indefinições: turismo sexual ou é turismo de romance? Prestação de serviços sexuais ou namoro? Há interesse econômico, mesmo sem mediação monetária direta? Os bens e serviços são simbolicamente valorizados e estimulam novas parcerias? Essas ambivalências

³¹ Neologismo de origem inglesa usado para descrever pessoas viciadas em trabalho.

³² A exemplo do grande número de casos de profissionais do sexo que se casaram com clientes ou como os casos que ocorrem em Pipa, nos quais os *caça-gringas* fazem companhia às turistas no momento de retorno ao seu país de origem.

embaralham e desestabilizam não apenas as percepções do pesquisador, mas também dos próprios sujeitos.

Entre os *caça-gringas* não é unânime, mesmo entre aqueles que afirmam que as estrangeiras viajam apenas em busca de sexo, considerá-las turistas sexuais. A raridade da mediação monetária direta as poupa desse rótulo.

[Você acha que isso é uma espécie de turismo sexual? Por quê?]

Não, porque é normal. Se você viaja pra um outro canto é normal ficar com pessoas do canto da visita. Se tiver que pagar sim, mas se gostar não é turismo sexual (Sandro, 26 anos, pipense, professor de surfe e de jiu-jitsu, salva-vidas voluntário da Praia do Amor).

Não turismo sexual, é uma coisa mais ou menos que acontece porque é normal acontecer. Mas turismo sexual não. Turismo sexual é aquele que a gente fala que aqueles que a mulher vem pra cá, mas vem realmente pra pagar pra ter sexo. Como rola em Ponta Negra. É mais isso aí. Mas aqui não tem isso, nem prostituição aqui não tem, pode até ter, mas é uma coisa escondida (Bento).³³

As três estrangeiras entrevistadas têm diferentes opiniões sobre seus parceiros e distintas interpretações sobre seus relacionamentos. Apenas Marta considerou seu companheiro pipense um profissional do sexo:

³³ Bento cita Ponta Negra, praia do litoral natalense, como um local onde as mulheres, de fato, pagam para ter sexo, mas essas transações não aparecem na minha observação e nas falas das estrangeiras entrevistadas. Todavia, Ponta Negra se destaca na cartografia do mercado de sexo regional pelas numerosas parcerias afetivo-sexuais entre mulheres *nativas* (prostitutas, acompanhantes, *namoradas*, etc.) e *gringos*. Casais binacionais são facilmente encontrados no calçadão, orla, bares, restaurantes e boates.

Pois é, pra mim é mais natural, mas é prostituição.
[Por quê?]
Porque ele só me pediu isso [um presente, um traje de
banho], porque foi pra cama. Senão seria esmola.

Rita não acredita na existência de um mercado do sexo em Pipa; segundo ela, os relacionamentos dos quais tomou conhecimento eram sempre consensuais. Clara diz conhecer vários homens que “se prostituem por um jantar, por uns drinques na noite, por um tênis novo”, mas os homens *nativos/locais* com os quais esteve envolvida não tinham nenhum interesse extra-afetivo.

Entretanto, elas partilham uma mesma apreciação: nenhuma, inclusive Marta, aceita o rótulo de turista sexual.³⁴ Apesar de afirmarem conhecer casos de mulheres que viajam em busca de sexo, elas resignificam suas vivências de maneira que reforçam a relação determinista entre turismo sexual e masculinidade, distinguindo suas próprias experiências frente à mescla entre sexo e turismo.

Evocando essencialismos que tendem a engessar as mulheres como agentes que empreendem relacionamentos

³⁴ Albuquerque (1999:95) categoriza as *turistas sexuais femininas* em quatro tipos: “as ‘first timers’ ou neófitas; as turistas sexuais situacionais, que, de acordo com O’Connell Davidson (1996), não viajam com a intenção específica de comprar sexo, mas disponibilizam-se à oportunidade quando ela emerge; as ‘veteranas’, que viajam explicitamente em busca de sexo descompromissado e usualmente encontram múltiplos parceiros; e a ‘returnee’, que viaja especificamente para estar com um homem conhecido em uma viagem anterior e com quem ela tem estabelecido algum tipo de relacionamento contínuo” [“the ‘first timers’ or ‘neophytes’; the situational sex tourists’, who, according to O’Connell Davidson (1996), do not travel with the specific intention of buying sex but avail themselves of the opportunity when it arises; the ‘veterans’, who travel explicitly for anonymous sex and usually find multiple partners; and the ‘returnee’, who visits specifically to be with one man met on an earlier trip and with whom she has established some sort of ongoing relationship”].

baseados no romance e na busca contínua pelo “homem de suas vidas”, essas interlocutoras tentam se desvencilhar de uma categoria negativamente avaliada e amplamente reprovada, reiterando o regime de gênero – dificilmente uma mulher se assumiria como “turista sexual”, pois se trata de uma categoria com caráter particularmente estigmatizante no feminino. Contudo, de maneira estratégica, elas acionam princípios de agência vinculados aos discursos de gênero dominantes (Moore, 2000), evitando o julgamento social e sua provável reprovação.

Na construção de seus discursos, as *gringas* destacam que seus relacionamentos são orientados por outros fatores, enfatizando sua face afetiva:

[Você se define como uma turista sexual?]

Quê?! Então... espera... Não me defino, mas, como turista, gosto de ter também a experiência de estar com alguém do país.

[Então como te defines?]

Como mulher do século 21 à procura de alguma coisa para encher o dia a dia no meu país monótono, sabendo que a solução está aqui dentro não lá fora...

[E para você o que é turismo sexual?]

É combinar como fazem aqui para Natal: homens, um grupo, a um hotel bom e sair à noite e pagar dinheiro. Já com essa ideia e pedir contactos lá, onde conseguir mulheres, preços etc. Isso é.

[Você acha que o sexo é natural ocorrer em momentos de viagens?]

Depende da viagem, da pessoa e do país da viagem. Eu fui a Estocolmo e nem pensei nisso. É claro, falamos do Brasil e da ideia que Brasil quer dar ao estrangeiro, aí claro que sabemos que pode ser mais normal, mas não natural. O sexo está em todos os lados.

[Então turismo sexual é quando há preço?]

É tudo e quando o emissor tem claro o que é e sabe e é consciente e não quer um telefonema no dia a seguir...

Turismo, sexo e romance

[Você acha que o homem quando viaja não espera uma paixão e sim sexo fácil?]

Acho que não. Quer sexo e já e depois voltar e contar, se não for casado...

[A mulher é diferente quando viaja?]

É, é natureza, vem da essência mais atávica.

[Busca um príncipe encantado que não está mais em seu país?]

Homem que possa fazer sentir única, embora sejam três dias e depois chorar pelos cantos de saudade.

[O que você vivenciou com Bento foi mais próximo de um turismo de romance ou de um turismo sexual?]

Pra mim, até pra mim que já sabia muito do Brasil pelo meu trabalho e porque vivi em Portugal, até pra mim foi de romance, sabendo que não ia dar em nada (Marta).

A fala de Marta evidencia a tentativa de distinguir suas interações afetivo-sexuais em contexto de viagens turísticas e as que homens europeus têm com mulheres dos trópicos, como se o fato de se tratar de mulheres as distanciasse das noções associadas ao turismo sexual. A reiteração do regime de gênero no âmbito de mudanças também é perceptível no depoimento de Clara, que avalia de maneira distinta situações análogas, cujas mudanças remetem apenas a posições e situações sociais dos sujeitos. Mais uma vez, aparece a noção de que o homem, independentemente de outros marcadores sociais, sempre “se dá bem”, sempre está em posição privilegiada, é beneficiado e aproveitador, esperto e explorador; a mulher é desvalida, lesada, vítima, inocente, precisa de proteção e conselho. Assim, num primeiro momento, Clara relata entre risos o caso de um jovem local que estava prestes a ir para Portugal com uma mulher, também bastante jovem, que conhecera há pouco tempo. Em seguida, mas agora com um tom grave e um tanto inconformado, ela descreve o caso de duas jovens autóctones que estavam se envolvendo com *gringos*:

Eu fui ter uma reunião com a gerente do Tibau Lagoa [um requintado hotel da região], em novembro, acho que foi mais ou menos por aí, e vi Pedalada lá.

[Viu o quê?]

Pedalada é o nome do menino [risos], na piscina com uma portuguesa. Uma menina também, 20 anos... sobrinha do dono do hotel. Mas Betânia que é gerente lá do...: "Pedalada tá bem hein? Tá aqui na piscina, um menino daqui". Não, beleza. "Maria, não imaginas, tá a tratar de tudo pra levar ele pra Portugal. Tá cuidando de tudo". Eu nunca mais vi ele, mas veja só. É um menino, que ele não faz nada... [risos] (Clara).

A gente teve um estresse na pizzeria aqui. Um estresse com duas meninas aí, porque... a gente estava numas mesas cá de fora, fui no banheiro e tinha dois gringos sentados na mesa, normal. Quando eu voltei do banheiro... aí dois minutos depois os gringos já [estavam com as garotas]... Filha de gente de família daqui, ignorante, humildes, sem muita formação a nenhum nível. Aí eu disse pro Augusto, irmão de Amanda: "Olha pra lá!" Augusto disfarçou, levantou e disse: "Olha, vocês vão *simbora* daqui agora e amanhã eu vou falar com sua mãe". Antes disso eu fui falar com o garçom: "Isso é o que eu tô pensando? Isto que eu tô vendo aqui é o que eu tô pensando?" Ele disse: "Clara, infelizmente é. Uma prima minha também tá nessa". Assim, numa boa: "Uma prima minha também tá nessa". A troco de nada, de um jantar, de um... Horrível, né? (Clara).

Esse depoimento sugere distintas noções de sexualidade. Mulheres que se aventuram a caçar *gringos* são vigiadas e categorizadas como prostitutas, mas essas noções não atingem homens na mesma situação. Quando eles são os envolvidos a situação provoca apenas perplexidade.

Os parceiros das interações binacionais em Pipa não se consideram como profissionais do sexo, no caso dos homens,

ou turistas sexuais, no caso das mulheres, e raramente são assim identificados por seus pares. Essas parcerias vagam nesse limiar, nessa imprecisão, permeadas por inúmeros fatores não-sexuais e repousando numa confortável indefinição.

Considerações finais

As ações realizadas pelos *caça-gringas* para conquistar e tirar vantagens desses relacionamentos expõem o quanto eles agenciam suas trajetórias de vida. Os *caça-gringas* detêm poderes (conhecimento do local, dos atores, dos tipos de relações prescritivas, dos padrões culturais, dos códigos linguísticos³⁵ e corporais, etc.) que atuam de modo estruturante, compensando as desigualdades estruturais. Além disso, notavelmente, ficar com essas mulheres atribui maior *status* e credibilidade à sua masculinidade, tornando os *caça-gringas* mais respeitados entre os que informalmente compõem esse grupo.

Assumindo, metodologicamente, a postura de buscar vozes e interpretações dos parceiros desses intercâmbios binacionais/interraciais, constatei que os *caça-gringas* se utilizam de essencializações estratégicas (nacionalidade, raça e gênero), mesclando virilidade e calidez. Para facilitar suas conquistas, eles concedem às turistas estrangeiras “fantasias de poder e de identidade” (Moore, 2000), o que revela o quanto as identidades de gênero são maleáveis e processuais, e o quanto os agentes performatizam suas representações de gênero com base nas posições de sujeito culturalmente disponíveis.

As *gringas* entrevistadas, imersas em parcerias binacionais, subvertem o pressuposto da mulher como um ser

³⁵ O amplo arsenal discursivo os permite persuadir suas parceiras e limitar seus relacionamentos com outras pessoas da comunidade receptora (cf. Piscitelli, 2000).

passivo e sem desejo, cuja libido está diretamente atrelada aos ideais do amor romântico. Ao mesmo tempo, elas afirmam algumas dessas noções distanciando-se do rótulo de turistas sexuais.

Nesse processo, as discrepâncias entre prática e discurso de ambos os parceiros mostram a permanência de algumas concepções do regime de gênero: os homens estão livres para múltiplas experiências sexuais e protegidos de rótulos e estigmas, seja no sexo mercantilizado ou no sexo transacional; as mulheres interagem sexualmente guiadas por impulsos românticos, portanto, não é turismo sexual, mas turismo de romance. Entretanto, as falas dos interlocutores e as observações, descrições e análises desse fenômeno mostram como os agentes se apropriam das, e manipulam as, categorias culturais, seja para reproduzi-las, seja para alterá-las.

Nos encontros afetivo-sexuais em contexto de viagem da Pipa, nenhum dos agentes envolvidos parece romper claramente com os discursos normativos. Contudo, jogando com as identidades culturalmente disponíveis, eles e elas as resignificam.

Referências bibliográficas

- AGUSTÍN, L. M. *Sex at the margins, migration, labor markets and the rescue industry*. London, Zeb Books, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió, Edições Catavento, 2003.
- ALBUQUERQUE, K. de. Sex, beach boys, and female tourists in the Caribbean. In: DANK, B.; REFINETTI, R. (orgs.) *Sex work & sex workers: sexuality & culture*. London, Transactions Publishers, vol. 2, 1999, pp.87-112.

Turismo, sexo e romance

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal*. *Anuário Antropológico* 95. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996, pp.161-189.
- _____. *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa, Fim de Século, 1995.
- CHAPKIS, W. *Live sex acts: women performing erotic labours*. London, Cassel, 1997.
- DAMATTA, R. *O que faz do brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- DAVIDSON, J. O.; TAYLOR, J. S. Exploring the demand for sex tourism. In: KEMPADDO, K. (org.) *Sun, sex and gold: tourism and sex work in the Caribbean*. Lanham, Rowman and Littlefield, 1999, pp.37-55.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 13ª ed. Petrópolis, Vozes, 2007.
- DIAS, Reinaldo. *Sociologia do Turismo*. São Paulo, Atlas, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *Fato Social e Divisão do Trabalho*. São Paulo, Editora Ática, 2001.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora da Unesp, 1993.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GOTMAN, Anne. *A enquête e seus métodos: a entrevista*. Paris, Éditions Nathan, 1992.
- GRABURN, Nelson H. H. *Tourism: a sacred journey*. In: SMITH, Valene L. (org.) *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989, pp.21-36.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 2007, pp.103-133.
- KEMPADDO, K. *Sexing the Caribbean: gender, race and sexual labor*. New York, Routledge, 2004.

- MCCLINTOCK, A. Sex work and sex workers: introduction. *Social text*, nº 37, Winter, 1993, pp.1-10.
- MOORE, H. L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu* (14), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2000, pp.13-44.
- OLIVEIRA, P. P. de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.
- ORTNER, S. B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M. et alii. (orgs.) *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau, Nova Letra, 2007, pp.45-80.
- PERLONGHER, N. O. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- PISCITELLI, Adriana. Trechos de um Diário de Campo: mundos contemporâneos, gênero, desigualdades. *Seminário A questão social em 500 anos*. Mesa-Redonda: Desigualdade de gênero (na história, no trabalho e nas lutas sociais). Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social da UFRJ, 2000.
- _____. Gringos nos Trópicos: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza. In: CASTRO, Mary Garcia. (org.) *Migrações Internacionais, contribuições para políticas*. Brasília, Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, vol. 1, 2001, pp.589-613.
- _____. *Exotismo e Autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo*. *Cadernos Pagu* (19), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2002, pp.195-231.
- SAHLINS, M. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

“Amores perros”

sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo

Larissa Pelúcio*

As viagens de travestis brasileiras para a Espanha a fim de engajarem-se no mercado transnacional do sexo¹ intensificaram-se entre os anos de 2004 e 2010 (Patrício, 2009; Pelúcio, 2009), chamando a atenção de pesquisadoras e pesquisadores, assim como da imprensa brasileira e espanhola. Via de regra, estas últimas têm abordado o tema associando tal fenômeno ao tráfico de seres humanos, ao engodo e à criminalidade. Raramente os discursos reverberados pelos *media* têm considerado as motivações das travestis e seu poder de escolha ao empreenderem tais deslocamentos. Tampouco problematizam a demanda daquele mercado em relação ao tipo de corporalidade e serviços que as brasileiras estão dispostas a

* Doutora em Ciências Sociais, professora de Antropologia na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus Bauru. larissapelucio@yahoo.com.br

¹ Adriana Piscitelli (2006) descreve esse mercado como constituído não só pelo jogo de procura e oferta por serviços sexuais, mas também pela transnacionalidade, isto é, como um espaço de relações diversas que é transversal às nações, pois se dá simultaneamente em diferentes localidades nacionais, com fluxo de signos e significados, pessoas e bens, assim como pela internet, onde em diferentes sítios, plataformas e correios eletrônicos informações e afetos circulam para além de qualquer fronteira nacional. A partir das propostas de Laura Agustín (2001) e Piscitelli (2006), considero que há ainda toda uma indústria que dá sustentação a grande parte do mercado transnacional do sexo, emprestando-lhe uma estrutura organizativa e produtiva.

“Amores perros”

oferecer. Ou seja, a complexidade das relações entre clientela e trabalhadoras do sexo cai, uma vez mais, na vala comum dos julgamentos morais e da criminalização.²

Via de regra, não se considera que por meio dessas viagens as travestis, e outras pessoas que migram, estejam buscando horizontes mais alargados a partir experiências cosmopolitas que podem ser traduzidas em contatos com diferentes culturas, aprendizados de idiomas, de códigos culturais diversos, além da possibilidade de fruição de lugares, passeios, comidas, prazeres e pessoas.

Laura Agustín (2005:115) observa que

además de los factores económicos que pueden impulsar a estos migrantes [do chamado Terceiro Mundo], existe el deseo de conocer el mundo, ser artista, independizarse o casarse, vivir en buenas casas y comer bien.

Para muitas travestis, a essas possibilidades soma-se o desejo de reproduzir experiências daquelas que foram suas referências de sucesso na travestilidade. As que “passam por mulher”, que fazem ou fizeram *shows* e/ou filmes, se destacaram de algum modo, trazendo para o universo estigmatizado e marginalizado das travestis outras possibilidades de existência distantes da abjeção.

Nesse marco, prostituir-se na Europa poderia ampliar a possibilidade de encontrar um “homem de verdade”³, diferente daqueles que parecem ser seu “destino” no Brasil. De acordo com relatos que recolhi ao longo dos trabalhos de doutorado e pós-doutorado, há uma expectativa das travestis em relação aos

² Para uma discussão específica sobre essas migrações, ver Teixeira, neste volume; 2008, Cecília Patrício, 2008 e Tiago Duque, 2008; 2009.

³ Para a maioria das travestis, “homem de verdade” é aquele que reproduz, no seu comportamento, valores próprios da masculinidade hegemônica.

homens europeus. E a que mais parece impressioná-las é o fato de eles as “assumirem” publicamente para além dos espaços do mercado do sexo, ao contrário dos brasileiros.⁴ Isso faz com que o europeu seja “mais homem”, justamente por não transgredir um dos códigos morais da masculinidade: a coragem. Assim, além de poderem encontrar um “homem de verdade”, a Europa poderia criar uma possibilidade de saída da prostituição e proporcionar uma vida dentro de um roteiro que elas classificam como “normal” – constituir família, circular durante o dia sem sofrer constrangimentos e serem merecedoras das mesmas gentilezas que os homens dedicam às mulheres biológicas.

Essas experiências, ainda que sejam minoritárias, parecem suficientemente emblemáticas para corroborar a ideia de emancipação cultural europeia frente às limitações morais e ao preconceito dos brasileiros. Se essas impressões não se consolidam em uniões matrimoniais, elas acabam sendo referidas ao modo como as travestis são tratadas no cotidiano daquele país e nas possibilidades de levarem vidas que consideram mais seguras, pois, segundo elas, sofreriam menos assédios e ofensas; além da possibilidade, mencionada em diferentes entrevistas, de se projetarem na cena artística local. Nas comparações com o Brasil é acionando todo um léxico que reproduz hierarquias globais, ao identificarem a Europa com a “civilização” e sua população como mais “evoluída” do que a seu país de origem.⁵

⁴ Minha experiência etnográfica anterior mostra que, no Brasil, a maioria dos homens que as “assumirão” pertence às classes populares ou ao ambiente da prostituição, o que não as promoverá de classe ou lhes proporcionará uma vida fora das ruas.

⁵ Sanny, Renata Close e Daniele chegaram à Espanha em momentos diferentes (2002, 2004 e 2008, respectivamente). Em comum, suas narrativas apontam para a chance de participarem de *shows* e programas de televisão, enquanto Daniele ressaltou diversas vezes a sensação de se sentir mais

“Amores perros”

Ainda que as travestis brasileiras, que estão a mais tempo na Espanha, já não nutram tantas certezas sobre a “coragem” dos espanhóis em assumí-las fora do mercado do sexo, elas têm conseguido firmar compromissos de casamento. Um paradoxo que talvez fique menos desafiante se pensarmos que são elas que aprenderam mais sobre os códigos de sexo e gênero locais e as que conseguiram estabelecer redes de relações mais amplas.

A trajetória de Gabriela Guimarães⁶ ajuda a referendar essa hipótese. Desde 2006 na Espanha, Gabi, como é mais conhecida, tinha por objetivo, desde sua chegada⁷, ganhar muitos euros, mas também “conseguir um passaporte vermelho”, isto é, aquele que garantiria sua permanência e trânsito pela Europa.

A rede de Gabriela foi formada não só entre travestis brasileiras que já atuavam na Espanha, mas também entre a clientela. Sua fama como profissional hábil e bem dotada (com um pênis grande) antecedeu sua chegada à Espanha, devido à rede de fóruns de discussão na internet articulada pelos clientes contumazes. Ela mesma, assim como Renata Close, que chegou anos antes de Gabi a Barcelona, reconhece que tanto o uso das guias eróticas quanto dos fóruns foram fundamentais para sua projeção na clientela europeia. Não tardou para que ela encontrasse um amor. Por MSN ela me conta que conheceu Leon, um ex-cliente, quando foi trabalhar nas Astúrias em 2007:

protegida de violências vivendo em Barcelona. Dessa forma, comparativos como “mais evoluídos”, “menos preconceituosos”, “mais finos”, “outra cabeça” foram recorrentemente acionados para se referirem aos europeus em geral.

⁶ Os nomes usados neste artigo não são aqueles pelos quais as pessoas se nomeiam ou são reconhecidas nas suas redes de relações. Sempre que possível, pedi que a própria pessoa escolhesse o nome pelo qual desejava ser mencionada neste trabalho, pois para muitas travestis essa visibilidade, ainda que velada, é relevante.

⁷ Conversa pelo Messenger, 10/12/2007.

Ele era casado. Deixou a esposa e enfrentou tudo e todos por estar comigo (...) uma historia de cinema (...). Vou pro Brasil e ele vai comigo. Já estaremos tranquilos em relação a papéis, documentação (...) dupla nacionalidade. Estou muito feliz.

Nessa “história de cinema” não faltaram brigas, separações, reconciliações, fofocas e desavenças com outras travestis, o que só se amenizou diante da promessa de Gabi em deixar a prostituição.

Em abril de 2010, ela e Leon se casaram. As bodas aconteceram um mês depois que Danile, também brasileira, firmou matrimônio com Alan, um ex-cliente. Ambas as cerimônias estão fartamente documentadas em fotos postadas nos perfis de cada uma delas no site de relacionamento Orkut. Como Gabi e Dani, outras travestis também têm buscado na Espanha – país que reconhece a união civil entre pessoas do mesmo sexo – amor e dinheiro, além de estabilidade e documentação. Porém, minhas sistemáticas incursões pelos fóruns de discussão alocados em duas guias eróticas *on-line* espanholas mostram que há mais tensão e reafirmação de antigas convenções do que um movimento de reconhecimento e legitimidade das relações amorosas entre homens e travestis. O sexo como negócio e o dinheiro como intermediador dos encontros são recorrentemente apontados como elementos imiscíveis com o amor, quando não contaminadores das relações. Porém, ao contrário do que o senso comum acredita, e os clientes espanhóis lutam por corroborar (sem muito sucesso, como veremos), paixões acontecem mesmo quando se trata de relações comerciais, de sexo pago.

Como no filme do mexicano Alejandro González-Iñárritu, *Amores Perros* (*Amores Brutos*), aqui também diferentes histórias se cruzam em roteiros conflituosos que têm em comum os

“Amores perros”

enfrentamentos com a ordem social vigente. Diferentemente da “história de cinema” vivida por Gabriela, a maior parte desses amores tende a despertar sentimentos ambíguos, comentários ácidos dos interlocutores, as experiências relatadas por aqueles que dizem ter vivido amores assim têm uma gramática trágica.

Neste texto concentro-me nos relatos sobre esses amores tumultuados, atravessados por relações comerciais. Interesso-me, particularmente, pelo que dizem os clientes sobre seus desejos, medos e proezas, suas dúvidas e impressões acerca de assuntos diversos que ocupam arenas virtuais, promovendo trocas intensas. O lugar privilegiado para essas observações são fóruns especializados, alocados em duas guias eróticas bastante conhecidas e renomadas entre clientes espanhóis e travestis latino-americanas – sites *Taiaka Shemale* e *RinconTranny*.⁸ A partir dos temas ali discutidos é possível ampliar o campo de análise para além das relações sexuais/comerciais, localizando-as em uma arena mais larga, na qual questões políticas transnacionais, relações coloniais pretéritas e afecções pessoais se cruzam com temas econômicos e políticos atuais. Assim, masculinidade e crise econômica, sexo, dinheiro e amor, raça, nacionalidade e processos migratórios, podem ser tratados como temas que se entrelaçam e podem nos ajudar a conferir dimensão política ao desejo.

Em ambos os fóruns discute-se desde dicas sobre as melhores travestis, às leis que pretendem regular ações na internet, passando por relatos de experiências sexuais e proezas relativas ao mercado do sexo. Debate-se sobre política e tráfico de pessoas, resgatam-se lembranças sobre aventuras vividas em

⁸ Para anunciar nessas guias, as travestis pagam entre 50 e 200 euros mensais, de acordo com o tamanho e local do anúncio e dos preços praticados em cada uma delas. Por exemplo, os *banners* de cabeça de página são mais caros por serem mais visíveis e maiores que os demais. Paga-se mais também para ser identificada como travesti “VIP”

outros tempos, antes da Espanha entrar para o Mercado Comum Europeu. Teoriza-se sobre em que tempo viviam melhor, se antes ou depois do euro. Competem sobre quem são as travestis “más lecheras” (as que mais produzem sêmen ao ejacular), as que têm o maior pênis, quais são as mais implicadas no serviço e, muitas vezes, se dedicam a pensar em tudo isso pelo prisma da nacionalidade de cada uma.

Nessas conversações, fala-se muito do Brasil. Afinal, a maior parte das travestis que se anuncia nas referidas guias são brasileiras. Nos comentários se pode perceber que mudanças pontuais vêm ocorrendo na percepção daqueles europeus em relação ao Brasil, país visto como “bem sucedido” frente à crise internacional que ainda afeta a Espanha.⁹ É interessante perceber como a crise pode minar noções de masculinidade, ao mesmo tempo em que pode provocar seu enaltecimento, como espero demonstrar, de maneira que assuntos tidos como privados se mostram estreitamente vinculados a temas públicos.

Nas muitas discussões feitas nos fóruns, o dinheiro é tanto um mediador necessário dos encontros, como pode ser também promotor de prazerosas e românticas relações. Ainda assim, dificilmente será tratado como elemento capaz de promover intimidade, mas como elemento racional e frio. Por meio dessas teias complexas, a prostituição, tomada por tantas vozes como antagônica à família e a relações afetivas, pode ser justamente promotora destas relações.¹⁰

⁹ Blanchette (neste volume) também sublinha a relação entre os clientes das garotas de Copacabana e a crise mundial. Interessante notar que entre aqueles homens, todos anglo-falantes, mesmo atual imagem do Brasil como um país que escapou à crise e que se “moderniza” a olhos vistos, ele ainda é categorizado como “perdedor” (*looser*), pois culturalmente ainda se manteria como corrupto, sem regras e, ademais, caro.

¹⁰ Por exemplo, com o dinheiro ganho na prostituição na Europa, muitas travestis brasileiras compraram casas para suas mães, pagaram estudos de

As guias eróticas: sexo, negócios e *otras cositas más*

Desde minha pesquisa ao longo do doutorado (2003- 2007) percebia o papel de destaque da internet no que se referia a atração dos meus interlocutores por travestis. Não foram poucos os que relataram ter sido por meio de sites e filmes baixados pela rede que, pela primeira vez, se interessaram em fazer sexo com uma travesti. Muitos já haviam passeado por ruas onde elas costumam trabalhar no Brasil, mas por motivos que vão do medo ao ritmo acelerado do cotidiano, passando pela vergonha e falta de dinheiro, não ousaram parar. Outros experimentaram um rápido sexo oral, sem coragem de pedir mais do que isso, ainda que desejando ver tocar no pênis da parceira, como ouvi em conversas ao longo de minha pesquisa de doutorado. Deste trabalho anterior, reúno cerca de 300 páginas de e-mails com relatos variados feitos por homens que ingressaram em uma comunidade que abri no site de sociabilidade *Orkut*.¹¹ Aqueles homens relatavam dúvidas e angústias sobre sua própria sexualidade, mas também contavam da excitação e do prazer que tiveram nas relações com travestis, ainda que algumas fossem “virtuais”, ou seja, masturbando-se olhando fotos ou vendo um vídeo (ambos captados na rede mundial de computadores).

A partir desse canal, um número significativo de depoentes conseguiu satisfazer curiosidades sobre o mercado

sobrinhos/as, garantiram o sustento da casa de parentes próximos, angariando respeito e, dessa forma, sendo aceitas por essas pessoas que em outros tempos as expulsaram do seu convívio.

¹¹ A comunidade “Homens que gostam de travestis”, criada em setembro de 2004, conta atualmente com mais de seis mil membros. As comunidades desse site de sociabilidade permitem que seus membros lancem temas para discussão, criem enquetes, anunciem serviços, procurem parceiras/os, enfim, que, a partir de um interesse comum, possam ampliar sua rede de relações *on-line*.

do sexo envolvendo travestis – o tipo de serviço oferecido, os riscos e a apreciação com mais tranquilidade dos corpos que tanto os intrigava e fascinava.

São muitos os sites na internet voltados para anúncios de serviços sexuais oferecidos por travestis, mas poucos trazem fóruns de discussões, fonte rica em dados. Os fóruns são espaços privilegiados para troca de experiências e obtenção de informações variadas sobre o tema. Assim, quando passei a pesquisar o fluxo de travestis brasileiras para o mercado do sexo transnacional, focando-me na Espanha, procurei pelos sites daquele país. Deparei-me com duas guias eróticas que reuniam, além do catálogo de trabalhadoras do sexo travestis, fóruns de discussão: *Taiaka Shemale* (TS) e *RinconTranny*. (RT). Desde 2008 passei a visitar essas páginas diariamente. Logo me inscrevi nos fóruns e me apresentei como pesquisadora, colocando meus dados e intenções em espaço que ambos os fóruns mantêm para que membros recém-ingressos se apresentem, coloquem seus dados e “avatar” (identidade iconográfica). Fui bem acolhida, mas sem gerar muito interesse por parte dos integrantes do TS ou RT. A partir desse cadastramento, pude acompanhar as discussões, ainda que existam áreas restritas a membros mais antigos e aqueles que são mediadores de determinados espaços de discussão dentro dos próprios fóruns.

Mas se o/a interessado desejar apenas acender às guias para visitar o catálogo de anúncios, não precisará de qualquer registro prévio. Assim que entrar no site o/a usuário/a depara-se inicialmente com uma página que especifica o conteúdo do site sem, contudo, mostrar fotos ou qualquer teor que possa ser considerado “ofensivo”, isto é, pornográfico. Seguem-se pequenas descrições, o aviso de que se trata de um site adulto.

Até o final de 2009, o *RinconTranny* era um site de acompanhantes que apresentava exclusivamente anúncios de travestis, mas atualmente seu catálogo exhibe também homens e

“Amores perros”

mulheres, ainda que em número menor que os de travestis. Os anúncios são acompanhados de fotos e descrições sobre os atributos físicos da/do anunciante, quase sempre detalhando as medidas de busto, quadril, pênis e seios. Contam ainda os serviços oferecidos, os lugares em que a/o profissional atende, além de um número de celular para contato.

O *Taiaka Shemale* reúne exclusivamente anúncios de travestis e, como o *RinconTranny*, reserva a página de abertura para aquelas que pagam pelo destaque, intituladas “travestis VIP”. Quando o usuário corre o cursor para baixo, os anúncios surgem divididos por cidades e/ou regiões (no RT, as escolhas dividem-se entre as cidades de Madri e Barcelona ou Toda a Espanha). Para ter acesso diretamente àquelas opções basta clicar em botões posicionados à esquerda da tela. Como no *RinconTranny*, o *Taiaka Shemale* disponibiliza acesso a outros *links* de interesse, a vídeos curtos (link XXX)¹² e ao fórum. Esse site é bastante ativo e apresenta um número maior de interações e propostas de discussão do que seu concorrente.

Os fóruns dividem-se por seções. No RT há uma exclusiva para debates, propostas e “nem tudo é sexo”, chamada “Atrio”. Outras seções são “Atualidades; “Mundo Travelandia”, que tem à frente Martin Tremendo, um dos donos do RT e figura conhecida entre as travestis. Ali ele dá dicas de lugares frequentados por elas, reúne histórias pitorescas sobre a relação entre homens e travestis, piadas sobre variados temas e “reportagens”, que são conjuntos de fotos de alguns passeios noturnos feitos por Martin em companhia de travestis. Há ainda a seção “Quien sabe donde”, que explica que aquele é um espaço para se buscar sua “tranny” perdida (como os homens

¹² A letra X está associada a sexo em vários meios impressos e eletrônicos. No referido *link* a repetição da mesma sugere que o usuário encontrará sexo em abundância.

do fórum se referem às travestis, termo que tem origem anglo-saxônica).

No TS, até 11 de março de 2011, havia 71.368 usuários, enquanto o RT reunia 24.608. Na mesma data, segundo estatísticas apresentadas, em seus fóruns encontravam-se 104.945 mensagens para 11.875 temas no RT, enquanto no TS as cifras são de 143.922 mensagens dentro de 15.264 temas. Esses números são indicativos da grande quantidade de informações reunidas nesses sites, por isso se tornaram fontes privilegiadas para minhas investigações. Inicialmente, apresento os *links* que versam sobre a intersecção de sexo e amor nas relações entre as profissionais e seus clientes.

Segundo Viviana Zelizer (2009), na maior parte das discussões, amor e dinheiro formam uma equação problemática. A ideia corrente é que o dinheiro corromperia as relações afetivas, contaminando-as com a “frieza” e a “racionalidade”, qualidades supostamente incompatíveis com a dimensão emocional dos afetos. Por essas mesmas características, o dinheiro agiria como um mediador capaz de neutralizar ações (fiz porque fui paga/pago) e justificar desejos (paguei, tenho direito a experimentar tudo).

A discussão sobre o casamento de Gabriela Guimarães no RT incendiou os ânimos dos automeados *foreros* e de algumas travestis que também participam das interações. O dinheiro entrou no debate assumindo diferentes sentidos. Por exemplo, quando os clientes passaram a se interrogar se Gabi iria prosseguir na prostituição, um dos participantes apostou que ela não deixaria o ofício, o que faria de seu marido um corno assumido. Suzy, uma travesti mexicana que sempre interage nos fóruns, responde: “Siempre he dicho que si hay dinerito de promedio, no cuenta como cuernos, ni de un lado ni de otro. Business are business” (Suzy, 15 /05/2010, RT).

Gabi não estaria traindo ninguém desde que cobrasse pelos seus serviços sexuais, defende Suzy. “Business are

“Amores perros”

business” sublinha, no idioma do capital, o papel neutralizador do dinheiro. A resposta que se segue à de Suzy promove o dinheiro ao lugar de contaminador e corruptor dos laços afetivos, supostamente regidos por sentimentos mais nobres e desinteressados do que aqueles que orientam os vínculos comerciais/profissionais. Escreve o *forero*: “Vamos hombre, si alguien que se case, permite a su pareja que se prostituya se convierte en su chulo [cafetão]. Es así de sencillo y de claro” (15/05/2010, RT).

Ao fim, é a própria prostituição e, assim, a prostituta a julgada. Essa atividade, que provoca várias junções – intimidade e dinheiro, prazer e contabilidade, emoções e cálculo –, não pode ser manejada por pessoas sentimentais; prostitutas seriam, por princípio, manipuladoras e só assim conseguiriam lidar com esses “mundos hostis”: o universo sacralizado do amor (incluindo o amor carnal) e o contaminado pelo dinheiro. Zelizer teoriza contra a aceção de “mundos hostis”, apontando que mesmo nas análises acadêmicas relações íntimas e atividades econômicas são vistas como “esferas apartadas”. Essa locução seria acionada para justificar a dificuldade em analisá-las como interseccionadas e a insistência em vê-las como incomensuráveis, regidas por lógicas distintas. Por essa via argumentativa, propõe Zelizer, quando relações afetivas se encontrassem com relações comerciais teríamos a formação de “mundos hostis”, pois o contato entre as duas esferas provocaria a corrupção de ambas.

De maneira que, evidentemente, Gabriela se casara por interesse, pois desejava assegurar os papéis de permanência no país. E isso pareceu lícito ao olhar do comentarista, pois provavelmente se tratava de um casamento negociado, como muitos que esses homens têm acompanhado desde que a Espanha permitiu o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Essa lei¹³ tem possibilitado a muitas travestis “comprar” os casamentos com cidadãos espanhóis, pagando entre 5 e 12 mil euros pelo contrato. Assim garantem sua legalidade e podem circular pela Europa, o que em tempos de crise se tornou fundamental, pois garante que se tente em outras praças recuperar parte dos ganhos perdidos no concorrido e abalado mercado espanhol. Essa é lógica que se espera no mercado, mesmo no mercado do sexo, assim, o casamento de Gabriela configuraria uma ação racional movida, no melhor estilo weberiano, pelo ideal, apenas um modelo, de forma que não existe de fato.¹⁴

Daniele, travesti campineira que vive em Barcelona desde 2008, também assegurou sua permanência na Espanha através do casamento. A união com Alan, jovem espanhol e ex-cliente, mescla companheirismo, solidariedade e ajuda econômica. “Quero **ajudar** a Dani”, me disse Alan certa vez, consciente de que essa **ajuda** implicaria em formalizar perante a lei a união que já havia de fato. Dessa forma, ele também poderia contar com a **ajuda** dela na divisão das contas domésticas.¹⁵

Os dois matrimônios citados, tidos como incomuns, correspondem justamente ao tipo de relacionamento que assusta vários clientes que se manifestam nos fóruns, reconhecendo-se como “covardes” diante da possibilidade de se

¹³ A Lei 13/2005 modificou o Código Civil espanhol, passando a reconhecer o direito de casais do mesmo sexo ao matrimônio e entrou em vigor em julho de 2005.

¹⁴ Gabi casou-se em abril de 2010 e permanece casada. Não atua mais como prostituta, mas mantém-se no mercado do sexo alugando quartos para travestis brasileiras em um luxuoso apartamento na cidade onde vive com seu marido. Está estudando inglês e começou um curso de gastronomia.

¹⁵ A “ajuda”, como aparece em outros artigos desta coletânea, torna-se uma categoria importante para pensar essas relações. Infelizmente, não há espaço para desenvolver essa discussão neste texto.

“Amores perros”

engajarem em uma união motivada por afetos com alguma travesti profissional do sexo.

Ao contrário, em enlacs negociados, como os casamentos comprados, o dinheiro novamente adquire caráter neutralizador, de maneira que casar-se em troca de uma boa soma é visto como um tipo de esperteza, algo compreensível, ainda que eu tenha ouvido nenhum cliente manifestar-se disposto a tal.

É interessante pensar que para o sucesso desse negócio matrimonial o casal tenha que simular moradia (e, às vezes, até compartilhá-la), forjar intimidades (que acontece de alguma forma, haja vista a necessidade de troca de informações familiares e privadas) e aprender muito um sobre o outro. Só assim poderão driblar a lista de 40 perguntas de teor íntimo feitas por agentes do Estado a cada uma das partes separadamente. Essa é uma forma de os agentes do governo tentarem evitar matrimônios arranjados entre nacionais e estrangeiros/as, assegurando que as uniões sejam motivadas por amor e não por interesse.

Como se pode notar, o amor, mesmo que custe para alguns admitir, é assunto de Estado. Casar-se, divorciar-se, registrar filhos ou bens, a partir do recorte que Zelizer chamou de “mundos separados”, desloca esses vínculos para a esfera do jurídico, portanto, do racional. Como a autora observa:

O que é surpreendente sobre tais visões é o seu fracasso em reconhecer o quão regularmente relações íntimas coexistem com transações econômicas sem dano aparente para quaisquer das duas: casais compram anéis de noivado; pais pagam babás ou centros infantis para cuidar de seus filhos; pais adotivos pagam advogados e agências para obter bebês; cônjuges divorciados pagam ou recebem pensão para si e para os filhos; pais dão mesadas a seus filhos, pagam seus estudos, os ajudam a pagar sua primeira hipoteca e lhes deixam dotes

substanciais em seus testamentos. Amigos e parentes mandam dinheiro de presente de casamento, e amigos emprestam dinheiro uns aos outros. Imigrantes enviam dinheiro obtido com sacrifício para famílias que ficaram para trás¹⁶ (Zelizer, 2009:142).

Mas voltemos às movimentadas páginas virtuais das guias eróticas, onde o número de respostas que atenderam aos tópicos em torno de temas relativos a apaixonar-se, casar-se, viver com uma travesti, propostos em ambos os fóruns em ocasiões distintas (entre 2006 e 2010), mostram que o assunto é candente.

“Por qué lo llaman amor cuando quieren decir SEXO?”¹⁷

Hola a todos, creo que me é enamorado perdidamente de una trans.¹⁸ Es un amor correspondido. Tengo solo un gran problema. Estoy casado y tengo 3 hijos. No se qué

¹⁶ Volto a esse ponto adiante. Como discutimos no Seminário que deu origem a este *paper*, o que temos percebido, e isso é muito nítido quando se trata de travestis, é que muitas vezes o dinheiro conseguido na prostituição é justamente o elemento que proporciona a (re)união dos parentes e, sobretudo, a aceitação da travesti de volta ao seio familiar.

¹⁷ Pergunta feita por Estatua, *forero* contumaz do *RinconTranny*, no tópico sobre “enamorarse (casarse) con una trans”.

¹⁸ Forma contraída da palavra transexual e/ou travesti. Na Espanha, o termo travesti é largamente usado pelos clientes e aparece tanto nos anúncios das profissionais nos sites de sexo pago, quanto nas interações dos clientes nos fóruns. Porém, entre ativistas do movimento social que lutam contra o preconceito e pela livre expressão das sexualidades que não se reconhecem na heterossexualidade, o termo travesti vem adquirindo uma conotação pejorativa, preferindo-se o termo “pessoa transexual”. Nas discussões acompanhadas durante meu campo (janeiro a abril de 2009), há um reconhecimento em nível institucional de que transexuais, para serem pessoas assim reconhecidas, não necessariamente necessitam fazer a operação de redesignação da genitália.

“Amores perros”

hacer. Alguien me puede aconsejar? (Giovanni, 05/04/2006, RT)

O tópico aberto por *Giovanni* suscitou 150 respostas-conselhos, respostas-reflexões, respostas-acusações, contradizendo o que há alguns anos era voz corrente entre várias travestis com as quais convivi: o homem europeu assume uma travesti. Essa crença propagou-se no meio. Porém, o que se lê, em ambos os fóruns, vai de encontro a essa divulgada qualidade.¹⁹

Ilustro com uma passagem de um longo *post* que apareceu três anos depois dos dilemas de Giovanni. Dessa vez a discussão é levada no Taika Shemale. O tema tratava sobre “trans y clientes que se enamoran”. “Este tema me encanta”, declara um experiente cliente, que não economiza palavras nem conselhos. “Con el correr de los años he opinado desde todas las perspectivas, desde todos los posicionamientos y con todos los tonos: candoroso, cínico, críptico, descreído, heroico”, pronuncia-se, mesclando em seu texto os elementos que, segundo ele, têm marcado suas intervenções no fórum:

Es este un maravilloso mundo de ilusión [aquele em que clientes e travestis que se prostituem experimentam relações intensas], como Disneylandia, en el que **nosotros soñamos en encerrarnos**, sino de por vida, al menos un ratito a la semana, y del que **ellas se mueren por salir**, cavando un túnel con una cuchara de postre si hace falta. Bueno, ellas ya saben quien se esconde debajo del disfraz de Mickey Mouse, eso es cierto. Le han visto las orejas al ratón y no quieren saber nada más del asunto. **Son de la**

¹⁹ Os brasileiros também vivenciam grandes dilemas em relação aos seus desejos e à possibilidade do sexo estar tão apartado como gostariam de sentimentos divulgados como “nobres”. Sobre a relação entre travestis e clientes brasileiros, ver Pelúcio, 2007, 2009, 2009a.

opinión que estos asuntos deben dirimirse negociando con dinero, no con sentimientos. Porque creen que nos sobra lo primero y estamos a dos velas respecto a lo segundo. Yo dudo mucho que ninguna pueda enamorarse de alguno de nosotros. Salvo que seamos George Clloney, Bill Gates o el penúltimo Nobel de Física. Y es que la opinión que tienen de nosotros es pésima. Mientras nosotros nos esforzamos por tratar con ellas en refugios artificiales que nos aíslen de la sórdida realidad, **ellas parecen obsesionadas con que nos demos de bruces con lo cotidiano, averiguar cómo chapotearíamos en el caldo grasiento de los prejuicios sociales, los matrimonios sin hijos y la atracción física por un físico con fecha de caducidad** (22/05/2009, TS, grifos meus).

Segundo o *forero*, há uma impossibilidade lógica para que essas relações possam se dar fora do marco do mercado do sexo. Eles querem se esconder, pois seus desejos os envergonham. Elas querem sair, mostrarem orgulhosas que também são pessoas possíveis de serem amadas. Eles não resistirão aos julgamentos morais nem a um casamento que, na escrita ácida do autor do *post* acima, estaria fadado ao fracasso. Elas se protegem, escudando-se com o dinheiro, calculadamente, friamente.

Outro participante parece aventar uma possibilidade diferente, oferecendo, inclusive um exemplo extraído do seu círculo de relações: “Tengo por amigos una pareja que ella era prostituta en un club y se casó con él y tienen una hija”. Em seguida faz uma ressalva, não estão falando apenas putas, como no caso da esposa de seu amigo. Ali, as “mulheres”²⁰ são também travestis. Nas palavras do *forero*: “Ahora bien, si me

²⁰ Coloco entre aspas por dois motivos: (1) a maior parte das travestis com as quais convivo não se vê como mulher; (2) os *foreros* muitas vezes as tratam como mulheres numa manipulação estratégica dos gêneros, de forma que, assim, eles se masculinizam.

“Amores perros”

decís que una trans es algo más complicado por la aceptación que hay en este país sobre ellas”. Essa somatória de dificuldades só poderia, segundo o autor da resposta, ser superada pelo amor. Não qualquer sentimento que possa ser com ele confundido, “no una tontería calenturienta, ni la fogosidad del momento”, aclara ele. O amor verdadeiro infere-se na leitura dos depoimentos presentes em ambos os fóruns, não se relaciona com o desejo, nem com o sexo ou a paixão. Afasta-se do primeiro por ser aquele impulsivo e, por isso, irrefletido. Giovanni parece confundir amor com desejo, visto que seu casamento amornou sexualmente, estabelecendo uma relação, acima de tudo, fraternal com a esposa. De repente, o desejo, sentimento próximo à paixão, por ser arrebatador e efêmero, pode levá-lo a desfazer sua relação com uma mulher com quem tem filhos. Este sim um amor verdadeiro, como afirma Dália, uma das participantes do *Taika Shemale*:

actualmente (...) el unico AMOR que experimenta el ser humano es ese de las madres por sus hijos... [ao que outro membro complementa] por que el del hombre hacia la mujer está teñido de deseo [desejo sexual].

De maneira que se o envolvimento com a travesti for orientado apenas pelo sexo, “después de este servicio, vuelves con tu pareja, tal cual,... siempre que no haya por medio más que sexo, claro está”, argumenta outro cliente no *Rincontranny*.

Por sua vez, o que afastaria o amor da paixão seria a fugacidade desta frente à divulgada durabilidade amor, referido por muitos *foreros* como um sentimento perene. De forma que, para alguns, “amor y sexo son dos cosas completamente diferentes, que sin dudas pueden ir a la par en muchos de los casos, pero no en otros”. Aparentemente, os casos em que esses sentimento não vão lado a lado (*a la par*) são aqueles nos quais há uma flagrante incompatibilidade entre o

tipo de casal que se forma e as convenções sociais. Valores como família nuclear, casal heterossexual e procriativo, condenação ao sexo pago, entre outros, parece orientar a maior parte dos clientes que frequentam os fóruns, o que é coerente com as análises da antropóloga Laura Agustín (2005:126):

la sociedad española sigue, a pesar de muchas formas de "apertura" y "modernización" en temas sociales, con el discurso de que la normalidad es la familia nuclear o la pareja (que ahora puede ser homosexual en ciertos sitios).

Os conselhos de um *forero* a Giovanni ecoam na observação de Agustín:

Deberías intentar seguir con tu mujer, entre otras cosas es la **madre de tus hijos**, y el día de mañana, nunca se sabe qué pensarían los hijos sobre ti. **Sobre la trans... hoy aquí y mañana allí**, las palabras se las lleva el viento. Yo no dudaría ni un segundo, **intentaría recuperar mi matrimonio**, como sea y si eso no se puede conseguir... pues nada, la decisión es bien fácil, yo la veo así desde luego (05/04/2006, RT, grifos meus).

Algumas travestis brasileiras, sobretudo aquelas que experimentam pouco tempo na Espanha, chegam a acreditar que estão em uma sociedade mais compreensiva quando se trata de vínculos afetivos entre homens e travestis, mas as discussões dos clientes apontam, e estudos diversos confirmam²¹, que nesse ponto aquele país se difere pouco do Brasil, como aparece na longa reflexão de um *forero*:

Es evidente que en la actualidad una relación con una Trans **está casi prohibida por la sociedad, no se entiende en**

²¹ Ver Teixeira, neste volume; Pelúcio, 2011 [no prelo]; Patrício, 2009.

“Amores perros”

absoluto. Se tolera una relación homosexual y evidentemente **no es homosexual el amor por una trans, parece que lo es pero no lo es en modo alguno.** Es un secreto, el mantener relaciones con ellas, que no se puede divulgar hoy por hoy, y menos decirle algo a tu mujer, esposa o novia. **Se te rompería el mundo en mil pedazos y nadie te echaría una mano (...).**

Ellas se enamoran como cualquier otra mujer, y por mi experiencia les comento que estarían unos meses sin trabajar, pero tarde o temprano volverían. No sé el motivo, **será que no se habitúan a una cierta normalidad, o que tienen a muchas personas que mantener en sus países de origen.** Siempre hay una madre, hermana, tía, etc., que vive directa o indirectamente de estas chicas. **Además ganan más dinero que nosotros en un mes, y no se habitúan a la normalidad,** si es que se puede utilizar esta palabra.

Otra cosa, no basar la relación en el dinero, son muy propensas, después de un tiempo, a me prestas “1000Euros” con cierta frecuencia, para sus obligaciones. Hay excepciones como es lógico, pero a mí personalmente me defraudo mi amor por esa cuestión, y eso que era un verdadero Ángel. **Ahora prefiero una relación "comercial" sin ataduras sentimentales** y pagar por lo que recibo y darme cuenta de la realidad (16/04/2006, RT).

Tanto no *RiconTranny* quanto no *Taiaka Shemale*, há uma insistência em classificar o amor como um sentimento quase mágico, capaz de dar força e coragem aos amantes, mas que também fragiliza e por isso deve ser evitado no contexto aqui tratado. Daí a necessidade de “meter” o dinheiro como intermediador. E quando isso não for suficiente para situar o apaixonado no terreno do cálculo, resta acreditar na capacidade redentora do amor. Segundo Lucas77, *forero* do TS, “por amor se llega a cualquier sitio” (20/12/2010, TS). A leitura das mais de 27 páginas virtuais sobre o tema, nos dois fóruns, sugere que se o

amor leva a qualquer sítio, esse espaço tende ser imaginado, alocado, como fora dos olhos da sociedade. Um lugar difícil de se encontrar e mais ainda de lá permanecer.

Ao fim, como recorda aos leitores um dos *foreros* do RinconTranny, “estas nenas tan sexis son (y no quiero ofender) prostitutas. Su principal estímulo para estar con uno o con otro es el vil metal” (07/04/2006, RT). Sendo assim, elas não se apaixonariam nunca por eles? A pergunta é retórica, pois sabemos que sim. Daí as tantas regras, que regem os encontros dos corpos na prostituição, servem não só para separar o sexo-por-amor do sexo-por-dinheiro, mas também para proteger a profissional de possíveis paixões.²²

Curiosamente, quando se vai dos fóruns e para os anúncios das *scorts* (como são chamadas também pelos *foreros* as pessoas que se prostituem) o que se vê, ao menos nas citadas guias, é uma aparente suspensão dessas regras recorrentes nas conversas que mantive sobre o assunto com travestis no Brasil. Não beijar na boca, não “fazer a linha romântica”, não passar a noite com o cliente sem cobrar mais por isso, não permitir quaisquer carícias antes de receber o dinheiro, não alongar conversas ao telefone que possam possibilitar ao interlocutor se masturbar, são apenas algumas orientações que devem pautar a conduta de uma profissional.

Mas ao comparar dados que acumulo da relação entre clientes brasileiros e travestis nacionais, é perceptível que as imigrantes aprenderam rapidamente a diferenciar as clientelas. Hoje elas sabem que os espanhóis querem mais do que “*una mujer con polla*” [órgão sexual masculino, na linguagem mais chula]. Isso se evidencia nos textos dos anúncios em que se repetem promessas de “*lluvia dorada*”, “*fiesta blanca*”, “*beso*

²² Para uma discussão bastante interessante sobre o tema, ver Medeiros, 2002.

negro”²³, acrescidos de adjetivos como *“besucona”* [beijoqueira], *“activa y pasiva”*, *“cariñosa”*. A insistência nesses atributos revela que para trabalharem naquele país terão de declarar práticas que normalmente aparecem, no Brasil, como vetadas aos clientes (ainda que na prática essas interdições sejam mais fluidas).²⁴ Os textos dos anúncios, muito parecidos entre si, prometem, de fato, serviços e não amor. A oferta desses serviços indica plasticidade e profissionalismo de quem atende, procurando diferenciar a anunciante entre as 201 travestis que figuram no *Taika Shemale* (7/07/2011), o maior guia erótico espanhol especializado em travestis.

A acirrada concorrência promove distintas práticas descritas, até pouco tempo, por muitas de minhas interlocutoras como desprezíveis, bizarras, nojentas. As regras certamente ainda existem, apenas mudaram nesses tempos de crise e acentuada competição por um mercado bastante saturado. O dinheiro não só as justifica como garante que elas paguem suas contas, assegurando sua permanência fora do Brasil. A vida no exterior tem garantido a muitas delas experiências cosmopolitas, além de possibilitar ajuda financeira à família, o que, como muitos relatos têm mostrado, garante o afeto e o respeito de parentes que em outros tempos as desprezaram.²⁵

O regramento moral sobre o corpo da travesti que se prostitui parece mais fluido na Espanha, mas essa flexibilização é outro ponto em que dinheiro, comércio, cenário político-econômico e afetos se tocam. Ainda que elas tenham claro que as mudanças nos serviços oferecidos (que incidem sobre a

²³ “Lluvia dorada” [chuva dourada] = urinar no corpo do/da parceiro/a; “fiesta blanca” [festa branca] = ejaculação sobre o/a parceiro/a, de preferência no rosto e na boca; “beso negro” [beijo negro] = lamber o ânus.

²⁴ Para uma discussão mais pormenorizada da relação entre travestis e clientes brasileiros, ver Pelúcio, 2007; 2009.

²⁵ Ver Gilson Goulart, neste volume.

organização do acesso do cliente ao corpo da travesti) obedecem a uma lógica local, regida pelo mercado e, assim, pela racionalidade. Isso não impede que essa flexibilização fuja de controle, provocando aprofundamento desses contatos e gerando, por vezes, sentimentos extremados, seja a paixão, seja desprezo pelo cliente.

Esses encontros comerciais são, de fato, atravessados por sentimentos tomados, de maneira geral, como incompatíveis com o negócio do sexo: manutenção/resgate de relações familiares (no caso das travestis); indecisão, ciúmes, medos, amor, todos presentes ao longo das 152 intervenções frente às aflições de Giovanni. Somam-se a elas mais de 100 respostas para temas semelhantes postados no *Taika Shemale* (“trans y clientes que si enamoram”; “Enamorarse”; “Te puedes enamorar de una trans y viceversa”; “sexo o algo más?”; “enamorarse de una *scort*”), denotando não só solidariedade dos *foreros* como empatia frente àqueles/àquelas que se interrogaram sobre a possibilidade de existir amor quando o sexo é comercial, que expuseram suas fragilidades, algumas em tom de desabafo, outras em busca de conselhos ou ainda procurando se sentir “*menos raros, entre los raros*”, como justificou um deles.

Os exemplos dos amores fracassados e das decepções, via de regra, são atribuídos à sociedade como figura impessoal, mas poderosa, quase durkheimiana, com sua “mente fechada”, ou às próprias travestis que, na avaliação de muitos *foreros*, não conseguem largar a vida na prostituição e, ao contrário deles, pensam muito em dinheiro. São raros aqueles que admitem terem se acovardado frente aos desafios que uma relação com uma travesti, prostituta e, ademais, estrangeiras pode trazer para suas vidas de “*ciudadanos normales y corrientes*”.

Entre tantos, o depoimento que segue sintetiza a posição de vários *foreros* em relação à sua aparência “normalita”, às suas

"Amores perros"

vidas "en la normalidad" e às dificuldades para enfrentar uma relação que não é vista como "normal".

Buenas Giovanni, a mi me pasó algo parecido. Verás en la primavera de 2004 conocí a una trans bellísima (...) Varios días quedamos para pasear por Madrid, charlar, etc. Lo cierto es que mucha gente nos miraba algunos supongo que pensando el pedazo de pibón que llevaba alguien como yo al lado (supongo que hay hombres más feos pero estoy seguro de que los hay más guapos) y otros se reírían, aplaudirían mi valor, o se escandalizarían de que me pasease con una trans y la llevase a comer y a todas partes (personalmente me parecen estúpidas todas las posiciones, para mí son seres humanos que rien, lloran, sienten, y padecen exactamente igual que los demás). El caso es que yo empecé a plantearme seriamente la situación que se estaba creando porque yo me estaba volcando mucho en Raquel (así se hacía llamar) y sabía que si dejaba a mi mujer el palo para ella podía ser terrible (como ya he dejado ver físicamente no soy Cuasimodo pero desde luego ni me acerco a George Clooney, pero aún así parece que cuando se me conoce se me puede llegar a querer muuuucho) (...) aún estando dispuesto a asumir que esto pudiese ser normal me planteé la posibilidad de presentarla ante mi familia como mi novia (por la que habría dejado a mi mujer) y no tuve cojones (lo que piensen los desconocidos me da igual pero el hecho de que quizás mi familia no supiese encajarlo fue más de lo que pude soportar). Como no me pareció justo hacer daño a mi mujer y podérselo hacer a Isabel sólo para ver si lo que quería era una trans o al final no iba a poder soportar la presión decidí "perder" su número de teléfono... y así hasta el día de hoy no he vuelto a saber de ella. Espero que le vaya muy bien y que no me guarde rencor (20/04/2006, RT).

Nessas relações, transparece que “el sexo no es sino un elemento entre otros de una relación con posibilidades múltiples”, como observa Pascale Absi (2011:382). Entre essas tantas possibilidades está a de brindar vidas aparentemente acomodadas com momentos de excitação aventureira. A busca das *scorts* na web, as estratégias para escapar e ir ao encontro da travesti, as experimentações com jogos sexuais, a manutenção do segredo e do sentimento, alimentado pela interação via fóruns, de fazer parte de uma espécie de confraria²⁶ são alguns desses momentos que movimentam vidas lidas por muito daqueles homens como “normalitas”.

Tomar os encontros sexuais pagos pela via simplista da troca de dinheiro pelo acesso ao corpo da prostituta é uma maneira essencializada de ver o trabalho sexual, desconsiderando que, muitas vezes, o que menos se faz nesses momentos é copular. Uma das administradoras de um famoso *piso*²⁷ de travestis, situado em Barcelona, conta que os clientes mais assíduos e que mais se alongam em suas visitas ao local são justamente os que buscam companhia para consumir cocaína, beber e conversa. Segundo a mesma fonte, apesar da crise, são estes que têm mantido a regularidade de sua frequência, garantindo a manutenção do *piso*.

²⁶ Em ambos os fóruns os participantes se identificam como “taiakanos” ou “rinconeros”, em referência ao nome das guias eróticas. Há certa rivalidade entre eles, cada um chama para si maior seriedade na abordagem dos temas e na forma de lidar com seus desejos e prazeres. O respeito ao segredo e o enaltecimento daqueles que conseguem levar uma vida de aventuras sem ser descoberto ficam patentes nas narrativas comemoradas por muitos deles a cada experiência compartilhada.

²⁷ Apartamentos onde trabalham de três a oito travestis e/ou mulheres (há aqueles em que travesti e rapazes trabalham juntos), são gerenciados por alguém que paga os anúncios, garante o espaço para o programa e cobra, geralmente, 50% do valor como comissão. Nos *pisos* geralmente não se cozinha, a comida deve ser pedida por telefone ou, em alguns casos, se é obrigada/o a comprar a que o *piso* fornece.

“Amores perros”

Crises globais e desejos coloniais

La crisis afecta a los bolsillos (menos experiencias que para buscar, contrastar o redactar el RT suponen menos actividad) y a la motivación de la sociedad...

El bombardeo diario durante tanto tiempo de pésimas noticias (paro, crisis, despidos, cierres de empresas, corrupción, violencia...) ha impregnado a la sociedad de una "tristeza" que afecta a la motivación y al estado de ánimo general (Lenon123, 16/05/2009, RT)

Esse “estado de ânimo” do qual fala Leon tem provocado uma constante mobilidade entre as travestis brasileiras que hoje vivem na Espanha. Elas têm percorrido diferentes países europeus na tentativa de escapar da crise. Nas palavras de Jabato, um cliente que se identifica como diferenciado, por suas relações com o mercado do sexo e pelo blog que mantém há mais de 12 anos sobre “sexo de pago”,

la situación es muy grave y te lo dice una persona optimista por naturaleza pero es lo que me transmiten ellas ya sabes que hablo con muchísimas las mas conocidas y famosas han tenido que empezar a viajar constantemente (via MSN, 24/11/2010).

Como sublinha o experiente Jabato, o luxo de mover-se não é para todas, mas para as que conseguiram legalizar sua permanência. Na linguagem comum, elas têm “papeles”, como é o caso de Renata Close. No final de 2010 conversávamos via MSN sobre a situação espanhola. Renata me interava que a partir de 2011 se manteria em trânsito entre Barcelona e Copenhague, na Dinamarca, lugar que segundo ela “TEM MUITOOOOOOOOOOO MUITOOOOOOOOOOO MONEY²⁸[além

²⁸ Mantive a grafia em maiúsculas, que indicam seu enorme entusiasmo.

disso, os clientes ali] são coelhinhos rapidinhos e muito, mas muito amados, e gentilíssimos” (MSN, 01/12/2010), diferente dos espanhóis, tidos por diversas travestis com quem conversei como muito exigentes. Essa qualidade é reconhecida por Jabato, que há algum tempo havia observado que “los clientes hemos cambiado en todos estos años. Hace 10 años éramos muy inocentes, no conocíamos bien a las trans, como actuaban. Poco a poco hemos cogido experiencia y ahora exigimos más que nunca” (MSN, 23/04/2009).

No início dos anos 2000, quando a Espanha começou a integrar o mapa das possibilidades migratórias para travestis brasileiras, o que mais se comentava pelo circuito por onde eu costumava transitar era sobre a possibilidade de ganhar muitos euros em um país no qual os homens estavam “carentes” e por isso buscavam profissionais com o perfil das brasileiras: “quentes”, “carinhosas”. Circulava também que se podia fruir dos benefícios de estar na Europa, mas sem a grande competição e a repressão que elas passaram a sofrer na Itália, que ao longo da década de 1990 era referência de *glamour* e sucesso para a imigração travesti. O grande número de prostitutas travestis nas ruas italianas, os conflitos morais que a prostituição aciona, o Papa e as políticas de Berlusconi começaram a comprometer a permanência das travestis na Itália. Ao mesmo tempo, a vizinha Espanha, transformada social e politicamente pelo fim do franquismo, ingressava no seleto clube da Comunidade Européia e, em 2002, adotava o euro. O fluxo migratório se voltava, então, para aquele país “em um movimento de internacionalização de mão de obra que atingiu diversos setores de atividade” (Piscitelli, 2009c:6).

A indústria do sexo passou a ocupar estrangeiras de diversos lugares do mundo. Esse setor de atividade, diversificado, inclui linhas telefônicas eróticas, *peep shows*, espaços de espetáculo erótico, a Internet, locais de

“Amores perros”

strippers, e os serviços sexuais acordados em bares, nas estradas, rua, clubes e apartamentos. Os pisos divergem em sua organização, tamanho, no “nível”, expressado nos valores dos serviços e na população que neles trabalha: alguns ocupados exclusivamente por mulheres, outros por “trans”, alguns por trabalhadoras do sexo de uma mesma nacionalidade enquanto outros apostam na diversificação étnica (id.ib.).

Essa vasta gama de ofertas e possibilidades de trabalho no mercado do sexo atraiu travestis brasileiras. Algumas já tinham negócios estabelecidos na Itália, mas, com a saturação do mercado, somadas às mudanças políticas conservadoras, viram a Espanha como uma nova possibilidade para investimentos. Nina Gaúcha, por exemplo, passou a financiar as viagens de suas protegidas para cidades como Bilbao e não mais Roma.

As estratégias para ir para a Europa são diversas. Usualmente, as viagens para a Espanha eram totalmente custeadas, incluindo passagem, passaporte, algum dinheiro para mostrar (caso solicitado) e carta-convite enviada por uma/um cidadã/cidadão nacional; ou viajavam com seus próprios recursos e compravam apenas a carta. Independente da forma de entrar no país é preciso que se viaje com um trabalho já arranjando.

Para Sany Ramirez, travesti que há três anos vive na Espanha, a atração pela Europa não se resume a ganhos materiais, mas a “uma reeducação para as travestis, porque aqui você aprende muita coisa nova”, devido à possibilidade de conviver com “uma outra cultura, outras pessoas, ter sua vida... cinema, teatro, não só aquela coisa de estar na rua. (...) aqui eu vivo bem!”. Ela, por exemplo, teve a possibilidade de participar por três dias de um *reality show*. Assim, seu sonho de fama e reconhecimento tornou-se viável, num claro indicativo de

quanto os espanhóis estão à frente dos brasileiros “atrasados”. “No Brasil eles não permitem nem beijo de homem com homem na TV, que dirá um travesti contar assim do seu dia-a-dia...” (entrevista concedida em 16/03/2009, no apartamento de Sany, em Madrid).

Experiências como a de Sany reforçam a percepção de que na Europa “elas estão bem mais perto do glamour e do luxo”, observa a veterana²⁹ Gretta Star, em entrevista a Paulinho Cazé, colunista do site Casa da Maitê.³⁰

O *glamour* relaciona-se com a vida artística, o teatro, as dublagens em boates, os bailes de carnaval, um conjunto de referências que localiza o sucesso de muitas travestis nos palcos (Silva, 1993; Green, 1999; Trevisan, 2004). Dessa forma, o *glamour* se coloca também no contraste entre a aceitação *versus* o escárnio; o palco *versus* a prostituição; ser uma diva *versus* ser um “viado de peito”, portanto, seu oposto é a abjeção. O luxo se refere não só à possibilidade de ascensão social e de fruição de bens materiais, mas de poder viver legitimamente uma vida travesti. Isso inclui circular pelas ruas durante o dia sem sofrer humilhações; poder ter um marido; ser tratada no feminino, entre outros “luxos” que, como julgam, dificilmente experimentariam no Brasil.

O que vincula o Brasil à morte e ao terreno acidentado da pobreza e a Europa à promotora de bens simbólicos e materiais sintetizados nas categorias *glamour* e luxo é que ambos (Brasil e Europa) foram constituídos simultaneamente a partir de uma mesma matriz política, a qual Anibal Quijano (2000:342) chama de colonialidade do poder³¹, o coração epistêmico da

²⁹ Veterana é uma classificação êmica que situa geracionalmente a travesti.

³⁰ http://www.casadamaite.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3667&Itemid=101.

³¹ Para Quijano, a colonialidade é a face oculta da modernidade. Partindo dessa proposta ele elabora o conceito “Colonialidade do Poder”, um modelo cognitivo classificatório que permitiu a hierarquização da Europa diante de

“Amores perros”

modernidade. Nas palavras do professor de estudos étnicos Ramón Grosfoguel (2008:55),

a colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial. A expressão “colonialidade do poder” designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo.

Aprendemos a pensar sobre nós mesmos a partir de um saber que se espalhou na modernidade como sinônimo de verdade. O “sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno tem privilegiado a cultura, o conhecimento e a epistemologia produzidos pelo Ocidente” (Spivak, 1988; Mignolo, 2000 *apud* Grosfoguel, 2008:71). Na dicotomia estreita na qual esse tipo de conhecimento se estruturou, nós, os outros do ocidente, nos tornamos @s atrasad@s, em contrates com o avanço ocidental e, por isso, dependentes; @s fei@s, porque demasiadamente racializad@s frente à não-raça branca. Passionais, porque não pensamos com objetividade, amargamos nossas imperfeições. Aqui, o espaço da morte, lá o terreno das possibilidades de vida.

Marcia Ochoa em sua pesquisa com “*las transformistas*”³² venezuelanas reflete como a própria Venezuela “vem a ser vista

outras regiões. Um modelo no qual a idéia de raça e racismo é tomada como princípio organizador que estrutura múltiplas e enfeixadas hierarquias.

³² O termo pode se equivaler ao que no Brasil reconhecemos como travestis. É importante ressaltar, como faz a própria Ochoa, que essas categorias têm marcas locais, assim, carregam histórias, marcas culturais, preconceitos sociais gestados em contextos específicos.

como um espaço de morte, fracasso e poluição: um lugar perverso” (2010:s/n). Ainda Ochoa:

Desse modo, eu estou fazendo essas indagações no nível do (trans)nacional – ou seja, embutindo o povo transgênero em lógicas existentes do nacional ao invés de vê-lo como exceção, e entendendo a nação como um auto-construto em economias transnacionais, tanto simbólicas quanto materiais.

As transformistas são a Venezuela, ainda que o estado-nação – como marca da modernidade eurocêntrica – deseje constituí-las como não-cidadãs. Assim também se passa com as travestis brasileiras, em um dos muitos paradoxos que cercam essa experiência.

Em conversas com clientes espanhóis, alguns tinham uma imagem do Brasil como um país liberal em relação à sexualidade, o que justificaria o grande número de travestis brasileiras. É como se houvesse uma “permissividade” moral e um espaço social propício para que elas vivessem essa expressão de gênero. Nessa perspectiva, a travestilidade seria uma realidade isolada, que pouco teria que ver com dinâmicas de contatos, subordinações, transmigrações como processos de longa duração que compõem a lógica colonial como parte de um sistema totalizante.

A tropicalidade – evidenciada pelas praias, calor, futebol, carnaval – também aparece nas falas dos clientes como um elemento constitutivo de certos corpos e subjetividades. A praia produz pessoas sempre bronzeadas e relaxadas; o calor, mais do que um elemento climático, torna-se metafórico, abrasando as relações; o futebol e o carnaval são as expressões corporais por excelência (depois do sexo, é claro), justamente porque a praia e o calor seriam um eterno convite ao prazer, ao movimento malicioso dos corpos e à sua exposição.

“Amores perros”

Aparentemente, essa essencialização só não explica porque é daqui que saem tantas travestis. O interessante é que poucas vezes ouvi a pergunta sobre porque elas deixam o Brasil. Talvez essa pergunta não precisasse ser feita. O crescente fluxo de imigrantes dos países latino-americanos para a Espanha já traria a resposta: elas (as travestis) são pobres, vêm de países do terceiro mundo, ex-colônias europeias, farão qualquer coisa para permanecerem por lá. Como analisou um dos *foreros* do RT em tempos menos bicudos: “la metrópoli sigue siendo el punto de referencia cultural indiscutible. Esto es una herencia histórico-cultural que de momento sigue primando para muchas cosas...” (05/11/2005, RT).

Ou seja, a centralidade geográfica e cultural da Europa e sua relação desigual com as ex-colônias, cinco séculos depois, seguem referendando as impressões que muitos europeus têm sobre o resto do mundo e seus habitantes. As antigas metrópoles atuariam como pontos de atração porque a/o colonizada/o se constitui na tensão entre o domínio e o fascínio pelo colonizador, assim como as marcas da desigualdade podem atuar, para este último, como fator de atração. Essas desigualdades são lidas primeiramente na pele. Uma pele que, na proposta de Bhabha, associa-se com a cultura³³, conformando uma identidade “natural”.

A pele, como o significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como ‘conhecimento geral’ de uma série de

³³ Ao analisar como o conceito de cultura foi se delineando nos meios científicos europeus, Robert Young (2005:64) propõe que “a cultura sempre marcou a diferença cultural por meio da produção do outro; sempre foi comparativa, e o racismo foi sempre parte integral dela: ambos estão inextricavelmente emaranhados, alimentando-se e gerando um ao outro. A raça sempre foi culturalmente construída. A cultura sempre foi através da raça construída”.

discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais (Bhabha, 1998:121).

Conclusões preliminares

Nos fóruns se celebra a beleza da mestiçagem ao mesmo tempo em que fica claro seu lugar sexualizado, por isso feminilizado e subalternizado. E o são também porque fracassaram no afã de se fazerem passar por corpos modernos. Ainda que se valham de diversas tecnologias corporais e farmacológicas para se fazerem femininas e viris em um só corpo (os clientes querem que elas os penetrem e tenham orgasmo, o que exige que muitas tomem Viagra diariamente), aqueles são corpos latinos. Corpos racializados, que, historicamente, têm sido usados pelos europeus para serviços subalternos, não podem encarnar, de fato, a modernidade.

O binário tradicional/moderno reforça o que Jonnanes Fabian conceituou como discurso “alacrônico”, que resulta da prática de falar do “outro” colocando-o em um tempo diferente do tempo daquele em que se está falando (Fabian, *apud* Ruiseco & Vargas, 2009:200). Dessa elaboração discursiva resulta uma imagem do “outro” como “atrasado”, uma vez que sua maneira de viver remete a uma espécie de passado da modernidade, o que os faz inimigos do progresso, alocando-os em um tempo/espço irremediavelmente distante do Ocidente.

Apesar dessas observações, essa forma de olhar o Brasil e, no caso, as brasileiras, está em lenta, mas sensível, transformação. Ilustro com um comentário postado no *Taiaka Shemale*:

Gracias a una buena gestión Brasil está mucho mejor que antes, es uno de los pocos países que tiene un crecimiento sostenido, ha disminuido la pobreza, aunque sigue habiendo. También es cierto que en Europa al ser más

“Amores perros”

liberal de pensamiento os [as travestis] sentís más cómodas, en **Brasil los hombres son muy machistas** y aquí no tanto, a muchas os va muy bien aquí, aunque tiene sus matices no se puede generalizar y la crisis afecta a todos (17/09/2010, TS).

Interessante notar que apesar do reconhecimento por parte de algumas travestis e também de clientes espanhóis de que o Brasil encontra-se em um momento econômico singular frente a outros países, inclusive aqueles tidos como “desenvolvidos”, ele ainda integra uma *mediascape* global (Appadurai, 1994)³⁴ que o situa à margem do ocidente como espaço geocultural, capaz de produzir um tipo de cultura superior (menos machista, por exemplo), o que também o fez economicamente mais desenvolvido.

É difícil mudar o olhar dos chamados países centrais sobre os/as brasileiros/as, como também é custoso re-situar esse lugar aprendido como periférico. Na análise crítica de Grosfoguel (2008:69), a América Latina, assim como a África, foi constituída como “regiões ‘patológicas’” na periferia, por oposição aos chamados padrões “normais” de desenvolvimento do “Ocidente”. Esse processo de longa duração esteve ancorado em um eficiente e vasto aparato discursivo, o qual Quijano chama de colonialidade do poder, e que mostra até o momento seus profundos efeitos.

Ainda assim, é importante prestarmos atenção aos deslocamentos em curso que criam fissuras na colonialidade

³⁴ Como esclarece Blanchette neste volume, “Appadurai utiliza o conceito de *mediascape* para referir à capacidade de produção e disseminação de grandes e complexos arquivos de imagens e narrativas que deixam indistinta as diferenças entre paisagens reais e fictícias. De acordo com essa teoria, essas *mediascapes* tendem a se centralizar em descrições parciais da realidade que são posteriormente agregadas em conjuntos complexos de metáforas que as pessoas utilizam para construir suas vidas e narrar as vidas de Outros”.

eurocêntrica, mas é preciso também reconhecer que os estereótipos, enquanto descritores simplificados, seguem mostrando-se potentes quando se trata de marcadores sociais da diferença, como nacionalidades, raça/etnia, classe, gênero.

A larga *mediascape* na qual o Brasil se insere tem sido reforçada através das imagens que viajam em anúncios turísticos, na promoção de produtos brasileiros (caipirinha, sandálias havaianas, biquínis), nos filmes e documentários que retratam o país que, aliás, parece estar na moda, haja vista sua atual visibilidade nos noticiários internacionais. Afinal, o país irá sediar as Olimpíadas e a Copa do Mundo, o que por si já gera muito material para a imprensa. Some-se a essa crescente exposição midiática brasileira as matérias jornalísticas sobre criminalidade veiculadas pelas agências internacionais de notícia, e teremos os elementos culturais que ajudam a compor um grande mosaico do que seria o Brasil contemporâneo, criando uma idéia de familiaridade para os estrangeiros. Por esse ângulo, o país parece mais imerso em seus paradoxos.

E o paradoxo tem sido a própria condição de existência das travestis brasileiras. Desejadas e rechaçadas; expulsas de seu país pela intolerância e ícone nacional no exterior; nem só homens, tampouco somente mulheres, elas perturbam a ordem dos gêneros, provocando com seus corpos transformados abjeção e desejo. Paradoxal também parece ser a relação dos clientes espanhóis frente aos seus desejos que colocam em xeque a masculinidade de homens que se pensam como heterossexuais, portanto, “normais”, mas que se vêem muitas vezes ameaçados pelo amor que são capazes de sentir por travestis, que são também prostitutas.

Nesse território dos desejos tidos como não-convencionais, o sexo com travestis é comprado “com a moeda

do fascínio, do medo, do desprezo” (Leite Jr., 2006:22).³⁵ O contato com o corpo transformado, artesanalmente moldado da travesti, se une às angústias e aos prazeres da transgressão, somados, por vezes, ao desprezo por elas serem “homossexuais”, estrangeiras, de pouco estudo, que podem esnobar os clientes, menosprezá-los e cobrar caro por serviços insatisfatórios.

Os homens espanhóis que pagam por sexo com travestis são colecionadores de sensações eróticas, entre elas, o segredo, pois este se relaciona às aventuras, aos atos que os tiram da previsibilidade cotidiana. Talvez por isso, o espaço dos fóruns se torne tão frequentado, justamente por possibilitar compartilhar esses prazeres, ressaltando aspectos de sua masculinidade que, se publicizada fora desse espaço, poderia ser posta em xeque. As interações *on-line* conferem não só sentido de pertença e de normalidade aos *foreros*, como um ambiente onde o segredo pode ser falado e fruído, divulgado e comentado por outros, atestando as habilidades do narrador, suas conquistas e seu poder.

Alguns homens acabam desfrutando muito prazer nessas (con)vivências clandestinas. Nos fóruns, podem criar um perfil que lhes dê prestígio entre os demais frequentadores, resignificar existências ordinárias a partir de narrativas de experiências extraordinárias.³⁶ Se o segredo cria armadilhas, pois pode ser traído e revelado a qualquer momento, maculando aquele que foi alvo da revelação, ele também

³⁵ Leite Jr. refere-se aos clientes brasileiros, mas essa afirmação descreve bem o que pude observar entre os espanhóis nos fóruns.

³⁶ Os quatro homens que se identificaram como amantes e/ou clientes, com os quais estive na Europa, levavam vidas bastante regradas, com empregos fixos, três deles viviam sós e não têm atributos que os identifique com os padrões vigentes de masculinidade e beleza. Em minha pesquisa de doutorado, um interlocutor me disse que entre as travestis, eles, ainda que fossem homens sem grandes atrativos físicos, ficavam sempre com as “*tops*”.

proporciona que se crie, pelo menos ali, uma vida intensa, cheia de erotismo alimentado pela fruição do “exótico”.

O exótico, neste caso, estaria relacionado não só com os corpos, mas também com as práticas. Nelas, o exótico e o erótico coincidem, traduzindo este encontro na materialidade dos corpos e o que se pode fazer com eles. Nessa medida, o dinheiro também entra como um elemento de excitação, pois implica em poder que, por sua vez, pode ser um lubrificante altamente eficiente para o sexo. É o dinheiro que dá acesso, ao menos inicialmente, às *scorts* e paga pelas muitas possibilidades do tipo de sexo que elas oferecem.³⁷ Os excessos são um luxo, e as travestis aprenderam no Brasil que elas são uma espécie de excesso, uma excepcionalidade.

Na Espanha, esse sexo excepcional – alguém que pode oferecer pênis e peito, ativo e passivo, o ânus, como um luxo que romperia a medida dada pelo sexo “natural”, heterossexual e procriativo – é uma espécie de Fausto pelo qual os espanhóis podem pagar apesar da crise. Esse acesso garante não só o exercício de uma masculinidade altamente valorizada entre eles, mas também um escape para a sensação de fracasso como nação inserida no seletor clube da Comunidade Europeia, provocado pela grave crise econômica que abala a Espanha, como se pode inferir dos recorrentes comentários nos fóruns. Pela via do sexo pago com travestis do “terceiro mundo” eles reafirmam a supremacia dos europeus sobre esses corpos racializados. Um poder colocado em xeque pela dinâmica da economia política global, assim como pela intensidade das relações privadas, que precisam ser constantemente discutidas, compartilhadas, vigiadas coletivamente, para que eles não

³⁷ Muitas travestis cobram à parte para ejacular, para consumir drogas com o cliente ou para urinar sobre ele. Também são mais caros os serviços sado-masoquistas e de transformismo, quando o cliente deseja se vestir com roupas femininas e ser tratado como mulher.

“Amores perros”

sucumbam aos paradoxos que os lançam a seus desejos coloniais

Referências bibliográficas

- ABSI, Pascale. De la Transgresión a la Submisión: el valor del dinero en los prostíbulos de Bolívia. In: PAVEZ, Jorge & KRAUSHAAR, Lilith. *Capitalismo y Pornología – la producción de los cuerpos sexuados*. San Pedro de Atacama, QILLQA, serie IIAM, 2011.
- AGUSTÍN, Laura. *Trabajar en la industria del sexo*. OFRIM/Suplementos, Madrid, junio 2000, 2006, pp.155-72.
- _____. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *cadernos pagu* (25). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.105-128.
- _____. Mujeres inmigrantes ocupadas en servicios sexuales. *Mujer, inmigración y trabajo*. Ed. Colectivo Ioé, Madrid, IMSERSO, 2001, pp.647-716.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike. (org.) *Cultura global*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- DUQUE, Tiago. Montagens e Des-Montagens: vergonha e estigma na construção das travestilidades na adolescência. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. 2009.
- _____. “Eu quero ir para a Europa” - Reflexões sobre minha informante “traficada”. Texto apresentado como trabalho de final de curso da disciplina “Tópicos Especiais em Antropologia IV - Gênero, transnacionalização, mercado do sexo”, IFCH/Unicamp, 2008. *Mimeo*.
- GREEN, James. *Além do Carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Editora da Unesp, 1999.

- GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 80, 2008, pp.115-147.
- LEITE JR., Jorge. *Das Maravilhas e prodígios sexuais – A pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo, FAPESP/Annablume, 2006.
- MEDEIROS, Regina de Paula. *Hablan las Putas – sobre prácticas sexuales, preservativos y SIDA em el mundo de la prostitución*. Bilbao, Vírus/Crónica, 2002.
- MESSEDER, Suely A. Por qué es la antropóloga, por eso no es puta brasileña? Do mito fundador ao imaginário da mulher brasileira na Comunidade Autônoma de Galícia. *XVI Encontro ABEP*, Caxambu-MG, 2008.
- OCHOA, Marcia. La Moda Nace en Paris y Muere en Caracas: Moda, Beleza e Consumo no (Trans)Nacional. In: MISKOLCI, R. & PELUCIO, L (orgs.) *Discursos Fora da Norma – deslocamentos, invenções e direitos*. São Paulo, Annablume, 2011 [no prelo].
- PATRÍCIO, Maria Cecília. “No Truque”: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2008 [http://www.bdt.d.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5815].
- PELÚCIO, Larissa. Desejos, brasilidades e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras. *Revista Bagoas – estudos gays, gênero e sexualidade* nº 6, vol.5, Natal-RN, jan./jun. 2011.
- _____. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: BENITEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos. (orgs.) *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.
- _____. *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo, Annablume, 2009a.

“Amores perros”

- _____. ‘Mulheres com Algo Mais’ – corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. *Revista Versões*, vol. 3, 2007, pp.77-93.
- PISCITELLI, Adriana. Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. *Cadernos Pagu* (31), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2008, pp.29-63.
- _____. Sexo Tropical. Comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu* (6/7), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006, pp.9-35.
- RUISECO, Gisela & VARGAS, Liliana. La Europa-fortaleza y su otro (inmigrante) colonial: Un análisis desde las propuestas del Programa Modernidad/Colonialidad Latinoamericano. *I training seminar de jóvenes investigadores en dinámicas interculturales*. Barcelona, Fundación CIDOB, 2009.
- SILVA, Hélio R. *Travesti – A invenção do Feminino*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/ISER, 1993.
- TREVISAN, João S. *Devassos no Paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2004.
- YOUNG, Robert J. C. *Desejo Colonial – hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- ZELIZER, Viviana A. Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu* (32), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2009, pp.135-157.

Juízo e Sorte: enredando *maridos* e *clientes* nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália*

Flavia do Bonsucesso Teixeira**

Introdução

Os relatos das relações afetivas das travestis com seus parceiros, no Brasil, são comuns desde as primeiras etnografias (Silva, 1993; Oliveira, 1994, Benedetti, 2005 [2000] e Kulick, 2008 [1998]). Para a discussão aqui proposta, importa pensar como as travestis – ao se deslocarem no espaço transnacional – (re)atualizam os discursos sobre o sucesso/fracasso do projeto migratório acionando as categorias “juízo” e “sorte”. Embora essas categorias sejam acionadas em diversos momentos, as relações afetivas estabelecidas entre algumas travestis e homens italianos são emblemáticas por visibilizarem a rede de “ajuda” (Assis, 2007; Piscitelli, 2008) estabelecida no local de destino.¹

* Este texto é resultado da pesquisa de pós-doutoramento realizada na Università degli Studi di Milano, financiada com bolsa da Fundação Cariplo através do Progetto Ateneo/UniALA e supervisionada pelas Prof^{as}. Dr^{as}. Luisa Leonini e Adriana Piscitelli. Agradeço às equipes do Progetto Cabiria e Progetto Via del Campo, das Associações Naga e ALA Milano Onlus, respectivamente, pela acolhida, pelo compartilhar de saberes que tornou possível o caminhar pelas estradas de Milão.

** Doutora em Ciências Sociais, docente da Universidade Federal de Uberlândia. flavia@famed.ufu.br

¹ Diferentemente dos relatos encontrados nas pesquisas sobre as mulheres que migram (Piscitelli, 2008), as travestis brasileiras participantes desta pesquisa não iniciaram a imigração a partir de um projeto de relação afetiva. Suas motivações estavam marcadamente vinculadas ao trabalho no mercado

O campo estudado foi composto por travestis brasileiras que trabalhavam como profissionais do sexo em três áreas específicas da prostituição de estrada na cidade de Milão, de novembro de 2009 a maio de 2010. Foram observadas aproximadamente 70 travestis brasileiras e, entre elas, 25 foram entrevistadas. Para a discussão proposta, foram selecionadas 17 entrevistas de travestis que mantinham ou mantiveram relações de conjugalidade na Itália.

As análises e os fragmentos das entrevistas foram alinhavados às análises das reportagens que veicularam sobre o que ficou conhecido como “Caso Marrazzo” em três jornais de circulação nacional – *Il Giorno*², *La Repubblica*³, *Corriere della Sera*.⁴

O “Caso Marrazzo”, em princípio, parecia se tratar de uma situação de extorsão envolvendo o governador da região do Lazio, Piero Marrazzo, alguns *Carabinieri*⁵ e as travestis brasileiras Natália e Brenda. Uma profusão de reportagens com versões sobre o suposto crime estampou as páginas dos jornais italianos, entre as colunas policiais e as crônicas do cotidiano, sendo abandonado de vez o espaço para as discussões políticas, após a renúncia do então governador e o assassinato de Brenda.

sexual. No entanto, como todos os projetos pessoais, os delas também podem ser alterados.

² Jornal local, com edição diária de 69.000 cópias, que circula na cidade de Milão e nas principais cidades da Lombardia. Pertence ao conjunto Quotidiano Nazionale do Gruppo Poligrafici Editoriale, S.p.A.

³ Jornal diário, de circulação nacional, com sede em Roma. Pertence ao Gruppo Editoriale L'Espresso. Em relação à circulação, ocupa o segundo lugar na Itália, com tiragem superior a 600.000 cópias.

⁴ Antigo jornal italiano, com circulação nacional e edições diárias, ocupa o primeiro lugar em tiragem com 799.916 cópias. Sediado em Milão e publicado pela Rcs Quotidiani S.p.A, divisão da Rcs Media Group.

⁵ Membros da força policial que integra o Ministério da Defesa Italiano.

Embora a presença das travestis brasileiras no mercado do sexo italiano possa ser considerada um fenômeno recente (Caravà, 2008), o “Caso Marrazzo” tornou-se emblemático porque, ao materializar diferentes classificações do cliente da prostituição, provocou fraturas no discurso sobre quem seriam os clientes da prostituição na Itália.

Importa pensar como o fato acionou os discursos sobre prostituição e migração, possibilitando uma convergência importante entre as categorias “juízo” e “sorte” e a produção/reiteração da abjeção, principalmente porque a morte de Brenda⁶ evidencia um caso extremo de vulnerabilidade, reduzido a uma simples falta de “juízo”/“sorte”.

Diferenciando clientes e posicionando sujeitos: afetos, interesses, desejos e armadilhas

No universo das travestis, *marido* pode ser considerado uma categoria êmica, o termo é utilizado para nomear os parceiros, independente do tempo de relacionamento ou do estabelecimento de qualquer vínculo formal. Larissa Pelúcio (2009:77) afirma a consolidação dessa categoria que pode ser resumida na afirmação: “travesti não tem namorado, tem marido”. Adriana Piscitelli e Flavia Teixeira (2010) discutiram sobre as (des)confianças despertadas em relação aos envolvimento afetivos que circulam entre as travestis e que, por vezes, foram capturadas (outras compartilhadas) pelos pesquisadores.⁷

⁶ No momento da finalização deste artigo, não haviam sido divulgadas informações sobre o processo. Embora a imprensa tenha divulgado amplamente a versão do homicídio, nenhum culpado fora apontado.

⁷ A exemplo de Don Kulick (2008), que considerou essas relações pautadas no interesse financeiro. A suspeita sobre o caráter econômico que alinhava esse vínculo pode ser identificada na figura do “homem explorador”, recorrente no discurso das travestis, ora como possibilidade, ora como acusação (Pelúcio, 2009:184).

No Brasil, em relação à inserção e à circulação no mercado do sexo, os *maridos* brasileiros iniciam a sua aproximação com as travestis a partir de espaços da prostituição; algumas vezes como clientes, outras desempenhando a mesma atividade de profissional do sexo ou mesmo oferecendo serviços informais e por vezes ilegais. No contexto pesquisado, os italianos parecem circular no universo da prostituição na posição quase exclusiva de *clientes* e, a partir da interação estabelecida nesse lugar, podem, ou não, ser considerados *maridos*.⁸

Essa interação posiciona e classifica os clientes em três principais categorias: o *cliente de rua*, o *cliente drogado* e o *cliente fino*. No entanto, essa classificação não é rígida; as fronteiras são porosas, pois um mesmo homem pode ser situado como *cliente de rua* por uma travesti, deslocar para a posição de *cliente drogado* e ainda ser considerado *marido* de outra, como observado no “Caso Marrazzo”.

A classificação inicial se daria pelo local em que é realizado o *programa* (prestação do serviço sexual), pelo preço do serviço que varia de acordo com o tempo requerido pelo cliente, mas, sobretudo, pelo capital simbólico envolvido na relação.

Por duas ocasiões, durante o trabalho de campo em Milão, os clientes ficaram aguardando no carro enquanto elas terminavam o contato estabelecido com a equipe dos projetos. Estes seriam *clientes de rua*, menos valorizados, ainda que mais frequentes. Embora possam retornar outras vezes, não recebem o investimento da travesti, por exemplo, informar o número do telefone celular. As regras compartilhadas no espaço da prostituição indicam essa demarcação:

⁸ Identificamos duas situações em que foram feitos relatos de envolvimento de marido italiano com tráfico de drogas. O ingresso deles na rede das travestis, porém, se deu como cliente no mercado do sexo e não da distribuição de drogas.

Um dia sai com você, na outra semana, pega sua amiga do seu lado e finge que não te conhece, normal. Não é meu cliente, é cliente da rua. Vou te explicar como é diferente: um dia **meu cliente** saiu com uma recém chegada na minha frente... foi assim: parou o carro perto de mim, e eu já ia toda, toda, fingiu que não me viu. Chamou-a... e foi. Eu fiquei p. da vida, mas eu sabia que ele voltaria para mim. Na outra semana ele voltou. Entrei no carro e fui logo multando⁹: paga 400 porque semana passada fingiu que não me viu e mais 100 porque saiu com aquela horrorosa.

[E ele pagou?]

Claro, eles sabem que é assim. Se é meu cliente, tem que pagar se eu multo, ele era culpado e sabia disso.

[E ele retornou outras vezes?]

Claro [risos], mas nunca mais saiu com outra travesti perto de mim, nunca mais fez a linha distraído...¹⁰

Essas *mariconas* são podres. Pois não é que ontem um cliente parou e fingiu que nunca me viu antes? Eles gostam de novidade. Uma vez um cliente meu finíssimo, é meu cliente ainda, ele veio com outra máquina, trocou de carro só para eu não ver que era ele. Mas deixa que eu sou esperta, esperei no mesmo lugar que ele pegou a... e quando ele voltou pulei dentro do carro dele, louca. Mas claro que com muita educação, eu sou fina, mas cobre a multa e o programa igual se ele tivesse saído comigo, não é **meu cliente**? Tem que pagar.

[E ele pagou?]

Claro, mulher. Se eu souber que ele anda com outras daqui de cima, multo de novo. Mas ele deve sair com outras lá de baixo, de vez em quando, ele some [pausa] fica semanas sem aparecer, depois fala que estava

⁹ O pouco estudado sistema de multas no universo travesti, muitas vezes pensado apenas como instrumento de exploração, indicaria uma (re)leitura de justiça, um elemento organizador das relações entre elas.

¹⁰ Anotações de Caderno de Campo, entrevistada A, dezembro de 2009.

viajando, trabalhando [pausa] eles não são bobos, se não são fiéis às suas mulheres serão fiéis a nós? [risos].¹¹

Pagar a multa e retornar ou pagar a multa e justificar as ausências são indicativos de que esses clientes compartilham do pertencimento estabelecido pela travesti. “Meu cliente” seria a senha para identificar o *cliente fino*.

O *cliente fino* pode ser aquele cujo programa acontece no apartamento da travesti, no motel ou na casa do cliente. Mesmo que o programa se realize na rua, certo envolvimento pode classificá-lo como *fino*, por exemplo, quando resulta em um convite para conhecer a cidade durante a noite. Um *cliente fino* significa, além de tudo, manter uma forma de civilidade na relação, uma gentileza no trato, um refinamento nos modos.¹²

Ser acompanhada à noite, depois do trabalho, por um cliente não se constitui num relato incomum. Durante as entrevistas, são frequentes as falas sobre as “caronas”, e as relações se expressam não somente através delas. Em algumas ocasiões, os clientes ligaram avisando que havia ação policial nas proximidades do local onde elas trabalhavam, sugerindo que fossem trabalhar mais tarde. Também os diferentes presentes recebidos dos clientes são sugestivos dessa relação: perfumes, bichinhos de pelúcia e jantares integram os muitos relatos, principalmente em ocasiões como festas de Natal,

¹¹ Anotações de Caderno de Campo, entrevistada B, dezembro de 2009.

¹² No Brasil, ao acessar a rede de *T-Lovers*, Larissa Pelúcio (2009:165) descortina um universo interessante para pensar os clientes das travestis. Os homens entrevistados pela autora (pertencentes à classe média, profissionais liberais, microempresários, estudantes, entre 20 e 60 anos e casados) conformam um perfil dos clientes italianos, facilmente reconhecido pelas travestis. A atribuição de certo refinamento de classe através dos predicativos “educados” e “cavalheiros” também encontra correspondência entre os dois universos.

aniversário ou dia de São Valentino¹³; são testemunhos de que as travestis constroem nas ruas relações de amizades/erotismo/desejo/amores e sedução com seus clientes. Para o contexto analisado, percebemos uma maior complexidade e mobilidade no sistema de classificação dos clientes pelas travestis, em relação ao identificado nos trabalhos de Elisiane Pasini (2005:211) investigando o universo das mulheres:

Entendo por “clientes” os homens com os quais as “prostitutas” mantêm relações sexuais no contexto da prostituição, caracterizadas principalmente pela troca de um serviço (o contato sexual) por um bem (dinheiro, entre outras coisas). Apesar da possibilidade de uma ampliação do espectro de possíveis trocas entre as prostitutas e os clientes, isso não as equipara às relações com os não clientes. Essas últimas são entendidas como aquelas em que são trocados sentimentos de afeto e de fidelidade e, principalmente, não acontecem nos locais de prostituição.

Ainda que compartilhem com as mulheres o espaço geográfico das calçadas de Milão, as relações entre as travestis brasileiras e seus clientes, considerados *finos*, também se distanciam da formulação estabelecida por Luisa Leonini (2004:93):

A metáfora do mercado é aplicada, nesse caso, por completo: a prostituta é uma profissional competente, oferece um serviço específico e aceita vendê-lo por dinheiro para a completa satisfação do cliente. (...) Os aspectos afetivos e os laços devem permanecer fora dessa transação comercial, não se deve referir à relação

¹³ O dia dos namorados italiano, denominado *giorno di San Valentino*, é comemorado no dia 14 de fevereiro.

amorosa aquilo que nasce como um mero serviço sexual,
e assim quer permanecer.

Nesse contexto, o *cliente fino* é aquele que tem possibilidade de se deslocar (e o faz) para a posição de *marido*. Quando se referem aos *clientes finos*, as travestis se referem, quase exclusivamente, aos homens italianos, às vezes, aos suíços e, raramente, aos espanhóis.¹⁴ Algumas brincadeiras entre as travestis debochando das recém-chegadas – consideradas *penosas*, porque realizavam programas com “qualquer um” – informam a eficácia dessa hierarquização dos clientes.

Os brasileiros são clientes raros no mercado do sexo em Milão. São considerados pobres demais pelas travestis, principalmente porque no momento de contratar o programa pedem desconto ou convertem euro em real para comparar os preços entre Itália e Brasil, o que é considerado um desrespeito pela travesti: “eu vivo aqui, trabalho aqui e pago minhas contas em euro, por que devo cobrar dele em real?”.¹⁵ O pequeno número de clientes brasileiros não parece estar relacionado somente a uma questão econômica. Na Itália, as relações afetivas com homens brasileiros posicionariam as travestis em escala inferior na hierarquia do *glamour*. Além disso, relações com clientes brasileiros quase sempre são (re)afirmadas como tentativas de extorsão.

Nesse sentido, os argumentos são semelhantes aos utilizados pelas travestis para recontar as relações no Brasil. São numerosas experiências. Facilmente

¹⁴ Os trabalhos de Larissa Pelúcio e Cecília Patrício abordam a experiência das travestis brasileiras na Espanha. Apenas duas das travestis aqui entrevistadas relataram ter trabalhado e vivido na Espanha, nenhuma com experiência de envolvimento afetivo com os homens espanhóis.

¹⁵ Anotações de Caderno de Campo, entrevistada C, abril de 2010.

estabelecem longa lista de episódios infelizes envolvendo travestis e homens brasileiros na Itália (Piscitelli e Teixeira, 2010:145).¹⁶

Durante a pesquisa, cinco travestis brasileiras com experiência de viver em Milão com seus *maridos* brasileiros foram entrevistadas. Em duas situações, elas se encaixariam na descrição acima. Os *maridos*, no momento da migração das travestis, permaneceram no Brasil. Depois que as companheiras se estabeleceram na cidade de destino, “mandaram buscar o marido”.¹⁷ Esses *maridos*, reconhecidos por elas como aqueles que não trabalham, são observados com reservas por outras travestis. Ainda que caiba a eles a realização do trabalho doméstico, este parece contribuir para (re)afirmá-los no desprestigiado pólo feminino da relação.

Em outras duas situações, os *maridos* dividiam o espaço da prostituição com as travestis, realizando também a prestação de serviço sexual. Seus ganhos são referidos como muito inferiores, mantendo a acusação/suspeita de exploração. Esses *maridos* seriam duplamente desvalorizados, pois as travestis

¹⁶ *In questo senso, gli argomenti sono simili a quelli utilizzati dalle travestite per raccontare dei rapporti in Brasile. Sono numerose le esperienze. Facilmente vengono raccontate lunghe liste di sfortune che coinvolgono travestite e uomini brasiliani in Italia* (Piscitelli e Teixeira, 2010:145). As traduções italiano/português foram feitas pela autora.

¹⁷ Elas se referem ao processo de envio de dinheiro para a compra de passagens, reserva em hotéis e despesas de viagem para garantir a admissão na Itália como turista. Algumas relatam que, no período em que estiveram separados, enviavam regularmente dinheiro para sustentar o marido no Brasil. Nenhuma das entrevistadas se referiu a episódios de não-admissão de seus companheiros ou relatos sobre não admissão de companheiros de travestis que conheciam. Embora esses *maridos* estivessem também em situação de migrantes indocumentados, eles pareciam circular com maior liberdade pela vizinhança e pela cidade. A possibilidade desse deslocamento facilitaria aspectos da vida cotidiana das travestis, como a realização de compras em supermercados, farmácias e lanchonetes.

operam numa lógica em que a “prostituição não é um trabalho normal”¹⁸, ao mesmo tempo em que a prática do sexo com outros homens também os tornaria femininos, os deslocaria para um lugar de suspeita, não seriam “homens de verdade”. Essa percepção guarda relação com as formulações de Judith Butler, para quem o terror do desejo homossexual, para um homem, pode conduzir ao terror de ser considerado feminino, feminilizado, não ser considerado um homem, mas um homem falido (Butler, 2005:128).

Em outra situação, o *marido* brasileiro não foi acessado, os relatos sobre ele foram construídos a partir da *esposa* e de outras travestis. Por trabalhar no mercado do sexo, transportando-as para o trabalho, este marido é desvalorizado pelas travestis, pois aparece não somente como explorador da *esposa* travesti, mas também de todas as outras que trabalham no referido espaço (dominado pela companheira).¹⁹ As aventuras amorosas desse *marido*, seu envolvimento com outras travestis e a suposta agressividade com a travesti-companheira são recontadas com detalhes e parecem se constituir em estratégias de ressentimento contra a travesti que é nomeada como *cafetina*.

¹⁸ As travestis e ou transexuais entrevistadas por Chiara Caravà (2008) não reconhecem a prostituição, ocupação desempenhada por elas na Itália, como um trabalho normal, embora classificassem sua vida cotidiana como dentro dos limites de normalidade. Adriana Piscitelli (2008) contribui para pensar como a não regulamentação da prostituição colabora para sua percepção como atividade “anormal” ou “marginal”. Durante a entrevista, Kris narra seu desconforto frente à hipótese de seu marido obter maior retorno financeiro do que ela na prostituição: “Seria um abuso”. Kris o considerava um farsante, um homem que “se monta” utilizando disfarce de “prostituta”, mas que no Brasil trabalhava como *michê* e não possuía investimento corporal capaz de inscrevê-lo no universo travesti. As travestis entrevistadas e as ONG’s acompanhadas durante a pesquisa desconheciam espaços de prostituição dos *michês* em Milão.

¹⁹ Porque essa situação é reconhecida pelas travestis como exploração sexual; nesse contexto, a travesti é denominada *cafetina* e a relação guarda semelhanças com o crime de exploração sexual de mulheres.

Não somente os brasileiros ocupam posição desprestigiosa nesse mercado matrimonial. As travestis brasileiras negam o estabelecimento de vínculos afetivos com homens de outras nacionalidades, exceto os suíços, citados como clientes frequentes. Considerados *clientes finos*, não negociam o preço do programa (num contraponto aos italianos, que depois da crise econômica começaram a “pedir descontos”), são educados e, distantes de casa, parecem mais livres para convidá-las para jantares e passeios. As fronteiras geográficas, no entanto, não impossibilitam que eles se desloquem de *clientes a maridos*.

Numa geografia que traça suas fronteiras particulares, os *polacos*, os romenos e os albaneses, apesar de elogiados pela beleza física, sustentada na cor da pele e dos olhos, não são considerados europeus.²⁰ São referidos como *clientes* e aceitos com cautela, principalmente os homens albaneses e romenos (percebidos como violentos, perigosos, vingativos e drogados). Tal caracterização deve-se ao reconhecimento, por parte das travestis, do envolvimento desses homens nas redes de exploração sexual das mulheres do leste europeu. A exploração sexual e o tráfico de mulheres são questões que, em evidência nas sociedades de destino, como França e Itália (Wolff e Pedro, 2007:691), não passam despercebidas para as travestis.²¹

²⁰ Nomeados reiteradamente como “extra-comunitários”, apesar da inclusão destes países na Comunidade Européia em 2004, 2007 e 2008, respectivamente.

²¹ Durante trabalho de campo com as equipes do Progetto Via del Campo, da Associação ALA Milano Onlus e Progetto Cabiria da Associação Naga, foi possível perceber a geografia da prostituição de estrada na cidade de Milão, que separa mulheres, travestis/transexuais brasileiras, travestis/transexuais peruanas, mas, principalmente, denunciaria o espaço onde as mulheres africanas, albanesas e romenas – comumente associadas ao tráfico e à exploração – trabalham. São espaços geográficos hierarquizados, nos quais gênero, nacionalidade, raça e geração informam quais pessoas devem permanecer à distância dos centros urbanos, nos espaços de maior ou menor

Uma das entrevistadas estava casada com um marroquino no momento da entrevista. As travestis se referiam a ele, com tom de deboche, como “aquele do tapete” ou mesmo “Aladim”.²² Tido como um homem violento, ele era duplamente desconsiderado pelo grupo, por sua nacionalidade e pela história de violência que marcava sua relação com a travesti brasileira. Nem mesmo a condição de marginalidade produzia sentimento de solidariedade entre elas, pois ainda que se apresentasse como filho de italiano, sua condição era questionada pelas travestis, sendo considerado, assim como todas, um indocumentado.²³

Os chineses e os nigerianos constituem um número significativo de migrantes em Milão. Os primeiros não são citados nem como clientes esporádicos. Os nigerianos são aceitos como clientes com muitas restrições e jamais foram mencionados como possíveis maridos.²⁴

visibilidade (onde o escuro da noite é interrompido pelas fogueiras das mulheres africanas ou as “latas com óleo” das travestis brasileiras, que as africanas também aprenderam a utilizar). Não foram raros os momentos em que os cafetões podiam ser vistos “controlando à distância” as mulheres africanas, romenas e/ou albanesas.

²² Uma alusão ao fato de que a religião predominante no Marrocos é o islamismo, mas também à atividade econômica.

²³ Durante a realização da pesquisa, não foram relatados episódios de roubos ou violência envolvendo travestis e clientes italianos, mas registramos três episódios de agressão e roubo envolvendo marroquinos e romenos. A reportagem *Condannato un romeno di 31 anni Tentò di rapinare la trans China* refere-se a um crime praticado por um romeno em outubro de 2008. Sua divulgação parece estar relacionada ao fato de que a vítima foi China, outra travesti envolvida no “Caso Marrazzo”, discutido adiante. [<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2009/12/19/condannato-un-romeno-di-31-anni-tento.html> - consultado em 13 de janeiro de 2010]

²⁴ Em algumas situações foram observadas as recusas de uma travesti em realizar programas com clientes por suspeitar que se tratasse de nigeriano, ainda que por telefone, segundo a qual o sotaque seria o elemento de identificação. Ela justificou sua recusa pelo fato de que somente atenderia

O cliente que utiliza drogas, independentemente da nacionalidade (embora nesta pesquisa esse universo fosse marcadamente constituído por italianos), é aquele que, potencialmente, traria maior retorno financeiro imediato. Existe um conhecimento compartilhado de que esse cliente demanda um tempo maior e o programa é estimado com base nessa lógica. Um programa com um cliente usuário de drogas pode garantir maior rendimento do que com um *cliente fino*, porém, isso não o credencia a ser classificado como *fino*.²⁵

A decisão de não usar ou a sabedoria para usar drogas com o cliente (inclusive estratégias para fingir o uso) e não se tornar dependente é referida pelas travestis como um atributo de “juízo”, assim como respeitar a regra de não se envolver afetivamente com cliente usuário de drogas. Isto é, manter-se distante das drogas (ilícitas) e dos clientes drogados é uma condição para o sucesso do projeto migratório, portanto, condição indicativa de “juízo”. Durante a permanência em Milão, três travestis retornaram ao Brasil, sem dinheiro, em razão de dependência química. Tal fato é interpretado pelo grupo como falta de “juízo”.

Ser trabalhador indocumentado coloca qualquer migrante em situação de fragilidade em terras estrangeiras, particularmente na Itália, após a lei que criminaliza a migração ilegal.²⁶ O fato de a cidade de Milão ter uma normativa

homens italianos, por questão de segurança, porém, reafirmou que jamais soube de qualquer relato de violência envolvendo nigerianos. Perguntada sobre recusa de atender negros no Brasil, ela confirma a suspeita de que o preconceito atravessa o Atlântico e é (re)atualizado na Itália.

²⁵ As travestis negam o porte de drogas nas estradas, seria o cliente que, na maioria das vezes, portaria a droga. Quando o cliente não possui a droga, a informação sobre o local onde se pode adquiri-la é também definidora do preço do programa.

²⁶ Legge 24 luglio, 2008 n° 125. “Conversione in legge, con modificazioni, del decreto-legge 23 maggio 2008, n. 92, recante misure urgenti in materia di

denominada *Disposizioni per contrastare la prostituzione su strada e per la tutela della sicurezza urbana*²⁷ agrava a situação de vulnerabilidade das travestis prostitutas que trabalham nas estradas. Ainda que a prostituição não se configure como crime na Itália, as travestis são punidas. Os relatos sobre as aplicações das multas²⁸ e prisões²⁹ são recorrentes.

Segundo informação do responsável pela assistência consular em Milão, quase a totalidade das travestis ou transexuais detidas na sua área de jurisdição no momento da

sicurezza pubblica". Legge 15 luglio 2009, n. 94. "Disposizioni in materia di sicurezza pubblica" pubblicata nella Gazzetta Ufficiale n. 170 del 24 luglio 2009 - Supplemento ordinario n. 128

²⁷ Atti del Comune di Milano, 04 novembre 2008. PG 865458/2008.

²⁸ Embora, na fundamentação da normativa, o principal argumento parece ser a necessidade de controle da ordem pública diante do uso indevido do espaço urbano, sendo tal decisão de competência do Sindaco da cidade (correspondente ao prefeito municipal). Outros argumentos são elencados no documento – riscos de acidentes de trânsito; defesa da decência e da moral; perigo do agravamento da transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e necessidade de ações sociais para o enfrentamento da exploração sexual. Nessa miscelânea de argumentos, cliente e prostituta são punidos simultaneamente, multados em valores que giram em torno de 350 e 400 euros. Uma vez que as travestis não possuam documentos, essas multas são desprezadas. Porém, no caso do cliente, a multa é enviada para seu endereço residencial, o que potencialmente poderia causar constrangimento. Nenhuma travesti multada afirma ter sido questionada no momento da abordagem sobre sua situação de exploração ou tráfico. Tampouco é oferecido qualquer tipo de informação sobre ações de prevenção ao tráfico ou apoio ao migrante.

²⁹ No primeiro semestre de 2010, fomos informados de 12 ações da Polícia chamadas pelas travestis de *arredata*. Referem-se à *retata*, abordagem policial que tem como objetivo reunir um grande número de pessoas consideradas suspeitas. Durante essas abordagens, as pessoas são conduzidas para o centro de identificação e encaminhadas ou não para o julgamento, no qual se decide pela expulsão, prisão ou liberação. A incerteza sobre a decisão é sustentada pela ausência de critérios claros para determinar os procedimentos, o que acaba por alimentar a categoria *sorte*.

pesquisa eram acusadas de migração clandestina. Todos os cidadãos brasileiros detidos sob essa classificação são travestis ou transexuais, num universo superior a 35 pessoas.³⁰

Nesse contexto, é possível pensar nas vantagens de um relacionamento com um homem italiano, uma vez que, como outros migrantes, as travestis sabem que as informações que circulam nas redes são preciosas. Nessa perspectiva, os *maridos* passariam a integrar essa rede de “ajuda”.

Segundo elas, a principal *ajuda* que o *marido* italiano pode oferecer é o empréstimo do nome para o aluguel do apartamento. Nesse arranjo, o pagamento do aluguel e outras despesas referentes à moradia são de responsabilidade das travestis. Entre as entrevistadas, duas terminaram o relacionamento afetivo com seus maridos após a recusa dos mesmos em alugar o apartamento para elas. O empréstimo do nome parece ser mais significativo do vínculo com a travesti do que a coabitação ou a situação civil de seus companheiros, uma vez que muitos permanecem casados com suas esposas italianas. Apenas uma travesti relatou que seu apartamento permanece alugado por um ex-*marido*, por vezes, nomeado *cliente fino* ou mesmo amigo.

Outras situações foram nomeadas como *ajuda*, tais como a aquisição de automóveis financiados (que permanecem no nome do *marido*). A emissão de cartas convites para facilitar o trânsito entre Brasil-Europa foi identificada em apenas uma situação, na qual o *marido* é micro-empresário. A emissão da declaração de trabalho para o protocolo do almejado “*permesso di soggiorno*” foi citada em três situações, provavelmente porque em setembro de 2009 foi realizado o cadastramento, através da

³⁰ Entrevista Pessoal, Milão, maio de 2010. Em 2011, a Corte de Justiça de Luxemburgo proferiu sentença contrária ao estabelecido no “Pacote de Segurança” italiano em relação à prisão dos imigrantes indocumentados, por considerar tal medida em desacordo com diretrizes da União Européia sobre repatriamento.

“*Sanatoria per Colf e Badanti*”³¹, que permitiria regularizar a situação de migrantes indocumentados.

Integrariam ainda esse repertório de ajuda as viagens turísticas realizadas de carro (muitas travestis afirmam ter receio de utilizar meios de transporte público, mesmo para deslocamento dentro da cidade de Milão) e o aprendizado do italiano. Aprender o idioma local é muito mais do que permitir a comunicação com os clientes. Significa compreender e manusear os códigos e as regras da cultura local:

As travestis quando vão ao supermercado, padaria, ou mesmo quando encontram com as vizinhas de apartamento e chamam por “cara”, não entendem que os clientes se referem assim a nós na rua, mas jamais fariam isso em público. É preciso “*dare del Lei*”³² para aqueles que não conhecemos. É sinal de respeito e boa educação.³³

Compreender a diferença entre “*dare del Tu*” e “*dare del Lei*” não é somente o reconhecimento de uma regra gramatical, é a possibilidade de ser percebida como sujeito enunciator capaz de proferir um discurso que a legitima na sociedade de destino.

Conquistar um *cliente fino* é um elemento de sorte, valorizado no grupo, uma vez que é dessa condição que os

³¹ Dichiarazione di emersione lavoro irregolare per i cittadini non comunitari ex art. 33 legge 30 luglio 2002 n. 189. Nella legge di modifica delle norme in materia di immigrazione e di asilo, approvata dal Parlamento l’11 luglio 2002 e promulgata dal Presidente della Repubblica lo scorso 30 luglio, pubblicata sulla Gazzetta Ufficiale del 26 Agosto n.199, Supplemento ordinario n.173/L, è prevista la regolarizzazione dei cittadini stranieri irregolarmente impiegati in attività di assistenza familiare o di collaborazione domestica.

³² Forma locutiva de cortesia, mais comum para se dirigir a um estranho, de ambos os sexos, e também aos superiores (em idade ou hierarquia).

³³ Anotações de Caderno de Campo, entrevistada D, abril de 2010.

homens italianos comumente se deslocariam para a posição de *marido*.

A *sorte* de ter um *marido* recebe nuances diferenciadas na Itália e parece também estar relacionada com o desamparo legal e situações de vulnerabilidades advindas da condição de clandestinidade, ainda que não se configure como garantia de sua regularização. No entanto, é elemento de *sorte* grande ter um bom marido italiano, uma vez que os infortúnios envolvendo os homens italianos também são enumerados, a partir de suas experiências e de amigas que viveram ou vivem na Itália. As vantagens de ter um marido italiano são diluídas no cotidiano, pois eles não exercem atividade de cafetinagem. Essa suposta proteção não sugere relação com as atividades desenvolvidas por elas no mercado sexual e se afastaria da discussão clássica dos trabalhos sobre a prostituição de mulheres, nos quais, muitas vezes, as classificações de marido/protetor/cafetão se entrecruzam (Rago, 2008; Tedesco, 2008; Olivar, 2011).

Da Muratore a Governatore: a (in)desejada visibilidade dos clientes da prostituição travesti

Em outubro de 2009, os jornais estampavam aquele que ficaria conhecido como “Caso Marrazzo”. A renúncia do governador da região do Lazio – após a divulgação de seu envolvimento com uma prostituta, travesti brasileira – deveria pautar as páginas dedicadas aos temas da política. No entanto, as reportagens se distribuíam e os jornalistas, assim como os leitores, pareciam ter perdido os contornos do que seria um fato político e um assunto da esfera privada.

Os fatos divulgados na imprensa relatavam que o então governador passou a ser vítima de chantagem, orquestrada por quatro policiais *Carabinieri*. Um suposto vídeo com cenas do governador e uma travesti seria o objeto material da extorsão

(*Corriere della Sera*, 24 de outubro de 2009). A existência ou a gravação do vídeo e os autores da chantagem foram assumindo um papel secundário nos dias que se seguiram. Uma primeira questão seria pensar em que cenário Piero Marrazzo teria se tornado vulnerável para a extorsão, uma vez que ele poderia ser considerado mais um entre os milhares de clientes que procuram travestis prostitutas na Itália.

Marrazzo seria um cliente habitual da prostituição travesti, as reportagens são indicativas de seu trânsito. Ainda que considerado como *marido* por Natália, outras travestis, provavelmente, o disputariam, uma vez que conquistar e manter um potencial *cliente fino* é um elemento de sorte nesse mercado,

Trans contra trans, “conterrâneos”, que se odeiam, a guerra entre os dois clãs começou, em torno à Marrazzo se lançam os *piranha*³⁴ (*Corriere della Sera*, 24 de novembro de 2009).

Esse deslocamento, também identificado nas entrevistas realizadas, reafirma as diferentes classificações que um mesmo homem pode receber, dependendo do tipo de interação estabelecida no espaço da prostituição. No seu primeiro interrogatório, datado de 30 de outubro de 2009, Brenda informa desconhecer ou pouco se importar com aquele que, para ela, poderia ser apenas mais um *cliente de rua*:

(...) Jamais conheci Piero Marrazzo (...) É verdade, conheço Piero Marrazzo. Estive em sua casa no início de 2009. Estava com Michelly, fui junto porque ele havia solicitado que ela levasse também uma amiga, assim fui

³⁴ Piranha não é uma palavra italiana, foi apropriada do português pelo jornalista. Apenas palavras pejorativas são apropriadas ao repertório das reportagens observadas, tal como ocorre com o termo viado.

envolvida (...). Recordo que chegamos de noite e permanecemos no apartamento até o entardecer do dia seguinte, talvez até por volta das três. Nos pagou cerca de 2.000 euro (*Corriere della Sera*, 21 de novembro de 2009).

Na mesma reportagem, o tempo gasto no programa e as declarações de Piero Marrazzo introduzem o uso de drogas como elemento capaz de deslocá-lo para a condição de *cliente drogado*:

Tive encontros desse tipo com outra pessoa, um certo Blenda, nome que li nos jornais e parece que recordo. Por ocasião de um encontro com Blenda recordo que havia também outro trans, do qual não me recordo o nome. Parece-me que tive dois encontros com Brenda. Não tenho conhecimento sobre vídeo ou foto gravados por Blenda durante estes encontros, mas meu estado confusional nos mesmos, devido ao uso ocasional de cocaína, não permite que eu tenha condição de saber (*Corriere della Sera*, 21 de novembro de 2009).

Marido, cliente fino, cliente de rua ou cliente drogado são posições que Marrazzo ocupa nas reportagens, porém, é inevitável perceber o estranhamento ao fato de que Piero Marrazzo pudesse ser um cliente da prostituição travesti. Essa desconfiança pode ser pinçada no questionamento do repórter à Natália sobre a possibilidade de Marrazzo ter estabelecido o primeiro contato com ela baseado no engano, ou seja, de que ele estaria buscando uma mulher. A negativa de Natália reafirmaria o trânsito de Marrazzo nesse universo:

Quando descobriu que era uma trans, não hesitou?
“Todos os clientes dizem que é a primeira experiência com uma trans, mas ele, desde o início, me disse que já

havia tido experiência anterior” (*Il Giorno*, 04 de novembro de 2009).

Nas entrelinhas do impacto causado, Marrazzo corresponderia ao perfil comumente acionado pelas prostitutas: “um homem normal”, jornalista de sucesso, ancorado num casamento com uma também jornalista e pai de três filhas. Um político com a carreira em ascensão, nada em seu histórico que pudesse aproximá-lo das produções prescritivas (re)atualizadas sobre o perfil dos clientes ou suas motivações. Se o cliente da prostituição seria ora um homem velho, solitário e com dificuldades em estabelecer vínculos afetivos, ora um jovem inconsequente em busca de aventuras ocasionais, ou ainda, um homem destituído de atributos físicos e inseguro, fragilizado na relação de poder com as mulheres, Marrazzo não preencheria os critérios desses estereótipos.³⁵

Quando perguntadas sobre seus clientes, as travestis afirmam, com unanimidade, que são *homens normais*. Essa categoria é discutida por Luisa Leonini (2004:90):

Os clientes de prostitutas não se limitam a serem homens, mas “homens normais”. A “normalidade” do cliente não possibilita resolver o tema da prostituição como um problema de “patologia”, de “privações” ou de “marginalidade”, mas o coloca no contexto mais amplo das relações entre os sexos e da multiplicidade de representações e significados que, no mundo ocidental, são corporificados pela sexualidade (...).

³⁵ Embora reconheçam a complexidade do fenômeno da prostituição na Itália, Jole Baldaro Verde e Roberto Todella (2007:11-21) reiteram um conjunto de definições sobre os clientes da prostituição e suas motivações para estabelecerem transações no mercado do sexo, que os enredam numa rede de causalidades relacionadas às incapacidades de se posicionar na relação com as mulheres, como se as prostitutas não fossem mulheres e não exercessem agência.

Para as travestis entrevistadas, essa descrição vem acompanhada da condição civil de seus clientes. Elas informam que seus clientes são casados, divorciados ou viúvos, e também aqueles com parceira fixa, namorada ou companheira. Os atributos para sustentar a suposta normalidade circulam em torno da matriz heterossexual. As alianças indicativas de compromisso, os diferentes bichinhos de pelúcia dispostos na parte traseira dos automóveis, referidos como presentes das namoradas ou companheiras, e as cadeiras para transportar bebês e/ou brinquedos de crianças nos automóveis são apontados por elas como indícios das relações.

O suposto deslocamento de Piero Marrazzo da posição de “homem normal” poderia ser justificativa suficiente para despertar indignação/incrédulidade, mas outro elemento não poderia ser subdimensionado: seu lugar de político. Os fatos que se seguiram, com a renúncia do governador e sua reclusão na Abadia de Montecassino, pareciam reafirmar que nem todas as aventuras sexuais de representantes da política italiana são compreendidas e repercutem da mesma maneira, considerando os fatos envolvendo o primeiro ministro Silvio Berlusconi.³⁶ Para Piero Marrazzo, psicoterapia e orações foram prescritas e cuidadosamente divulgadas:

O ex-governador está ainda na Abadia de Montecassino, no Sul do Lazio. Deixa o silencioso monastério apenas para vir a Roma para a psicoterapia. Os outros dias, entre os pequenos quartos e confessionários, transcorrem todos iguais, de acordo com as regras dos religiosos que o hospedam: oito horas de orações. Do amanhecer ao crepúsculo. Nomeiam-na por terapia espiritual. Orações e meditações. Dos louvores do amanhecer às orações da

³⁶ Seria desnecessário elencar os escândalos sexuais e as denúncias envolvendo o Primeiro Ministro Italiano. Para exemplificar, citaríamos os mais recentes, conhecidos como o Caso Noemi e o Caso Ruby.

última hora. E após, caminhadas. Leituras. Refeições leves com os religiosos. Qualquer contato somente com a família. Com os amigos mais íntimos. Com o advogado. Para o restante, está ali, distante do mundo (*Corriere della Sera*, 21 de novembro de 2009).

Ao nomear a relação como envolvimento do então governador com *viados brasileiros*, a imprensa reverbera um triplo marcador, acionando gênero, sexualidade e nacionalidade. Na Itália, as travestis e as transexuais são reconhecidas (e nomeadas) como pessoas *trans* ou transexuais. O uso do termo *viado* ou mesmo *travestito* geralmente possui um importante marcador de nacionalidade.

A título de argumentação, uma situação semelhante, ocorrida em outubro de 2005, pode ser ilustrativa. O tratamento discreto, por parte da imprensa italiana, ao que poderia ter tido repercussão semelhante ao “Caso Marrazzo”, sobre o envolvimento do empresário Lapo Elkann, um dos herdeiros do grupo Fiat, com uma transexual italiana (*La Repubblica*, 11 de outubro de 2005). Entre as reportagens acessadas, nenhuma da época evidenciava o uso do termo *viado* para nomear Patricia, a transexual italiana envolvida. Aparentemente, o episódio não foi destacado pela mídia, que atribuiu o afastamento de Lapo Elkan à necessidade de tratamento para dependência química nos Estados Unidos. Três meses depois, a mídia italiana anunciava a publicação de uma longa reportagem elogiosa sobre Lapo Elkann, que seria publicada na *Vanity Fair*, conhecida revista norte-americana, em fevereiro de 2006 (*Corriere della Sera*, 06 de janeiro de 2006).

Considerando que denúncias sobre o envolvimento de políticos transitando no mercado do sexo como clientes não se mostraram eficientes para produzir renúncias anteriores, e nem mesmo situações semelhantes envolvendo personalidades do mundo empresarial, travestis e o uso de drogas foram objeto de

exploração e extorsão, cabe interrogar o que tornaria Piero Marrazzo tão vulnerável. A dupla posição de ser político e ser cliente da prostituição travesti é que parece ter sido interdita a ele. Ao trair a representação (compulsória) de uma matriz heterossexual, a ordem foi desestabilizada e aquele homem bem sucedido, casado, pai de família, profissional respeitado, não fora eleito para representar a multiplicidade dos desejos dos italianos – para isso ele não possuía outorga.

O uso da droga parece ter sido o elemento eleito por Marrazzo (e reiterado na imprensa) para justificar a relação com as travestis, semelhante à estratégia no episódio envolvendo Lapo Elkann – na mensagem subliminar, seria necessário perder o “juízo”, estar fora de si, para se envolver com as travestis.

Natália não reivindicou a legitimidade de sua relação com Piero Marrazzo e titubeou diante das desconfianças sobre seu suposto envolvimento amoroso. A relação afetiva entre os dois foi (re)contada na mídia com incredulidade e acompanhada por interrogações. Poucas informações circularam sobre isso. Algum destaque ao tema foi dado em função de entrevista de Natália em programa de TV, porém, o termo *amante* ou mesmo *namorado* jamais foi mencionado (*Il Giorno*, 04 de novembro de 2009). Outras manchetes anunciaram a relação, sempre como afirmação da Natália, sem nenhuma reflexão ou informação sobre a mesma (*Corriere della Sera*, 25 de outubro de 2009).

Reconhecer a relação entre Natália e Marrazzo como possível seria reconhecer a própria existência da travesti, (re)posicionando e (re)nomeando o *viado brasileiro*. Nessa disputa, Natália silenciou. Compartilhando com Joana Pinto (2009:132) da premissa de que “nem soberano, nem puro cúmplice das operações de poder, o sujeito da agência é vulnerável às nomeações e às autoridades, e está implicado nas dinâmicas de sujeição”, este texto sustenta o argumento de que as desconfianças estão para além da relação entre jogos de

interesse; o reconhecimento da relação afetiva integraria o léxico que produziria pessoas inteligíveis na gramática de uma heterossexualidade que, por sua vez, provocaria tensões e fraturas nessa mesma matriz.

A droga cumpre uma dupla função, desculpa e protege o cliente usuário – que perde o “juízo” – e desclassifica a travesti, contraventora em si, que é posicionada ao lado dos traficantes. Assim, travestis brasileiras e traficantes italianos podem estabelecer relações legítimas, considerando que ambos não são cidadãos posicionados na hierarquia de humanidade no mesmo patamar que “os clientes normais”. Esse argumento pode ser percebido nas reportagens sobre outro envolvido no “Caso Marrazzo”, Gianguerino Cafasso³⁷ – traficante italiano morto –, companheiro da travesti brasileira Jéssica, nas quais a relação afetiva foi reconhecida, e o caso nomeado como uma história de amor e morte, sexo e desespero (*Corriere della Sera*, 23 de novembro de 2009).

Desde o início das reportagens, os autores do suposto delito (os *Carabinieri*) foram colocados à margem – não se discutia o delito –, mas, paradoxalmente, foi hiperbolicamente construída cada possível cena de envolvimento entre Piero Marrazzo e as travestis brasileiras e, posteriormente, o ingresso de traficantes no tal esquema de extorsão.

Se, inicialmente, seria Natália a envolvida no esquema de gravação do suposto vídeo, ela foi ocupando um papel secundário na trama até que as mortes de Cafasso e Brenda tomaram a centralidade das reportagens. Brenda foi o elo construído entre Marrazzo, Cafasso e os *Carabinieri*, uma vez

³⁷ Acusado de ser o traficante que fornecia drogas às travestis da Via Grandoli e Via Due Ponti, onde habitavam Natália e Brenda. Aparece nas reportagens como acusado de ter sido o informante dos *Carabinieri* e articulador da gravação/divulgação do vídeo. Faleceu em situação suspeita em um quarto do hotel; a primeira versão apresentada sugeria overdose e, posteriormente, assassinato.

que Natália negaria o uso de drogas, inclusive o admitido por Piero Marrazzo.

Embora Brenda negasse seu envolvimento na extorsão, apenas as versões de Natália apareciam nas reportagens. Considerando que ambas seriam travestis brasileiras indocumentadas e prostitutas envolvidas no mesmo cenário, outros fatores seriam elencados, (re)produzindo diferenças e desigualdades na montagem dessa trama.

“Juízo” é uma categoria que materializa o controle de si, ainda que por vezes simplificado/medicalizado na relação ao uso/abuso de drogas, mas não se encerra nele. É o cumprimento das regras de etiquetas e costumes – civilidade e reserva³⁸ – o que posicionaria Natália e suas amigas em relação à Brenda e outras travestis que habitavam o mesmo espaço, reconhecidas (acusadas) como *perdedoras* ou *fracassadas*:

Elas³⁹ estão em lugares feios, sujos. Nós aqui vivemos em prédios, com pessoas de bem, as quais não incomodamos, nós respeitamos. Não fazemos a bagunça que elas fazem, pensam somente em beber, em se drogarem e não mandam dinheiro ao Brasil. Elas nem retornam ao Brasil, têm vergonha (*Il Giorno*, 04 de novembro de 2009).

Esse discurso enreda e reverbera elementos que não se ancoram no sucesso financeiro, mas na reiteração de normas:

³⁸ Claudine Haroche (1998) dialoga com as teses sobre civilidade desenvolvidas por Norbert Elias e produz uma discussão interessante sobre violência e o controle de si.

³⁹ A tradução para o feminino é uma decisão da autora, no entanto, a tradução adequada para o pronome *Loro*, considerando o atual contexto italiano, seria eles.

Apenas um quilômetro de estrada separa, em Roma, dois mundos distantes. Rua Gradoli e rua Due Ponti, são o norte e o sul do universo trans capitolino, a elite e a escória do sexo a pagamento. (...) O clã da rua Gradoli. Elas recebem em casa, de segunda a sexta-feira, das 8 as 22. Não trabalham nas estradas como fazem as outras, arriscando cada vez aos furtos e as facadas. No sábado à noite jantam juntas, depois saem para dançar na Muccassassina. E na segunda-feira pela manhã, **na igreja para rezar para Santa Bárbara, a protetora das tempestades**. A divisão social é evidentíssima: na rua Due Ponti, rua Biroli e largo Sperlonga estão, ao contrário, os pequenos quartos, as cantinas, os sujos espaços de convivência coletiva, e as **colmeias** onde morava Brenda e ainda permanecem seus amigos (*Corriere della Sera*, 24 de novembro de 2009, destaque da autora).

Frequentar a igreja, jantar com as amigas e partilhar de outros espaços públicos são indicativos de um pertencimento social que é comparado a uma vida de suposta exclusão social, de um grupo à margem, fora das normas, fora do humano, cuja existência é associada à sujeira e precariedade. Ao falar da precariedade do local, os repórteres não apresentam nenhuma versão sobre o preço exorbitante do aluguel pago pelos moradores, as condições do imóvel alugado e mesmo a não aplicação das leis, uma vez que se trata de um proprietário cidadão italiano (*Corriere della Sera*, 14 de outubro de 2010). As reportagens posteriores enfatizam os conflitos que estariam tensionando as relações entre os moradores do local mesmo após a morte de Brenda (*Corriere della Sera*, 13 de outubro de 2010).

Em outras reportagens, Brenda será apresentada como usuária de álcool e drogas, enfim, uma pessoa sem “juízo”.

(...) Neste local os militares encontraram o transexual de 32 anos, melhor conhecido como Brenda, em evidente

estado de alteração psicofísica devido a ingestão de álcool e com algumas escoriações, motivo pelo qual os militares solicitaram a intervenção sanitária através do 118. (...) Dos testemunhos recolhidos se pode estabelecer que alguns rapazes, provavelmente do leste europeu, teriam se aproximado do cidadão brasileiro e, aproveitando de seu estado físico, retiraram sua bolsa, restituindo-a logo a seguir, sem o celular. Estão em seguimento as investigações para a identificação do grupo de rapazes (*Il Giorno*, 09 de novembro de 2009).

Essa reportagem escolhe destacar o suposto estado de embriaguez de Brenda e minimiza ou oculta a discussão sobre o contexto de vulnerabilidade da cena. Os relatos em que as travestis são vítimas de furto (principalmente associadas aos homens do leste europeu) são comuns, por isso necessitam contar com a *sorte*, uma vez que elas não denunciam as agressões às autoridades. Essas agressões podem ter sido potencializadas pela exposição massiva de informações de que as travestis brasileiras receberiam um alto valor pelo trabalho na prostituição de estrada (*Il Giorno*, 10 de novembro de 2009).⁴⁰

Para estabelecer um contraponto com a falta de “juízo” de Brenda, Natália aciona um elemento particular: não apenas nega o uso de drogas, mas apresenta o resultado negativado para HIV como testemunho de sua “boa conduta”.

Eu, ao contrário, da droga não sei nada, em minha casa nenhum jamais se drogou, nem mesmo me solicitaram de comprar a droga, muito menos Marrazzo. E, para mim, ele não se droga. (...) Para demonstrar ser “uma pessoa de bem, sem doenças”, Natália apresenta na TV o

⁴⁰ Outras reportagens evidenciaram a potencialização da violência contra as travestis prostitutas após a exposição do “Caso Marrazzo” e das possibilidades de ganhos auferidos na prostituição, por exemplo: *Corriere della Sera*, 25 de outubro de 2009.

certificado médico que atesta não ter Aids (*Corriere della Sera*, 25 de novembro de 2009).

Essa ação sugere novos tons a um cenário de estigmatização. Ao se nomear como “saudável”, ancorada na apresentação de um resultado negativo do exame, Natália produz um deslocamento: ao ser interpelada num contexto prenhe de elementos estigmatizantes, produzidos e reiterados, atribuídos aos soropositivos para HIV, e no qual o resultado negativo está longe de ser “uma mera constatação da realidade”, a informação opera no sentido de produzir e interpelar outras travestis, (re)atualizando um antigo personagem descrito por Goffman: o indivíduo *desacreditado*.⁴¹

Faço aqui uma digressão para exemplificar como o acionamento do resultado do exame de HIV produziria efeitos naquele contexto discursivo, pois a acusação explícita a problemas de saúde pública não havia sido elencada formalmente até então:

Os brasileiros podem vir à Itália sem visto. E podem permanecer no nosso país por três meses a partir do carimbo do passaporte. Assim, *viados* e prostitutas brasileiros iniciam suas atividades nas calçadas. Também se são cientes de serem soropositivas. E quando o período de três meses termina, se apresentam ao Hospital para obter um documento que comprove a doença: assim podem solicitar uma permissão de permanência “para

⁴¹ Segundo Goffman (2006), quem porta um estigma está inabilitado para uma aceitação social plena; esse seria um traço que poderia se impor e afastar os outros atributos da pessoa. Para o autor, o estigma pode apresentar-se em uma dupla perspectiva: na primeira, a característica que distingue o estigmatizado é conhecida ou imediatamente evidente, posicionando o indivíduo como *desacreditado*, na segunda, a característica que distingue o estigmatizado não é conhecida nem imediatamente perceptível, posicionando o indivíduo como *desacreditável*. Passar da categoria indivíduo *desacreditável* para a *desacreditado* pode tornar a vida do sujeito insuportável.

tratamento médico”. Uma permissão concedida para que tenham a possibilidade de tratar-se: aqui o tratamento é gratuito, no país deles não. E a lei é clara: “Essa permissão tem duração equivalente ao período necessário ao tratamento, é renovável enquanto exista a necessidade do tratamento e deve ser requerida juntamente com um visto específico para cura médica com tempo máximo de um ano”. Consequentemente, os imigrantes soropositivos, ainda que irregulares, têm direito de permanecerem na Itália se no país de origem não possuem a possibilidade de um tratamento adequado. Nos casos de soropositividade reivindicada, não se pode proceder a expulsão e o doente será assistido aqui. Mas o problema não é a doença, é que muitos continuam a se prostituírem (*Corriere della Sera*, 03 de fevereiro de 2011).

As informações da reportagem remetem novamente a uma hierarquização entre nações, representando um terceiro mundo débil com respostas insuficientes frente à epidemia e seus cidadãos, por consequência, débeis e desamparados. A despeito da suposta falta de informações sobre o que representa mundialmente a resposta brasileira à epidemia da aids⁴², o texto contém incorreções sobre a própria lei italiana e pode induzir o leitor ao erro, pois não é possível, no caso informado, a obtenção da autorização de permanência para tratamento de saúde.⁴³

⁴² A escolha pela adoção da sigla “aids” em minúscula remete às observações de Castilho (1997 *apud* Silva, 1999), que considera que os nomes de doenças seriam substantivos comuns que deveriam ser grafados com minúscula. No entanto, este texto se alinha com a perspectiva teórico-política que discute o pânico sexual criado em torno da aids e seu potencial discursivo para (re)produzir a normatização dos corpos e prazeres. Nas citações reproduzidas e/ou traduzidas será mantida a grafia original (Pelúcio e Miskolci, 2009:131).

⁴³ Ainda que o artigo 35 do Decreto Legislativo de 25 de julho de 1998, n. 286 - que dispõe sobre a assistência à saúde dos estrangeiros não documentados -

Ao acionar o resultado do exame, Natália reitera a força de um “discurso preventivo” que ultrapassa as prescrições para a prevenção da aids. Trata-se de evocar o componente moral de responsabilidade individual, articulando a moralidade da saúde à do corpo. Seu sangue “limpo” teria correspondência ao seu caráter e, por sua vez, (re)afirmaria seu lugar de pessoa habilitada para a vida social.⁴⁴

Nesse caso, Natália profere um discurso sobre aids que reatualiza as imagens/discursos de culpa e impureza, no qual a “travesti soropositiva”, para além de ser culpada (porque descuidada/sem “juízo”), seria também um perigo/sem “juízo” que colocaria em risco os “bons e limpos”. Essa narrativa encontra referência nas verdades e discursos circulantes como evidência a reportagem.

Não se trata de julgar a posição de Natália, mas compreender que enfrentar os “saberes” e as “verdades” instituídas é um desafio. Segundo Judith Butler (2006), a dependência dos indivíduos das instituições sociais marcaria a possibilidade de agência. Ainda que Natália produzisse fraturas cotidianas nas normas vigentes ao exigir reconhecimento, evidencia-se a fragilidade da tarefa individual de ressignificar e resistir às constantes interpelações.

estabeleça a garantia de assistência nos casos de moléstias infecciosas (alínea “e”), a permissão de permanência temporária não está contemplada no texto do documento como no caso da gravidez. [<http://www.gfbv.it/3dossier/diritto/dl-286-98.html> - consultado em 20 de abril de 2011]. As pesquisas desenvolvidas pela Associação Naga podem auxiliar nessa discussão: <http://www.naga.it/index.php/notizie-naga/items/la-doppia-malattia.html>.

⁴⁴ “É neste registro que o dispositivo da aids opera e faz sentido, tendo a prevenção como estratégia de normalização materializada em uma espécie de imposição, em uma teleologia heterossexista que aponta para uma compreensão futura da vida como monogâmica, reprodutiva, familiar, em suma, privada e sob controle” (Pelúcio e Miskolci, 2009:142).

Assim, o assassinato de Brenda também será recontado com detalhes – seu minúsculo dormitório (cenário do suposto crime), seu estado de embriaguez, confirmado por testemunhas, e outros elementos – que diluíam a interrogação sobre a possível relação entre os assassinatos de Cafasso e Brenda e a extorsão praticada pelos *Carabinieri*. Os fragmentos de uma entrevista de Natália na TV italiana contribuíram para tal percurso:

Não excludo que Brenda possa ter sido assassinada por outro trans, porque quando estava bêbada e se drogava, se tornava violenta, tratava mal os clientes, os roubava, pedia dinheiro aos outros trans. Outros estavam interessados em que desaparecesse. [Fala Natália ao *Porta a Porta*]. Os trans que vivem em Due Ponti – sustenta o viado – procuram problemas. (*Corriere della Sera*, 25 de novembro de 2009).

Embora mantivessem o termo viado para se referir à Natália, não passou despercebida a contínua construção de sua posição de interlocutora privilegiada:

Quando encontramos Natali, que no Brasil é chamada de Natália, mas o registro civil é José Alejandro Vidal Silva, a primeira coisa que disse é que teme pela vida de Piero Marrazzo: “Não deve estar sozinho, pode não suportar tudo isso. Eu tenho medo que se mata, que se suicide. O “se mata” é o único deslize de um italiano quase perfeito (*Il Giorno*, 04 de novembro de 2009).

Os efeitos desse discurso podem ser observados no contraponto estabelecido entre o tratamento diferenciado dispensado à Natália e China, em relação ao decreto de expulsão, emitido somente para China:

“China” retorna à liberdade, mas dentro de 05 dias deve deixar a Itália. O juiz monocrático Laura D’Alessandro deferiu o pedido de prisão da trans por não haver cumprido o decreto de expulsão emitido em 20 de novembro passado. (...) Os defensores, os advogados Manuela e Cristiano Pazienti, são contrários à expulsão e explicaram: “A nossa assistida é testemunha, assim como Natália, no “Caso Marrazzo”. Por que foram adotados dois pesos e duas medidas?” (*Il Giorno*, 02 de dezembro de 2009).

Ao questionarem a decisão do juiz, os advogados colaboraram para pensar que, assim como Brenda, China também não seria uma pessoa de “juízo”, apresentada na imprensa partilhando o mesmo local de moradia e relações, descrição que enfatizava uma geografia da clandestinidade/promiscuidade. Interessante perceber que Natália jamais negou sua condição de indocumentada. O casamento com uma mulher italiana esteve entre as estratégias por ela acionadas para obter o visto de permanência na Itália. Natália conta sua história e parece surpreender ao interlocutor:

“É uma amiga italiana que no ano de 2000 me fez um grande presente, casando-se comigo”, ela nos surpreende. A trans do “Caso Marrazzo” é casada. “Obviamente” com uma mulher. “Do dia do matrimônio, não gostaria de recordar nada. Foi necessário vestir-me como homem, esconder os cabelos para parecerem curtos... Era 18 de setembro de 2000, às 10 horas da manhã. Na noite anterior, minha prometida esposa e eu, fizemos uma espécie de despedida de solteiros. Jantamos fora e acordamos tarde. Depois fomos à prefeitura e dissemos o ‘sim’. Permaneci na casa de minha mulher por cerca de oito meses, depois vim viver em Roma” (*Il Giorno*, 04 de novembro de 2009).

O casamento com uma mulher italiana não teria sido condição suficiente para regularizar sua situação no país. Natália permanecia como migrante indocumentada, mas não referia insegurança quanto à sua permanência, como observado no caso de outras travestis que (in)diretamente circulavam no espaço geográfico cenário da confusão, e receberam os decretos de expulsão.

Em consonância com as travestis entrevistadas nesta pesquisa, o projeto de Natália para retornar ao Brasil parece ser individual. Ou seja, não depende das normas migratórias estabelecidas pelo governo italiano, estando associado ao fim de seu percurso como profissional do sexo – “Ganho tanto. Quando galinha velha, não farei mais uma boa sopa, prenderei minhas asas e tornarei ao Brasil” (*Il Giorno*, 04 de novembro de 2009).

A suposta segurança de Natália sobre sua permanência na Itália poderia estar ancorada na relação afetiva, mas sugere também outro caminho. Talvez confiasse no seu domínio das estratégias de ingresso no território italiano.

Estratégias diferentes circulam na rede das travestis e foram identificadas, por exemplo, quando perguntadas sobre decretos de expulsão, multas e detenções, foram muitos relatos sobre a “folha de via”.⁴⁵ Uma travesti com histórico de muitas não-admissões e expulsão, mostrou seu passaporte novo (o anterior havia sido destruído após a sua não-admissão no mês anterior) com cinco carimbos até o destino final na Itália. Foram onze dias de viagem, entre terra, céu e água. Segundo ela, “é possível retornar, às vezes é mais trabalhoso, mais caro, mas com sorte consegue”.⁴⁶

⁴⁵ *Foglio di Via Obbligatorio* com a qual a pessoa deve comparecer à *questura* para apresentar recurso ou deixar o país no período de 05 dias.

⁴⁶ Anotações de Caderno de Campo, entrevistada E, janeiro de 2010. Essa discussão foi desenvolvida por Gislon Goulart Carrijo em artigo que integra esta coletânea.

Ao justificarem o sucesso/fracasso do projeto migratório a partir das categorias *juízo* e *sorte*, as travestis brasileiras convidam a pensar que, no projeto migratório, a ideia de sucesso está ancorada no juízo (categoria moral), portanto, seria um projeto individual no qual o sucesso depende unicamente de sua conduta em “terras estrangeiras”. A *sorte* seria uma categoria menos evidente, por vezes identificada apenas na relação direta com o cliente e/ou marido, e contribuiria para o sucesso facilitando o cotidiano no local de destino, proporcionando maior retorno financeiro, mas ainda dependente do *juízo*.

Assim, se justificaria o não lugar que o Estado Brasileiro ocupa para elas nesse cenário. Elas não encontram (e não demandam) referência nos Consulados Brasileiros, abandonadas à própria “sorte” na Itália, são detidas a partir da condição de migrantes ilegais e ainda são demandadas a demonstrarem “juízo” para retornar ao Brasil.

Essa percepção é reforçada pelo discurso oficial proferido pelo governo italiano, no qual a migração é projeto individual cuja responsabilidade é exclusivamente do indivíduo. Portanto, justifica-se a criminalização e a punição do sujeito que comete “a falta de *juízo*” de sonhar com a conquista de uma Europa que impregna o imaginário brasileiro desde a colonização e, nessa perspectiva, Brenda se tornou um ícone desse discurso.

Referências bibliográficas

- ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), Florianópolis-SC, 2007, pp.745-772
- BENEDETTI, M. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- BUTLER, J. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid, Editorial Síntesis, 2004 [Trad.: Javier Sáez y Beatriz Preciado].

- CARAVÀ, C. Una indagine conoscitiva sull'utenza. In: ALA Milano ONLUS. *La prostituzione transessuale*. Analisi e apprendimenti di un intervento. Milano, Ed.Uni Service, 2008, pp.63-133
- GOFMANN, E. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Editora Ltc, 1988.
- HAROCHE, C. *Da palavra ao gesto*. Campinas-SP, Papirus, 1998.
- KULICK, Don. *Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008 [Trad.: César Gordon].
- LEONINI, L. (org.) *Sesso in acquisto. Una ricerca sui clienti della prostituzione*. Milano, Ed. Unicopoli, 1999.
- _____. Os clientes das prostitutas. Algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre prostituição em Milão. In: SCHPUN, M. R. (org.) *Masculinidades*. São Paulo/Santa Cruz do Sul, Boitempo Editorial/Edunisc, 2004, pp.79-106
- OLIVAR, J. M. N. Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.26, nº 75, 2011, pp.89-101
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- PASINI, E. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.185-216.
- PATRÍCIO, M. C. No truque: fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional. *Carta Internacional (USP)*, vol. 4, 2009, pp.30-43.
- PELÚCIO, L. Desideri, brasilianità e segreti. Il mercato del sesso nel rapporto tra clienti spagnoli e transessuali brasiliane. *MondiMigranti*, vol. 1, 2010, pp.72-92.
- _____. *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo, Editora Annablume, 2009.

- _____. e MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, vol. 1, 2009, pp.104-124.
- PINTO, J. P. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. *Cadernos Pagu* (33), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2009, pp.117-138.
- PISCITELLI, A. e TEIXEIRA, F. B. Passi che risuonano sui marciapiedi: la migrazione delle transgender brasiliane verso l'Italia. *MondiMigranti*, vol. 10, 2010, pp.135-151.
- PISCITELLI, A. Entre as “máfias” e a “ajuda”, visões de migrantes brasileiras. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia – ABA, Simpósio Especial: Gênero no marco do tráfico de pessoas e migrantes, Porto Seguro-Bahia, 2008.
- _____. Prostituição e Trabalho. In: LIMA, M. E. B. de; COSTA, A. A.; COSTA, A.; ÁVILA, M. B.; SOARES, V. L. (orgs.) *Transformando as relações trabalho e cidadania, produção, reprodução e sexualidade*. Salvador, UFBA/FFCH/CUT, vol. 1, 2007, pp.183-195.
- _____. Apresentação. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudo de Gênero – Pagu/Unicamp, 2005, pp.7-23.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 2008.
- SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Iser, 1993.
- TEDESCO, L. Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre. Dissertação de mestrado, PPGAS-NACI/UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- TEIXEIRA, F. B. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. *Cadernos Pagu* (31), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2008, pp.275-308.

VERDE, J. B. e TODELLA, R. Prostituzione: vecchi e nuovi significati. In: POCCHIESA, M. (org.) *Prostituzione: oltre i luoghi comuni*. Torino, Ed. Associazione Guppo Abele, 2007, pp.11-21.

WOLFF, C. S. e PEDRO, J.M. Gênero e migrações na história entre Brasil e Itália: uma entrevista com Chiara Vangelista. *Revista Estudos Feministas* 15(3), Florianópolis-SC, 2007, pp.679-694.

Fontes consultadas

Corriere della Sera, 03 de fevereiro de 2011
http://www.corriere.it/cronache/11_febbraio_03/focarete-viados-siero... [acesso em 03 de fevereiro de 2011].

Corriere della Sera, 14 de outubro de 2010
http://roma.corriere.it/roma/notizie/cronaca/10_ottobre_14/via-gradoli... [acesso em 20 de novembro de 2010].

Corriere della Sera, 13 de outubro de 2010
http://roma.corriere.it/roma/notizie/cronaca/10_ottobre_13/via-gradoli... [acesso em 20 de novembro de 2010].

Corriere della Sera, 25 de novembro de 2009
http://archivistorico.corriere.it/2009/novembre/25/sospetti_Natali_e_a... [acesso em 15 de janeiro de 2010].

Corriere della Sera, 24 de novembro de 2009
http://archivistorico.corriere.it/2009/novembre/24/China_attacca_Nata... [acesso em 13 de janeiro de 2010].

Corriere della Sera, 23 de novembro de 2009
http://archivistorico.corriere.it/2009/novembre/23/mossa_dei_Caf_ass... [acesso em 17 de janeiro de 2010].

Corriere della Sera, 24 de novembro de 2009
http://archivistorico.corriere.it/2009/novembre/24/China_attacca_Nata... [acesso em 13 de janeiro de 2010].

Corriere della Sera, 21 de novembro de 2009
http://archivistorico.corriere.it/2009/novembre/21/ultimo_verbale_Qu [acesso em 13 de janeiro de 2010].

Juízo e Sorte

Corriere della Sera, 25 de outubro de 2009

http://archivistorico.corriere.it/2009/ottobre/25/Natalie_interrogata_d [acesso em 15 de janeiro de 2010].

Corriere della Sera, 24 de outubro de 2009

http://www.corriere.it/cronache/09_ottobre_24/sarzanini-carte-caso-m [acesso em 22 de janeiro de 2010].

Corriere della Sera, 06 de janeiro de 2006 - “La caduta, gli amici e gli elogi di Kissinger Lapo conquista gli Usa”

http://archivistorico.corriere.it/2006/gennaio/06/caduta_gli_amici_gli... [acesso em 13 de janeiro de 2010].

Il Giorno, 02 de dezembro de 2009

<http://quotidianonet.ilsole24ore.com/cronaca/2009/12/02/267211-mort> [acesso em 15 de janeiro de 2010].

Il Giorno, 23 de novembro de 2009

<http://quotidianonet.ilsole24ore.com/cronaca/2009/11/23/263502-caso> [acesso em 17 de janeiro de 2010].

Il Giorno, 10 de novembro de 2009

<http://quotidianonet.ilsole24ore.com/cronaca/2009/11/10/258999-rapin...> [acesso em 17 de janeiro de 2010].

Il Giorno, 09 de novembro de 2009

<http://quotidianonet.ilsole24ore.com/cronaca/2009/11/09/258625-trans> [acesso em 17 de janeiro de 2010].

Il Giorno, 04 de novembro de 2009

<http://quotidianonet.ilsole24ore.com/politica/2009/11/04/256910-caso...> [acesso em 15 de janeiro de 2010].

La Repubblica, 11 de outubro de 2005

<http://www.repubblica.it/2005/j/sezioni/cronaca/elkann/overdose/over...> [acesso em 13 de janeiro de 2010].

Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira *

Gilson Goulart Carrijo**

O objetivo deste artigo é pensar a migração a partir do deslocamento realizado por uma travesti brasileira para trabalhar no mercado do sexo na Itália, em especial na cidade de Milão. Compreender os laços construídos entre os continentes e os impactos desses deslocamentos nas relações com os familiares, com a cidade de origem, com o universo das travestis e, particularmente, nas definições de contornos sobre o ser *européia*.

Argumentamos que a migração para o exercício do trabalho sexual, embora possa ser compreendida no marco dos processos da globalização, guarda suas especificidades, considerando que os migrantes e os que permanecem no local de origem pactuam um silêncio sobre a atividade a ser desempenhada no local de destino. Ainda que os migrantes trabalhem em ocupações menos prestigiosas no local de recepção¹, essa condição não parece adquirir *status* de segredo;

* Este trabalho integra a foto-etnografia em desenvolvimento no Programa de Doutorado Multimeios da Unicamp, sob a orientação do professor Ronaldo Entler. Realizado na cidade de Uberlândia – MG, entre os anos de 2006 e 2010, e na cidade de Milão, durante o estágio de doutoramento na Università Degli Studi di Milano, no período de novembro de 2009 a maio de 2010, sob a supervisão da professora Luisa Leonini.

** Bolsista da Capes/CNPq.

¹ Segundo Glaucia Assis (1995, 2010), várias pesquisas demonstraram as diferentes configurações na inserção dos imigrantes brasileiros no mercado de trabalho nos Estados Unidos e Europa: enquanto as mulheres concentram-se, como outras imigrantes latinas, na área do serviço doméstico, os homens dirigem-se para o setor da construção civil e de restaurantes.

Imagens em trânsito

porém, migrar para trabalhar no mercado do sexo permanece invisibilizado² e muitas vezes recoberto pela pauta do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual.

Um sonho compartilhado

Os países reconhecidos como “primeiro mundo” lançaram, ao longo dos séculos, suas propagandas aos ventos, através de suas grandes cidades, modos de vida e realizações. Símbolos que povoaram o imaginário de suas colônias, necessários à distinção no processo civilizatório, foram (re)significados como promessas de melhores condições de vida, trabalho, felicidade, lazer, sonhos e dinheiro, enredando milhares de pessoas. Quando o deslocamento tornou-se uma possibilidade, surgiu o paradoxo entre a exponencial abertura das fronteiras para o fluxo de capitais e mercadorias e o seu crescente fechamento para a imigração. Para os países considerados de “primeiro mundo” configuram-se os desafios de preservar o imaginário de distinção (civilidade, democracia e liberdade) e evitar o acesso daqueles considerados inabilitados para o lugar.

Os limites e as armadilhas das promessas da globalização inquietaram e instigaram não somente a produção de textos acadêmicos; outras estratégias de comunicação também foram utilizadas como formas de expressão para discussão/denúncia de processos migratórios, a exemplo do romance de Gabriele Del Grande³ e o livro *Êxodos*, do fotógrafo Sebastião Salgado.⁴

² Ainda segundo Glaucia Assis (2010), esse seria um trabalho estigmatizado no grupo migrante (de brasileiros migrantes em EUA). O mesmo tipo de estigma é observado em relação às mulheres que trabalham como *go go girls* (Assis, 1995).

³ No romance do jornalista italiano, encontramos elementos para pensar as diferentes estratégias dos países da União Europeia para impedir o ingresso

Explorando as possibilidades das diferentes linguagens, escolhemos as imagens fotográficas como ancoragem para a discussão da temática proposta.

Artefato simbólico para ser visto, a fotografia é, em grande parte, tributária das experiências e mediações entre o fotógrafo, o fotografado e o observador. Circula num campo de saberes no qual as imagens fotográficas, portadoras de uma qualidade de informação compartilhada, emprestam significados às tramas e aos dramas tecidos pela cultura.

Ao atribuir à imagem fotográfica uma vocação etnográfica, Carlos Rodrigues Brandão (2004:36) propõe uma percepção da imagem que transita do

fazer da informação para o dizer do diálogo; que salta da objetividade fundadora, de uma análise dos “dados de campo” para a possibilidade múltipla da interpretação. Enfim, que ultrapasse os limites de um registro etnográfico do ato para a aberta possibilidade do gesto.

Diz ainda o autor:

No entanto, com um pouco mais de coragem podemos supor que a fotografia entre nós é não apenas um exercício de “mostrar como é”, mas também o de desvelar e fixar uma face visível, imaginada e ordenadamente dada a ser vista de algum cenário “onde algo acontece, de um momento do acontecer deste algo: um ou um feixe de gestos, o súbito olhar de um rosto, uma par de mãos que seguram o quê?” (id.ib.:29).

dos indesejados habitantes do continente africano e os custos financeiros e humanos da (des)ventura deles pelo Mar Mediterrâneo.

⁴ O livro *Êxodos* retrata a fuga dos migrantes, dos refugiados e das pessoas deslocadas em diferentes pontos do mundo; a tragédia sem paralelo da África; o êxodo rural, conflitos de terra e urbanização caótica na América Latina e imagens das novas megalópoles asiáticas.

Considerando as tecnologias disponíveis, quando vamos à captura de uma imagem, imaginamos, planejamos a mesma. Com isso, a forma como o fazemos, a escolha dos ângulos de enquadramento, a posição de câmera, os níveis de luz, a composição do plano estão, de certa forma, antecipadamente sugeridos. Ou seja, integram um leque de possibilidades oferecidas pela cultura visual compartilhada, oriunda do imaginário social do produtor da imagem. Imagens assim produzidas buscam confirmar as possibilidades expressivas consideradas pelo produtor, no seu intento de expressar sua representação do mundo e sobre o mundo, sendo a máquina apenas o meio ou recurso de que lança mão.

A narrativa antropológica por meio de imagens fotográficas possibilita oferecer sons e ruídos a um silêncio que parece ocupar o interstício palavra-imagem. Aqui fotografias e texto escrito compõem momentos solidários e complementares, proporcionando uma produção de conhecimento estendida e alargada.⁵

Considerando que o gesto de fotografar e as imagens fotográficas dizem de uma compreensão de mundo, de uma imaginação cultural do mundo e sobre o mundo, compartilhamos com José de Souza Martins (2008:37,65) a ideia de que a imagem resultante da relação do fotógrafo com o mundo não seria um congelamento do dito real, mas, ao contrário, um “descongelamento”. Neste trabalho, as imagens operam como uma interpretação, ou melhor, como uma

⁵ Destacamos as relações de referência indexicais recíprocas entre texto e imagem propostas por R. Barthes (1964). Ele aponta dois tipos de referência: *ancoragem* e *relais*. A ancoragem ocorre quando o texto dirige o leitor para significados previamente escolhidos na imagem, ficando o leitor atraído para alguns elementos e desconsiderando outros. Assim, a estratégia de referência é direcionada do texto à imagem. Na relação de *relais*, texto e imagem encontram-se numa relação de complementaridade, a atenção do leitor é dirigida igualmente, da palavra à imagem e da imagem à palavra.

possibilidade de compreensão simbólica de um universo (in)visibilizado da migração *clandestina*.

O diálogo entre imagens não se estabelece, necessariamente, restrito aos elementos presentes nas fotos. As possibilidades de diálogos aqui sugeridos situam-se numa rede mais ampla de circulação de imagens, incluindo elementos imagéticos que não estão necessariamente presentes nas fotografias apresentadas. Compartilhamos com Etienne Samain e Fabiana Bruno o princípio de que as imagens seriam portadoras de um pensamento, tomando emprestado – umas das outras, da imaginação e do texto – elementos de diálogos, de correspondências e de significações.

Toda imagem, por sua vez, nos faz pensar e sempre nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de *real* para roer, ora uma faísca de *imaginário* para sonhar (Samain e Bruno, 2006:29, grifos no original).

Portanto, as imagens fotográficas aqui apresentadas sugerem uma discursividade, um “*escrever com o olho*” (Brandão, 2004), isto é, constroem uma narrativa etnográfica, reflexionando sobre uma dada realidade e tendo como ferramenta a máquina e a linguagem fotográfica.

As entrevistas, observações e as fotografias deste estudo foram realizadas em Uberlândia (Brasil) e Milão (Itália) entre 2006 e 2010. Para uma sistematização do artigo, foram selecionadas 20 fotos – consideradas como significativas de situações, momentos e lugares distintos. Sendo assim, são representações escolhidas mediante descarte de outras. Depois de reproduzidas em tamanho 15x20, foram entregues à entrevistada para que ela realizasse uma segunda seleção, apontando as imagens sobre as quais gostaria de falar. Efetivamente, essa seria uma segunda ou terceira escolha, pois as relações entre quem vê e fotografa e quem se deixa ser

Imagens em trânsito

fotografado são dinâmicas, deslocam o gesto de fotografar rumo a interações onde o fotografado interfere efetivamente na construção de sua imagem. Neste sentido, além da imaginação do fotógrafo as imagens dizem, também, de uma imaginação das fotografadas, pela recorrência à pose.

No fazer fotográfico, a menos que o fotógrafo se esconda e passe despercebido, a relação entre quem vê e fotografa e quem se dá a ver para ser fotografado implica em uma relação de *cumplicidade*. Este ofertar-se à imagem fotográfica, a partir de uma diversidade de maneiras distintas, estabelece com o leitor observador certo grau de cumplicidade que, segundo Carlos Brandão (2004), é da ordem do afeto. São esses gestos do olhar compartilhado que este texto enreda. É o se dar a ver, a *pose* negociada que se impôs em muitos momentos no campo de pesquisa. Portanto, é no invisível acessado pela imaginação diante da imagem fotográfica e na *cumplicidade afetuosa* e fantasiosa entre quem vê e fotografa e quem se dá a ver para ser fotografado que reside a importância da imagem ofertada à antropologia. Tal cumplicidade é toda a dimensão de reconhecimento e de pertencimento ao humano presente nas imagens fotográficas (Samain, 1993:7). É a possibilidade do ver-se no/através do outro.

Nesse sentido, as imagens em questão são entendidas como portadoras de conteúdos estéticos e políticos. Compartilhamos com Jacques Rancière a compreensão de que a estética seria não apenas uma teoria da arte em geral ou uma teoria da arte que remeteria a seus efeitos sobre a sensibilidade, mas

(...) um regime específico de identificação e pensamento das artes: um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando

uma determinada ideia da efetividade do pensamento
(Rancière, 2005:13).

Neste contexto, a política ocupar-se-ia

do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto,
de quem tem competência para ver e qualidade para
dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do
tempo (id.ib.).

Assim essas imagens representam escolhas e fragmentos
possíveis de uma “realidade” (re)inventada, ficcionalizada, pelo
autor, pela entrevistada e pelo leitor observador.

Descer em Malpensa?!?!⁶

Na literatura sobre travestis brasileiras são recorrentes os
relatos sobre os sonhos e as aventuras das travestis no
deslocamento Brasil-Europa.⁷ Em nossas observações, as
fronteiras Brasil-Itália apareciam borradas, aqui e lá eram
termos que se misturavam no cotidiano. O idioma italiano era
valorizado, aprendido e pronunciado (ainda que
precariamente) até mesmo pelas que nunca estiveram lá. Ser
considerada *européia*⁸ confere *status*, sendo indicativo de que a
travesti possui sucesso financeiro.

⁶ Aeroporto Internacional de Milão, Itália.

⁷ Acreditamos ser pertinente considerar a crítica de Nigel Rapport (2002:92) sobre o uso essencializado das “experiências ‘judia’, ‘irlandesa’ ou ‘negra’ como uniformes e, num segundo momento, como arquétipos da condição humana contemporânea”; não dizemos de toda experiência de migração “travesti”, nosso recorte é específico de uma rede construída por travestis brasileiras que migraram para a cidade de Milão e foi acessada no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2010.

⁸ Larissa Pelúcio (2007) evidencia a diferenciação interna ao grupo que classifica as *Tops*, as *Europeias* e os *Traveções*. Ser *européia* não é sinônimo de

Ao elegermos a trajetória de Pâmela – travesti, 41 anos, residente em Uberlândia (MG-Brasil), que se desloca para a Itália de 3 a 4 vezes ao ano para trabalhar no mercado do sexo desde o início da década de 90 – temos como objetivo apresentar uma possibilidade de leitura sobre a complexidade de se trabalhar com os sujeitos em situação de deslocamento.

A história de migração de Pâmela Volp foi determinante para sua escolha como interlocutora para este trabalho, não somente pela quantidade de viagens (contabiliza mais de 50 ingressos na Europa), mas também por sua relação com as travestis na cidade onde reside, sua função de liderança no movimento social, sua posição de dona de pensão onde residem outras travestis e a experiência de ter sido presa pela Polícia Federal, em 2006, acusada de tráfico de pessoas (processo do qual foi inocentada, embora os danos emocionais da experiência não tenham sido sequer avaliados).⁹

Os deslocamentos e o uso de rotas alternativas como formas predominantes de uma travesti ingressar no continente europeu são anteriores ao estreitamento das políticas migratórias mundiais supostamente em resposta aos ataques de 11 de setembro de 2001 contra os EUA e tensionam o argumento que tenta justificar o cerceamento das fronteiras através da implementação de políticas de combate ao tráfico de pessoas para fins de exploração sexual.¹⁰

beleza, porém pode ser uma possibilidade para que, por meio de investimento corporal, decorrente dos lucros durante a estadia na Itália, Espanha ou França, a travesti venha a se tornar *top* (belíssima).

⁹ Para Flavia Teixeira (2008), essa migração internacional de travestis se visibilizou a partir do momento em que se viu atrelada à discussão sobre o tráfico de pessoas decorrente principalmente das alterações implementadas no Código Penal Brasileiro em março de 2005, substituindo a palavra “mulheres” por “pessoas”.

¹⁰ A possibilidade (certeza) de recusa da permissão de ingresso para as travestis na Itália consolidou um conjunto de saberes sobre porosidades das

Os relatos de Pâmela confirmam a exceção atribuída ao fato de desembarcar (e ser admitida) diretamente no local de destino:

Nunca antes desci em Malpensa, nenhuma travesti pode descer em Malpensa, toda travesti que desce em Malpensa não segue, é deportada.

Antigamente tinha que ir e ficar uma semana em um país, depois outra semana em outro país, algumas meninas que chegaram à Itália depois de 12 a 15 dias. Quando fui [a primeira vez], peguei uma época boa, cortei mais caminho.

fronteiras italianas e integra o repertório da preparação para a viagem. Ao entrevistarmos Rita em Milão, ela compartilhou seu passaporte e um conjunto de moedas (transformadas em recordações de viagem) que anunciavam o aumento da complexidade dessas rotas, incluindo passagem pela África e, posteriormente, pela Turquia. As travestis sabem que tentar o ingresso na Itália a partir de um voo com origem na África tornaria as chances de ingresso ainda mais reduzidas.

Imagens em trânsito

Mas descer em Malpensa foi um luxo!



Foto 1 - Aeroporto de Malpensa, Milão, 26 de maio de 2010

Quando cheguei em Malpensa a polícia veio em cima de mim como formiga no doce. Por quê? O que eles pensaram? Falo para todo mundo: Acho que a Itália é a capital mundial da prostituição brasileira! Então os policiais acharam que eu estava ali para fazer programa, me grudaram. No dia dessa foto eu tinha os papéis legais para entrar, fiquei calada, não disse que eu tinha os documentos. Quando me pegaram pelo braço e pediram para que os acompanhasse, perguntei, em italiano, [ênfase] o que estava acontecendo; eles

disseram: Você tem que nos acompanhar, você é trans? Falei: Sou trans, por quê? Acompanhe-nos [policiais]. Um momento, me esqueci de mostrar para vocês. [Pâmela] Tirei da bolsa os papéis do Ministério da Justiça e o convite para participar de um congresso, do primeiro congresso Trans-migrante.¹¹ Quando leram os papéis, automaticamente tiraram a mão de mim, pediram desculpas, carimbaram meu passaporte e me deixaram passar. As leis mudaram muito na Europa, há alguns anos você poderia andar, ir para um hotel, andar nos

¹¹ Pâmela se refere ao *Trans-Migranti: Primo Convegno Internazionale su Genere, Migrazione e Vulnerabilità: Università, Sindacato e Terzo Settore insieme per lo sviluppo delle politiche pubbliche*, realizado em Milão, Itália, nos dias 19 e 20 maio 2010.

lugares tudo, tudo, tudo... As portas se fecharam não sei por que, não sei explicar por quê.

Embora dizendo desconhecer o motivo para o encrudescimento do controle das fronteiras, a percepção de Pâmela, oriunda de sua condição de trabalhadora transnacional, tem recorte no estabelecimento dos Acordos de Schengen¹² e outros instrumentos normativos adotados pela União Europeia (UE) que garantem a livre circulação no território de seus Estados membros e aumentam o controle das fronteiras exteriores.



Detalhe Foto 1

Nos últimos dez anos, instituíram-se diversos mecanismos voltados para prevenir, controlar e punir a imigração, dita irregular, para o território dos países da comunidade europeia. As normas comuns relativas à obtenção de visto, a responsabilidade dos transportadores e as operações conjuntas de retorno de migrantes (UE - CONSELHO EUROPEU, Regulamento nº 574/1999; Diretriz nº 51/2001 e Decisão 573/2004a), ou os sistemas de informação e vigilância nas fronteiras (Sistema de Informação Schengen - SIS e a Agência Europeia para a Gestão e Cooperação Operativa nas Fronteiras Exteriores - FRONTEX¹) são alguns desses dispositivos. Entre as prioridades fixadas pelo Programa de Haia para o quinquênio 2005-2010, foi incluído o reforço da política de controle



Detalhe Foto 2.

¹² O Acordo de Schengen foi instituído em 1985 com o intuito de criar um espaço europeu sem controles fronteiriços que facilitasse as viagens entre estes países. Para além dos cinco países iniciais (Alemanha, Bélgica, França, Holanda e Luxemburgo) outros foram aderindo ao Acordo, sendo que a Itália aderiu em 1990.

Imagens em trânsito

fronteiriço e a chamada “luta contra a imigração ilegal” (Ceriani Cernadas, 2009:189).

Pâmela aciona a questão da prostituição como argumento para a negativa de ingresso no país de destino, porém, a



Foto 2 - Aeroporto de Malpensa, Milão, 25 de maio de 2010

abordagem do policial se centra em outro

aspecto: no gênero. Toda e qualquer travesti ou transexual estaria a priori na posição de “suspeita”, o que vulnerabiliza e se reafirma nas incertezas da admissão conforme o episódio de ingresso de Keila Simpson¹³ para participar do mesmo evento relatado por Pâmela:

Eu nunca descii antes em Malpensa, preciso desta foto para colocar no Orkut, todos precisam ver: uma travesti descendo em Malpensa.

A conotação de excepcionalidade atribuída ao fato de desembarcar diretamente no local de destino e, particularmente, no aeroporto da cidade considerada mais *glamourosa* da Itália, ao mesmo tempo, abre

¹³ Keila Simpson, liderança do movimento das travestis e transexuais brasileiras, foi presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e, no referido encontro, representava a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT).

fissuras para dizer: “foi o movimento social que me trouxe aqui” e reafirma a norma: travesti não desce em Malpensa.

A prostituição seria apenas um aspecto em meio aos processos de deslocamentos global, no entanto, tem recebido importante destaque – com sentidos diversos – nas políticas nacionais, internacionais e estudos acadêmicos. Segundo Piscitelli (2004), foi a partir dos anos 90 que o debate sobre prostituição forçada, turismo sexual e prostituição aparece em cena, mobilizando opinião pública, pesquisadores e formuladores de políticas. A condição de dupla ilegalidade vivida pelas travestis – migrantes indocumentadas e profissionais do sexo – coloca esse seguimento em situação de extrema vulnerabilidade e intensifica (tornando mais complexo) o uso de rotas alternativas (Teixeira, 2008).

Ainda estabelecendo uma comparação entre suas primeiras viagens e o momento atual, Pâmela relata que, no início da década de 90 uma travesti poderia se hospedar em hotéis sem problemas. Refere que, em alguns deles, “quando a travesti não tinha documento”, as reservas eram aceitas por, no máximo, quinze dias e diante disso a estratégia adotada era de deslocamento de um hotel a outro. Nesse fragmento, chama a atenção o fato de que, em situação de turismo, a permanência na Itália seria de até três meses, não havendo fundamento legal para a imposição da norma hoteleira. Consideramos que esse é outro indício de que a ausência de parâmetros para legitimar a permanência na Itália constrói uma percepção (reiterada pelos discursos e práticas oficiais) de que *a priori* elas não deveriam estar ali, seriam *clandestinas* sempre e em qualquer situação.

A prestação de serviços sexuais (sem a contrapartida do pagamento) como barganha para o visto de entrada na Europa é recorrente nas falas das travestis que decidem tentar a vida naquele continente, conforme Pâmela relata sobre seu episódio de ingresso através da Suíça:

Imagens em trânsito

Teve um caso na Suíça que o comandante gritou, ele falava um pouco português, me lembro que ele se chamava... esqueci, mas qualquer hora eu lembro. Lembro que veio o comandante e uma tradutora, ele falava um pouco de português, pois já tinha morado no Brasil. Ele gritou: “Mandem esses filhos da puta todos embora”. Sei que ele falou em francês ou em português... Era a Suíça francesa. Ele falava Francês e português e misturava as duas línguas e gritava: “Mandem esses filhos da puta tudo embora, esses mortos de fome”. Lembro que éramos eu... havia três travestis, quatro mulheres e dois homens, inclusive um sul americano, acho que paraguaio ou uruguaio. Mandou todos entrarem na fila, de repente uma mulher caiu, acho que ela estava levando drogas, começou a passar mal. Fizeram um exame de urina e constataram que era droga, ela estava quase morrendo. Os policiais que estavam lá foram acompanhar a mulher e vieram outros. Um me levou para uma sala e queria que eu o masturbasse [pausa] masturbei e ele me deixou passar, mas só isso. Mandou que eu passasse por baixo, entregou os documentos e mandou ir em frente que eu sairia. Não sei se os outros foram deportados. A partir do momento em que recebi uma chance, é lógico que vou embora.

Para além de pensar nas incertezas advindas das indefinições sobre os critérios de admissão e a prerrogativa (quase mística) da polícia de fronteira¹⁴, apontamos a

¹⁴ Os Estados, respaldados pelo princípio de soberania, controlam livremente suas fronteiras, deliberando sobre o direito de ingresso. Cumprir as exigências estabelecidas no Acordo Schengen não é garantia de entrada no País. Não é nosso objetivo aprofundar a análise sobre os critérios que definem os “indesejados” e as estratégias discriminatórias e violentas que envolvem essa prerrogativa da polícia de fronteira, mas não podemos deixar de assinalar que, no relato, eram 03 travestis, 04 mulheres e 02 homens sul-americanos, ou seja, denunciam o impacto do cruzamento dos marcadores de gênero, classe e nacionalidade na seleção.

fragilidade dos argumentos que ancoram a não admissão por suspeita de prostituição em contraponto com a exigência de serviços sexuais. Pâmela não considera o episódio como um ato violento, pois parece, para ela, uma pequena violência, diluída entre as muitas violências sofridas no percurso da vida. Perguntada se a situação foi considerada por ela como um estupro, ela sorriu e negou. Essa não teria sido a sua primeira experiência de violência sexual, praticada por representantes de instituições. Por essa razão, naquele contexto, foi compreendida por ela como uma chance... Um elemento de sorte.

Pâmela relata ter ido à Itália aproximadamente 50 vezes em 17 anos. No início, partia numa frequência de três a quatro vezes ao ano, permanecendo em Milão entre 30 e 40 dias. Embora reconheça as dificuldades encontradas no uso das rotas alternativas, afirma nunca ter sido não admitida. Justifica seus sucessos ao fato de cumprir todos os protocolos necessários à sua entrada no continente europeu: apresentação das passagens de ida e retorno, das reservas em um hotel da cidade onde pretende permanecer e de uma quantia significativa de dinheiro em mãos. Relata que, inicialmente, a quantia mínima para ser admitida era de quinhentos euros e hoje é de dois mil euros.¹⁵ Ao se referir aos episódios em que as amigas tentaram ingresso por cinco vezes sem sucesso, supõe que a causa poderia ser atribuída a motivos técnicos como reservas falsas, ausência de seguro saúde ou quantia em dinheiro insuficiente.

Aqui, identificamos um elemento contraditório, ao acionar os critérios estabelecidos pelos estados signatários do Acordo Schengen para o ingresso nos países. Pâmela parece

¹⁵ A comprovação de disponibilidade econômica para permanência em território italiano seria o referente a US\$ 100,00/dia ou 57€/dia e não necessariamente precisa ser em espécie, variando de acordo com o tempo previsto de permanência. As travestis, que viajam a partir de Uberlândia, referem portar em torno de 2.000,00 € em espécie.

acreditar que os “fracassos” das outras travestis poderiam ser explicados pelos mesmos argumentos burocráticos que, na prática, ela testemunha não funcionar. Não saberíamos dizer das justificativas dos sucessos obtidos por Pâmela, mas desconfiamos das justificativas para os fracassos das outras.¹⁶

Nessa lacuna, compartilhamos da questão apresentada por Pablo Ceriani Cernadas, que, ao citar o artigo 13º da Declaração Universal sobre o direito à livre circulação, demonstra como essas políticas estatais limitam o direito de imigrar, garantindo (em tese) apenas o de emigrar, pois, se a imigração é considerada uma questão de soberania nacional (entrada, residência), as pessoas seriam livres para deixar seu país, mas para onde poderiam ir?

O cenário atual, por conseguinte, caracteriza-se por uma profunda iniquidade. Por um lado, as pessoas que são nacionais dos Estados mais desenvolvidos economicamente – em sua maioria, receptores de fluxos migratórios de outras regiões – encontram poucos obstáculos para exercer o direito à livre circulação, em todos os seus componentes: o direito de sair de seu país e seu lógico correlato, o direito de entrar em outro. Assim, o direito à mobilidade parece estar disponível unicamente para aqueles que têm determinada nacionalidade ou, em outros países, para os – poucos – que têm certo nível econômico ou outros privilégios. Outras pessoas poderão, depois de superar inúmeros obstáculos, sair de seu país e entrar em outro e ali residir, graças a vínculos familiares na sociedade de acolhida, ou pelas necessidades e conveniências do mercado de trabalho. No entanto, a ampla maioria das pessoas está

¹⁶ A discussão sobre as categorias juízo e sorte acionadas para explicação do sucesso/fracasso do projeto migratório é realizada por Flavia Teixeira (neste volume).

privada desse direito, em um ou ambos os sentidos
(Ceriani Cernadas, 2009:205).

Glamour, dinheiro, curiosidade... motivos para migrar

Quando perguntamos sobre a descoberta da Itália e dos motivos que a levaram a escolher esse modo de trabalho transnacional, Pâmela conta que muitas de suas amigas migravam para a Itália, sendo que ela, em 1993, foi uma das últimas de seu ciclo de amizades: “Minhas amigas todas indo para Itália, Itália... Pensei, gente, preciso descobrir o que é a Itália!”.

Embora a busca de melhores condições de vida seja o motivo mais comumente elencado pelos migrantes da América Latina, Pâmela nega que seu projeto inicial tenha sido motivado pela busca de sucesso econômico. O interesse por descobrir um novo lugar a aproximaria das aspirações que motivaram a migração de alguns europeus entrevistados por Elizara Carolina Marin e Rejane de Oliveira Pozobon (2010:387), diferentemente do que ocorre com a maioria dos latino-americanos. Nesse sentido, a motivação de Pâmela se distancia também da motivação maioria das travestis para as quais a migração para a Itália se configura num projeto significativamente marcado pela expectativa de trabalho e sobrevivência (Teixeira, 2008; Pelúcio, 2010).

Pâmela relata que, em 1987, conheceu uma travesti que veio morar em sua casa em Uberlândia e que esta residira em Milão. Considerada uma pessoa muito boa e de confiança, forneceu as informações necessárias para deflagrar o projeto migratório. Em 1993, quando se decidiu pela efetivação do projeto, possuía sua pensão e uma situação financeira considerada estável, com os dividendos resultantes de seu trabalho como prostituta:

Imagens em trânsito

(...) quatro terrenos, três em [cidade do interior de pequeno porte] e um em [cidade do interior de médio porte] no [bairro de classe média] e 3 casas em [cidade do interior de pequeno porte]. Entendeu? Então eu já tinha dinheiro, tinha casas para aluguel. Uma amiga disse: Se você quiser, te empresto o dinheiro para ir. Eu disse: Não, já tenho! Você me fala como é que eu chego lá. Ela explicou: Você pega assim, vai assim, assim...

Posteriormente, retomaremos a discussão sobre a lógica da ajuda no universo das travestis. Aqui enfatizamos a pertinência da observação de Glaucia Assis (2007) sobre a importância das informações que circulam na rede e que podem interferir no sucesso do projeto migratório. Pâmela continua:

A primeira vez que fui, foi por Paris, sai daqui para São Paulo – São Paulo – Paris. Em Paris tinha que descer do avião, sair do aeroporto e pegar um trem para uma cidadezinha ainda na França, descer, pegar outro trem que ia para Milano. Foi assim que eu descobri!

Ao recontar sua primeira vez na Itália, a informação destacada foi o valor do salário mínimo vigente no Brasil – 67 (Cruzeiro Real) – e o quanto ganhava nas ruas de sua cidade em uma noite de trabalho – de 100 a 200 (Cruzeiro Real). Não sabia precisar qual seria a moeda corrente na época, mas sugeriu uma comparação entre valores com o objetivo de demonstrar o ganho considerado elevado se comparado ao salário mínimo daquele momento. No decorrer da narrativa, ela continua comparando os ganhos entre Brasil e Itália:

Quando eu cheguei lá, me lembro que o euro era... não, não era euro, era lira. Quando é que mudou para euro? Não me lembro, mas logo em seguida mudou! Lembro que o euro era 3,80 ou 3,90 e chegou a 3,98! Chegava a

ganhar em uma noite de 1.000 a 1.100 euros, ou seja, era tanto dinheiro! Se fosse hoje eu ganharia 2.500 reais em uma noite, na época dava uns 3.800 toda noite. O dia que ganhava 400 euros, eu chorava, punha a mão na cabeça, aí meu Deus...

Pâmela conta que, nessa estadia de trinta dias, ganhou muito dinheiro:

(...) trouxe 86 mil, 86 mil era muito dinheiro! Trouxe aquele dinheiro guardado na bota, costurado em uma cinta, no forro da bolsa, na bolsa, na carteira, no forro da blusa, dentro da blusa, colocava em todo lugar. Bobagem, e se tivesse que passar pelo raio X? Acho que eles não veriam no raio X, será...? Eu trouxe tanto dinheiro, e para trocar esse dinheiro? [risos].

Em meio às desconfianças sobre os procedimentos alfandegários naquele momento, questionamos sobre a necessidade de ir para a Itália quando no Brasil a sua situação econômica parecia estável. Reafirma enfática: “Curiosidade de saber como era lá, fui por curiosidade mesmo. Para ver como era”.

As motivações que incidem nas decisões migratórias podem ser diversas e mescladas, a Europa povoa o imaginário das travestis, que é alimentado pelas narrativas de sucesso, como ocorre com outros migrantes, por exemplo, os marroquinos da cidade de Khouribga:

Khouribga é uma cidade de imigrantes. Um carro sobre dois foi emplacado na cidade de Torino. Nos mercados, entre as bancas de *Dolce e Gabbana*, *Nike* e *Versace made in China* confundem-se os vocábulos e gramática italianos. Em alguns quilômetros distantes do centro crescem quarteirões fantasmas de bairros comprados com euros e

Imagens em trânsito

habitados por três semanas ao ano no verão. Sim, pois a cada agosto retornam os que conseguiram. Emigrar é *status*. Quem consegue partir adquire respeito. O destino é único, Itália, sobretudo em Torino e em Piemonte (Del Grande, 2009:20).¹⁷

No Brasil, a cidade de Governador Valadares se tornou uma cidade-referência para dizer do impacto das remessas de dinheiro advindo da migração de brasileiros para os Estados Unidos.

No Brasil, Weber desenvolveu uma metodologia complexa para estimar o impacto das remessas numa cidade mineira pequena, mas muito afetada pela migração internacional: Governador Valadares. Ao analisar o mercado imobiliário da cidade, Soares (1995:61) chegou à conclusão de que os emigrantes foram responsáveis pela aplicação aproximada de 154 milhões de dólares no mercado imobiliário valadarense, somente no período 1984-93 (Martine, 2005:13).

Para o autor, o impacto econômico das remessas dos migrantes nas economias das suas famílias, em suas comunidades ou em seus países deve ser reconhecido. No entanto, Glaucia Assis (2010) considera que os migrantes valadarenses, como outros emigrantes brasileiros valorizam – e são valorizados – não apenas pelas remessas em espécie, mas os presentes que circulam entre os EUA e o Brasil, ou seja, ao

¹⁷ Khouribga è una città emigrata. Una macchina su due è targata Torino. Nei *suq* tra i banchetti di *Dolce e Gabbana*, *Nike* e *Versace made in China*, impazzano vocabolari e grammatiche per l'italiano. Qualche chilometro fuori dal centro crescono quartieri fantasma di villini pagati in euro e abitati per tre settimane l'anno d'estate. Sì perchè ogni agosto ritorna chi c'è l'há fatta. Emigrare è uno status. Chi riesce a partire guadagna rispetto. La destinazione è una sola, l'Italia, soprattutto Torino e il Piemonte.

migrar se inserem no mundo do consumo globalizado, aventuram-se para consumir.

Não é apenas sobre o consumo de bens que Pâmela informa. Tornar-se *européia* parece ser a aventura motivadora do deslocamento, porém, não é qualquer país da Europa que materializa o *glamour* da experiência. Ser europeia sem fotos emolduradas pelos monumentos históricos e simbólicos (as *griffes*) italianos seria uma experiência incompleta. Ela passa por Paris sem reconhecer nela a “cidade luz” que marcou o imaginário das primeiras travestis migrantes.¹⁸

O dinheiro ganho na Europa

Adriana Piscitelli (2007) enfatiza a importância de se reconhecer o espaço transnacional criado a partir da circulação de dinheiro do mercado do sexo também nos países de origem das prostitutas, a exemplo do que ocorre com outros trabalhadores. O dinheiro ganho pelas travestis no exterior circula no Brasil, empoderando-as diante das famílias, de outras travestis e até diante de sujeitos mais distantes de seu universo.

¹⁸ O trabalho de Hélio Silva (1993:47) já apontava para a recorrência da temática da imigração entre as travestis como o sonho da realização pessoal e o lugar de destaque ocupado pela Itália nesse imaginário. Não é nossa intenção historicizar o momento em que a Itália se constituiu como referência para migração das travestis. O fluxo migratório foi identificado por Don Kulick (2008) inicialmente nos anos 70, tendo a França como destino. Segundo Larissa Pelúcio (2010), esse fluxo se acentuou nos anos 1980; e, nos anos 90, a Itália se consagrou como o destino preferencial das travestis. Flavia Teixeira (2008) reconhece a diversificação dos destinos a partir deste século, porém reafirma a supremacia atribuída à experiência de viver na Itália. Acreditamos que, como apresenta Milton Santos, “os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação entre o valor da ação e o valor do lugar onde ela se realiza” (Santos, 2004:86). Portanto, ser *européia* carrega no seu bojo a experiência de ter “passado” na Itália, ainda que a vivência de trabalho possa ter sido na Espanha.

Imagens em trânsito

Com a fotografia da família nas mãos, Pâmela inicia um relato sobre a (re)configuração familiar a partir de seu posicionamento como “alguém de sucesso”.



Foto 3 - Uberlândia, 26 de setembro de 2009, casa de Pâmela em seu aniversário

Vendo essa foto... Este foi um dia em que pude ter dinheiro para dar uma boa festa de aniversário e reunir toda a família, porque se todos que estão aqui pra comer, beber e ficar o dia inteiro dependeu de dinheiro. A única pessoa da minha família que tem um pouquinho mais de situação sou eu, que pude dar uma boa festa e um dia de alegria para todos.

Ao analisar álbuns e fotografias de famílias, produzidos entre 1890 e 1930, Mirian Moreira Leite (1993:75) argumenta que a fotografia de família representa um papel simbólico no processo de legitimação familiar. As fotografias de família permitem ao fotografado uma espécie de distinção ao afirmar: “Sou de família”.

Na foto da família de Pâmela, a posição de centralidade que ela passou a ocupar depois do sucesso financeiro certamente pronuncia a mesma afirmação, cujo significado imediato revela requalificação do universo e dos



Detalhe Foto 5.

valores das travestis em face dos mesmos que lhes são oponentes no âmbito da família. Flávia Teixeira (2006) identificou diferentes processos de expulsão das travestis do núcleo familiar primário, que nem sempre se configuraram como atos de violência explícita, mas em gradual esgarçamento das relações familiares, em função da destituição de um lugar para travestis nas famílias, nas quais prevalece o discurso dominante e reiterado de ausência de um lugar social para sujeitos que rompem com a heteronormatividade. Esse esgarçamento, que as travestis vivenciam desde quando suas transformações corporais se tornam mais visíveis, permanece ressentido até ser enfrentado por iniciativas de reposição do pertencimento mútuo entre os sujeitos.

Os relatos sobre os motivos da saída de casa são múltiplos dizendo de conflitos e vergonha. O exercício da prostituição aparece como um duplo: causa e consequência da saída de casa. Percebemos que com Pâmela não foi diferente ao relatar o episódio que marcou sua expulsão da família:

Imagens em trânsito

Meu pai nunca me aceitou. Faz 15 anos que meu pai morreu. Quando ele descobriu [que ela era travesti] foi na minha casa, naquela época não tinha lei contra armas, deu vários tiros na porta e na janela. Passou uma semana, não se contentou, bebeu de novo, pegou um litro de gasolina com óleo diesel, jogou na minha casa, pôs fogo.

No entanto, apesar da não aceitação, ela narra que, em um dado momento, seu pai “passou a querer aceitar e respeitar um pouquinho”. Essa aproximação foi marcada pela necessidade de suporte financeiro diante da situação de adoecimento do pai, que exigiu a busca de recursos para atendimento na rede privada de saúde. “Mandava dinheiro, comprava as coisas para meu pai, isso com o meu dinheiro!”. É enfatizada a afirmação “com o meu dinheiro”, pois, segundo ela, seu dinheiro era ganho na prostituição e foi o mesmo que financiou a cirurgia e os medicamentos do pai.

Os relatos sobre rejeição, no entanto, parecem ser menores do que os de aceitação, conforme contabiliza Pâmela:

Penso que tive sorte com a minha família, porque 80% me aceitou assim que me assumi... e 20% não. Nesta foto, vejo que até os dois tios que não me aceitaram estão nesta festa, não me aceitavam, hoje me aceitam não sei por quê. Talvez achem que hoje a gente tem alguma coisa, falam que a gente é bem de vida. Agora o resto me aceitou desde o início.

Sobre os motivos da aceitação tardia paira uma desconfiança. Hoje, como ela mesma afirma, possui uma situação econômica estabilizada, colocando algumas aproximações sob suspeita, circula a possibilidade de interesses financeiros suplantarem possíveis amizades ou afetividades. Essa mesma desconfiança será reapresentada na relação com namorados e maridos.

Uma pessoa parece estar sempre acima de qualquer suspeita. Com outra fotografia nas mãos, entre lágrimas, diz:



Foto 4 – Uberlândia, 10 de setembro de 2010. Troféu Visibilidade Trans

Essa é a mamãe. Para ela não tem palavras [choro], ela é tudo na minha vida. A minha mãe me chama de Neném até hoje e não cansa de falar que sou o orgulho da vida dela. Ela fala “Se algum dia eu falhar, quero que você seja a mãe de seus irmãos como você sempre foi”. Ela fala que sou a mãe dela. Diz assim: “Meu filho, te criei para você me criar, criei você para nos ajudar, eu sabia que você poderia ser

alguém como você é hoje para ajudar seus irmãos” (...). Minha mãe é minha vida.

Observando a foto da família reunida, Pâmela afirma que, entre as 27 pessoas presentes em sua festa de aniversário, ela teria ajudado quase todas “nas dificuldades da vida”.



Detalhe Foto 4.

Imagens em trânsito



Nossa Senhora, tudo mundo, todo mundo... Aqui o que eu não ajudei tira só o (...), uma vez ele estava passando dificuldades, mas quando pude ajudar já não precisava mais... É esse com (...), esse aqui, mais esse outro primo e essa aqui que é a minha tia e o meu tio. Então são quatro. Nesta foto tem dois, quatro, cinco, seis... 27 pessoas, quatro eu não ajudei, os outros 23 eu ajudei.

Detalhe 1, foto 5.

Ajuda é uma prática estruturante das relações no universo das travestis e abrange tanto as relações familiares quanto as que visam o projeto migratório. Como fundamento da lógica que organiza o projeto migratório, ela é muitas vezes entendida como a única possibilidade que uma travesti possui para sair do país. Entre imigrantes, a ajuda implica, quase sempre, na obrigação de retribuição. Por isso, entre as travestis, algumas relações se mantêm, mesmo após o pagamento da dívida, configurando outros laços que reforçam sua rede de relações, por meio da circulação de presentes, da troca de visitas, que se desdobra, então, em outras obrigações. Essas relações de reciprocidade evidenciam a prática da dádiva conforme uma das formulações centrais de Marcel Mauss (*apud* Lanna, 2000:175) para quem “ela inclui não só presentes, como também visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças, um sem número de ‘prestações’ enfim”, e, ainda que universais, se organizam de modo particular em diferentes universos sociais.

Em relação à família consanguínea, a ajuda pode significar a possibilidade de aceitação e reconhecimento perante uma rejeição aparentemente intransponível. É marcante o *script* que Pâmela tem a cumprir: ajudar aos outros. Essa é a senha

para o (re)estabelecimento da relação familiar, para (re)ingressar nas relações e na sociabilidade da família. Mas a reciprocidade observada nessas relações não se configura exatamente como dádiva, tal como formulado por Marcel Mauss, uma vez que, da parte da família, nenhum investimento econômico ou afetivo é mobilizado para o projeto migratório ou qualquer outro projeto das travestis. Em outra perspectiva, a obrigação de ajudar e/ou a doação das travestis seria o “pagamento de um tributo”¹⁹, que atende à expectativa de reparação e ressarcimento pelos danos causados à família por elas terem rompido com a expectativa de normatividade de gênero.²⁰

Os relatos sobre a ajuda oferecida aos familiares por meio dos recursos advindos da prostituição são recorrentes na literatura, principalmente no universo aqui investigado.²¹ No entanto, não poderíamos simplificar essa relação afirmando que a ajuda seria apenas um meio de reingresso nas relações familiares, uma vez que essa ajuda não se caracteriza como condição suficiente para a reinserção. Não são incomuns relatos sobre a expulsão das travestis das casas que foram compradas por elas, ou sobre o envio de dinheiro para a família mesmo mantida a proibição de retornar à casa do pai. Também há os

¹⁹ Ainda segundo Lanna (id.ib:175) “Mauss dedicava especial atenção ao fato de algumas trocas serem prerrogativas das chefias: receber tributo, por exemplo”. Contudo, não se pode igualar de forma simplista as posições e papéis de chefes e pais nos sistemas de trocas.

²⁰ Agradeço a Adriana Vianna pela gentileza do comentário durante a apresentação deste trabalho no Seminário: “Trânsitos Contemporâneos: turismo, migrações, gênero, sexo, afetos e dinheiro”, realizado na Unicamp em dezembro de 2010.

²¹ É recorrente o relato de que o primeiro dinheiro ganho na Europa é destinado à compra de uma casa para a mãe no Brasil. Essa situação é relatada também em trabalhos dos outros pesquisadores brasileiros e é semelhante à identificada por Josefina Fernández (2004) na Argentina.

Imagens em trânsito

relatos de furtos de dinheiro e de bens de travestis cujos autores são parentes próximos, aos quais foram confiados os mesmos.

A ajuda, antes de materializar o retorno à casa, parece funcionar como um lembrete de pertencimento, um lugar no parentesco que remete ao humano. Parece significar o acesso à própria inteligibilidade, a produção de um sentido capaz de nomear, reconhecer que o ser diferente integra o humano. As travestis parecem compreender e demonstrar que sua existência humana se tornaria inviável sem inteligibilidade social. Ao buscarem reconhecimento, enredadas em tramas arbitrárias, que definem aqueles que reúnem os requisitos para serem humanos e os que não estão habilitados para tal, são sujeitos em luta pelo sentido de sua existência. Nessa luta, o pertencimento a uma família só pode ser obtido por meio de marcadores de distinção, incluindo a generosidade com os recursos financeiros alcançados na prostituição.

Mas os marcadores de distinção sempre implicam em tensões. Como em muitos outros grupos de sociabilidade, um dia de festa é, necessariamente, marcado pelos rituais da fotografia. Ter um fotógrafo “profissional” à disposição é visto pelas travestis com as quais trabalhamos como “um luxo”. Após realizarmos a foto ampliada da família, Pâmela solicitou outra, dessa vez de um núcleo menor composto por ela, a mãe e os “meninos”, ou seja, as pessoas mais jovens que iniciam namoros e rituais de ingresso na vida adulta.



Foto 5 - Uberlândia, 25 de setembro de 2009. Casa de Pâmela em seu aniversário.

Nessa foto sou eu, minha mãe e essa outra aqui é minha sobrinha, essa de calça jeans, ela eu ajudei desde que nasceu com comida, com leite, com tudo, com roupa, ela é filha do meu irmão. Essa outra aqui é a filha da minha irmã [de vestido branco]. Ajudei a todos nas dificuldades da vida. (...)



Detalhe 2, foto 5.

Ele é meu filho [risos], esse eu fiz tudo! Essa outra aqui é da família [se referindo à nora], a família da minha nora, que é um pouco carente, sempre ajudo. É mãe e pai. (...) ser mãe para as meninas [sobrinhas] e pai pelo meu filho.

Imagens em trânsito

Não são as funções do cuidado e a responsabilidade econômica que posicionam Pâmela no espaço de pai ou mãe. A fronteira que ela parece estabelecer se relacionaria a um duplo papel (pai e mãe), mas a sobreposição do lugar de pai parece surgir como um ordenador da relação, um marcador biológico que evitaria “perder o respeito”. Manter a posição pai parece funcionar como um lembrete, uma parte da sua história que não deve ser apagada.

Quando meu filho me chama: “Pai”. Aquele pai firme, eu respondo firme: “Oi meu filho”. Mas me vendo como pai, porque nunca fui mãe, sempre fui pai. O pai que corrige, que ajudou desde a primeira infância, desde o primeiro peito, desde o primeiro colo, criou ele com educação, ajudei na escola, então, tudo! Tenho sorte, porque tudo o que acontece com meu filho, ele me liga; na hora do aperto ele pede socorro, na hora da alegria ou quando tem que reclamar de alguma coisa, ele me liga: “Pai”. Então me sinto muito forte por ser pai e ser mãe. Ele me chama: “Pai, eu preciso do Senhor isso e isso assim, assim”. E na medida do possível, o que eu posso... Porque hoje em dia os filhos são assim... (...) Por esse lado, sou pai e trouxe até agora quando ele vai fazer 19 anos, ele como filho e eu como pai, na regra, mesmo. Para respeito e tudo mais.

A ambiguidade das travestis, a explícita reivindicação do feminino sem a negação do masculino desorganiza as normas de gênero e provoca um desajuste na gramática heteronormativa. Em relação à Pâmela, a força explicativa da verdade reprodutiva da constituição da família a posiciona no lugar de pai, provocando dissensos entre as travestis e transexuais que reivindicam a maternidade (Zambrano, 2006).

Gilson Goulart Carrijo

Quando chego perto do meu filho, me sinto um pai, não me sinto uma mamãe e quando estou perto das meninas que moram comigo, que tudo depende de mim, eu me sinto mãe.



Foto 6 – Uberlândia, 25 de setembro de 2009. Casa de Pâmela em seu aniversário

Nesse momento da entrevista, Pâmela anuncia outro deslocamento. Outra possibilidade de família que se constitui a partir dos complicados processos de expulsão das famílias de origem das travestis e apresenta um desafio para a discussão sobre exploração sexual e tráfico de pessoas.²²

²² Desde o início do trabalho de campo, circularam por Uberlândia cerca de 140 travestis, configurando uma população bastante flutuante, uma vez que os deslocamentos para as cidades maiores e também para a Europa (principalmente Itália) são frequentes. Na cidade, encontram-se duas casas destinadas à moradia coletiva, gerenciadas por travestis mais velhas, comumente denominadas como *casas de cafetinas*. No entanto, é preciso marcar

Imagens em trânsito



Foto 7 - Milão, 11 de dezembro de 2009. Amigo oculto em um restaurante de migrantes latinos.

Sendo um pai travesti, mãe dos irmãos e mãe de uma família flexível e plural, inclusive das travestis que moram com ela nos dois países, Pâmela explode as categorizações fechadas de família. Evidencia a existência “‘de famílias’, mais do que ‘da

diferenças com as práticas da cafetinagem conhecidas no universo das mulheres e por vezes transportadas para o contexto da exploração sexual e tráfico de pessoas sem articulação com o contexto, o que pode fornecer argumentos frágeis para intensificar as ações de repressão à migração das travestis.

família', bem como de movimentos diversificados que apóiam o pluralismo de demandas de gênero e de geração, por sua particularidade, e não por fazerem parte de grupos familiares" (Scott, 2010: 268).

Parry Scott (2010) contribui para pensar essas famílias que (re)produzem intersecções diversas e intercambiáveis, capazes de desestabilizar o sentido ontológico de família "como a base de tudo".

Mobilidades espaciais e temporais contribuem para constantemente criar novas configurações que informam possibilidades de ênfases diferenciadas. Famílias são compostas de gênero, geração, conjugalidade, sentimentos de pertencimento, ideias de coresidência, cooperação solidária, autoridade, afeto e subjetividade, entre outras coisas. Gerações são compostas de pessoas entrelaçadas hierarquicamente por redes de parentesco e família, por pessoas ligadas por pertencerem a categorias etárias e por pessoas cuja referência temporal é algum evento ou ambiente histórico que unifica muitas pessoas geralmente em referência a algum evento exterior à idade e ao parentesco (id.ib.:277).

Pâmela titubeou em relação à concessão para o uso de fotos coletivas de travestis. Teve medo de ser nomeada cafetina. Como relatado anteriormente, Pâmela se vê em meio a uma confusão conceitual sobre migração e tráfico de pessoas cujos desdobramentos são ações truculentas e repressivas dos Estados de origem e de destino.



Detalhes Fotos
6 e 7

Imagens em trânsito

Exploração, prostituição e tráfico são fenômenos distintos que podem se cruzar em momentos e circunstâncias específicas, mas não necessárias. Segundo Adriana Piscitelli (2008:30), a imprecisão desses conceitos coloca obstáculos à produção do conhecimento, no entanto, um fator atinge diretamente a vida das pessoas que decidem migrar, pois “a fusão entre crime e violação dos direitos humanos, às vezes, utilizada instrumentalmente para reprimir a migração não documentada e também para combater a prostituição”.

Flavia Teixeira (2008) destaca que as diversas interpretações para os termos *facilitar* e *facilitação*, utilizados no Código Penal brasileiro referindo-se ao tráfico de seres humanos, impactaram a vida das travestis, criminalizando ações que, para este grupo, se constituíam, até então, como formas de sociabilidade, identificando a importância das redes de “ajuda” para o sucesso do empreendimento migratório. Em consonância com a autora, é possível argumentar que as redes acionadas pelas travestis de Uberlândia parecem operar também com a lógica da “ajuda” e poderiam ser reconhecidas como redes sociais organizadas pelo gênero e laços de amizade. No entanto, poucos estudos sobre travestis enfatizam os vínculos de amizade que são evidenciados nos projetos migratórios. Para essa discussão, retomaremos ao aspecto da obrigação de retribuir, da dívida e da circulação dos presentes.

Larissa Pelúcio (2007) se refere aos laços de amadrinhamento que produzem/inserem as travestis no universo da prostituição através da adoção de nomes próprios e circulação de informações sobre as modificações corporais, permissão/proteção para trabalhar e inserção às novas famílias. No universo pesquisado, a terminologia mais recorrente é mãe e filha, os termos madrinhas/afilhadas parecem sinalizar para uma relação em que, apesar de guardar as mesmas referências descritas por Larissa Pelúcio, o cotidiano não é compartilhado, não residindo no mesmo espaço.

Residir na mesma casa não garante o pertencimento à família, os substantivos mãe e filha, num primeiro momento, parecem ser utilizados indistintamente, no entanto, existe uma qualidade diferenciada de investimento em cada relação que configura as mães e suas filhas. Ser chamada de mãe/filha não estabelece relação de reciprocidade, muitas vezes aparece apenas como marcador geográfico (hierárquico) de residência e, por vezes, percebemos a conotação de deboche ou o seu atrelamento ao sinônimo de cafetina/exploradora, sem conotação afetiva. A adoção do sobrenome parece marcar definitivamente o vínculo e necessita um consentimento/reconhecimento do grupo familiar, ainda que não formal.²³ As travestis destacadas nas fotografias, residindo no Brasil ou Itália, se reconhecem e são reconhecidas como pertencentes à família Pâmela Volp.

Independentemente de residirem na Itália com companheiros, sozinhas, dividindo apartamento com outras travestis ou no apartamento com a Pâmela, todas mantêm os vínculos com a “mãe”. Não foram raros os momentos que acompanhamos em Milão, os conselhos sobre onde investir o dinheiro, onde morar, qual restaurante frequentar, as escolhas e os descaminhos da vida amorosa e os modos de civilidade também integravam o repertório das conversas. Encontramos muitas dessas travestis em Uberlândia, porque durante as férias, elas visitam a família consanguínea – em diversas cidades do país – e também a família (re)construída em Uberlândia. A relação de afeto não se restringe à figura materna, não foram raros os relatos de travestis que enviaram

²³ Através da Rede Social Orkut, observamos que algumas travestis após permanência na Itália adotaram o sobrenome Volp, utilizado e reconhecido por Pâmela como seu “nome fantasia”. No entanto, quando desejam o reconhecimento do nome social nos documentos dos serviços de saúde ou a mudança judicial de nome, retornam ao sobrenome de família.

Imagens em trânsito

parte do dinheiro ganho na Europa para ajudar outra travesti em situação de adoecimento ou impossibilidade de trabalhar, ou mesmo para investimento corporal, ocasião de aniversário ou carnaval.

Compartimentar os sentidos com que os presentes circulam – obrigação, forma de demonstração de sucesso, agradecimento, carinho, amizade – seria uma tarefa impossível e desnecessária, pois nesse universo eles se entrelaçam e se fundem da maneira como argumentado anteriormente para as trocas como expressão da dádiva.

Maridos e sucesso

Adriana Piscitelli e Flavia Teixeira (2010) fornecem elementos para pensar como a relação com o marido italiano facilitaria a circulação das travestis na Itália, através de passeios, viagens, acesso a restaurantes, aprendizado do idioma, aluguel de apartamentos e outros. Pâmela nega ter tido “marido italiano”, no entanto, refere sempre ao amigo italiano que alugou (e ainda aluga) o apartamento para ela em Milão e mantém com este uma relação duradoura de amizade. Introduzir aqui a discussão sobre o marido se articula ao projeto anterior de pensar como as travestis forçam o reconhecimento de suas relações como uma estratégia de produção de um léxico, de um lugar no discurso. Quem seria o marido da travesti?

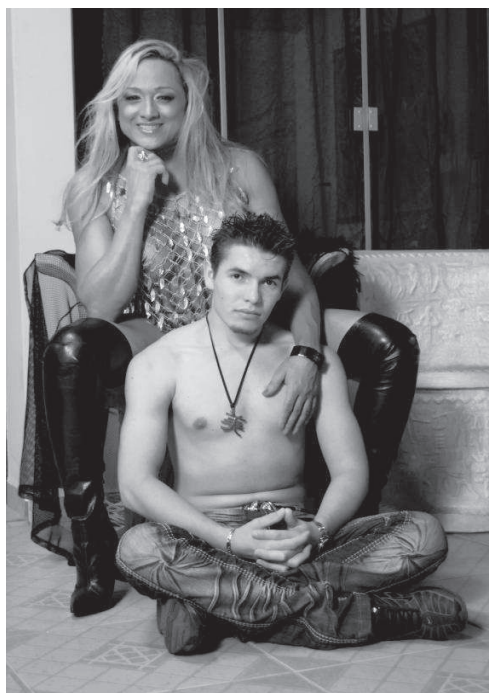


Foto 8 - Uberlândia, 11 de agosto de 2009. Casa de Pâmela.

Essa foto acho muito linda, gosto muito dela! Ele é meu companheiro. Essa foto foi uma fase boa da minha vida que não passou, está passando. Ela quase acabou. Mas nós, eu e meu marido, estamos voltando aos poucos, depois de uma separação...

(...) Amo o Paulo e creio que ele gosta de mim. Ele é meu segundo companheiro em toda a minha vida.

Tive meu primeiro marido, que pode falar que era marido mesmo, que me assumia e tudo e agora eu tenho o segundo. Ele é uma pessoa que gosto muito, ele me conquistou. Primeiro ele é uma pessoa boa, faz o que eu quero, tem me respeitado. Depois pela beleza tanto por fora como por dentro. Ele me assume. (...)

Imagens em trânsito

O meu trabalho me deu, depois de certa idade, uma vida melhor. Fiquei estabilizada. Se fosse há uns 15 anos atrás não poderia comprar nem uma bota dessas.

As relações com os maridos aparecem, em muitos relatos, como insucessos. No universo das travestis, os homens que procuram uma travesti para se relacionar podem, sob certas circunstâncias, ser vistos como exploradores e muitos o são (Pelúcio, 2007; Kullick, 2008). Envolver-se com alguém, estabelecer uma relação afetiva a ponto de habitar o mesmo espaço, a mesma casa, necessita primeiro de estabilidade; não apenas financeira e familiar, mas acima de tudo, um sentimento de segurança afetiva (Piscitelli e Teixeira, 2010).

As conquistas da Europa são uma forma de ter visibilidade ao circular no mercado imobiliário (no Brasil) e de outros bens de consumo, principalmente a posse de carros que podem ser apresentados como troféus. A expressão do sucesso também tem um componente moral: teve juízo. Voltar depois uma longa estadia na Europa sem ter adquirido bens como casa ou carro é visto como insucesso e, ao que parece, tem uma conotação pejorativa entre as travestis e, de forma geral, entre migrantes que tentam a vida “lá fora”.



Foto 9 – Uberlândia, 11 de agosto de 2009. Casa de Pâmela.

Vejo essa foto assim:

Antigamente meu pai dava para gente e para minha mãe um par de chinelas havaianas e um par de congas alpargatas, eram azulzinhas. Tinha que durar 12 meses, um ano inteirinho, e se arrebetasse a gente apanhava. Lembro-me que quando saía para ir para a escola ou outros lugares, eu atrelava os cadarços, punha no pescoço e ia descalça, carregava sempre um paninho dobradinho e

Imagens em trânsito



Foto 10 - Uberlândia, 11 agosto 2009. Casa de Pâmela

quando estava quase chegando ao lugar limpava os pés e calçava os sapatos. Os dedões eram todos estragados de bater em tocos e pedras, os pés ralados, mas preferia machucar os pés a estragar os sapatos. Percebo as dificuldades que tinha antigamente para calçar. (...)

Via minhas patroas, várias patroas. Trabalhei para uma, o nome dela era (...),

uma milionária que tem em Goiânia, um dia ela me disse: "Venha limpar meus sapatos...". Eu trabalhava como doméstica para ela, eu era novinha, lavei um sapato dela e descolou, ela me bateu com aquela sandália. Falou: "Esses pobres, esses pés rapados além de não ter, nunca vai ter, seu pobre, você estragou meu sapato". Me deu uma, duas lapadas com a sandália. Fiquei muito sentida. Sempre amei sapatos, teve certa época que eu não podia ter, hoje posso. Tenho 340 pares de sapatos. Fico pensando: "Gente olha como a minha vida passou, antigamente não podia ter um par hoje tenho 340 pares!". É uma benção, agradeço a Deus todos os dias que abro meu guarda roupas e tenho uma roupa para vestir, um sapato para calçar. Isso me engrandece! Às vezes eu compro muito sapato? Compro. Compro muitas roupas? Compro. Eu tenho medo, não sei o dia de amanhã. Eu compro,



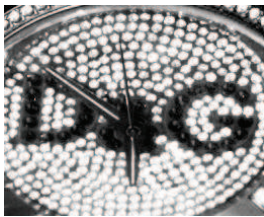
Foto 11 - Uberlândia, 11 de agosto de 2009. Casa de Pâmela.

guardo e cuido porque tenho muito medo de não poder comprar mais.

Pâmela não se refere a um consumo qualquer, seus sapatos, de *griffe* italiana, indicam não somente uma disponibilidade financeira, mas o compartilhar de um estilo de vida, possibilitado pela mediação Brasil-Itália.

As marcas dos produtos não são meros rótulos, elas agregam aos bens culturais um sobrevalor simbólico consubstanciado na *griffe* que o singulariza em relação às outras mercadorias (Ortiz, 1999:87).

Suas bolsas, relógios, jóias, óculos, roupas e calçados testemunham não apenas um refinamento dos gostos (Elias, 2001), mas, sobretudo, traduzem um modo de vida cosmopolita que possibilita “estratégias de acúmulo de recursos materiais e imateriais, incluindo-se prestígio e poder”. Uma vez que, segundo Gilberto Velho (2010:21), o cosmopolitismo nas



Detalhe 1, Foto 11.



Detalhe 2, Foto 12.



Detalhe 3, Foto 11.

“suas diversas vertentes pode associar-se a estilos de vida que demarquem fronteiras de *status*, mas pode ser também um difusor de informações e de ideias que contribuam para formas de intercâmbio mais democratizantes, estabelecendo novas pontes entre distintos níveis de cultura”.

Imagens em trânsito

Ser *européia* não se restringiria ao consumo de bens (que são acessíveis em lojas de importados e revendedoras no Brasil), envolve o domínio do idioma, ainda que precário, e, principalmente, o compartilhar da vivência – muitas vezes através de fotografias enviadas à família e também disponibilizadas na plataforma virtual – que estruturam as narrativas de um sucesso inscrito no corpo, nas jóias, nos carros, mas também ancoradas em espaços geográficos diferenciados, capazes de informar sobre “a conquista da Europa”.

Cenários que revestem de *glamour* os relatos sobre a experiência de transitar no



Detalhe 1, Foto 12.



Foto 12 – Vitrine de loja na esquina da Via Borgonha com Via Cino Del Duca, Milão, Itália.

velho mundo. Essas fotos contribuem para forjar um imaginário de sucesso sobre a migração. Ainda que, durante nossa permanência na cidade de Milão, poucos foram os relatos ou as

oportunidades de acompanhar a circulação das travestis durante o dia e nos espaços turísticos da cidade.²⁴

Com sua foto, posada em frente à Catedral Duomo em Milão, Pâmela parece traduzir o argumento de Gilberto Velho.



Foto 13 - Milão, 1 de dezembro de 2009.

Vão olhar para essa foto e verão que é uma travesti.

Na verdade, nessa época que fui para a Europa, também fui a passeio. Trabalho muito, mas durante o dia, às vezes, eu passeio também! Tive a oportunidade de alguém tirar essa foto (...). Eu me arrumei para tirar essa foto, fiquei a manhã toda arrumando cabelo, fazendo maquiagem, escolhendo uma roupa diferente para tirar essa foto. Então, uma das coisas boas da foto é a companhia, se não

fosse a companhia de um amigo eu não teria tirado essa foto. Cada foto é um momento diferente, esse é com um amigo.

²⁴ Em trabalho apresentado durante a 27^a *Reunião Brasileira de Antropologia* (27^a RBA, Belém-PA, agosto de 2010), discutimos as estratégias de (in)visibilidade para permanência das travestis na cidade de Milão.

A cosmopolita Milão, considerada a capital internacional da moda, com seus variados estilos de vida, possui um quadro sociocultural heterogêneo, complexo e dinâmico. Entendida como uma cidade-mundo, deveria

servir para promover um despojamento irônico, que poderá, em contrapartida, alimentar uma generosidade do espírito, de forma que a hospedagem se transforme em uma expectativa e prática cotidiana não associada meramente ao turista superprivilegiado ou ao refugiado subprivilegiado (Rapport, 2002:122).

No entanto, Milão não se abre a todos os que nela buscam abrigo. A fala de Pâmela mostra o caráter de excepcionalidade atribuído ao passeio, ao posar “em frente ao cartão postal da cidade”, ao deixar-se ver durante o dia.²⁵



Detalhe 1, foto 13.

Algumas travestis, embora tenham vivido na Europa e portem o *status* de *européia*, possuem uma vaga noção das cidades em que moraram, suas experiências são mais restritas ao convívio com os clientes da prostituição e ao espaço da prostituição na estrada.

²⁵ Para Adriana Piscitelli (2005:11), essa é uma questão complexa, embora as legislações sobre a prostituição sejam “nacionais” encontramos frente a pressões internacionais “exacerbadas neste momento pelas discussões, medidas e articulações internacionais para reprimir o tráfico internacional de pessoas”, e a Itália, apesar de não adotar uma perspectiva explicitamente abolicionista, gradualmente implementa dispositivos administrativos que criminalizam a prostituição, principalmente a exercida nas estradas (por migrantes indocumentadas/os).



Detalhe 2, foto 13.

Assim a viagem, o processo de migração, a inserção em uma nova sociedade e em uma grande cidade não se traduzem em um cosmopolitismo homogêneo que possa ser compreendido como uma variável simples e linear. Para falar em cosmopolitismo de maneira mais relevante é preciso, portanto, qualificá-lo (Velho, 2010:18).

Percebemos que as travestis que migraram pela primeira vez, após 2008, para Milão são as que menos se deslocam na cidade e pouco sabem dizer do cotidiano “fora do espaço da prostituição”. As atividades de lazer relatadas se resumiam a passeios em boates (geralmente frequentadas por latinos) e alguns restaurantes no entorno do local de moradia (também de proprietários considerados extra-comunitários). O “medo da polícia”, motivo mais acionado para justificar a ausência de circulação, colabora para pensar nos desdobramentos das políticas de migração e combate à prostituição propostas pelo governo da Itália, e que integrariam um conjunto maior da discussão sobre a fortificação das fronteiras na Europa.

(...) a viagem não tem um efeito mágico que transforma os indivíduos, dissolvendo a sua socialização e anulando valores, crenças, preconceitos, gostos, anteriormente constituídos através de participação em sua cultura e meio de origem. Está em jogo uma plasticidade sociocultural que se manifesta na capacidade de transitar e, em situações específicas, de desempenhar o papel de mediador entre distintos grupos e códigos. O cosmopolitismo pode ser interpretado como expressão desse fenômeno que não é apenas espacial-geográfico,

Imagens em trânsito

mas um potencial de desenvolver capacidade e/ou empatia de perceber e decifrar pontos de vista e perspectivas de categorias sociais, correntes culturais e de indivíduos específicos (id.ib.:19).

Nesse sentido, Pâmela captura o desafio proposto por Gilberto Velho; o encontro pressupõe a presença e a disponibilidade de interação do outro, e este outro europeu parece não estar disposto à troca,

Há alguns anos atrás a Europa era ótima, você podia fazer compras, andar nas ruas como as pessoas normais. Ainda existe certa liberdade de andar, mas agora está mais difícil. Principalmente na parte do trabalho tem muitas leis. Para uma travesti ir passear, fazer compras, é quase que normal, mas não pode andar de metrô, nem nas ruas direito. Mas nem para trabalhar já não é mais. Tem aquelas que trabalham nas casas, nas ruas, mas não é mais como antigamente.

“Andar nas ruas como pessoas normais” pode significar que as travestis, em um dado momento, gozavam de maior possibilidade de trânsito na Europa. A crise econômica e as políticas de migração (re)significaram as relações entre os migrantes, e a comunidade europeia culpabilizou, muitas vezes, o migrante pelos baixos níveis de empregabilidade e altos índices de violência. George Martine (2005:19) analisa o impacto dos discursos sobre a migração e apresenta a ênfase dada, ainda que sem evidências, aos aspectos negativos da mesma:



Detalhe 3, foto 13.

Sem embargo, a mobilização de movimentos sociais e de organizações políticas em favor da liberalização da migração internacional tem sido relativamente morosa – em parte pela falta de consenso a respeito do significado social, econômico e político dos movimentos migratórios além fronteira. Isso ocorre, em parte, porque a opinião pública e os meios políticos destacam as características negativas da imigração – sejam elas reais ou fictícias.

Apesar de reunir os atributos e fazer uso do *status*, Pâmela titubeia em responder sobre sua posição de *européia*:

As meninas falam que toda pessoa que vai para a Europa duas, três vezes é européia. (...) Eu sou super brasileira, vou para a Europa para trabalhar e trazer meu dinheiro para o Brasil. Eu não vou com o meu coração, saio daqui só com o meu corpo, o meu coração fica aqui com as pessoas que eu amo, minha mãe, meu filho, minha família, meus amigos e meu esposo.

São mais de vinte anos de deslocamentos sistemáticos entre Brasil-Itália, Pâmela não demonstra desejo de obter cidadania italiana, embora saiba e reconte episódios em que estratégias diferentes foram utilizadas pelas travestis brasileiras para adquirir documentos capazes de regularizar a situação na Itália.²⁶ Ela refere nunca ter buscado qualquer destas alternativas. A certeza (e o desejo) do retorno marca seu projeto de migração.

Embora a situação na Itália seja sempre referida como provisória, para a maioria das travestis que entrevistamos, essa

²⁶ Circulam informações sobre casamentos de conveniência, compra de contratos de trabalho e, mais recentemente, a adoção via pagamento são recorrentes no cotidiano das travestis. Identificamos, no nosso grupo de entrevistadas, duas travestis brasileiras que contrataram famílias italianas para realizarem as suas adoções na Itália.

Imagens em trânsito

provisoriamente guarda semelhança ao proposto por Abdelmalek Sayad (1998:45), para quem

a migração é composta por uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.

A provisoriedade pode ser percebida na (re)atualização dos laços afetivos através de retornos constantes – as travestis, a despeito de todas as dificuldades de ingresso na Europa, relatam que visitam pelo menos a cada dois anos a família no Brasil, algumas regularmente durante o período que denominam como férias – e também econômicos, elas mantêm investimentos, casas e automóveis que permanecem sob os cuidados de alguém considerado de confiança, nem sempre integrante da família consanguínea.

O trabalho sexual é apontado como argumento para um retorno ao Brasil, uma terminalidade precoce, em que algumas dizem de uma aposentadoria aos 35 anos e investem no Brasil na perspectiva de, no retorno, “montar” um pequeno negócio.²⁷ Outras não dizem nem mesmo de um projeto de retorno ou permanência, vivenciam a experiência na Itália como um estado provisório e um fim em si mesmo, embora adquiram bens no Brasil, tão logo economizem algum dinheiro. A dificuldade das travestis em estabelecer um “projeto de vida” foi discutida por William Peres (2005) e se ancora nos contextos de vulnerabilidades que ainda são evidentes nas mortes

²⁷ Os espaços ocupados pelas travestis nas ruas também não são neutros, existe distribuição geográfica que as posiciona considerando principalmente os atributos beleza e idade. Em Milão, as travestis consideradas mais velhas (após 35 anos) geralmente ocupam os lugares das estradas com menor luminosidade e mais distantes, são consideradas as mais “penosas”.

prematuras em função da violência e decorrentes da infecção por HIV/Aids.

Assim como relatados em outros trabalhos sobre migração, as travestis compartilham a experiência desalentadora do início, a chegada no local de destino se revelou assustadora para a maioria das que acompanhamos no período de novembro de 2009 a maio de 2010. Marcadas como a dificuldade com o idioma, o clima, as diferenças na negociação quando do estabelecimento do contrato com o cliente e o receio de não conseguir pagar a dívida contraída ao migrar.²⁸ No entanto, diferentemente de outros trabalhadores latinoamericanos, que demandam um tempo maior para realizar os primeiros projetos de migração – por exemplo, a aquisição de casa própria no local de origem –, as travestis entrevistadas alcançam (ou consideram ser possível atingir) esse objetivo antes de completar dois anos de Europa. Essa possibilidade é tida como argumento de verdade e, em casos de não cumprimento, o projeto é compreendido como um fracasso e julgado como decorrente da responsabilidade individual da travesti.²⁹

Pâmela, ao pensar sobre os motivos que levaram algumas de suas contemporâneas a permanecerem na Europa, acredita que elas “ficaram encantadas com o outro mundo, se apaixonaram pelos encantos da Europa e se iludiram”. Ou seja, não se preocuparam em remeter dinheiro para o Brasil e fazer

²⁸ Novamente enfatizamos o cuidado de se particularizar as experiências de migração, as dívidas são referidas aqui como empréstimos realizados no Brasil e podem incluir desde os investimentos corporais até o local de trabalho. Não desconhecemos as situações de exploração sexual na Itália, mas nos afastamos da perspectiva que considera, *a priori*, todas as travestis e transexuais brasileiras, exercendo a prostituição na Itália, vítimas do tráfico de seres humanos.

²⁹ Sobre a discussão sobre as categorias juízo e sorte acionadas para explicação do sucesso/fracasso do projeto migratório, ver Teixeira (neste volume).

economia. Destas, ela informa que apenas uma voltou, as outras que permaneceram (e não morreram) estão “abandonadas, outras jogadas, vivendo só para comer”. Permanecer na Europa, para nossa entrevistada, não é considerado uma escolha correta, é apresentado com desconfiança, sugere uma traição ao país de origem. Pâmela parece não considerar que a decisão de retornar ou permanecer pode ser conflituosa para as travestis, assim como observado nas trajetórias de outros migrantes, que constroem e negociam, nos espaços de trânsitos entre o país de nascimento e o de residência, as experiências subjetivas, materiais e históricas³⁰ (Assis, 2007; Marin e Pozobon, 2010; Sales, 2005).

Enquanto algumas travestis se deslocam, entre idas e vindas ao Brasil, mas com o estabelecimento de relações afetivas e de certo pertencimento entre os dois países, Pâmela não se percebe migrante, mas uma trabalhadora temporária. Ela deixa evidenciar seu deslocamento de turista eventual (ainda que, ao migrar pela primeira vez, possuisse a intenção de trabalhar) para o de trabalhadora sexual em trânsito num mercado internacional especializado, suas motivações para migrar foram se (re)configurando no sucesso econômico:

Eu vou trabalhar, vou para as ruas, trabalho, trabalho, trabalho... Volto com o meu dinheiro para cá, venho gastar no Brasil. Eu não fico, porque o país que amo é o Brasil.

Pâmela adquiriu competência para o deslocamento, foi (re)desenhando um projeto de vida no Brasil, mediado pela permanência sistemática, mas sempre provisória, na Europa.

³⁰ Encontramos algumas travestis brasileiras vivendo nas cidades de Milão e Roma em situação confortável, geralmente em relações estáveis com homens italianos. Para maior aprofundamento dessa discussão, ver Piscitelli e Teixeira, 2010.

Um projeto que pode ser edificado em características que enfatiza: “Toda vida fui segura, muxiba mesmo!” Ser econômica e ter juízo e sorte aparecem como qualidades que garantiriam e garantem a possibilidade de reunir algum dinheiro e planejar um futuro:

Não me lembro o ano certo, acho que foi em noventa... noventa? É, acho que foi em noventa, não, foi em 99 que comprei meu primeiro carro! Foi um Ford K, depois comprei um Santana (...). O terceiro carro foi um Corsa Sedam branco, o quarto carro foi... sucesso! Nunca antes pensei em ter carro de muxibagem. Eu viajava, não bebia, não comia. Se tivesse um restaurante que custasse assim, um prato de comida dez reais e outro que custasse dois, eu preferia ir no de dois. Bebia água, água comprada não,

bebia água da torneira para não gastar. Toda vida eu tive essa segurança.

Quando eu passei a ter um dinheirinho fiquei, com medo de voltar, gastar esse dinheiro e voltar a ser como antigamente. Trabalhar para os outros até meia noite uma, duas horas da manhã por vinte, trinta, cinquenta reais.

Aí, comprei meu quarto carro, uma Mercedes classe A, depois outra Mercedes classe A e depois um Focus.



Foto 14 - Uberlândia, 11 de agosto, 2009.
Casa de Pâmela.

Imagens em trânsito

Não, todos fizeram, tudo fez parte da minha vida, entendeu? [respondendo a pergunta sobre se a Mercedes classe A teria sido o carro mais importante] Foi uma conquista grande.

Na medida em que eu tinha um dinheirinho... Sabe por quê? Eu nunca dei um passo que as pernas não pudessem alcançar. Nunca bateu um cobrador na minha porta: Ó, tem que pagar porque tá devendo! Nunca, nunca na vida. Dei a Classe A de entrada em um Focus Guia preto sedam, acabei de pagar. Fiquei com ele mais alguns meses, comprei outro Guia Sedam. Aí comprei esse conversível, um dos carros que mais chamou a atenção na minha vida. Sabe o que é que é? É um sonho! Eu trabalhava pensando... Eu nunca saí com homens de graça, só pensava em dinheiro. O homem às vezes vinha para conversar comigo: Olha, você quer conversar, quer um espaço para conversar, então você tem que pagar o espaço para conversar, moço! Porque eu vivo do dinheiro, tenho que trabalhar, você me paga eu converso, você me paga a gente faz um programa. Penso assim: se tem doença, vamos prevenir contra as doenças; se pode perder o dinheiro, vamos guardar esse dinheiro, porque pode fazer falta mais para frente!

De um discurso experiente, iniciado com uma profunda reflexão de quem conhece as realidades da prostituição no Brasil e na Itália, ela destaca que agora as coisas mudaram, não estão mais como antigamente. Uma mudança que



Foto 15 - Casa de Pâmela, entrevista concedida em 11 de novembro de 2010.

destruturou o espaço de trabalho principalmente para as travestis profissionais do sexo, no qual os discursos jurídico, político, midiático e, em alguns momentos, acadêmico sobre prostituição e sobre tráfico de seres humanos enredaram pessoas, deslocando-as e recolocando-as em lugares por elas indesejados e, sob certa percepção, indevidos.

Nesse cenário e olhando para as fotografias, Pâmela diz de sua trajetória e também do seu desejo de encerrar suas atividades na Itália. Refere-

se à desvalorização do Euro em relação ao Real, mas o motivo principal alegado para essa motivação é apresentado numa expressão que, muitas vezes, testemunhamos durante as conversas entre elas: “Berlusconi vai tombar a Itália”.³¹ Ou seja, reconhece no seu cotidiano os efeitos dos discursos que promovem uma indistinção entre prostituição voluntária e

³¹ Tombar a Itália significa tornar impossível o exercício da prostituição naquele país.

Imagens em trânsito

tráfico para fins de exploração, a criminalização da prostituição e dos migrantes indocumentados. Percebe-se a escassa presença dos Estados na proteção desses trabalhadores, soma-se aos preconceitos de gênero e nacionalidade, gerando situações de instabilidade, insegurança e vulnerabilidade.

Considerando que os projetos de migração das travestis não se reduzem à instância puramente subjetiva (por vezes interpretada e subdimensionada como uma obstinação em alcançar o *status* de ser *européia*), mas inter-relacionada às condições materiais e históricas que envolvem os sujeitos nos países de origem e recepção, podemos pensar que os desdobramentos do impacto da crise econômica nos países europeus (principalmente a Itália), das políticas (anti)migração e do desenvolvimento econômico do Brasil contribuiriam para um menor fluxo de travestis brasileiras para a Itália, conforme anuncia Pâmela.

Conclusão

Este capítulo é um convite a pensar sobre as semelhanças e as singularidades que organizam os projetos migratórios das travestis. Ao compartilharmos algumas das especificidades desse universo, cujo marco parece ser a experiência da (re)invenção do corpo, percebemos que os deslocamentos não se restringem ao corpo, as relações sociais são (re)configuradas e forçam o alargamento de conceitos como ajuda e família. Esperamos que as imagens negociadas, (con)sentidas, produzam um diálogo sobre a migração, sem o compromisso de reproduzir uma verdade sobre todas as experiências das travestis brasileiras, mas com a potência para desestabilizar algumas certezas produzidas e veiculadas sobre a migração das travestis brasileiras, somente atreladas ao tráfico e à exploração.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Glaucia Oliveira. Entre dois lugares: re-arranjos familiares e afetivos nas experiências de emigrantes brasileiros para os Estados Unidos. 27^a Reunião Brasileira de Antropologia, 2010, Belém-PA, Brasil.
- _____. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional*. Revista Estudos Feministas, 15(3), Florianópolis, 2007, pp.745-772.
- BARTHES, Roland. *A Câmera Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, UERJ, NAI, 2004, vol. 18, pp.27-54.
- BRUNO, Fabiana e SAMAIN, Etienne. Imagens de Velhice, Imagens da Infância: formas que se pensam. *Cad. Cedes* vol. 26, nº 68, Campinas-SP, jan./abr. 2006, pp.21-38.
- CERIANI CERNADAS, P.; FAVA, R. (eds.) *Políticas Migratorias y Derechos humanos*. Lanús, Universidad Nacional de Lanús, 2009.
- DEL GRANDE, Gabriele. *Mamadou va a morire: La strage dei clandestini nel Mediterraneo*. Segrate (Mi), Infinito Edizioni, 2009.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- FABRIS, Annateresa. (org.) *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1998.
- FERNÁNDEZ, Josefina. *Cuerpos Desobedientes. Travestismo e Identidad de Género*. Buenos Aires, Edhasa, 2004.
- GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.) *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

Imagens em trânsito

- IANNI, Octavio. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins. (org.) *Globalização, regionalização e nacionalismo*. São Paulo, Editora da UNESP, 1999, pp.233-245.
- KULICK, Don. *Travesti: sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*. The University of Chicago Press, 1998.
- LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio da dádiva. *Revista de Sociologia e Política* nº 14, Curitiba, jun. 2000, pp.173-194.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo, Edusp, 1993.
- MARIN, Elizara Carolina e POZOBON, Rejane de Oliveira. Sonhos que cruzam fronteiras: sentidos construídos a partir do processo migratório. *Sociologias*, ano 12, nº 24, Porto Alegre, mai./ago. 2010, pp.382-409.
- MARTINE. A Globalização Inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, vol. 19, nº 3, jul./set. 2005, pp.3-22.
- ORTIZ, Renato. Diversidade Cultural e Cosmopolitismo. *Lua Nova*, nº 47, 1999, pp.73-89.
- PELÚCIO, Larissa Maués. Desideri, brasilianità e segreti. Il mercato del sesso nel rapporto tra clienti spagnoli e transessuali brasiliane. *Mondi Migranti*, vol. 1, 2010, pp.72-92.
- _____. *Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009.
- PERES, Wiliam. Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Dissertação de Mestrado, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.
- PISCITELLI, Adriana. Entre as “máfias” e a “ajuda”, visões de migrantes brasileiras. 26ª *Reunião Brasileira de Antropologia*. ABA - Simpósio Especial: Gênero no marco do tráfico de pessoas e migrantes. Porto Seguro/Bahia, 2008.

- _____. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. *Revista Estudos Feministas* 15(3), Florianópolis-SC, 2007, pp.717-744.
- _____. Apresentação. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.6-23.
- _____. Entre a Praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A. *et alii*. *Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, pp.250-270.
- PISCITELLI, A. G., TEIXEIRA, F. B. Passi che risuonano sui marciapiedi: la migrazione delle transgender brasiliane verso l'Italia. *Mondi Migranti - Rivista di studi e ricerche sulle migrazioni internazionali*, vol.10, 2010, p.135-151.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo, EXO experimental org., Ed. 34, 2005.
- _____. *O Desentendimento: política e filosofia*. São Paulo, Editora 34, 1996.
- RAPPORT, Nigel. Em louvor do cosmopolita irônico: Nacionalismo, o “judeu errante” e a cidade pós-nacional. *Revista de Antropologia*, vol. 45, nº 1, São Paulo, USP, 2002, pp.89-130.
- SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo, Cia Letras, 2000.
- SAMAIN, Etienne. Para que uma antropologia consiga tornar-se visual. Campinas-SP, Multimeios/Unicamp, mimeo, 1993.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Editora da USP, 2004.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Editora da USP, 1998 [Trad. Cristina Murachco].
- SCOTT, Parry. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 25, nº 2, maio/agosto 2010, pp.251-284.

Imagens em trânsito

SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Iser, 1993.

TEIXEIRA, Flavia B. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. *Cadernos Pagu* (31), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2008, pp.375-308.

_____. Minha filha nasceu um menino: (re)configurações familiares e a realidade trans. 25ª *Reunião Brasileira de Antropologia: Saberes e Práticas Antropológicas: desafio para o século XXI*, Goiânia-GO, 2006.

VELHO, Gilberto. Metrôpole, Cosmopolitismo e Mediação. *Horizontes Antropológicos*, ano 16, nº 33, Porto Alegre, jan./jun. 2010, pp.15-23.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes antropológicos*, vol.12, nº26, 2006, pp.123-147

Entre dois lugares:
as experiências afetivas de mulheres imigrantes
brasileiras nos Estados Unidos

Gláucia de Oliveira Assis*

O movimento de emigrantes brasileiros rumo aos Estados Unidos e, mais recentemente, para a Europa, tem provocado várias transformações na vida cotidiana de mulheres e homens que vivenciam essa experiência. Tais transformações indicam que o movimento de emigração tem sido sustentado por redes sociais que envolvem amigos, parentes e conterrâneos em relações que conectam os lugares de origem e de destino, configurando um campo de relações transnacionais. O objetivo desse artigo é analisar a configuração dessas relações transnacionais enfatizando as relações familiares, afetivas e de gênero nos contextos de migração contemporânea.

O aumento dos deslocamentos populacionais no final do século XX, momento em que se inserem os homens e mulheres emigrantes brasileiros nos fluxos internacionais de mão-de-obra, é caracterizado por uma maior diversidade étnica, de classe e de gênero, assim como pelas múltiplas relações que os imigrantes estabelecem entre a sociedade de destino e a de origem dos fluxos. Nesse sentido, diferentemente das migrações do final do século XIX e início do século XX quando uma população, em sua maioria branca, partia da Europa rumo a “America”, as migrações contemporâneas ocorrem a partir de países periféricos constituída de imigrantes não-brancos que se dirigem rumo aos Estados Unidos, Canadá e países da Europa.

* Doutora em Ciências Sociais, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). galssis@gmail.com

O aumento da participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais é outra característica que tem colocado questões significativas para as teorias sobre migrações. Em geral, essas mulheres inserem-se no setor de serviços domésticos e utilizam-se de redes sociais informais, os chamados enclaves étnicos de imigrantes, trabalhando como donas-de-casa ou empregadas domésticas (Morokvasic, 1984, Anthias, 2000; Forner 2000; Fleischer, 2002; Assis, 2004, 2007), bem como no mercado do sexo (Piscitelli, 2007; Maia, 2009, Margolis, 1994) como veremos nos artigos abordados nessa coletânea por Adriana Piscitelli e Susana Maia. Nesse contexto de feminização¹ dos fluxos migratórios, as mulheres se inserem nas redes de cuidado e do sexo, um mercado de trabalho que é segmentado por gênero, classe e raça.

Floya Anthias (2000), ao analisar as migrações que ocorreram para o sudoeste da Europa no final do século XX, destaca que não se trata de reconhecer a importância proporcional das mulheres ou sua contribuição econômica e social, mas sim considerar o papel dos processos, do discurso, bem como as identidades de gênero, no processo de migração e estabelecimento na sociedade de destino. Essa perspectiva revela que a abordagem de gênero é significativa para compreender as migrações contemporâneas, pois não se trata de uma questão da presença das mulheres nos fluxos, mas de perceber gênero como um marcador que atravessa a experiência migratória de mulheres e homens. Como demonstram Marion F. Houston, Roger Kramer e Joan Barret (1984), desde a década de 1930 as mulheres constituíam a

¹ Segundo observa Saskia Sassen (2003), a feminização dos fluxos migratórios transfronteiriços deve ser compreendida no contexto da expansão da economia informal, que favorece a flexibilização e desregulamentação da força de trabalho e cria as condições para absorver a mão-de-obra feminina e estrangeira.

maioria nos fluxos legais para os Estados Unidos, e mesmo assim elas permaneceram invisibilizadas nos estudos sobre migração, situação que só começara a se modificar a partir da década de 1970, conforme demonstram os estudos de Patricia Pessar (1999), Sylvia Chant (1992), que revelam a virada teórica que significou trazer a categoria gênero para pensar os processos migratórios.²

Ao analisar as representações sobre mulheres imigrantes recentes para a Europa, Anthyias (2000) evidenciou como elas são categorizadas diferentemente, segundo processos que consideram raça e origem nacional. Algumas seriam patologizadas como vítimas (como as mulheres do Sri Lanka), outras seriam desejadas por sua suposta submissão (como as mulheres das Filipinas), outras seriam desejadas por sua beleza considerada dentro do padrão ocidental (como as mulheres do Leste Europeu).

No caso das mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos³ que viviam na região de Boston, onde realizei esta etnografia, também podemos observar essas categorizações que são negociadas pelas mulheres em seus relacionamentos afetivos. Se nas representações de sensualidade e beleza da mulata, e na Europa Portugal é um exemplo desse processo, há uma representação sobre a mulher brasileira que produz uma

² Uma discussão mais detalhada sobre as mulheres nas migrações contemporâneas encontra-se em Morokvasic (1984), Gil (1996), Pessar (1999), Fonner (2000), Anthyias, (2000).

³ Os primeiros estudos sobre esse movimento, assim como nos estudos clássicos de migração, a questão de gênero não era problematizada. Pesquisas recentes procuram compreender essa nova configuração ao demonstrar diferenças na inserção no mercado de trabalho: enquanto as mulheres concentram-se, como outras imigrantes latinas, na área do serviço doméstico, os homens dirigem-se para o setor da construção civil e de restaurantes. Além de analisar essa inserção, os estudos começam a problematizar as mudanças nas relações familiares e de gênero.

associação entre gênero e nacionalidade, ocorrendo uma sexualização da mulher brasileira que relaciona suas “características” (sensualidade, alegria, simpatia) com a inserção no mercado do sexo, o que gera discriminação em relação às imigrantes brasileiras em Portugal⁴, no caso das imigrantes brasileiras entrevistadas tais categorizações que articulam gênero e sensualidade não produzem os mesmos efeitos. À imagem de sensualidade agregam-se as representações de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere certa vantagem às mulheres no mercado matrimonial, em comparação aos homens brasileiros que não são representados como bons parceiros, pois são vistos como machistas, autoritários, pouco dispostos a dividir tarefas domésticas, representando modelos de masculinidade pouco valorizados no contexto da migração. É nesse plano, em que se cruzam os afetos, gênero, mercado matrimonial e dinheiro que pretendo fazer as considerações desse artigo, analisando as trajetórias de algumas emigrantes solteiras que se casaram com norte-americanos num contexto em que as mulheres brasileiras

⁴ Para uma análise mais detalhada, ver Luciana Pontes (2004), que demonstra como as representações sobre as mulheres brasileiras na mídia portuguesa produzem imagens etnicizadas que as exotizam e sexualizam, resultando num estatuto inferiorizado na sociedade portuguesa. Beatriz Padilla (2007) também demonstra que o crescimento da presença brasileira em Portugal, no qual há um significativo número de mulheres, embora estejam presentes em outras atividades – restaurantes, lojas, serviço doméstico – há uma imagem de mulher brasileira relacionada à prostituição que influencia negativamente a experiência de mulheres. Kachia Techio (2006) também analisa essas representações sobre gênero e sexualidade em relação à emigrante brasileira. Nesta coletânea, Paula Togni problematiza essa construção e a produção acadêmica acerca da mulher brasileira em Portugal, sugerindo que se deve pensar em outros marcadores de idade, raça, origem regional bem como perceber as diferentes construções sobre gênero na sociedade brasileira e não tomar a categoria “mulher brasileira” como algo homogêneo.

utilizam-se dos estereótipos ligados a sensualidade da mulher brasileira para conseguir seu *marido americano*, como elas dizem.

Portanto, a maior visibilidade das mulheres nas migrações internacionais recentes contribuiu para problematizar as visões cristalizadas sobre a inserção de homens e mulheres migrantes nesse processo. Desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorre articulado numa rede de relações que configura as oportunidades de mulheres e homens migrantes. Neste trabalho pretendo abordar as relações afetivas tecidas pelas emigrantes brasileiras, procurando evidenciar sua vida cotidiana, suas relações familiares, seus afetos, as redes sociais das quais participam em diferentes momentos do processo migratório. A investigação dessas relações afetivas, além de revelar as vivências, aponta para alguns elementos que compõem as estratégias de inserção das migrantes na sociedade norte-americana.

Os imigrantes solteiros/as – Quais são as redes que tecem?⁵

“Um migrante traz o outro”, disse-me uma emigrante de Criciúma. Assim, ao compararmos as trajetórias dos migrantes criciumenses com a de outros imigrantes nos Estados Unidos, percebemos que também nesse caso a consolidação de um fluxo contínuo para os Estados Unidos está diretamente relacionada à configuração e à consolidação de redes migratórias.

Quando um migrante *puxa* outro, redes de amizade e parentesco são acionadas e contribuem para re-arranjos familiares, formando famílias transnacionais, e para a ampliação do tempo de permanência dos imigrantes. Portanto,

⁵ Essas reflexões são extraídas do capítulo 4 de minha tese de doutorado (Assis, 2004), das entrevistas e anotações do Diário de Campo e complementadas por trabalhos de campo posteriores (2008) na região de Boston, em Criciúma (SC).

assim como aconteceu com outros fluxos de imigrantes salvadorenhos, mexicanos ou japoneses para os Estados Unidos, os brasileiros foram se estabelecendo e trazendo seus filhos/as, primos, sobrinhos/as, amigos/as, configurando uma migração em rede. Segundo Massey e colaboradores (1987:139-40), as redes migratórias consistem em laços sociais que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não-migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. Massey analisou as redes construídas entre homens e o que os estudos sobre gênero e migração (Hondagneu-sotelo, 1994; Hagan, 1998; Boyd, 1989) irão demonstrar é a forma como as mulheres tecem as redes migratórias. Nesse contexto, a experiência de mulheres destaca-se não apenas porque vivem experiências migratórias de forma própria, mas também porque são influentes agentes no estímulo a outras migrações.

Com relação ao projeto migratório, embora esses migrantes solteiros afirmassem inicialmente o mesmo projeto – “comprar uma casa, um carro e montar um negócio” – a medida que conversávamos ficava visível o desejo de ampliar suas possibilidades de conhecer outra cultura e de se inserir na sociedade de consumo norte-americana. Os ganhos em dólar obtidos pelos migrantes nos Estados Unidos com serviços como faxina e construção civil permitem-lhes adquirir bens de consumo – *home theater*, DVD, aparelhos de CD, telefones sem fio, câmeras fotográficas, celulares, ipod, computadores e outros utensílios domésticos considerados modernos. Além disso, com alguns meses de trabalho, podem adquirir um bom carro, considerado um importante instrumento de trabalho e de *status* perante aos outros imigrantes. Todos esses aspectos são utilizados pelos emigrantes para afirmar que se sentem mais

cidadãos nos Estados Unidos do que no Brasil, afirmação presente em muitos depoimentos de imigrantes brasileiros quando comparavam a vida nos Estados Unidos e no Brasil e que Teresa Sales (1999) chamou de “a legitimidade da condição clandestina”.

Nesse ponto, gostaria de destacar que a cidadania à qual os emigrantes se referem é a cidadania através do consumo, já que nos Estados Unidos não são cidadãos com direitos políticos, pois conforme se constata nos dados de condição de legalidade a maioria não tem *status* legal. O que estou chamando de cidadania do consumo⁶ seria um dos aspectos mais são reforçados pelos migrantes quando dizem que nos Estados Unidos sentem-se mais reconhecidos por seu trabalho do que no Brasil, embora nesse país realizem serviços que jamais realizariam no Brasil, como trabalhar na faxina e na construção civil. O fato de com o salário obtido nesses serviços de baixa qualificação conseguirem ir ao *shopping* aos finais de semana, “comprar morangos para comer com creme-de-leite com o salário de uma *bus girl*”, como me relatou uma migrante

⁶ Segundo Laymert Garcia dos Santos (2000:6), deixando de lado os excluídos, que imersos na carência criada pelo capitalismo, não participam do consumo (o que no caso do Brasil significa cerca de 70% da população), quando falamos de consumo, falamos apenas daquela parcela que está incluída no mercado. Para o autor, com a consagração da aliança entre a tecnociência e a economia, e o fim da política que dela decorre, os incluídos viram cada vez mais sua condição de cidadãos ser reduzida à condição de consumidores. Ainda segundo o autor, subordinados aos ditames do mercado, a cidadania só é concebida e reconhecida por aqueles que encontram-se inseridos nos circuitos da produção e consumo. Os emigrantes criciumenses, assim como outros migrantes brasileiros, partem em busca dessa inclusão no universo do consumo. Uma inclusão que, como veremos, é desigual, subordinada, mas segundo os migrantes é compensada pelos bens que adquirem nos Estados Unidos e no Brasil. Nesta coletânea, os artigos de Gilson Goulart Carijo, Paula Thogni, Adriana Pisicelli também se referem à inserção no mundo do consumo e a mobilidade social demonstrada pelo acesso a esses bens.

ainda em 1993 (Assis:1995), ou comprar o que quiser quando recebem o salário atua como um grande impulsionador na migração.

Ainda no que se refere às motivações para migrar, os relatos revelam outro conjunto de fatores de ordem não econômica que parecem ter impacto na seletividade da migração e que é mencionado mais por mulheres do que por homens. Os migrantes desejam, entre outras coisas: transgredir os limites sexuais impostos pela sua sociedade de origem, fugir de problemas conjugais, dentre eles a violência física, começar uma vida nova após o divórcio, buscar novos relacionamentos afetivos, buscar oportunidades para além da vida em suas cidades de origem e ainda se inserir numa sociedade mais moderna como é representada a sociedade norte-americana para os imigrantes. Assim, o projeto migratório anunciado – *“comprar uma casa, um carro e montar um negócio”* – muitas vezes é modificado ao longo da experiência migratória ou é traduzido em outros termos, como veremos a seguir.

Os relatos aqui apresentados não correspondem ao total das entrevistas realizadas, mas a um recorte nas entrevistas e observação participante com imigrantes que estavam solteiros. O trabalho de campo seguiu a trajetória dos emigrantes e a pesquisa foi realizada em Criciúma (SC)⁷ e na região de Boston

⁷ A cidade de Criciúma, uma cidade de porte médio situada ao sul do estado de Santa Catarina, vivencia desde a década de 1960, e mais intensamente a partir dos anos 1990, um fluxo significativo rumo aos Estados Unidos e à Europa. Uma das características desse movimento é que muitos dos emigrantes de hoje são descendentes de imigrantes europeus que chegaram à região no final do século 19. Nesse sentido, muitos criciumenses recorrem à cidadania europeia como uma estratégia para facilitar a emigração para os Estados Unidos, pois chegam com o passaporte europeu. Uma vez nos EUA dirigem-se à região da grande Boston (MA) e como outros imigrantes brasileiros tornam-se indocumentados, pois o passaporte europeu serve para passar na Imigração sem necessidade de visto e lhes conferir uma

(MA). O campo foi multisituado, o que fez com que os deslocamentos fossem constantes, na tentativa de acompanhar as redes construídas pelos migrantes em sua vida cotidiana nos Estados Unidos.

No trabalho de campo acompanhei algumas famílias e também o cotidiano de três mulheres⁸ e dois homens que migraram solteiros (neste artigo me refiro às trajetórias das mulheres). Todos emigraram entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 e eram jovens quando partiram, tinham entre vinte e trinta anos, e estavam ainda nos EUA em 2004, momento da realização da pesquisa. Esses jovens homens e mulheres, em sua maioria, eram provenientes de camadas médias e alguns eram pertencentes a grupos populares e ao partirem para os Estados Unidos migraram com amigos/as ou sozinhos/as, mas todos/as tinham alguém esperando para dar um *help*, em geral, parentes ou amigos da região de Criciúma já estabelecidos na região.

Como poderemos observar esses jovens tinham expectativas em relação às pessoas que ofereceriam ajuda, ou o *help*. Tal expectativa não significa que as redes mantiveram-se ao longo do tempo, nem que essa ajuda ocorreu sem conflitos, o que demonstra como a ajuda pode ser complexa. Homens e mulheres revelaram, através dos seus relatos, os diferentes caminhos nos quais receberam o *help* e como essa ajuda informal contribuiu, ou não, para seu estabelecimento na sociedade de destino.

Essa *ajuda* pode ocorrer ainda no país de origem, por meio de empréstimos dos familiares, ou já no país de destino para

permanência de até 06 meses como turista não autorizando a trabalhar, quando começam a trabalhar, tornam-se imigrantes indocumentados.

⁸ Como se trata de uma migração indocumentada e também para garantir a não identificação dos imigrantes, todos os nomes ao longo deste artigo são fictícios.

conseguir o primeiro emprego e arranjar um lugar para ficar nos primeiros tempos. Esse apoio é ambíguo conforme observamos em Martes (1999) e Fleischer (2002) ao relatar os conflitos em torno do comércio da faxina na região de Boston. No entanto, mesmo com essas ambiguidades e com a mudança das redes com o passar do tempo, é por meio delas que homens e mulheres migrantes vão se estabelecendo.

As mulheres imigrantes solteiras e a busca da autonomia

As mulheres criciumenses, ao migrarem, em sua maioria, viajaram acompanhadas de cônjuges ou parentes. Mesmo aquelas que migraram sozinhas contaram com parentes ou amigos/as para recebê-las. Tal característica da inserção das mulheres revela estratégias diferentes em relação aos homens que, em geral, contam mais com as redes de amigos e demonstra uma vivência e uma inserção diferenciada em relação a outras imigrantes latinas e asiáticas. O fato de já encontrarem alguém esperando e conseguir um *help* para morar e arrumar o primeiro trabalho faz com que não recorram ao sistema, comum entre outras mulheres de grupos imigrantes, que consiste em morar no trabalho ou morar *live in*, como dizem as migrantes.

Conforme observaram Hagan (1998), Hondagneu-Sotelo (1994) e Glenn (1986), muitas imigrantes solteiras quando chegam à sociedade de emigração, conseguem seus primeiros empregos num tipo de arranjo conhecido como *live-in*, ou seja, trabalhar como doméstica e residir no emprego. Na primeira pesquisa de campo realizada em 1993, entre os imigrantes valadarenses, encontrei algumas mulheres nessa condição (Assis, 1995). Em pesquisa mais recente com mulheres que migraram na década de 1960 a partir de Governador Valadares também encontrei esse tipo de arranjo de trabalho que servia ainda como uma forma de guardar “moralmente”, na expressão

delas mesmas, as mulheres além de protegê-las das investidas da migração que já ocorriam naquela época (Assis e Siqueira, 2009). Esse tipo de arranjo, no entanto, não é o que predomina atualmente entre as mulheres imigrantes brasileiras, o que fará diferença em suas trajetórias.

Início o relato das imigrantes criciumenses solteiras marcando as estratégias que se utilizam para migrar e como participam da sociedade. As mulheres criciumenses, assim como outras brasileiras, parecem migrar com um pouco mais de autonomia e independência financeira, pois as entrevistadas trabalhavam, algumas já haviam emigrado internamente e não viviam sob controle familiar, como é descrito às vezes em relação às migrantes salvadorenhas e mexicanas. As histórias demonstram também como o projeto migratório se modifica ao longo do tempo e, nesse contexto, o estabelecimento de vínculos afetivos tem um lugar importante nas mudanças das expectativas temporais, no ir e vir dessas migrantes e no seu processo de permanência nos Estados Unidos.

Marcella Lanza

Era início de janeiro de 2001, numa tarde fria de sábado, quando peguei um metrô para a estação que ficava entre Somerville e Everett. Marcella havia sido indicada por sua prima, uma amiga de Florianópolis, como uma mulher que estava havia bastante tempo nos Estados Unidos e que, além de conversar comigo, com certeza indicaria outras pessoas para entrevistar. Enquanto aguardava em frente ao ponto para que ela fosse ao meu encontro, imaginava como seria nossa conversa.

Marcella chegou num carro tipo Jipe cheio de compras, pois havia passado o dia no *shopping* e fomos para a sua casa – um apartamento em Everett, onde depois encontrei outras imigrantes brasileiras. O apartamento tinha dois quartos, dois

banheiros e uma sala conjugada com a cozinha. A casa era confortável e decorada com quadros, flores, pequenos enfeites que enchiam os móveis e as paredes. Havia fotos das sobrinhas no Brasil, dos familiares e do namorado norte-americano, com quem estava há quase um ano: as fotos estavam espalhadas sobre os móveis e também na geladeira. A cozinha era “tipo americana”, integrada com a sala e com a copa, onde havia uma mesa de madeira com seis lugares. Na sala, dois sofás grandes e confortáveis, TV de 29 polegadas, aparelho de som, vídeo e TV a cabo brasileira. Para pagar o aluguel de US\$ 1.200,00, Marcella dividia o apartamento com um casal que ocupava o outro quarto. Ela considerava que morava bem e dizia que era bem diferente da época em que chegou, pois nos primeiros tempos morou com várias pessoas.

Marcella emigrou a primeira vez em 1988. Na época da entrevista, estava completando 41 anos e havia 14 anos estava entre os Estados Unidos e o Brasil. Marcella nasceu numa cidade da região de Criciúma, onde morou com os pais e os irmãos até decidir mudar-se para continuar os estudos. Como outros imigrantes cricumenses, é descendente de imigrantes italianos que chegaram à região no final do século XIX. Na sua cidade natal, vivia sem dificuldades financeiras, porque o pai era proprietário de um comércio, morava em casa própria e tinham um padrão de vida de classe média. Ela estudou em escola particular, e o pai financiou parte dos estudos, quando decidiu ir para outra cidade. Era solteira, havia começado a fazer o curso superior em Florianópolis, mas não estava gostando, tinha um namorado que deixou no Brasil. Quando decidiu migrar, já havia parado de estudar, trabalhava no comércio, estava noiva e queria comprar um apartamento para que pudessem realizar o projeto de casar, pois queria mais autonomia financeira. O namorado não quis ir, mas ela foi assim mesmo, queria experimentar a vida nos Estados Unidos.

Na época, morava nos Estados Unidos um tio paterno que havia se separado da esposa e emigrado para a região de Boston. Foi esse tio quem recebeu Marcella quando ela resolveu tentar a vida na América. Marcella partiu em busca de aventura, trabalho e dólares. Segundo seu relato, quando migrou na virada dos anos 1990, havia poucas mulheres imigrantes brasileiras, e não havia dificuldade de conseguir trabalho. Também observou que havia poucos casais. Seu primeiro trabalho foi de *busgirl*. Seu conhecimento de inglês era precário, havia feito um curso para viajar, mas não falava quase nada. Nos primeiros tempos, com pouco dinheiro e sem saber nada de inglês, como disse, não tinha carro e conheceu toda área central andando nos trens que atravessam a região.

O projeto de Marcella era ficar um ano e meio e juntar o dinheiro para retornar ao Brasil, comprar o apartamento em Florianópolis e casar. Por isso, mantinha-se em contato com o namorado e a família por telefone e cartas. No entanto, segundo seu relato, o namorado sentia mais falta dela, pois para ele os Estados Unidos eram outro mundo, muito distante, e para ela era tudo novidade, era tudo muito moderno, como ela dizia. Marcela se sentia partindo para o mundo enquanto o namorado permanecia no universo local, sem o mesmo desejo de se aventurar.

No primeiro retorno ao Brasil, Marcella conseguiu dar entrada num apartamento em Florianópolis. Tinha permanecido o tempo previsto na “América”, trabalhando com *busgirl*, depois passou para o serviço de faxina através da “compra” de cinco casas⁹ e um restaurante para limpar e

⁹ Martes (1999), Fleisher (2000), Assis (2004) descrevem como as mulheres brasileiras constroem o “negócio da faxina” na região de Boston. Esse nicho de mercado de trabalho se constrói quando uma migrante vai reunindo ou “comprando” as casas que tem para fazer faxina num cronograma semanal de faxinas, o *schedule*. Essa migrante, em geral estabelecida há mais tempo e com mais fluência no inglês, organiza faxinas semanais, quinzenais e mensais

conseguiu economizar US\$6.000,00. Quando reuniu esse dinheiro achou que dava para retornar para o Brasil.

Marcella estava com saudades da família e do namorado. Permaneceu por dez meses no Brasil, entre sua cidade natal e Florianópolis, onde residia o namorado, mas logo resolveu retornar para a “América”, porque conforme seu relato o que ganhava no Brasil em um mês correspondia a um dia de trabalho nos Estados Unidos. O namorado não quis migrar, pois era funcionário de um banco estatal. Marcella ficou novamente sete meses nos Estados Unidos na mesma região de Boston. Dessa vez, não morou mais com o tio, pois achava que ele controlava muito sua vida, seus gastos, seus telefonemas para o Brasil. Em busca de mais autonomia, decidiu morar com duas amigas que havia conhecido em Boston.

A segunda permanência nos Estados Unidos foi de apenas sete meses. Estava com saudades da família e do namorado e, mais uma vez, retornou para ficar. No entanto, quando chegou, *o namoro não era mais a mesma coisa* e acabaram terminando. Marcella não tinha plano definido, mas decidiu retornar para os Estados Unidos, levando a irmã, casada e com uma filha, que estava em dificuldades financeiras. Além da irmã e do marido, uma amiga que era da mesma cidade e que estava grávida do namorado, decidiu ir também. Assim, partiram todos no início dos anos 1990.

Nesse sentido, Marcela ajuda seus familiares e amigos no contexto das migrações contemporâneas e começa a configurar laços transnacionais entre os Estados Unidos e a região de

nesse cronograma. Para tanto, contrata uma migrante recém chegada para auxiliá-la, pois esse *schedule* distribui as faxinas nos dias da semana. A faxina torna-se um negócio quando a emigrante “vende” as casas, ou melhor, vende *schedule* completo do serviço a uma outra migrante por ocasião do retorno ou de uma viagem ao Brasil. Ao “vender” as casas a uma outra imigrante a *housecleaner*, que é a faxineira dona do negócio, garante às suas respectivas patroas que está passando as casas para alguém de sua confiança.

Criciúma. Embora tenha partido a primeira vez sozinha e sendo a primeira a migrar em sua família, seus contatos frequentes com o Brasil, naquela época através de cartas e telefonemas, do envio de presentes e de seus retornos conectam os dois lugares. É interessante observar, no entanto, que quem se envolve nesse projeto é sua família e Marcella começara a configurar laços transnacionais e uma família entre dois lugares. Como observado por Schmalzbauer (2004) em relação às famílias imigrantes hondurenhas, o projeto migratório também se constitui num projeto de família transnacional, com as famílias se dividindo em no mínimo duas unidades domésticas em dois países e com a migração de um membro familiar em geral ocasionando outras migrações, assim a migração afeta toda a família e configura famílias transnacionais

Quando migrou juntamente com a família, foram morar em East Boston. Segundo Marcella, era uma casa ruim e uma época difícil, pois moravam muitas pessoas num mesmo apartamento, num bairro que considerava ruim porque tinha muitos imigrantes. Aqui aparece a distinção e o preconceito em relação aos hispânicos que percebi também entre outros emigrantes brasileiros.

O relato de Marcella demonstra como foi construindo várias redes ao longo desses 14 anos nos Estados Unidos e como o projeto de migração temporário modificou-se, ampliando o tempo de permanência e conferindo um caráter transnacional a essa experiência, pois ela sempre manteve relações econômicas, familiares e afetivas entre os dois lugares.

Numa dessas viagens de volta, trouxe tudo o que havia conquistado durante os anos de trabalho para ficar definitivamente no Brasil. Mandou a mudança de navio num *container* para o porto de Itajaí e de lá a mudança seguiria para Criciúma. O projeto era casar-se com Jairo – o namorado brasileiro que tinha conhecido nos Estados Unidos e que era da mesma região dela no Brasil – e ficar para montar algum

comércio. Era final de 1997. Marcella retornou também para participar da festa de comemoração de 100 anos de imigração da família Lanza. Nessa ocasião Marcella pegou sua cidadania italiana o que, segundo ela, lhe facilitaria entrar nos Estados Unidos, já que não se parecia com uma brasileira típica para os estereótipos norte-americanos, pois não era morena e sim loura e de olhos claros.

Nesse retorno para a festa, marcando a circularidade de sua migração, pois embora fosse indocumentada era a terceira vez que retornava ao Brasil, Marcella já estava com a vida estruturada em Boston, mas ao mesmo tempo ainda alimentava o sonho de retornar ao Brasil. No entanto, depois de passar as festas de final do ano no país, entrou em conflito com o seu companheiro e temendo, mais uma vez, perder o que havia conquistado com tanto trabalho, re-emigrou para a região de Boston, para o mesmo trabalho como *housecleaner*.

Entre tantas idas e vindas, Marcella vai tornando-se uma migrante transnacional, ou seja, o que Gramusk e Pessar (1991) chamaram de migração circular. Após alguns meses de permanência no Brasil, quando “mata as saudades” dos amigos, do calor, das praias, das festas, cuida do apartamento que havia comprado e depara-se com a possibilidade de reconstruir a vida no Brasil, decide retornar para a sua vida nos Estados Unidos.

Aí quando eu cheguei lá, eu queria voltar e ele não. Eu voltei para Boston, porque tinha meu *schedule* de faxina aqui e tinha medo de perder todo o dinheiro que eu tinha e investir no Brasil. Eu me sinto mais segura aqui nos Estados Unidos, eu não invisto nada para ganhar o que eu ganho. Mas, no Brasil, eu estava insegura com a economia e também eu não tinha nenhum curso [havia largado o curso superior], o que eu ia fazer? Eu me sentia insegura. O Jairo queria ficar, queria montar um negócio de pneus junto com minha irmã e meu cunhado. Aí eu

vim e ele ficou no Brasil (Marcella – 41 anos – entrevista realizada em janeiro de 2002).

Marcella novamente voltou para a região de Boston em 1998. Alguns meses depois, Jairo retornou e tentaram viver juntos, mas conforme relatou não dava mais certo. Em conversas posteriores, ela relatou que quando saíam acabava dando confusão, pois Jairo não gostava de sair para dançar, bebia e acabavam brigando. Com o término da relação ela foi morar com uma amiga valadareense, que tinha namorado seu tio, aquele que tinha dado um *help* quando ela chegou pela primeira vez. Segundo Marcella, esse foi o período que mais aproveitou, já que passou a frequentar outros ambientes que não apenas os brasileiros e namorou inclusive com homens de outras nacionalidades. Foi assim que conheceu um árabe (não identificou a nacionalidade) com o qual se relacionou por um tempo, até vir passear no Brasil para passar o Carnaval em 1999. Segundo Marcella, o namoro não ia dar em casamento porque:

A gente ficou junto um tempo, mas quando fui para o Brasil no Carnaval de 1999, a gente terminou. Era um relacionamento que não ia dar em casamento, a cultura era muito diferente. A gente tinha um namoro legal, mas não daria casamento, era muito diferente, os muçulmanos são mais rigorosos assim, com as mulheres, embora ele já morasse aqui há muito tempo, namorei aqui também com um marroquino... (Marcella – 41 anos – entrevista realizada em 2002).

Marcella relata sua experiência de trabalho e migração entrelaçada com suas experiências afetivas e familiares. Assim, na América, fazia faxina de casas numa região considerada área residencial nobre em Boston, pois suas casas localizam-se nas proximidades de Keymore e Beacon st. Trabalha em geral para jovens solteiros, ou pessoas de idade; não com famílias, pois

avalia que tem mais trabalho. Atualmente, sempre trabalha com uma imigrante recém-chegada. Quando namorava Jairo, ele trabalhou na faxina com ela por um tempo, mas depois que se separou, ela passou a empregar mulheres migrantes recém-chegadas, para as quais paga cerca de US\$ 450,00 a US\$ 500,00 por semana.

Em seu relato não apareceu preocupação com a legalização, pelo menos até o final dos anos 90; essa preocupação começaria após os atentados de 11 de setembro de 2001, em New York. Marcella contou inclusive que, durante o período em que morou com o tio, foi na época da “legalização da fazenda” - uma lei de imigração que anistiava os milhares de imigrantes indocumentados, sobretudo os mexicanos que trabalhavam nas colheitas de laranja da Flórida. O tio de Marcella, assim como outros brasileiros, arrumou um “jeitinho brasileiro” de legalizar-se através desse artifício. Marcella informou aos amigos e ajudou várias pessoas a arrumarem os papéis para provarem que haviam trabalhado na agricultura no período estabelecido, mas não se preocupou com sua legalização. Em parte porque achava que retornaria¹⁰ em algum momento para o Brasil e também porque não sentia nenhum impedimento por ser indocumentada. O fato de ter um *social security*¹¹ verdadeiro (pouco comum entre os imigrantes)

¹⁰ Margolis (1994, 2003) explica a falta de preocupação com a legalização nos imigrantes brasileiros pelo fato dos mesmos não se admitirem como imigrantes. No entanto, penso que mais do que não se admitirem como imigrantes, os imigrantes desfrutavam sem medo do que Sales (1999) denominou a legitimidade da condição clandestina. Por alguns anos, ou provisoriamente era possível viver indocumentado, mas principalmente com o maior rigor da Imigração após o atentado de 11 de setembro e as dificuldades decorrentes destes, inclusive de matricular os filhos na escola, os imigrantes passam a ver os limites da condição de indocumentado e procurar os caminhos para a legalização.

¹¹ O *social security* - documento de identificação dos cidadãos norte-americanos - que é necessário para conseguir trabalho, para tirar a carteira de

possibilitou-lhe obter a carteira de motorista sem problemas, ter conta em banco e cartão de crédito sem recorrer a números falsos. Além disso, tinha o que considerava uma vantagem étnica, era branca, se parecia com americanos e possuía o passaporte italiano, que facilitava a sua entrada em solo americano.

Quando conheci Marcella, em janeiro de 2002, a questão da legalização transformara-se numa preocupação bem presente no seu cotidiano e no de suas amigas que também trabalhavam na faxina, pois reconheciam que esse trabalho, embora bem remunerado, era informal, de difícil comprovação e com poucas possibilidades de legalização. Para conseguir o *green card*, essas mulheres passam a vislumbrar o casamento com norte-americano, ou com brasileiro com cidadania norte-americana, como a possibilidade mais garantida para resolverem seu *status* migratório. No entanto, Marcella não queria apenas o *Green card*, queria um relacionamento estável como veremos a seguir.

Antes de encontrar o norte-americano com o qual estava namorando quando realizamos a entrevista, Marcella namorou homens mais jovens, brasileiros e de outras nacionalidades. Foi assim que passou por um dos momentos mais difíceis em Boston, pois teve um relacionamento violento com um homem 14 anos mais jovem do que ela. Marcella atribui essa violência à diferença de idade, aos ciúmes, ao sentimento de posse:

Eu voltei para as mesmas casas em que fazia faxina. Em setembro de 1999, conheci um brasileiro do Espírito Santo em Boston, mas ele morava em North Caroline. A gente

motorista, abrir conta em banco e para ter acesso a serviços públicos como atendimento a saúde. Esse só é fornecido a trabalhadores imigrantes mediante autorização do *Department of Homeland Security*, que autorizando a trabalhar nos Estados Unidos. Marcela conseguiu tirar um *social security* em 1988, o que atualmente não é possível para imigrantes não documentados.

Entre dois lugares

se via de 15 em 15 dias até que ele mudou para cá, em novembro de 1999. Aí moramos aqui com casal de Porto Alegre. Foi terrível, foi o maior quebra-pau, ele era ciumento, violento, possessivo e era 14 anos mais novo do que eu, então, era violento (Marcela – 41 anos – janeiro de 2002).

Quando Marcella falou-me que havia sido agredida pelo namorado fiquei surpresa, não porque já não tivesse ouvido falar de relações violentas entre os imigrantes brasileiros¹², mas ainda não havia encontrado mulheres dispostas a falar sobre essa experiência. No caso de Marcella, as brigas constantes com o namorado acabaram levando o casal com o qual dividia o apartamento a mudar-se. A situação só se resolveu quando uma prima que migrou do Brasil e veio morar com ela. Com o apoio da prima, procuraram a polícia e conseguiram um mandato para obrigá-lo a sair do apartamento. A relação era complicada, ela ainda tentou um tempo, chegou a emprestar dinheiro para o namorado tentar se ajustar, mas não conseguiram se acertar e, depois de tantas brigas e violência, conseguiu sair do relacionamento.

Fiquei muito deprimida, cheguei a tomar remédio para depressão e ainda namoramos um pouco depois que separamos, mas não dava. A solidão aqui, às vezes, faz a gente se relacionar com quem nunca se relacionaria no Brasil. Esse cara me explorou, pegou dinheiro comigo e nunca me pagou e eu fiquei mesmo muito mal (Marcella – entrevista em janeiro de 2001).

¹² Há um silêncio quando se fala da violência doméstica entre os imigrantes brasileiros, embora as pessoas citem casos, são sempre distantes e ocasionais, pois a auto-imagem dos brasileiros é de uma comunidade que não dá problemas. Nas pesquisas sobre imigrantes a questão não é abordada, a não ser de forma indireta, quando os homens se referem ao fato de que nos Estados Unidos não se pode bater em criança e na mulher (Debiaggi, 2003).

Duas situações destacam-se nesse relato: a ajuda recebida pela prima que veio para trabalhar nos Estados Unidos e certa contradição entre a sensação de “estar com tudo”, poder fazer suas escolhas, que revelam uma sensação de “empoderamento¹³” destacada em seu depoimento e a dificuldade de vivenciar nas relações afetivas a mesma autonomia e o sentimento de “estar com tudo” que vivencia no seu dia-a-dia nos EUA. Tal situação revela que as mudanças nas relações de gênero não ocorrem sem ambiguidade e conflito e que nem sempre a autonomia financeira possibilita mudanças efetivas nas relações de gênero, como percebemos no relato de Marcella. Depois desse relacionamento, Marcella ainda se relacionou com outro homem mais jovem, porém, segundo seu relato, queria mais segurança e, por isso, decidiu que

¹³ O termo empoderamento (*empowerment*) é utilizado por feministas e estudiosos da questão de gênero para referir-se mais ao processo de maior participação das mulheres na esfera pública principalmente política: partidos, sindicatos, associações. Segundo Leon (2000), o termo empoderamento é utilizado porque seu significado implica que o sujeito se converte em agente ativo como resultado de uma ação, que varia de acordo com cada situação concreta. No caso das mulheres migrantes, podemos utilizar esse termo para nos referirmos a uma maior participação na esfera pública, como Simon (1999) observou em relação às muçulmanas na Turquia, que passam a frequentar as reuniões escolares. Icdygu (2004) também observa como mulheres imigrantes iraquianas, iranianas e afegãs se utilizam dos estereótipos de gênero em suas sociedades para conseguirem asilo político, por exemplo. Em todos esses casos, essas mulheres não aparecem como imigrantes passivas, mas como mulheres que lutam que jogam com suas posições de gênero, para conseguir mais espaço e direitos. Esses exemplos tão distintos revelam situações em que as mulheres negociam e reivindicam, seus direitos em diferentes contextos. No caso das mulheres imigrantes, embora nem todas as entrevistadas atuem em associações de imigrantes, ao longo dos seus relatos destacam o fato de sentirem-se mais autônomas e independentes, de poder sair e fazer o que quiser, de sentirem-se respeitadas e, a despeito das ambiguidades, pode-se dizer que há um empoderamento dessas mulheres no contexto da migração.

“encontraria um americano”. Assim, ao longo de sua trajetória, Marcella também parece modificar as expectativas e concepções em relação ao casamento. Antes de migrar pareceria inserida no quadro do amor romântico e do casamento instituição, tinha a expectativa de se casar com seu noivo e buscou condições de realizar esse projeto que iniciou seu processo migratório. No entanto, à medida que foi vivenciando suas experiências afetivas e migratórias, modificaram-se também suas expectativas em relação à conjugalidade. Marcella passou a buscar construir outras relações em que pudesse encontrar realização afetiva e bem estar individual, mas também uma segurança em relação ao *status* migratório, num contexto em que ser ilegal torna-se mais difícil depois dos atentados de 11 de setembro. Assim passou a buscar um namorado norte-americano.

Suzana Maia, nessa coletânea, analisa também o processo de escolha por parte de uma das entrevistadas, Nina, em casar-se com um americano para conseguir legalizar-se. No caso de Nina, o casamento parece indicar uma contradição entre o projeto que a levou a migrar, o desejo de autonomia e aventura e a decisão por se casar com um homem que não correspondia exatamente ao que desejava em termos de referenciais de raça e classe no Brasil. No caso de Marcella, o encontro com James consegue reunir o desejo de resolver seu *status* migratório numa relação afetiva com alguém que considera mais próximo socialmente dela, tanto em termos de raça quanto em termos de classe social, além de ser também descendente de imigrantes italianos, são pontos que, como veremos a seguir, construíram James como um parceiro ideal para um vínculo amoroso duradouro.

Conheci o James num clube americano em Malden, tem 43 anos, é carpinteiro. O pai é descendente de italiano e a mãe é irlandesa, são católicos. Ele é protestante bem

devoto, nunca foi casado, mas tem um filho de 16 anos, que mora com ele atualmente. Agora pretendo comprar uma casa aqui e quero casar com ele (Marcella – 41 anos – entrevista em janeiro de 2002).

Durante a entrevista, Marcella deixou bem claro o desejo de legalizar-se através do casamento para realizar o sonho de permanecer na “América” e poder passear no Brasil sem medo. Ela tinha um relacionamento estável com James. No final de 2002, Marcella e o namorado viajaram ao Brasil para que ele conhecesse sua família e seu país. Foi uma viagem rápida, mas para Marcella significou um maior comprometimento com a relação, uma vez que ele havia vindo conhecer sua família.

Através do relacionamento com um norte-americano, Marcella espera concretizar sua mudança em relação ao projeto de retorno. Não quero dizer com isso que Marcella não tivesse um sentimento de amor romântico e um desejo de vínculo duradouro com James. Assim, embora o tenha *escolhido* pelo fato de ser americano e pela possibilidade de obter o *green card*, sua escolha ocorreu num contexto em que alguns aspectos de sua masculinidade foram valorizados.

O que Marcella “curtiu” em James? Em primeiro lugar não era um homem ciumento e respeitava seu trabalho, suas amigas brasileiras, seus momentos de lazer com elas. Na sua comparação, atribuía significados positivos às masculinidades dos norte-americanos em relação aos homens brasileiros. Assim, diferentemente dos homens brasileiros, com os quais ela havia se relacionado, James dava-lhe o espaço que sentia necessidade para viver *sua* vida. Por outro lado, Marcella fazia para o namorado aquilo que considerava ser importante para o relacionamento e que, segundo ela, as mulheres brasileiras fazem muito bem, melhor que as americanas: uma boa comida, sair às vezes para conversar com seus amigos e uma boa (quente) relação afetivo-sexual. James também era um homem

simples, ou seja, o fato de ser carpinteiro e ter uma renda que o aproximava de um extrato que poderia ser considerado pertencente às camadas médias em relação ao Brasil, mas não necessariamente nos Estados Unidos, dava a Marcella um sentimento de pertencerem a um universo social próximo. Como ela mesma disse: ambos eram pessoas muito práticas. Marcella construiu uma positividade para os atributos masculinos de James em relação aos seus namorados anteriores, destacando também a segurança que ele lhe proporcionava. Em 2003, Marcella ficou grávida de James. A gravidez a deixou muito feliz, pois, segundo seu relato, agora teria *sua* família. No dia dos namorados, o *Valentine's day* americano, casaram-se no civil.

Segundo Marcella, quando encontrou James, descobriu o homem certo, pois estava cansada de namorar homens brasileiros que não davam segurança afetiva, mas também em relação ao projeto de permanência, ou seja, os homens norteamericanos passam a representar um relacionamento estável e a possibilidade de legalização. Depois de quatorze anos indo e vindo, Marcella percebeu que sua vida já não era mais no Brasil. Quando se refere às comparações entre os dois lugares, Marcella destaca que mais do que o medo de um país sempre em crise, seu grande medo quando pensava no retorno é no lugar social que ocuparia como uma mulher de 40 anos no Brasil. Segundo ela, se retornasse com essa idade, poderia montar um negócio, alugar seu imóvel, mas se pergunta: “onde seria minha vida afetiva?”. Por isso, embora ao longo do seu depoimento tenha destacado as dificuldades enfrentadas e, inclusive situações de violência que vivenciou, considerava que lá é um lugar melhor para as mulheres.

Eu acho que as mulheres aqui se sentem mais seguras, independentes, aqui tem trabalho, você tem oportunidade. Você pode ir a qualquer lugar, qualquer

shopping que eles não querem saber se você é *housecleaner* ou o quê. Por esse motivo, a gente tem mais liberdade que no Brasil. No Brasil, mulher de 40 anos tem que ser amante, aqui a gente namora cara de 20 ou 30 anos, mesmo tendo 40 anos. A gente se sente livre para ir a qualquer lugar sem preconceito. As mulheres aqui fazem sucesso. Como a gente está com a bola toda, algumas extrapolam, a gente vai para o Clube dançar e solta a franga (Marcella, entrevista em janeiro de 2002).

Quando estava encerrando a entrevista, ela ainda disse-me:

Acho que isso é importante para a sua pesquisa, coloque aí, diga que realmente as mulheres se sentem mais seguras, independentes e felizes. No Brasil realmente, na nossa idade a gente só serve para amante (Depoimento de Marcella registrado no Diário de campo ao final da entrevista).

O relato de Marcella revela um sentimento recorrente entre várias mulheres brasileiras com as quais conversei. A sensação de segurança, de autonomia, de dirigir o próprio carro e o próprio negócio faz com que essas mulheres sintam-se mais autônomas, livres para fazer suas escolhas com relação ao trabalho, ao lazer e à vida afetiva. É nesse contexto que buscam vivenciar suas relações com expectativa de terem seu trabalho respeitado, maior divisão de tarefas, possibilidade de se relacionar com pessoas mais jovens e ter a liberdade de escolher e não ser julgada moralmente por isso.

Eliane Lorentz

Eliane Lorentz revela, através de sua trajetória, como as mulheres brasileiras começaram a integrar-se mais efetivamente em atividades voltadas para a comunidade. Quando migrou

Entre dois lugares

para os Estados Unidos, Eliane tinha 26 anos, era solteira, trabalhava como professora e havia concluído o curso superior. Partiu de uma pequena cidade próxima a Criciúma, já havia migrado para outras cidades no Brasil em busca de novas oportunidades de vida, e seus ascendentes também eram descendentes de imigrantes italianos. Chegou à região de Boston em 1989 e, assim como outras mulheres, afirma que “buscava uma vida melhor e de maior autonomia”, ou seja, seu projeto não era necessariamente econômico, envolvia muito mais o desejo de uma vida com horizontes de possibilidades mais alargados que a pequena cidade onde vivia. No Brasil, embora trabalhasse como professora, ela queria uma vida mais estável financeiramente, mas não apenas isso: desejava também sair de uma cidade que considerava pequena e conservadora formada por descendentes de imigrantes italianos e de outras etnias. Assim relata Eliane:

Surgiu com essa insatisfação. Eu lembro que quando eu quis ir para a Bahia, minha mãe era não, não e não. Meu pai dizia que o mundo era pra ser conhecido, teve essa mentalidade que “a gente não cria filho pra gente, a gente cria filho pro mundo”. Eu acho que vem daí esse espírito. Eu acho que ele gostaria de ter tido essa oportunidade, então ele encorajou a gente, ele incentivava a gente a buscar esse tipo de coisa. Eu acho que isso, eu voltei pra minha cidade natal, mas é uma cidade que não tem muita coisa pra oferecer. Então essas coisas, uma amiga vindo pra cá, outra vindo pra cá, e aí... (Eliane, 40 anos, entrevista realizada em 06 de janeiro de 2002).

Segundo Eliane, desejava juntar dinheiro, aprender inglês e conhecer outra cultura – “essa era a terra dourada”. Quando decidiu migrar, Eliane viajou com uma amiga e ficaram na casa do irmão dela na região de Boston. Logo que chegou, começou a trabalhar e percorreu o caminho semelhante ao de outras

imigrantes: trabalhou inicialmente com faxina e depois numa firma de festas, emprego no qual permaneceu por alguns anos. Naquela época, segundo seu relato, a comunidade brasileira era bem menor e pouco organizada e destacou as Igrejas como o grande ponto de referência.

Eliane ressalta, assim como Marcella e outras mulheres, que a solidão nos Estados Unidos é um grande problema. Por isso, durante os primeiros anos, devido ao medo de ficar sozinha, envolveu-se com um homem da mesma região, moraram juntos por cerca de quatro anos, mas Eliane afirma que não era uma relação legal, pois ela era muito dependente e apenas foi ficando porque não conseguia sair:

Não, nós moramos juntos, mas não tinha uma coisa de casar, não era uma relação que eu acreditava ser muito boa, também por falta de alternativas e coisas minhas mal resolvidas me fizeram ficar mais tempo do que devia na relação. (Eliane, 40 anos, entrevista realizada em 06 de janeiro de 2002).

Com relação aos envolvimento afetivos no contexto migratório, Eliane destacou que a solidão e o período de adaptação, que envolve o domínio da língua, levam as pessoas a se envolverem com quem não se envolveriam no Brasil.

Eu sempre observei por mim mesma e por muitas pessoas que eu conheci com um certo contato e por amizades, até pelo meu trabalho que faço, onde tenho um contato íntimo com as pessoas. Tem a ver com o lado sexual das pessoas, e eu vi que aqui as pessoas têm relações que jamais teriam no Brasil, com diferenças de idade enormes, diferenças culturais enormes, diferenças enormes em todos os sentidos. Por conta da solidão, da depressão (Eliane – 40 anos – entrevista em 06 de janeiro de 2002).

Com o passar do tempo, Eliane conseguiu sair dessa longa relação marcada por dependência afetiva e começou a dar uma guinada, conforme ela mesma disse em sua vida nos Estados Unidos. O primeiro passo foi sentir-se mais segura em relação à língua, sua grande barreira quando chegou no país, e para isso voltou a estudar, seu projeto desde que tinha chegado. Para realizar esse objetivo, chegou a trabalhar um tempo *live-in* cuidando de crianças, o que, segundo ela, ajudou muito. Com o inglês melhor, começou a procurar trabalho na sua área de formação.

Com o aperfeiçoamento do inglês, Eliane obteve uma ferramenta fundamental para que conseguisse encontrar um espaço de atuação fora dos serviços típicos de imigrantes e buscar um emprego no qual pudesse ter uma satisfação não apenas financeira, mas também pessoal.

Olha, eu não tenho medo de nada. Fui criada por uma família pobre; então, eu sempre aprendi que nada é vergonhoso, que nenhum trabalho é vergonhoso, e eu cresci e hoje, se eu precisar, eu começo tudo de novo com isso [a faxina]. O problema é que mesmo no Brasil eu tive essa coisa ideológica. Eu tava na faculdade durante o regime militar, eu fui pra Bahia trabalhar no sertão. Então eu tinha, eu queria trabalhar com educação, com gente. Dinheiro só, por exemplo, não era uma coisa que me satisfazia. Então eu fui, eu queria trabalhar nesse meio, onde eu pudesse me envolver, onde eu pudesse me expressar, onde eu pudesse trocar ideias, e eu não conseguia no trabalho que eu fazia (Eliane – 40 anos – entrevista em 06 de janeiro de 2002).

Eliane começou a trabalhar numa associação¹⁴ que presta serviços a imigrantes brasileiros em um programa de prevenção a DSTs/AIDS, que também realiza serviço social. Esse trabalho significava para Eliane uma oportunidade de ajudar a comunidade, porque teve muitas dificuldades quando chegou na América e queria ajudar quem chega sem falar inglês, sem saber nada, sem ter a quem recorrer. Atualmente, trabalha em um hospital que presta serviços a imigrantes brasileiros, portugueses e de outras origens étnicas. Segundo Eliane, ela foi trabalhar nesse hospital por causa de sua experiência com pacientes de HIV e também com a comunidade de língua portuguesa. Em sua perspectiva, a comunidade brasileira cresceu e se organizou mais e sente que faz parte de um grupo crescente de imigrantes que tem procurado, no caminho das associações, um trabalho mais efetivo junto à comunidade.

O depoimento de Eliane diferencia-se das demais mulheres entrevistadas, pois ela conseguiu sair do nicho de mercado restrito às brasileiras – a faxina – e inseriu-se em uma atividade profissional de acordo com sua qualificação profissional. Essa trajetória foi percorrida por outras mulheres

¹⁴ As associações brasileiras em Boston cresceram ao longo da década de 90 e têm uma participação significativa de mulheres. Esse grupo de mulheres militantes que participam ativamente da vida comunitária é proveniente das camadas médias urbanas brasileiras e de diferentes origens regionais, com um grau de escolarização superior, em grande parte, mas não exclusivamente. Não quero dizer com isso que não haja participação de homens nas associações, mas sim destacar a presença efetiva das mulheres. É interessante observar que as associações reproduzem certos atributos de gênero. Os homens concentram-se nas associações que discutem as condições de trabalho dos imigrantes, trabalham com os jovens, os problemas com a legalização, enquanto as mulheres concentram-se nas associações que envolvem atendimento à saúde, à prevenção, ao serviço social, à educação, e à promoção da língua e da cultura brasileira. Essa “divisão” não significa que essas áreas não sejam interpenetráveis, porém é interessante observar como o próprio serviço de assistência é perpassado por atributos de gênero.

imigrantes que procuram integrar suas experiências e habilidades trazidas do Brasil com os serviços que uma crescente comunidade brasileira passou a demandar. Conforme observaram Feldman-Bianco e Huse (1995) sobre trajetórias das filhas de imigrantes portuguesas, elas tornam-se as intermediárias culturais e fazem a conexão entre as duas sociedades. De fato, um rápido olhar para as associações de imigrantes brasileiros evidencia uma expressiva participação das mulheres.

Eliane, assim como Marcella, legalizou-se através do casamento. No entanto, não se casou com um norte-americano, mas com um exilado político do leste europeu. Por coincidência conheceu o atual marido em uma casa noturna chamada Europa, que promovia noites brasileiras. Leon foi à boate esperando encontrar conterrâneos, atraído pelo nome do local; Eliane foi para se distrair em uma noite com música brasileira. Os dois começaram a namorar e, a despeito de estarem na América, descobriram que tinham a mesma visão crítica em relação à sociedade de consumo norte-americana. Começaram a namorar, descobriram afinidades afetivas e políticas e uma relação mais igualitária do que a que teve as com namorados brasileiros. Em 1994, casaram-se no civil nos Estados Unidos e vieram ao Brasil para casar-se no religioso, conforme a vontade dos pais de Eliane.

Quando perguntei o que o seu namorado europeu conhecia do Brasil:

É, tinha , conhecia a fama internacional das brasileiras
[Qual a fama?]

A de sempre, que brasileira era boa de cama, o de sempre. (Eliane, 40 anos, entrevista em 06 de janeiro de 2002).

É interessante observar que nesse contexto acionado por Eliane e por outras falas os estereótipos da mulher brasileira

não se relacionam com a prostituição, como tem sido afirmado em alguns estudos sobre mulheres brasileiras na Europa destacados no início deste texto. Embora “ser boa de cama” articule imaginários que apontam para uma sexualização das mulheres brasileira, essa ideia se articula às representações de boa esposa e mãe. Ou seja, enquanto as mulheres brasileiras entrevistadas, ao se envolverem em relacionamentos afetivos com os norte-americanos, buscam relações mais igualitárias e menos hierárquicas, os homens norte-americanos parecem buscar uma companheira que atenda aos estereótipos sobre a mulher brasileira imaginada. Ao analisar as mulheres casadas com norte-americanos e a dificuldade de homens brasileiros se casarem com as mulheres norte-americanas, ela ponderou:

É, eu acho que é porque, por causa da emancipação da mulher americana. O americano se adapta muito bem com uma mulher carinhosa, que lava, cozinha e passa e é companheira também! Não vou dizer que o americano casa com brasileira só porque são boas donas-de-casa, submissas, mas elas vêm com essa bagagem. Já os brasileiros, é muito mais difícil quando se casa com uma mulher americana, muito mais, não se enquadra no padrão de forma nenhuma, de dona-de-casa, com certa submissão, certo cuidado com a casa, com o mundo doméstico. Eu acho que o choque é maior. E a mulher brasileira, ela sai ganhando nessa relação, que ela vai ganhar um companheiro que divide as tarefas, que aceita melhor que a mulher trabalhe fora e tal, que aceite melhor, ela tem um certo ganho nesse sentido e o homem brasileiro, ele sente que perde. (Eliane, 40 anos, entrevista em 06 de janeiro de 2002).

Embora o lugar ocupado pelas mulheres brasileiras para os maridos norte-americanos possa ser considerado uma atualização de atributos tradicionais de gênero, para essas

mulheres representa um ganho, pois consideram ainda que a relação com um norte-americano é mais igualitária, porque podem continuar trabalhando, porque eles dividem tarefas e porque elas se sentem mais independentes. Conforme reiterou Eliane:

Eu acho que isso acontece mesmo ela estando com marido brasileiro ou com quem ela case, ou estando sozinha. Ela cria uma certa independência aqui. Não tem dúvida, mas na hora do relacionamento, se for falar sobre essa questão, se for falar que a mulher brasileira é mais fácil casar com americano, do que um homem brasileiro casar com americana, eu acho que é por causa disso. A mulher brasileira não perde quando casa com americano, ela ganha. O homem brasileiro quando casa com americana ele perde algumas coisas que estava acostumado. (Eliane, 40 anos, entrevista em 06 de janeiro de 2002).

No momento em que Eliane analisava as vantagens que atribuía às mulheres brasileiras no mercado matrimonial, perguntei-lhe se não percebia, ao mesmo tempo, certa desconfiança ou discriminação em relação às mulheres que se casavam com norte-americanos, pois havia ouvido entre os homens solteiros algumas piadas e queixas sobre essa situação. Eliane continuou sua análise fazendo uma distinção entre *casamento arranjado*, realizado com o propósito específico de conseguir a legalização do *status* migratório, que em geral envolvia algum pagamento e que ela conhecia pessoas que faziam, e relações afetivas estáveis, casamentos *por amor*:

Quando eu vim pela primeira vez aos EUA, eu conheci uma menina que tinha casado pra conseguir o *Green*

*Card*¹⁵, mas era um casamento objetivo mesmo, eles nem se conheciam, casamento arranjado. O cara era gay e doente, era um casamento arranjado e isso era público e notório. Não era um casamento. As que eu vi aqui em Boston tinham uma vida conjugal normal, e eu tive contato com um número razoável de mulheres que casaram com os americanos. E quem realmente casa para viver junto, casado mesmo de morar junto, é porque tem alguma coisa a ver de um relacionamento amoroso. (Eliane, 40 anos, entrevista em 06 de janeiro de 2002).

Portanto, esses casamentos transnacionais articulam classe, gênero, nacionalidade e mobilidade. As mulheres quando se casam com norte-americanos se inserem mais efetivamente nessa sociedade e cultura, pois irão conviver com a família, os colegas de trabalho, terão que transitar mais entre as culturas brasileira e norte-americana. Embora em alguns contextos ocorram os chamados casamentos arranjados, como os casos analisados por Maia nesta coletânea, as histórias aqui relatadas mostram o desejo de um vínculo amoroso e seus desdobramentos. As mulheres entrevistadas construíram uma relação conjugal, tiveram filhos e permaneceram nas relações. Dessa forma, nesse mercado matrimonial, o estereótipo sobre as brasileiras acaba contribuindo para construir uma vantagem em relação aos atributos de gênero dos homens brasileiros, que se traduz num número maior de mulheres casadas com norte-americanos do que homens com norte-americanas.

Outras experiências de mulheres brasileiras imigrantes revelaram uma forma específica de migração feminina – as

¹⁵ Oficialmente chamado *United States Permanent Resident Card* (carta de residência permanente nos Estados Unidos), o *green card* permite que um imigrante tenha residência e trabalhe legalmente no país. O portador do *green card* poderá sair e entrar nos Estados Unidos, trabalhar em qualquer região e estudar por preços mais acessíveis.

migrantes grávidas – mulheres que migram com o objetivo de *dar* a cidadania norte-americana para os/as filhos/as, o que para elas significa dar outras oportunidades de vida, diferente das possibilidades no Brasil. É o caso de Betina, amiga de Marcella.

Betina Silva

Na época da entrevista, Betina estava com 40 anos. Assim como Marcella nasceu na região de Criciúma e também já havia migrado internamente para Florianópolis, onde trabalhava em um banco. Betina havia concluído o ensino médio e iniciado o curso superior, mas parou no primeiro semestre e o seu conhecimento de inglês era apenas o que havia estudado na escola. Betina decidiu emigrar em uma das viagens de Marcella ao Brasil. O motivo de sua migração: estava grávida e havia terminado o relacionamento com namorado, pai de sua filha. Na época, tinha 28 anos, e segundo seu relato, nunca havia pensado em migrar, mas estava grávida, sozinha e o irmão, a cunhada e a amiga estavam indo para os Estados Unidos. Então, preparou a documentação e, em apenas três meses, conseguiu o visto e viajou, em 1990, com sete meses de gravidez.

Já em Boston, Betina recebeu o *help* de uma amiga de Marcella, que era mulher de seu tio, e ficou morando junto com o irmão, a cunhada e os dois sobrinhos. Como não estava grávida e não podia trabalhar pesado, cuidou dos filhos do irmão, porém, segundo seu relato, havia muita briga, porque “era muita gente”. Nesse momento, ela foi morar com uns conhecidos da região de Criciúma, ocasião em que “começou a minha história de amor” – disse Betina. Um certo tempo após ganhar sua filha, Betina passou a trabalhar na faxina e Marcos na construção civil.

Marcos era solteiro e oito anos mais novo do que Betina. Começaram a namorar em julho de 1990 e logo saíram da república onde moravam com outros brasileiros da mesma região, para morar juntos. A filha nasceu nos Estados Unidos e como no país a legislação é *Juz solis* ela tem a cidadania norte-americana. Na ocasião, Marcos “assumiu” a filha de Betina, mas seu nome não consta na certidão de nascimento e, em 1994, depois de quatro anos juntos, tiveram uma segunda filha. Segundo Betina, a gravidez ocorreu por acidente. Durante todo o período em que esteve no exterior, assim como outras imigrantes brasileiras¹⁶, Betina não tomava anticoncepcional americano, porque em sua opinião engordava muito. Assim, tomava anticoncepcional vindo do Brasil que a mãe mandava para ela, mas nessa ocasião estava sem anticoncepcional e a irmã, que estava em Portugal, havia enviado pelo correio contraceptivo português. Betina não gostou, pois não se sentia bem e acabou engravidando.

Quando as filhas eram pequenas, a mãe de Betina, como outras mães de imigrantes brasileiros, chegou a morar por um ano com o casal para cuidar da filha mais velha nos Estados Unidos. Dois meses antes da segunda filha, mais uma vez, sua mãe veio acompanhar o nascimento da neta. Dessa forma, o momento da gravidez, os primeiros meses de suas filhas foram acompanhados pela avó materna que migrou temporariamente para os Estados Unidos para ajudar. Assim, a família de Betina

¹⁶ Outras mulheres envolvidas com a prevenção de DST/Aids e no serviço social para imigrantes brasileiras falaram dessa crença ou do hábito de tomar anticoncepcional brasileiro. Como nem sempre conseguem recebê-lo com regularidade, ou comprá-lo nas lojas brasileiras, muitas brasileiras jovens engravidam. Essa questão mereceria uma análise mais detalhada, pois, segundo uma brasileira, que atendia essas mulheres, “o que acontece é que elas acham que estão casadas, e os companheiros acham que elas são namoradas”. Então, quando elas engravidam, os namorados partem e elas ficam sozinhas para ganhar seus filhos/as.

articula laços transnacionais nos quais as avós passam a circular entre os Estados Unidos e o Brasil. Essa ajuda acontece em dois sentidos, tanto as avós viajam, como no exemplo acima, como os netos visitam os avós e passam temporadas no Brasil. Esse *help* vindo de tão longe é narrado por outras imigrantes brasileiras e recebido com muito carinho, pois é como se a distância do país se encurtasse com a presença das mães.¹⁷ Às vezes vem o pai, mas quando só dá para trazer um, devido aos custos da viagem, as mães são preferidas, porque ajudam a cuidar da criança depois do parto. A mãe de Betina ficou quatro meses e, após esse período, a irmã veio para ficar com seu serviço de faxina, enquanto Betina não podia trabalhar. Assim, percebe-se a importância das redes de parentesco tecidas por mulheres que acionam formas específicas de migração feminina.

A trajetória de Betina inclui um retorno ao Brasil, em 1996, junto com o companheiro. Quando voltaram, haviam comprado três apartamentos e trazido dinheiro para montar um negócio. No entanto, de volta à cidade natal, não conseguiram estabelecer um projeto comum e entraram em desacordo sobre onde investir o dinheiro. Além disso, o pai da filha mais velha pediu exame de paternidade, o que deixou o marido de Betina muito aborrecido, já que ele havia cuidado da enteada como pai durante a permanência nos Estados Unidos. Somado a isso, a convivência com os familiares do marido não era fácil, segundo

¹⁷ Quando realizei a primeira viagem aos Estados Unidos, tive como companhia de viagem uma senhora valadarense que estava indo conhecer o neto e ficar uns meses com a filha. Ela nunca havia pensado em fazer uma viagem internacional, mas estava ali, ansiosa para passar na Imigração. Assim como outros imigrantes, quando chegou ao aeroporto Kennedy, sua filha e o marido esperavam ansiosamente por ela. Ao longo da experiência migratória da filha, D. Martha viajou várias vezes aos Estados Unidos e faz parte de um número significativo de avós e avôs que resolvem pegar o avião para ver os filhos e netos e, assim, manter os laços entre os dois lugares.

Betina, eles queriam interferir em suas vidas. Os conflitos que ocorreram no retorno ao Brasil acabaram levando o casal à separação. Em janeiro de 2000, Betina retornou para a região de Boston, tentando uma reconciliação com Marcos, mas ele já estava com sua atual esposa. Na ocasião da pesquisa, Betina morava sozinha com as duas filhas, que haviam passado uma temporada no Brasil na casa dos avós maternos e paternos – período das férias de verão – para que ela pudesse trabalhar sem precisar pagar uma *baby-sitter*.

Betina, diferentemente de Marcella, ainda não conseguiu estabilizar-se financeiramente, pois tem duas filhas para criar, o que torna cara a sua manutenção. Além disso, está sozinha, situação que, às vezes, a deixa deprimida. O ex-marido não dá uma pensão fixa, apenas uma ajuda financeira, e o pai da primeira filha também não ajuda com as despesas, o que torna mais difícil sua vida. Marcella, a amiga com quem migrou, é quem a ajuda financeiramente em alguns momentos, além de apoio emocional que se revela nas visitas frequentes e conversas. Além disso, Marcella também fica com as crianças, de vez em quando, para ajudar Betina a trabalhar ou sair para passear e, a cada quinze dias, o ex-marido fica um final de semana com as filhas. No entanto, apesar das dificuldades enfrentadas, Betina não deseja voltar ao Brasil, pois pensa que as filhas, sendo cidadãs americanas, poderão ter mais oportunidades nos Estados Unidos. Como outras mulheres imigrantes, Betina pensa em dar-lhes essa oportunidade: capital social e cultural – a educação norte-americana e o domínio do inglês, bem como a possibilidade de estudarem já que possuem a cidadania norte-americana – nesse caso, a migração de Betina seria um modo de possibilitar uma perspectiva de vida diferente da sua.

Considerações finais

Esses três relatos não resumem a diversidade das experiências das imigrantes criciumenses, mas demonstram como essas mulheres foram construindo outros espaços de atuação, como é o caso de Eliane. Revelam também as dificuldades enfrentadas ao longo do processo migratório, demonstrando quais as redes que foram tecidas inicialmente e como se modificaram ao longo do tempo. Evidenciam ainda a importância das redes de amizade e de parentesco no momento da migração e, no caso das mulheres com filhos, a importância da ajuda das mães e irmãs, vindas do Brasil, para auxiliar no cuidado dos mesmos. Diferentemente das mulheres analisadas por Hodangneu-Sotelo (1994), as mulheres solteiras contam com redes sociais no destino para iniciar o projeto migratório e estabelecer-se. Isso não quer dizer que possam contar sempre com essas redes, nem que estas sejam monolíticas, mas que existe alguém para dar um *help* quando chegam, para arranjar emprego e para outras dificuldades do processo migratório.

As imigrantes brasileiras entrevistadas enfatizaram a sensação de maior autonomia, “as mulheres aqui estão com tudo e são mais respeitadas”, diziam algumas. Entretanto, situações de violências (física, sexual e simbólica) enfrentadas por algumas e dificuldades de legalização vivenciada pela grande maioria demonstram que esse processo de autonomia, de maior liberdade e de poder fazer suas próprias escolhas, não ocorre da mesma maneira para todas e nem na mesma intensidade. No entanto, diferentemente do que foi observado nos enclaves cubanos e chineses por Portes e Jansen (1989) e Zhou (1992), segundo os quais as mulheres teriam poucas vantagens econômicas a partir das redes estabelecidas com seus conterrâneos, quando comparados com os homens, as mulheres criciumenses entrevistadas parecem conseguir estabelecer redes de ajuda mútua e de inserção no mercado de trabalho. O

negócio informal da faxina, através do qual conseguem oportunidades de trabalho e vantagens econômicas, em alguns casos melhores do que alguns empregos oferecidos aos homens. Isso não significa que não ocorram dificuldades, mas que há um menor controle social/moral sobre essas mulheres quando suas experiências são comparadas às de outras imigrantes latinas.

Essas mulheres ganham autonomia, não apenas do ponto de vista econômico, considerado por elas muito importante para seu estabelecimento nos EUA, mas do ponto de vista de gerir a própria vida, de escolher seus parceiros sem interferência familiar, de poder adiar o projeto de casamento, de poder buscar relações que consideram mais igualitárias em relação às que vivenciavam no Brasil. Dividir tarefas e o cuidado dos filhos, ser respeitada e estar efetivamente protegida em caso de violência (como ocorreu com Marcella) são conquistas importantes que conferem a elas esse sentimento de autonomia e de agência. Por fim, ao se envolverem em relacionamentos transnacionais se casando com norte-americanos ou com estrangeiros legalizados, o fazem, não no circuito dos casamentos arranjados, mas dentro de projetos de relações afetivas-amorosas estáveis, que marcam uma mudança no projeto migratório que passa a significar a permanência e o estabelecimento no estrangeiro, configurando casamentos transnacionais.

Referências bibliográficas

- ANTHIAS, Floya. Metaphors of Home: Gendering New Migrations in Southern Europe. In: ANTHIAS, F., and LAZARIDIS, Gabriela. *Gender and Migration in Southern Europe*. Oxford, New York, Berg, 2000, pp.17-47.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui... estar lá... uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: REIS, Rossana R.; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Boitempo, 1999, pp.125-167

- _____. De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, 2004.
- _____. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), Florianópolis, setembro-dezembro/2007, pp.745-772.
- _____ e SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *REMHU*, vol. 16, Brasília, 2009, pp.25-46.
- BOYD, Monica. Family and Personal Networks in International Migration: Recent Developments and New Agendas. *International Migration Review*, vol. xxiii, nº 3, 1989, pp.639-669.
- CHANT, Sylvia and RADCLIFFE, Sarah. Migration and Development: The Importance of Gender. In: CHANT, S. (ed.) *Gender and Migration in Developing Countries*. London/New York, Belhaven Press, 1992, pp.1-29.
- DEBIAGGI, Sylvia. D. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. MARTES, Ana Cristina B. & FLEISCHER, Soraya. (orgs.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo, Paz e Terra, 2003, pp.175-199.
- FELDMAN-BIANCO, Bela & HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América: mulheres imigrantes. *Revista de Estudos Feministas*. vol. 3, nº 1, IFCS/UFRJ, 1995, pp.96-122.
- FLEISCHER, Soraya R. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo, Anablume, 2002.
- FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK: New York's Two Waves of Immigration*. New York, Russell Sage Foundation, 2000.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierette. *Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration*. Berkley, University of California Press, 1994.
- HOUSTOUN, Marion F.; KRAMER, Roger G., and BARRET, Joan M. Female Predominance of Immigration to the United States since

- 1930: A First Look. *International Migration Review*, vol. 18, nº 4, 1984, pp.908-963.
- HAGAN, Jacqueline M. Social Networks, Gender and Immigrant Incorporation: Resources and Constraints. *American Sociological Review*, vol. 63, nº 1, 1998, pp.55-68.
- ICDUYGU, Ahmet. Gendered selves on the move: displacement experiences of women crossing borders in the middle east. 2004. Paper unpublished.
- LEON, M. Empoderamiento: Relaciones de las mujeres con el poder. *Revista Estudos Feministas*, 8, 2000, pp.191-207.
- MAIA, Susana. Sedução e Identidade Nacional: mulheres brasileiras que trabalham como dançarinas eróticas em NY. *Revista Estudos Feministas*, vol. 17, 2009, pp.769-797.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: an Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ, Princeton University Press, 1994.
- MARTES, Ana Cristina B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- MOROKVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also Women. *International Migration Review*, vol. 18, nº 4, 1984, pp.886-907.
- PADILHA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge. (org.) *A Imigração Brasileira em Portugal*. Coleção Comunidades, 2007, pp.113-134.
- PESSAR, Patricia R. The Role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal. In: HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip, and DEWIND, Joshua. (eds.) *The Handbook of International Migration: The American Experience*. New York, Russell Sage Foundation, 1999, pp.51-70.
- PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. *Revista Estudos Feministas*, vol. 15, nº 3, 2007, pp.717-744.

Entre dois lugares

- PONTES, Luciana As Mulheres Brasileiras na Mídia Portuguesa. *Cadernos Pagu* (23), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, julho-dezembro, 2004, pp.229-256.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Cortez, 1999.
- SASKIA SASSEN. *Contrageografías da globalización: género e cidadania em los circuitos transnacionalizados*. Madrid. Traficantes de sueños, mapas, 2003.
- SCHMALZBAUER, Leah. Searching for Wages and Mothering from Afar. The Case of Honduran families. *Journal of Marriage and Family*, vol. 66, nº 5, 2004, pp.1317-1331.

Cosmopolitismo, desejo e afetos: sobre mulheres brasileiras e seus amigos transnacionais

Suzana Maia*

Introdução

Transições e fronteiras que envolvem mercados amorosos e sexuais, práticas matrimoniais, de parentesco e configurações identitárias são temas que estão cada vez mais se consolidando no campo de estudos de migração e transnacionalismo. Tais temas refletem um renovado interesse etnográfico por questões de subjetividade, afetos, desejos e as possibilidades de diálogos transculturais. Algumas dessas questões começaram a se tornar importantes para mim durante pesquisa sobre mulheres brasileiras que trabalham como dançarinas eróticas em Nova York realizada entre 2004 e 2007 (Maia, 2009, 2010, 2012).¹ A perspectiva da pesquisa foi basicamente do ponto de vista dessas mulheres, e naquele momento me importava como estereótipos, discursos gastos e sabidos, eram “performados” em suas vidas cotidianas de trabalho e afetiva. A perspectiva dos homens foi, em grande medida, deixada num plano secundário e quase invisível. Revendo meus dados, porém, havia esse “excesso” de informação, tão comum no resultado de campo, que insistia em me chamar a atenção, e que advinham do contato que tive com homens que se relacionavam com essas

* Professora Adjunta, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
maiasuz@gmail.com

¹ Para uma lista extensiva de estudos sobre migração brasileira conferir bibliografia organizada por Maxine Margolis.
<http://www.brasa.org/portuguese/novidades>

mulheres. É um pouco do encontro dessas mulheres e homens, numa perspectiva mais dialógica, que pretendo explorar aqui.

Durante a pesquisa, escolhi trabalhar prioritariamente com mulheres das classes médias brasileiras e, em sua maioria, de cor de pele clara, não obstante se denominassem “morenas”.² Algumas dessas mulheres possuem curso superior completo, enquanto outras deixaram a universidade a fim de se deslocarem transnacionalmente. As motivações que as levaram a optar por tal trajetória variam do mais imediatamente econômico ou da impossibilidade de realização profissional a desejos mais subjetivos como conhecer outros mundos e viver novas experiências. Muitas delas também eram críticas contumazes do sistema de gênero e sexualidade brasileiros, do qual se sentiam alienadas. Divorciadas ou solteiras, essas mulheres viam no deslocamento transnacional a possibilidade de expandir as formas com que se relacionavam com o próprio corpo e com seus significantes outros.

A minha escolha de trabalhar com mulheres de classes médias se deve a duas razões interconectadas. Em primeiro lugar, gostaria de dissipar a imagem de imigrantes internacionais que trabalham na indústria do sexo como pessoas motivadas por um contexto de desespero e desprovidas de agência, presente tanto na mídia quanto em algumas das discussões feministas e acadêmicas sobre trabalho sexual. Em segundo lugar, ao escolher pessoas que, de certa forma, pudessem ser consideradas meus pares, socioeconômica e culturalmente, tinha em mente responder às críticas por vezes feitas à antropologia por se posicionar numa relação daquele que “representa” uma alteridade que se distancia do pesquisador, atribuindo a este uma autoridade daquele que se situa numa posição superior na hierarquia sócio-cultural ou que

² Categoria que discuto em sua intersecção com gênero, sexualidade, classe e transnacionalismo em outros momentos (Maia, 2009b, 2012).

se encontra geograficamente separado em diferentes estados-nações. Com isto, tentava enfatizar um parâmetro de pesquisa em que o outro aparece como interlocutor na reflexão de questões partilhadas num contexto em que tanto o pesquisador e o pesquisado são partes integrantes.

Quais as relações possíveis numa trajetória de vida transnacional? Quais os desejos e afetos incitados e quais as possibilidades de sua realização? Questões como estas, acredito, estão no cerne daquilo que se entende pelo dilema de grande parte da população mundial, envolvida mais ou menos diretamente com processos de globalização e transformação em formas de pensar, agir e sentir que acontece nos encontros transnacionais. Essas questões dizem respeito tanto ao pesquisador como ao pesquisado, num processo interlocutório, em que ambas as partes se perguntam o que é o ser no mundo e quais as formas possíveis de diálogos interculturais, aquilo que, ainda exploratoriamente neste artigo, chamo de cosmopolitismos.

Rechaçada por muitos devido a sua inevitável associação a projetos colonialistas que pretendiam impor valores ocidentais como universais, a ideia de cosmopolitismo permanece como um desconforto necessário, batendo às portas daqueles que imaginam possibilidades de diálogos para além das fronteiras nacionais, étnicas e culturais. O desconforto do termo se dá devido à sua ambivalente localização naquela área fluída de intersecção entre tradições diversas. O termo cosmopolita, como sabemos, remonta a uma longa tradição do pensamento ocidental, sendo referida à definição dada pelos gregos de cidadão do mundo, e consolidado particularmente no iluminismo Francês Kantiano. Em seu mais recente livro, *Cosmopolitanism and the Geographies of Freedom* (2009), o geógrafo David Harvey traça um estudo das contradições inerentes ao conceito de cosmopolitismo em sua acepção ocidental, e à contradição kantiana entre um universalismo romântico e uma

geografia particularista eurocêntrica, que impede que o primeiro se realize enquanto ideal cosmopolita. Para Harvey, tal contradição permanece na contemporaneidade e é com pessimismo que ele vê a possibilidade de um diálogo que se estabeleça numa condição de igualdade real entre as partes em interlocução.

Por outro lado, autores diversos tais como Appiah (1998), Bhabha (2001), Cheah and Robbins (1998), Mignolo (2000), Breckenridge, Bhabha, Pollock, e Chakrabarty (2000) teorizam formas plurais de cosmopolitismos vernáculos. Num movimento paralelo ao processo de uma globalização “*from bellow*”, imagina-se também um cosmopolitismo vindo de baixo pra cima, não apenas de elite e não apenas reduzido às esferas mais imediatamente políticas. Clifford (1992) fala de “cosmopolitismos discrepantes” e Rabinow (1986) deixa a questão para estudos etnográficos: se somos todos cosmopolitas, quando e como o somos?

Ao bem entender, e seguindo uma abordagem antropológica que não negligencia as particularidades, mesmo em busca de um diálogo que as transcenda, fala-se com mais propriedade em cosmopolitismos. O denominativo plural busca dar conta das intersecções que fazem com que o desejo de comunicação e de transcendência de fronteiras seja dado pela especificidade de suas formas e condições de existência (Ong, 1999; Kelsky, 2001; Constable, 2005). Busca-se com isso entender os vetores que motivam o impulso cosmopolita e que definem sua realização ou frustração nos diversos contextos em que se inserem. Este artigo concentra-se particularmente em entender um cosmopolitismo que, ao mesmo tempo, está impulsionado e mediado por uma linguagem e por uma percepção do exotismo sexualizado que impulsionou o processo colonizador dos trópicos³, e se atualiza através de uma

³ Ver Stolke, 2006, Sommer, 1990, para discussão sobre exotismo.

linguagem de emoções que transcende e questiona, na prática cotidiana, qualquer estereótipo mais fácil que permeia o encontro de homens e mulheres em espaços transnacionais. Assim, busco desenvolver, neste artigo, uma abordagem teórico-metodológica atenta à dimensão das emoções a fim de questionar as formas e linguagens através das quais o cosmopolitismo se manifesta nos variados encontros transnacionais.⁴

Para conversar sobre questões, por assim dizer, existenciais, e refletir como estas eram endereçadas de diferentes formas, escolhi concentrar minha pesquisa em um pequeno número de mulheres com quem desenvolvi uma relação mais próxima de pesquisa e amizade. A maior parte dessas mulheres trabalhava como dançarinas nos bares noturnos localizados no Queens, em Nova York, numa área que agregava uma significativa população imigrante de diversas partes do mundo: do Oriente Médio à América Latina, incluindo o Brasil num processo mais recente, e outras migrações anteriormente estabelecidas como da Itália e da Grécia. Ainda nessa região se encontrava uma parcela da população considerada “branca” americana, que se constituía na segunda ou terceira geração de descendentes de italianos e irlandeses.⁵ Homens de quase todos esses *backgrounds*

⁴ Esse tipo de abordagem está em consonância com a já referida antropologia interpretativa ou hermenêutica que traz à tona, ao lado de aspectos da subjetividade humana e das emoções, o encontro mesmo entre o pesquisador e o outro (Becker, 1997, Crapanzano, 2004; Kleinman, Das, e Lock, 1997; Irving, 2010; Lutz e White; 1986; Leavitt, 1996). Em artigo recente Irving e Reed (2010) se referem mais explicitamente a uma “metodologia cosmopolita”.

⁵ Para uma análise dos diversos grupos nacionais e étnicos que compartilham o espaço do Queens, ver Maia, 2009. Para uma análise específica sobre o processo de embranquecimento de irlandeses e italianos nos EUA, ver Frankenberg, 1997.

frequentavam bares noturnos onde essas mulheres trabalhavam.⁶

No “caldeirão étnico”⁷ que os bares representam, as dançarinas têm que discernir como os diversos clientes se encaixam em seus valores, tais como desenvolvidos num sistema de gênero, raça, sexualidade e classe definido transnacionalmente. Assim, pude observar, durante o trabalho de campo, algumas categorias que são utilizadas por essas mulheres a fim de classificar os homens que vão aos bares, e com quem estabelecem seus encontros interculturais diariamente: clientes, *sponsors*, bagaceiros, psicopatas e amigos. Todas essas categorias foram examinadas em outros momentos (Maia, 2009, 2012), porém aqui gostaria de chamar a atenção para apenas uma delas: amigos. Mais que uma categoria fixa, “amigos” é um termo que se transforma a partir dos diferentes contextos semânticos em que se torna significativa. Categoria bastante ampla e flexível, “amigos” usualmente tornam-se uma fonte de apoio simbólico e material, ocupando um importante papel na sociabilidade dessas mulheres, não apenas no contexto nova-iorquino, como também transnacionalmente.

Homens de diferentes *backgrounds* podem ser, em um momento ou outro, considerados como amigos. Em épocas de dificuldades, os amigos podem oferecer às suas amigas dançarinas uma ajuda financeira, ou podem pagar uma passagem para o Brasil, ajudar com logística dos trabalhos

⁶ O trabalho das dançarinas consiste em duas atividades interconectadas: dançar nas plataformas retangulares colocadas na parte interna do balcão que circunda o bar, em intervalos de vinte minutos, e socializar com os clientes, diverti-los, seduzi-los para que consumam mais, e que lhes dêem mais gorjetas enquanto dançam, que é a forma com que elas recebem grande parte do que ganham. Outra parte vem em forma ainda mais ambivalente, na intersecção entre o material e o simbólico, na forma de “presentes” e “ajudas”, nas relações que estabelecem com os clientes para além da cena do bar.

⁷ Nas palavras de Foner, 2000.

domésticos, com esclarecimento das leis de imigração, ou até mesmo lhes ajudar com o aprendizado da língua inglesa. Em troca, as mulheres lhes dão cuidadosa atenção nos bares, conversam sobre seus problemas de trabalho e família, servindo como valiosa companhia que afirma sua identidade masculina e que os fazem conhecer novos mundos.

O Brasil é, afinal, um espaço fértil para a imaginação de alteridades fantasiosas. Na relação entre dançarinas e seus amigos emergem padrões e significados que habitam justamente aquela esfera da ambiguidade, característica de qualquer encontro entre pessoas; porém mais fortemente explicitada em contextos transnacionais e diálogos interculturais. Acredito que nesses encontros e diálogos, o que está acontecendo é, de fato, a prática de algo que podemos definir como um tipo de cosmopolitismo.

O que apresento a seguir é um estudo de casos interconectados em que exploro um pouco da trajetória da relação de Nana, dançarina brasileira, seu amigo Tommy, descendente de irlandeses e italianos que frequenta os bares de Queens, e Fátima, que vive na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, amiga de Tommy. Examino aqui alguns dos processos decisórios envolvidos em suas vidas afetivas transnacionais e transações matrimoniais. Particularmente nos casos de Nana e Tommy, com quem tive uma relação mais próxima de amizade, pude conversar sobre a natureza da emoção vagamente definida como “amor”. Me interessa explorar como, através da linguagem das emoções, essas pessoas refletem sobre formas possíveis de conhecer e se relacionar com a alteridade, e como constroem um tipo possível de diálogo cosmopolita.

Classe/raça/desejo e emoções na construção de cosmopolitismos possíveis: um estudo de casos

Nana tinha 32 anos quando se mudou para Nova York a fim de trabalhar como dançarina erótica. Com uma pele muito branca e cabelos negros que lhe cobrem as costas, Nana é de uma família de classe média do interior da Bahia. Desde sua adolescência, Nana incorporou em seu comportamento valores que questionavam as relações de gênero, classe social e sexualidade, tal como estabelecidos em sua cidade natal. Viajando para a capital do estado no final de sua adolescência e entrando na universidade no final dos anos 80, Nana fez parte de uma geração que, assim como a década, considerava a si mesma algo como perdida em seus valores. Audiência atenta das bandas de rock americano e brasileiro, Nana compartilhou um contexto que experienciava, ao mesmo tempo, uma promessa de democracia, uma caótica economia e a transformação de valores que ocorreram nos anos 1980 e início dos 1990. Nana se formou em direito em Salvador e logo depois de passar no exame da OAB começou a trabalhar numa renomada firma de advocacia. Com muito rancor, viu seus sonhos de ascensão social frustrados por um advogado chefe extremamente sexista e classista, que realizava progressão de carreira apenas de jovens moços advindos de seu mesmo grupo social. Imbuída de desejos por emancipação econômica e de gênero, Nana quis comprar seu próprio apartamento e viver só. A oposição da família se acrescentou a dificuldade financeira e, em pouco tempo, Nana percebeu que não poderia mais continuar a trajetória que se lhe impunha naquele contexto.

Quando lhe perguntei como imaginava Nova York antes da viagem, a primeira coisa que lhe veio à mente foi a noite. Adepta das noites boêmias, em *clubs* soteropolitanos e paulistas, Nana nunca se identificou com samba e, embora gostasse de algumas festas de rua que acontecem de acordo

com o ciclo ritual sincrético de Salvador, detesta carnaval. O cosmopolitismo de Nana se parecia com uma irmandade imaginada com as classes médias de outras partes do mundo e com mulheres que se rebelavam contra papéis tradicionais de gênero. Mas o que ela imaginava não correspondia exatamente à realidade e Nana muitas vezes se via confusa com os símbolos de classe, raça, masculinidade e feminilidade inscritos nas pessoas que encontrou em Nova York; e confusa também quanto aos tipos de relações possíveis e desejáveis naquele novo contexto.

Quando se mudou para Nova York, uma coisa se tornou clara: ela não queria se tornar uma imigrante ilegal naquele país e faria o que fosse necessário para evitá-lo, inclusive se casar. Os tipos de casamentos que Nana poderia considerar se distinguiam em três diferentes modalidades: um contrato pago com alguém que não conhecesse, mas que participasse de uma rede de relações deste tipo e que, na época, custava cerca de 8.000 dólares; um contrato com um “amigo” como Tommy, em que valores mais subjetivos e ambivalentes são trocados; ou um casamento “de verdade”, em que aconteceria a fusão de um amor romântico e o interesse legal e socioeconômico, algo que seria talvez melhor definido como um amor pós-romântico ou pós-moderno. Foi nessa época que Nana começou a se questionar angustiadamente sobre a natureza do que sentia em relação à trajetória de vida que lhe era possível naquele contexto. Seguindo seus preceitos de classe e raça, Nana considerava a relação com homens gregos ou italianos mais velhos indesejável e, entre os diversos tipos de homens que encontrava no bar, os únicos que lhe atraíam, como possibilidade real, eram os considerados “brancos” e jovens.

Antes mesmo de seu visto expirar, Nana tinha duas possibilidades em vista: Jimmy e Tommy. Jimmy é um descendente de irlandeses e italianos que vivia nos subúrbios da Filadélfia. Pelo seu poder aquisitivo, sua história de família e

sua casa no subúrbio, Jimmy poderia ser considerado classe média, e foi essa possível identidade de classe e raça que atraiu Nana desde o primeiro momento. No entanto, numa visão mais cuidadosa, Nana pode observar que Jimmy não tinha exatamente a outras marcas de classe e grupo social que ela valorizava. Apesar de seu poder aquisitivo, Jimmy não havia frequentado universidade, e seu comportamento se mostrava um tanto conservador em relação a contratos matrimoniais. Ele queria um casamento de verdade, e isso implicava um laço afetivo talvez maior do que Nana desejava naquele momento. Por outro lado, Jimmy era um homem sensível, que gostava de teatro e também ouvia rock, gostava de festas, e bebia um pouco mais do que o usual, assim como Nana. As identidades e não-identidades entre os dois eram cuidadosamente analisadas por mim e por Nana, nas longas tardes de verão novaiorquino: “Caso ou não caso, e se o machucar e se me machucar, e se tudo não passar de um grande engano?”.

Também nessa mesma época, Nana conheceu Tommy, um homem de cerca de 30 anos, corpo branco, forte e alto, cabelos castanhos e olhos azuis. Com um emprego como eletricitista sindicalizado que representa certa segurança em termos de previdência social, Tommy pode ser considerado politicamente um liberal e sempre teve curiosidade por mulheres que não pertencem a seu grupo social de origem. Sua ex-namorada é uma americana-haitiana que trabalha como contadora numa corporação e com quem ele se relacionou por três anos. O motivo da separação, segundo Tommy, é que ela queria um casamento convencional com crianças e uma casa no subúrbio, o que não correspondia exatamente às expectativas de Tommy para um futuro próximo.

Nana chegou a sugerir casar-se com Tommy, em nome da amizade que eles estavam nutrindo, mas que ainda não estava suficientemente estabelecida para uma proposta tão comprometedora. Afinal, Tommy não via nenhuma vantagem

óbvia nessa transação, quando via diante de si uma ampla gama de possibilidades do que fazer com seu tão valioso passaporte estadunidense (algum tempo mais tarde soube que Tommy havia se casado por 8 mil dólares com uma outra brasileira e que já estava se separando a fim de entrar num segundo casamento arranjado). Naquela época, ele estava apenas começando a conhecer essa outra realidade social.

Tommy não gosta de pensar sobre si mesmo como um cliente regular dos bares noturnos. Ele se define como alguém que pára apenas de passagem para beber uma cerveja e dar um alô para as “meninas”, como define suas amigas dançarinas, a maior parte brasileira. “Algumas delas são muito inteligentes, como Nana, pena que tenham que trabalhar num lugar como esse”, diz Tommy, em seu modo ambivalente de tratar a cena do bar e as implicações valorativas do tipo de serviço que ali é oferecido.

Quando conheci Tommy, ele costumava passar as tardes num apartamento de subsolo que Nana dividia com Ivana, uma jovem dançarina de 22 anos, vinda do Rio Grande do Sul. Às vezes, ele as convidava para comer fora, ou as levava em seu carro para passear no *shopping* ou ir a Long Island. Como um “amigo”, Tommy também as ajudava com o aprendizado do inglês e fazia pequenos serviços e consertos no apartamento. As meninas, como ele dizia, o ajudavam a quebrar a monotonia dos seus dias. Ele particularmente gostava de ouvir notícias sobre o Brasil, e Nana contava sobre música, filmes, e mostrava fotos e revistas daqui. “Você deveria ir lá, o Brasil é um lugar ótimo de visitar, só não é para morar”, e mencionava também as dificuldades financeiras que ela própria vivia e o problema com a violência urbana. Com o passar do tempo, Tommy começou a considerar mais objetivamente a possibilidade de uma viagem ao Brasil, para conferir os diferentes elementos do país que se misturavam em sua mente: as mulheres, a beleza e o caos.

Tommy comprou um livro de frases de português e, com ajuda de Nana, começou a aprender a língua. Como ele já havia feito aulas de espanhol na escola secundária, o processo foi relativamente fácil. Paralelo ao aprendizado da língua, Tommy começou a pesquisar sites da internet que promoviam encontros entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros. Para Tommy, uma coisa parecia clara: ele queria conhecer o país através de um contato íntimo com o corpo de suas mulheres, mas não necessariamente através de uma relação estável. Entre os vários sites que ele pesquisou, o que mais lhe chamou a atenção foi o site de um alemão que vivia no Rio de Janeiro por mais de dez anos.⁸ “Além de serem bonitas, as brasileiras gostam de sexo”, Tommy me disse, compartilhando uma crença comum a discursos que intersectam nação e sexualidade em arenas transnacionais e de acordo com definições hegemônicas da identidade brasileira, tal como historicamente concebida numa arena global.

Em sua chegada ao Rio, acompanhado de seu amigo de infância (que já havia viajado para Tailândia em turismo sexual e que tinha uma namorada da Indonésia em NY), Tommy se hospedou num pequeno hotel em Copacabana. No dia seguinte, ele e seu amigo se encontraram com o alemão, Hans, e tomaram cerveja nos bares da calçada, enquanto observavam as mulheres que passavam, muito parecidas com aquelas apresentadas nas fotos do site de Hans. Eles as encontrariam logo mais à noite, na *Help*⁹. Logo após sua chegada, Tommy alugou, via Hans, uma pequena cobertura com piscina em Copacabana, e também pagava todas as despesas das festas que Hans lá promovia:

⁸ Este site só é acessível com uma senha pela qual se pagava uma taxa, e que ele me apresentou durante uma de nossas entrevistas. Enfatizando a beleza “natural” do Rio e de suas mulheres, o site mostra fotos de mulheres, quase todas de cor de pele escura, em poses eróticas.

⁹ Clube noturno do Rio de Janeiro, ponto de turismo sexual transnacional, fechado em 2010.

mulheres, comida, bebidas e o que mais viesse. As festas começavam sempre no início da tarde e iam pela noite adentro. Tommy me mostrou os vídeos em que ele documentara tais festas.

Hans tem uma aparência de bonachão e, no vídeo, parecia estar se divertindo. Talvez não fosse apenas uma questão de dinheiro, mas de compartilhar uma maneira de ser no mundo e de celebrar uma irmandade com outros homens brancos do hemisfério norte, se divertindo, ao mesmo tempo em que estavam “ajudando” essas mulheres. A retórica de “ajuda” aparece com frequência em minhas conversas com Tommy.¹⁰ É como se o atrativo sexual dessas mulheres fosse justificado pela inerente posição de desigualdade em que elas se encontram, num processo muitas vezes definido como a sexualização da pobreza, acrescido do viés racial, particularmente no caso do Brasil. De acordo com Tommy, por causa da mistura racial e o clima quente e festivo, mulheres brasileiras, particularmente de cor escura e que acontecem de serem também as mais pobres, gostam de sexo. Segundo sua concepção, para elas, *“it’s not a big deal”*¹¹ fazer sexo por dinheiro e se divertir ao mesmo tempo. Ecoando um dos mais banais estereótipos, Tommy comenta comigo: “Nana acha que eu gosto de *“blackies”*, mas não, eu não gosto quando elas têm o nariz achatado e quando sua pele é muito escura, eu gosto delas misturada, mas *with buttocks, I like them mixed*”¹².

Além do mais, com muito menos dinheiro do que ele pagaria para trabalhadoras sexuais em NY, Tommy poderia se

¹⁰ Ver Brennan (2002) e Piscitelli (2007) para uma análise da importância dessa “ajuda”, em sua materialidade e enquanto metáfora na mediação de relações transnacionais.

¹¹ Aproximadamente traduzido como: “tanto faz”, “não é uma grande coisa/um grande problema” para elas.

¹² ... “com bundas, eu gosto delas misturadas”.

divertir com várias mulheres, ao mesmo tempo em que as estaria “ajudando”. Em sua segunda visita ao Brasil, em algum ponto de sua aventura de dinheiro por sexo, sexo por prazer, e por ajuda, Tommy começou a sair com mais frequência com uma jovem mulher, 21 anos, de pele escura e que morava numa comunidade periférica do Rio de Janeiro; mais especificamente, para o *thrill*¹³ de Tommy, na Cidade de Deus, lugar em que se passou o mundialmente celebrado filme de Fernando Meirelles. Tommy conheceu Fátima na *Help* e, a princípio, nada a diferenciou das outras mulheres que trabalhavam no bar.

Nas subsequentes visitas de Tommy, porém, Fátima começou a telefonar para o apartamento que ele alugava e a ficar mais tempo com ele que as outras mulheres. O argumento de Fátima era de que, como morava muito longe, precisava de um lugar para dormir na cidade. Depois de um tempo, ela o convidou para comer uma feijoada em sua casa e foi com espanto que Tommy adentrou pela primeira vez numa favela. O mau-cheiro dos esgotos abertos se mistura na imaginação de Tommy com a representação de outra humanidade, que ele experencia como até mais humana do que ele vivenciava nos Estados Unidos. “*It was so human*”¹⁴, foi o que ele me disse tentando traduzir o que sentiu naquele momento. Sete membros da família de Fátima moravam numa pequena casa de dois quartos, enquanto uma das primas tinha um sério problema locomotor devido a um acidente. A casa precisava urgentemente de reparos. De volta ao apartamento em Copacabana, Tommy deu a Fátima \$500.00 dólares. Ele passou a se sentir responsável por ela e, depois que retornou aos Estados Unidos, começou a lhe enviar dinheiro mais regularmente.

Foi num sábado à tarde, entre uma cerveja e outra num *pub* irlandês no bairro do Queens, que conversei com Tommy

¹³ Frêmito, excitação.

¹⁴ “Era tão humano”.

sobre o que ele sentia por Fátima. “*So, I heard that you have girlfriend in Brazil now...*”¹⁵, iniciei a conversa e ele começou então a me contar, voluntariamente, entre um *pint* e outro de cerveja, sobre ela. Nesse momento, os discursos generalizantes e estereótipos comuns tomaram um tom mais intimista, mais pessoal. Não se tratava mais da mulher brasileira em geral, mas alguém que a incorporando, atualizasse seus valores e contradições, que confundisse o que vagamente sabemos. Ele, então, me falou sobre sua precária condição de vida e me disse que nunca se sentiu assim antes, que ele nunca tinha feito algo de significativo em sua vida, e que essa era a primeira vez que realmente fazia algo para outra pessoa. Tommy estava até pensando em trazer Fátima para os Estados Unidos, e tinha contatado um advogado dedicado a processos migratórios, um colombiano, conhecido de Nana e outras dançarinas do Queens.

O único grande problema [disse Tommy] é que eu não quero casar, eu não acredito no amor, *you know*, mas ela pensa que me ama, ela é muito jovem, ela não sabe ao certo das coisas, o que eu posso dizer pra ela? Que ela não me ama? Que o que ela ama é uma ideia de homem americano que tem grana? Eu não posso dizer exatamente isto pra ela, que eu quero ajudar, mas que não tem nada a ver com amor. Como eu posso dizer isto? Nós mal podemos nos comunicar, ela não fala nada de inglês e o meu português tampouco funciona muito bem para falar dessas coisas.

“Talvez você pudesse tentar explicar pra ela”, foi a única coisa que consegui dizer, sem querer interferir demais em sua reflexão, ao mesmo tempo em que o permitia ir adiante. Ele franziu a testa, olhando fixamente para o copo.

¹⁵ “Então, eu ouvi dizer que você agora tem uma namorada no Brasil...”

Cosmopolitismo, desejos e afetos

I don't know [ele disse e tomou outro gole de cerveja, e continuou], se eu disser isto pra ela, ela ainda vai querer vir pra aqui, se ela aceitar a minha ajuda. *I don't know* [ele começou da mesma forma reflexiva], se amor é como gostar, se importar se ela está bem, se ela vive ou morre, eu acho que eu amo ela. Mas eu não quero me comprometer, apesar de tentar fazer o melhor que eu posso se ela vier morar comigo. Eu queria que ela soubesse que pode encontrar um cara mais rico, *you know*, ela é jovem e bonita, e ela pode ter algo melhor. Mas eu poderia viver com ela, sim, poderia. Talvez eu a ame, *after all*.

Afetos, desejos e diálogos possíveis: algumas reflexões

Pela entonação da voz de Tommy, pude perceber que entre as miríades de fatores que estão envolvidos nessa simples conversa, uma coisa o preocupava e ele queria que isso ficasse claro para Fátima: o significado do que sentia. Em dois anos depois de sua primeira visita ao Brasil, Tommy havia retornado ao país oito vezes. A cada viagem, ele se tornava mais próximo de Fátima, ao mesmo tempo em que vivia uma vida paralela e independente em Nova York. Casou-se por contrato com uma “amiga” brasileira e estava para se casar com uma segunda. Sua vida continua a mesma, sem grandes perspectivas profissionais e sem grandes ambições. Relativamente à geração de seus pais, Tommy sente, assim como a maior parte das classes trabalhadoras americanas, a perda de seu poder aquisitivo e a instabilidade de sua seguridade social, em termos de acesso a serviços e incentivos. Tal processo também se passou com o homem estadunidense com quem Nana finalmente se casou, Jimmy, em relação à mudança de expectativas das classes trabalhadoras “brancas”, muitos dos quais descendentes de italianos e irlandeses, principalmente.

O que sentia em sua relação com Jimmy era também uma preocupação para Nana, que usava a linguagem das emoções para refletir sobre pontos e escolhas cruciais de sua trajetória. Por mais que Nana desejasse um homem branco, jovem e que se adequasse às condições de aceitabilidade social tal como definida transnacionalmente com referência a classe e raça no Brasil, ela também sabia que essa relação tinha contradições e ambiguidades profundas. Nas minhas intermináveis conversas com Nana, no momento em que ela tentava entender o que sentia ao decidir se casaria ou não no contexto de migração, ficaram explicitadas as contradições entre seus ideários de mulher livre e uma trajetória inesperadamente conduzida a um casamento, de certo ponto de vista desejável, mas destituído do aspecto aventureiro que ela mais almejava anteriormente à sua mudança.

Não realizei pesquisa com Fátima. O que sei dela me foi relatado por Tommy, ou deduzido de relações similares pelas quais passam outras mulheres que não partilham das mesmas possibilidades de se deslocarem para outros espaços geográficos ou outras esferas de classe e *status*. Há excelentes estudos, a exemplo do desenvolvido por Piscitelli (2004) sobre trabalhadoras sexuais, namoradas, e amigas, do ponto vista das mulheres no Brasil sendo desenvolvidos, em que podemos também notar que as relações transnacionais que acontecem aqui não são menos eivadas de ambiguidades, dúvidas, desejos, cálculos nem sempre precisos, e reflexões sobre a natureza do sentir.

O que esses três personagens ilustrados aqui sentem e calculam não estão separados, mas fazem parte dessa mesma gama de comunicabilidade e transculturalidade em que o *eu* e o *outro* negociam os limites de suas relações, baseados em ideias sobre a natureza das emoções, dos desejos, dos afetos, e da materialidade do existir, num contexto típico de um diálogo que defino aqui como um tipo de cosmopolitismo.

Reverendo suas histórias, retomo como ponto para reflexão a questão do cosmopolitismo de um ponto de vista antropológico, parafraseando a reflexão proposta por Rabinow (1986): se são todos eles cosmopolitas, resta-nos saber quando e de que forma o são. Se em todas essas relações admitimos o desejo de conhecer o outro, a existência de afetos e o ímpeto da reflexão e diálogo como características centrais de uma atitude cosmopolita, devemos observar também que esses afetos e desejos não se manifestam ou se realizam da mesma forma. Nana, Tommy e Fátima representam posições sociais marcadamente diferentes no diálogo intercultural e nas possibilidades de relação de seus desejos.

Evitando uma visão maniqueísta de vilões e vítimas que a grande mídia nos passa, não se trata aqui de homens brancos predadores de mulheres indefesas, ou de mulheres desesperadas e sem agência para escolher, mesmo que em precárias condições. Desigualdades existem e persistem, mesmo na atmosfera otimista em que o Brasil se encontra. O que defendo neste artigo é a necessidade de se explorar as diversas formas e linguagens através das quais encontros transnacionais acontecem, assim como os aspectos afetivos e desejantes de um possível diálogo cosmopolita. Diálogo este que ultrapassa as esferas do oficialmente político, penetrando as esferas de intimidade, não menos importantes na compreensão das novas formas de relações possíveis num mundo transnacional e em constante transformação.

Referências bibliográficas

APPIAH, Kwame Anthony. Cosmopolitan Patriots. In: CHEAH, Pheng e ROBBINS, Bruce. (eds) *Cosmopolitics: Thinking and Feeling Beyond the Nation*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1998, pp.91-116.

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui... estar lá... uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: REIS, Rossana R.; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo, Boitempo, 1999, pp.125-167
- BECKER, Gaye. *Disrupted Lives: How people create meaning in a chaotic world*. Berkeley, University of California Press, 1997.
- BHABHA, Homi. Unsatisfied: notes on vernacular cosmopolitanism. In: CASTLE, Gregory. (org.) *Postcolonial Discourses: an anthology*. Oxford, Blackwell Publishers, 2001, pp.191-207.
- BRENNAN, Denise. Sex Tourism as a Stepping-stone to International Migration. In: EHRENREICH, Barbara e HOCHSCHILD, Arlie R. (eds.) *Global Woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy*. New York, Owl Book, 2002, pp.154-168.
- CHEAH, Pheng e ROBBINS, Bruce. (eds.) *Cosmopolitics: Thinking and feeling beyond the nation*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1998.
- CLIFFORD, James. Traveling Cultures. In: GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary e TREICHLER, Paula A. (eds.) *Cultural Studies*. London, Routledge, 1992, pp.96-116.
- CONSTABLE, Nicole. (ed.) *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Asia*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2005.
- CRAPANZANO, Vincent. *Hermes Dilemma and Hamlet's Desire: On the Epistemology of Interpretation*. Cambridge, Harvard University Press, 1992.
- _____. *Imaginative Horizons: An Essay in Literary-Philosophical Anthropology*. Chicago, University of Chicago Press, 2004.
- FONER, Nancy. *From Ellis Island to JFK: NY's two great waves of immigration*. New Haven, Yale University Press, 2000.
- FRANKENBERG, Ruth. Local Whiteness, Localizing Whiteness. In: FRANKENBERG, Ruth. (ed.) *Displacing Whiteness*. Durham, Duke University Press, 1997.

Cosmopolitismo, desejos e afetos

- GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York, Basic Books, 1973.
- HARVEY, David. *Cosmopolitanism and the Geographies of Freedom*. New York, Columbia University Press, 2009.
- IRVING, Andrew. A Strange Distance: Towards an Anthropology of Interior Dialogue. *Medical Anthropology Quarterly*, vol. 25 (1), 2010, pp.22-44.
- IRVING, Andrew e Adam REED. 2010. Is it useful to talk about a cosmopolitan method? *Social Anthropology*, vol. 18 (4), pp.454-463.
- KELSKY, Karen. *Women on the Verge: Japanese Women, Western Dreams*. NC, Duke University Press, 2001.
- KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena e LOCK, Margaret. (eds.) *Social Suffering*. Berkley, University of California Press, 1997.
- LEAVITT, John. Meaning and feeling in the anthropology of emotions. *American Ethnologist*, 23 (3), 1996, pp.514-539.
- LEVY, R. I. Emotion, knowing and culture. In: SHWEDER, R. A., LEVINE, R. A. *Culture Theory: Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- LUTZ, Catherine e WHITE, Geoffrey. The Anthropology of Emotions. *Annual Reviews of Anthropology*, 15, 1986, pp.405-36.
- MAIA, Suzana. *Transnational Desires: Brazilian Erotic Dancers in New York*. Vanderbilt University Press, 2012 (no prelo).
- _____. Brazilian Women Crossing Borders. In: AARON, Jane; ALTINICK, Henrice e WEEDON, Chris. (orgs.) *Gendering Border Studies*. Cardiff, University of Wales Press, 2010.
- _____. Intersections of the Transnational. *Vibrant*, vol. 6, 2009a, pp.37-64 . http://www.vibrant.org.br/downloads/v6n1_maia.pdf
- _____. Sedução e Identidade Nacional: mulheres brasileiras que trabalham como dançarinas eróticas em NY. *Revista Estudos Feministas*, vol. 17, 2009b, pp.769-797.

- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: an Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ, Princeton University Press, 1994.
- _____. Bibliography of Brazilian Emigration.
<http://www.brasa.org/portuguese/novidades>
- ONG, Aihwa. *Flexible Citizenship: the cultural logics of transnationality*. Durham, Duke University Press, 1999.
- PISCITELLI, Adriana. Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo Sexual Internacional e Migração feminina. In: PISCITELLI, GREGORI e CARRARA. (orgs.) *Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.
- POLLOCK, Sheldon, BHABHA, Homi K., Breckenridg e CHAKRABARTY, Dipesh. Cosmopolitanisms. *Public Culture* 12 (3), 2000, pp.577-589.
- POVINELLI, E. e CHAUNCEY, G. Thinking Sexuality Transnationally. *GLQ* 5, 1999, pp.439-50.
- RABINOW, Paul. Representations are Social Facts: Modernity and Post-Modernity in Anthropology. In: CLIFFORD e MARCUS (orgs.) *Writing Culture*. University of Califórnia Press, 1986.
- RAPPORT, Nigel. An Outline for Cosmopolitan Study: reclaiming the human through introspection. *Current Anthropology*, 48(2), 2007, pp.257- 284.
- SOMMER, Doris. Irresistible Romance: the foundational fictions of Latin America. In: BHABHA, Homi. (ed.) *Nation and Narration*. New York, Routledge, 1990, pp.71-98.
- STOLKE, Verena. O Enigma das Intersecções: classe, “raça”, sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Revista Estudos Feministas*, 14, 2006, pp.15-42.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Representações sobre gênero, amor e sexo

Paula Christofolletti Togni*

Introdução

Uma Lisboa desconhecida... Para mim, que há 6 anos vivo em regiões centrais da cidade. Este foi o meu primeiro contato com uma região periférica da Grande Lisboa, a Linha de Sintra. São aproximadamente 30 minutos de trem: lotado, muitas pessoas em pé, com rostos cansados e desanimados de mais um fim de dia. A maioria das pessoas parece oriunda da África portuguesa. Aliás, essa é a principal referência sobre o Cacém em Lisboa: um bairro “perigoso”, com alto índice de delinquência juvenil vinculada aos jovens descendentes de africanos, nomeados como os de “2ª geração”. Já era noite, passava das 18 horas, inverno. Não conseguia ver quase nada, somente prédios que pareciam ser todos iguais... Esperava Sheila no café Luso, em frente à Estação de Comboios [trem] (Caderno de Campo, 04 de janeiro de 2010, Lisboa).

Em janeiro de 2010, conheci Sheila¹, 23 anos, natural de Mantena (Minas Gerais) e que vive em Portugal há quatro anos. Foi por intermédio de Sheila e sua família que identifiquei um grupo de aproximadamente 26 jovens oriundos do interior de

* Doutoranda em Antropologia - IUL - Instituto Universitário de Lisboa. CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia. tognilisboa@gmail.com

¹ Os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Minas Gerais e que atualmente vivem em Portugal ou já viveram anteriormente – um fluxo migratório específico que denomino como Mantena-Cacém. Sheila tem dois irmãos, Wellington (28 anos) e Beto (26 anos). Na época em que decidiu imigrar para Portugal, os dois já estavam no Cacém. Wellington imigrou primeiro, quando tinha 20 anos. Posteriormente, veio Beto que permaneceu dois anos e já regressou ao Brasil. Além dos irmãos, Maicon, vizinho de Sheila, seu primo Jonas e a amiga Camila também vieram para Portugal.

A descoberta desse fluxo migratório marcado por redes migratórias bastante consolidadas e de um grupo de jovens² que migraram entre os 18 e 20 anos se constituindo como um grupo cuja característica fundamental é a ausência de familiares adultos em Portugal, uma vez que os jovens migraram sozinhos e/ou com irmãos, primos e amigos, marcou a minha decisão em relacionar sexualidade³, identidade e transnacionalização dos relacionamentos afetivo-sexuais. A intenção era compreender se a experiência da imigração na juventude tem alterado os códigos de sexualidade, articulados a diversos marcadores de diferenciação.

A possibilidade de trabalhar com jovens oriundos de um mesmo contexto – uma cidade de pequeno porte – e que vivem num mesmo espaço na sociedade de destino pode trazer contribuições analíticas distintas da literatura produzida sobre a imigração brasileira em Portugal, assim como novos

² Utilizo o termo juventude como processo e não como “grupo etário”. Debert e Goldstein (2000) apontam para o fato de que a juventude parece ser socialmente definida e que a experiência etária deve ser pensada como algo relacional e performático.

³ A sexualidade será examinada como parte constitutiva da subjetividade e/ou identidade individual e social e concebida como representação, desejo ou simplesmente como atividade ou comportamento; além de incluir outros campos de significação, como moralidade, família e parentesco (Ortner e Whitehead, 1980; Piscitelli, Gregori e Carrara, 2004).

elementos para a discussão sobre sexualidade juvenil no Brasil. A cidade onde a maioria dos jovens vivia no Brasil é Mantena, localizada no leste de Minas a 460 km de Belo Horizonte, uma zona de fronteira entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo.⁴ Em Mantena, a etnografia foi realizada em dois cenários privilegiados: o Bairro dos Operários (Morro do Margoso), situado no centro, e a zona rural de Cachoeirinha de Itaúnas, localizada a 12 km de Mantena, por se configurarem como zonas marcadas por redes migratórias bastante consolidadas, sendo visível a alteração no espaço com a verticalização das moradias, as chamadas “casas modernas”, pelo número crescente de agências de viagem na cidade, como também pelo fato de que a grande maioria das pessoas possui um familiar, amigo ou conhecido que reside ou já residiram em Portugal ou nos EUA.⁵

Jurandir, dono de uma das principais agências de viagem de Mantena, narra sobre o intenso fluxo de imigração para Portugal e suas dinâmicas:

Eu nunca vendi nenhuma excursão... aqui, o que eu sempre vendi foi passagem para Portugal. Chegava a fazer quase 130 passageiros por semana. Mandava quase uns 700 passageiros por mês ganhando 2.000 reais em cada um, principalmente nos anos de 2004 e 2005 quando o euro valia mais. No início, a gente mandava para Espanha, porque era mais certo. Os espanhóis não

⁴ A microrregião de Mantena faz parte do estado de Minas Gerais e é pertencente à mesorregião Vale do Rio Doce. Sua população foi estimada, em 2006 pelo IBGE, em 58.957 habitantes e está dividida em sete municípios. As microregiões limítrofes são Governador Valadares, Aimorés, Teófilo Otoni e Barra de São Francisco, cidade à qual a zona rural de Cachoeirinha de Itaúnas pertence.

⁵ Desde a década de 1960, a cidade de Governador Valadares é associada a um fluxo populacional direcionado para os Estados Unidos. Para análises socioantropológicas sobre esse fluxo, ver Assis (2007, 2008) e Siqueira (2009).

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

mandavam ninguém para entrevista. Direto para Portugal muitos deles vinham com uma carta convite, mas que não servia para nada. Ele [o concorrente] inventou uma coisa chamada “viagem garantida”, ele é muito sagaz. Um deve ter voltado e ele pensou: “esse cara voltou e eu perdi dinheiro, eu vou cobrar o dobro e vou mandar todo mundo, se o cara passar aí eu ganhei, eu vendi uma passagem e ganhei outra, agora se ele não passar com o próprio dinheiro dele eu vou pagar outra passagem para ele”...ganhou dinheiro que eu vou te dizer.

O lugar de destino desses jovens em Portugal é o Cacém, considerado uma região periférica da Grande Lisboa. A reputação de periferia do “bairro”⁶ está associada à distância das áreas mais centrais e igualmente por uma segregação espacial étnica. A maioria das pessoas que habitam o Cacém é oriunda da África portuguesa – Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde – e, mais recentemente, do Brasil.⁷

Em Portugal, a forte vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição⁸ e a visibilidade concedida na

⁶ Em Lisboa, a mais baixa subdivisão administrativa é a freguesia, contudo, existem subdivisões informais dessas mesmas freguesias que são os bairros. A cidade de Agualva-Cacém é composta por quatro freguesias: Cacém, Mirasintra, São Marcos e Agualva. Neste artigo, utilizo como referência o termo “bairro”, por considerá-lo mais inteligível no contexto brasileiro.

⁷ Para uma discussão sobre os bairros periféricos da Grande Lisboa e os jovens “lusso-africanos” ou de “2ª geração”, ver Machado (1994) e Rosales, Cantinho e Parra (2009).

⁸ O episódio que ficou conhecido como “Mães de Bragança” (2003) pode ser considerado um forte exemplo, além de se configurar como um marcador fundamental na construção simbólica de uma “mulher brasileira” que gerou desconfiança e uma associação quase direta dessas mulheres à prostituição. O movimento foi um protesto feminino das mulheres portuguesas da aldeia de Bragança, situada na região Norte de Portugal, contra as mulheres brasileiras trabalhadoras do sexo, e “contra os efeitos nefastos da prostituição na

mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante”⁹ parece influenciar de forma direta as construções sexuais e afetivas dos jovens migrantes que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente nacionalidade, cor da pele/raça e gênero.

Vale a pena ressaltar que, a partir de 2003, o fluxo de imigração brasileira em Portugal começa a ser marcado por uma crescente feminização, semelhante a outros cenários de imigração brasileira na Europa. Segundo Piscitelli (2008), a transnacionalização da indústria do sexo e dos vínculos amorosos – sobretudo através do turismo sexual e das migrações – tem revelado os modos como a feminilidade brasileira é associada a noções interpostas de sexualidade, gênero, cor da pele/raça e nacionalidade: uma mulher exótica, com um *locus* erótico e com um estatuto jurídico de marginalidade. A autora conclui que essas articulações entre marcadores de diferença são ativadas independentemente do fato dessas mulheres estarem ou não vinculadas à indústria do sexo (Piscitelli, 2008:269).

O signo “mulher brasileira” é construído simbolicamente através de imagens e discursos produzidos pela mídia¹⁰ e pelo

estabilidade da família tradicional”. A visão das mulheres locais em relação às mulheres brasileiras que vinham “roubar os seus maridos portugueses”, após ocupar oito páginas da revista inglesa *Time*, foi intensamente midiaticizada em Portugal. [<http://www.time.com/time/europe/html/031020/story.html> – acesso em 07-04-2011].

⁹ Em 2009 os brasileiros representavam 25% dos imigrantes regularizados, constituindo-se a maior “comunidade imigrante” em Portugal (SEF, 2009; OIM, 2009)

¹⁰ Para uma discussão sobre as representações da mulher brasileira na mídia portuguesa, ver Pontes (2004).

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Estado¹¹, o que aumentou a visibilidade da migração feminina e se refletiu também na agenda acadêmica. Inicia-se um processo de incorporação do gênero (leia-se mulheres) como categoria analítica nas produções sobre a imigração brasileira em Portugal. Alguns dos primeiros trabalhos publicados foram os de Pontes (2004) e Téchio (2006), cujo objetivo principal foi discutir a sobreposição de marcadores sociais, nomeadamente gênero, nacionalidade e sexualidade.

No entanto, o que era um signo parece ter se tornado uma categoria de análise. Investigar sobre “*as mulheres brasileiras em Portugal*” acabou por obscurecer o fato da não existência de um sistema de gênero homogêneo, nem no Brasil nem em Portugal, como também a não articulação do gênero com outras categorias de diferenciação como geração, classe, cor da pele/raça e origem regional. As reconfigurações identitárias mediadas pela essencialização e exotização da identidade nacional brasileira e da sexualização dessas mulheres têm sido o objeto de análise na produção acadêmica em Portugal (Padilla, 2007; Azevedo, 2008 e Fernandes, 2008).

Essas análises separam as relações entre dinheiro e interesse, exclusivamente ao mercado do sexo, e afeto e amor, unicamente às famílias e relações conjugais. No entanto, as fronteiras entre essas categorias mostram-se tênues e reclamam reflexões que se centrem na complexidade e ambiguidade das relações entre sexo, dinheiro, amor, interesse e afeto, que parecem permear todas as relações afetivo-sexuais. Dolabella (2009), na tese intitulada “Namoradinhas do Brasil ‘na noite’

¹¹ O discurso sobre o Tráfico de Pessoas e os Casamentos de Conveniência vinculados, sobretudo, à mulher e à nacionalidade brasileira se constituem como exemplos de “pânicos morais”, estrategicamente criados como fenômenos sociais relevantes em Portugal, após a produção e repercussão sucessiva de matérias, cenas publicitárias e discussões de senso comum que estigmatizaram a mulher brasileira. Cria-se as imagens e as narrativas que posteriormente legitimaram a criação de leis restritivas (Alvim; Togni, 2010).

lisboeta: homens portugueses e mulheres brasileiras no contexto das casas de alterne¹²”, inicia uma discussão que pretende romper com os limites teóricos estabelecidos nessas pesquisas. Através da figura do “namorado/cliente” e suas relações com as meninas alternes, a autora considera que essas relações são interessantes para se pensar em “como os intercâmbios (ajuda/afeto) presentes no contexto migratório podem ser vistos em termos de poder” (id.ib:24).

No entanto, no que se refere à imigração brasileira em Portugal, são escassas as pesquisas que, na tentativa de analisar o papel da sexualidade na formação discursiva e nas experiências dos migrantes, levam em consideração os cenários de origem, as experiências e os aprendizados iniciais. A ideia de que o aprendizado da sexualidade no Brasil é marcado pela existência de um forte sistema de categorias de gênero – macho e fêmea, masculinidade e feminilidade, atividade e passividade – também devem ser incluídas no quadro de leitura dos comportamentos e repertórios dos jovens brasileiros em Portugal.

A pesquisa intitulada “A Europa é o Cacém? Juventude, gênero e sexualidade nas migrações”, cujos dados preliminares são trabalhados neste artigo, se torna singular justamente por possibilitar uma análise comparativa pela realização de uma etnografia multilocalizada – no Brasil e em Portugal –, permitindo apreender a complexidade dos processos e momentos em que são articulados os marcadores de diferença que provocam alterações nos códigos de gênero, nos rituais de interação e nas práticas sexuais e afetivas.

¹² Casas de alterne ou clubes de alterne “são casas noturnas de entretenimento e lazer, direcionadas ao público masculino, onde não se pressupõe a prostituição. O trabalho das mulheres é entreter e fazer companhia aos clientes e, sobretudo, induzí-los ao consumo. Elas ganham comissão sobre cada bebida paga a elas pelos clientes” (Dolabella, 2009:6).

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

**O percurso metodológico da pesquisa:
de Lisboa (Portugal) a Mantena (MG)**

A pesquisa foi delineada metodologicamente com o intuito de percorrer os trajetos transnacionais dos jovens migrantes. Ao contrário da maioria das etnografias multilocalizadas¹³ que iniciaram suas investigações nas sociedades de origem (Assis, 2007; Gramusck, 1991), esta etnografia teve como estratégia metodológica a reconstrução das trajetórias dos migrantes primeiramente na sociedade de destino. Acreditava que, com a consolidação de uma relação de confiança com os jovens poderia, no Brasil, ter acesso a suas famílias e seus círculos de amizades, na tentativa de avaliar como viviam anteriormente ao deslocamento, e, ao mesmo tempo, contrastar as percepções das famílias e amigos sobre a migração com suas próprias experiências e narrativas.

As redes virtuais – sobretudo ferramentas como o *Messenger* e *Orkut* – ocuparam um lugar metodológico importante em todos os passos da pesquisa. Inicialmente para o estabelecimento de contatos com jovens migrantes e por permitirem um *continuum* entre os trabalhos de campo no Brasil e em Portugal, possibilitando diálogos com os jovens tanto na origem como no destino. É importante salientar que a maioria dos familiares adultos dos jovens não utiliza ferramentas informáticas. A comunicação virtual é feita entre os jovens em Mantena e no Cacém (Portugal). É no *Orkut* que as narrativas sobre a migração dos jovens são construídas por fotos, textos e “*scraps*”. Através das redes virtuais também foi possível identificar a maneira como os jovens têm selecionado as

¹³ As pesquisas em Portugal têm centrado suas análises unicamente na sociedade de destino, apesar dos argumentos sobre a indispensabilidade de produzir etnografias multi-situadas (Marcus, 1986), que estão presentes em poucos estudos realizados em outros contextos migratórios (Assis, 2007; Mapril, 2008).

informações para o local de origem sobre suas experiências migratórias. Shirley, prima de Camila, relata: “Eu sempre entro no *Orkut* dela, vejo as fotos. Ela mudou o rosto, o jeito, está até mais bonita”. Os títulos dos álbuns de fotos do *Orkut* fazem referência à vida social dos jovens – “festinhas”, “churrasco na casa do Marcelo”, “eu fui ao show do Calypso”, “solzinho, praia e gelada em Sesimbra”, o que os jovens que permanecem em Mantena chamam de “aproveitar a vida”. Categorias êmicas como “aproveitar a vida” e “melhorar de vida”, ainda que possam parecer ambíguas, demonstram a percepção de jovens em Mantena sobre a migração em Portugal.

Como ponto de partida estabeleci contatos com jovens migrantes oriundos de Minas Gerais que vivem na Grande Lisboa através de redes consolidadas previamente por mim na realização do mestrado; de contatos mediados pela Associação Casa do Brasil de Lisboa; mas, sobretudo, através de contatos virtuais em redes sociais – o *Orkut* e a comunidade virtual “Brasileiros em Portugal”¹⁴, que possui aproximadamente 27.450 membros. Realizei uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar os principais cenários de origem dos mineiros migrantes, fundamentalmente jovens.

Nesse primeiro momento da pesquisa realizei 14 entrevistas em profundidade e identifiquei cenários bastante dissemelhantes no que se refere a classe social, lugar de moradia, escolaridade, atividade laboral, como também contextos de origem e motivações para a imigração.

Entretanto, após encontrar Sheila no Cacém, que “resolveu me conhecer pela minha insistência”, me deparei com esse grupo de jovens entre 18 e 25 anos oriundos da mesma região. Conheci os outros jovens em numa feijoada na casa de Sheila.

¹⁴ Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=204940>, acesso em 27/07/2011.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Ela me apresentou para todos como “a escritora” que iria fazer um livro sobre a história dela. Lá só havia brasileiros, a música era brasileira, a comida era brasileira... de português havia o espaço, o tempo e algumas bebidas alcoólicas: moscatel, vinho e cerveja. Sheila me diz: “você viu, não tem portugueses aqui, eles ficam lá fora”. Para mim, isso já estava claro. Não tive problema em me enturmar, percebia alguma curiosidade em relação a mim, principalmente dos meninos (sim, meninos), eram todos muito jovens, entre 18 a 25 anos. Diziam-me que eu parecia ser portuguesa pelos meus traços e o corte de cabelo... Alguns jovens estavam na Internet, no Orkut, postando fotos da noite passada no Go Times “O Inferninho”, uma discoteca brasileira em Barcarena, próxima ao Cacém. Os meninos tinham roupas da moda, tênis e bonés de marca... A música foi sempre brasileira, com exceção do Kizomba¹⁵, que tocou durante pouco tempo. Axé, Funk, Forró, e música sertaneja (Caderno de Campo, 28 de fevereiro de 2010, Cacém).

Durante cinco meses realizei trabalho de campo no Cacém, acompanhando a trajetória desses jovens brasileiros através da realização de observações e entrevistas em profundidade nos espaços de moradia e de sociabilidade (festas e almoços, *bailés funks*, cafés e discotecas brasileiras). A construção das relações com outros jovens ao longo da etnografia foi possibilitada através do contato com três jovens interlocutoras privilegiadas: Sheila, Camila e Dora.

Após esse período, efetuei trabalho de campo no Brasil durante seis meses. Tive a possibilidade de me hospedar em casas das famílias de alguns dos jovens migrantes pesquisados em Portugal, e vivenciar seu cotidiano, o que me permitiu

¹⁵ O Kizomba é o nome angolano dado ao Ritmo Zouk. Atualmente é um estilo musical associado às comunidades africanas em Portugal.

perceber a maneira como esses jovens viviam no Brasil antes da migração.

A maioria dos jovens possui baixa escolaridade, menor entre os meninos (4º ao 8º ano do ensino fundamental). As meninas possuem em grande parte o 8º ano completo do ensino fundamental e algumas o 1º e 2º ano do ensino médio. A maioria dos jovens desempenhava as mesmas funções do local de origem: limpeza e serviços domésticos, no caso das mulheres, e construção civil no caso dos meninos. Não é evidente uma mobilidade laboral ainda que se verifique uma mobilidade econômica. Sheila, por exemplo, começou a trabalhar aos 10 anos na casa de uma família, “tomava conta de menino” e recebia por mês R\$ 150 reais em 2007, época em que migrou, com 19 anos. Atualmente, Sheila trabalha como faxineira de segunda a sexta-feira em três casas de família e recebe 700 euros. Os meninos, sobretudo os que viviam em áreas rurais, mudaram a atividade laboral desenvolvida do plantio do café para o corte de eucaliptos para a construção civil. Por fim, de volta a Portugal continuei a etnografia no Cacém (outubro de 2010 a junho de 2011). É relevante ressaltar que a maioria desses jovens estão em Portugal de 3 a 7 anos e nunca regressaram ao Brasil. Portanto, minha permanência na casa das suas famílias foi fundamental para um estreitamento na relação pesquisador-pesquisado.

Vivendo na “roça” onde “não tem nada para fazer”

É importante refletir porque os jovens assumem algumas posições identitárias. A forma como as relações sociais são organizadas no Cacém e nos contextos de origem pode ser um “caminho” para análise. Ou seja, a partir da compreensão de que os lugares são a construção ao mesmo tempo concreta e simbólica do espaço, faço uma breve descrição dos cenários de vivência cotidiana dos jovens, no “Brasil” e na “Europa”. Esses

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

lugares são o Cacém (destino), o Bairro dos Operários (Morro do Margoso) em Mantena e a zona rural de Cachoeirinha de Itaúnas.

Mantena é uma cidade de pequeno porte e tem aproximadamente 27.000 habitantes. Dados do Censo de 2010 apontam para uma população rural de aproximadamente 6.000 habitantes cujas principais atividades econômicas são a cafeicultura e a pecuária. Possui um IDH considerado como médio-alto (0,724), ainda que a renda per capita seja baixa (238,70) e se verifique também uma grande desigualdade de distribuição da renda.¹⁶

A cidade tem quatro indústrias. Camila trabalhou durante três anos na *Rabit*, indústria textil. A maioria dos familiares dos jovens migrantes trabalha no plantio e na colheita do café, na construção civil ou em trabalhos domésticos, no caso das mulheres. D. Rosa, mãe de Sheila, conta que “trabalhou fora” algum tempo em duas “casas de família” como doméstica: “ganhava R\$ 80,00 por mês para trabalhar três vezes por semana numa casa, e na outra apenas R\$ 10,00”. Diz ter se sentido explorada e por isso “resolveu sair”. Ela estudou até o 4º ano do ensino fundamental e ainda trabalha na roça com o Sr Carlinhos (marido) no plantio e colheita de café, principal fonte de renda da família. Alguns jovens e familiares, que viviam em espaços nomeados urbanos, consideram o momento de colheita do café como “a época que povo tem mais serviço” (Camila).

O baixo nível salarial e a escassez de trabalho em Mantena e na zona rural, relatados tanto pelos jovens migrantes, como pelos seus familiares e amigos, são considerados como o principal fator que causa a emigração dos

¹⁶ O coeficiente de gini do município é 0,680. Os dados foram retirados dos resultados do Censo de 2000 [<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acesso em 25 de julho de 2011].

jovens, para “melhorar de vida”.

Nos locais de origem, a vida social dos jovens é bastante limitada. Em Mantena há uma praça central onde os jovens da cidade se encontram à noite, principalmente nos fins de semana. Formam pequenos grupos, conversam, bebem e “paqueram”. Não existem discotecas e os eventos promovidos na cidade são escassos.¹⁷ Curiosamente, Mantena possui 52 Igrejas, a maioria evangélicas, que se converteram em espaços importantes de sociabilidade. Ao indagar Lucimara (18 anos), prima de Sheila, sobre quais eram os lugares frequentados pelos jovens em Mantena, ela responde:

é bem difícil ter festa em Mantena, tem vez que a gente vai na Igreja, tem vez que a gente vai na rua, na praça...aí vem um menino querendo te conhecer, a gente não perde tempo, aí vamos para atrás [da Igreja], depois volta [risos] ...é mais pra cima um pouquinho, no morrinho do pecado.

Na zona rural, Cachoeirinha de Itaúnas, os jovens estão praticamente isolados. Desde nosso primeiro encontro, Sheila relatava “que não queria morar na roça, onde não tinha nada para fazer”. A casa da sua família fica a 3 km de Cachoeirinha de Itaúnas, onde os bares e a quadra de futebol são os únicos espaços de sociabilidade. O número de homens parece ser superior ao de mulheres. Uma das principais reclamações dos jovens é “a falta de mulher”. Tal fato pode ser explicado pelo maior número de meninas que deixam a zona rural, principalmente através do casamento com homens de outras

¹⁷ No período em que estive em Mantena, um dos poucos eventos realizados foi produzido pela Igreja Católica, nomeadamente a Comunidade Canção Nova – Movimento católico carismático marcado pela presença constante de músicas católicas. Shows e “barraquinhas” concentravam um grande número de jovens na Praça Central.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

localidades e de migrações internas para trabalho doméstico em regiões próximas.

Durante a minha permanência na zona rural percebi que eu era uma das poucas mulheres que frequentavam os espaços de sociabilidade: nos bares (bebia e jogava sinuca) ou para assistir aos domingos os jogos de futebol no campo. Os espaços sociais são marcadamente masculinos. Já no Cacém, os bares, denominados como “cafés”, são também frequentados na maioria pelos meninos, mas as meninas são “autorizadas” não somente a conviver nesses espaços como a consumir bebidas alcoólicas. O uso de álcool no contexto migratório tem sido muito maior entre as meninas do que no Brasil.

Em vários relatos de “engates”, o “café” emerge também como um espaço central de sociabilidade, transformando-se no local onde os jovens se conhecem e fazem um primeiro contato. Quando as meninas se interessam por algum jovem frequentador dos “cafés” (quase sempre brasileiros), elas se “produzem” para ir a esses espaços.

No Morro do Margoso, conhecido também como bairro dos Operários, os jovens normalmente ficam nas ruas, onde se ouve funk, ou nas casas, onde realizam algumas poucas festas. O bairro é estigmatizado em Mantena pelo tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia. Muitos dos relatos policiais do município fazem referência ao local. “Mulher é roubada na escadaria do Bairro dos Operários em Mantena” (Portal Mantena, acessado em abril de 2011) e “Tentativa de homicídio no bairro Operário em Mantena” (Portal Mantena, acessado em janeiro de 2011) são algumas notícias recentes que vinculam o local à criminalidade. Shirley, prima de Sheila, diz que o morro tinha “melhorado muito, porque foram presos os principais traficantes”, no entanto, seu primo tinha sido assassinado há poucos meses em frente de casa.

A migração é uma realidade evidente no Morro.¹⁸ Um dos principais traficantes, Wanderlei, relata que viveu em Portugal durante cinco anos e manifesta seu desejo em regressar, mas tinha “matado um cara” e agora “tava difícil”. A própria paisagem do Morro é marcada por casas que destoam do padrão, ainda que o bairro não tenha perdido o aspecto de morro. No geral, as casas são verticalizadas e pintadas com cores fortes, seguindo o padrão do “centro” de Mantena. As reformas são feitas com as remessas feitas pelos jovens imigrados aos seus familiares.

O desejo de “sair do morro” é relatado pelos jovens, principalmente pelas meninas, que consideram “casar com um homem rico” uma das poucas possibilidades. Luma (15 anos) torna mais inteligível essa visão:

...porque a vida vai ser mais fácil se casar com homem rico... se ela quiser comprar isso, vai ter dinheiro... agora se casar com homem pobre, vai ter que trabalhar... a maioria não pensa em trabalhar, quer ficar na vida boa.

Os “meninos ricos” são considerados os mais bonitos, “cheirosos” e “arrumados”, ao contrário dos “meninos do morro”, tidos como “pé rapados”, moleques” e “que mexem com droga”. Alguns jovens já haviam sido presos, como o irmão de Camila, Milton e o amigo Maicon. Os meninos que fazem “tretas” – tráfico de drogas e furtos – são considerados menos desejáveis pelas meninas nos locais de origem.

Muitas meninas dizem não “dar confiança” para os “caras do bairro” nem para as meninas que, segundo elas, eram “meninas baixas”, que usam “roupas curtas”, “falam palavrões” e perdem a virgindade cedo. Consideradas

¹⁸ “Morro” é uma categoria êmica utilizada pelos moradores para fazer referência ao Bairro dos Operários.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

“mitidas”, muitos dos moradores do morro reagiam dizendo que elas iam “dar” na praça central da cidade. Ivanilda relata: “porque a gente adolescente sempre sonha com uma vida de princesa, quer uma roupa cara, um sapato caro, eu quero um namorado bonitinho e quero estar na sociedade”. Dessa forma, namorar ou casar com um menino do morro não parece ser considerado uma escolha acertada.

Em Mantena, essa clivagem territorial tem uma correspondência com as classes econômicas menos favorecidas. Regina conta que Camila teve um namorado de melhor situação financeira que ela, mas ela tinha “vergonha de levar ele em casa”. “Ela mora num morro, num bairro periférico”. Ainda que a maioria da população do morro se auto-defina como “moreno” ou “negro”, a cor da pele não parece ser, mesmo discursivamente, um marcador social importante na escolha dos parceiros, contrariamente ao contexto migratório.¹⁹

A maioria dos jovens em Mantena e na zona rural já possui filhos e é casada. D. Rosa observa que, depois da partida de Sheila, todas as suas amigas que vivem em Cachoeirinha tiveram filhos, estão casadas e não trabalham – “Sheila é a única que está aproveitando a vida”. Regina (23 anos) narra sobre sua gravidez na adolescência e o casamento aos 18 anos. Sua “primeira vez” foi com seu atual marido:

Foi um acidente. Eu não quis me prevenir, “na hora tira”. Toda vez que a gente tentava não dava, nem sei quando foi a nossa primeira vez. Aconteceu aqui no terreiro de casa. A gente imagina que casamento é uma maravilha, mas é preciso abrir mão de muita coisa. Meninas de 14, 15 anos grávidas vão morar com os namorados. Isso não é só com gente pobre não, com gente rica que estuda em

¹⁹ A seguir discuto como se dá a classificação dos jovens mais ou menos desejáveis no Cacém.

escola particular também. Elas acham que nunca vão acontecer com elas.

Contrariamente, sua irmã Ivanilda (30 anos) é uma das únicas mulheres no morro solteira, não possui filhos e tem maior escolaridade. Atualmente cursa a graduação em Letras e seu acesso à universidade foi através do sistema de cotas raciais. Ivanilda reflete sobre o casamento e a pressão social em relação ao ideal da família nuclear.

Toda mulher tem vontade sim [de casar], mas é uma vontade que se esconde, mas quando você... eu falo eu tenho trinta [anos], comecei a estudar, eu namoro há três e tenho dificuldade no amor, então eu acho eu quis muito casar, mas hoje eu não sei se eu quero. Mas sempre escuto, nossa, você já tem trinta, não vai casar? Todo mundo já casou na sua casa, só você... acho que eles pensam assim, com vinte você faz uma faculdade, aí com cinco você casa e trabalha, mas você tem que ser mãe, esposa, responsável, trabalhar, você tem que ser tudo. Então eu acho que a sociedade faz a gente pensar nisso: uai, e eu? Eu vou ser somente, eu quero existir. A sociedade não, eles te empurram, vão te empurrando assim de uma forma inconsciente.

Os jovens migrantes tiveram sua iniciação sexual nos contextos de origem. A média de idade segue os resultados obtidos na pesquisa do GRAVAD²⁰ – em torno de 16,2 anos para os meninos e as meninas um pouco mais tarde (17,9 anos). A primeira relação afetivo-sexual aconteceu em relações

²⁰ A pesquisa GRAVAD – Gravidez na adolescência. Gênero e Sexualidade: Estudo multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil – foi realizada entre 1999 e 2006. Os principais resultados estão em Heilborn (2006).

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

classificadas pelos sujeitos como “paqueras” e não “namoro”, salvo algumas exceções como a experiência de Regina.²¹

As relações são definidas pelos jovens como “ficar”, “comer” e “namorar”. “Comer” é utilizado na maioria das vezes na linguagem masculina. Entretanto, parece haver um consenso em relação ao significado de “ficar”²², que os jovens definem como “beijar na boca e dá uns amassos, mas não vai aos finalmente”. Para Justo (2005), “ficar” é uma forma de relacionamento afetivo bastante popular entre os adolescentes e caracteriza-se por “ser breve, passageiro, imediatista, volátil e descompromissado”.

No entanto, de acordo com os jovens, “ficar” é o início para a possibilidade de uma relação duradoura. Para os meninos, “comer” simboliza ter uma relação sexual no primeiro encontro e é visto de maneira negativa e impeditiva para a construção de uma relação de namoro. A narrativa de Maicon, comum na visão dos jovens, é bastante reveladora e parece não alterar com a experiência migratória. Por fim, o namoro significa uma relação que envolve compromisso e “respeito”, na maioria das vezes, sinônimo de fidelidade.

Do meu ponto de vista você tem que namorar sem comer, todas as minhas namoradas eu comi depois. Você vai para cama hoje com um camarada, amanhã você vai com outro, e depois você quer namorar comigo? Se eu fico com uma pessoa hoje, a gente troca o telefone começa a trocar mensagens e tal, aí sai de novo e tal... para tudo tem a sua hora. Você não conhece um cara hoje

²¹ Contrariamente aos resultados da pesquisa GRAVAD, em que a maioria das mulheres declarou iniciar-se com namorados, enquanto metade dos rapazes referiu à iniciação com parceiras eventuais.

²² A expressão “ficar” é parte do vocabulário dos jovens no Brasil e em Portugal. Para uma análise antropológica do sentido/significado no Brasil, ver Shuch (1998).

e vai transar com ele. Porque hoje em dia é só você dar um beijo numa menina e ela já está tirando a calcinha.

Ainda que a migração seja uma possibilidade de mudar algumas concepções de gênero, por exemplo, adiar a maternidade e a entrada no matrimônio, discursos como o de Maicon e de outros jovens (meninos e meninas) demonstram a ambiguidade entre modelos ideais de família e amor e modelos de abertura e liberdade, evidenciando a diferença entre os modelos ideais (enquanto discurso) e as exigências da prática (vivência cotidiana). Maicon afirma que “tem que namorar sem comer”, apesar de ter relatado que conheceu sua atual namorada através de programas.

A associação da migração feminina à prática da prostituição mostra como as jovens têm que lidar com esse estigma em Portugal e em seus locais de origem. Quando perguntei aos jovens nos contextos de origem se é mais difícil para o homem ou a mulher imigrar, muitas respostas revelaram concepções naturalizadas sobre masculinidades e feminilidades, como a ideia de que a mulher é mais “sentimentalista”, “ligada a família” e “frágil” e também uma associação da migração feminina à prática da prostituição, muitas vezes nomeada como “fazer a vida”.

Para mulher é mais difícil. Ontem eu vi no jornal do SBT que 40% das brasileiras que vão lá é para se prostituir... eles falaram também que é muito tráfico...Quando vai mulher todo mundo comenta...eu tinha medo do povo comentar (Edmilson, 23 anos, irmão de Camila).

se a mulher vai para fora, vai fazer a vida, ainda mais se for para Espanha (Regina, 23 anos, amiga de Camila).

A migração feminina tem sido um fenômeno recente na região. Inicialmente, a maioria dos familiares e amigos era

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

contra a migração das meninas, associada quase sempre a “fazer a vida” e à “prostituição”. Algumas pessoas se apropriam dos termos através de reportagens veiculadas na mídia brasileira que associa de forma direta a migração feminina na Europa à prostituição e ao tráfico de mulheres. Primeiramente a expressão “puta” aparece na maioria das vezes quando se narra episódios de mulheres da região que foram se prostituir, utilizando o termo “fazer coisa errada”. Esses termos surgem, sobretudo, na narração do caso de Gilcilane, jovem migrante da zona rural e para fazer referência à Juliana, namorada de Maicon, natural da mesma região. É interessante notar que essa suspeita não recai sobre as mulheres que migram para os Estados Unidos, migração também recorrente.

D. Rosa conta a Beto que Gilcilene (imigrante retornada) não quis me dar entrevista. Eu digo que apesar não me conceder entrevista, ela contou sob sua ida e permanência em Portugal. Beto sorri e num tom irônico diz: “aposto que ela não te contou no que trabalhava”... e todos riram (D. Rosa, Beto e Calixto)... eu respondi que não. Beto completa “ela *aprontava*”. Perguntei de forma direta se Gilcilene era prostituta e eles responderam que sim... “era puta.... era muito bonita, saiu até no jornal Correio da Manhã”. Eu demorei a entender que o “sair no jornal” se referia aos classificados de convivência e perguntei como eles ficaram sabendo. Sr. Calixto responde: “o primo dela que estava lá... Foi então que percebi que todos sabiam que Juliana, “a mulher de Maicon” também era “puta”. D. Rosa diz que Sheila havia contado sobre a “mulher de Maicon” e diz se preocupar agora que as duas estão morando juntas. “Como é que pode, ter uma mulher assim, beijá ela e tudo...porque puta cê sabe o que que faz!”; Beto relata que as vezes o Maicon chegava em casa, Juliana estava com homem no quarto.

Apesar de não haver um controle social da família *in loco*, existe em Mantena e Cachoeirinha de Itaúnas uma “fofoca

transnacional” que mantêm os moradores constantemente atualizados sobre a vida dos migrantes em Portugal. Sheila argumenta:

Na minha cidade, tudo é puta. Tudo é puta, puta, puta. Beija na boca, é puta. Só que aqui [em Portugal] eu também num convivia com muita gente, então eles num podia pensar que era puta.

Entretanto, após a família ter notícias sobre a vida das filhas, sobretudo quando elas começam a ter um papel econômico importante na família, sua migração passa a ser vista de outra forma. D. Rosa conta que “eles não queriam que ela fosse, acho que porque ela é menina, mas eu falo com o Carlixto: “Você não queria que ela fosse, mas olha quem mais ajuda nós agora?”. D. Rosa comenta que depois que ela “mandou presente” – um relógio de pulso – para ele [Sr. Carlinhos], ele parou de reclamar”. Nesse caso, as mulheres migrantes solteiras têm tido um papel importante no envio de remessas, mais até do que alguns homens da família que também migraram.

Ser brasileiro no Cacém: tornando-se “Gajos” e “Gajas”

Começo com a descrição estética e performativa dos jovens, trabalhando a noção de estilo como “um jeito de dar-se a ver em público, uma forma de encenação e comunicação” (Abramo, 1994, Simões, França e Macedo, 2009). A noção de estilo torna-se relevante à medida que articula interesses e expectativas de auto-imagem e imagem coletiva a determinados objetos, corpos e práticas, que, nesse contexto específico, definem os significados do que é “ser brasileiro em Portugal”, nomeadamente no Cacém.

A aparência parece ser imperativa na definição imediata do *status* dos jovens brasileiros. Para os “gajos” – gíria utilizada

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

em Portugal para se referir a um rapaz -, as roupas têm que ser “de marca”, sobretudo, mas não necessariamente, marcas ligadas ao esporte: no geral, as preferidas são Nike, Adidas, Lacoste, Quiksilver, Billabong, etc. Calça *jeans* baixa (aparecendo a cueca) e bermudas (mesmo no inverno) são muito utilizadas. Os acessórios são um complemento crucial à roupa em si. Cintos, bonés, brincos, cordões (de ouro ou prata), pulseiras e anéis são elementos caracterizadores de poder de compra e de sucesso. *Piercings* e tatuagens também são muito frequentes.

O cabelo normalmente é curto e com corte cuidado (um bom modelo é o cabelo do jogador Cristiano Ronaldo, 2010). Alguns jovens alisam o cabelo, fazem sobrancelhas e quase todos depilam o corpo: peito, braços, virilha e pernas. Os homens “sem pêlo” são bastante valorizados pelas meninas. A maioria das meninas diz que “tá usando os meninos assim tudo raspadinho”. A cor da pele é um elemento fundamental: quanto mais “branco”, melhor. Os jovens muito negros são considerados feios e menos “capazes” de “pegar as meninas”. O corpo musculoso e bem definido é um sinal de virilidade: a forma física é majoritariamente adquirida através do trabalho na construção civil e de exercícios em casa (não frequentam academias).

Um hábito recorrente entre os jovens é a constante atualização das fotografias pessoais nas redes sociais (*Orkut*). Essas imagens procuram realçar o corpo e as posições são bastante sensualizadas – sem camisa, de cueca ou mesmo sunga – e demonstram uma virilidade agressiva associada à bebida e à certa “malandragem”. O estado civil também é constantemente alterado (solteiro, numa relação, novamente solteiro, etc.). A adoção de gírias locais – “iá”, “pá”, “gajo”, etc. – é comum e natural tanto para os meninos quanto para as meninas.

Nesse contexto migratório específico, a conjugação da roupa com os acessórios, a depilação, o corte de cabelo cuidado

e as tatuagens estão relacionadas com certa “brasilidade”, ainda que possa ser reconhecido *a priori* como um estilo associado a jovens de grupos populares no Brasil. Outros estilos são associados no Cacém aos “pretos” e aos “tugas”. Jonas, considerado pelos outros jovens como um dos mais “pretos”, em um dos dias de inverno, colocou um cachecol e logo foi repreendido: “tá parecendo um africano, pá...eles é que usam essas coisas elegantes...”. Os celulares são de última geração e em geral utilizam um tarifário chamado “Moche”, uma vez que permite realizar chamadas gratuitas para utilizadores do mesmo plano.

Para as “gajas” (meninas) as roupas têm que necessariamente ser justas, de forma a mostrar as formas do corpo. O estilo de vestir, que, no Brasil, parece remeter a um marcador de classe, “as meninas baixas”, em Portugal simboliza o “ser brasileira”. No entanto, no Cacém e em Mantena fui classificada como “portuguesa” pelos jovens e seus familiares. O fato de usar roupas consideradas “masculinas” - largas e que não realçavam as formas do corpo - também foi referenciado nos dois contextos. Ser branca para os padrões de algumas localidades mineiras, além de meus atributos de classe, parece ter contribuído também para essa classificação.

A maioria das jovens tem cabelos crespos (que, no Brasil, é um dos marcadores de ascendência afro-brasileira), mas alisam o cabelo e usam extensões para mantê-los longos. Quando saem à noite, o brilho das roupas é o ponto forte e o salto alto é imprescindível. Usam muita maquiagem e acessórios (brincos, colares e óculos escuros). As tatuagens são também um traço comum.

Em Portugal, a vida social dos jovens é circunscrita em espaços considerados periféricos pelos portugueses e outros brasileiros imigrantes. A manutenção de relações afetivo-sexuais com brasileiros/as que residem no Cacém é privilegiada, assim como as redes de amizade. Os principais

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

locais de sociabilidade são os “cafés”, bares pequenos, discotecas brasileiras e festas nas residências dos jovens. Isso se torna visível na fala dos jovens sobre as discotecas brasileiras localizadas em Lisboa, como a “*Cenoura*”, “*Cuba Libre*” e o “*Café da Ponte*”, considerados “lugares bons, que tem gente de classe”, o que demonstra certa hierarquização étnica e de classe dos espaços frequentados por brasileiros. Nesse sentido, a construção da diferença no Cacém tem sido feita, principalmente, através da negação da existência de qualquer similaridade entre o grupo dos “pretos” e dos “portugueses”.

A vida laboral também é circunscrita nos espaços periféricos. As jovens normalmente trabalham na limpeza de residências e obras na Linha de Sintra e Cascais, e os meninos na área da construção civil, podendo eventualmente haver deslocamentos pelo interior de Portugal. Compreender o significado simbólico e material da migração para esses jovens só foi possível a partir do momento em que estive nos seus contextos de origem. Seria a Europa, o Cacém? Como um processo gradual de acesso a alguma modernidade²³ poderia se concretizar no Cacém?

Há visíveis alterações nas relações de poder marcadas no contexto de origem por uma moradia periférica – no morro e zona rural –, um estatuto econômico baixo e um acesso reduzido ao consumo e à vida social. Ainda que na “Europa” os jovens vivam em regiões consideradas relativamente periféricas e sua sociabilidade seja muitas vezes restrita a esses espaços, eles experimentam certa mobilidade econômica ascendente, maior acesso aos bens de consumo e melhorias nas condições de moradia. “Aqui eu consigo ter mais coisas do que no Brasil, tipo computador, carro essas coisas. No Brasil eu só tive moto.

²³ Utilizo o termo modernidade como um conjunto de valores. Nesse sentido, a “vida moderna” encontraria sua principal referência no estilo de vida jovem, urbano e integrado às mais novas tecnologias.

A grande diferença é essa”, afirma Maicon. O acesso ao mundo do consumo está presente nas motivações da migração brasileira para outros fluxos. Assis (2004), ao utilizar o termo “cidadania do consumo”, faz referência à forma de inserção no mundo globalizado, que as migrações permitem através do consumo.

A possibilidade de ir a *shows* de bandas brasileiras que se apresentam em Portugal pode ser um exemplo.²⁴ Todas as idas nos *shows* e festas são compartilhadas no *Orkut* através de fotos que geram comentários dos jovens que ficaram no local de origem. Ou seja, ir ao *show* dos *Aviões do Forró* já é uma conquista simbólica. Muitos dos jovens usaram computadores pela primeira vez em Portugal; atualmente, todos têm o seu próprio “*notebook*”, utilizado fundamentalmente para acederem às redes sociais, como MSN e *Orkut*, e para ouvir música brasileira. Sheila conta que, para além do computador, havia outras coisas que ela não sabia que existiam como “esse negócio de aspirador, essas cafeteira elétrica, essas coisa assim...”.

A “liberdade” por estar longe do controle social da família é sentida no cotidiano dos jovens, que ressaltam o fato de não “terem os pais para controlar”. Essa percepção pode ser observada no comentário de Sheila,

Liberdade é você sair pra onde você quis é... num ter hora pra voltá. Você que manda em você. Sai com seus amigos, trazêr quem você quiser pra sua casa. Às vezes, é bom e às vezes também não. Viver sua vida livre, sem

²⁴ Atualmente, na região metropolitana de Lisboa, existem empresas que produzem eventos destinados à “comunidade brasileira”, com *shows* mensais de bandas brasileiras de axé, forró e sertanejo. Ir a esses eventos se configura como uma mudança importante na vida social dos jovens. Eles não tinham acesso a esses espetáculos no Brasil, porque na região onde viviam (periférica) essas bandas não se apresentavam e também porque não tinham recursos econômicos suficientes.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

ninguém pra se meter. Você faz, você que tá pagando as suas conta. É isso. Aqui que eu tô aprendendo a sair, pq cê viu a roça que é... era um custo também para minha mãe deixá eu sair....tinha que pedir para meu pai.... era um saco... aqui não.

A inexistência de uma nítida diferenciação de classe no Cacém (“portugueses”, “africanos” e “brasileiros” compartilham as mesmas formas de moradia e, na maioria das vezes, possuem o mesmo estatuto laboral) tem possibilitado aos jovens romper as barreiras de cor/raça associada a uma classe baixa, tão importante nos contextos de origem. Quando pergunto sobre as diferenças entre quem tem dinheiro e quem não tem em Mantena e em Portugal, Camila responde fazendo referência a marcadores de classe e raciais:

quando você vem para cá, você já sabe que vem fazer o que todo mundo faz, no Brasil é mais forte, aqui eles não tratam a gente com tanta diferença.. em Mantena, você viu alguma negra trabalhando no comércio, atendendo loja? Não. Negro trabalha em casa de família, como doméstica.

Numa hierarquia de classificação racial que se entrecruza com a classe, ser negro em Mantena se configura como o mais baixo nível hierárquico, enquanto no Cacém, o fato das diferenças de classe não serem visíveis, a construção da diferença é feita, sobretudo, através da nacionalidade e da origem étnica. Ser “preto brasileiro” no Cacém parece melhor do que ser negro e pobre em Mantena. A interação social com “portugueses” e “africanos” tem tornado possível a elaboração de novos arranjos classificatórios. A construção da diferença (Brah, 2006) é produzida através da articulação e hierarquização de outros marcadores de diferenciação social: sexualidade, nacionalidade e etnicidade.

Negociando trocas sexuais e afetivas

A produção socioantropológica atual tem ponderado que a sexualidade deve ser compreendida como algo que é definido e construído histórico-culturalmente; ou seja, que a expressão da sexualidade se dá em contextos socioculturais muito precisos. Na última década, diversas pesquisas sobre sexualidade no Brasil (Duarte, 1987; Brandão, 2003; Salem, 2004; Heilborn, 2004) têm incluído os diferenciais de gênero e de segmentos sociais como variáveis fundamentais em suas análises. No entanto, Leal (2003) aponta para outros elementos estruturantes e organizadores da sexualidade, como o contexto espacial, as relações de poder e dominação e as expectativas e sentimentos pessoais. Seria o espaço migratório um contexto sociocultural preciso? De que maneira esse contexto tem modelado as relações sociais nas quais os jovens migrantes estão inseridos? Qual o lugar que a sexualidade ocupa no processo de autonomização juvenil em Portugal, um cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira (Parker, 1991)? No trabalho de campo, a importância concedida à sexualidade na vivência cotidiana do grupo, a autonomização sexual e afetiva dos jovens e o fato de que a migração, aparentemente, tem possibilitado a reelaboração de categorias e estratégias pelos agentes sociais que dinamizam classificações do que é ajuda, amor e interesse, tornando os sujeitos mais ou menos desejáveis no mercado afetivo-sexual, se constituíram como uma questão central.

Sheila relata que um português mais velho é “doido por ela. Ele faz tudo que eu quiser, paga tudo, me leva onde eu quiser... mas eu tenho que dar para ele... nem... não tô para isso”.

Sexo, práticas econômicas e afeto parecem se articular nas experiências dos jovens brasileiros que migram para Portugal.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Ainda que na linguagem dos jovens persista a separação entre trabalho e prazer para a classificação do “programa” como “contratos que estabelecem remuneração por serviços sexuais específicos de maneira explícita” (Piscitelli, Gregori e Carrara, 2008:27), em termos analíticos, as noções sobre programas e ajuda têm sido percebidas e categorizadas de forma diferente. “Nas relações onde a troca financeira não se torna clara, outras categorias surgem para classificá-las como: o “*xular viados*”, “sair com *velhos portugueses* cheios da guita²⁵” ou frequentar casas de alterne, práticas dissociadas sempre da prostituição.

As casas de alterne são um bom exemplo. Como demonstrou Dolabela (2009), no caso das meninas que trabalham nas casas de alterne o objetivo é “entreter e fazer companhia aos clientes e, sobretudo, induzi-los ao consumo. Ganham comissão sobre cada bebida paga a elas pelos clientes”. Todas as meninas entrevistadas pela autora não consideram essa prática como programa.

Piscitelli (2005) argumenta que

as definições correntes de prostituição e a noção de indústria do sexo não contribuem para compreender as diversas modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos que, embora mercantilizadas, não necessariamente assumem a forma de contratos explícitos de troca de sexo por dinheiro.

De acordo com a perspectiva da autora, o sexo é utilizado de maneira tática.

Durante o ano e meio que compartilhei a sociabilidade desses jovens, observei que a construção do “ser brasileiro em Portugal” era negociada sobretudo através da sexualidade – tudo era muito sexualizado. Acredito que o próprio contexto

²⁵ “Guita” é um termo coloquial em Portugal para fazer referência ao dinheiro.

discursivo sobre o que é um brasileiro/a tenha modelado e produzido identificações que priorizam a sexualidade enquanto marcador social, ainda que entretecida com outras categorias de diferenciação.

Pontes (2004:252) analisa a forma como representações e estereótipos relacionados aos fluxos transnacionais de brasileiras migrantes têm sido associadas a trajetórias que compreendem: 1) uma imagem colonial (distinta de uma relação colonial como aquela estabelecida com a migração africana, mas regida por uma idéia de Brasil enquanto terceiro mundo); 2) a história da imigração portuguesa no Brasil; 3) a recente imigração brasileira em Portugal; 4) a construção de uma representação tropicalizante do Brasil; 5) um discurso da lusofonia na esteira da retórica imperial; 6) a atual construção de Portugal enquanto país de “Primeiro Mundo” (com a adesão à Comunidade Européia) em oposição ao “Terceiro Mundo” (onde estaria o Brasil) (Pontes, 2004: 252, Dolabela, 2009).

Desse cenário de estereótipos vinculados à mulher brasileira, que cria espaços facilitados de acesso ao mercado do sexo – seja pela demanda por brasileiras, através de contatos de amigas que fazem programas e narram suas experiências, e/ou através de idas às casas de alterne, etc. – surgem categorias classificatórias que tornam os sujeitos mais ou menos desejáveis e promovem reelaborações sobre práticas afetivas-sexuais. Ou seja, as construções sexuais e afetivas desses jovens em Portugal têm sido feitas, sobretudo, em articulação com o mercado do sexo local.

Nos espaços residenciais dos jovens existe uma grande rotatividade de amigos, companheiros de casa e parceiros, todos jovens e brasileiros. Ainda que nos discursos masculinos impere modelos bastante patriarcais, as meninas impõem o exercício de sua sexualidade através da autonomização financeira. Maicon, que cresceu com Sheila, afirma:

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Se o seu irmão estivesse aqui [Beto], não estaria essa putaria aqui na sua casa, um entra e sai de homem, você sabe disso. [Sheila responde] Eu recebo na minha casa quem eu quiser, eu é que pago as minhas contas.

No entanto, o “medo de engravidar” é referido por muitas meninas que utilizam como principal método a pílula. A contracepção é vista pela maioria dos rapazes como um “dever” feminino. Durante o trabalho de campo, três jovens engravidaram e uma delas fez a interrupção da gravidez (permitida em Portugal desde 2007²⁶), prática considerada inaceitável para a maioria dos jovens.

não aceito aborto... a criança não tem nada a ver, ela não pediu para vir no mundo... Se você engravidou, você tem que prevenir antes. Com tanta camisinha e pílula que vende nas farmácias... o homem também tem que cuidar, só que a mulher tem que prevenir muito mais que o homem. Já chegou vez que não tinha camisinha... mas eu não tranco com qualquer uma... muitas até preferem transar sem camisinha... agora se a menina engravidar eu assumo o moleque, se eu não tiver certeza que o filho o meu...faço DNA (Maicon, 26 anos).

A casa de Sheila é bastante movimentada de jovens, principalmente nos fins de semana. Algumas das vezes em que fomos aos bailes *funks* e discotecas, dormi em seu apartamento. Dormíamos todos num mesmo quarto. A noção de privacidade é bastante distinta. A falta de espaço e lugar para os jovens ficarem juntos não é um inibidor para as práticas sexuais. Os jovens trocam carícias e transam nesse mesmo espaço (o quarto). Numa das noites escutava Livia e Edson trocando

²⁶ O aborto, também denominado interrupção voluntária da gravidez, foi legalizado em Portugal por referendo em 2007 e é permitido até às 12 semanas de gravidez a pedido da mulher, independentemente das razões.

carícias, ela disse em bom tom antes de dormir que “o Benfica entrou em campo”, estava menstruada. Em outra noite, dormíamos Sheila, Dalton e eu na mesma cama e Dora e Elias num colchão ao lado. Sheila disse: “Não quero saber de barulho, entendeu?”.

A linguagem e a postura dos jovens são bastante sexualizadas. São frequentes as brincadeiras envolvendo o comportamento e a intimidade sexual e afetiva nesse contexto juvenil.²⁷ O trecho a seguir narra a primeira vez que estive no “Inferninho”, uma discoteca brasileira, onde participei do *streaptease* do jovem brasileiro Rodriguinho Playboy:

Na entrada, os seguranças alertaram para que andássemos rápido que o show do Rodriguinho Playboy havia começado. Entramos no salão: havia uma roda de mulheres sentadas e um menino, forte, sem camisa que dançava e tocava nas meninas. Assim que entrei, ele chegou perto de mim, me pegou no colo e colocou as minhas mãos no seu peito... fiquei tão nervosa que derrubei um cinzeiro... Sheila começou a rir. Durante sua performance, um fotógrafo tirava muitas fotos (que posteriormente são disponibilizadas no Orkut). Num momento, ele aproximou o pênis próximo da boca das mulheres [ele estava de calça], e algumas o apalpavam.... entretanto na minha vez, percebi o meu limite... e ao afastá-lo de mim escuto “chupa o p... dele, p...”, em tom de repreensão (Caderno de Campo, 05 de abril de 2010).

Conversar sobre práticas sexuais com riqueza de detalhes – sexo anal, tamanho e preferência do órgão genital masculino – era fácil, principalmente com a presença de Dora, a mais nova

²⁷ Para Fonseca (1991:11), o estilo, ou seja, essa forma jocosa de expressão ligada na maioria das vezes à sexualidade, não se constitui como um acessório a um conteúdo independente; é sim “um elemento indispensável para a compreensão da cultura popular”.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

entre elas (19 anos), mas que é vista pelas outras jovens como uma menina “que cada dia ia um gajo para comer ela” e tem certa autoridade no grupo quando o assunto é sexo. Sua maior experiência sexual é sempre referenciada pela própria Dora, no contexto de interação social com outras meninas e meninos. O fato das jovens conversarem sobre sexo na minha presença, ainda que eu estivesse posicionada como “escritora”, fazia com que eu fosse constantemente questionada sobre minhas preferências sexuais. Entretanto, e apesar de eu ser mais velha que elas, o que poderia simbolizar “mais experiência”, a distinção entre “eu” e “elas” era feita sustentada na idéia de pudor e melindre em relação à vida sexual: “Essa aqui [eu]”, diz Dora, “tem cara de quem vê um homem sem roupa e diz meus Deus do céu” [risos].

Ainda que a distinção entre “eu” e “elas” opere em alguns momentos nos discursos das jovens, há um consenso entre os jovens (meninas e rapazes) de que “as brasileiras são as melhores”. As narrativas apontam para ideias naturalizadas no contexto português sobre a mulher brasileira, quase sempre em oposição às mulheres portuguesas: “são mais quentes na cama... tem mais atitude na cama. A portuguesa só quer saber de papai e mamãe, vovô e vovó...”. Yan (20 anos) reforça que “as brasileiras são melhores”. Pergunto por que e ele responde: “sei não Paula, só sei que é melhor”.

O termo “fazer programa” surgiu na etnografia como uma categoria êmica para fazer referência a uma jovem, Juliana (25 anos), que vive em Portugal há 4 anos e namora Maicon (6 anos). Juliana é uma das poucas jovens que se define como “garota de programa”, sendo bastante reconhecida pelas outras meninas por isso: “ela assume o que faz”. Muitas meninas, apesar de assumirem que ocasionalmente já fizeram programas, “tentaram” ou tiveram “oportunidade”, não se declaram como garotas de programa.

A ausência de homogamia etária parece ser um dos critérios para definição dos relacionamentos como “programa”. No Morro do Margoso, as meninas consideradas garotas de programa são definidas como aquelas que “ficam com homens mais velhos, com carros chic. Se pagar bem, fica até com velhinho” (Bruna, 18 anos). No entanto, ainda que reconheçam seu interesse financeiro na relação com os “meninos ricos”, não consideram essas relações como programa, justamente por ser com alguém do mesmo grupo etário.

Em Portugal, alguns episódios também apontam para essa categorização. A “noite com os velhos portugueses” foi o primeiro episódio narrado por Sheila em referência à “tentativa” de fazer um programa. Segundo ela, a convite de Juliana, elas saíram com dois “velhos portuga”:

... nós fomos, era uns velho, aquele carrão, carrão, carrão. Era portuga. Era dono de um hotel lá de Cascais, com outro. Levou nós no melhor restaurante lá em Lisboa. Nós comeu, comeu, era tudo clássico. Só homem engravatado. Era um velho bem feio, só que eu num fico com homem por dinheiro nunca. Se eu quisesse, ficaria. Aí, ela [Juliana]: “Aí, dá moral, conversa com ele, num fica com cara feia”.

Segundo Sheila, a “cara feia” era porque “o velho ficava querendo passar a mão” na sua perna. Apesar do encantamento de “jantar no restaurante clássico” e de terem a oportunidade de ir a uma discoteca em Lisboa, descrita por ela como “tão chique que tinha o segurança pra pegar o carro... uma passarela toda vermelha, aquela pista, aquele lugar chic, só bebida chic”, Sheila argumenta que “não servia para essas coisas. Não é meu rock”. A narrativa da jovem demonstra que a entrada no mercado do sexo é considerada uma “escolha” e não “necessidade”.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Juliana é trabalhadora do sexo há 4 anos. Conheceu Maicon num “programa”, se reencontraram através da locação de um quarto na casa de Maicon, começaram a namorar e a viver juntos. Ela atendia os clientes em casa, ainda que ele “colocasse as regras dentro de casa e as coisas (materiais)... nunca me pediu um centímo”. Juliana considera que separa muito bem “o trabalho, de tomar conta da casa, cuidar dele, e ser mulher dele”, o que remete à “dupla carreira da mulher prostituta” (Fonseca, 1996). Apesar dos ciúmes de Maicon e do fato dele manter financeiramente a casa, Juliana afirma que havia “se acostumado a “fazer aquilo”, a ter o seu “próprio dinheiro”, ainda que não fosse um “trabalho fácil”. Maicon relata:

eu conheci ela no programa aqui no Cacém, aconteceu... meus amigos diziam “para com isso...”, mas depois eu aluguei um quarto para ela, um amigo dela me pediu, não sabia que era ela. Quando abri a porta era ela, ela não me reconheceu, mas eu reconheci ela. O amigo dela me disse: “Você sabe que ela faz programa?” E eu disse que não queria saber da vida dela, que queria saber que no final do mês ela me pagaria a renda [aluguel]. Aí a gente começou a ficar... e eu disse que ela então teria que largar o trabalho e arranjar um trabalho decente. Ela arranjou outro trabalho, mas depois parece que continuou a fazer programa...

Maicon trabalha na construção civil e assume um importante papel de autoridade e liderança entre os meninos:

Ninguém nunca falou nada... dos meus amigos [conta Maicon sobre Juliana]. Acho que era por cisma de mim. Eu nem pensava nisso, quando eu tava trabalhando. Às vezes eu chegava em casa seis horas, sete, às vezes meia noite... não pensava nisso.

O assunto “fazer programa” era sempre provocado por Sheila, que após quase um ano de convivência, admitiu ter “tentado” fazer um programa. Vale a pena ressaltar que o fato de eu ter relatado desde o início da pesquisa que passaria um tempo com a família das jovens, a princípio, criou certo receio que eu compartilhasse no contexto de origem informações sobre suas vidas que, *a priori*, eram mantidas em segredo. Segundo Juliana, Sheila não faz programas por ter receio de que “as pessoas fiquem sabendo... não é porque ela não quer”. Juliana considera ainda que, para trabalhar como garota de programa (e frisa, “*hoje sou profissional nisso*”), é necessário ter algumas habilidades que Sheila não tem, por exemplo, saber “não contar”, “esconder” e “aguentar a pressão”.

Sheila diz que “era muito difícil resistir... a tentação... que era muita gente falando na cabeça dela”. Segundo ela, por incentivo de Juliana resolveu novamente experimentar, mas não conseguiu: “entrei no quarto e comecei a tremer toda”. Ela conta que, atualmente, os “programas” estão muito baratos: “as putas cobram em torno de 20 euros e 40 euros o sexo anal...”.

Sheila entra em um *site*, denominado como *T-gatas*, para me mostrar as amigas travestis de Juliana. Ela atribui às travestis o estatuto de “amigos”, no masculino. De acordo com ela, o que os define como “homens” é o sexo e não o gênero, ou seja, os atributos anatômicos masculinos: “Eu acho que eles são homem né... num sei... Você olha assim parece mulher, mas aí se vê aquele p... [orgão genital masculino] desse tamanho”.

Contrariamente, os meninos “que comem viados por causa de dinheiro” não são classificados como “garotos de programa”, mas como “*xulas de viado*”. Sheila faz uma separação entre “fazer programa” e “*xular viado*”. “Fazer programa” não parece ser visto como algo que prejudique o “outro”, mas as referências a Dison, um brasileiro mais velho apaixonado por Wellington, eram “coitado” e “explorado”. Os meninos denominan-se como “*bed boys*”, sobretudo nas páginas

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

pessoais do *Orkut*, onde são disponibilizadas várias fotos sensuais (com pouca roupa, tiradas em posições sexuais), que demonstram sua virilidade, e são comentadas tanto por meninas como também por homens, alguns deles portugueses.

O “*xular viado*” não configura esses jovens dentro do grupo social como homossexuais. Em primeiro lugar pelo fato de manterem uma posição ativa na relação sexual com outros homens²⁸; segundo, pelo fato dessas relações serem vistas pelos jovens em geral (mesmo os que não fazem “programas” ou “*xulam viados*”) como uma atividade econômica secundária, já que a grande maioria trabalha na área da construção civil.

No mesmo site, Dora me mostra os acompanhantes masculinos “novinhos”. Todos seguem mais ou menos o mesmo padrão estético: brancos ou “morenos de sol”, fortes e depilados... (inclusive a virília). Não há nenhum negro ou mulato no *site*. A maioria mostra seus rostos e quase todos são brasileiros. Sheila relata que um programa com esses rapazes custa entre 60 e 180 euros.

O termo “ajuda” aparece como categoria êmica também para fazer referência a trocas entre jovens brasileiros que possuem uma relação de namoro (compromisso). Uma prática comum entre os jovens brasileiros que tem sido conceitualizada como “ajuda” é o fato das meninas “sustentarem os namorados” brasileiros – Dora em relação a Elias e Camila em relação a Zico. No entanto, não existe um termo depreciativo entre os jovens para essa prática, como “*xular viado*”, associado a meninos que recebem benefícios de homossexuais – pagamento de aluguéis, bebidas, presentes, etc.

²⁸ Fry (1974) caracterizou esse modelo como hierárquico, disseminado, sobretudo, nas classes populares. Nesse modelo, a hierarquização de gênero seria articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade, englobando assim todas as identidades sexuais.

Diferentemente, quando as meninas sustentam os rapazes brasileiros, essa “ajuda” é relacionada a uma “*fase difícil*” vivenciada pelos jovens rapazes brasileiros, como a saída de um emprego ou o fim de uma empreitada em obras. A “ajuda” é considerada uma forma de demonstração de afeto e amor dentro de uma relação estável.

Criando categorias: “pretos”, “brasileiros” e “tugas”

No trabalho de campo, duas questões se tornaram mais relevantes: a normalização da sexualidade no cotidiano dos jovens, abordada no tópico anterior, e as complexas articulações entre “raça”, etnicidade e nacionalidade.

Ainda que inicialmente, não tivesse a pretensão em discutir sobre sistemas de classificações raciais, esse marcador social se revelou importante, na medida em que os jovens migrantes criam repertórios que acionam complexas articulações entre “raça”/eticidade/nacionalidade como elementos constitutivos da identidade pessoal e de grupo. A identidade étnica/racial nesse contexto migratório é relacional e envolve complexos sistemas classificatórios, nos quais a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outros grupos, incluindo ou não nacionalidade. Em muitos momentos, a diferença é construída em oposição aos africanos de língua portuguesa, nomeadamente angolanos e cabo-verdianos, categorizados como “pretos”. Esse termo é uma apropriação da categoria utilizada pelos portugueses para fazer referência aos PALOPS. No entanto, a maioria dos jovens se auto identificam como afro-brasileiros nos perfis do *Orkut*, ainda que a categoria “pretos brasileiros” seja utilizada por jovens de pele “mais escura” para se diferenciarem dos outros “pretos”.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

Já pensaram que eu era cabo-verdiano... foi numa discoteca... eu disse “não, eu sou brasileiro”. Eu me considero negro... não sou branco. E nem preto (Maicon, 26 anos).

Há uma nítida separação entre os grupos dos “brasileiros” e dos “pretos”. Sheila esclarece o uso dessa categoria: “Preto, eu falo assim, africano [risos]. É que eu acostumei a falar como os portugueses”. A categoria “brasileiro” é utilizada em oposição aos portugueses e, quando relacionada a cor da pele/“raça”, significa “ser moreno/a”. No entanto, para ser “brasileiro/a” não basta ser oriundo do Brasil. Sheila diz reconhecer “de longe” quem é brasileira e quem é portuguesa. Ao tentar diferenciar essas categorias, a minha não brasilidade é utilizada como exemplo.

Eu vejo lá, aquela é portuguesa, aquela lá é brasileira. Agora você já tem cara de portuguesa. É um pouco a roupa, o seu jeito, você é branquinha. Agora vai lá, deixa o cabelo crescer, pinta ele de loirão, coloca uma calça bem apertadinha, blusa decotada: é brasileira!.

Algumas situações ilustram como as classificações da diferença são “vividas” pelos jovens nas suas relações sociais. Numa das idas ao “Inferninho”, discoteca localizada próxima ao Cacém, Sheila, Livia e eu estávamos na estação de trem quando dois jovens angolanos vieram conversar conosco. As meninas logo se afastaram e Sheila disse: “Detesto pretos”. Fiquei surpresa com sua afirmação, uma vez que, dentro do seu grupo social de brasileiros que moram no Cacém, ela é constantemente classificada como “preta”. Sheila me olha e diz que era confundida pelos portugueses como “angolana” e que não gostava – “eu sei que eu sou preta, mas sou preta brasileira e não africana... porque o Brasil é o Brasil e a África não é nada”. No entanto, quando estávamos em outra discoteca

brasileira chamada *Bye Bye Brasil*, Sheila queria ir para outro lugar, o *Atlético*. Contrário à idéia, Kleber, um dos jovens brasileiros, justifica que “não gostava de ir lá, porque era cheio de pretos e tinha sempre confusão”. Sheila se mostra irritada e diz “Você é racista... diz não gostar de pretos, mas bem que dorme na casa de uma [se referindo a si mesma]” Kleber tenta explicar que não estava falando da “cor” deles, e sim que eram africanos. Os jovens parecem assumir suas posições de identidade de acordo com o contexto. Como aponta Woodward (2009:14), “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e relações sociais”, definindo, como quem é excluído e que é incluído.

Para os jovens (meninas e rapazes), os namorados são preferencialmente brasileiros. Apenas duas jovens já “namoraram” pessoas de outras nacionalidades ou fora do grupo social. O “homem brasileiro” é diferenciado como “mais atraente”, que “tem a cara mais sexy” e um “jeito” diferente de conversar. Contrariamente, os “africanos” são conceituados como “sem educação” e “estúpidos”. Segundo Camila, “se você num dá moral pra eles, eles te xingam: brasuca, puta”.

Quando questiono Sheila sobre sua preferência em “ficar” com jovens brasileiros, ela argumenta: “acho que dá mais certo, ser da mesma raça da gente”. A origem comum e a partilha de uma mesma “cultura” são aspectos importantes (ainda que discursivamente) na definição dos sujeitos como mais ou menos desejáveis por essas jovens.

Entretanto, na categoria “brasileiros”, parece existir uma hierarquia entre esses jovens. A cor da pele é um elemento importante; quanto mais “branco” melhor. Os jovens muito negros são considerados feios e menos “capazes” de “engatar” meninas/meninos. Ainda que a categoria “preto” seja utilizada para se referir aos africanos, os jovens brasileiros muito negros são constantemente confundidos com angolanos e estigmatizados dentro do próprio grupo social. Portanto, a

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

afirmação de que “ser preto brasileiro é diferente [leia-se “melhor”] do que ser preto africano” parece funcionar, simbolicamente, apenas nas relações de sociabilidade mais amplas e em contraposição aos africanos.

A cor da pele se relaciona diretamente com a idéia de beleza. As meninas “loiras e branquinhas” são consideradas “mais bonitas”. Muitas das jovens negras relatam a existência de preconceito dentro do próprio grupo social, ainda que este seja composto quase exclusivamente por negros e mestiços. Juliana relata que quando iniciou seu namoro, muitos jovens questionaram a escolha de Maicon: “como é que ele tá com aquela neguinha?”. Camila, que é negra, ao ser traída pelo namorado, constata: “ele me trocou por uma loira, bonita, você viu?... também, vai ficar com uma pretinha dessa?”. Fry (2002) observa que no Brasil os produtos destinados a “pessoas de cor” estão sempre ligados ao fenótipo e a aparência, e particularmente interessante, são destinados a pessoas que pretendem “se embelezar”. Portanto, dentro da hierarquia de beleza e “desejabilidade” entre os jovens brasileiros migrantes a segregação muitas vezes é feita primeiramente pela “cor da pele”.

Na percepção dos jovens (rapazes e meninas), a obtenção de vantagens materiais é vista como a única motivação das jovens em manter uma relação afetiva-sexual com um parceiro português. Por outro lado, na visão das meninas, o “pagar tudo” não é mal visto, sendo considerado naturalmente como “papel de homem”. Existe uma construção da masculinidade relacionada à nacionalidade, através de uma nítida separação entre sexo e afeto. Mesmo de forma ambígua, os portugueses são considerados homens “bons” quando são provedores. Gilcilene, que viveu em Portugal e regressou para Cachoeirinha de Itaúnas, conta sobre seu namorado português, policial, “era um homem muito bom para mim... não me deixava trabalhar, nem nada”. Em contrapartida, os brasileiros são

conceitualizados como “garanhões”, que não “podem ver um rabo de saia”, pois são considerados mais viris e com um melhor desempenho sexual.

Camila afirma ter se “enrolado” com um português, Sérgio, de 31 anos. Ela reclama sobre a frieza da relação

nas vezes em que eu vinha a Lisboa [Cacém], a gente não fazia sexo, e nem nas duas semanas [foram apenas duas semanas] em que moramos juntos... perguntei para ele se ele tinha outra mulher, porque um homem ficar dois meses e tanto sem... e ele disse que não, que estava com problemas, não estava conseguindo... me sentia mal... tava quase subindo pelas paredes.

Por outro lado, Camila considera que, pelo fato dela ser brasileira, Sérgio acreditava que ela estaria com ele por “interesse”, ou seja, pela possibilidade de ter algum benefício econômico na relação. “Eles (os portugueses) acham que as brasileiras vêm para roubar o dinheiro deles...”. Camila narra um episódio. Depois de fazer compras no supermercado, ela sugeriu “me leva para comer no MC Donald’s?” e ele respondeu: “Eu acabo de gastar 70 euros de comida e você ainda me pede para te levar no MC Donald’s?”. Camila diz que Sérgio sugeriu que “ele pagava tudo”, que colocava “comida em casa”. A percepção de que há “interesse” por parte das brasileiras em obter vantagens materiais está muito presente nessas relações, uma vez que as jovens brasileiras são consideradas *a priori* como social e culturalmente mais “fracas” - menos escolarizadas, menos informadas e oriundas de um país pobre. No entanto, ter um parceiro português não se constitui como prestígio social. Ao contrário, no interior do próprio grupo os parceiros portugueses são considerados “sujos”, “pegajosos”, pouco viris e de masculinidade

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

duvidosa.²⁹ O mesmo acontece nos locais de origem. Na visão dos moradores (familiares e amigos), o casamento com um português não é desejável. Shirley (16 anos) comenta: “eu acho que ela [Sheila] vai casar com um português... ela já tá lá...”. Digo a ela que em Portugal há muitos brasileiros e ela responde: “quem sabe então ela dá sorte”. D. Marta, mãe de Camila teme que a filha se case com um português:

Ela tava com um namorado português... eu falei com ela. O Camila se você casar aí nesses Portugal, adeus... aí que você não vem mesmo, diz que eles [os portugueses] não deixam. Tem uma menina daqui que foi para lá, casou e nunca mais voltou em Mantena. Eu tenho medo dela casar lá e depois não vir, ficar amarrada lá.

Por fim, os africanos são considerados menos desejáveis no contexto do Cacém. Dora diz gostar de meninos morenos, mas explica:

Mas tipo um cabo-verdiano num gosto. Raça ruim. Ai, são muito estúpidos, sem educação. Você nunca lidou com eles, não? Eles não tem educação pra tratar você, eles xingam. Se você num dá moral pra eles, eles te falam mal e tudo.

A referência aos africanos, mais do que a cor da pele, se dá através da ideia de uma cultura diferente da brasileira que remete para hierarquias entre “Brasil” e “África”. É importante

²⁹ Juliana, trabalhadora do sexo e seu namorado Maicon ilustram essa perspectiva: “minhas colegas não colocavam lençol branco quando iam atender um português, porque sempre ficava um risco... de b... [fezes]”. Maicon complementa, “com português é assim, o seu já pediu para você usar um vibrador? [risos]”.

ressaltar que essa escala hierárquica opera de forma semelhante aos imaginários sobre esses lugares em Portugal.

Nas relações definidas pelas meninas como “programa”, os homens são classificados em “três tipos”. A própria elaboração das categorias implica uma hierarquização dos clientes segundo a nacionalidade. Há uma nítida preferência por clientes portugueses, apontados como o cliente ideal, pois se gasta menos tempo para “ganhar dinheiro”: “99% deles têm ejaculação precoce e o c... [orgão genital] pequeno... assim que gozam, se vestem e vão embora... é rápido”. Em relação aos “africanos”, muitas meninas não gostam por considerá-los como os que “querem te sacudir da cabeça para baixo”, ou seja, são definidos como homens que têm um bom desempenho sexual e prolongam o “programa”. O imaginário corrente no cenário brasileiro, que atribui aos homens negros e mestiços metáforas de volume, virilidade e desempenho sexual (Simões, França e Macedo, 2009:43), funciona nesse contexto apenas para os africanos, ou seja, está mais vinculado à origem étnica/nacional do que propriamente à cor da pele. Dessa forma, os “pretos” (leia-se africanos) e os brasileiros negros são percebidos como diferentes. Muitas jovens dizem aumentar os preços do “programa” para que os “africanos” desistam. Segundo Juliana, “nem sempre dá certo, eles pagam”. Por fim, há os brasileiros considerados privilegiados para a manutenção de relações afetivas-sexuais, mas os mais inconvenientes como clientes, na medida em que “querem gastar todo o tempo que pagaram” e “querem namorar”.

Considerações finais

A produção nas ciências humanas tem considerado que a expressão da sexualidade se dá em contextos muito precisos que orientam as experiências e as expressões do desejo, das emoções, das condutas e das práticas corporais. Seria o contexto

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

migratório um desses contextos precisos? Existe alteração da expressão do afeto e da sexualidade dos jovens que vivem em Portugal? Os resultados empíricos da pesquisa demonstram que a migração Mantena-Cacém tem possibilitado a reelaboração de identidades individuais e coletivas, embaralhando as categorias de diferenciação social e, ao mesmo tempo, criando novas hierarquias entre os sujeitos, assim como as construções sexuais e afetivas desses jovens têm sido modeladas e articuladas com o mercado do sexo local.

Muito mais do que nacionalidade ou diferença entre códigos de gênero no Brasil e em Portugal, o artigo demonstra que a sexualidade ocupa um lugar importante no processo de autonomização juvenil em Portugal, construída num cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e da noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira. Ainda que, no Brasil, como demonstraram Carrara e Simões (2007), desde as décadas de 1980 e 1990 já se pensasse as categorias de diferenciação em articulação, essa constatação se torna relevante, uma vez que as produções acadêmicas em Portugal, particularmente na área das migrações, têm insistido na ênfase de categorias isoladas como nacionalidade e gênero (leia-se mulheres). Este artigo mostra que a construção da diferença e as experiências desses jovens são mediadas por marcadores como nacionalidade e gênero, mas também por complexas articulações entre sexualidade, classe, raça/cor da pele e etnicidade.

Por outro lado, a intensa estigmatização e associação no contexto europeu das mulheres brasileiras ao mercado do sexo (Piscitelli, 2004; 2008) tem estimulado pesquisas sobre a transnacionalização da indústria do sexo e dos vínculos amorosos que distinguem, propositadamente, as dimensões de interesse - benefícios econômicos, materiais e até mesmo jurídicos -, que são ligados aos trabalhadores do sexo. Em contrapartida, as dimensões de amor, afeto e família são ligadas

ao desejo de auto-realização através do ideal da família conjugal, bem como às narrativas sobre o amor romântico. Contrariamente a essa perspectiva, nesta pesquisa, os “interesses” estão presentes em todos os relacionamentos afetivos sexuais, seja para garantir *status* dentro do grupo social, seja para obter algum benefício econômico ou material.

Tornar-se brasileiro no Cacém é uma aprendizagem singular e de grupo, mediada: 1) pela importância concedida à sexualidade na construção da identidade social e sua constante articulação com o mercado do sexo local e os códigos de gênero; 2) pela sensação de “*liberdade*” – ausência do controle dos pais e do controle social de origem; 3) pela autonomização financeira e, conseqüentemente, uma melhoria nas condições de moradia, maior acesso ao consumo e 4) pela ampliação da vida social, quando comparada com os contextos de origem.

Referências bibliográficas

- ALVIM, Filipa; TOGNI, Paula. Sob o véu dos direitos humanos: Tráfico, Tráfego e Políticas Públicas para a Imigração. Um estudo de caso sobre as mulheres brasileiras em Portugal. *I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, Universidade Autônoma de Barcelona, 2010, pp.145-152.
- ASSIS, Gláucia Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migrações internacionais. *Revista Estudos Feministas*, 15 (3), Florianópolis, setembro-dezembro 2007, pp.745-742.
- _____. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, 2004.
- AZEVEDO, Patrícia. Para além do prejuízo. Análise das narrativas de identidade e reconstrução de subjectividades em mulheres brasileiras na área metropolitana de Lisboa. Tese de Mestrado, ISCTE, Lisboa, 2008.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. Routledge, 1996.

BRETTELL, Caroline. *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity and Identity*. Walnut Creek, Altamira Press, 2003.

CARRARA, Sergio e SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007, pp.65-100.

DOLABELLA, Lira Turrier. Namoradinhas do Brasil “na noite” lisboeta: homens portugueses e mulheres brasileiras no contexto das casas de alterne. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2009.

DUARTE, Luiz Fernando. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, J. S. Leite. (org.) *Cultura e identidade operária*. Rio de Janeiro, UFRJ/Marco Zero, 1987, pp.203-226.

FERNANDES, Gleiciane. Viver Além-Mar: Estrutura e experiência de brasileiras imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa. Dissertação de Mestrado, ICS, Lisboa, 2008.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher Prostituta. *Revista Estudos Feministas*, vol. 4, nº 1, 1996, pp.7-32.

_____. *Cavalo amarrado também pasta. Honra e humor em um grupo popular brasileiro*. 1991. [www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_02.htm].

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção de beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Miriam. (org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, Record, 2007.

GIDDENS, Anthony. *Transformações da Identidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Celta, Oeiras, 1995.

- GRAMUSCK, S.; PESSAR, P. *Between Two Islands: Dominican International migration*. Berkeley, University of California Press, 1991.
- HEILBORN, Maria Luiza. (org.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Garamond/Fiocruz, 2006.
- LEAL, Andrea Fachel. Uma antropologia da experiência amorosa: estudo de representações sobre a sexualidade. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2003.
- LOYOLA, Maria Andréa. A Antropologia da sexualidade no Brasil. *Physys*, Revista de Saúde Coletiva, 10(1), Rio de Janeiro, 2000, pp.143-167.
- _____. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere público. processos de exotização entre Brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- MACHADO, Luis Fernando. *Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade*. Lisboa, Celta, 1994.
- MALHEIROS, Jorge. (org.) *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, Observatório da Imigração/ACIDI, 2007.
- MAPRIL, José. A "Modernidade" do sacrifício Qurban, lugares e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 2008.
- PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge. *Imigração Brasileira em Portugal*. Coleção Comunidades, Observatório da Imigração, Lisboa, 2007, pp.113-134.
- PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões*. Rio de Janeiro, Editora Best-Seller, 1993.

Que “brasileiras/os” Portugal produz?

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. (orgs.) *Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Geografia política do afeto: interesse, “amor” e migração. *I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, Universidade Autônoma de Barcelona, 2010, pp.14-22.

_____. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Sexualidad, Salud y Sociedad*, nº 1, 2009, pp.177-201. [www.sexualidadsaludysociedad.org].

_____. Interseccionalidades, Categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Revista Sociedade e Cultura*, vol. 11, nº 2, Jul/Dez. 2008, pp.263-274.

_____. Apresentação. Gênero nos mercados do sexo. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2005, pp.7-23

PONTES, Luciana. As Mulheres Brasileiras na Mídia Portuguesa. *Cadernos Pagu* (23), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2004, pp.229-256.

RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. *Revista eletrônica Aulas*, nº 2, outubro/novembro 2006.

ROSALES, Marta; CANTINHO, Vanessa e PARRA, Susana. *Crescer fora de água? – Expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na região metropolitana de Lisboa*. Lisboa, ACIDI, 2009.

SALEM, Teresa. Tensão entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holístico. *Revista Mana*, 12(2), 2006, pp.419-447.

SAYAD, A. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.

SCHUCH, P. Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários de Porto Alegre/RS. Dissertação de

Paula Togni

Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora e MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu* (35), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2010, pp.37-78.

SIQUEIRA, Sueli. Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte, Argumentum Editora, 2009.

TECHIO, Kactia. Imigrantes brasileiros não documentados: Uma análise comparativa entre Lisboa e Madri. *Socius Working Papers*, nº1, 2006.

TOGNI, Paula C. e RAPOSO, Paulo. *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: gênero e imigração*. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009 (Estudos OI).

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000, pp.7-72.

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

Sueli Siqueira*

Introdução

A migração internacional de brasileiros da microrregião de Governador Valadares para os Estados Unidos é um fenômeno que teve início nos anos 1960, quando 17 jovens da cidade, entre 18 a 27 anos, emigraram para aquele país com visto de trabalho. Pertenciam às famílias da elite, falavam inglês e a principal motivação era o desejo de conhecer um país que consideravam desenvolvido e cheio de grandes oportunidades. Esses primeiros emigrantes formaram os pontos iniciais da rede que possibilitou, anos depois, a configuração de um fluxo migratório dos moradores da região para os Estados Unidos (Siqueira, 2008).

A emigração bem sucedida¹ dos que partiram desde 1964, a representação dos Estados Unidos como um lugar de progresso e desenvolvimento, onde era possível ganhar muito dinheiro, a configuração de uma rede de informações sobre todos os aspectos da emigração, associados à crise econômica

*Professora, pesquisadora, do Programa de Pós-Graduação Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE.

¹ Migração “bem sucedida” será a terminologia utilizada neste artigo para designar o emigrante que concretizou seu projeto migratório no retorno, ou seja, fez poupança, investiu e aumentou seu rendimento em relação a sua posição antes de emigrar. O emigrante mal sucedido é aquele que retornou e não conseguiu aumentar sua renda ou não se adaptar e sente-se como estranho em sua terra natal e emigra novamente. Esse conceito é formulado a partir dos relatos dos emigrantes. Sayad (2000) descreve bem esse sentimento de estranhamento no retorno.

brasileira e à estagnação econômica da região, geraram um *boom* no fluxo dos moradores da região para os EUA, especialmente na segunda metade dos anos 1980.

Ao longo dos anos, com o desenvolvimento de uma cultura da migração nas cidades da Microrregião de Governador Valadares e as dificuldades impostas pela política imigratória norte-americana para os imigrantes, outros destinos foram se consolidando: Canadá, Portugal, Itália, Espanha, Reino Unido passaram a fazer parte da rota de emigração dos moradores da região.

Nos anos de 1960, no início do fluxo migratório os homens eram maioria, mas as mulheres já participavam desse fluxo e foram importantes na formação dos pontos iniciais da rede e da comunidade étnica, fundamentais para o crescimento do fluxo migratório que culminou com o *bom* da emigração de brasileiros para os Estados Unidos na segunda metade da década de 1980 (Siqueira, Assis, Campos, 2010). Margolis (1995) e Sales (1999) destacam que já na metade dos anos de 1990, a presença das mulheres era muito próxima à dos homens na comunidade brasileira nos Estados.

Assis (2007), Martes (2000), Lisboa (2008) Padilha (2007), Piscitelli (2007) demonstram que as mulheres emigravam com seus companheiros ou sozinhas. No destino, conquistaram seu espaço no mercado de trabalho e reconfiguraram suas relações sociais e familiares, portanto, são presenças singulares e marcantes no fenômeno migratório e assim devem ser percebidas.

As mulheres constroem seus projetos migratórios, participam das redes na origem e no destino, conquistam seus espaços no mercado de trabalho no destino, são atrizes sociais que configuram o fenômeno migratório contemporâneo. Este artigo busca compreender em que medida a experiência migratória, particularmente o retorno, se distingue entre

homens e mulheres. Por que nos estudos sobre retorno a presença de mulheres é pouco expressiva?

Os resultados aqui apresentados se baseiam no banco de dados do Núcleo de Estudos Sobre Desenvolvimento Regional – NEDER, da Universidade Vale do Rio Doce, no período de 2004 a 2009, com 520 entrevistas formais e 107 em profundidade, realizadas no Brasil e nos EUA.² Trabalhou-se com dois grupos: emigrantes oriundos das 25 cidades da Microrregião de Governador Valadares³, residentes nos Estados Unidos⁴, que retornaram ao Brasil com a intenção de ficar pelo menos uma vez, mas retornaram aos EUA devido ao insucesso do seu projeto de retorno. Esse grupo é formado por um total de 208 entrevistas formais e 45 em profundidade; o segundo grupo é constituído pelos emigrantes bem sucedidos no projeto de retorno, que residem na microrregião de Governador Valadares, totalizando 312 entrevistas formais e 62 em profundidade nas 25 cidades dessa região, totalizando 520

² A entrevista formal (padronizada) é uma modalidade de coleta de dados em que o entrevistador segue um roteiro de questões previamente definidas. Não há interferência do entrevistador na ordem e explicação das questões. A entrevista em profundidade é uma conversa conduzida livremente pelo entrevistador, porém orientada pelo roteiro definido pelos objetivos da pesquisa.

³ A microrregião de Governador Valadares que é formada pelas cidades: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocêncio, Galileia, Governador Valadares Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Matias Lobato, Nacip Raidan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixo, São José do Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga, Virgolândia. Os entrevistados oriundos dessas cidades se identificam, num primeiro momento, como de Governador Valadares, cidade pólo da região. Costumam dizer “sou lá da terrinha” referindo-se à região.

⁴ A pesquisa foi realizada em Boston, Lowell, Framingham, Somerville, Bridgeport, Newark, Danbury, Fairfield, cidades selecionadas por serem o destino de grande parte dos valadarenses.

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

entrevistas formais e 107 entrevistas em profundidade, no Brasil e nos Estados Unidos.

1. Gênero e a construção do projeto de emigrar

Diferentemente dos imigrantes europeus, que chegavam ao Brasil no início do século XX em busca de condições de sobrevivência, os emigrantes brasileiros contemporâneos que rumam para os Estados Unidos não o fazem por necessidades econômicas prementes, mas pela possibilidade de realizar seu projeto de consumo mais rapidamente e melhorar sua renda. Tanto homens quanto mulheres partem com planos de trabalhar, fazer poupança e adquirir bens – casa própria, carro –, investir em vários imóveis ou montar um negócio para garantir renda melhor na cidade de origem. Seus investimentos visam, principalmente, manter o *status* ou ter uma ascensão socioeconômica ao retornar.

Os solteiros (63%) emigram mais que os casados (37,8%) e o percentual de mulheres (18,3%) com união estável é ligeiramente menor que dos homens (19,6%) (tabela 1).

Tabela 1 – Estado civil de Homens e Mulheres que emigraram (%)

Estado Civil	Homens	Mulheres	Total
Solteiro	33,1	29	63
União estável	19,6	18,3	37,8
Total	52,7	47,3	100

Fonte: Banco de Dados NEDER 2004 a 2009
Número de casos válidos: 520

Dentre os emigrantes em união estável, a maioria das mulheres emigra acompanhada (26,4%) com seus cônjuges ou

para encontrá-los no país de destino, enquanto os homens (41%) viajam desacompanhados (Tabela 2). Estudos realizados por Assis (2007) com emigrantes da região de Criciúma, no Estado de Santa Catarina, também revelam que as mulheres viajam em sua maioria acompanhadas.

Tabela 2 – Homens e mulheres casadas que emigraram acompanhados ou não dos cônjuges (%).

Estado Civil	Homens	Mulheres	Total
Sozinho	41	15	56
Acompanhado do cônjuge	9,6	26,4	36
Encontrar o cônjuge	1,5	6,6	8
Total	52	48	100

Fonte: Banco de dados NEDER 2004 a 2009

Número total de casos (homens e mulheres que emigram acompanhados): 197

Dentre as mulheres casadas que emigraram sozinhas, 62% afirmaram que o casamento não estava bem e a emigração foi também uma forma de se livrar do relacionamento. Aquelas que possuíam filhos os deixaram com os pais, avós ou outros parentes.

Se eu for dizer porque realmente emigrei era para poder dar uma vida melhor para meus filhos (...) meus irmãos estavam aqui e me acolheram. Meu marido não queria nada com a dureza (...) eu não aguentava mais viver aquela vida. (...) se eu quisesse uma vida melhor para eles eu tinha que vir. Eu sabia que meu casamento ia acabar, mas já tinha acabado mesmo, pelo menos posso dar mais conforto para meus filhos (Maria, 42 anos, emigrou sozinha).⁵

⁵ Com objetivo de preservar a identidade dos informantes, todos os nomes utilizados nos relatos são fictícios.

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

Muitas mulheres, como Maria, encontram na migração a possibilidade de reconstruir suas vidas em outro território, considerado mais favorável para entrar no mercado de trabalho e reconstruir suas vidas econômica e afetiva. Maria tinha consciência de que a emigração produziria uma ruptura em um casamento em descompasso, contudo, sua escolha foi pela possibilidade de realizar seu projeto de melhoria de vida para si e sua família.

Diferentemente, os homens casados que emigraram sozinhos, consideravam seus casamentos sólidos (86%) e descreviam que o principal objetivo da emigração era também melhorar as condições de vida da família. Contavam com as esposas para cuidar de seus investimentos e da família.

Nós conversamos muito para depois decidir que eu deveria vir e ela ficar. Se tivesse conseguido o visto ela vinha também, mas pela fronteira achamos melhor eu vim sozinho (...). Ela cuida de tudo. Nossa casa já está quase pronta (...) é ruim pra ela e pra mim, mas no final vai ser bom para todos nós. (...) o mais difícil é os filhos (...) já são 3 anos longe (...) (Jorge, 45 anos).

Tanto para os homens quanto para as mulheres, casados ou solteiros, a maior dificuldade na decisão de emigrar é deixar a família, mas a possibilidade de ampliar o acesso ao consumo em um tempo menor que no país de origem e, assim, melhorar de vida, faz com que superem esse obstáculo.

É interessante destacar que os emigrantes que partem da Microrregião de Governador Valadares, em sua maioria, estavam empregados e emigraram em busca das possibilidades de obter uma renda maior e, assim, ter acesso a bens que não teriam permanecendo na origem. Esses bens são a casa própria, o carro, o último lançamento de vídeo game para os filhos, o celular e o aparelho de TV mais moderno. Como destaca Bauman (1999), na sociedade de consumo “o dilema sobre o

qual mais se cogita hoje em dia é se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir". Por tudo isso, podemos considerar que muitos emigram para ampliar o acesso ao consumo. Jorge demoraria muitos anos para construir sua casa permanecendo no Brasil e não poderia enviar as caixas com presentes (vídeo game, carrinhos motorizados, etc.) para seus filhos.

A construção do projeto de emigrar na microrregião de Governador Valadares está relacionada à construção das redes sociais que possibilitam aos moradores acessarem informações na cidade de origem e acionarem pessoas que os apóiam no destino. Segundo Boyd (1989), as redes consistem em um conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais desenvolvidas tanto no país de origem, como no de destino. Essas redes possibilitam ao emigrante contatar os mecanismos e agenciadores que facilitam o processo na cidade de origem, ser recebido por parentes ou amigos no aeroporto e conseguir colocação no mercado de trabalho. As redes também possibilitam o apoio emocional durante a estadia, desenvolvendo laços e espaços de sociabilidade.

O projeto de emigrar é familiar e apoiado em redes sociais na origem e no destino. Homens e mulheres utilizam essas redes, contudo, os homens emigraram mais com apoio de amigos (47%) do que de parentes (32%). As mulheres contam mais com as redes familiares (62%), mas também buscam amigos para seu acolhimento no destino. Os estudos de Padilha (2007) e Malheiros (2007) sobre imigrantes brasileiras em Portugal também indicam que as mulheres utilizam mais as redes familiares.

A motivação econômica está na base do projeto migratório tanto para homens como para mulheres. Mas, como no relato de Maria, para as mulheres existe uma dimensão subjetiva, pois, para muitas, significa também a fuga de uma

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

relação marcada, muitas vezes, pela submissão e pela assimetria das relações de poder.

2. O trabalho nos Estados Unidos

Antes de emigrar, as mulheres trabalhavam como professoras (17%), funcionárias públicas (8%), no comércio (21%), como autônomas (12%), proprietárias de algum negócio (7%), donas-de-casa (30%) e estudantes (5%). Grande parte dos homens trabalhava como comerciários (18%), servidor público (9%), proprietários (12%) e autônomos (17%).

O grau de escolaridade das mulheres é ligeiramente superior ao dos homens – 35% das mulheres e 31% dos homens possuem o ensino médio completo; 18% das mulheres e 16% dos homens concluíram o curso superior.

Os emigrantes consideram que as maiores dificuldades enfrentadas para viver nos EUA são: a falta de domínio da língua inglesa (51,6%) e a falta de documentação para trabalhar no país (41,3%). A maioria deles, independente do sexo, é indocumentada condição que mais os preocupa. Dentre os não documentados, há uma percepção de que, após o atentado às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, a fiscalização em relação aos emigrantes aumentou e a preocupação com a deportação levou muitos emigrantes brasileiros a viverem mais reclusos.

(...) antes eu ficava mais à vontade, agora eu fico muito tensa, só saio para trabalhar e procuro não ficar dando bobeira, porque qualquer coisa, eles pegam a gente e aí é deportação (...) morro de medo (Anita, 38 anos).

Homens e mulheres inserem-se no mercado de trabalho secundário. A maioria das mulheres exerce atividades domésticas: faxina (61%) e babás (23%); os homens trabalham na construção civil (55%), na jardinagem (19%), em restaurantes

(12%) e na faxina (11%). Tanto homens quanto mulheres trabalham em média 10 horas por dia, em mais de um emprego. Os rendimentos também são equivalentes, recebem em média quinhentos dólares por semana.

As mulheres que emigraram acompanhadas de seus cônjuges afirmam que as tarefas domésticas são sempre um ponto de atrito entre o casal. Afirmam que os companheiros “ajudam” nas tarefas, mas não com uma divisão igual. Reclamam que têm a mesma carga horária, chegam tão cansadas quanto eles, mas a maior parte das tarefas da casa fica para elas. Apesar disso, afirmam que, nos EUA, seus companheiros são mais abertos para dividir as tarefas domésticas do que quando estão no Brasil.

No grupo de entrevistados que retornaram e foram mal-sucedidos em seus investimentos e emigraram novamente, há uma descrição interessante das mulheres sobre a divisão das tarefas domésticas. Nesse grupo, quatro casais emigraram a primeira vez juntos, retornaram e reemigraram novamente juntos. As mulheres descrevem uma mudança de comportamento dos companheiros em relação à divisão das tarefas domésticas e ao uso da renda familiar. Segundo elas, nos EUA, os homens aceitavam realizar tarefas como cuidar das crianças, fazer almoço, lavar banheiro, cuidar das roupas. Entretanto, quando retornaram ao Brasil, ainda que ambos estivessem trabalhando o mesmo tempo fora de casa, não aceitavam realizar as tarefas domésticas que realizavam nos EUA. Conforme relata Vera, depois de emigrar novamente para os Estados Unidos, devido ao insucesso dos investimentos e a não adaptação à cidade de origem, as tarefas domésticas no país de destino voltaram a ser divididas entre eles, o que não acontecia antes de emigrar e durante o período de retorno no Brasil.

No relato de Vera fica claro que para os homens, no Brasil, o papel de cuidadora do lar é exclusivamente da mulher,

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

assim, eles não participam da divisão das tarefas domésticas. Jaime confirma essa idéia em seu relato, ou seja, os Estados Unidos é um território da igualdade, o Brasil não, pois seria criticado se assumisse tarefas domésticas.

Aqui [EUA] ele faz comida, leva roupa para *laundry*, cuida das crianças, arruma casa, lava banheiro. É assim, quem chega primeiro faz o que precisa ser feito. Eu sempre fico com a parte mais difícil, mas ele “ajuda” bastante. Lá [Brasil] nem o prato da mesa ele tirava (...) lá sempre foi assim e olha que eu trabalhava o mesmo tanto que ele (Vera, 35 anos).

Aqui eu tenho o meu dinheiro, quando nós voltamos [para o Brasil] eu senti a maior falta do meu dinheiro (...). Nós montamos uma mercearia, eu trabalhava do mesmo jeito dele, mas quem administrava tudo era ele e eu sempre tinha que pedir para pegar algum dinheiro. (...) depois de acostumar tendo o da gente é difícil ficar pedindo, por isso, apesar de tudo eu gosto daqui (...) (Joana, 42 anos).

Na entrevista⁶ realizada com estes casais⁷ nos Estados Unidos, perguntei aos homens porque o comportamento tão diferenciado no Brasil e nos EUA, e eles responderam que nos EUA todos fazem isso (dividir as tarefas da casa), no Brasil seriam criticados pelos amigos.

Aqui homem e mulher faz tudo, mulher também faz serviço de homem e não tem frescura, a [esposa] troca pneu, lava carro, e não reclama, é normal. Eu vou para a

⁶ Em fevereiro de 2008, fiz nova entrevista com esses quatro casais.

⁷ Nesse artigo apresento os relatos de 4 mulheres que emigraram com seus companheiros, Vera, Lúcia, Neida e Livia e Ana. Vera é companheira de Carlos; e Lúcia de Jaime. Não utilizei os relatos dos companheiros de Neida e Livia por serem semelhantes aos apresentados.

laundry e encontro muitos brasileiros lá. É normal, no Brasil isso é gozação o resto da vida (Jaime, 35 anos).

Para os homens, o período da emigração é um tempo fora da normalidade da vida, ou seja, é uma situação provisória, como afirmam Simmel (1983) e Sayad (2000). A vida “normal”, com separação das tarefas bem marcada, é no Brasil. No tempo de emigração, as concessões são feitas em nome da concretização do projeto emigratório. Ao retornar, a vida retoma seu curso normal, ou seja, o homem volta a ser a autoridade a quem todos da família devem obediência. Contudo, no percurso do projeto emigratório, a mulher passou a experimentar as vantagens de uma autonomia antes não conhecida, principalmente a de administrar seu próprio dinheiro e dividir as responsabilidades de provedora e dona-de-casa com o companheiro. Retornar à situação anterior é angustiante, muitas não conseguem e acabam se separando de seus companheiros, outras lutam e reconquistam seu espaço na família como tinham nos EUA.

A situação relatada remete à reflexão sobre uma forma de explicar essas diferenças de comportamento nos dois territórios. Segundo Simmel (1983), nossa atividade e experiência são centradas na experiência imediata e na totalidade da vida. Esses dois sentidos configuram cada conteúdo de vida. Experiências cujas significações poderiam ser semelhantes, quando se referem a si mesmas são extremamente divergentes.

Se duas experiências, cujos conteúdos perceptíveis são semelhantes, uma é percebida como “aventura”, e a outra não, isto constitui aquela diversidade da relação com a totalidade da nossa vida, pela qual cabe a esta tal significado, que à outra não se coloca (Simmel, 1998:171).

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

A aventura extrapola o contexto da vida. Corre por fora de qualquer continuidade da vida. É um corpo estranho na nossa existência. Recebe a coloração de um sonho. Afasta-se do ponto central do eu e do decurso da totalidade da vida (é como se outro vivesse a aventura), mas está ligada ao centro da vida ou da existência.

O depoimento de Jaime retrata exatamente esse contexto colocado por Simmel (id.ib.). O tempo e o espaço da emigração estão fora do tempo e do espaço real da vida. Dividir as tarefas domésticas no período da emigração é possível porque é provisório; no Brasil, território da vida real, isso já não é possível. No entanto, para algumas mulheres a percepção é diferente. Ao retornar não se submetem mais a uma divisão desigual das tarefas.

Por essa razão, Vera e Joana preferem viver nos EUA, pois têm igualdade de tratamento no espaço doméstico e sentem-se valorizadas e independentes. No período de emigração conquistaram um lugar diferente na relação conjugal no que diz respeito ao provimento econômico, pois no Brasil suas rendas eram complementares. Atuavam como professoras, comerciárias e comerciantes, contribuíam para a manutenção da família, mas suas rendas não se equiparavam aos ganhos dos companheiros. No período da emigração ganham tanto quanto seus companheiros, algumas ganham mais que eles, tornando-se provedoras e co-provedoras. No espaço privado da vida doméstica, a divisão das tarefas é também uma conquista, e elas não aceitaram retornar às condições de diferenciação na divisão das responsabilidades e autonomia que experienciaram antes da experiência migratória.

3. O projeto de retorno para cidade de origem

Para os sujeitos desta pesquisa, o retorno é parte constitutiva do projeto migratório. Tanto homens quanto

mulheres emigram motivados pela possibilidade de retornar em melhores condições econômicas. No percurso do projeto, muita coisa muda, nascem os filhos, conseguem documentação, compram casa, montam negócio e o tempo estipulado inicialmente, 3 ou 4 anos, se estende para 10 anos ou mais. O desejo de retornar sempre é acalentado: “volto quando não aguentar mais trabalhar, quando meus filhos forem independentes, quando conseguir a cidadania”. Contudo, muitos, como Mário, afirmam que planejam o retorno há vários anos, “voltar é mais difícil que vir”.

O estranhamento no reencontro com a família e os costumes e a sensação de não pertencer ao local de origem torna-se angustiante para alguns emigrantes. O espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas⁸ durante os anos de emigração já não são os mesmos. “(...) mudou tudo, as pessoas são diferentes, é tudo muito desorganizado (...), diz Mário (52 anos) em seu relato sobre as dificuldades de retorno.

Sayad (1998) também compartilha a idéia de que a emigração perpassa a idéia de transitoriedade e consequentemente do retorno ao país de origem. Da mesma forma, os que ficaram na terra natal pensam na ausência como temporária. Para o autor, o emigrante vive em uma dupla contradição – o estado provisório da migração e o prolongamento desse estado por tempo indeterminado.

Velho (1999) descreve a trajetória migratória de uma família açoriana que emigra para os EUA, analisando a construção familiar do projeto de ida e de retorno e as mudanças de perspectiva ocorridas. Enquanto os pais pouco assimilaram a cultura da nova sociedade, os filhos

⁸ Durante o tempo de ausência o emigrante guarda na memória apenas os bons momentos, esquece os conflitos com membros da família, com a vizinhança. Cria outra imagem do lugar e das pessoas. Isso pode ser exemplificado na fala de um emigrante. “Tinha esquecido que ela (esposa) é muito encrenqueira e fala muito alto, grita (...) me irrita (...)”. (Pedro, 52 anos).

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

frequentaram a escola e participaram mais efetivamente do estilo de vida americano. Em sua análise, Velho (1999) demonstra as ambiguidades e os conflitos que surgiram. Apesar de o projeto ser familiar, construído a partir de um contexto de rede de relações sociais que incluía o retorno, ao longo da trajetória, o projeto foi reelaborado de modo diferente pelos membros da família.

A ideia de “fazer a América” era compartilhada por todos, todavia, os pais preocupavam-se com os aspectos materiais, concentravam-se no trabalho, viviam com restrições no consumo e centravam seus esforços na realização da poupança para o retorno. Os filhos assimilavam os valores da sociedade de destino e priorizavam usufruir as relações sociais e bens de consumo. Não desejam mais fazer poupança e retornar para uma posição social ascendente no país de origem, o que fora compartilhado com seus pais na construção do projeto emigratório.

Podemos acrescentar a essa perspectiva de Velho (id.ib.), a ideia de que a mulher também reelabora seu projeto de vida e de posição na família, passando a reivindicar um papel diferente daquele aceito antes da migração.

Hoje eu não aceito várias coisas que aceitava (...) se trabalho do mesmo jeito, tenho direito de decidir em que vamos gastar o dinheiro que guardamos juntos (...) (Lúcia, 47 anos).

Eu gosto daqui porque trabalho, tenho meu dinheiro e sou dona da minha vida. Lá não tinha meu dinheiro. Tinha que cuidar da casa e dos filhos sozinha (...). Aqui ele sempre pedia minha opinião sobre os negócios e a gente decidia tudo junto. Lá parece que eu fiquei burra (...) ele sempre dizia “você não sabe de nada, deixa que eu resolvo” (Neida, 39 anos).

Dependendo das diferentes trajetórias dos migrantes, o projeto vai sendo reelaborado segundo as peculiaridades de *status*, capital social, gênero e geração. Segundo Velho (ib.:47):

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir de delineamentos mais ou menos elaborados de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e da interação com outros grupos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades.

Nesse percurso, ao retornar, muitos casais não conseguem permanecer juntos, a mulher não aceita a posição secundária na família e quer manter o mesmo *status* conquistado enquanto migrante.

A gente brigava o tempo todo (...) ele mudou totalmente, o dinheiro era nosso, eu ralei igual a ele, mas ele sempre dizia: eu vou fazer isto ou aquilo, nunca pedia minha opinião. (...) antes era assim, mas eu não aceitei mais (...) (Neida, 39 anos).

Neida emigrou e retornou com seu companheiro para o Brasil. Embora a poupança tenha sido feita pelos dois, ao retornar para o Brasil ela foi alijada das decisões de investimento, perdeu sua autonomia e posição de igualdade nas decisões familiares. A não aceitação dessa condição imposta pelo companheiro gerou atritos e o casal separou seis meses depois do retorno ao Brasil. Ambos reemigraram, mas separadamente.

4. O retorno mal sucedido e bem sucedido. Onde estão as mulheres?

A tabela 3 mostra que apenas 13% dos homens 51% das mulheres foram mal sucedidos no projeto de retorno e investimento. Os números se invertem entre os bem sucedidos – os homens sobressaem (87%) em relação às mulheres (49%). O que aconteceu com as mulheres no retorno e investimento?

Tabela 3 – Sucesso e insucesso entre homens e mulheres (%)

Projeto	Homens	Mulheres	Total
Bem sucedidos	87	49	69
Mal sucedidos	13	51	31
Total	100	100	100

Fonte: Banco de Dados NEDER 2004 a 2009

Número de casos válidos: 520

A coleta de dados entre os empreendedores bem-sucedidos⁹ foi realizada sempre com aqueles que detinham as informações sobre o empreendimento. Os homens se apresentavam como proprietários e administradores, tomando a frente no fornecimento de informações. As mulheres, mesmo quando presentes ou as primeiras a serem encontradas, diziam que os companheiros é que sabiam informar sobre o negócio.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com seis casais do grupo denominado bem-sucedido e quatro do grupo mal sucedido que emigraram juntos. Os relatos evidenciam que, no retorno, as relações de gênero mudam entre os casais e

⁹ Projeto migratório inicial, frequentemente, passa pela ideia de fazer poupança, retornar, comprar casa e carro (se ainda não possui) e montar um negócio na cidade de origem. Na coleta de dados referentes ao grupo de “empreendedores bem sucedidos” fomos surpreendidos com a presença pouco significativa de mulheres.

como os maridos tomam a frente dos investimentos, cabendo à mulher um papel secundário.

Lívia emigrou em 2001 com o marido e permaneceu por quatro anos em Boston. O casal deixou os dois filhos, um de sete e outro de quatro anos, com os avós maternos. Retornou para sua cidade de origem com dinheiro suficiente para abrir uma mercearia no prédio de dois andares que construíram enquanto estavam nos EUA.

Lá a gente trabalhava igual, eu na faxina e ele na construção. Quem chegasse primeiro cuidava da casa e preparava a comida, roupa também, não tinha disso que eu que tinha que lavar, ele também lavava e guardava. (...) aqui nunca foi assim, nem antes nem agora. (...) A gente dividia tudo apesar da dureza da vida e da saudade dos filhos, eu tenho saudade, eu me sentia mais valorizada, mais viva (...). O que eu ganhava era para mandar para os gastos das crianças e para pagar o aluguel e as nossas despesas (...) o dinheiro dele era para mandar para a construção (...) foi assim que combinamos. A gente conversava tudo e decidia junto. (...) aqui agora? [suspiro] é diferente, ele é que decide eu só ajudo (...) tudo isso que você perguntou eu não sei de quase nada, ajudo quando ele precisa. (...) quando voltamos foi muito difícil, as crianças estavam rebeldes e eu tive que ficar mais em casa para controlar (...) depois foi ficando assim e agora não consigo mudar (...) o que eu acho pior é ter que ficar pedindo dinheiro (...) se eu pudesse levar meus filhos não pensava duas vezes, eu ia outra vez (...). A gente teve muitos problemas, só não separamos porque eu tenho meus princípios religiosos e acho que casamento é para vida toda, mas é difícil voltar para essa situação depois que a gente vive lá (...)" (Lívia, 42).

Lívia demonstra saudades da liberdade e da participação mais efetiva que tinha na família. Sentiu dificuldades para

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

voltar à condição anterior de sua vida conjugal e relata a vontade, mesmo que distante, de viver em um espaço onde se sinta valorizada e possa ocupar uma posição de igualdade com o companheiro, mas justifica o comportamento diferente do marido no Brasil: “(...) aqui ele diz que não pode ser igual, em certos casos eu acho que sim, até a família da gente também acha estranho se fosse igual lá”. Sua narrativa remete à divisão das tarefas domésticas e à sua participação nos negócios da família.

Carlos e Vera tinham um *Schedule*¹⁰ de faxina. Trabalhavam juntos e faziam as mesmas atividades na limpeza das casas. Na vida doméstica também havia uma divisão igualitária de tarefas. Inicialmente, Carlos trabalhava como pintor, mas um acidente o impossibilitou de continuar. Resolveram que se os dois trabalhassem no negócio de faxina continuariam ganhando a mesma coisa e poderiam voltar para o Brasil quando terminassem a construção da casa na cidade natal. Tinham planos de montar uma loja para Vera trabalhar e uma oficina mecânica para Carlos. Na ida, deixaram sob os cuidados dos tios sua filha de um ano e meio. Depois de três anos de muito trabalho retornaram. O dinheiro que trouxeram foi suficiente somente para montar a oficina.

Eu não concordava com nada que ele fazia. Carlos só pensava no lado dele, pegou todo o dinheiro e fez a oficina (...) tudo que eu falava ele sempre tinha uma justificativa: “a oficina vai dar mais dinheiro, depois a gente faz a loja”. O dinheiro acabou e nada de loja. Se não fosse meu *Schedule* depois do acidente, ele tinha ficado sem trabalho. Quando chegou ao Brasil parece que ele esqueceu tudo, e achou que eu ia ficar no mando dele a vida toda.

¹⁰ É a forma como os emigrantes denominam um conjunto de casas onde fazem faxina.

O casal se separou e Vera retornou para os EUA com a filha dois anos depois. Carlos também retornou depois da falência da oficina mecânica. Vera afirma que, depois de viver nos EUA e se perceber capaz de ganhar dinheiro e cuidar de sua própria vida, não aceitava mais “certas coisas” no relacionamento.

Eu não ficava mais como cordeirinho, só no mando dele, eu sabia que podia cuidar de mim e da minha filha sem ele. (...) aqui eu posso ganhar meu dinheiro e viver bem, lá [no Brasil] todo mundo fica achando que a gente tem que ficar no mando do marido, por isso eu prefiro viver aqui.

Para Carlos, ao retornar para o Brasil, espaço onde cabia à esposa retornar à condição de dona dona-de-casa, cumpridora de suas atividades domésticas, as atitudes e ideias de Vera causaram estranhamento.

A vida lá é diferente, a gente topa tudo para ganhar dinheiro (...), faz o que não faz aqui, mas quando volta não dá para fazer igual lá. Aqui ta nossa família (...). Todo mundo diz que EUA destrói família, e destrói mesmo, eu vi isso na minha. Vera voltou cheia de ideias contrárias, achava que era sabichona. (...) não dá prá viver aqui como se vive lá (...) nossa cultura é diferente (...) até a família achava estranho as atitudes dela.

Atualmente, Vera tem *Green Card* e considera que a maior conquista como emigrante não foi o dinheiro que ganhou, mas a liberdade e se perceber como uma pessoa que pode fazer suas escolhas e decidir sua vida: “Eu fui criada para ser dona-de-casa, nunca tinha trabalhado, antes obedecia meu pai, depois meu marido. Aqui eu vi que eu posso ser dona da minha vida”.

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

No percurso do projeto migratório, algumas mulheres conquistam sua autonomia e se percebem como um ser capaz de construir e direcionar sua vida independente dos cônjuges. Nesse sentido, para Vera e muitas outras mulheres, mesmo que seu retorno não tenha sido bem sucedido do ponto de vista do investimento, ela redefiniu sua identidade de gênero e se percebeu capaz de dirigir seu próprio destino.

Os dados da tabela 3 não apresentam essa dimensão subjetiva do retorno e a diferente posição entre homens e mulheres em seus projetos. O percentual maior de homens bem sucedidos indica o retorno das mulheres para uma posição secundária nos empreendimentos, conforme relato de Livia, que retornou à uma situação secundária nos negócios da família.

Destacamos que 38% das entrevistadas retornaram com seus companheiros. Entre esses casais, observamos que iniciativa da separação entre os bem sucedidos e entre os mal sucedidos no investimento é maior entre as mulheres (56%) (tabela 4). Isso indica a insatisfação das mulheres ao retornar e perder a condição de maior igualdade e autonomia conquistada no relacionamento no período da emigração. Como relata Vera, voltar para uma situação de desigualdade nas relações conjugais depois de experimentar a situação de igualdade é insustentável.

Tabela 4 – Retorno e separação dos casais (%)

Projeto de Retorno	Separação depois do retorno		
	Homens	Mulheres	Total
Bem sucedido	19	25	44
Mal sucedido	25	31	56
Total	44	56	100

Fonte: Banco de Dados NEDER 2004 a 2009
Número de casos válidos: 80

Para as mulheres que permanecem na origem enquanto seus companheiros empreendem o projeto migratório também ocorre uma mudança. Tornam-se administradoras e detêm o poder de decisão na família.

(...) eu que administrei a construção disso tudo [um prédio de três andares com loja de comércio no térreo], ele só mandava o dinheiro. Virei pai, mãe e construtora. Antes eu nem sabia mexer com banco, tive que aprender tudo. Ele punha defeito em tudo, na construção, na loja (...) acho que ele ficou com ciúmes quando viu que eu fiz melhor do ele faria (Ana, 44 anos).

Quando o companheiro de Ana retornou, a construção estava pronta e a loja de material de construção já estava funcionando. Segundo ela, foi um período muito difícil para o casal; do sonho de retomar a vida normal da família, depois de quatro anos de afastamento e muita saudade, a chegada do marido se transformou num pesadelo, devido às grandes dificuldades de readaptação do companheiro à cidade e à família. Após se revelar uma excelente administradora, ter aprendido a gerenciar a loja, Ana não aceitava retornar ser mera expectadora das ações do marido. Ele também estranhou, pois deixou uma esposa e encontrou outra:

(...) ela se desenvolveu, criou asas (...) não deixava eu nem pagar a conta de água no banco. Ficou mandona e dava ordens para mim (...) foi muito difícil. (...) agora a gente se acertou, mas separamos duas vezes (...) (Mário, 52 anos, companheiro de Ana).

O tempo e a experiência vivida transformaram tanto o homem que emigrou quanto a mulher que aqui permaneceu, pois ela assumiu um novo papel na relação familiar.

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

Por tudo isso, podemos considerar que a emigração tem um significado diferente para as mulheres, tanto para as que emigram, quanto para as que permanecem na origem enquanto seus companheiros emigram. Elas percebem que são capazes de conduzir suas vidas e seus afetos e buscam igualdade de gênero nas suas relações afetivas.

Conclusão

Partindo da microrregião do Vale do Rio Doce, a migração para os Estados Unidos teve seu início em 1964 com a viagem de 17 jovens valadarenses. Ao longo dos anos de 1970 e até meados de 1980, formou-se uma rede que se constituiu um dos fatores para o *boom* emigratório na segunda metade dos anos de 1980. Nos primeiros anos desse fluxo, os homens emigravam mais que as mulheres. Pesquisas mais recentes (Siqueira, Assis, Campus, 2010) apontam para o aumento do fluxo de mulheres a partir do final da década de 1990.

A construção do projeto de emigração é semelhante tanto para os homens como para as mulheres, motivada pela possibilidade de abreviar o tempo para obter bens duráveis e melhorar as condições de vida.

Em busca de realização desse projeto, muitos casais emigram juntos e se submetem às mesmas condições de trabalho no país de destino. Durante o período de emigração, as relações de gênero na família mudam – a divisão das tarefas domésticas é mais igualitária, assim como os ganhos do casal. As mulheres, que muitas vezes não tinham um trabalho remunerado e, se tinham, sua renda era muito menor que a do homem, se vê em igualdade de condições e experimentam a valorização de sua posição na família como alguém que tem respeito e poder de decisão.

Os homens percebem essa situação como transitória e, lembrando Simmel (1984), como um tempo fora do tempo

natural da vida. No retorno, a expectativa dos homens é que tudo volte ao ponto inicial. Mas, como assinala Sayad (1998), é possível voltar ao ponto geográfico da partida, mas não ao tempo da partida. A experiência emigratória vivida pelas mulheres, que pela primeira vez se percebeu capaz de gerir sua própria vida, torna-se um movimento de transformação, uma vez que, ao retornar ao território de origem, acaba sujeitada a um papel secundário em relação ao companheiro, gerando o conflito. Nesse sentido muitos casamentos são desfeitos; muitas retornam para os EUA ou permanecem na cidade de origem e conquistam um espaço de respeito e valorização dentro do casamento.

O projeto de emigrar de homens e mulheres é motivado pelo mesmo desejo de melhorar as condições de vida. Entretanto, no retorno, as mulheres se vêem em uma situação diferenciada. No período de emigração conquistaram muito mais que capital para melhorar sua condição de vida na origem, conquistaram um espaço de igualdade nas relações conjugais. Na sua terra natal querem manter o que conquistaram fora, mas encontram resistência dos maridos, que restabelecem o tipo de relação que o casal tinha antes de migrar. Os conflitos gerados pelas diferentes expectativas podem resultar na separação do casal ou na reconfiguração das relações conjugais na origem.

Mesmo as mulheres que permanecem na origem, enquanto os maridos emigram, experimentam uma nova situação. Com a ausência dos companheiros, tomam decisões e se percebem capazes de conduzir sua família; deixam a posição secundária e passam a ter poder de decisão. No retorno dos companheiros, o estranhamento, o incômodo de retornar à posição anterior é sentido. Muitas conseguem manter suas conquistas, contudo muitos casamentos são desfeitos.

Os resultados da pesquisa apontam que a emigração para as mulheres se traduz em algo que vai além do projeto inicial de melhorar ou manter suas posições econômicas ou ampliar

Imigração e retorno na perspectiva de gênero

suas possibilidades de consumo. No percurso do projeto migratório elas adquirem autonomia e a percepção das possibilidades de se inserir em condições de igualdade nas relações de gênero.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, vol. 15, nº3, Florianópolis-SC, 2007, pp.745-772.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. *International Migration Review S.I.*, 23(3), 1989, pp.638-670.
- DEBIAGGI, Sylvia Dantas. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José. (orgs.) *Psicologia, E/Imigração e cultura*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004, pp.135-164.
- LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. *26ª Reunião Brasileira de Antropologia Desigualdade na Diversidade*, São Paulo, RBA, 2008.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil. Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas-SP, Papirus, 1994.
- PADILHA, Beatriz. A imigração Brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge Macaísta. *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa, Acidi, 2007, pp.113-134.
- PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiros para a Itália no marco do turismo sexual internacional. *Revista Estudos Feministas* nº 3, vol. 15, Florianópolis, 2007, pp.717-744.
- SALES, Teresa. *Brasileiro longe de casa*. São Paulo, Cortez, 1999.

- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elementos constitutivos da condição do imigrante. *Travessia*. Revista do migrante, número especial, pp. 3-34. 2000.
- _____. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP, 1998.
- SIMMEL, Georg. A aventura. In: SOUZA, Jessé e OËLZE, Berthold. (orgs.) *Simmel e a Modernidade*. Brasília, UnB, 1998, pp.171-187.
- _____. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (org.) *Georg Simmel*. São Paulo, Ática, 1983.
- SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson César. The social networks and the configuration of the first brazilian migratory flow: a comparative analysis between Criciúma and Governador Valadares. *XXXIX International Congress Latin American Studies*, Toronto, outubro de 2010.
- SIQUEIRA, Sueli. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Una perspectiva transnacional. *Simposio Internacional Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*, Barcelona, 14 e 15 de fevereiro de 2008.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

Mercado erótico: notas conceituais e etnográficas

Maria Filomena Gregori*

Examinar o lugar que a transgressão ocupa no mercado erótico contemporâneo desafia o sentido que lhe é destacado pela literatura especializada, sobretudo, a que ganha destaque entre os intelectuais franceses responsáveis pela elaboração, a partir da leitura das obras de Sade, da teoria sobre o erotismo e que ainda hoje constitui a base analítica sobre esse tema.¹ O cerne do significado moderno do erotismo, segundo essa tradição, é o de violar tabus morais e sociais, tanto os relacionados às posições e hierarquias dos praticantes, como através das alternativas que contestam as práticas sexuais sancionadas. Atualmente, o que se nota do material pesquisado tanto nos Estados Unidos, como das suas várias expressões no mercado em São Paulo e no Rio de Janeiro é a emergência de um *erotismo politicamente correto* que, mesmo tendo como ponto de partida o protagonismo de atores ligados à defesa das minorias sexuais, entre eles nomes importantes do cenário teórico e político do feminismo², passou a ser difundido pelo

* Doutora em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu/Unicamp). É autora, entre outros, do livro *Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista* (São Paulo: Paz e Terra/Anpocs, 1993) e *Viração: a experiência de meninos nas ruas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).

¹ Para as leituras de Sade consultar especialmente: Barthes, 1979; Deleuze, 1983; Bataille, 1987; Gallop, 1981; Carter, 1978.

² Para um maior detalhamento sobre essa questão, consultar Piscitelli, Gregori e Carrara (orgs.), 2003, bem como o artigo de Maria Filomena Gregori "Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M", 2005.

Mercado erótico

universo mais amplo de produção, comercialização e consumo eróticos. Os efeitos mais imediatos desse novo cenário se ligam de um lado, ao deslocamento do sentido de transgressão do erotismo para um significado cada vez mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do *self*; de outro, a uma espécie de neutralização ou domesticação dos traços e conteúdos violentos, como aqueles envolvidos em práticas sado-masoquistas. Em particular, o que tenho observado, a partir da investigação sobre *sex shops* em cenário brasileiro, é a expansão do que parecia estar vinculado apenas ao mercado erótico homossexual norte-americano, criando faces e recortes novos e intrigantes.

Na pesquisa realizada na cidade de São Paulo, notei efeitos desse tipo de *erotismo politicamente correto*. A criação, que não data mais do que nove anos, de *sex shops* em bairros de classe média alta, tendo como público-alvo de consumo um segmento de mulheres que não frequentava esse tipo de estabelecimento: mulheres com mais de trinta anos, heterossexuais e casadas. Descobri que há uma interessante feminização desse mercado, tanto se considerarmos a comercialização, como o consumo. Importante mencionar: estamos diante de um fenômeno em que há uma segmentação do mercado por gênero combinada ou articulada a uma segmentação por classe e por região da cidade. Tal segmentação apresenta a seguinte configuração: quanto mais baixa é a estratificação social do público para quem a loja é organizada – e, na maioria dos casos, ela se localiza na região do centro antigo da cidade –, o segmento é predominantemente masculino e com índices expressivos de homens mais jovens ou bem mais velhos (é alta a incidência de senhores aposentados ou desempregados e *motoboys*, *officeboys*); quanto mais alta a classe social do público visado pela loja, o segmento é predominantemente feminino. E, nesse caso, mulheres ou muito jovens (vindas em grupo) ou com mais de 25 anos e de

maior poder aquisitivo. Este último constitui o nicho de mercado que foi criado recentemente, cujas lojas se concentram em bairros de classe média e média alta e que tem mulheres como a grande maioria de proprietárias. Também é relevante destacar que nas lojas investigadas há uma presença significativa de moças como vendedoras e, em todas as lojas que foram objeto de pesquisa de campo, encontramos uma maioria de consumidoras.³

Na direção inversa das visões que tendem a tomar o mercado ora como mero reflexo de demandas sociais, ora como força manipuladora diante da qual o consumidor é passivo, temos esse nicho de *sex shops*, caso exemplar a configurar um processo, certamente mais complexo, de constituição de novas práticas e posições diante da sexualidade. Salta aos olhos que, através desse fenômeno caracterizado por uma espécie de retro-alimentação entre demanda e oportunidades, as normatividades sexuais que regulam o controle da sexualidade feminina estão sendo modificadas. Inegavelmente, estamos assistindo a uma valorização dos bens eróticos e por iniciativa

³ Para a pesquisa de campo foram escolhidas lojas de diferentes tipos, observando várias características: tamanho da loja, localização, tempo de existência, tipo de clientela (aspectos sócio-econômicos, etários, de gênero e orientação sexual).

Lojas: Docstallin - Amaral Gurgel, 69 - Vila Buarque; PontoG Sex Shop (1) - Amaral Gurgel, 154 - Vila Buarque; Sex Mundi - Amaral Gurgel, 378 - Vila Buarque. Essas lojas de *sexs shop* se localizam no centro de São Paulo. Área mais pobre do centro perto do minhocão, habitada por pessoas de classe mais baixa. A grande atração dessas lojas são os *Peepshows*, que constituem também a maior fonte de lucro das lojas. Essa também é uma área do circuito gay, que à noite usa o minhocão como ponto de pegação.

Lojas: Maison Z - Al. Lorena, 1919A - Jardins; Clube Chocolate - Rua Oscar Freire, 913 - Cerqueira César; Love Place Erotic Store - Alameda dos Jurupis, 1374 - Moema; Revelateurs - Rua Gaivota, 1502 - Moema. Esses *sex shops* ficam em áreas nobres de São Paulo. Bairros nobres onde circulam pessoas de classe alta e média alta. As lojas são direcionadas a um público de maior poder aquisitivo, mas especificamente para um público feminino.

Mercado erótico

(como produtoras, comerciantes e consumidoras) de mulheres. Importante não desconsiderar o fato de que se trata, na maioria, de mulheres heterossexuais e não tão jovens. Para que não se tenha grandes ilusões, esse é o segmento de consumo mais significativo do mercado, para o qual ele é organizado e diante do qual a demanda é “construída”. Nesse sentido, não é de estranhar que se tente introduzir novas modalidades de produtos em campos ainda pouco explorados. A questão intrigante nesse caso não é, pois, que o comércio tente abrir negócios no campo do erótico, mas o que explica o sucesso significativo e a visibilidade que ele tem alcançado. A hipótese mais provável é a de que a versão *politicamente correta*, criada nos Estados Unidos e objeto de estudo anterior, tem permitido ampliar o escopo de escolhas e práticas sexuais possíveis, afastando as práticas sexuais sancionadas, sobretudo, para as mulheres casadas, do seu sentido normativo de reprodução sexual.

Cena 1: A mulher diamante

Domingo, 8h30 da manhã. Sala de conferências de um *flat* dos jardins em São Paulo. Eu e minha aluna ganhamos de cortesia participar do curso “Mulher Diamante” oferecido por Nelma Penteado. Na ante-sala estavam expostos *lingeries*, cosméticos e acessórios de *sex shop* para venda. Na sala, encontramos sentadas aproximadamente 50 mulheres: a maioria de classe média, profissões variadas com empregos em relações públicas, dentistas, secretárias, muitas com pequenos negócios. Grande parte delas na faixa dos 30 anos ou mais.

A espera e o silêncio constrangedor foram cortados com um som estridente e a apresentação de Nelma Penteado – “Ela já deu palestras para mais de 1 milhão de mulheres. Ela foi a primeira mulher a falar de erotismo para mulheres casadas. Ela é a melhor palestrante do mundo...” Ela irrompe o cenário, toda

de branco e *strass*, gritando: “Bom dia!!!” Todas respondem: “Bom dia!” Ela: “Esse bom dia está muito chocho! Quero ouvir um bom dia com muita energia. Bom dia!” Todas respondem: “Bom dia!” Ela: “Agora sim”. Ela sobe no palco e dá início à palestra.

Para começar, e como era muito cedo... ela colocou uma música da Xuxa e pediu para levantarmos para dançar e, em seguida, pediu que virássemos para a esquerda e fizéssemos massagem na companheira do lado para ela acordar. Enquanto isso, ela gritava “palavras de ordem” para serem repetidas por todas. A maioria das frases devia ser dita para a amiga do lado: “Acorda.” “Xô preguiça” “Xô mal humor” ... A massagem terminou com um abraço de trenzinho coletivo. Então, ela pediu para todas fecharmos os olhos, pois iríamos agradecer a Deus por conseguirmos nos levantar todos os dias.

Depois da breve prece, ela disse que o curso é uma troca, que para que ele aconteça é necessário que todas estejam abertas, senão ela e todas nós apenas estaremos perdendo nosso tempo. E ela não deixou os filhos em casa para perder tempo. Ela disse que podia ver no rosto e nos olhos (“Os olhos são a porta da alma”) o que cada uma estava pensando:

Algumas estavam totalmente abertas, algumas ainda tímidas, e algumas pensando – ‘O que essa mulher pode me ensinar? Eu que tenho mestrado, doutorado, MBA. Eu que sei tudo.’ Eu sei que eu não tenho MBA, mestrado etc., mas eu já falei para mais de 1 milhão de mulheres. E mudei a vida de delas, por isso alguma coisa boa eu posso passar. Por isso, eu peço para essas pessoas que deixem de preconceito e aproveitem de verdade o curso.

Minha aluna e eu nos entreolhamos, senti que a bronca era para mim. Em parte devia ser mesmo, tamanho o meu espanto e desconforto de estar naquele auditório lotado e tendo

Mercado erótico

que interagir, dançar, agradecer a Deus... engoli em seco, pensando nos “ossos do ofício” e fiquei com uma cara de “samambaia”, esperando os ensinamentos.

A palestra inicial girava em torno da auto-estima:

Por exemplo, se quando você estivesse chegando aqui no hotel você encontrasse uma pedra de rua no chão, você a pegaria?

Todas: Não.

Mas se você tivesse encontrado um diamante? Você pegaria, traria para cá, ficaria olhando ele a cada intervalo, cuidaria dele, mostraria para todo mundo, poliria ele sempre... Não é verdade? Então, se você for uma pedra de rua, se sentir como uma pedra de rua, se tratar como uma pedra de rua, os outros te verão e te tratarão como uma pedra de rua. Os homens apenas vão te usar e jogar fora. Não vão te tratar como você merece... Mas se você for um diamante, todos vão te tratar como um diamante. E, além disso, um diamante mesmo quando é quebrado, estilhaçado, nunca perde seu valor. Seja um diamante! Quem é mulher diamante levanta a mão. Diga para sua amiga: ‘Você é um diamante’.

Todas: Você é um diamante.

E ela: Diga para sua amiga: ‘Não deixe nunca mais ninguém te tratar como pedra de rua’.

E continua: Estamos aqui conversando sobre auto-estima, cuidar do jardim, não deixar ninguém destruí-lo. Mas algumas de vocês devem estar pensando... ‘e a sacanagem? Eu vim aqui para aprender a sacanagem.’ Eu queria esclarecer que essa primeira parte do curso é para você aprender a cuidar de todas as árvores do seu jardim. Mas na parte da tarde e da noite, nós focaremos mais nessa parte do erotismo. Eu daqui a pouco já darei algumas dicas de sacanagem. Só queria antes dizer que a sacanagem que eu ensino é a sacanagem do bem, não sacanagem do mal. A sacanagem que deve ser usada para o bem, para melhorar seu casamento, para você ser

Maria Filomena Gregori

mais feliz. Pois o mundo já está cheio de sacanagem do mal.

Enfim, as dicas:

Vou dar duas dicas rápidas que você pode fazer. A primeira: quando ele estiver tomando banho de manhã para ir trabalhar, você pega a cueca que ele vai usar e cobre de beijos de batom. Quando ele reparar, vai ficar surpreso e você diz que é para ele sentir seus beijinhos o dia inteiro. Na parte da tarde, você liga para ele e diz: Quando você chegar em casa eu vou beijar seu corpo todo. Ele com certeza não vai tirar você da cabeça e vai chegar em casa todo animado. O resto da noite só depende de vocês! A segunda dica também é fácil de fazer e precisa apenas um banheiro. Todo mundo tem banheiro em casa? Uma toalha. Todo mundo tem toalha em casa? E um sorvete de massa. Isso é fácil de arrumar, certo? Você liga o chuveiro para que o banheiro se encha de vapor. Pega a toalha coloca no chão do banheiro. Lógico que fora do box para não molhar, pois é em cima dela que vocês vão fazer amor.(risos) Você chama ele, pede para ele tirar toda a roupa e esperar deitado na toalha. Você então tira sua roupa, vai pegar o sorvete na geladeira. Lembre-se de deixar o sorvete já preparado na geladeira, não vai querer ir na padaria comprar e deixar o coitado no chão do banheiro esperando... (mais risos). Você entra com o sorvete na mão e diz assim: Você tem que tomar esse sorvete sem derramar uma gota, porque onde cair uma gota você vai ter que chupar e esfrega o sorvete em várias partes do seu corpo. Depois fala, eu também não posso deixar cair nem uma gota, pois onde cair eu terei que chupar. E passa o sorvete no corpo dele. Você vai ver, vai ser uma chupação só, uma loucura.

Mercado erótico

Cena 2: Sexo vende?

Fundação Getúlio Vargas. 1º Fórum “Marketing Erótico e Ética”, cujo tema era o Erotismo como Propulsor de Consumo. O evento era voltado para profissionais do Marketing, Propaganda, consultores e outros interessados. A maioria dos palestrantes era da área de marketing. O primeiro palestrante foi um professor da GV – coordenador da área de marketing – Marcos Cobra. Ele lançou um livro chamado *Sexo e Marketing* (que estava à venda no evento) e sua palestra foi sobre o livro. Ele dá início à sua fala com uma pergunta: “Sexo vende?”. E comenta:

“Claro que vende. Nós estamos no Brasil que é um país, segundo dados de uma pesquisa, que faz mais sexo em todo o mundo. E como já nos disse Gilberto Freyre, nossa sexualidade vem da negra da senzala. O sexo faz parte da cultura nacional(...) Apesar disso eu gostaria de ressaltar, que esse assunto ainda é um tabu. Mesmo dentro de um centro de pesquisa de ponta como a GV. Eu tive muita dificuldade para começar uma discussão sobre esse assunto aqui, e mais ainda para conseguir fazer esse fórum. Muitas pessoas foram contra, falaram que era um absurdo tratar desse assunto. Outras diziam que esse assunto não era relevante. Mas estamos aqui com o auditório cheio, meu livro muito bem aceito e quebrando essas barreiras ‘moralistas’.”

E continua:

Em nossa época, as bases do marketing são: a satisfação de necessidades para a realização de desejos dos consumidores sejam eles explícitos ou ocultos. A emoção é a chave; a necessidade de investimentos em tecnologia e conhecimento como forma de sobrevivência e crescimento, pois o conhecimento tem prazo de validade a cada dia menor. É preciso investir em pesquisa; os

produtos devem se tornar objetos de desejo; a cabeça dos consumidores está lotada de informações desnecessárias. O apelo ao sexo é utilizado para conquistar a atenção do consumidor". O que significa, em seus próprios termos: "o objetivo do marketing é transformar desejo em consumo. Os consumidores são movidos por emoções, por isso o aumento dos apelos eróticos. Os produtos devem mexer com o lado lúdico e pudico do consumidor.

Passou, então, a falar de erotismo e sexualidade:

O amor romântico é uma construção social baseada na atração sexual. A atração sexual seria o real sentimento, a emoção que move o ser humano. Dessa forma, como fica o marketing erótico? O marketing elegeu a mulher como o objeto de beleza. A sociedade de consumo tem a mulher como seu símbolo. Basta olharmos os anúncios publicitários para vermos a sexualidade implícita, ou mesmo explícita.

Assim,

o marketing deve associar o consumo prazeroso com a figura da mulher. Deve-se transformar o produto em "prazer", "magia" e "sedução". Quanto mais atrativo e sedutor for o produto, mais ele induz o consumidor à compra. O produto se torna objeto de desejo. O marketing se torna arte de realizar desejos explícitos e ocultos, por meio de produtos ou serviços atraentes e emocionantes e apresentados com efeitos extraordinários e de maneira fascinante. [E conclui com uma narrativa em itens] O sexo na sociedade de consumo está presente na vida de qualquer pessoa; o consumidor procura o sexo como afirmação social, pessoal e afetiva; o poder econômico é representado pela posse de símbolos sexuais representados por marcas e categorias de produtos.

Cenas exemplares ilustram de modo contundente que, ao lado da abertura de lojas, está ocorrendo um investimento significativo em, de um lado, criar novas etiquetas sexuais para mulheres heterossexuais; e de outro, elaborar parâmetros mercadológicos que estimulem a divulgação desse conjunto *standard* de etiquetas, de modo a estimular o consumo. Interessante notar os cenários: um flat nos jardins; a Fundação Getúlio Vargas. O elemento de classe parece evidente: trata-se da formação dessa etiqueta comportamental de modo a atingir, de início, as mulheres de elite, na condição de consumidoras e também de profissionais de marketing.

Da primeira cena, valeria algumas informações adicionais: Nelma Penteado é pioneira em palestras sobre sexualidade para empresas e já ministrou inúmeros cursos, bem como prestou consultoria para vários dos *sex shops* investigados. Sua trajetória pessoal intriga: moça simples e sem estudo, iniciou essas atividades de orientação para mulheres em seu salão de beleza. É casada com um português que é seu agente e responsável pela sua imagem e agenda. Escreveu alguns livros (em um deles o prefácio foi escrito por Maílson da Nóbrega) e, em todos eles, essa espécie de nova etiqueta sexual para mulheres está em evidência. Uma etiqueta, uma “sacanagem do bem”, que articula estimular a auto-estima, temer e agradecer a Deus e cuidar do casamento. A dinâmica do curso combina certas modalidades de programa de auditório, de cultos evangélicos, de salão de beleza e, também e especialmente, de casas noturnas de *striptease*. Ali aprendemos a andar, a empostar a voz, a olhar com altivez. Aprendemos também uma série de jogos sensuais e a manejar com destreza a busca do prazer e o controle sobre o desejo do parceiro.

Tal etiqueta sexual para as “novas” mulheres parece estar inteiramente atinada e congruente com as demandas e aspirações das consumidoras. Diversas usuárias dos bens eróticos com o perfil social de classe média alta, em

relacionamentos heterossexuais e com mais de 35 anos afirmam que esse mercado abriu a possibilidade de “apimentar” suas relações. Elas não acham que estão, com seus novos “acessórios” e brinquedinhos, propriamente contestando a matriz heterossexual que organiza hegemonicamente as práticas sexuais.⁴ Antes, elas tomam para si – e, levando em conta uma retórica de justificativa – a responsabilidade de manter seus relacionamentos diante da imensa competitividade de mulheres no mercado matrimonial – fato que não devemos desprezar, segundo dados demográficos, especialmente para a faixa etária em questão. Se essa é a retórica que sustenta os seus novos atos de consumo, é inegável que não esgota todos os seus efeitos. Depois desse tipo de comentário, as usuárias frequentemente falam com eloquência e por tempo considerável sobre os novos prazeres e poderes envolvidos. Interessante notar que o acento das falas incide sobre uma espécie de associação entre a valorização da auto-estima (produzir prazer para si mesma), tornar seus corpos saudáveis no sentido de corpos que “gozam” e aumentar os espaços de convivência e de diversão entre mulheres, no sentido de um novo âmbito de homosocialidade.⁵ Interessante destacar uma implicação interessante sobre tal feminização: ainda que essa ampliação do escopo das normatividades sexuais esteja sendo mobilizada em torno da saúde e da auto-estima, assistimos à desestabilização das fronteiras que separam as mulheres “direitas” das “outras” (amantes e prostitutas, particularmente). Aliás, a própria associação com saúde mental e corporal

⁴ Para uma caracterização teórica sobre a matriz heterossexual, consultar Butler, 1990.

⁵ Além das lojas, fiz pesquisa de campo em atividades em que essa homosocialidade é estimulada: cursos de *striptease* e massagem sensual e encontros para venda de produtos entre amigas em casas particulares (essa última modalidade é a versão para produtos eróticos dos encontros de venda de produtos, cosméticos ou *tuperwares* nas residências de donas de casas).

permite essa desestabilização. Através da comparação com a imagem do que representa a prostituta brasileira em cenário transnacional (e, em particular, aquilo que foi observado na Espanha) – a de que a brasileira, diferente das outras latino-americanas ou das mulheres do leste europeu, é valorizada por ser “carinhosa, doce e dócil” (Piscitelli, 2005) – parece que essas fronteiras estão mesmo sendo nubladas: a mulher de classe média heterossexual está gostando de parecer ser “puta”, enquanto a prostituta parece querer ser uma espécie de “Amélia”.

Da segunda cena, salta aos olhos a empreitada e algumas noções. Intriga que uma das faculdades de administração de empresas de maior destaque no país ofereça uma atividade para especialistas em formação de marketing, criando toda uma retórica e uma argumentação que retira o erotismo de uma dimensão mais popular ou clandestina do mercado e elabora as bases para que ele alcance um patamar de maior *status*. Interessante que há na argumentação um componente que fala de perto ao público brasileiro, afinal, como sinaliza Marcos Cobra, a sensualidade (da mulher negra) está na base de nossas tradições. Invocar Gilberto Freyre autoriza que o tema possa ser objeto de discussão na faculdade (pois lhe confere marca acadêmica) e, simultaneamente, opera com aquilo que o senso comum toma como essencial de nossa cultura nacional. Assim, o “sexo vende”. E se “o objetivo do *marketing* é transformar desejo em consumo”, nada mais justificável do que verter para o consumo aquilo que constitui uma espécie de desejo nacional, a sacanagem.

No que interessa a discussão sobre instrumentos analíticos, tais cenas ilustram uma dinâmica sobre a operação de mercado que já foi assinalada por Peter Fry (2002) ao tratar dos produtos de beleza para a população negra, bem como a maior participação de modelos negros na publicidade brasileira. O autor analisa o modo como os produtos entram no

mercado, indo contra as perspectivas que tomam os consumidores como vítimas passivas ou ainda aquelas que assinalam que os fabricantes seriam meros realizadores dos sonhos ou desejos dos consumidores. Trata-se de produção organizada para explorar todas as possíveis diferenciações sociais através de uma motivada diferenciação de bens. Desse modo, Fry, ao lidar com os novos segmentos de mercado para os negros, toma cuidado de não presumir que estejamos diante de algo que apenas possa ser visto como resultante de uma demanda da classe média negra. De fato, o autor compreende tal processo como constituinte da formação dessa classe média.

Tal indicação é particularmente valiosa para aprofundar a noção de mercado erótico. A emergência de *sex shops* não pode ser vista como mero reflexo de novas configurações nas relações de gênero ou de novos padrões para as práticas sexuais. Trata-se antes de um processo de direções variadas que implica de um lado, a articulação entre “sacanagem”, auto-estima, ginástica e prazer, perdendo, assim, seu sentido clandestino anterior; de outro lado, a constituição de etiquetas para os praticantes a partir de convenções de gênero e de sexualidade. O mercado erótico inegavelmente criou algo novo. No seu campo mais elitizado, assiste-se à constituição de um segmento claramente feminino. As cenas descritas descortinam cenários em que o público-alvo é constituído por mulheres, bem como são assinaladas conjecturas e definidas práticas que antes de figurar a feminilidade como o lugar passivo do desejo masculino, as redesenham com sentidos claramente ativos. As mulheres passam a ocupar uma espécie de protagonismo e são responsabilizadas não apenas pelo seu bem estar, como também pela manutenção de seus casamentos. O que significa que tais práticas e ensinamentos trazem efeitos sobre padrões de conjugalidade: esposas ativas sexualmente em relações heterossexuais.

Mercado erótico

Na cena do fórum de *marketing*, parte considerável do conteúdo discorreu sobre a relação entre o mercado e o desejo. Para entender seus efeitos, bem como ajudar a afinar nossos conceitos, sugiro a leitura do livro organizado por Appadurai, *The Social Life of Things* (1986), que propõe uma nova interpretação sobre a circulação de mercadorias na vida social atinada ou com foco nas coisas que são trocadas e não apenas, como tem sido tradição em várias modalidades da antropologia social e econômica, nas formas ou funções da troca. Para Appadurai, mercadorias são objetos que têm valor econômico. Sua definição tem uma conotação exploratória e, para tal, ele se inspira em Georg Simmel (*Filosofia do Dinheiro*, de 1907) e sua noção de que o valor não é dado pela propriedade inerente dos objetos, mas aquilo que resulta do julgamento que os sujeitos fazem desses objetos. Julgamentos são baseados em subjetividades que, por princípio, implicam provisoriedade. Simmel sugere que os objetos não são de difícil aquisição por serem valiosos, mas são valiosos por resistirem ao nosso desejo de possuí-los. Objetos econômicos supõem, para ele, aquilo que se localiza entre o puro desejo e a satisfação imediata, na distância entre o objeto e a pessoa que o deseja, distância que pode ser superada. E ela é superada através da troca econômica na qual o valor dos objetos é determinado reciprocamente, ou seja, numa dinâmica em que o desejo por um objeto é consumado pelo sacrifício de outro objeto, que é foco do desejo de outrem. Os vários artigos do livro de Appadurai tratam, pois, de desenvolvimentos de *insights* sobre os modos como desejo, demanda, sacrifício e poder interagem para criar o valor econômico em situações sociais específicas. Eles interessam exatamente na medida em que a proposta analítica é a de atentar para as trajetórias de como os objetos ganham sentido, ou melhor, a questão no caso é a de seguir as coisas e como seus significados vão sendo inscritos nas suas formas e usos.

Na análise dessas trajetórias, pondera o autor, é adequado evitar a oposição (consagrada pela antropologia) em distinguir ou estabelecer uma fronteira estanque entre sociedades da “dádiva” e sociedades da “mercadoria”. A troca de dádivas tem sido apresentada em muitas visões (Sahlins, 1972; Taussig, 1980; Dumont, 1980) em oposição à troca de mercadorias, o que acaba por incorrer em reificação: a dádiva sendo associada à reciprocidade e à sociabilidade; e a mercadoria como engrenagem orientada pelos interesses, pelo cálculo e pelo lucro. A dádiva ligaria coisas a pessoas e a mercadoria “objetificaria” as pessoas na medida em que é tomada como uma espécie de *drive*, aparentemente isento de constrangimentos morais, ligando as coisas através do dinheiro. Indo contra essa interpretação, o autor propõe pensar sobre o que há de comum entre a troca de dádivas e a troca de mercadorias.

A ideia de trabalhar com o registro das trajetórias é bastante enriquecedora para a análise de meu material de pesquisa. Isso porque evita oposições simplificadoras de modo a acompanhar em uma perspectiva processual as trajetórias de comercialização de bens eróticos, bem como as de consumo. Pelo que tenho notado, a formação desse novo segmento do mercado erótico seguiu de perto algumas tendências do mercado norte-americano, seja pela importação dos *toys* produzidos em uma perspectiva politicamente correta (Gregori, 2004) e para um público que inclui mulheres de classe média, seja pela divulgação desse tipo de materiais pela TV. Muitos de meus informantes, sobretudo as vendedoras e donas das lojas para classe média alta, fizeram menção ao seriado *Sex in the City*, em exibição na TV a cabo. De fato, o período de maior intensidade na criação das lojas investigadas é concomitante ao sucesso desse seriado em que quatro mulheres solteiras, sofisticadas e independentes de New York frequentam *sex shops* e usam os acessórios. Além desse seriado, as lojistas brasileiras

Mercado erótico

indicam programas de TV, como o da Monique Evans, na TV Gazeta, e matérias de revistas (citam, em particular, a revista feminina *Criativa*) como veículos de apoio à divulgação de seus produtos. De fato, presenciei em campo uma considerável atividade das lojas junto à mídia: lojistas sendo entrevistadas, empréstimos de acessórios e *lingeries* para programas televisivos e matérias de periódicos variados. Trata-se, nesse sentido, de uma trajetória de comercialização fortemente articulada à divulgação midiática e difundindo uma imagem que, desde logo, associa os produtos às mulheres independentes financeiramente, ativas e livres.

Importante também mencionar que, ao longo desses anos de investigação nas lojas, é perceptível uma estreita vinculação da venda com atividades variadas de natureza mais pedagógica. Um dos *sex shops* investigados oferecia cursos de *striptease* e de sensualidade em seu estabelecimento e nos outros a referência mais comum era feita às palestras e *workshops* de Nelma Penteado. Sem nenhuma exceção, tanto lojistas como vendedoras enfatizaram em suas entrevistas um aspecto que merece atenção: elas associam a atividade comercial a uma espécie de apoio psicológico e de ensinamentos diversos para que as mulheres conquistem maior prazer sexual o que, segundo elas, ajuda a que preservem seus relacionamentos amorosos. O acompanhamento detalhado dessas trajetórias tem permitido apreender, pois, a constituição de um mercado erótico feminino com recorte de classe definido e que não se limita à venda e à compra, mas a todo um conjunto de estratégias de divulgação e de lições práticas. Trata-se, assim, de um mercado cujas pretensões pedagógicas vão, certamente, além de configurar uma operação livre de constrangimentos morais ou culturais que visaria interesse e cálculos de lucro.

O que meu material tem indicado com clareza para o caso do Brasil é que o conteúdo do *erotismo politicamente correto* sofre um processo de re-significação bastante intrigante. Aqui, ainda

que tenha aumentado significativamente a oferta de *sex toys* e que, inclusive, já tenha mapeado circuitos de produção nacionais de dildos e vibradores, não verifico a mesma ênfase na genitalidade, se comparado ao universo investigado em São Francisco. Aqui, em todas as lojas, sem distinção, os produtos expostos nas vitrines e que colorem os ambientes internos são as fantasias femininas variadas (enfermeira, colegial, tiazinha, dançarina de ventre, empregada, entre outras⁶) e *lingeries*, também femininas e provocativas. Interessante notar que, ainda que o tecido empregado varie de qualidade, há uma constância de cores fortes (vermelho e roxo), panos com transparência, couros, plásticos com brilho e plumagens. As fantasias, as calcinhas e os *soutiens* sugerem uma sensualidade cujas convenções parecem remarcar dois sentidos: o de ser “vulgar” e o de ser para o corpo “feminizado”.⁷ Não são oferecidas fantasias masculinas e são raras as cuecas – estas aparecem apenas nas lojas cujo público é predominantemente homossexual masculino. Esse fato não elimina a possibilidade de que homens comprem *lingeries*, inclusive, para uso próprio.⁸ O relevante no caso parece ser que as inscrições de gênero são coladas a uma certa modalidade de sensualidade que enfatiza o “vulgar”. A materialidade corporal associada a um sexo pouco parece importar, mas não o sentido de vestir, feminizando e tornando obsceno.

⁶ Importante mencionar uma observação feita por vendedores em lojas: enquanto as mulheres procuram e compram fantasias de “tigresa” e bombeira, os homens compram para elas fantasias de colegial e empregada doméstica.

⁷ “Feminizado”, no caso, implica o corpo que vai ser dotado desse sentido, não importa se é o corpo da mulher.

⁸ Esse tem sido um caso repetido por vendedoras de lojas diferentes: homens sem sinais diacríticos que aparentem homossexualidade que procuram calcinhas e *soutiens* de tamanho “GG” ou que, em seguida à compra, vestem os acessórios no vestiário da loja.

Importante destacar que os marcadores de gênero, no caso das fantasias, combinam feminilidade a atividades profissionais que evocam dissimetrias sociais ligadas a subalternidade ou controle: a posições de cuidado (enfermeira e empregada doméstica), as de conotação do que hoje se chama de pedofilia (colegial), as que sugerem sensualidade animal (tigresa ou coelhinha) e as de domínio (bombeira, militar, polícia). Esse tipo de produto não aparece nos *sex shops* investigados nos Estados Unidos. Ali, encontramos roupas e acessórios relacionados exclusivamente ao mundo S/M. Aqui, parece que os marcadores de gênero são relevantes, em especial, a noção de que o corpo “feminizado” é o que tem que ser vestido. Além disso, tais vestimentas conotam posições de assimetria, jogando ora com o controle, ora com a submissão. Nesse sentido, no contexto investigado, o erotismo comercial perde parte do sentido politicamente correto do correlato norte-americano. Importante remarcar que tal aspecto não deve conduzir à conclusão rápida de que ele expressa um quadro nacional de maior dissimetria e segmentação em termos de gênero. Não esqueçamos que os marcadores de feminilidade e sensualidade que estão sendo vendidos e comprados podem ser usados – e, efetivamente estão, segundo dados etnográficos – não apenas pelas mulheres, como pelos homens, podem servir para usos individuais, coletivos e de orientação não exclusivamente heterossexual.⁹ Eles podem estar sendo empregados, inclusive, para assinalar um sentido de obscenidade. O uso e jogo com esses marcadores indicam a persistência de um modelo de erotismo que combina alguns

⁹ Tem aumentado significativamente a procura de dildos acoplados em cintas por casais heterossexuais, segundo vendedoras de várias lojas. Casais heterossexuais, em que os maridos ou namorados querem ser penetrados pelas mulheres. Esse exemplo ilustra como as alternativas contemporâneas estão dissociando categorias de gênero, sexo e orientação sexual sem que possamos ser tentados por conclusões fáceis.

elementos do politicamente correto (sobretudo, para o segmento feminino mais abastado que valoriza a auto-estima e o corpo saudável) com a transgressão. No caso, menos do que denunciar machismos, o interessante está em apreender a lógica que articula os sinais sociais, de gênero, etários, raciais, configurando esse campo, como eles estão sendo combinados e o que eles excluem.¹⁰

Do ponto de vista das trajetórias do consumo, considero sugestivo o artigo de Alfred Gell¹¹ que trata das complexidades culturais do consumo e os dilemas do desejo, tomando como material de análise uma comunidade da Índia Central. O consumo para os Muria está fortemente ligado a questões de natureza coletiva que enfatizam o igualitarismo econômico e uma sociabilidade adensada. Nas últimas décadas, a localidade passa por mudanças econômicas significativas de modo a constituir um nicho enriquecido de comerciantes. O interessante no caso, segundo o autor, é a regulação coletiva do consumo como parte de uma espécie de estratégia dos mais ricos para conter a potencialidade da diferenciação. Nesse caso, assiste-se a uma regulação social do desejo por bens. Na análise de duas famílias que enriqueceram, Gell apresenta um comportamento de consumo altamente parcimonioso: eles acumulam riqueza sem gastá-la. No caso, os atos que dão visibilidade ao consumo não são do tipo da comensalidade pública como o *potlatch*. Com a sensibilidade fortemente constrangida pelas pressões sociais, os ricos são obrigados a consumir como se fossem pobres e, como resultado, ficam ainda

¹⁰ É importante para a análise sobre o campo simbólico do erotismo considerar, sobretudo, os significantes que são excluídos. Para um detalhamento sobre a relevância teórica e metodológica desse procedimento consultar Butler (1990).

¹¹ O artigo em questão está na coletânea de Appadurai (1986) e traz como título: "Newcomers to the world of goods: consumption among Muria Gonds".

mais ricos. O que significa que as normas igualitárias paradoxalmente têm tido como resultado o aumento da desigualdade. Esse exemplo etnográfico intriga justamente por apontar dilemas postos pela interação de diferentes perspectivas para o consumo diante de fenômenos ligados à globalização. O que o autor chama atenção é justamente para o consumo como ato simbólico em uma chave analítica um pouco diversa da que foi desenvolvida pela antropologia estrutural funcionalista que dava foco exclusivo a formas coletivas de consumo.¹² Os rituais de comensalidade são os atos analisados pelos estudos nessa vertente e, talvez, por essa razão tenha sido tão divulgada a equação de que nas sociedades “igualitárias” o consumo esteja associado à distribuição de bens. Para Gell (1986:112), o interessante é mostrar que aquilo que distingue a troca do consumo não é que o consumo tenha uma dimensão psicológica que falta à troca, mas que ele envolve a incorporação do item que se consome na identidade pessoal do consumidor. E, nessa direção, ele propõe que concebamos o consumo como parte do processo que inclui a produção e a troca e que não seja visto como seu último termo. O consumo é uma das fases do ciclo no qual os bens passam a se ligar aos referentes pessoais, quando eles deixam de ser “bens” neutros (que poderiam ser propriedade de qualquer um e identificados a qualquer um) e ganham atributos de certas personalidades individuais, insígnias de identidade e significantes de relações interpessoais específicas.

Essa perspectiva é rica para analisar o consumo de acessórios (*sex toys*) e a relação complexa que eles passam a ter com os seus usuários. Nas lojas pesquisadas, sobretudo as de maior poder aquisitivo, estão à venda vibradores e dildos, a

¹² Gell está fazendo referência direta ao estudo de Mary Douglas e Baron Isherwood (1981), *The World of Goods*, em que os autores analisam rituais de consumo que mediam a vida social.

maioria importada dos Estados Unidos. A produção nacional apenas recentemente adquiriu a qualidade exigida para esse segmento.¹³ São chamados de “acessórios” pelas mulheres e, segundo depoimentos, não devem ser vistos como “consolos”, uma designação empregada pela nossa cultura sexual tradicional e que evoca a solidão das viúvas. Os “acessórios”, ao contrário, devem ser vistos como parte da diversão que “apimenta” as práticas. Vejamos o trecho de entrevista com uma lojista do Rio de Janeiro:

Eu não uso a palavra dildo, eu chamo acessório. Prótese ou acessório. O distribuidor tem mania de chamar de prótese: “ah, prótese faz assim ou assado”. Eu acho que prótese pega meio pesado, porque fica parecendo que você não tem o real, e que você usa uma prótese. Fica parecendo um problema médico. Então, eu falo acessório porque eu acho mais legal. Porque é justamente assim: quando as pessoas começaram a entrar nessa loja, na época existia uma pesquisa mesmo, comprovada, de que 80% dos maiores de 21 anos nunca tinham entrado num sex-shop. E eu percebi isso aqui. Eu abri a loja tem oito anos, o shopping era vazio, não tinha nada, só tinha a minha loja do lado do cinema, e as pessoas entravam por curiosidade. A movimentação da loja no início era tão grande, por causa da entrada do cinema, são 12 salas aqui... então, era muita gente que esperava na fila. E você via realmente que eram pessoas que nunca tinham entrado em *sex shop* e que queriam explicação pra tudo. Com a loja cheia não dá para explicar muito, começa a

¹³ Os produtos nacionais merecem uma análise detalhada: normalmente feitos com uma borracha mais dura – os dildos e vibradores feitos em Cyberskin são ainda raros entre os nacionais – são oferecidos em cores fortes e opacas: vermelho escuro, azul escuro. A opacidade e a cor desses objetos dão uma certa conotação de “carne morta”, “*corpse*”, com venda reduzida nas lojas em que são oferecidas. Essas lojas são as mais “populares”, do campo de pesquisa.

Mercado erótico

ficar uma algazarra. Todo mundo começa a rir. E tinha muito essa coisa da pessoa entrar “ah, é aqui que tem consolo?” Eu sempre coloquei: “não, consolo não, a gente vende acessório e... porque você pode usar com a parceira...”, porque consolo passa a idéia de que a pessoa vai usar sozinha, é viúva, ou então é separada, não tem ninguém. Entendeu? É consolo por isso! É um acessório pra você estimular, melhorar o relacionamento com a parceira. Não é pra você ficar sozinho. Nada vai ficar no lugar do seu parceiro. E quando as mulheres vêm, algumas vêm e falam assim “ah, eu queria comprar, mas não sei se eu vou espantar ele, com isso”, e eu digo: “já conversou com ele, de comprar uma prótese, de comprar um acessório? Não? Então, conversa primeiro”. Porque muitos acessórios como o de *cyberskin* é mais próximo do real. Você pega um acessório, um vibro rígido, aquele tradicional, duro. Realmente, aquilo parece um consolo, é uma coisa bem...né? Já o... o... realístico, ele não. Porque ele é real. A mulherada toda não pode ver um realístico que logo compra. E esse com o *cyberskin* que tem textura de pele, então realmente... quem pega num *cyberskin*, não adianta, quer levar na hora! Por outro lado, é por isso que eu falo “conversou com o parceiro?”, quando chega em casa com o realístico, choca o parceiro. Porque ele começa a achar que o dele é menor, que não está funcionando. Então, é por isso que eu falo que tem que colocar da seguinte forma: “olha, é um acessório pra gente brincar, é uma coisa a mais. Não é porque eu estou insatisfeita”. E hoje em dia o que faz mais sucesso é o acessório que vem com estimulação de clitóris, porque os homens não se chocam tanto, porque sabem que tem uma estimulação de clitóris, tem uma coisa a mais do que o original. Tem todos esses com esses nomes... é *rabbit*, é borboleta, é *dolphin*, é golfinho... É, brinquedo, tem uma essa coisa fabulosa que você brinca com brinquedo de adulto. Outro dia aqui um anel de *hellokit*, com a carinha da *hellokit*, vendeu pra burro.

Os atos de nomeação, nesse caso, indicam fortemente que se trata de uma operação em que o objeto passa a “vivificar” uma relação entre pessoas e com variadas possibilidades. Do ponto de vista dessa informante, que fala do lugar de lojista, o acessório – e não a prótese ou ainda o consolo – traz alternativas que vão contra o sentido de tomar o objeto como algo que venha meramente a repor uma falta. O acessório não demarca uma relação entre o objeto e a pessoa de tipo metafórica: muitos depoimentos enfatizam o uso não como substituição, aliás, deve-se, segundo ela, evitar que os parceiros se sintam ameaçados com as comparações. Trata-se de “um algo a mais” que apresenta, inclusive, uma conotação mais metonímica e com sentido polimorfo: serve para estimulação, serve de brincadeira, serve no jogo entre os corpos, mas não como mero veículo ou instrumento a expressar as relações entre os corpos das pessoas e a materialidade do objeto. A hipótese forte que tenho é a de que as “carinhas”, as formas de bicho, os nomes associados sugerem uma espécie de “pessoalização” desses objetos. Os acessórios, nesse sentido, podem ser vistos como algo que faz parte das relações interpessoais em exercício. E mais: relações entre três corpos ou entre três pessoas.

Um outro aspecto que chama a atenção na fala da informante – e que foi também remarcado por outras situações de campo e entrevista – diz respeito aos limites ou, mais propriamente, a expansão das fronteiras materiais do corpo. O consumo cada vez mais acentuado dos acessórios chamados de “realísticos” (aqueles que são fabricados com *cyberskin*) aponta de um lado, que o corpo na sua dimensão material está aberto às experiências promovidas pelo acessório seja como extensão do organismo, seja como organismo em separado; de outro lado, essas experiências só são possíveis na medida em que tentam transformar a materialidade física do objeto em “carnalidade”. Seria prematuro ou talvez redutor afirmar que o acessório “realístico” é substituto do pênis. Considero como

hipótese que ele possa ser visto como uma expressão carnal de múltiplas direções e que o sentido delas só possa ser decifrado em contextos de uso particulares.

Ao seguir essa linha de interpretação, fica evidente que estamos diante de experiências sociais em que o mercado erótico, visto da perspectiva das trajetórias das coisas que são tornadas produtos e acessórios para as relações e práticas sexuais, permite vislumbrar os modos dinâmicos de que se revestem as relações entre corpos e pessoas e até sobre os limites materiais do corpo como algo em separado àquilo que designa pessoas. Não que as fronteiras estejam sendo inteiramente esfumaçadas, mas é inegável que há uma circulação dos sentidos atribuídos seja às coisas, seja às pessoas que transitam das pessoas para as coisas e vice-versa.

Nesse sentido, os “acessórios” abrem para questões que interessam teoricamente: de um lado, eles permitem vislumbrar certa ênfase na sexualidade genital e numa possível abstração das posições de gênero, das circunstâncias sociológicas e da orientação sexual; por outro lado, notei que esses marcadores voltam a operar, ainda que combinações surpreendentes estejam sendo feitas. Eles permitem, no limite, indagar e pensar sobre a genitalidade e sua articulação com fenômenos como a fragmentação do corpo, como com processos de “obliteração” da diferença (sobretudo, dos marcadores de gênero, sociais, etários e raciais) e, especialmente, com a dissociação entre gênero, sexo, materialidade corporal e orientação sexual.¹⁴

¹⁴ Como bem apontado por Judith Butler, os dispositivos de sexualidade assinalados por Michel Foucault implicam a constituição de uma matriz heterossexual cuja operação faz combinar, segundo movimento de homologia, o corpo sexuado, o conjunto de atributos de gênero, o comportamento ou orientação sexual e uma materialidade corpórea. É fundamental que se leve em conta que a reprodução dessa matriz indica processos em que essas homologias são tomadas como constituindo a natureza e padrões de normalidade da sexualidade.

A fragmentação do corpo em partes tem sido tema de inúmeros estudos. Na maioria das análises, tal fenômeno corresponde à crescente objetificação do corpo como resultante da cultura de consumo e das práticas médicas.¹⁵ Há também toda a vertente de estudos no interior das teorias feministas¹⁶ que complexifica, ao meu ver, as interpretações que denunciam a objetificação. Para uma das vertentes teóricas do feminismo – aquela que contesta os binarismos mente/corpo, natureza/cultura e qualquer tipo de abordagem que resulta em essencializar ou substancializar – o corpo passa a ser considerado corporalidade, algo que adquire capacidade de ação ou “*agency*”. Essas teorias estão sendo elaboradas por autoras que buscam entender o corpo vivido, como é representado e usado em situações culturais particulares.

Para elas, o corpo não é nem bruto, nem passivo, mas está entrelaçado a sistemas de significado, significação e representação e é constitutivo deles. Por um lado, é um corpo significante e significado; por outro, é um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas (Grozs 2000:75).

Desconstruir a polaridade mente/corpo, uma das bases dessa teoria da corporalidade, implica para essas autoras: tomar a materialidade do corpo para além das inscrições definidas pelas leis e termos da física, ou seja, tomar a materialidade

¹⁵ Para um mapeamento competente sobre as variadas abordagens contemporâneas sobre corporalidade fragmentação do corpo, consultar: Csordas, 1996.

¹⁶ Elizabeth Grozs (2000), em competente balanço teórico sobre corpo na tradição filosófica e pensamento feminista, diferencia três grupos de autoras: o feminismo igualitário, as teóricas que advogam o “construcionismo” social; e as que pensam a partir da diferença sexual. Este último grupo é constituído por autoras como Luce Irigaray, Helene Cixious, Gayatri Spivak, Jane Gallop, Judith Butler, Monique Wittig, entre outras.

como uma continuidade da matéria orgânica; em seguida, não associar a corporalidade apenas a um sexo, como na nossa tradição cultural em que o corpo está associado à mulher, liberando os homens para os afazeres da mente; recusar modelos singulares e pensar a corporalidade no interior de um campo plural de alternativas, misturando sexo, classe, raça, idade numa plêiade de possibilidades de exercício e de representação. Enfim, trata-se de uma perspectiva que visa, ao evitar análises biologizantes ou essencialistas, ver o corpo como lugar ativo (não passivo e, portanto, produto e gerador) de inscrições e produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas (Grozs, 2000).

Seguindo essas teorias, a ênfase na genitalidade – que chama atenção nas alternativas simbólicas desse *erotismo politicamente correto* – deve ser interpretada de modo pouco linear. Há visivelmente uma neutralização daquelas inscrições que posicionam as corporalidades segundo sexo, raça, idade etc. Não se trata apenas de um procedimento que apaga ou põe entre parêntesis as posições sociais ocupadas pelos sujeitos que portam os genitais. Antes, trata-se de uma espécie de apagamento das inscrições de uma corporalidade em que o próprio desejo ou prazer possa ser elaborado a partir de outras superfícies ou articulado a outras partes do corpo ou dos corpos envolvidos. De certo modo, focalizar nos genitais as possibilidades de fruição tende a desestabilizar a associação entre sexo/gênero/corpo, articulando-os de modo a apagar ou poder “jogar” com as posições sociais, raciais e etárias. No caso, não se trata propriamente de obliterar os marcadores de diferença. No meu modo de ver, o que ocorre é uma possível desestabilização das categorias que armam e reproduzem a matriz heterossexual. Pois, é preciso considerar que, a exemplo da diversidade dos dildos e dos vibradores, essa nova erótica está permitindo pensar outra qualidade de diferenças, expandindo ou mesmo explodindo a relação entre um tipo de

corpo (com um sexo, uma cor, uma idade etc.) e sua correspondente preferência de exercício sexual. Essas alternativas criam novos horizontes para a reflexão teórica: não há correspondência entre a posição do sujeito em termos sociológicos, de gênero, racial e um tipo modelar de comportamento ou preferência sexual. O campo se alarga, ainda que ao preço de uma fragmentação. Antes: a própria fragmentação é empregada como algo positivo, como uma resignificação que visa expandir os prazeres possíveis e a implosão de modelos ou da modelagem convencional do comportamento sexual.

Assim, podemos interpretar o interesse e uso dos “acessórios” como uma tendência a construir alternativas para os experimentos sexuais e corporais colados ao binarismo corpo da mulher/corpo do homem, ou ainda, aquelas possibilidades que os articulam a determinadas posições sociais, étnicas, raciais ou etárias. Tais alternativas sugerem lidar ou brincar com as diferenças, mas não, como já dito, obliterá-las. Dito em termos mais claros: as diferenças não são apagadas, suas variáveis e marcadores são combinados de modo a permitir dissociação entre prática sexual/identidade de gênero/corpos sexuados e até a noção de materialidade corpórea.¹⁷

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. (ed.) *The Social Life of Things – Commodities and the politics of Value*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier e Loiola*. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre, L&PM, 1987.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York, Routledge, 1990.

¹⁷ No caso da materialidade corpórea, é indicativa a indagação sobre se as pessoas não “fazem sexo” com seus “acessórios”.

Mercado erótico

- CARTER, Ângela. *The Sadean Women – and the Ideology of Pornography*. New York, Pantheon Books, 1978.
- CSORDAS, Thomas J. (ed.) *Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self*. Cambridge, Cambridge University Press, 1996 [1994].
- DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro, Taurus Editora, 1983.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. *The World of Goods*, New York, Basic Books, 1981.
- DUMONT, Louis. *On Value – Radcliffe-Brown Lecture*. London, Oxford University Press, 1980.
- FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDEMBERG, Miriam. (org.) *Nu e Vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- GALLOP, Jane. *Intersections – A Reading of Sade with Bataille, Blanchot and Klossowski*. Lincoln, University of Nebraska Press, 1981.
- GELL, Alfred. *Art and Agency – An Anthropological Theory*. Oxford, Oxford University Press, 1998.
- _____. Newcomers to the World of Goods: Consumption among Muria Gonds. In: APPADURAI, A. (ed.) *The Social Life of Things – Commodities and the politics of Value*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- GREGORI, Maria Filomena. O erotismo nas lojas e os limites da sexualidade. Campinas-SP, Relatório Projeto Temático Fapesp, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.
- _____. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. *Quaderns Institut Català d’Antropologia*, vol. 4, Barcelona, 2005.
- _____. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; e CARRARA, Sergio. (orgs.) *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

Maria Filomena Gregori

GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu* (14), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2000, pp.45-86.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; e CARRARA, Sérgio. (orgs.) *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1979.

_____. *Stone Age Economics*. New York, Aldine, 1972.

TAUSSIG, Michel. *The Devil and Commodity Fetishism in South America*. Chapel Hill, University of North Carolina, 1980.

Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira

Iara Beleli*

José Miguel Nieto Olivar**

Introdução

No final do século XX e início do XXI, no Brasil, “o mercado do sexo” (Piscitelli, 2005, 2011) é reconfigurado a partir de diversos processos. A discussão global sobre migração e fronteiras faz parte deles, mas deve ser situada no âmbito do entrelaçamento entre o crescimento econômico, a intensiva midiaticização das relações, as transformações do erotismo e a ampliação da democratização, incluindo as diversas movimentações sociais vinculadas à luta contra a AIDS, às reivindicações de “diversidades sexuais” e à construção de uma agenda política própria das trabalhadoras do sexo (Bernstein, 2008; Gregori, 2004).¹

Se aceitarmos a hipótese de que a prostituição, antes que um ofício ou a troca mais ou menos explícita de sexo por dinheiro ou bens materiais, é um feixe de relações² – uma série

* Doutora em Ciências Sociais, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp. callas@uol.com.br

** Comunicador social e Doutor em Antropologia, pós-doutorando no Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp com bolsa FAPESP, pesquisador do Centro de Investigación en Sociedad, Salud y Cultura (CISSC), Colômbia. escreve.ze@gmail.com

¹ Agradecemos a Adriana Piscitelli pelas múltiplas leituras das versões preliminares e pelas sugestões.

² No sentido Wagner/Strathern, de relações entre pessoas, ideias, imagens, discursos, instituições.

conceitual, um sistema de imagens corporificadas, que tem no seu centro gravitacional a relação sexo-dinheiro³ – podemos entender que sua produção e atualização acontecem de maneira constante nos diferentes campos e nas diversas formas de produção social (Olivar, 2010). Por outro lado, esse feixe de relações chamado “prostituição” tem sido historicamente construído nos Ocidentes como um poderoso referente simbólico (principalmente negativo).

Rago (2008), longe de aceitar o lugar comum da “profissão mais antiga do mundo” e estudando a prostituição em São Paulo entre 1880 e 1930, afirma que a prostituição, como é conhecida atualmente, é um produto da modernidade industrial e urbana (século XVIII), construída como “problema” sob influência de discursos higienistas, eugenistas, criminológicos, e em tensão com as imagens de sexualidade e de família burguesas. Simultaneamente, podemos afirmar a clara participação de um discurso humanista universalista (visível nas noções de trabalho e dignidade, em relação com sexo e gênero) que, ao longo do século XX, manteve relações importantes com os movimentos feministas, o pensamento liberal e o marxismo⁴, bem como de uma crescente demanda por “qualidade de vida”, individualização, mobilidade social e

³ Pensamos agora que o centro gravitacional da relação não é sexo-dinheiro, mas as operações simbólicas com as quais, em alguma hipotética matriz ocidental, associamos o sexo, principalmente o sexo feminino, à dignidade-dinheiro, humanidade-dinheiro. Ou seja, parte das investidas abolicionistas e anti-tráfico vinculam o sexo a alguma raiz profunda (e amarga?) da dignidade humana... (ora amor, ora casamento, ora prazer e “autonomia”). Nessa equação, a tarefa de parte da academia e das organizações de prostitutas seria produzir a variável sexo com uma carga simbólica mais neutra, “dessacralizada” (Fonseca, 2004), aproximando-a de outras práticas sociais produtivas.

⁴ Não é por acaso que o pensamento liberal clássico e o marxismo, assim como muitas de suas atualizações, utilizem a prostituição como um contra-exemplo de liberdade, de poder, de sucesso.

territorial. Nesse sentido, “prostituição” não é uma coisa dada, que algumas pessoas praticam ou exercem de maneiras mais ou menos diversas. Seu nome, forma e conteúdo estão em permanente e agonística construção.

Neste artigo refletimos sobre as maneiras como os deslocamentos, as viagens e o turismo se integram na apresentação da prostituição como questão social em alguns produtos da Rede Globo.⁵ A pesquisa centrou-se em telenovelas, telejornais e programas especiais veiculados entre 2007 e 2011, que de maneiras diferentes abordaram a prostituição, a exploração sexual (de crianças e adolescentes), o “tráfico de mulheres” e o “turismo sexual”. A pergunta central remete a como esses produtos pensam/produzem a relação entre mobilidades e prostituição, recriando o debate sobre mercantilização do corpo, de forma a perceber os “significados compartilhados” (Wagner, 2010) com movimentos feministas, Estado, produção acadêmica e organizações de prostitutas.⁶

Como “mediadores” (Martín-Barbero, 2003), os agentes de comunicação, ao participarem na difusão de ideias, gostos, comportamento, também são importantes atores na produção e “mercantilização de formas simbólicas” (Thompson, 1998). A veiculação de ideias sobre turismo sexual, prostituição e exploração sexual infantil remete a posições sociais ocupadas pelos sujeitos, entretanto, o foco está mais na atividade e menos nos significados que esta adquire (Scott, 1998). Para pensar nesses significados nos produtos de mídia aqui analisados, utilizamos uma metodologia de observação sistemática, o que

⁵ Ainda considerada a maior rede de televisão no Brasil.

⁶ Uma análise desconstrutiva desses produtos é importante porque, como temos observado em diversas ocasiões tanto em prostitutas, quanto em ativistas “anti-tráfico” e em pesquisadores sociais, sua informação e pontos de vista facilmente são tomados como provas, evidências ou patamares de construção de realidade, principalmente quando se trata de dramas e misérias.

Rial (2005) chamou de “etnografia de tela”, centrando no que dizem os/as personagens uns sobre os outros, suas expressões faciais e corporais, vestimentas, incluindo os movimentos de câmera, próprios da linguagem fílmica (Stam & Shohat, 2001) e a opinião dos articulistas.

Se a relação entre gênero e sexualidade nesses produtos midiáticos se centra nos “perigos” das relações transnacionais, recorrentemente marcadas pelo engodo de promessas que acabam em “exploração sexual”, ela também aponta para histórias que sequer insinuam a vitimização das personagens, seja na “vida real”, seja na “ficção”⁷, e que se aproximam a uma visão “profissionalizante” da atividade. Entre profissão e miséria, a prostituição aparece de forma diversa, complexa, inquietante para espectadores e jornalistas, escorregadia e sempre misteriosa.

Entre novelas e matérias jornalísticas há diferenças enormes enquanto formatos televisivos e na sua relação com o público. Esperam-se experiências e estímulos diferentes na interação com umas e outras. Nesta reflexão, não traçamos o mapa dessas diferenças, tampouco fazemos de conta que não existem, pretendemos, sim, “obviá-las” (Wagner, 2010). Isto é, abrir caminhos de fluxo e interpenetração entre elas, e delas com outros discursos sociais contemporâneos, que nos permitam construir um mapa visual maior no qual circulam uma série de ideais, presenças, imagens vinculadas à prostituição local e transnacional. Por esse caminho surge uma primeira imagem que levou à re-configuração das narrativas na forma das duas sessões deste artigo: de um lado, a sujeição

⁷ Seguindo as proposições de Miller & Slater (2004) para o ciberespaço, as obras de ficção não são “autônomas”, tampouco “auto-contidas”, portanto, real/ficção será aqui tratado como um *continuum*, na medida em que os códigos que (des)valorizam os sujeitos marcados por diferenças ecoam nas percepções dos sujeitos e, muitas vezes, alimentam variados produtos da mídia.

dicotômica entre a questão do trabalho e da profissão; de outro, a questão do crime e da vida miserável.

A persistência das dicotomias insolúveis – violência/ autonomia, puta/mãe, exploração/troca, vítima/vitimária – é uma espécie de véu, ou um potente *spot* de luz, que ocupa as atenções e os investimentos e constrói realidade.⁸ Ao nos debruçarmos sobre esse véu, escrutinamos as associações presentes na ideia de mobilidade através de fronteiras locais e nacionais vinculadas à prostituição, perguntando qual a relação do local e do estrangeiro, dos trânsitos e das circulações, com as imaginações sobre “prostituição”? Como são fabricadas, imaginadas, sentidas as pessoas ali vinculadas? Quais suas possibilidades e relações?

“Não sinta inveja de mim, apenas trabalho”⁹

Nosso ponto de partida narrativo obedece tanto à sedução formal que a personagem exerce sobre nós, como a algumas características diferenciais de sua construção midiática. Trata-se da Bebel, prostituta icônica da novela *Paraíso Tropical*. Sua trajetória, sua *performance*, e as discussões a ela associadas oferecem elementos para o caminho analítico que seguimos.

⁸ A ideia do véu, e da nossa relação com ele, é tomada de Taussig (1993). Nas suas análises sobre o terror, inspiradas nas teorias de Brecht sobre a prática marxista do teatro, o autor sugere que os pontos do cenário privilegiados em luminosidade são apenas véus que conduzem o olhar e nos fazem esquecer das zonas escuras, nas quais o mundo (também) acontece. Assim, o terror, ou a violência, não está apenas no objeto iluminado nem nas zonas escuras, mas no próprio ato da iluminação mágica. Para Taussig, não se trata de desvendar para acessar a uma realidade “real” que estaria além do véu, mas de entretecer-se nos procedimentos da mística criadora do mundo, das narrativas, para acessar uma nova perspectiva.

⁹ Pichação na parede da casa onde trabalha a prostituta Ana Paula, em Russas, Sertão do Ceará. *Profissão Repórter* (05/2010), especial “Prostituição”.

*Paraíso Tropical*¹⁰ muda o enfoque, antes recorrente, de mostrar a prostituição de longe, lateralmente, e pela primeira vez trata do tema com alguma complexidade. Amélia, dona de um bordel, ensina suas “meninas” a ter orgulho de sua profissão: “Todo homem precisa de um pouco de sonho, de ilusão. E quem é que vai dar?”. De início, ela desloca a comum e excessiva centralidade no sexo para outros cantos dos desejos, dos afetos e dos comércios e nos insere numa outra mitologia, simultânea e por vezes paralela. Não se trata de um eufemismo cínico. Esse outro lado do mito¹¹ é o das prostitutas como conselheiras, confidentes, amorosas companheiras temporárias, prestidigitadoras capazes de satisfazer (quase) qualquer fantasia.

Paisagens do litoral baiano emolduram a disputa entre o representante de um poderoso grupo empresarial sediado no Rio de Janeiro, que pretende incorporar um *resort* localizado no nordeste, e a dona do bordel. Os diálogos deixam ver argumentos que evocam a Lei, mas também a “cultura”:

E - eu não sabia da existência de um bordel nas cidades do hotel, é claro que é inadmissível.

A - E eu posso saber por que?

E - porque lenocínio é crime...

A - ah é? Oswaldo [antigo dono do *resort*] não saía de lá, ele tinha esse trato comigo...

E - não há menor hipótese desse trato ser mantido!

¹⁰ Escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares, Sérgio Marques, Angela Carneiro, Maria Helena Nascimento, Nelson Nadotti e João Ximenes Braga, a novela foi veiculada no horário nobre da Rede Globo entre 05/3 e 28/09/2007.

¹¹ Entendemos mito num sentido estrito e radicalmente antropológico, como verdade potencial coletivizada, não como sinônimo de “mentira” ou de “ilusão”.

A - antes, antes vá ver que beleza que são as minhas meninas...

E - eu vou mandar fechar a casa.

A - eu quero ver quem vai ser homem prá me tirar de lá!

E - a polícia, minha senhora, a polícia!

A - vai mandar fechar tudo que é lugar também na Tailândia, seu moralistazinho hipócrita... prefere pagar mulher em dólar, não me diga!, acha que as mulher de fora é melhor que as minhas menina? pois fique sabendo de uma coisa, isso não vai terminar assim não... eu vou fazer o maior sururu, eu vou contar prá todo mundo quem você é...¹²

O conflito é claro. De um lado as afirmações de Amélia remetem a fórmulas consagradas de apresentar o funcionamento dos bordéis (proibidos pelo Código Penal brasileiro) como parte de um acordo entre as proprietárias e as autoridades locais, um elemento notadamente “cultural”, se levarmos em consideração a história dessas instituições (Rago, 2008). De outro, aparece não apenas o discurso da Lei, mas um elemento em alta nos discursos políticos sobre, e contra, a prostituição no Brasil na primeira década do século XXI – o “turismo sexual”. O discurso empresarial apregoa um turismo politicamente correto, engajado com políticas de “direitos humanos” e de “responsabilidade social”. E assim o mapa e o ponto de vista aparecem completos: prostituição nordestina (vista desde as elites empresariais do Rio de Janeiro) vinculada ao fantasma apavorante do “turismo sexual”, à corrupção política e empresarial local, à cafetinagem e aos bordéis, conexões fortemente mobilizadas por discursos de ativistas abolicionistas e “anti-tráfico” e pela própria mídia, como

¹² Como parte da trama, a matéria publicada em uma revista, cuja foto central expõe o empresário com duas garotas de programa na Tailândia, era parte de um plano arquitetado por seu concorrente no poderoso grupo empresarial.

veremos na segunda parte do artigo. Ganha o grupo empresarial carioca, o bordel é fechado, mas as profissionais do sexo não passam despercebidas e assumem tal protagonismo que obnubilam o par central da trama.¹³

Bebel, uma das prostitutas do antigo bordel nordestino, se muda para o Rio de Janeiro. Ela sonha com roupas finas, champanhe, conforto e muitos “bacanas endinheirados”. No início, Bebel se deslumbra com a paisagem carioca, mas as dificuldades a jogam na rede do cafetão, que comanda várias “garotas de programa”, também nomeadas “prostitutas”, no calçadão de Copacabana.¹⁴

Em troca de moradia, sob rígido controle do cafetão, Bebel vai para o “asfalto”, mas a exploração também incluía a faxina do apartamento e outros serviços relacionados às trapças do cafetão.¹⁵ Ante a reação de Bebel, que se vê como “escrava particular” – às vezes trancada no apartamento –, o cafetão menciona que ela tem uma “dívida a saldar” – táxis, almoços, jantares e roupas estavam sendo computados. É interessante observar que essas narrativas de violência e exploração sobre e contra Bebel – maltratos físicos, cárcere privado, exploração do trabalho e endividamento –, que estavam relacionadas ao seu deslocamento do nordeste para o Rio de Janeiro, não foram vinculadas na novela às mais totalizantes conceitualizações de “tráfico” (o tipo penal “tráfico

¹³ Essa forma de mostrar o tema não tem uma sequência. Em novelas posteriores a clandestinidade da profissão volta à cena, cujos personagens desviam a atenção da família e dos amigos sobre a origem do dinheiro que ganham para viver.

¹⁴ Sobre prostituição e Copacabana, bairro-símbolo do Rio de Janeiro, ver Blanchette e Silva, 2005.

¹⁵ Na época, José Miguel, em trabalho de campo com prostitutas do centro de Porto Alegre, ouviu de algumas prostitutas que o personagem era um perfeito cafetão, “como os de antigamente”, que colocavam suas mulheres em “cárcere privado”.

interno” somente seria mobilizado a partir de 2009). No enredo, Bebel não foi uma “vítima do tráfico e da exploração sexual”, mas dos abusos do cafetão e da vulnerabilização efetuada pela destruição repentina de suas redes no bordel.¹⁶

Para sair dessa “prisão” e atenta aos negócios do cafetão, Bebel tenta convencê-lo a incluí-la no porta-fólio das “garotas para executivos”. Porém, para ele, as “top de linha são universitárias, garotas da família, educadas e não uma quenga vindo do interior, que tem cheiro de rua, não sabe falar, nem pegar num talher... tem que ter categoria”. Teimosa e conhecedora de seus poderes, Bebel arma um plano para substituir uma das “garotas” que seria enviada a um alto executivo. Ao descobrir a artimanha, o cafetão a agride física e verbalmente.

Mesmo assim, Bebel conquista o “poderoso” executivo, mas este reitera a relação cliente-garota de programa, cujo pagamento é feito a cada encontro, o que remete para uma intersecção não rara na prostituição e além entre afetos, desejos e finanças. Ameaçado com a ligação mais estreita do casal, pela possibilidade de perder a porcentagem do “programa” e também porque está seduzido pela prostituta, o cafetão afirma não se importar com a “clientela do calçadão, isso é trabalho”, mas com o rico executivo é diferente.¹⁷ A estratégia para não

¹⁶ Rago (1985 e 2008) evidencia o aumento das condições de vulnerabilidade para abusos e violências sofridas pelas prostitutas de São Paulo com o fechamento de bordéis na década de 50. Expulsas para a rua, elas ficaram expostas individualmente aos abusos da polícia e de clientes, enquanto formas de cafetinagem masculina encontravam espaço fértil sob a fantasia da “proteção” (esposo/cafetão). Ver também Tedesco, 2008; Leite, 2009; Olivar, 2010.

¹⁷ O trabalho de Flávia Teixeira sobre travestis na Itália (neste volume) pode ajudar a construir uma imagem mais completa das diferentes relações prostituta/cliente. Sobre as intersecções entre afetos, cuidados, violências e comércios entre prostitutas e seus cafetões, ver Tedesco, 2008.

perder “sua garota”, minuciosamente articulada, evoca outros imaginários comuns – prostituta-ladra – e convence o executivo, o que resulta na separação do casal.

Ante as dificuldades financeiras, Bebel decide “encarar novamente os *gringos* no calçadão”, mencionados como mais “atrativos”, tanto corporal, como financeiramente. Calçadão e cafetão parecem se fundir numa coisa só, fato não sustentado nas narrativas acadêmicas e autobiográficas (Gaspar, 1984; Silva e Blanchette, 2005; Leite, 2009). Com “os *gringos*”, o fantasma do turismo sexual reaparece e, como bom fantasma, necessitará de investigações jornalísticas. Deixemos o tema do “tráfico” e do “turismo” sexuais em suspenso e foquemos no ponto de vista proposto/corporificado por Bebel.

Entre as idas e vindas do trabalho no calçadão de Copacabana, e apesar das violências vividas, Bebel corrige as pessoas que a chamam de prostituta e se diz “profissional do sexo e mulher de categoria”. Suas roupas justas e muito curtas deixam ver o voluptuoso corpo moreno. Apesar de se aliar aos malvados da trama, Bebel ganha simpatia do público. Os jornais enfatizam os depoimentos de prostitutas que fazem ponto em Copacabana: “Ela tem um corpão e está valorizando nossa profissão. Bebel tem o nosso jeito. As roupas, o gestual e a maneira de falar são parecidos comigo e minhas colegas”. Outras reclamam do fato de a novela centrar a prostituição em Copacabana, pois “aumentou a concorrência” e atrapalhou a vida das profissionais que, em dia de gravação, tinham que se deslocar do seu ponto – “perdemos muitos clientes” (*O Globo*, 25/03/2007).

Em Porto Alegre, a imagem da Bebel circulava ora provocando orgulho e afeto, ora suscitando raiva, mas sempre como referência reflexiva nas redes sociais de prostituição. Algumas prostitutas se apoderavam da imagem para si, outras falavam da alegria de ver a categoria bem representada no horário mais nobre da TV brasileira e outras ficavam “putas”:

“ela beija o cliente na boca: vão pensar que é assim que acontece!!”. Em diálogos pessoais, Gabriela Leite – icônica liderança do movimento de prostitutas e coordenadora da Ong DAVIDA – conta que Camila Pitanga fez um laboratório na organização para criar sua personagem, de modo a não construir a Bebel à margem das prostitutas reais ou das conceitualizações do movimento.

Profissional do sexo é o nome “oficial” da prostituição no Brasil. Como resultado do *III Encontro da Rede Brasileira de Trabalhadoras do Sexo*, realizado no Rio de Janeiro em 1994, e com alguma influência do Ministério da Saúde, o nome “profissionais do sexo” foi agenciado como ferramenta de negociação política e social de direitos e contra o estigma e a discriminação. No início da década de 2000, os diálogos dos movimentos brasileiros de prostitutas com o governo e alguns setores da sociedade civil tiveram seu ponto alto em termos de potencial simetria e visibilidade pública. Em 2002, o Ministério da Saúde lançou uma campanha nacional de prevenção contra as DST/AIDS intitulada *Sem vergonha, garota: você tem profissão* (Leite, 2009; Simões, 2010). Segundo Simões (2010:44), o ineditismo da ação estava no reconhecimento da “identidade profissional” das prostitutas. Veiculado em rádios brasileiras, o *jingle* definia a profissão: “por sobrevivência ou amor você vende carinhos... você é profissional do amor, profissional do prazer”.¹⁸

Ainda em 2002, a então Rede Brasileira de Profissionais do Sexo (antes de trabalhadoras e hoje de prostitutas) consegue incluir a profissão no Sistema da Classificação Brasileira de Ocupações.¹⁹ Em 2003 o então deputado Fernando Gabeira,

¹⁸ Anos antes, a prostituição como vocação ganhou espaço na trama de *A próxima vítima* (1995, Silvio de Abreu), trazendo à cena uma prostituta alegre, percebida pelos outros personagens como “digna e generosa”.

¹⁹ Ocupação com código 5198: Profissional do Sexo [<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>].

presente no *III Encontro* de 1994 e parceiro do movimento, apresentou o Projeto de Lei 98/2003, que pretendia descriminalizar a relação laboral implicada na prostituição. Em 2004-2005 tem início o projeto mais ambicioso e progressista do Ministério da Saúde no tema de HIV/AIDS com profissionais do sexo. Planejado e executado em parceria direta com a Rede Brasileira da categoria, o “Sem vergonha” era um projeto guarda-chuva que buscava não apenas a formação de “agentes de saúde”, mas o fortalecimento de organizações de prostitutas em todo Brasil sob uma perspectiva de autodeterminação e de direitos humanos (Correa *et alii*, 2011).

Esse jogo de fluxos entre as “ficções” da prostituição real e as “realidades” da ficção novelesca também tiveram um lugar especial em *Caminho das Índias*.²⁰ A personagem Leinha, antenada com as questões sociais, organiza um documentário sobre o projeto DASPU, grife criada pela Ong DAVIDA.²¹ Na cena do desfile de modas, realizado no Projac, as modelos, entre elas profissionais do sexo e ativistas, ganham centralidade, aplaudidas por atores do elenco e outros “globais” que não faziam parte da trama.

Segundo Gabriela Leite, a ideia de criar uma marca inspirada nos modelos usados pelas prostitutas surgiu de uma cisma com a frase “ela se veste igual a uma prostituta”.²² Para

²⁰ Novela de Glória Perez, veiculada no horário nobre da Rede Globo em 2009, *Caminho das Índias* foi premiada no *37th International Emmy Awards*.

²¹ A DASPU foi criada em 2005. No mesmo ano, apoiado pelos movimentos sociais, o governo brasileiro rechaçou a ajuda financeira dos Estados Unidos na luta contra a AIDS, porque envolvia, entre outras coisas, o comprometimento governamental de lutar contra a prostituição (Correa *et alii*, 2011; Olivar, 2010).

²² Depoimento de Gabriela Leite no documentário inédito sobre a criação da grife DASPU, produção italiana dirigida por Valentina Monti, veiculada pela GNT (canal a cabo da Rede Globo) em 19 de setembro de 2010. Sobre a criação da DASPU, ver Lens, 2008.

ela, essa entrada na novela mexeu com a auto-estima das prostitutas e visibilizou a grife:

Você não sabe como é importante para elas... Porque aquela mulher que está lá, na Tiradentes, batalhando, de repente, está na televisão, está fazendo filme. Elas acabaram de fazer um filme com o Ney Latorraca, e essa coisa toda para elas é uma história... A filha da Gerenilda, que também é prostituta, fez no Projac uma cena com aquele indiano charlatão e aí os caras falaram “nem precisou gravar a segunda vez” e aí ela disse “é claro nós somos atrizes”. A gente é atriz todo dia na nossa vida... se eu falo DASPU ninguém conhece, eu falo “ih, está vendo a novela?” Aquela mulherada da novela elas reconhecem, naqueles bordéis de um real por minuto, o pessoal reconhece... realmente ajudou muito.²³

Mas Bebel foi uma exceção? “Um trabalho como qualquer outro” é a tônica apresentada em *A favorita*.²⁴ Cilene é dona de uma pequena casa no subúrbio carioca onde vive com quatro jovens mulheres brancas. Como Amélia de *Paraíso Tropical*, Cilene – sempre referida como “mãe” pelas “meninas” – investiga os clientes de forma a assegurar que elas não seriam maltratadas, sugerindo que a prostituição é pautada por regras que são por ela fiscalizadas. Diferente das tramas que apontavam certa hierarquização entre “garotas de programa” e empregadas domésticas, sob severo controle de Cilene, as próprias “meninas” eram responsáveis por sua “boa aparência” e pela organização da casa.

²³ Entrevista concedida por Gabriela Leite a Iara Beleli (Rio de Janeiro, junho de 2009).

²⁴ Novela de João Manuel Carneiro, veiculada no horário nobre da Rede Globo em 2008.

Essa abordagem sugere a diferença entre “garotas de programa” que vivem em um “núcleo familiar” e aquelas que exercem a atividade na rua. Marca, ainda, as diferenças entre cafetões/pais/maridos – que recorrentemente utilizam a violência para obrigar as “garotas” a transar com qualquer “cliente” – e cafetinas/mães/madrinhas, que cuidam da integridade das “suas meninas”. Esse modo de apresentar “os/as donos/as do negócio” remete a certa higienização burguesa estabelecida pela separação entre público – riscos de toda ordem – e privado – riscos controlados pela “mãe”, reiterando não apenas que as mulheres estariam mais atentas às violências que pautam a atividade, mas construindo a ilusão da violência como extra-familiar e masculina. Entre *Paraíso Tropical* e *A Favorita* constrói-se um *continuum* de cristalização das oposições higienistas do início do século XX. Se na primeira, Bebel – mulata, nordestina, prostituta de rua – ganha a cena, na segunda, a única personagem com densidade dramática neste núcleo é uma persistente não-prostituta branca.

O investimento em retóricas que marcam diferenças entre prostituições mais ou menos possíveis, mais ou menos “dignas” ou aceitáveis (re)cria os próprios sentidos da distinção e são constantes tanto nas leis e políticas públicas, quanto nos discursos das próprias pessoas vinculadas à prostituição e na mídia. Esses operadores de distinção (marcadores de diferença) de classe, “raça”/cor, região, território, formas laborais e redes de relações estabelecidas são reatualizados no *Profissão Repórter* – “Prostituição” (05/2010). O especial apresenta alternadamente as figuras da Luana, travesti da Lapa, no Rio de Janeiro, Mairá, “acompanhante de luxo” paulistana, e Ana Paula, prostituta “de zona” no sertão do Ceará. Luana – muito alta, loira tingida, pele clara queimada de sol, cabelos longos, maquiagem pesada – é dona de um casarão na Lapa onde vivem doze travestis. A câmera vai mostrando a sala, alguns quartos, as “meninas” em roupas e trabalhos de casa (o que seria uma versão trans e fora-

do-Projac da casa da Cilene) e, na cozinha, encontra um “rapaz” de bermuda jeans, camiseta preta e boné, assim descrito pela locução em *off*: “Silvão, a única mulher da casa, prepara o almoço”. Ignorando o gênero, a reportagem se refere às travestis no masculino e Silvão no feminino.²⁵

Luana se veste para a noite, o vestido preto, curto e muito decotado, é preso por tiras intercaladas nas laterais, deixando ver o contorno dos quadris largos e do glúteo avantajado. O forte batom vermelho é explicado: “prostituta sem batom vermelho não é prostituta que se preze... é o fetiche”. Desinibida e expediente na administração da imagem pública, ela não apresenta nenhum constrangimento ao falar de sua profissão, afirmando que está ali para “vender sexo... sou profissional, dependendo disso, não posso dar de graça... é a única coisa que eu tenho para vender”.

No bloco seguinte, Luana aborda um provável cliente. Ela conversa tranquilamente com ele, que parece embriagado. Entre os cortes de edição e o diálogo entre Caco Barcelos (âncora e idealizador do programa) e o jovem jornalista, a conversa de Luana e seu potencial cliente vai se desenvolvendo. De repente, vemos um quadro em que os dois aparecem em pé, ele cambaleante, menor do que ela, tentando atravessar a rua. Devido aos cortes de edição, é impossível calcular quanto tempo passou desde o início da conversa. Ela o cuida:

L - você está bom pra ir, rapaz? é por aqui [indicando a faixa de segurança]

²⁵ Em um esquete, Luana esclarece que a regra é chamar de “ela... até porque a minha imagem é feminina, mas... cada um tem a sua opinião própria, os seus complexos...”. Apesar do esclarecimento, a locução em *off* aponta Luana como conselheira, “uma líder dos travestis da Lapa”. Fora das telas, Luana, por volta dos 45 anos, é uma importante liderança das travestis que se prostituem na região. Sua trajetória inclui diversas viagens bem sucedidas à Europa. Atualmente, realiza *performances* em bares e festas no Rio de Janeiro.

Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira

H - [cambaleante] Ah? [Novamente um corte de edição]
L - Você está conseguindo raciocinar? Ou você está passando mal? ou você está de gracinha?
H - Não, não estou passando mal, nem estou de gracinha...
L - senão você está fazendo eu perder meu tempo, você também está perdendo o seu... [diz ela com calma]

O rapaz afirma que quer ir, mas logo parece querer desistir. Sob olhares atentos de um gari e de um vendedor ambulante, já sem paciência, Luana reage – “Você me tirou de lá prá cá à toa? você tá pensando que travesti é bagunça?” – e bate com força no homem. Caco Barcellos e o jovem repórter se mostram estupefatos ante a cena. Barcellos emite seu julgamento: “Eu achei um pouco covarde... ele não tinha como se defender... ele estava grog”. Mas para o jovem repórter Luana estava dando seu recado, pois “ela sabia que estava sendo gravada” e reitera que “não pode tirar onda com travesti”.

Na mesma matéria, os repórteres acompanham a rotina da “acompanhante de luxo” Mariá em São Paulo – morena clara, cabelos longos, em torno de 30 anos, alta, olhos puxados e pequenos, nariz grande. Mariá mora sozinha em um *flat* simples e funcional; foi casada por 14 anos e tem dois filhos que moram com o pai. Dedicar tempo importante à academia e a outras práticas de auto-cuidado. Nada nas imagens remete à pobreza ou necessidades econômicas. O único momento em que aparenta tristeza é quando fala dos filhos – “essa vida me impede de estar perto deles”. A reatualização do onipresente melodrama da prostituta e seus filhos é boicotada por “essa vida” de conforto e prazer que a imagem apresenta. Ela não tem namorado e diz que não quer mais se envolver com clientes – “eu não sei o nome dos meus clientes, é delícia, querido, lindo, fofo... [rindo muito]”.

Os repórteres correm para acompanhar as atividades da Mariá e os telefonemas de possíveis clientes. Um deles solicita seus serviços como acompanhante em um aniversário, a repórter se surpreende.²⁶ Mariá explica que é muito comum acompanhar em aniversários, casamentos: “gente que quer fazer ciúme na ex [risos]”. Os telefonemas são rápidos, ela não conversa muito e quer logo acertar os “programas”, realizados em lugares marcados pelos clientes, deslocando-se em seu Citroen vermelho. Ela narra sua atividade sem quaisquer constrangimentos, penúrias ou vitimizações, mas diz ter planos para mudar de ramo – “faço um curso de cabelereira... quero ser uma *hair stylist*”, diferente de Luana, para quem “sexo” é a única coisa que tem para vender.

Ao sair de um encontro em um hotel *chic* de São Paulo na região dos Jardins, após uma hora de espera (os programas até então não duraram mais de vinte minutos), os dois jovens repórteres parecem ansiosos em saber os motivos da demora. Mariá explica:

M - Esse foi o melhor de todos... um homem fino, charmoso, elegante, mas manda bem no *whisky*... não tirei nem a roupa.

R – como assim? [com ar de surpresa] você ficou fazendo o quê?

²⁶ A surpresa da repórter chama a atenção, pois marca a irredutível centralização da imaginação no sexo (coito) como atividade excludente na prostituição. Trabalhadora do sexo como “acompanhante” não é uma atividade nova, tampouco se restringe às classes mais abastadas, apesar de ser parte do imaginário comum (essa reportagem é um bom exemplo). A figura histórica da prostituta de bordel ou casa de prostituição é retratada em Rago (2008) para as elites paulistas de inícios do século XX, incluindo a companhia a “coronéis” fora dos territórios de prostituição. Do mesmo modo, em zonas de prostituição e casas frequentadas por pessoas de camadas populares, o sexo automático e necessário não é a única atividade, a companhia e a conversa também são buscadas pelos clientes.

Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira

M – acompanhante de luxo é isso... sabe por que demorou? Exatamente porque eu não fiz nada, se tivesse feito, teria acabado rapidinho... [gargalhadas]

E – mas o que vocês fizeram?

M – Jantamos... tem muito disso...

Mariá não se deixa apreender pelos tempos e ritmos dos jornalistas e da TV. Correndo o tempo inteiro, ela impõe sua lógica e apresenta uma qualidade de vida que não gera julgamentos ou paradas para reflexão. Talvez por uma virtude da Mariá, talvez por um reconhecimento de classe com os profissionais da mídia, talvez por um fascínio pela sua capacidade e pelo luxo prometido, ou ainda por ela ter uma perspectiva de futuro, os questionamentos e perplexidades ficaram antes com a Luana e a continuação com a Ana Paula.²⁷

Russas, sertão do Ceará. A jovem repórter tem “o desafio de encontrar uma [prostituta] que concorde em abrir sua vida para a televisão”. Ana Paula – 29 anos, pele clara, loura tingida, porte pequeno, sotaque nordestino, cabelos longos, muito falante – esperava no “cabaré” com as colegas. Ela afirma ser prostituta desde os 17 anos e casada com um homem de 75 anos. A reportagem inicia com a imagem de uma casa, cuja fachada exibe um grande cartaz – APROSTIRUS (Associação das Prostitutas de Russas) –, localizada em um bairro que concentra a prostituição da cidade, cuja única atividade mostrada é a

²⁷ A história da Mariá guarda algumas semelhanças com a de Ricardo, “garoto de programa” entrevistado no *Profissão Repórter* (20/07/2010) – “Garotos de Programa” –, que mantém estrutura similar. Uma prostituição mais pobre é vinculada à rua, drogas, violência, “desestruturas familiares”, reforçando a pobreza imageticamente. Por falta de espaço não incluímos integralmente esse especial na análise, mas é importante para pensar as aproximações mediáticas a uma forma do mercado do sexo comercial menos presente em nosso imaginário [http://www.youtube.com/watch?v=SV_2cUt_-cs&feature=related - acesso em 14/06/2011].

distribuição de camisinhas masculinas e femininas. A sede da Associação, com 200 prostitutas, marca o limite entre “casas residenciais e casas de prostituição”.

Ana Paula mostra seu local de trabalho para a repórter, que se afirma comovida para Caco Barcellos por ser sua primeira vez em um “cabaré” – um pequeno bar, pista de dança com mesas e cadeiras muito simples, luz fraca, paredes com pintura descascada. É um local de socialidade (Strathern, 2006) de classes populares. De todo o material que deve ter sido gravado, escolhe-se apresentar o banheiro masculino, muito sujo e mal cuidado, como muitos banheiros masculinos de bares populares e de camadas médias. Sobre a imagem de duas rãs que saem de um buraco na parede ouve-se uma voz, provavelmente de Ana Paula: “pelo amor de Deus, nossa, não mostra isso”. Mesmo assim foi mostrado.²⁸ Os quartos ficam no quintal e as “garotas” pagam sete reais por programa, Ana Paula diz: “se eu fosse um homem, com meu dinheiro, não pagaria para me deitar com uma mulher num lugar desse. Nunca!”.

Na imagem em primeiro plano de Ana Paula bebendo um copo de cerveja, a primeira pergunta da repórter nos coloca no clima da relação:

R: Você não acha que faz mal beber tanto assim?

AP: [após um silêncio desconcertante] Faz nada! Tô tão acostumada que nem embriagada mais eu fico.

R: Mesmo você... gestante?

²⁸ Todo um “desafio” em mostrar enquadra o trabalho dos repórteres. Mostrar e não mostrar joga/brinca com o respeito pela intimidade das pessoas e dos lugares, no qual se encobrem os rostos, mas se exibem vozes, corpos, cabelos, costas, roupas de terceiros envolvidos. Esse “desafio” se fará evidente, quase de maneira obsessiva ou vulgar, no especial “Garotos de Programa”, referido anteriormente.

Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira

AP: [a câmera foca a barriga] Ahhh isso aí é diferente, porque eu maneei bastante!

Enquanto assistimos imagens da vida no “cabaré”, ouvimos a voz da repórter em *off*: “Fico impressionada em saber que a Ana Paula está grávida de seis meses e continua fazendo programas”. Entre maternidade, gravidez, álcool e relações familiares, banhadas na “impressão” da repórter, a imagem de Ana Paula, e da prostituição no “sertão do Ceará”, vai sendo construída.

R – É filho de cliente, esse?

AP – Filho de cliente, só que ele é casado, tem o pessoal dele, eu não quero envolver... eu tenho como criar [em *off*: “ela tem outro filho de 6 anos”] ...ele diz assim: “mamãe, a senhora está cheirando a cigarro”, ele fala que faz mal... aquilo eu me acabo, ele pega no sono e eu fico assim, querendo dormir e pensando na minha vida [a câmera faz o *zoom* no rosto enquanto os olhos enchem d’água]

R – porque você se emociona?

AP – Ah! Porque ele é tão pequenininho e tão cheio de razão!

O universo de relações feliz e gozoso ou a generosidade em abrir as portas de sua vida e de sua casa para as câmeras são obnubilados, o olho que grava e edita está sempre pronto para a dor. Mais adiante, o círculo das maternidades e das reproduções se fecha, numa cena novamente carregada de dramatismo e de morais-da-história tácitas.

AP – minha mãe era dona de estabelecimento como esse, minha mãe era uma dama reconhecida em Maracatiba.

R – Ela era prostituta também?

AP – No início, sim... ela faleceu em meus braços, meu filho mamando no peito direito, ela morrendo no esquerdo [ao lembrar da mãe sua expressão é quase de orgulho, saudade], foi a maior dor da minha vida.

De volta ao trabalho, Ana Paula se veste para atender um cliente, a blusa larga disfarça sua gravidez. Um dos clientes – rosto marcado pelo sol, um dente metálico na frente, aparenta ter em torno de 60 anos – trata Ana Paula com carinho, dizendo todo o tempo que a ama, ela retribui com um sorriso e diz “te adoro” como uma resposta automática. Em conversa com Caco Barcellos, a repórter marca a atitude diferenciada desse cliente – “a maioria não é tão carinhoso quanto este, não trata tão bem quanto este” –, mas em nenhum momento são apresentadas cenas que remetam a quaisquer violências, animosidades ou mesmo indiferença.

A última cena apresenta o plano das ambiguidades. Entre palavras cortadas e a reconfiguração do *off* da repórter, Ana Paula conta que uma vez teve prazer (orgasmo?) com um cliente bem velhinho. Naquele momento, e ante a incompreensão da repórter, o homem passa. Ana Paula, constrangida, o cumprimenta. Ele tem mais de 70 anos, sem dentes, e diz à repórter: “ela é gente boa, conheço ela”, e lhe passa a mão carinhosamente no rosto. Riso e constrangimento geral. A continuação, Ana Paula se despede (“agora chega!”), enquanto a repórter em *off* afirma que dois dias depois da reportagem o local foi fechado: “segundo a polícia ali funcionava, também, um ponto de venda de drogas”. E assim termina não só a história da Ana Paula, mas a reportagem inteira (!!).

Exceto essa última imagem, que associa o local às drogas, a prostituição aparece de forma lúdica e “branca”. O corpo “moreno” de Bebel, por vezes nomeada mulata pelos personagens conexos, aparece como um atributo a mais para

acentuar sua sensualidade. As protagonistas das novelas da Rede Globo em horário nobre, assim como as modelos produzidas nas propagandas que financiam a trama, apresentam uma imagem estilizada de negritude, caracterizada por tons de pele mais claros, narizes afilados, cabelos relativamente lisos ou cacheados.²⁹ A atriz Camila Pitanga se declara afro-descendente, mas sua personagem Bebel parece estar no limite da cor e de outros traços de negritude para protagonizar uma novela “global” no horário nobre. Os corpos vão escurecendo à medida que as associações à miséria se tornam mais explícitas e localizadas.

“Ignorância, miséria, droga e prostituição”

Belíssima (2005/2006)³⁰, pela primeira vez nas novelas, traz à cena a questão do “tráfico de mulheres” através da personagem Taís, que aceita trabalhar como bailarina na Grécia e se torna vítima de um grupo que promove o tráfico internacional de mulheres. Com o passaporte confiscado e mantida prisioneira pelos seus agenciadores, Taís consegue escapar com a ajuda do personagem central da trama. A curta menção ao tráfico de pessoas rendeu à Rede Globo, em outubro de 2007, o título “Amiga da UNDOC” (Nações Unidas Contra Drogas e Crime).³¹ Essa composição cênica (a novela sensível, o

²⁹ Sobre os personagens “negros” nas novelas ver Araújo (2000). Sobre as “cores” da publicidade comercial brasileira, ver Bebeli (2006). Em 2011, Lázaro Ramos, cujos traços de negritude não deixam margem a quaisquer ambiguidades, protagonizou a novela *Insensato Coração*. No entanto, a família do personagem André só aparece na figura de um pai alcoólatra e explorador, reatualizando as percepções de Araújo (2000).

³⁰ Escrita por Silvio de Abreu, Sérgio Marques e Vinícius Viana, a novela foi exibida no horário nobre entre novembro de 2005 e julho de 2006.

³¹ Dos 209 capítulos da novela, o drama de Taís, apresentado de maneira lateral, ocupou não mais do que 10% da trama.

protótipo de vítima e o reconhecimento da UNDOC) evoca a ratificação do Protocolo de Palermo pelo governo brasileiro em 2004. Com esse movimento, o governo confirma seu compromisso na luta internacional contra o “Tráfico de Pessoas”, crime que abrange a utilização de coerção, ameaças, fraude ou abuso de uma situação de vulnerabilidade em qualquer fase do processo de deslocamento para ser submetido a “exploração sexual”, trabalho forçado ou remoção de órgãos (Piscitelli, 2005, 2008).

Se a década de 2000 pautou o crescimento qualitativo de um movimento social e político comprometido com a conceitualização da prostituição como trabalho legal, houve também o simultâneo crescimento no país (e no mundo) de forças políticas associadas à abolição da prostituição, que parecem ter encontrado nas ideias de “turismo sexual”, “tráfico de pessoas” e “exploração sexual” (de crianças e adolescentes) um lugar privilegiado.

O relatório da PESTRAF (2002) se transformou em marco referencial para denunciar (com mais eficácia moral, mobilizando poderosas emoções, do que ancoragem empírica) a existência do tráfico, suas supostas formas, rotas, causas e consequências. A partir de 2004, o Projeto de Lei 98/2003 foi sistematicamente barrado no Congresso Nacional, por supostamente não combater a “exploração sexual”, que ganha uma CPI em 2008, cujos resultados, em 2009, influenciaram a mudança do Código Penal. De um lado, fortalece o constrangimento jurídico contra o tráfico, incluindo o tráfico interno, e uma definição que retira foco da violência ou do abuso e o coloca na “ajuda” ao deslocamento de outrem para o exercício da prostituição; de outro, estende a ideia de “exploração sexual” como definição/sinônimo de “prostituição”, antes referida unicamente às trocas de sexo por dinheiro ou outros bens com pessoas menores de dezoito anos (Piscitelli, 2008).

No plano das novelas, *Passione*³² aborda o complexo tema que envolve a família na exploração sexual de crianças. A personagem Clara foi abusada quando criança e obrigada a fazer programas com clientes da pensão de sua avó, o que gerou o dinheiro para a compra da casa onde moram. Em alguns momentos, esse passado de exploração é visto por outros personagens como a causa de uma vida “desregrada”, que inclui roubo, golpes e saídas esporádicas com “clientes”. Seu único vínculo afetivo é com a irmã mais nova a quem tenta proteger da “velha porca”, expressão recorrentemente utilizada para se referir à avó. Em uma das cenas, Clara se dirige à irmã: “você sabe muito bem o que a vó me obrigava a fazer... se um dia ela te obrigar a fazer ‘aquilo’, você conta prá mim, tá?” Clara estava certa em suas preocupações, os planos da avó para a neta mais nova são ousados: “agora eu resolvo meu problema de vez, vou vender essa menina ao fazendeiro do Pará”, discutindo o “tráfico interno” de crianças, como mostra de forma contundente (sufocante e espetacular) o premiado *Anjos do Sol*.³³

A inserção das crianças no imaginário sobre o mercado do sexo e seus trânsitos é tema do *Profissão Repórter*³⁴, que aborda a

³² Novela de Silvio de Abreu veiculada no horário nobre da Rede Globo entre 2010 e 2011.

³³ O filme constitui o discurso mais forte de vitimização e violência associada ao mercado do sexo, expondo práticas que envolvem a exploração sexual de crianças e adolescentes, como o leilão de meninas virgens, e os personagens que lucram com esse mercado – aliciadores (que compram as meninas de suas famílias), donos de boates, cafetões, coronéis e políticos. O universo da prostituição, e não apenas a exploração sexual e o tráfico interno, são apresentados como círculos de dor e escravidão sem saída. Escrito por Rudi Lagemann, o filme foi premiado pelo Júri Popular como melhor longa de ficção ibero-americano no *Miami International Film Festival*.

³⁴ Veiculado em 29 de abril de 2007 em um quadro do *Fantástico*, programa exibido pela Rede Globo aos domingos entre 21 e 23 horas.

“exploração sexual” através da narrativa de jovens travestis que saíam de Belém do Pará para “tentar” a vida em São Paulo. Novamente as imagens não permitem que as travestis sejam identificadas, mas o foco nos lábios carnudos deixa ver ora os olhos, ora um perfil do rosto, ora os corpos delineados e morenos. No início do programa, o repórter explica a matéria:

O *Profissão Repórter* mostra como meninos de Belém do Pará mudam de nome e sexo e desembarcam em São Paulo para ganhar a vida como travestis... uma reportagem difícil, a vida de adolescentes vítimas de abuso e preconceito, jovens pobres do norte e nordeste do Brasil são explorados em ruas como esta aqui do centro de São Paulo. **O desafio da nossa equipe é percorrer esse mundo oculto...**

“Mudam de nome e sexo” sugere que o fato de um menino mudar de nome e se vestir como mulher já alteraria o seu sexo, enquanto a reportagem não apresenta um único caso de garotos que tenham se submetido à cirurgia para mudança de sexo; “ganhar a vida como travestis” – travestilidade aparece como sinônimo de prostituição.³⁵

As imagens da rua são difusas, escuras, os transeuntes são mostrados de longe. A reportagem inicia com o depoimento de Dna. Deolinda – rosto marcado pelo tempo ou pelas dificuldades da vida: “eu amo muito meu filho, [in]felizmente eu amo muito ele”. Com a imagem de desespero da mãe ao fundo, o repórter assigna:

Deolinda conta a história do filho **homossexual** de 16 anos, que fugiu de casa em Belém do Pará no ano passado, aliciado por esse **cafetão**, também travesti, Paulete. Para a

³⁵ Sobre a associação travesti/prostituta, ver Pelúcio, 2009.

Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira

polícia esse é mais um caso de tráfico de menores para prostituição em São Paulo.

[na sequência, uma delegada sentencia] mesmo que eles não quisessem fazer programas, eles eram obrigados, porque tinham o compromisso de dar todo o dia a cota para o cafetão ou a cafetina.

A responsabilidade é imputada às redes de traficantes, entre elas Paulete (tratada no masculino mais uma vez), já denunciada e presa, que “financiou a viagem de vinte garotos de Belém do Pará para São Paulo”. No centro histórico de Belém do Pará, a repórter pergunta a uma jovem travesti sobre histórias de adolescentes que foram para São Paulo – “se deram bem, se deram mal”, a resposta é segura e imediata: “as histórias que deram mal a maioria é mentira...”

Esta é a única fala na reportagem em que uma travesti desconfia do fracasso da experiência, as outras promovem um imaginário de marginalidade e de miséria – “eu me prostitui... não tô porque eu quero, mas porque eu preciso... [outra diz] Você apanha, você fica com fome... se não pagar a cota” –, na maioria das vezes, a falta de pagamento da cota é atribuída ao vício em drogas. Não por acaso, a produção escolhe uma das zonas conhecidas de utilização de *crack* em São Paulo para falar com as travestis, universo que produz o quadro final apresentado. A escolha não é explicitada, ao contrário, é velada pela “objetividade” jornalística que, na espetacularização da reportagem televisiva, “descobre” que as pessoas ali estão envolvidas com *crack*.

O repórter pergunta a uma travesti de 17 anos qual o seu sonho: “Ah! É voltar da Europa rica”, mas a edição não privilegia esse aspecto; ao contrário, na sequência, o repórter diz: “eles mudam de nome, de sexo e para aumentar o valor do cachê se submetem a uma cirurgia de alto risco – a injeção de silicone”. A partir daí as luzes são direcionadas para os riscos

de colocar silicone no corpo, apresentando depoimentos “dos” travestis que mais ecoam o medo enfatizado na reportagem, do que a vontade de ter seios avantajados. Os riscos do possível/provável endividamento junto ao cafetão para pagar pela mudança corporal ficam em segundo plano, o foco nos riscos do procedimento – no geral, realizado por pessoas não qualificadas – é avalizado por um médico.

Ao final, a narração da cena do enterro de um garoto é marcada pelo parco número de pessoas que acompanharam o funeral – “seis coveiros e duas mulheres, uma delas cafetina” –, mostrando a ambiguidade do papel da cafetinagem de travestis, antes apresentada como a responsável pelo desvio de rumo na vida de jovens, agora como alguém que se mostra condoída ante a morte de uma de suas pupilas.

Entre *crack*, tráfico, “mudança de sexo”, “infantil”, dívidas e a morte fria e solitária, as escolhas de enquadramento compõem um quadro aterrador de migração e de prostituição. Mesmo enunciadas, não há espaço para as que “deram certo” ou para o sonho europeu, tampouco para a reflexão sobre a perversidade da ideia de “tráfico”/infantil/travesti.

Participantes ou não do mercado do sexo, na realidade construída pelo jornalismo investigativo, as crianças têm se transformado em personagens necessárias para localizar a prostituição e o turismo na ordem dos crimes e dos males sociais. Em matéria especial sobre “Turismo Sexual”, o *Fantástico* (13/03/2011) mostrou que o incentivo à prostituição começa além mar.³⁶ O bloco é apresentado sob imagens escondidas ao som de música de mistério: “DENÚNCIA: de uma agência de viagens na Alemanha até uma pousada no Recife. Desvendamos passo a passo como funciona a indústria do turismo sexual que mancha a imagem do país”. A chamada encerra com a voz em *off* de uma mulher – “aqui só pagando.

³⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=rS6hpV8w8pw&feature=related>

Aqui só profissional” –, focando a prostituição e não o turismo ou qualquer tipo de crime.³⁷

A matéria abre com uma imagem de câmera escondida de duas crianças femininas dançando/brincando sobre um palco na companhia de mulheres adultas vestidas com trajes sensuais, semelhantes às passistas de escola de samba. Nada mais vemos, mas o repórter anuncia que o local é um centro comercial aberto, um conhecido ponto de encontro de turistas estrangeiros com prostitutas, “uma espécie de feira do sexo” em Natal (RN). Imediatamente depois, outra investigação foca a praia de Boa Viagem (Recife-PE) e a pousada Bamboo, principal alvo da atenção dos produtores como local exemplar para o “desvendamento” da “indústria do sexo”. Na ideia de “desvendar”, a equipe realiza uma investigação de dois meses que os leva até Colônia, cidade localizada a 580 km de Berlim (Alemanha), onde a agência de viagem “Novo Brasil” – nome em painel destacado por letras grandes e cores verde e amarela – vende pacotes turísticos para o Brasil, incluindo passagem aérea e reserva na pousada Bamboo.³⁸ A metodologia e a estética escolhidas compõem o uso de câmera escondida e do narrador em *off*, enquanto “nosso produtor” se faz passar por turista estrangeiro para entrar em contato com as pessoas.

Após mostrar o rosto do gerente da agência em Colônia, e de perguntar por prostituição e sexo (até então não oferecidos pelo funcionário), o produtor volta para o Brasil e circula pela praia e pelo bar da pousada durante o carnaval em Recife.

³⁷ Adicionalmente, o programa inclui “uma bela história de amor”, de uma baiana “muito animada” que pediu um marido para Jesus... “e foi atendida!”, uma nota sobre as baterias das Escolas de Samba no carnaval carioca e outra sobre o corpo de Ivete Sangalo no carnaval de Salvador.

³⁸ Na semana seguinte à reportagem, os jornais televisivos destacaram a matéria como responsável pela investigação policial que levou os donos do estabelecimento à prisão, acusados de manter o lugar em funcionamento como pousada sem autorização.

Confirma a existência de prostitutas que oferecem seus serviços aos turistas e chama a atenção para a possibilidade/facilidade de acertar “programas”. O repórter enfatiza a livre circulação das “garotas de programa” sem passar pelo registro na portaria, propiciada por uma porta que liga o bar diretamente aos quartos da pousada. As frequentadoras do bar da pousada afirmam que o local é “ponto de prostituição”, mas não mencionam nenhum tipo de exploração ou violência. Por sua vez, o repórter confirma que não testemunhou a presença de crianças ou adolescentes no local.

A história da pousada é contada a partir do assassinato de um homem local, no seu interior, que envolveu judicialmente o dono e o gerente. Entre esse assassinato e prostituição ou “tráfico” nenhuma conexão fática é estabelecida, apenas a arbitrariedade proposta na ilusão da verdade jornalística. A violência, associada à prostituição internacional, é sugerida pelo delegado, que diz **ter informação** de que “uma jovem que **teria** sido convidada para sair do país para fazer prostituição internacional, **teria** se recusado e **teria** sido espancada” (ênfase adicional). Além disso, para construir um perfil criminoso da pousada (porque, mais uma vez, nem prostituição nem turismo sexual são crimes), o narrador em *off* afirma que em 2002 foi encontrada uma jovem de 17 anos oferecendo serviços sexuais. Contudo, a fonte afirma que a jovem teria conseguido uma certidão de nascimento falsa. A sequência termina com afirmações do repórter: “Nos quatro dias em que o nosso produtor ficou na pousada não houve brigas e aparentemente não havia menores”.³⁹

³⁹ Em 25 de maio de 2011, no seminário “Políticas Públicas de Combate à Exploração Sexual Infantil e o Turismo Sexual”, realizado na Câmara dos Deputados, Gabriela Leite sustentou que os principais agentes de “exploração sexual de crianças e adolescentes” no Brasil são as famílias e os círculos de poder local (políticos, forças armadas, comerciantes) e não os turistas, tampouco a prostituição legal. Sua apresentação foi baseada em dados do

Ainda em Recife, a equipe se concentra na praia, onde turistas e “nosso produtor são muito assediados pelas prostitutas”. O produtor conversa com uma mulher mulata de biquíni, o repórter que filma escondido gira a câmera para si e afirma: “Foi só o nosso produtor chegar e uma garota de programa já encostou nele”. Mesmo que as imagens, numa montagem de fragmentos que impossibilita imaginar o tempo transcorrido, mostrem os corpos, o narrador orienta as possibilidades de inteligibilidade do espectador: “Agora tem cinco mulheres com nosso produtor. Não pára de chegar mulher, é uma atrás da outra. Sempre oferecendo serviço”. As mulheres se fazem prostitutas pela voz do comentador, “assediam”, se transformam em “encosto”, de modo que eles – os homens e o produtor – se deslocam de potenciais exploradores para vítimas do assédio. A perplexidade do narrador assume o primeiro plano, incitando a reificação moral, ainda que não se identifique nenhuma cena de “turismo ou exploração sexual” de crianças ou adolescentes.

Na segunda parte da matéria, realizada em Natal (RN), as luzes são direcionadas à nomeada “feira do sexo”, um conjunto de locais abertos de encontro e diversão noturna frequentado por turistas. Ouvimos e vemos cenas de negociação de programas entre o produtor/turista e as “prostitutas”. Novamente, o mais interessante são as impressões do repórter: “Impressionante como o lugar é aberto. Qualquer um entra,

Disque Denuncie, desde 1997, levantados pelo pesquisador Thaddeus Blanchette. Nestes dados apenas o 0,68% dos casos remetem a acusações contra turistas e, no relatório da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, dos 79 casos comprovados de exploração, apenas 4,2% são turistas. “Os casos restantes traziam a presença de políticos, juízes, pastores e um padre”. Apesar dessas evidências, a vinculação da “exploração” com a prostituição e com o “turismo sexual” continua sendo chave na mobilização de emoções públicas. *Jornal Beijo da Rua* [<http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?edicao=28&coluna=6&reportagem=890&num=1> - acesso em 15/06/2011].

sai...” A continuação, “mais um flagrante” antes do encerramento magistral, a necessária e sempre presente vinculação com drogas. Imagens de garotos vendendo drogas na rua são narradas como acontecendo no lado de fora do centro comercial: “É nesse ambiente, com cocaína e garotas de programa, que encontramos duas crianças... [enquanto vemos novamente as imagens iniciais da matéria]”. A associação entre tráfico de drogas e prostituição é reforçada pela descoberta de que o dono de um dos locais em questão tem um processo por lavagem de dinheiro. Se essa associação não é nova – note-se que no Sistema das Nações Unidas a agência que cuida do tráfico de pessoas é a mesma que luta contra as drogas (UNDOC) –, a identificação das garotas de programa com cocaína como fatores de risco para as crianças é ainda mais radical e violenta.

Contudo, novamente, o repórter afirma: “no tempo que passamos no local nenhum turista mexeu com as meninas”. A recorrência deste dado e o tema da matéria – “turismo sexual” (e não exploração de crianças e adolescentes) – não são levadas em conta pelo funcionário da Assistência Social, que afirma sua preocupação em garantir os direitos das crianças, depoimento emoldurado por imagens das meninas dançando/brincando no palco com mulheres que podem (ou não) ser suas mães, tias, irmãs ou cuidadoras cotidianas.

A confusão legal e conceitual da Secretária Nacional de Políticas do Turismo encerra a reportagem:

Quem vem pro Brasil com este objetivo de exploração sexual não é turista. É um criminoso e assim será tratado. Que o Brasil inteiro tenha a consciência, se sinta responsável para proteger nossas crianças, nossos adolescentes... Proteger a família brasileira.

E as imagens das meninas voltam pela quarta vez sob os créditos finais do programa. A inclusão das crianças no quadro e a mistura amalgamada de turismo e tráfico parecem estratégicas. Além de produzir a realidade em um véu de confusão mágica e, assim, alimentar, não apenas um “pânico moral” (Grupo Davida, 2005), mas uma “tontura visual” baseada na relação criança-sexo (construção e proteção da “criança universal” pós-ECA⁴⁰) resulta em uma das únicas alternativas legais de punir a “prostituição” e o “turismo sexual”. A lei penal é clara, prostituição (adultos) não é crime, “turismo sexual” sequer existe no Código Penal. Mas qualquer transação de sexo por dinheiro ou outros bens, com pessoas menores de 18 anos, consensual ou não, é considerado crime. A confusão não é um acidente, mas um efeito gestado e produtivo.

“Ignorância, miséria, droga e prostituição”.⁴¹ A partir dessa chamada, o âncora do *Bom dia Brasil* faz um alerta para a “prostituição infantil”⁴² em Pernambuco. Duas semanas antes, *O Jornal das 10* (06/10/2010) destacava a mudança de rota do “turismo sexual”, antes nos grandes centros, agora também em pequenas cidades, mencionando os caminhoneiros como principais consumidores. Essas entradas aparecem três meses depois do anúncio do programa *Our World: Brazil's Child*

⁴⁰ Sobre a produção de *A Criança*, ver Vianna, 2005; Fonseca, 2009; Shuch, 2009.

⁴¹ *Bom dia Brasil* (20/10/2010). Jornal televisivo veiculado pela Rede Globo diariamente às 7:00hs.

⁴² Mais uma das confusões estratégicas, do véu brilhante e melodramático: “prostituição infantil”. Abolida do Estatuto da Criança e do Adolescente e do Código Penal, essa nomeação apaga uma diferença legal e política importante: prostituição é legítima como relação entre adultos. Baseado nessas considerações, o movimento de prostitutas brasileiro vem se opondo, há no mínimo 15 anos, à utilização do termo “prostituição infantil”.

*Prostitutes*⁴³, cuja descrição, publicada no site da BBC, é fielmente traduzida no jornal *O Globo* (30/07/2010).

A matéria elaborada por Chris Rogers apresenta o Recife como o novo lugar de recepção de “homens europeus que chegam em vôos fretados especialmente ao Nordeste em busca de sexo barato, incentivando assim a prostituição”. A ideia de que turismo sexual incentiva a prostituição infantil é corroborada pela então coordenadora da Secretaria Especial de Prevenção ao Tráfico de Seres Humanos: “Fortaleza, antigo destino de turistas sexuais, vem mandando uma clara mensagem aos turistas sexuais de que eles não são bem-vindos”. O “recado” das autoridades locais é associado à realização da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016) no Brasil.

Diferentemente da matéria sobre “turismo sexual”, nessa reportagem as “meninas” são o centro do cenário montado por Rogers, com o subtítulo *corpo frágil*, ele descreve:

Uma menina vestida com um pequeno biquíni expõe seu corpo frágil. Ela não parece ter mais do que 13 anos, mas é uma das dezenas de garotas andando pelas ruas à procura de clientes... A maioria vem das favelas da região. Ao parar o carro, a reportagem da BBC é recebida com uma dança provocante da menina... "Oi, meu nome é C. Você quer fazer um programa?"... C. pede menos de R\$ 10 por seus serviços. Uma mulher mais velha chega perto e se apresenta como mãe da menina. "Você pode escolher outras duas meninas, da mesma idade da minha filha, pelo mesmo preço... Eu posso levar você a um motel, local onde um quarto pode ser alugado por hora".

⁴³ Programa produzido pela BBC e veiculado pela *BBC World* em 31 de julho e 01 de agosto de 2010. O programa só pode ser visto por assinantes, mas a descrição detalhada pode ser acessada em inglês no site <http://www.bbc.co.uk/news/world-10764371>.

Além da família, motoristas de táxi também são apontados como facilitadores, segundo Rogers, um deles também lhe oferece duas pelo preço de uma e como bônus uma carona para um motel local. O articulista expõe suas impressões:

Nenhuma delas faz nenhum esforço para esconder sua idade. Uma delas leva consigo uma bolsa da Barbie, e as duas se dão as mãos com um olhar que parece aterrorizado diante da perspectiva de um potencial cliente. (...) Ela conta que trabalha na mesma esquina todas as noites até o amanhecer para financiar o vício dela e da mãe em crack. "Normalmente eu tenho mais de dez clientes por noite", ela se vangloria. "Eles pagam R\$ 10 cada - o suficiente para uma pedra de crack... Há muitas meninas trabalhando por aqui. Eu não sou a mais nova. Minha irmã tem 12 anos e tem uma menina de 11"... Mas P. está preocupada com sua irmã. "Eu não vejo a B. há dois dias, desde que ela saiu com um estrangeiro". P. diz ter começado a trabalhar como prostituta com sete anos... "Os estrangeiros vivem aparecendo por aqui. Eu já saí com um monte deles... Todo dia eu peço a Deus que me tire dessa vida... A droga faz mal, a droga é minha fraqueza, e os clientes estão sempre a fim de pagar".

As condições precárias de moradia das meninas descrita na matéria sugerem que a única saída para essas crianças são os centros de recuperação, como o Rosa de Saron, localizado próximo a Recife, que recebe meninas de 12 a 14 anos vindas de várias partes do país, "muitas delas grávidas". A fundadora do Centro explica ao repórter que "as meninas não podem ser devolvidas para casa, por causa da pobreza que as levou à prostituição", corroborando a opinião do articulista, que se mistura ao depoimento de uma garota:

M., de 12 anos, quer viver com a mãe, mas não pode porque seu cafetão, que a forçou a trabalhar nas ruas e em bordéis, ameaçou matá-la se ela tentasse escapar. Ela diz que ainda teme por sua vida. "Não tive opção a não ser fazer o que ele mandava. Eu senti que estava perdendo minha infância, porque eu tinha só 9 anos de idade... Eu tinha medo. Às vezes eu voltava sem dinheiro e ele me batia".

Considerações finais

Em uma oficina sobre Mídia, realizada na Marcha Mundial de Mulheres (2010), a “opressão” das mulheres foi diretamente associada à mercantilização do corpo, “reforçando o papel submisso da mulher a serviço do desejo do homem”⁴⁴, como disse uma jovem militante, ao afirmar que contextos de prostituição são **necessariamente** identificados como violência e como exploração. O material aqui analisado complexifica essa percepção e, ao mesmo tempo, evidencia interconexões.

Se é insustentável imaginar a Rede Globo como vanguardista ou liberal, é preciso notar que, ao tratar da prostituição, no mínimo dois deslocamentos iniciais resultam evidentes no material analisado, tendo como referência os discursos dominantes na primeira metade do século XX (Rago, 1985, 2008) e os discursos “abolicionistas” proeminentes nos acordos e legislações internacionais sobre o tema, cuja presença parece crescente na política governamental brasileira dos últimos cinco anos.

O primeiro deles é a inclusão de homens e trans na oferta de serviços. Principalmente a partir da produção jornalística, e talvez num clima de exposição dramática, o universo do

⁴⁴ Anotações de campo de Iara Beleli em oficina sobre mídia, realizada em Vinhedo (próxima a Campinas-SP), uma das cidades onde a Marcha pernitoitou (10 de março de 2010).

mercado do sexo é construído ao largo da diatribe da materialização absoluta da opressão das mulheres pelos homens. E não se trata de uma alienação alienante da mídia capitalista, mas da evidenciação/criação das transformações de um mercado. Da mesma maneira, a lógica que restringe a prestação de serviços sexuais como resposta a extremas condições de pobreza também é desconstruída, na medida em que apresenta homens, mulheres e trans que vêm o trabalho sexual como profissão.

Contudo, o deslocamento mais interessante está na reconfiguração da matriz dicotômica para pensar prostituição, que se faz possível quando olhamos para novelas e telejornais em conjunto. Note-se que há uma recusa em aceitar a dicotomia “vítima lesada” x “*femme fatal*”, bem como “mulher explorada” x “mulher livre”, enquanto se gesta uma nova entre prostituição enquanto crime e produção de (ou produzida pela) miséria e prostituição enquanto trabalho. A tradicional dicotomia parece estar concentrada agora, principalmente, num dos pólos da nova relação (droga, miséria, crime), enquanto um novo termo é produzido (profissão). A conceitualização de prostituição enquanto trabalho vem sendo fortemente agenciada no mundo pelas próprias prostitutas a partir dos anos 1970. Na nova dicotomia, a discussão sobre liberdade (absoluta) ou exploração (absoluta) aparece subsumida em matizes, experiências, diferenças sociais.

Por esse caminho destacamos a prostituta Bebel, ou as aparições vigorosas de Luana, Mairá e Ana Paula. O que está em jogo nessas afirmações é a possibilidade de construir midiaticamente um lugar diferente para a imaginação sobre a “prostituição”. Isto é, oferecer conexões e deslocamentos simbólicos (estéticos, discursivos, nominais, de relações possíveis) que permitam desmontar a enorme carga simbólica negativa que mobiliza as ideias sobre prostituição. De uma associação com dependência (de cafetinas ou cafetões),

“assédio”, miséria, cocaína e mal para as crianças, a personagem Bebel, por exemplo, propõe um deslocamento, no mesmo espaço comunicativo, para a individuação intensiva, a beleza, o profissionalismo, a “dignidade”, o trabalho. Se essa personagem e todas as construções propostas pela mídia aqui apresentadas estão longe de ser “revolucionárias”, evidencia-se um pequeno, mas importante, motor de desestabilização, na medida em que, para além das narrativas de miséria ou de “*empowerment*”, Bebel é, simplesmente, uma personagem complexa, duradoura, matizada e plena de agência e subjetividade.

Principalmente na produção jornalística “Global” contemporânea, mais interessada na “verdade”, na encenação da aventura investigativa, nos dramas de ordem policial e no mundo do “politicamente correto”, parece estar presente uma forte tendência a associar prostituição com práticas, sujeitos e relações que “mancham a imagem do país”. O contexto construído mobiliza ideias de “tráfico”, “turismo sexual” e “exploração”, mas chama a atenção a utilização da “criança” como personagem.

Não se trata de afirmar que crianças e adolescentes⁴⁵ não são explorados sexualmente, mas de perceber como essas imagens são também criadas na ficção televisiva e política, muitas vezes deixando de lado as crianças vulneráveis na vida real. Isto é, utilizam-se imagens de crianças em ambientes inapropriados para exibir a prostituição como inapropriada. O

⁴⁵ A propósito, nos discursos políticos sobre prostituição local e transnacional do material analisado, os/as adolescentes não aparecem como sujeitos políticos, sexuais e de direitos. Quando o tema é mercado do sexo, a sexualidade e as capacidades de agenciamento adolescentes são negligenciadas, desaparecem sob o guarda-chuva da categoria criança. No Código Penal, não é crime um adulto ter sexo com uma pessoa entre 14 e 18 anos (adolescente, não criança!), mas a relação mediada por dinheiro ou bens materiais é tipificada como exploração sexual.

efeito desse movimento pode ser duplamente perverso. Primeiro, porque estigmatiza uma relação já suficientemente estigmatizada, como é a prostituição, legitimando ainda mais as violências exercidas contra as pessoas que se prostituem. Segundo, porque de um espírito de proteção dos direitos de crianças e adolescentes pode-se deslizar sutilmente para um espírito de condenação do mercado do sexo e de formas específicas (e legítimas) de migração e deslocamento, no qual as crianças, antes sujeitos de proteção, se transformam em objeto útil, em ferramenta potente, de interesses outros. Crianças são, agora sim, objetificadas por um discurso que afirmava protegê-las.

Finalmente, vale destacar a maneira como o local e o transnacional aparecem nessa mídia. Parece existir uma espécie de sistema condicional no qual o mercado do sexo, especialmente a prostituição, é mais ou menos tolerado e aceitável. Imaginável. Um primeiro referente, no qual elementos de legitimidade são mais facilmente imaginados, é a localidade das transações. Prostituição local. Mulheres como Luana, Mairá, Ana Paula, Bebel (já no Rio de Janeiro e em 2007) configurariam uma imagem mais “clássica” sobre prostituição. Talvez mais costumeira. O local como um presente estático, como uma fotografia de “zona”, mulheres que naquele instante eterno estão ali porque sempre estiveram ali. Sem trajetórias e “sem futuros”.⁴⁶ Eternas adultas individualizadas e hiperterritorializadas. Mas o local não parece ser suficiente. A “zona”, essa prostituição artesanal e quase folclórica de Ana Paula, mesmo imaginável, não parece ser mais o melhor referente de tolerância (note-se que não há bordéis e que em nenhum dos casos um lugar como a Vila Mimosa é

⁴⁶ Janete, prostituta do Centro portoalegrense dos anos 80, lembra que os policiais se referiam a elas como “sem futuro”, principalmente, quando afirmavam não ter cafetão.

representado). Atualmente, a zona parece ser simbólica e corporal (Olivar, 2010). Assim, essa localidade deve estar combinada, primeiro, com uma identificação social com os profissionais da mídia: raça/cor (branco ou quase), empreendedorismo, heterossexualidade aparente, manutenção de laços familiares, hábitos saudáveis, “civildade”, “autonomia”. A “zona” é comportamento adequado, administração “correta” do corpo e do dinheiro. Branquitude. Segundo, essa localidade parece excluir a possibilidade, de fato excluída legalmente, das redes laborais/ comerciais. Perante a duradoura imagem do homem-cafetão/explorador, o material analisado parece opor, ora a “trabalhadora autônoma”, ora a “casa” familiar, chefiada por mulheres/mães cuidadosas da integridade e da dignidade das moças (como em *A Favorita* ou no início de *Paraíso Tropical*). Novamente, traça-se um abismo com relação ao mundo do comumente laboral, no qual as redes e hierarquias são vistas como necessárias.

Nesse sentido, a figura da profissional do sexo branca (ou embranquecida), esbelta, familiarizada, mas independente, com projetos e ambições financeiras, com acesso a educação formal, “empoderada”... se constitui num modelo que implica uma diferenciação na imaginação territorial. As imagens do etnocentrismo veiculam o exotismo: há locais e locais. Desde os estúdios Globo no Rio de Janeiro e São Paulo, parece ser mais difícil imaginar essas mulheres toleráveis fora do sudeste. Norte e Nordeste aparecem como lugares privilegiados para a contra-efetuação do mito de prostituta coerente e bem sucedida. O sul não existe.

Desse modo, o transnacional e o translocal parecem implicar uma dificuldade imaginativa. Isto é, o campo de inteligibilidade da mídia apresentada, o “*frame of war*” de Butler (2010) ou a possibilidade da “contra-invenção da convenção” de Wagner (2010), é reduzido em conjunção com os pesados discursos nacionais e globais sobre migração, turismo e

trabalho sexual. Curiosamente, o discurso da colonização corporal e da “imagem do país”, que no cotidiano da informação jornalística não se ativa com outras práticas comerciais e industriais do turismo, nem com a lógica dos investimentos estrangeiros, incluindo exploração de recursos naturais, é sim ativada pela imagem de um homem branco europeu contratando os serviços (sexuais) de uma mulher mulata ou negra (necessariamente pobre). A prostituição local e artesanal, virtualmente aceita e quase “folclórica” (Ana Paula, Luana) é então quebrada pela presença do “gringo”, que de maneira absoluta inseriria assimetrias irreduzíveis na relação, e pela presença das temidas “redes” (de exploração).

Por último, os deslocamentos territoriais, no país ou fora dele, de pessoas vinculadas ao mercado do sexo/prostituição não ocupam um lugar especial na produção analisada. Raramente se indaga, problematiza ou, simplesmente, se narram essas trajetórias. Outro exemplo é a tentativa de venda da Kelly (necessariamente mulata, pobre e órfã, já que paulistana) para o fazendeiro do Pará (Norte, novamente) na novela *Passione*. Esse último é interessante, pois antes de centrar o conflito na ida para outra cidade, como se traduz da definição penal de “tráfico”, ou de assumir a perspectiva do turista ou do cafetão explorador, a violência é exercida pela própria avó no interior do lar.

Em tempo

Quando terminávamos este artigo nos deparamos com mais um *Profissão Repórter* sobre prostituição (04/11/2011). A insistência na busca pela exploração sexual infantil encontra algum eco nas narrativas das poucas pessoas que se deixam filmar, mas em nenhum momento essas “meninas” aparecem, exceto uma travesti que “foge” para São Paulo e é “resgatada” pela mãe. O choque recai na cena em que policiais espancam

dois rapazes sentados em um banco próximo ao ponto de prostituição de travestis. A “violência do meio” é apresentada na reportagem de forma naturalizada: “tem a ver com o cotidianos ‘deles’, é uma cena de violência e marginalidade... isso não é novidade, isso acontece sempre, ou é um cliente que não quis pagar ou é a polícia hostilizando...”.

Novamente, a prostituição associada à marginalidade, à pobreza, às drogas é marcada como produzida em localidades distantes do centro “higiénico” onde a reportagem é produzida. E dessa vez, ainda que evidente nos olhos do espectador, a violência do Estado (encarregado de proteger os direitos dessas pessoas) é minimizada, é reconfigurada na mesma ordem da violência suposta dos clientes, é colocada como natural, normal, feita necessária.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Joel Zito. *A Negação do Brasil - O negro na telenovela brasileira*. São Paulo, Senac, 2000.
- BELELI, Iara. Cenários marcados pela "cor" - a "inclusão" do "negro" na propaganda. In: GROSSI, Miriam Pillar e SCHWADE, Elisete. (orgs.) *Política e cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Florianópolis, Nova Letra, 2006, pp.297-324 [www.pagu.unicamp.br/node/14].
- BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e comércio do sexo. *Cadernos Pagu* (31), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2008, pp.315-364.
- BUTLER, Judith. *Marcos de Guerra. Las vidas lloradas*. Barcelona, Paidós, 2010.

- CORREA, Sonia *et alii*. *Sexualidade e desenvolvimento: a política brasileira de resposta ao HIV/AIDS entre profissionais do sexo*. Rio de Janeiro, ABIA/IDS, 2011.
- FONSECA, Claudia. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: PISCITELLI, A., GREGORI, M.F. e CARRARA, S. (orgs.) *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, pp.257-281.
- _____ e SCHUCH, Patrice. (orgs.) *Políticas de Proteção à Infância: um olhar antropológico*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.
- GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sexshops e s/m. In: PISCITELLI, A., GREGORI, M.F. e CARRARA, S. (orgs.) *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp.235-256.
- GRUPO DAVIDA. Prostitutas, “traficadas” e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. *Cadernos Pagu* (25), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2005, pp.153-185.
- LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta: história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.
- LENS, Flavio. *DASPU. A moda sem vergonha*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2008 [Coleção Tramas Urbanas].
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia*. 4ªed. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2006.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição de rua a partir das experiências

- de quatro mulheres militantes em Porto Alegre, Brasil. Tese de doutorado, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 2010.
- MILLER, Daniel & SLATER, Don. Etnografia *on* e *off-line*: cybercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, ano 10, nº 21, Porto Alegre, jan/jun. 2004, pp.41-65.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo, Fapesp/Anablume, 2009.
- PISCITELLI, Adriana. Género en los mercados contemporáneos del sexo. In: PAVEZ, Jorge y KRAUSHAAR, Lilith. (eds.) *Capitalismo y Pornología*. Chile, QILLQA/Universidad Católica del Norte, 2011, pp.317-342.
- _____. Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas”. *Cadernos Pagu* (31), Núcleo de Estudos de Género - Pagu/Unicamp, julho-dezembro de 2008, pp.29-64.
- _____. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Género - Pagu/Unicamp, 2005, pp.7-23.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2ªed. São Paulo, Paz e Terra, 2008.
- _____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1985.
- RIAL, Carmem Silvia. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam *et alii*. (orgs.) *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005, pp.107-136.
- SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História* (16), São Paulo, fevereiro de 1998.

- STAM, Robert & SHOHAT, Ella. Estereótipo, realismo e representação social. *Imagens*, nº 5, Editora da Unicamp, agosto/dezembro de 1995.
- SCHUCH, Patrice. *Práticas de Justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-ECA*. Vol. 1. 1ªed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.
- SILVA, Ana Paula e BLANCHETTE, Thaddeus. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu* (25), Campinas_SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2005, pp.249-280.
- SIMÕES, Soraya Silveira. Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um *métier* no Brasil. *Revista de Antropologia Social*, vol. 2, nº 1, PPGAS-UFSCar, jan.-jun., 2010, pp.24-46.
- STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia*. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 2006.
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- TEDESCO, Letícia. Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre, PPGAS-NACI/UFRGS, 2008.
- THOMPSON, John B. *A Mídia e a modernidade*. 8ªed. São Paulo, Vozes, 1998.
- VIANNA, Adriana. Direitos, moralidades e desigualdades: considerações a partir de processos de guarda de crianças. In: LIMA, Roberto Kant. (org.) *Antropologia e Direitos Humanos*. Niterói, EdUFF, 2005, pp.13-68.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosacnaify, 2010.

Fontes

www.globo.com

www.meio&mensagem.com.br

diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=434470

www.youtube.com/watch?v=SV_2cUt_-cs&feature=related

www.youtube.com/watch?v=rS6hpV8w8pw&feature=related

www.bbc.co.uk/news/world-10764371

www.youtube.com/watch?v=bEM_Bd7RY_M

g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2011/10/menores-de-idade-se-prostituem-em-estradas-do-nordeste-do-brasil.html

Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais

Adriana Piscitelli*

Apresentação

Neste texto exploro como sexo, dinheiro e afetos se articulam em circulações, marcadas por gênero, através das fronteiras. Tomando como referência experiências de mulheres brasileiras, considero como essas articulações se modificam em cenários turísticos e migratórios transnacionais.¹

Ao longo da década de 2000, as linhas de discussão que marcaram os debates sobre as imbricações entre economia, práticas sexuais e sentimentos têm chamado a atenção para como as relações íntimas e pessoais se tornaram mais explicitamente mercantilizadas. De acordo com essas abordagens, intensificou-se a noção de que as relações, física ou emocionalmente próximas, predominantemente vinculadas ao sexo, ao amor e ao cuidado, são compráveis ou vendáveis (Constable, 2009). Essa intensificação é relacionada com a interconexão entre processos globais e locais. A ideia é que os fluxos de pessoas do Sul em direção ao Norte, que propiciam a oferta de mão-de-obra barata para os serviços domésticos, de cuidado e sexuais nos países “ricos”, favorecem essa mercantilização (Hoschild, 2003).

* Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp.
pisci@uol.com.br

1 Com esse termo faço referência aos processos de cruzar as fronteiras, nos quais se estabelecem relações complexas entre diversos locais, incluindo redes e laços sociais entre o lugar de origem e diferentes destinos.

Nessas leituras considera-se que esses fluxos têm sido produzidos na articulação entre as demandas das cidades globais e os circuitos de sobrevivência. Na análise elaborada por Saskia Sassen (2003) na primeira metade da década de 2000, nessas cidades, os estilos de vida de profissionais bem remunerados, que incluíam o consumo de cuidados, geravam demanda por trabalhadoras que se dedicassem a esses serviços, suprida nos circuitos que emergiram em resposta à intensificação da pobreza no Sul Global, impulsionando a migração, sobretudo, das mulheres, em direção ao Norte.

Essas perspectivas têm destacado as dinâmicas que permearam a demanda de pessoas que fornecem intimidade. Elas não iluminam, de maneira análoga, os aspectos presentes na “oferta”, que tendem a serem reduzidos à intensificação da pobreza nos locais de origem dos fluxos migratórios.

Neste texto proponho uma abordagem diferente. Interessa-me analisar esses deslocamentos a partir dos mundos sociais, materiais e simbólicos, das pessoas que circulam no sentido Sul-Norte. Considero como esses mundos afetam as dinâmicas dessas circulações e as noções que as permeiam contemplando um recorte específico: os mercados transnacionais, heterossexuais, do sexo, integrados por diversas modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos, com diferentes graus de mercantilização.² Com esse objetivo, tomo como referência as experiências de brasileiras originárias de grupos populares que ingressaram nesses mercados através do turismo internacional no Brasil e de deslocamentos a países do Sul da Europa.³ Considero como práticas econômicas, sexo e

2 Para uma discussão sobre a abrangência concedida a essa expressão, ver Piscitelli, Assis e Olivar, neste volume.

3 A realização do trabalho de campo no qual se baseia este texto foi possível devido à colaboração de inúmeras pessoas, às quais sou imensamente grata e ao apoio de diversas agências de apoio à pesquisa: Fapesp; CAPES; CNPq; Fundação Carlos Chagas/MacArthur; Guggenheim e o GEMMA, Máster

afeto se articulam nas trajetórias dessas mulheres, explorando os efeitos da inserção no âmbito transnacional nessas imbricações.

As leituras críticas sobre as relações entre mercados globais do sexo, turismo e migração (Cabezas, 2009; Kempadoo, 2004; Padilha, 2007) têm atualizado o interesse antropológico por compreender como padrões sócio-históricos de organizações locais da sexualidade e formas emergentes de trocas sexuais e econômicas se articulam nos encontros entre culturas (Sahlins, 1990). Compartilhando esse interesse, considero como as noções e práticas das minhas entrevistadas se situam na imbricação entre padrões tradicionais e novas formas de intercâmbios.

Levando em conta as experiências de brasileiras acompanhadas durante a realização de uma etnografia multi-situada (Marcus, 1995) ao longo de onze anos, desenvolvo dois argumentos. O primeiro é que o ingresso dessas mulheres nos mercados transnacionais do sexo, no Brasil e no exterior, embora marcado por desigualdades produzidas na intersecção entre diferenciações de gênero, classe, idade, “raça” e nacionalidade, não pode ser reduzido à pobreza. Os intercâmbios sexuais e econômicos nos quais elas se envolvem estão mediados por desejos diversificados, em termos materiais, sexuais e afetivos.

O segundo argumento é que essas trocas, consideradas muitas vezes como “novas formas de exploração sexual” em discussões, sobretudo, abolicionistas, sobre mercados globais do sexo (Barry, 1997) remetem a re-criações e re-configurações de práticas e noções que, difundidas em diferentes partes do país, têm lugar em novos cenários. No deslocamento entre contextos,

Erasmus Mundus em Estudos de Gênero da Universidad de Granada. Agradeço também os comentários críticos de José Miguel Nieto Olivar e, particularmente, de Ana Fonseca, que contribuíram na produção deste texto.

essas práticas se modificam e as noções a elas vinculadas adquirem novos sentidos.

Nos espaços de debate público sobre essas temáticas, os antropólogos às vezes são acusados de naturalizar as trocas sexuais e econômicas, porque consideram como essas práticas sociais se integram nos repertórios culturais. Ao formular esses argumentos, estou longe de pretender naturalizar esses intercâmbios. Ao contrário, olhando-os numa abordagem feminista que presta atenção às distribuições diferenciadas de poder neles envolvidos, ofereço elementos para refletir sobre os processos, marcados por desigualdades, nos quais eles têm lugar. Essa perspectiva embasa a leitura dos diferentes aspectos envolvidos nessas trocas e dos novos matizes por elas adquiridos em âmbitos transnacionais.

Finalmente, observo que, ao centrar a análise nas experiências de brasileiras de grupos populares, estou longe de sugerir que nessas camadas sociais se materializem de maneira privilegiada os atributos associados a uma suposta “cultura sexual brasileira” (Parker, 1991).⁴ Além disso, compartilho os questionamentos de Heilborn (2006) às ideias de hipersexualização dos/as brasileiros/as, incluindo as pessoas de grupos populares. Embora os mercados do sexo certamente estejam integrados por pessoas originárias de diferentes setores sociais, em outros países e também no Brasil, meu foco empírico em mulheres de grupos populares se deve a que elas têm sido as mais atingidas pelas suspeitas de envolvimento no “turismo sexual”⁵ e com a indústria do sexo no exterior, compondo o

4 Ver as problematizações a essa noção elaboradas por Simões e Carrara (2007).

5 Utilizo essa expressão entre aspas, considerando sua problematização na produção acadêmica, que mostra como vários pressupostos inicialmente vinculados a essa noção não se sustentam: a heterossexualidade (Luongo, 2000; Padilha, 2007; Mitchell, neste volume), a ideia de que envolve basicamente homens do Primeiro Mundo que viajam aos países em

grupo-alvo privilegiado da indústria do resgate, marcado, em discursos da mídia e de ONGs, internacionais e nacionais, pela vitimização (Agustín, 2005; Beleli e Olivar, n/v).

Na primeira parte do texto descrevo a etnografia realizada. Considero, depois, as diferentes modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos acionados por essas mulheres em relações com homens brasileiros, prestando particular atenção à presença de afetos, e comento como essas trocas se alteram nos processos de deslocamento que têm lugar, com parceiros estrangeiros, em cenários transnacionais. Na sequência, levo em conta relações entre esses intercâmbios e recentes modificações no contexto sócio-econômico brasileiro e no posicionamento do país no cenário global. Concluindo, retomo os argumentos iniciais, considerando como as re-configurações dessas diferentes trocas oferecem elementos para problematizar a ideia linear de “novas formas de exploração sexual”.

Etnografia

As articulações entre sexo, práticas econômicas e afeto começaram a suscitar meu interesse no início da década de 2000, quando iniciava um trabalho de campo nos circuitos turísticos de Fortaleza. Naquele momento, a cidade era considerada um dos novos centros de “turismo sexual” no Brasil e a intensificação dos encontros sexuais entre mulheres locais e homens estrangeiros suscitava intensa preocupação. Esses encontros envolviam mulheres de diferentes camadas sociais, inclusive profissionais liberais de classe média, mas quando se

desenvolvimento procurando prazeres sexuais não disponíveis em seus países (Pruitt e Lafont, 1995; Mullings, 1999; Piscitelli, 2011; Cantalice, neste volume) e sua identificação exclusivamente com a ideia de prostituição, sem levar em conta a diversidade de trocas sexuais, econômicas e afetivas envolvidas (Cohen, 2001; Oppermann, 1999; Kempadoo, 2004; Cabezas, 2009).

tratava de mulheres pobres eles eram lidos como manifestação do aumento da prostituição vinculada ao turismo internacional.

No processo de observação e realização de entrevistas deparei-me repetidas vezes com alusões à utilização do sexo para *melhorar de vida* por meio de relacionamentos, não isentos de afeto nem de prazer, entre essas mulheres e visitantes internacionais, principalmente europeus. Num entardecer, uma cearense sentada junto a mim em um bar da Praia de Iracema, local considerado como *centro* da prostituição voltada para estrangeiros, estava atenta à circulação das pessoas. Ela tinha pouco mais de 20 anos, longos cabelos escuros, cacheados, corpo miúdo e torneado e pele cor de canela, era alegre e muito espontânea.

Minha entrevistada nasceu em uma cidade pequena e pobre no interior do estado do Ceará, e lá, aos 14 anos, engravidou do namorado. Rejeitada por ele e também pela família, deixou a filha recém nascida com a mãe e foi a Fortaleza para trabalhar como babá, cuidando dos filhos de outras pessoas. Quando essas crianças cresceram, perdeu esse emprego. Procurando outro trabalho, ela descobriu que alguns dos bares noturnos, no setor turístico, ofereciam uma das escassas oportunidades para que alguém com apenas ensino fundamental obtivesse uma renda superior ao salário mínimo.

Ela começou a trabalhar na discoteca que, na época, era tida como principal lugar de encontro entre estrangeiros e mulheres nativas. Desempenhando funções de garçoneiro, foi descobrindo o encanto dos namoros com os turistas internacionais. Esses homens, disputados por mulheres de diferentes idades, classes sociais e profissões, inclusive por *garotas de programa*, eram chave para que mulheres como ela acessem aos espaços de lazer das camadas mais altas, a passeios, diversão, presentes, vestidos caros, perfumes, salões de cabeleireiro e as almejadas viagens para o exterior.

Enquanto bebia, ela prestava atenção às jovens que desfilavam, ensaiando andares sedutores, sozinhas, em pares ou pequenos grupos, lançando olhares aos turistas internacionais. Observando-as, refletiu sobre os relacionamentos entre homens estrangeiros e mulheres nativas, com a autoridade conferida por suas experiências como garçonne e também pelo conhecimento adquirido como namorada de férias de turistas de diversas nacionalidades:

As mulheres dos países deles não são dependentes, tem o dinheiro delas, carro, liberdade. Não precisam de um homem para ir a um bar. Brasileira, não, brasileira precisa. Eles gostam disso, e elas... gostam que eles tomem conta. Delas olhar algo e dizer: que bonito! E eles comprarem para elas. Eles gostam dessa dependência e elas gostam do jeito deles... Nem precisa ser bonita, nem sequer ter corpo. Pode ser de *programa*. Não tem importância...

Esse comentário é sugestivo em diversos sentidos. Introduzindo o termo *programa* que, no Brasil, remete à prostituição, ele alude à participação nesses relacionamentos de mulheres categorizadas como prostitutas e de outras que não são assim consideradas. Essa distinção destoava da percepção generalizada na cidade, que fundia “turismo sexual” e prostituição. No decorrer da pesquisa fui percebendo que a crescente presença de estrangeiros à procura de sexo e de relacionamentos afetivos nas praias de Fortaleza estava confundindo distinções entre diferentes modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos.

No Brasil, como em outros países de América Latina e o Caribe cujas histórias foram marcadas por relações coloniais e pela presença de regimes de escravidão (Kempadoo, 2004; Padilha, 2007), há uma longa história de interpenetrações entre economia e sexualidade, que foi adquirindo matizes

particulares, ancorada numa sexualização racializada da subalternidade e da pobreza. No registro dessas imbricações, os intercâmbios sexuais e econômicos aparecem ancorados em desigualdades que acionam, segundo os momentos históricos e os contextos, diversas diferenciações, articulando gênero, classe social, raça e, em certos períodos marcados pela migração internacional, também nacionalidade (Schettini, 2006; Fonseca, 1997, Rago, 1991).

No momento em que iniciei o trabalho de campo em Fortaleza⁶, essas interpenetrações se manifestavam em diversas modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos, marcadas por diferentes graus de mercantilização. Algumas dessas trocas remetiam a concepções locais de prostituição, no sentido de contratos explícitos de intercâmbio de sexo por dinheiro. Essas práticas, estigmatizadas, coexistiam com outras, que envolviam trocas de sexo por benefícios materiais, mas não eram inteiramente mercantilizadas e não eram consideradas como prostituição pelas mulheres. Estas últimas, até certo ponto, eram positivamente avaliadas, particularmente quando possibilitavam uma relativa mobilidade social.

A re-criação desses intercâmbios com os visitantes estrangeiros, permitindo que garotas de camadas mais baixas atravessassem barreiras raciais e de classe e até migrassem para países *ricos*, alterou essas práticas e as dotou de novos significados. Em termos da *sociedade local*, as trocas

6 A fase da pesquisa realizada em Fortaleza se concentrou em 18 meses, em diferentes momentos entre 2000 e 2008, embora tenha continuado visitando a cidade e re-visitando partes do meu universo de pesquisa praticamente até hoje. O campo envolveu um intenso trabalho etnográfico, combinando observações, conversas não estruturadas e realização de entrevistas em profundidade com 94 pessoas, incluindo homens e mulheres estrangeiros/as e homens e mulheres nativos/as envolvidos/as em relacionamentos transnacionais e agentes vinculados pelo seu trabalho ao turismo e à prostituição no Estado do Ceará.

mercantilizadas de maneira incompleta, quando envolviam garotas mais pobres e/ou consideradas de pele mais escura, também passaram a ser vistas como prostituição e, portanto, estigmatizadas em um procedimento que acionava classificações permeadas por gênero e vinculadas a classe social, cor e sexualidade.

Nessa percepção, as definições locais de prostituição eram ampliadas, englobando não necessariamente práticas sexuais, mas agentes sociais: na companhia de turistas estrangeiros, mulheres com peles percebidas como mais escuras ou que corporificavam uma pobreza sexualizada e racializada que estavam invadindo os espaços de lazer das camadas médias locais. As jovens que se relacionavam com esses turistas, porém, continuavam diferenciando as trocas sexuais que estabeleciam com eles. As distinções sugeridas pela minha entrevistada remetiam a essas diferenças, que eram re-configuradas no âmbito do turismo internacional. Essas distinções delinearam-se ainda com maior nitidez quando mudei de cenário.

O trabalho de campo realizado em Fortaleza se converteu na fase inicial de uma etnografia realizada em diferentes lugares com o objetivo de compreender as dinâmicas e noções envolvidas na integração de mulheres brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Na fase seguinte, acompanhei em Milão os percursos de várias garotas que conheci em Fortaleza e que casaram com italianos (Piscitelli, 2008).⁷ Mais tarde, observei a

⁷ A fase da pesquisa realizada na Itália teve lugar entre maio e julho de 2004 e prolongou-se durante várias semanas, em 2005 e 2006, em Fortaleza onde re-encontrei, passando férias, parte dos casais que entrevistei na Itália. Os dados foram obtidos através de trabalho etnográfico envolvendo entrevistas em profundidade realizadas com 25 pessoas, incluindo brasileiras que migraram a partir dos circuitos turísticos de Fortaleza, seus maridos italianos e pessoas chave vinculadas a organizações não-governamentais dedicadas ao trabalho de combate à prostituição e ao tráfico e agentes do Consulado Brasileiro em Milão.

inserção de migrantes brasileiras em espaços altamente mercantilizados da indústria do sexo na Espanha, principalmente em Barcelona (Piscitelli, 2009; 2009a).⁸ Finalmente, explorei as articulações entre mercados transnacionais do sexo e do matrimônio (Piscitelli, 2011b). Esclareço que as mulheres, cujas trajetórias contemplo neste texto, integravam o que se considera grupos populares no Brasil, mas não se tratava de pessoas afetadas pelos maiores graus de desigualdade no país, considerando renda, anos de estudo e cor, que enfrentam mais dificuldades para tornarem-se migrantes internacionais nos fluxos para a Europa.⁹

Na circulação entre diferentes cenários, fui percebendo como as distinções entre modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos se alteravam. E percebi também como várias das minhas entrevistadas transitavam entre umas e outras

8 A fase da pesquisa realizada na Espanha foi desenvolvida em diversos momentos entre finais de 2004 e inícios de 2011, em Madri, Bilbao, Granada e, principalmente, Barcelona, incluindo entrevistas com 57 pessoas, mulheres e travestis brasileiras que ofereciam serviços sexuais, clientes, proprietários de estabelecimentos voltados para a prostituição e agentes vinculados a diversas entidades de apoio a migrantes e/ou a trabalhadoras do sexo, funcionários dos Consulados do Brasil em Barcelona e Madri, na Espanha, da Associação Nacional dos Clubes de Alterne em Barcelona e da Comisaría de Extranjería de Madri.

9 Em termos de deslocamentos internacionais, tomo como referência basicamente as trajetórias de 38 mulheres, originárias de diversas regiões do país. Elas estavam na faixa de 20 a 50 anos e tinham majoritariamente estudos secundários incompletos, embora algumas só tenham feito a escola primária e apenas uma iniciado estudos superiores. No Brasil, elas desempenhavam diversas ocupações que não rendiam salários elevados: manicures, cabeleireiras, garçonetes, cozinheiras, professoras da rede pública de ensino, balconistas de comércio, arrumadeiras de hotéis e trabalhadoras sexuais. Apenas quatro mulheres se consideram negras ou mulatas. As restantes se pensam, em termos dos critérios raciais imperantes no Brasil, como brancas ou morenas claras, embora todas se sentissem afetadas pelos critérios de racialização imperantes na Europa.

modalidades de trocas. No universo contemplado na pesquisa, esses intercâmbios e as distinções entre eles tendiam a ser delineados a partir das diferenças associadas a duas noções nativas, *programas* e *ajuda*.

Programas

No Brasil, a expressão *programa* é um termo genérico que alude à prostituição, no sentido de acertos explícitos de intercâmbios de serviços sexuais por dinheiro, envolvendo práticas e períodos de tempo delimitados, que podem ter diferentes valores, dependendo da modalidade e do estilo da prostituição e do local no qual os encontros têm lugar. Nos estudos sobre prostituição feminina no Brasil, considera-se que, no passado recente, esse termo designou prostitutas e também, em sentido amplo, mulheres de conduta sexual estigmatizada (Gaspar, 1985). No âmbito das modificações em curso relativas às práticas sexuais femininas e sobre as quais Gregori (2010) oferece excelentes exemplos, a prostituição, designada como *programa*, porém, tende a ser restringida aos intercâmbios acima mencionados.

No Brasil, alguns autores situam a prostituição no leque de práticas sexuais que, objeto de intensa repressão no passado, estão sendo relativamente normalizadas (Fonseca, 2004; Duarte, 2004). Nesse ponto, vale a pena considerar uma série de significativos movimentos. Pelo Código Penal (capítulo 5, artigos 227 a 231), a prostituição que envolve pessoas maiores de 18 anos não é considerada crime. Somente sua exploração ou lenocínio é criminalizada. A atividade de *profissional do sexo* foi integrada na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do

Trabalho e Emprego¹⁰ em 2002. Paralelamente, organizações de prostitutas vêm ocupando considerável espaço na mídia, adquirindo visibilidade. Ao mesmo tempo, no mercado editorial foram lançados novos livros escritos por prostitutas (Leite, 1992; 2009; Brasil, 2003; Surfistinha, 2005), alguns dos quais com seções “didáticas”, destinadas a mulheres que não são prostitutas, transmitindo a elas um saber sobre práticas que, vinculadas décadas atrás à prostituição, aparecem hoje destinadas ao repertório sexual das “mulheres comuns” (Gregori, 2010). Mas isso não significa que a prostituição tenha deixado de ser considerada uma prática estigmatizada.

No Brasil, há uma diversidade de modalidades de prostituição feminina. Os *programas* são realizados em diferentes espaços: apartamentos, bordéis, casas de massagem. Eles têm lugar no âmbito de diferentes graus de organização, com ou sem intermediários e adquirem conotações particulares em diferentes contextos e segundo as modalidades envolvidas (Pasini, 2000; 2005; Olivar, 2010; Souza, 1998; Simões, 2010).

Em Fortaleza, no marco da prostituição voltada para consumidores brasileiros, as práticas das trabalhadoras sexuais frequentemente remetem à ideia de divisão de *selvas* públicos e privados, identificada com o paradigma moderno da prostituição (Bernstein, 2007). Isso envolve, sobretudo, a delimitação de áreas do corpo e práticas utilizadas no sexo comercial, a utilização de *nomes de batalha* e de espaços diferentes dos que usam na vida privada.

No momento em que foi realizada a etnografia, essas delimitações eram claramente perceptíveis entre as prostitutas que realizavam *programas* de preços mais baixos, cujos serviços

10 <http://www.mtecbo.gov.br/busca/condicoes.asp?codigo=5198> -
consultado em 12 de agosto de 2006.

eram contratados no Passeio Público, na bela praça com bancos de ferro sob as árvores e varandas olhando para o mar, no centro de Fortaleza. Elas também eram visíveis nas poucas casas de prostituição que ainda existiam no centro da cidade (Souza, 1999) e na velha zona do Farol no porto do Mucuripe. Aqui, nas casas, com pequenos bares, garotas vestidas com *shorts* e *tops* bebiam com os clientes, sentadas em cadeiras plásticas e amareladas, ao som da música de algum *jukebox*, antes de partir para a realização de *programas* nos quartos destinados a esse fim, localizados no fundo do bar. A separação entre espaços também era perceptível em locais voltados para a prostituição com valores mais elevados, como a conhecida casa de *strip-tease* que naquela época estava ainda na Beira-Mar, onde as garotas que se exibiam nos shows acertavam *programas* que eram realizados em motéis da cidade.

Estudos sobre prostituição em diferentes partes do país mostram que essas modalidades de trocas sexuais e econômicas, às vezes, envolvem afeto e prazer, um entrelaçamento que pode, inclusive, promover deslocamentos nas relações entre pessoas que, no início dos encontros, eram prostitutas e clientes (Olivar, 2010; França, 2011). Isso também acontece em Fortaleza. Laila, 36 anos, casada e mãe de duas filhas, que fazia *programas* com clientes brasileiros para complementar a renda do marido, mecânico de uma empresa, narrou uma das duas oportunidades em que se *apaixonou* por clientes:

Eu perdi a cabeça por esse homem. Ele era muito legal. A primeira vez que ele [se aproximou]... foi porque sabia que eu era de programa... Começamos a conversar e ele a falar que queria me tirar daquela vida, que tinha gostado muito de mim. [E eu disse] menino, deixa de ser besta. Todos dizem isso. Mas, aí, a primeira vez que a gente saiu, eu gostei e ele disse que me amava. A primeira vez

Amor, apego e interesse

que a gente transou, quando ele tirou o dinheiro da carteira, eu achei que ele tava me humilhando... foi uma ofensa. Eu já estava apaixonada e não queria mais [fazer programa] com ele, não. Aí, a gente se gostou acho que foi uns 2 anos.¹¹

Contudo, uma das ideias vigentes no âmbito da prostituição é que o profissionalismo envolve separar trabalho de amor e prazer, no relacionamento com os clientes (Pasini, 2000).

Ajuda

Ajuda é uma noção amplamente difundida no Brasil e também entre migrantes brasileiros/as no exterior (Fonseca, prelo; Assis; Maia; neste volume). Entre pessoas de camadas baixas e médias baixas, essa noção tende a remeter a contribuições econômicas que, embora consideradas relevantes, não constituem a principal fonte de recursos para a subsistência (Gregg, 2006). No marco de relacionamentos sexuais e afetivos, a *ajuda* é frequentemente trocada por sexo, muitas vezes vinculada a afeto. E se o *programa* evoca um contrato de serviços, a *ajuda*, inserida em uma tradição de intercâmbios hierárquicos, remete a noções de amparo, cuidado e afeto, que se expressam em termos de contribuição para a sobrevivência econômica e para o consumo.

Nesse sentido, essa noção remete às noções de sexo transacional (*transactional sex*) e, sobretudo, tático (*tactical sex*). A noção de sexo transacional tem sido utilizada por Mark Hunter (2010, 2002) em análises de intercâmbios sexuais e econômicos que têm lugar na África do Sul. O autor utiliza essa noção considerando o lugar central que os presentes ocupam no cotidiano das relações sexuais entre homens e mulheres em

11 Entrevista realizada em Fortaleza, janeiro de 2000.

diversas partes daquele país. Nessa leitura, o sexo transacional apresenta algumas semelhanças com a prostituição, uma vez que as duas modalidades de intercâmbio envolvem relacionamentos sexuais não maritais, às vezes com múltiplos parceiros, ancorados na oferta de presentes ou dinheiro. Contudo, o sexo transacional apresenta significativas diferenças em relação à prostituição. Nele, os participantes são considerados namorados/as e não prostitutas e clientes e o intercâmbio de presentes por sexo é parte de um conjunto mais amplo de obrigações. Nesse universo, o sexo transacional assume diferentes formas vinculadas às posições estruturais, mais ou menos vulneráveis, das mulheres. Algumas dessas trocas estão voltadas para a subsistência, quando os presentes envolvem alimentos ou um local onde morar, outras para o consumo, quando elas se materializam em celulares ou roupas da moda. Uma e outras modalidades, porém, estão permeadas por afetos, em estilos de sentimentos que podem remeter ao “amor do provedor”, vinculado tradicionalmente ao casamento, ao “amor romântico”, no sentido de um individualismo afetivo, ou a combinações entre ambos (Hunter, 2010).

Kamala Kempadoo (2004), em pesquisas realizadas no Caribe, trabalha com uma noção de sexo transacional próxima à utilizada por Mark Hunter. Ela também chama a atenção para a coexistência de diferentes modalidades desse tipo de troca, na qual garotas e garotos procuram benefícios econômicos, e essa procura não se limita às classes trabalhadoras, mas envolve também mulheres de classe média, inclusive profissionais liberais. A análise de Kempadoo apresenta, porém, algumas particularidades. Para além de não restringir o sexo transacional às classes trabalhadoras, a autora aproxima todas essas modalidades de intercâmbios ao trabalho sexual. Ela considera que embora essas transações não tenham lugar em espaços voltados para a prostituição e não envolvam negociações diretas de sexo por dinheiro, o que as caracteriza

são os intercâmbios sexuais e econômicos e, por esse motivo, se aproximam do trabalho sexual.

A conceitualização de sexo tático elaborada por Amalia Cabezas (2009) retém diversos aspectos da noção de sexo transacional. Na sua análise das economias afetivas do turismo heterossexual em Cuba e na República Dominicana, a autora conceitualiza o sexo tático como a utilização do sexo para aliviar as penúrias econômicas, sem eliminar o prazer, o companheirismo e a amizade. Porém, ela distancia esses intercâmbios sexuais e econômicos do trabalho sexual. Segundo Cabezas, o sexo tático remete a uma atividade flexível, contingente e temporária. Considerando o caráter desse estilo de troca, a autora questiona sua identificação com a noção de trabalho sexual. Na sua leitura, essas novas formas de práticas não se encaixam nas categorias existentes de trabalho sexual comercial, como a prostituição, nem produzem subjetividades que remetam ao exercício dessa atividade.

Os três autores que desenvolvem as noções de sexo transacional e tático realizam essas formulações tomando como referência intercâmbios que têm lugar em regiões pobres do mundo. Trocas análogas, no passado, porém, têm sido registradas, em países “ricos”. Nesse ponto, vale registrar as análises sobre os intercâmbios estabelecidos por jovens da classe trabalhadora nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX, comentadas por Viviana Zelizer (2009). De acordo com esses estudos, uma modalidade de intercâmbio sexual e econômico, o *treating*, possibilitava que as jovens desses setores sociais aceitassem diversões, saídas, roupas, viagens de férias, trocando-os por favores sexuais. Esses intercâmbios eram diferenciados dos relacionamentos sexuais mais restritos da classe média, mas também das negociações sexualmente explícitas da prostituição. Zelizer (2009) cita autoras que analisaram essa modalidade de intercâmbios, segundo as quais,

diferentemente das prostitutas, essas garotas e seus companheiros estabeleciam certa economia da dádiva.

Esse conjunto de reflexões oferece elementos para refletir sobre os intercâmbios considerados como *ajuda* no Brasil, pois embora eles possam ser situados, em termos analíticos, no âmbito do sexo mercantilizado, o fato de serem diferenciados da prostituição nas conceitualizações nativas é relevante. A importância reside não apenas em que essa distinção remete a diferentes graus de mercantilização entre intercâmbios sexuais e econômicos, mas também em que ela alude a distinções nas socialidades envolvidas que, às vezes, evocam traços de reciprocidade.

Há diferentes modalidades de *ajuda*, que tendem a envolver homens e mulheres em posições desiguais, em termos de classe ou pelo menos de acesso a recursos econômicos e muitas vezes também em termos de idade e “cor”. Uma dessas formas tradicionais é a relação entre uma mulher jovem e um homem mais velho e rico, que fornece dinheiro e outros tipos de bens. O *velho que ajuda* é um meio reconhecido de mobilidade social para diversas classes sociais e foi descrita por Cláudia Fonseca (1996) como ideal de ascensão social para garotas de camadas populares em Porto Alegre, prostitutas ou não. Essa figura, na forma do *coroa* branco, está também presente na análise realizada por Donna Goldstein (2003) sobre as fantasias racializadas de ascensão social de garotas negras, à maneira de “cinderelas negras”, numa favela do Rio de Janeiro.

Na fase da pesquisa realizada em Fortaleza, a existência do *velho que ajuda* foi recorrentemente destacada como prática local. Na alta temporada de 2002, um entrevistado de 57 anos, mostrando-me a turma de amigos cearenses, aposentados como ele, de camadas médias, com os quais se reunia cotidianamente na Beira-Mar para caminhar, comentou sobre as *meninas*, as jovens pobres que recebiam *ajuda* desses homens:

Nesta terra a idade não conta para os homens. Olha a minha turma, o mais novo está com 50 anos, o mais velho com 79. Todos são casados e têm também meninas, de 20, 22 anos. São bons com elas, cuidam delas, dão dinheiro.¹²

Outra variante da *ajuda* é o amante estável das mulheres de camadas baixas, homens casados não necessariamente de camadas mais elevadas, mas com maiores recursos econômicos que elas, que não chegam a sustentar a casa da amante, mas contribuem para aliviar a pobreza. Essa figura, analisada por Heloísa Paim (1998) em Porto Alegre, também está difundida em Fortaleza.

A *ajuda* possibilita algum *futuro*. Esta última palavra não remete necessariamente a poupança ou planejamento, mas adquire o sentido de possibilitar uma vida mais confortável, a longo prazo, em termos econômicos. O valor monetário dos presentes e as quantias de dinheiro que as mulheres recebem variam de acordo com a classe social e os recursos materiais do homem, assim como de sua generosidade e do grau de envolvimento no relacionamento. As modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos englobadas nessa categoria não são estigmatizadas, à maneira como o é a prostituição.¹³ E o maior grau de respeitabilidade é atingido quando a *ajuda* redunde em um relacionamento estável e duradouro. Em troca da *ajuda*, as mulheres oferecem sexo, companhia e, às vezes, cuidados domésticos, providenciando roupa limpa e comidas, atenção e remédios em situações de doença. Esses intercâmbios estão permeados por diversos estilos de afeto.

12 Diário de campo, Fortaleza, agosto de 2002.

13 Esse é um aspecto, aliás, que parece atualizar distinções presentes nas primeiras décadas do século XX em outras partes do país. Refiro-me aos arquivos judiciais de Porto Alegre pesquisados por Cláudia Fonseca (2007), nos quais se traçam nítidas distinções entre a respeitabilidade de uma mulher que vive sob a proteção de uma única pessoa e aquela que tem se prostituído.

A presença do que diversos autores consideram expressões de “amor romântico” é perceptível no universo simbólico das minhas entrevistadas, desafiando as fronteiras traçadas por alguns pesquisadores, que afastam esse estilo de sentimento dos universos brasileiros de setores populares (Gregg, 2006). Noções vinculadas a esse amor, como espontaneidade, intensidade, “paixão”, no sentido de sentimento não escolhido racionalmente, incontrolável, que aparece no encontro com a pessoa dos sonhos, (Illouz, 2007; hooks, 2000), são expressadas por minhas entrevistadas em termos como: *perder a cabeça, estar apaixonada/o, amar*.¹⁴

Esse sentimento pode estar presente no âmbito da *ajuda*. No entanto, nesse universo, o afeto vinculado a essa modalidade de troca, frequentemente se expressa em outros termos, particularmente *respeito* e *consideração*. Nos termos de uma entrevistada de Fortaleza, uma cabeleireira de 28 anos:

Sempre procurei ter casos com pessoas de condições. Que me dessem apoio... um homem de posição que pudesse me dar sustento... Meu negócio com ele não é amor. Ele é uma pessoa agradável, eu tenho respeito por ele, por ele ter me ajudado muito, admiração. Mas não sou apaixonada por ele.¹⁵

É importante destacar que esse sentimento, presente nesses intercâmbios sexuais e econômicos estabelecidos fora do casamento, é considerado como parte integral da constituição das famílias de classes baixas, em estudos realizados em diversas partes do Brasil. De acordo com autores que

14 Refiro-me a uma conjunção de ideias que, com resíduos do amor paixão, difundiram e, até certo ponto, banalizaram noções vinculadas a esse estilo de afeto, na articulação entre amor, sexualidade e casamento (Luhmann, 1985; Rougemont, 2003).

15 Entrevista realizada em Fortaleza, janeiro de 2001.

analisaram esses contextos, entre mulheres desses setores sociais, o termo *respeito* alude às obrigações sociais que sustentam a vida familiar e ele pode ser privilegiado em relação ao *prazer* (Duarte, 1987). Em algumas leituras, nesses setores sociais, a interpenetração entre sentimentos e práticas econômicas frequentemente se expressa em um *afeto/consideração*, que envolve diversas transações econômicas consideradas como dádivas, provisão de alimentos, dinheiro, roupas, acesso a créditos e oportunidades de emprego (Rebhun, 2006; Paim, 1998). Algumas autoras chegam a afirmar que nessas camadas sociais há uma frequente assimetria entre *afeto* e *desejo* que não é percebida como um problema, contrapondo-se ao ideário de relacionamento da mulher de classe média, que busca se realizar, tanto *afetiva* como *eroticamente*, em seus relacionamentos (Pereira, 2010).

Embora chame a atenção para a frequente presença do *afeto/consideração*, permeado por obrigações, entre minhas entrevistadas, não pretendo re-afirmar a linha divisória que separa os estilos de *afeto* e de *sexualidade* vinculados aos grupos populares daqueles relacionados com as camadas médias brasileiras. Nesse sentido, vale observar que nas trajetórias dessas mulheres, *programas* e *ajuda*, assim como *amor/apaixonado* e *respeito/consideração* não são necessariamente categorias excludentes, nem estáticas.

Nas últimas décadas, diversos estudos têm contestado as rígidas separações e oposições entre dádivas e economias de mercado e o caráter fixo e estático concedido às mercadorias (Godbout, 1999; Appadurai, 1986). Tentando superar essas oposições, leituras como as de Appadurai alargam a noção de mercadoria, considerando que muitos tipos diferentes de coisas, também o sexo, têm o potencial de tornarem-se mercadorias em momentos e situações específicos, inclusive no âmbito de diferentes modalidades de intercâmbios que variam na forma e na intensidade da socialidade a elas associada. A coexistência e

os trânsitos entre *ajuda* e *programas* presentes nesse universo contribuem para dialogar com esse conjunto de leituras, problematizando essas oposições no âmbito de trocas sexuais e econômicas que abarcam tanto a prostituição como modalidades de sexo transacional e tático.

Em termos das modalidades de intercâmbios, várias dessas mulheres jamais fizeram *programa*, mas receberam *ajuda* de um ou mais homens. As que consideram que trabalham como prostitutas têm estabelecido, com certa frequência, relacionamentos baseados em umas e outras modalidades de trocas. Um relacionamento iniciado como *programa* pode, com o tempo, se tornar uma relação de *ajuda*. E uma relação de *ajuda*, iniciada dentro ou fora do âmbito da prostituição, pode tornar-se duradoura e até redundar em casamento, embora, nesse universo, seja pouco usual quando os parceiros são brasileiros de uma classe social superior.

No que se refere aos sentimentos, relacionamentos que tiveram início no *respeito* podem conduzir ao *amor*. Nesse ponto, as considerações de Hunter (2010) relativas aos lugares do nascimento do amor – que pode surgir “do coração”, mas também pode ser promovido pelo dinheiro –, têm ecos no universo de minhas entrevistadas. O deslocamento entre *respeito* e *amor* torna-se mais compreensível considerando que a *ajuda*, que não se restringe ao intercâmbio de sexo por benefícios econômicos, é percebida como criando obrigações e oferecendo certo amparo para a mulher e, com frequência, também para os seus filhos e outros integrantes de sua família. E, quando é duradoura, e as pessoas se *apegam*, torna-se um “lugar” de produção de laços afetivos com diversas intensidades.

Re-configurações em cenários turísticos

Nos cenários nos quais transitam minhas entrevistadas, a transnacionalização dos mercados do sexo se torna visível na circulação através das fronteiras de visitantes estrangeiros em busca de sexo e também de afeto no Brasil, nas viagens por elas realizadas ao exterior e nas relações que esses encontros alimentam. Esse processo tem alterado as práticas e os sentidos vinculados aos intercâmbios sexuais e econômicos.

Considerando as características da nova ordem global, Appadurai (1996) chama a atenção para a particular dificuldade que esta apresenta em termos de reprodução cultural. Num âmbito no qual os pontos de partida e de chegada estão “em fluxo”, a procura de referências estáveis se vê frustrada. De acordo com o autor, a fluidez da comunicação transnacional dificulta as certezas e a cultura se torna menos o que Pierre Bourdieu chamaria de *habitus* (um âmbito de práticas e disposições que se reproduzem tacitamente) e mais uma arena de escolhas e justificativas conscientes. No entanto, os encontros sexuais e afetivos aqui considerados combinam esses diferentes aspectos. Em diversos contextos marcados por desigualdades, esses encontros operam como pontos de encontro entre padrões tradicionais, que remetem à ideia de *habitus*, mas re-configurados dão lugar a novas práticas.

Os homens que se relacionam com essas brasileiras estão marcados pela heterogeneidade, em termos de nacionalidade, idade, escolaridade, origem (urbano, rural/urbano ou meramente rural) e renda. Essas mulheres tampouco constituem um universo inteiramente homogêneo. No entanto, sem intenção de generalizar, é possível perceber como esses encontros aproximam pessoas com leituras e expectativas diferenciadas em relação a códigos de interação, corporalidade, afeto e também em termos das trocas sexuais e econômicas.

Esse ponto é relevante, considerando as leituras que alocam diferentes paradigmas da prostituição ao “Ocidente”, entendido basicamente como parte da Europa e dos Estados Unidos, e ao “Terceiro Mundo” (Bernstein, 2007). De acordo com elas, as formas pré-modernas de comércio sexual presentes até o século XIX na Europa, intercâmbios ocasionais de sexo nos quais as mulheres ofereciam favores sexuais em tempos de penúria, nos lares e comunidades dos participantes, ainda existiriam em partes pobres do mundo. O paradigma moderno da prostituição, surgido no contexto do moderno capitalismo industrial, envolvendo a utilização de espaços diferenciados, segregados, no qual as prostitutas desenvolvem relações instrumentais com os seus corpos, dividindo-os em regiões públicas e privadas, e transformam sua aparência para a exibição pública, ainda estaria vigente na Europa, basicamente no trabalho sexual das migrantes do Terceiro Mundo.

Um novo paradigma da prostituição, em cidades pós-industriais do norte da Europa e dos Estados Unidos, porém, teria modificado a prostituição moderna em termos espaciais, conduzindo as prostitutas a trabalharem em espaços fechados; em termos sociais, fazendo com que se deslocassem das interações na rua a encontros com clientes mediados pela tecnologia (celulares e internet); e no plano emocional, pois esse movimento coincidiria com uma alteração na natureza do trabalho sexual, que se voltou para a oferta de serviços marcados por formas mais profundas de conexão erótica.

Bernstein (id.ib.) não supõe que a emergência de um paradigma signifique que os modelos “mais antigos” tenham desaparecido, já que eles se superporiam. Esse tipo de análise, contudo, apresenta problemas pelo grau de generalização presente na elaboração desses paradigmas e pela distribuição evolucionista de temporalidades entre “Primeiro” e “Terceiro”

mundos.¹⁶ No entanto, a observação da co-existência ou superposição de diferentes modalidades de prostituição, que envolvem dinâmicas interpessoais e estilos diferenciados de vinculação entre erotismo e emoções, é sugestiva.

Nos circuitos de turismo internacional de Fortaleza, num mesmo momento e lugar, os aspectos vinculados a uns e outros paradigmas aparecem embaralhados, misturando-se ainda com modalidades de sexo tático. Lendo a corporalidade das garotas e as interações que com elas estabeleciam a partir de seus próprios *referenciais* sexuais e afetivos e considerando as diferenças com os estilos de prostituição que conheciam em seus locais de origem, esses estrangeiros se confundiam. Nos termos de um estadunidense:

É uma questão difícil. Às vezes você distingue as prostitutas porque estão em bares determinados, em certos setores da praia. As garotas comuns, elas têm vidas, trabalham, estudam. Mas o melhor é perguntar. Eu pergunto, isto é um programa?¹⁷

Nesse âmbito, a realização de *programas* adquiria novas conotações. Algumas trabalhadoras sexuais “profissionalizadas” não alteraram suas práticas. Mas, na fluidez que marcava os circuitos percorridos pelos turistas à procura de sexo na cidade, adequando-se às expectativas dos visitantes estrangeiros, algumas jovens que faziam *programas* procuravam distanciar-se dos estereótipos espaciais e corporais atribuídos à prostituição e optavam por não estabelecer limites

16 Agradeço os comentários sobre este ponto dos participantes do Seminário “Trânsitos Contemporâneos: turismo, migrações, gênero, afetos e dinheiro”, realizado na Unicamp, em dezembro de 2010. Sobre o perigo das hipóteses evolucionistas que vêem na trajetória brasileira uma fase atrasada da história europeia, ver Fonseca, 2007.

17 Entrevista realizada em Fortaleza, agosto de 2002.

de tempo nem estipular o valor do intercâmbio, considerando que, dessa maneira, podiam obter mais dinheiro dos estrangeiros. Nos termos de uma delas:

Nessas coisas tem que jogar, você tem que ficar como moça direita, difícil... De tudo que ele já mandou, é mais ou menos uns dez mil. Mas porque fui muito esperta. Quase toda vez que ele ligava, eu pedia dinheiro. Duzentos, trezentos. Dólar, mil reais. Ah, eu estou doente. Ah, eu quebrei a perna. Deu um problema no meu seio, tem que tirar. Quase acabei todas as doenças... Nunca cobreí, assim, um programa... Ele me acha a mulher mais direita do mundo.¹⁸

Nesse cenário, os limites espaciais, corporais e a utilização do *nome de batalha* presentes nas versões tradicionais dos *programas* se diluíam. As distinções entre os espaços voltados para os *programas* e para a vida privada se apagavam, quando as garotas levavam os visitantes para suas casas e de suas famílias, assim como, às vezes, a restrição aos sentimentos. De acordo com uma jovem que se considerava *garota de programa*:

Esse russo é a paixão da minha vida, coroa, mas nunca gostei de garotos, louro, de olhos claros. Viaja muito, uma vez por mês, por questões de trabalho, e passa dois ou três dias em Fortaleza. No hotel [no qual ficaram], todo mundo me conhece. Ele diz que é a nossa casa. Fico arrasada quando ele vai embora, e ele se preocupa com isso, diz para eu não ficar assim... Só fico com outros quando passa a saudade.¹⁹

18 Entrevista realizada em Fortaleza, fevereiro de 2002.

19 Entrevista realizada em Fortaleza, janeiro de 2001.

Nesses circuitos turísticos, essas diluições obscureciam as fronteiras entre modalidades de trocas, entre os *programas* e as modalidades de sexo tático estabelecidas por jovens empregadas em diferentes setores de atividade, que substituíam a figura local do *velho que ajuda* por turistas estrangeiros, às vezes mais jovens, percebidos como mais atraentes que os potenciais fornecedores de *ajuda* locais e oferecendo mais *cuidados*, que se expressavam em um alargamento do apoio econômico. No relato da garçonete, que inicia este texto, sobre um dos estrangeiros que a *ajudava*:

Ele cuida de mim. O celular molhou, tinha que consertar, pagar mais de R\$ 300, e um celular novo custa R\$ 600,00. Aí eu disse, “é melhor comprar um novo”, e ele disse, “eu compro”. Ele alugou um carro, para me levar para casa quando acabava de trabalhar. Quando ele foi viajar, tirou R\$ 1000, deu um dinheiro para algumas pessoas e deixou R\$ 600 para me segurar durante a chuva [no período de chuva há menos movimento no bar e, portanto, ela ganhava menos].²⁰

Os benefícios vinculados a esses estrangeiros, porém, não se reduzem ao dinheiro. Nos encontros com eles, os intercâmbios passaram a envolver simultaneamente cuidados, prazer sexual, possibilidades de viagens ao exterior e, em alguns casos, casamento que, nos relatos dessas entrevistadas, se materializava com infinita mais frequência com eles do que com os homens locais de camadas superiores com os quais elas se relacionavam. Nos relatos sobre os encontros sexuais nesses cenários transnacionais, as noções vinculadas ao amor romântico, como “amor a primeira vista” aparecem com mais

20 Entrevista realizada em Fortaleza, dezembro, 2000.

frequência. Na narrativa de uma das entrevistadas sobre o relacionamento com um turista holandês:

Porque quando eu vi ele, eu [pensei] “Esse homem aí eu comia todinho!”. Ele assim, um bichão grandão... só veste roupa branca, blusa branca!... Aí, cada dia que passava eu ficava mais apaixonada, sabe? Eu não via ninguém na minha vida, só ele! Eu deixei tudo pra trás [por ele]... Naquele dia ele me esperou até [que saísse de trabalhar] de manhã. Aí ele me levou pra casa e me disse que me amava. Aí eu fiz de conta que nem ouvi. Aí ele “Você escutou o que eu disse?”. Eu disse “Não!”, ele “Eu te amo!”... Ele falou “Você quer vir para a minha casa [na Europa]?” Eu falei “Quero!”, “Pois tire o seu passaporte. Vou mandar dinheiro pra você tirar seu passaporte... No dia que eu cheguei, viajei onze horas, passei uma hora na alfândega, e quando saí, ele estava lá com uns girassóis do meu tamanho!”²¹

Essas histórias permitem perceber que certas cenas, vinculadas a esses sentimentos, são consideradas como particularmente românticas.

[Era tarde] Eu, pensando “Valha meu Deus, vamos jantar aonde?” Mas a gente tinha comprado umas cervejas, né?! Danone, frutas, ficamos na casa dele, ouvindo meu radiozinho! Foi muito romântico!”²²

A atração que os estrangeiros exerciam sobre essas mulheres não pode ser separada da fascinação provocada pelo contato com as diferenças idealizadas atribuídas aos mundos “ricos” entranhadas nas tradições sociais dessas mulheres. Essa

21 Entrevista realizada em Fortaleza, fevereiro de 2002.

22 Entrevista realizada em Fortaleza, fevereiro de 2002.

atração se expressava na estetização desses países e também de seus habitantes, racializados como brancos, e na valorização dos seus estilos de masculinidade, com forte peso para o *cuidado* a eles atribuído. Essa ideia de *cuidado*, aliás, era precisamente a chave que operava na substituição do *velho que ajuda* local pelos estrangeiros. Nessa alteração, as trocas sexuais e econômicas davam lugar a sentimentos de *respeito* e, quando envolviam turistas internacionais considerados atraentes, também de *amor*.

Alterações em contextos migratórios

No trânsito entre espaços dos mercados do sexo no Brasil e setores altamente organizados do sexo comercial na Espanha, a noção de *programa* também era re-configurada, mas num sentido diferente, passando a evocar um contrato de serviços de maneira ainda mais contundente do que nas versões tradicionais existentes no Brasil. Isso era particularmente evidente nos *clubs* que concentravam um elevado número de trabalhadoras sexuais, nos quais as migrantes brasileiras disputavam clientes com mulheres de diversas nacionalidades, seguiam normas em relação aos horários, ao tempo a ocupar uma *plaza/vaga*, aos minutos a serem utilizados na realização dos *programas*, ao leque de práticas sexuais, ao valor atribuído a cada uma delas. E era também perceptível nos sofisticados *pisos/apartamentos* voltados para a prostituição de grandes centros urbanos, como Barcelona, nos quais o número de trabalhadoras sexuais era inferior, mas também estava presente a diversidade étnica e nacional e operavam normas análogas em relação ao trabalho.

Verônica, uma paulistana de 28 anos, miúda, sem nenhuma maquiagem, traços harmônicos, pele impecável e clara, olhos negros, cabelos cacheados, escuros e bem cortados, na altura do ombro, vestida no estilo discreto imperante em Barcelona, com calça, botas de salto baixo e casaco pretos e

grande bolsa de couro, aludiu a essas normas ao relatar sua experiência de trabalho num dos *pisos* tidos como mais elegantes de Barcelona.

Esse piso era “muy pijo” [chique]. Tinha quartos temáticos, Japão, Grécia, com duas estátuas de Afrodita de tamanho natural. Me aceitaram, mas não fui bem, tive só dois clientes numa semana. Porque precisa fazer qualquer prática. Eu, por exemplo, não faço o “completo”, porque não engulo o esperma. Faço um pouco de sado, mas não faço práticas de risco. Aí, a “mami” [administradora do apartamento que apresenta as mulheres aos clientes] já diz para o cliente e as outras garotas acabam trabalhando mais.²³

A diferença no estilo de trabalho, comparativamente com o Brasil, porém, não era necessariamente percebida como negativa. De acordo com uma jovem *morena* de 22 anos, que migrou a partir dos circuitos de “turismo sexual” de Natal, outra cidade do Nordeste brasileiro, para trabalhar num *club* em Bilbao:

No Brasil você está toda a noite para um homem e aqui é 20 minutos... Não cansa mais, não, porque tipo, você está com uma pessoa que você não gosta, um velho barrigudo, passar a noite com esse homem? Vai ser um terror... e vários homens não, você vê um mais bonito, um mais simpático, um mais bruto, vai mudando...²⁴

Nesse estilo de *programas*, regrados, assim como nas modalidades mais informais realizadas por outras brasileiras, *por conta própria*, na prostituição de rua em Barcelona, a

23 Entrevista realizada em Barcelona, fevereiro de 2008.

24 Entrevista realizada em Bilbao, novembro de 2004.

corporificação de um estilo de relacionamento *carinhoso* é tido como relevante. A partir dele, essas mulheres tentam afirmar e valorizar sua especificidade nacional na disputa por clientes nesse mercado. Esse aspecto é destacado por clientes de setores médios da prostituição que, englobando as brasileiras na categoria mais ampla de latino-americanas, apreciam esse estilo “carinhoso” que identificam como regional. A partir dele, várias dessas mulheres converteram seus clientes ou outros frequentadores dos espaços nos quais prestavam serviços sexuais em homens que as *ajudavam*. E algumas casaram no âmbito desse processo.

A *ajuda* também pode ser fornecida por um homem encontrado fora do âmbito da prostituição. E a internet, que viabiliza contatos com clientes em páginas *web* específicas, também permite obter *ajuda* em *sites* de relacionamentos amorosos.

Em fevereiro de 2011, realizei repetidas visitas a um apartamento de uma travesti brasileira, em Barcelona, no qual se oferecem serviços sexuais. Nesse local, encontrei duas mulheres brasileiras que haviam ingressado recentemente na prostituição, após terem perdido seus empregos, como garçone e como babá, em função da crise econômica na Espanha. Enquanto aguardavam clientes e eram instruídas pela travesti sobre como realizar performances de prostitutas e uma dessas mulheres, que também era manicure, fazia minhas unhas, explicavam-me as possibilidades da internet.

Quando ainda trabalhava como babá, a manicure conheceu um italiano através de um *site* de relacionamento. Ela contava suas penúrias, falava sobre o aperto econômico que estava passando, sobre a necessidade de enviar dinheiro para a filhinha que ficou aos cuidados da avó no Brasil. E ele quase em seguida começou a lhe enviar dinheiro. A primeira vez foram 200 euros. Uma semana depois, outros 100 euros. Só depois de várias remessas ele foi encontrá-la na Espanha. E então

mantiveram relações sexuais, apesar da decepção que ela sentiu quando, ao encontrá-lo, percebeu que ele tinha quase 20 anos mais do que afirmou ter no *site*. Na leitura de minha entrevistada, aquilo não era um *programa*, era apenas *ajuda*.

Nos contextos migratórios, a *ajuda* adquire conotações diferentes das que apresenta no Brasil. Em uns e outros lugares, ela envolve benefícios econômicos. No exterior, no entanto, ela também remete à obtenção de diversos recursos necessários para a inserção nesses contextos e para facilitar as interações com as redes de parentesco no Brasil e em outros países europeus. Vale observar que, no período anterior à crise, algumas das minhas entrevistadas que ofereciam serviços sexuais tinham ingressos que oscilavam entre 4000 e 5000 euros mensais, consideravelmente superiores aos dos homens europeus que as *ajudavam*. Eles, porém, tinham a possibilidade de viabilizar contratos de aluguéis inatingíveis para alguém *sem papéis*, de contribuir na obtenção de trabalho em outros setores de atividade para aquelas que desejavam deixar a prostituição, de transportar, de carro, irmãs em situação migratória irregular que estavam em algum outro país do espaço Shengen, evitando o risco de deportação ao mostrar os passaportes com visto *vencido*. A *ajuda* também envolvia casamentos que possibilitam a regularização do *status* migratório. Nos termos de uma brasileira que, até hoje, oferece serviços sexuais na rua em Barcelona:

Nessa época eu trabalhava, morava num hotel caro... quase 400 euros [por mês]. Quando eu conheci esse homem eu fui um dia na casa dele e eu pensei: É aqui que eu quero morar [risos] para dividir despesa e tudo. E aí ele se enamorou, e me chamou para ir morar com ele... Um ano depois casamos. Como a gente vivia bem ele

falou: "Não, para te ajudar, casamos e você arruma os papéis". E aí casamos.²⁵

A categoria *ajuda* também remete à contribuição econômica que os parceiros oferecem para sustentar as famílias dessas mulheres no Brasil. Nos termos de uma brasileira que reside em Milão, onde casou com um italiano que conheceu nos circuitos turísticos de Fortaleza: "O meu marido prometeu que enviaria dinheiro para minha filha no Brasil, todos os meses, e não falha nunca. Cada dia 15 envia 200 euros".²⁶

Nesses contextos migratórios, as entrevistadas não reiteram a mesma fascinação por europeus de qualquer nacionalidade que encontrei nos circuitos turísticos de Fortaleza. As percepções das mulheres que migraram para Itália e Espanha dos homens desses países estavam longe daquela fantasia. Elas, porém, não cogitavam em terem clientes, homens que as *ajudassem*/namorados brasileiros, nem imigrantes de países considerados "pobres". Essas mulheres tendiam a prestar atenção apenas para homens nativos dos países europeus nos quais estavam morando e para outros europeus percebidos ainda como melhor posicionados no mundo. E uns e outros, embora não necessariamente "romantizados", eram considerados como portadores de estilos de masculinidade valorizados, pelo compromisso com a família e propensão ao *cuidado*.

Nos contextos migratórios, a *ajuda* também envolve afetos. Os laços emocionais produzidos nesses relacionamentos remetem ora ao *amor*, ora ao *respeito*. O amor romântico aparece nos relatos sobre os relacionamentos estáveis e até nos casamentos dessas entrevistadas. Esse sentimento se delineia com nitidez na história de uma trabalhadora sexual sobre o

25 Entrevista realizada em Barcelona, fevereiro de 2009.

26 Entrevista realizada em Milão, abril de 2004.

relacionamento com um namorado, que a *ajudava*, de um país do Norte da Europa, por quem sofreu por amor, até *quase morrer*:

No primeiro ano, foi quando eu descobri que ele continuava saindo com mulheres... Eu terminei, nossa, eu sofri tanto... Olha, acho que isso nunca tinha acontecido antes... de terminar com uma pessoa e eu achar que eu ia morrer. Aquilo me doía tanto... Eu não conseguia comer. Eu pensava como em uma semana eu já tirava a roupa sem abrir?! De manhã eu pegava um iogurte, começava a comer, eu tinha um propósito, de até o final da noite eu terminar aquele iogurte, era o tanto que eu comia... Tudo o que eu comia fazia mal, eu vomitava... eu realmente tinha certeza de que eu ia morrer.²⁷

Contudo, na percepção dessas entrevistadas, esses relacionamentos não *deram certo*, devido a tensões específicas presentes em histórias de amor que se iniciaram em *clubs* ou com clientes. Entre aquelas que mantêm relacionamentos mais duradouros, o sentimento permeando seus relacionamentos é, com frequência, expressado na ideia de *respeito*, alimentado por gratidão pela disposição para contribuir com seu sustento e de suas famílias e o reconhecimento pelas oportunidades concedidas. Nesse ponto, descrições dos sentimentos de esposas brasileiras que deixaram os mercados do sexo ao casar, na Itália, e de mulheres que ainda permanecem neles, na Espanha, são análogos:

Não estou apaixonada por ele... No primeiro mês... disse a ele que não gostava dele e que voltaria ao Brasil. Ele chorava e me pedia que esperasse. Mas ele foi muito

27 Entrevista realizada em Barcelona, novembro de 2009.

Amor, apego e interesse

paciente e com essa paciência acabou me conquistando, [hoje eu] o respeito.²⁸

Viu como é? Ele é bom. Eu estou bem com ele, não estou apaixonada. Mas, a paixão, isso passa, ele é bom, é alegre... gosta de festa, é companheiro.²⁹

Ajuda em duas gerações

Desde 2009, a recessão está afetando seriamente alguns países europeus, nos quais a presença de brasileiras na indústria do sexo foi significativa e nos quais têm se originado relevantes fluxos de visitantes estrangeiros ao Brasil. Isso é particularmente visível na Espanha. De acordo com o sociólogo Flávio Carvalho (2010), nesse país, em inícios de 2010, a taxa de desemprego dos imigrantes triplicava a dos espanhóis.³⁰ Esse quadro se agravou em 2011.

A crise afetou também o trabalho na indústria do sexo. Em 2010, os jornais noticiavam a relevância da renda mínima para os pobres, espanhóis e imigrantes com *papéis*, inclusive prostitutas.³¹ Alguns anos atrás, semelhante matéria teria carecido de credibilidade, pois as trabalhadoras sexuais podiam obter ingressos muito mais elevados, de até 4000 euros mensais na rua ou 8000 num clube, e desprezavam as “bolsas” oferecidas pelos Planos do Governo para deixar a prostituição. Mas, na fase da pesquisa que realizei em 2011, havia um acordo entre

28 Entrevista realizada em Milão, abril de 2004.

29 Entrevista realizada em Barcelona, fevereiro de 2010.

30 *El País*, 12/2/10.

31 400 euros para no hundirse. La Comunidad concede 14.050 sueldos mensuales para gente sin recursos, 5.390 más que en 2008 - UGT calcula 350.000 'necesitados' en Madrid, Madrid - 12/09/2010 [http://www.elpais.com/articulo/madrid/400/euros/hundirse/elpepiespmad/20100912elpmad_8/Tes].

trabalhadoras do sexo e agentes vinculados à prostituição: os rendimentos se reduziram em torno de 60%. Essa redução está associada à articulação entre crise econômica, disposições municipais que coíbem a prostituição de rua e uma renovada onda de *blitz* policiais em *clubs*, inclusive apartamentos, vinculadas à retórica da luta contra o tráfico de pessoas.

Alguns proprietários de *clubs* planejam fechar e muitas trabalhadoras sexuais pensam em como complementar seus rendimentos com atividades impensáveis uns anos atrás, como trabalho em salão de beleza e, inclusive, serviço doméstico.³² Assim, se a crise provocou o movimento de deslocamento para a prostituição de migrantes que estavam inseridas em outros setores de atividade, ela também está tendo como efeito algo que as políticas abolicionistas e migratórias não tinham conseguido até o momento: que as trabalhadoras sexuais considerem dedicar-se a outras ocupações e que muitas migrantes ocupadas na indústria do sexo retornem aos seus países.

Nesse período, de acordo com o Ministério de Relações Exteriores do Brasil, o país, conjuntamente com Índia, Rússia e China, passou a ser considerado como parte do BRIC, grupo de nações integrado pelas quatro maiores economias emergentes.³³ Informações do governo, disseminadas pela mídia, estabelecem relações entre esse crescimento e a redução nas desigualdades sociais, que se expressaria na intensificação do consumo entre as pessoas que deixaram a pobreza e no aumento das que

32 Entrevistas realizadas em Granada, fevereiro de 2011.

33 Ministério de Relações Exteriores, BRICS [<http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/agrupamento-brics>] - consultado em abril de 2011].

passaram a integrar a “nova classe média brasileira”, com acesso a crédito imobiliário e à educação superior.³⁴

Minhas entrevistadas na Espanha percebem os movimentos contrários nas economias desse país e do Brasil. Assim como outras trabalhadoras sexuais, elas também viram seus ingressos reduzirem-se a aproximadamente à metade do que recebiam antes da crise econômica europeia. Para enfrentá-la, algumas têm optado por diversificar suas atividades comerciais, abandonando, inclusive, a realização de *programas*, e também ampliando o leque de relacionamentos de *ajuda*. No entanto, não desejam retornar ao Brasil. Algumas se consideram *estabelecidas* no exterior. Para muitas, viver na Europa ainda exerce o encanto de um sucesso que, temperado pelo prestígio social que continuam atribuindo ao residir na Europa, não se restringe a aspectos econômicos. Várias, porém, se congratulam de terem deixado os seus filhos no Brasil, certas de que nesse país, com os estudos que elas lhes proporcionaram, eles terão um *futuro* de difícil acesso aos imigrantes na Espanha.

De acordo com as narrativas sobre os circuitos turísticos de Fortaleza, neles circulam menos europeus que alguns anos atrás. Nesses espaços, porém, jovens mulheres de grupos populares continuam fascinadas por visitantes estrangeiros e muitas ainda desejam migrar a Europa. E a *ajuda* continua presente nos relacionamentos entre visitantes estrangeiros e mulheres nativas. Nesse ponto, a história das relações de *ajuda* de duas gerações de mulheres, mãe e filha, é significativa.

34 De acordo com essas informações, em 2011, entre os 190 milhões de habitantes, 16 milhões são afetados pela extrema pobreza, com renda de até R\$ 70,00 mensais, U\$40 por pessoa da família. A redução de desigualdades se expressaria na intensificação no consumo entre os 28 milhões de pessoas que deixaram a pobreza nos últimos sete anos e entre os 36 milhões que passaram a integrar a “nova classe média brasileira”. Ver *O Estado de S.Paulo*, 4/05/2011 - “Plano de Dilma para erradicar pobreza tem 16 milhões de brasileiros como alvo”.

A mãe, Dona Maria Zélia, empregada doméstica de 48 anos, robusta, de largas cadeiras e rosto enrugado, mostra as marcas de uma vida de intenso trabalho. Ela nasceu no Piauí e estudou até a quarta série. Chegou a Fortaleza ainda adolescente. Foi trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família. Engravidou e a dona da casa a convenceu a dar a criança. Ela a deu, *nem olhou para a criança* e se arrepende até hoje.

Mais tarde foi morar com um policial, com quem teve dois filhos. Quando ele morreu, ela ficou só, com as crianças pequenas, *passando fome*. Conheceu um mecânico, 30 anos mais velho, casado, com vários filhos. Todo início do mês, ele dá dinheiro para ela, além disso, *faz o mercantil* (supermercado). Todo dia ele dá mais um dinheiro a ela, R\$ 10, às vezes R\$ 20. Ele a *ajuda* e ela já *gostou* muito dele, pelo sexo e pelo dinheiro. Agora, vinte anos depois, o sexo é pouco frequente e às vezes ela se aborrece com ele. Ocasionalmente, conhece outros homens, com os quais mantém relacionamentos sexuais, mas não se desliga do mecânico, cuja *ajuda*, em 2010, ainda era relevante para sua subsistência e dos filhos, um garoto e uma adolescente. Com essa *ajuda* e, mais tarde, o “Bolsa Família”, eles se dedicaram exclusivamente a estudar, morando com a mãe na casinha de um cômodo, com um banheiro recentemente construído com o dinheiro que ganhou de presente na casa onde trabalhava como doméstica.³⁵

No ultimo verão, a filha, uma garota, miúda, de 17 anos, conheceu um italiano na praia. Ele é um comerciante, divorciado, com netos, que visita Fortaleza várias vezes no ano. Quando a garota completou 18 anos, ele começou a sair com a jovem e imediatamente quis conhecer a mãe. Deu R\$ 100,00 à mãe e algum dinheiro à filha, além de comprar roupas, uma máquina fotográfica, perfumes e um celular caro para ela. O

35 Entrevista realizada em Fortaleza, abril de 2011.

italiano passou vários dias com a menina em um *resort* na praia e depois a levou para ficar com ele num apartamento na Beira-Mar. E disse à mãe: *cuide dela para mim e eu a farei muito feliz*. Com isso pedia à mãe que mantivesse a garota em casa enquanto ele estava fora, protegendo-a da influência que ele atribuía aos amigos da menina. A mãe, que olha o relacionamento da filha com agrado afirma: *Deus enviou esse italiano*. Contudo, há um ponto de tensão nessa história: para ficar com esse homem, a filha devia interromper sua permanência na escola. O italiano afirmava que, estando com ele, a garota não precisava estudar. Mas a mãe insistia na necessidade da filha obter seu diploma e finalmente foi ouvida.

Essa tensão aparentemente banal é relevante porque sintetiza os deslocamentos graduais nesses intercâmbios sexuais e econômicos. No movimento entre estilos de sexo transacional que, na primeira geração, parecem remeter, sobretudo, à sobrevivência e, na segunda, ao consumo, torna-se perceptível uma alteração nos espaços de agência feminina. As negociações, que remetem à interrupção do poder, ancorado em gênero, raça, idade e nacionalidade, exercido pelo estrangeiro, passam a envolver a educação, simbolizada no diploma do ginásio, um desejo que, nessa família, só se materializou no âmbito das recentes transformações no Brasil. Essas alterações, porém, não tiveram como efeito que a família de Dona Maria Zélia tenha se integrado na nova classe média brasileira. E, mesmo que o fizesse, essa integração não ofereceria acesso imediato à acelerada mobilidade social e ao prestígio associado aos relacionamentos com cidadãos europeus, ainda considerados como melhor localizados no mundo. Contudo, a disputa pelo diploma evoca o esforço por um posicionamento que não dependa exclusivamente de uma relação de *ajuda*, mesmo que se trate da *ajuda* de um homem europeu.

Considerações finais

No marco da transnacionalização dos mercados do sexo, as modalidades de trocas sexuais e econômicas são reconfiguradas em movimentos cujas motivações não podem ser reduzidas a meras urgências econômicas. As trocas nas quais essas entrevistadas se envolvem são caminhos para a materialização de um conjunto amplo de desejos, incluindo mobilidade social, mas também a ampliação dos horizontes através da sensação de conhecer o mundo, os desejos de criação de famílias e de experimentar afetos.

Em termos dos sentimentos, esse universo conduz ao alargamento das observações de Hunter (2010) sobre a relação entre aspectos materiais e afetos. De acordo com o autor, práticas emocionais e materiais sempre estão entrelaçadas. Nesse sentido, o sexo e o amor sempre são materiais. Em contextos de pobreza, o amor raramente pode ser separado de um mundo de dependências, envolvendo reciprocidade, desigualdades e, inclusive, violência. Por esse motivo, quando dinheiro e sexo estão intimamente conectados, o amor frequentemente está mais, e não menos, entranhado nas relações sociais, estruturando-as e se converte num lugar de negociação e disputa. Essas ideias são válidas para as relações consideradas neste texto, marcadas por desigualdades, que adquirem diferentes conotações nos circuitos turísticos de “turismo sexual” em Fortaleza e nos contextos migratórios na Europa. Contudo, entre minhas entrevistadas, essas ideias extrapolam a pobreza, estendendo-se a um leque mais amplo de desejos e necessidades que se produzem e se materializam em cenários transnacionais.

Nesses cenários, há deslocamentos entre *programas*, realizados em escala artesanal no Brasil, para trocas sexuais e econômicas numa indústria do sexo europeia que requer trabalho mais intensivo, mas que, até inícios da crise econômica

em alguns países dessa parte do mundo, proporcionavam rendimentos muito mais elevados que no Brasil. Nesse âmbito também há deslocamentos entre o sexo tático voltado para a sobrevivência e para o consumo; entre *ajudas* que contribuem para *melhorar de vida* no Brasil, para delinear um projeto de saída do país e para inserir-se nos contextos migratórios no exterior. Finalmente, nesses trânsitos também há deslocamentos entre estilos de afeto vinculados ao *respeito/consideração* e ao *amor*. A relativa intensificação de noções vinculadas ao “amor romântico” faz parte dessas re-configurações.

Diversos artigos presentes neste volume chamam a atenção para os pânicos suscitados pela transnacionalização dos mercados do sexo (Blanchette; Silva; Beleli e Olivar). Neste texto mostrei como os trânsitos, no âmbito desta transnacionalização, têm como efeito re-criações e também re-configurações de intercâmbios sexuais, econômicos e afetivos. Sem ignorar as distribuições desiguais de poder, permeadas por diferenças de gênero, “raça”/nacionalidade, idade e classe social, que afetam essas entrevistadas, no Brasil e também no exterior, nem os riscos e as violências que essas trocas, particularmente a realização de *programas*, podem envolver, o quadro das re-configurações desse conjunto de trocas está distante de referendar a ideia homogeneizante de “novas formas de exploração sexual”. Ele remete a alterações nas articulações entre sexo, dinheiro e benefícios, acionadas para satisfazer necessidades de diversas ordens e desejos, produzindo diferentes modalidades de afeto.

Referências bibliográficas

AGUSTÍN, Laura María. *Sex at the Margins, migration, labour markets and the rescue industry*. New York, Zed Books, 2007.

_____. *Trabajar en la industria del sexo, y otros tópicos migratorios*. Donosti, Tercera Prensai, 2005.

- _____. Mujeres inmigrantes ocupadas en la industria del sexo. COLECTIVO IOÉ. (ed.) *Mujer, inmigración y trabajo*. Madrid, Imsero, 2001.
- APPADURAI, Arjun. (ed.) *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1996.
- _____. *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- BARRY, Kathleen. Prostitution of sexuality: A cause for new international human rights. *Journal of Loss and Trauma*, 2:1, 1997, pp.27-48.
- BERSTEIN, Elizabeth. *Temporarily Yours. Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*. Chicago, The University of Chicago Press, 2007.
- BRASIL, Mariana. *Entre as fronteiras (O manuscrito de Sônia)*. São Paulo, Artemis, 2003.
- BRITES, Jurema. Afeto, desigualdade e Rebeldia. Bastidores do serviço doméstico. Tese de Doutorado, PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- CABEZAS, Amalia. *Economies of Desire. Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia, Temple University Press, 2009.
- CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio de Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007, pp.65-101.
- COHEN, Erik. *Thai tourism: Hill tribes, islands and open ended prostitution*. Bangkok, White Lotus, 2001.
- CONSTABLE, Nicole. The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex and Reproductive Labour. *Annual Review of Anthropology* (38), 2009, pp.49-64.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, A., GREGORI, M. F.

- e CARRARA, S. *Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, pp.39-81.
- _____. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, José Sérgio Leite. (org.) *Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura das classes trabalhadoras*. Rio de Janeiro, UFRJ/Marco Zero, 1987, pp.203-226.
- FONSECA, Cláudia. The de-kinning of birthmothers - reflections on maternity and being human. *Vibrant, Brazilian Virtual anthropology* [no prelo].
- _____. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora Unesp/Contexto, 1997.
- _____. A dupla carreira da mulher prostituta. *Revista Estudos Feministas*, nº 1, 1996, pp.7-33.
- FRANÇA, Marina Veiga. Dentro de fora do programa: interações afetivo-sexuais de prostitutas da zona boêmia de Belo Horizonte. 35º *Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu-MG, outubro de 2011.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa. Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999.
- GOLDSTEIN, Donna. *Laughter out of place. Race, class, violence and sexuality in a Rio Shantytown*. Berkeley, University of California Press, 2003.
- GREGG, Jessica. He can be sad like that: Liberdade and the Absence of Romantic Love in a Brazilian Shantytown. In: HIRSCH, Jennifer and WARLOW, Holly. *Modern Loves, The Anthropology of Romantic Courtship and companionate marriage*. Michigan, University of Michigan Press, 2006.

- GREGORI, Maria Filomena. Prazeres perigosos. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de livre-docência, Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2010.
- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da Sexualidade Brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14 (1), Florianópolis, janeiro/abril de 2006.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The Commercialization of Intimate Life*. Berkeley, The University of California Press, 2003.
- HOOKS, Bell. *All about love, new visions*. New York, Harper Collins, 2000.
- HUNTER, Mark. The materiality of Everyday Sex: thinking beyond "prostitution". *African Studies* (61), 2002, pp.99-120.
- . *Love in the Time of Aids. Inequality, gender and Rights in South Africa*. Bloomington, Indiana University Press, 2010.
- ILLOUZ, Eva. *Consuming the Romantic Utopia, Love and the Cultural Contradictions of Capitalism*. University of California Press, 1997.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean. Gender, Race and Sexual Labour*. Abingdon, Routledge, 2004.
- LUHMANN, Niklas. *El amor como pasión, la codificación de la intimidad*. Barcelona, Nova Grafik, 1985.
- LUONGO, Michel. The use of commercial sex venues and male escorts by gay tourists in New York City. In: CLIFT, Stephen and CARTER, Simon. *Tourism and Sex, Culture, Commerce and Coercion*. London, Pinter, 2000, pp.109-131.
- MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology* (24), 1995, pp.95-117.
- MULLINGS, Beverly. Globalization, tourism, and the international sex trade. In: KEMPADOO, Kamala. (ed.) *Sun, sex and gold: tourism and sex work in the Caribbean*. Oxford, Rowman & Littlefield, 1999, pp.55-81.

- OLIVAR, José Miguel Nieto. Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. Tese de doutorado, Antropologia Social, UFRGS, 2010.
- OPPERMAN, Martin. Sex Tourism. *Annals of Tourism Research*, vol. 26, nº 2, 1999, pp.251-252.
- PADILHA, Mark. *Caribbean Pleasure Industry, Tourism, Sexuality and AIDS in the Dominican Republic*. Chicago, Chicago University Press, 2007.
- _____; HIRSH, Jennifer; MUÑOZ-LABOY, Miguel; SEMBER, Robert e PARKER, Richard. (eds.) *Love and Globalization. Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville, Vanderbilt University Press, 2007, pp.107-120.
- PAIM, Heloísa Helena Salvatti. Vivendo como amante de um homem casado: entre a legitimidade e a ilegitimidade das uniões extraconjugais. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Editora Best Seller, 1991.
- PASINI, Elisiani. Os homens da Vila: um estudo de relações de gênero num universo de prostituição feminina. Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2005.
- _____. *Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2000.
- PEREIRA, Amanda Gomes. “Um bonde chamado afeto”: Descrevendo as conexões numa casa de prostituição feminina. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em ciências sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.
- PISCITELLI, Adriana. “Gringas ricas”: Viagens sexuais de mulheres europeias no Nordeste do Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 58 (3), 2011, pp.79-117.

- _____. Between Trafficking Discourses and Sexual agency: Brazilian Female Sex Workers in Spain. In: ZHENG, Tiantian. *Sex Trafficking, Human Rights, and Social Justice*. London/New York, Routledge, 2010.
- _____. Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. *Horizontes Antropológicos*, vol. 15, nº31, 2009, pp.101- 136.
- _____. Tropical sex in a European country: Brazilian women's migration to Italy in the frame of international sex tourism. *Estudos Feministas*, vol.4, special edition, 2008 [Trad.: Miriam Adelman] [http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100003&script=sci_arttext].
- _____. Between "Mafias" and "Help": building of knowledge on human trafficking. *Cadernos Pagu*, vol.1, special edition, 2008a [Trad.: Thaddeus Blanchette] [http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-83332008000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en]
- _____. Shifting Boundaries: Sex and Money in the Northeast of Brazil. *Sexualities*, vol. 10-4, 2007, pp.489-500.
- _____. On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ano 1, nº 1, 2004 [<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/vibrant/article/viewArticle/241>].
- PRUITT, Deborah and LAFONT, Suzanne. For love and money. Romance Tourism in Jamaica. *Annals of Tourism Research*, vol. 22, nº 2, 1995, pp.422-440.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
- REBHUN, L. A. *The heart is Unknown Country. Love in the changing economy of Northeast Brazil*. Stanford, Stanford University Press, 1999.
- ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no ocidente*. São Paulo, Ediouro, 2003.

Amor, apego e interesse

- SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1990.
- SASSEN, Saskia. *Global Cities and Survival Circuits*. In: EHRENREICH, Barbara and HOSCHILD, Arlie Russell. *Global Woman*. New York, Owl Books, 2003, pp.254-275
- SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo. Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2006.
- SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa, etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro, Editora da UFF, 2010.
- SOUZA, Ilmar de. *O cliente. O outro lado da prostituição*. São Paulo, Editora Annablume, 1998.
- SURFISTINHA, Bruna. *O doce veneno do Escorpião*. São Paulo, Panda Books, 2005.
- ZELIZER, Viviana. *La negociación de la intimidad*. México, Fondo de Cultura Económica, 2009.